

História de uma família

Ontem

Tendo vindo parar às minhas mãos casualmente um certo caderno, achado no meio de papéis velhos em Angra dos Reis, escrito por um meu tio-bisavô, achei tão interessante o que nele li que, resolvi escrever algumas notas nesse caderninho sobre o que sei e o que minha memória tem gravada de nossa infância.

Talvez ele não tenha a mesma sorte do outro, escrito lá por 1822, porém, se a lata de lixo não for mimoseada com sua presença pode ser que meus netos ou bisnetos venham a lê-lo.

Esse é o fim que tenho em vista: “Uma história verdadeira para meus netinhos lerem”. Gostaria que eles amassem aqueles entes queridos que já se foram, que eles não conheceram e talvez nem ouçam falar e que, no entanto, nós amamos tanto: Papai, vovó Lily, figuras centrais de nossas vidas. Se meu objetivo for atingido, peço a eles que os queiram como nós os quisemos, e que ao levantarem diariamente seus pensamentos à Deus, tenham para eles também uma oração:”Senhor dai-lhes em felicidade eterna tudo o que eles nos derem em dedicação”.

Para Tuca, Jojoca, Rodrigo e os outros que depois vierem.

Ouçam meus filhinhos essa história verdadeira que eu vou contar a vocês.

Ontem

Há muitos anos, no princípio do século XX, lá por 1902, morava na rua Paissandu, 2 uma família, era o Almirante Brasil, viúvo e seus quatro filhos: Maria Luisa, que então se casara com o Almirante Machado Portela; João Candido, garboso e entusiasta 2º tenente da nossa armada; Carlos Américo, jovem estudante de direito e “leão” da época, moço de salão e Luisa Emilia, que acabara de cursar o Sion de Petrópolis.

O Almirante Brasil nascera em Angra dos Reis e sua mãe ainda lá vivia, por essa época na fazenda de propriedade sua. Ele era viúvo de D.Teresa Gonçalves da Silva, que fora uma das moças mais bonitas de Recife, e depois de diversas permanências na Europa falecera bem moça, aos 39 anos, deixando seus filhos inconsoláveis.

Completava o quadro familiar e que teriam papel importante em nossa história dois empregados, copeiros do Almirante, Alfredo e José. Havia ainda a velha babá das crianças, Amélia e o antigo empregado, Marcolino.

Na rua Bento Lisboa,,4 residia uma família numerosa, moças e rapazes alegres. Era a casada viúva Costa Ferreira (D.Lily), senhora de grandes virtudes que enviudara cedo e ficara com 8 filhos para criar. D.Lily casou-se muito moça com Luiz da Costa Ferreira, seu primo pernambucano e ela natural do Rio. O casal foi muito feliz, mas ele morreu moço, aos 42 anos. Morava também em casa uma tia viúva que ajudou a educar as crianças, D.Maria Inácia Maya Sodré, na intimidade tia Cocota. Como disse a vocês, D.Lily tinha 8 filhos: Evangelina, Mario, Carlos, Cecília, Laura, Luisinha, Sylvio, e Corina. Tinham eles também seus fiéis servidores: Idalina, que fora residir com a família desde os 14 anos de idade e Martha que era cria da casa. Havia ainda Carolina e outras. Uma casa com tantas moças e rapazes tinha forçosamente de ser uma casa alegre. Lá se dançava e se cantava, cada uma

tinha naturalmente seus “fans”. Os rapazes traziam seus amigos e as moças suas companheiras. Todos eram recebidos com alegria e encontravam um ambiente acolhedor e amigável da parte de D. Lily e D. Cocota.

Vocês me perguntarão, meus filhinhos, por que isso tudo? Isso é história? Estou contando isso porque como vocês verão depois como os fatos vão se desenrolar.

Cecília Ferreira era uma lourinha, tipo de francesa, muito bonitinha e graciosa que flertava com Carlos Brasil, filho do Almirante Brasil. Certa vez, lá pelos princípios de outubro de 1902, faleceu aqui no Rio, o Almirante Wandencolk, figura muito conhecida no Rio de Janeiro, que foi Ministro da Marinha. As meninas Ferreira foram à rua do Catete assistir a passagem do enterro de Wandencolk. Estavam elas vendo passar o cortejo quando passou um carro, era o do Almirante Brasil. Cecília chamou a atenção de Luisinha que ainda era meninota de seus 14 anos. Lá vai o Almirante Brasil, pai do Carlos com o filho ao lado!!! Luisinha olhou e viu os dois fardados. Nesse momento, o rapaz olhou a rua e, ela pode vê-lo bem.

Ainda no mês de Outubro do mesmo ano, houve uma festa no Largo do Machado. Luisinha, Cecília e Sylvio estavam passeando e apreciando o movimento quando vêm chegar em sentido contrário Carlos Brasil e seu irmão. Houve a clássica apresentação e o passeio continuou, Cecília e Carlos na frente, Luisinha, João e Sylvio atrás. No final da festa, ao se despedirem, o namoro estava começado.

Ao chegar em casa Luisinha contou à empregada Idalina:

- Sabe, Idalina, hoje conheci o irmão de Carlos Brasil. Ele é oficial de Marinha.!...
- Já sei que vai haver namoro, responde a outra.
- Cala a boca, diz Luisinha, o namoro já começou!!!

Daí por diante João, conhecido na intimidade por Sinhozinho, passava todas as noites pela rua Bento Lisboa, a pé ou de bonde. Depois foi com Carlos visitar a Família Ferreira. Por outro lado, ele era companheiro de Carlos, o Jujú, irmão de Luisinha, de modo que não houve dificuldades e, o namoro continuou.

Luisinha nessa época freqüentava o Colégio Campos Porto, que funcionava na rua Senador Vergueiro. De modo que ao passar de manhã para o Colégio ou à tarde quando voltava recebia sempre das mãos do copeiro José um cartão postal com umas flores.

Quando o bonde passava com os rapazes, as meninas corriam à janela para vê-los. Por essa época, havia no Largo do Machado o “Parque Fluminense”, ponto de reunião da sociedade e da mocidade daquele tempo. Ali os nossos namorados se encontravam e passeavam. As Ferreiras, moças casadoiras e bonitas, “uns brotinhos”, como diríamos hoje, faziam sucesso! Havia também um outro oficial de Marinha de olho em Luisinha, mas a preferência dela era para o guapo Tenente Brasil.

E assim continuou o namoro até que Luisinha já comprometida deixou o Colégio e se vestiu de moça....

Um ano se passou, dessa época e depois daqueles célebres conchavos, fazendo crer que era surpresa, aconteceu o seguinte: uma noite, o Almirante Brasil visitou a viúva Ferreira e pediu a mão de Luisinha para seu filho João. Houve muito contentamento, doces e alegria, mas eu nada assisti, só ouvi mais tarde e assim acabou-se uma parte de nossa história. Antes de terminar, eu até me esquecia, toda a noite o noivo visitava a noiva e levava flores, e muitos mimos foram oferecidos, jóias que eu ainda conheci.

À tarde, José, o copeiro trazia sempre um lindo postal com os cumprimentos do noivo...

Hoje, meus filhinhos, eu vou contar mais um pouco de nossa história

No dia 11 de outubro de 1903, na Igreja do Sagrado coração de Jesus, às 7 horas da noite, uniram-se diante de Deus e dos homens Luisinha e João.

Luisinha muito bonita e jovem, entrou no templo de braço , com seu sogro e padrinho do ato religioso, ele fardado tendo ao peito suas condecorações, ela uma nuvem de filós e rendas.

Foi uma linda festa, luzes, flores, lindas toilettes, oficiais fardados abrilhantando a festa

com os seus dourados. Houve doces e champanha para comemorar o ato. A viúva Ferreira tudo fez para a festa de sua filha.. Um novo elo se botava na cadeia dessas duas famílias.. Esse casal que se unia, iria dar aos que os cercavam e aos filhos que sairiam desse casamento, o mais belo exemplo de uma união conjugal feliz.! Sobre

esse lar profundamente estável , Deus enviou muitas provações, muitos sofrimentos, mas ele estava firmado sobre a rocha do amor verdadeiro e os vendavais da vida não o derrubaram.

Eles deram a seus filhos, a segurança, a certeza que o teto paterno não estava ao sabor das paixões humanas nem da fraqueza do coração volúvel das criaturas..

O cumprimento fiel do dever de estado, foi talvez o lema que esse jovens tiveram em mente, sem nunca traduzirem em palavras.

Esse casal foi sem exagero algum , um exemplo para todos aqueles que tiveram a ventura de conviver na sua intimidade.

Amigos sinceros dedicados um ao outro,o foram até que Deus um dia ,chamou João a sua gloria..

Hoje,meus filhinhos ,vou mostrar a vocês quem era:

Luisinha

Vocês podem crer ela era uma moça muito bonita e interessante.Foi em toda a sua vida esposa dedicada e amiga sincera. Sua nova família a quis muito bem ,seu sogro a estimava como filha. Sua vida se concentrou em seu lar. Ela foi também mãe que se sacrificou tudo pela criação e educação de seus filhos,. Mais tarde quando um deles,o único menino que tinham adoeceu,ela foi incansável,e quando já homem feito ,teve a desdita de adquirir um mal terrível,ela foi a companheira incansável que tudo deixou :as alegrias ,nunca mais ela pisou numa casa de diversão ,enfim abandonou o mundo para se dedicar completamente a ele..Esse é um ligeiro perfil,meus filhinhos da “Vovó do mel”,como vocês chamam. Ela merece o nosso amor e nosso respeito ,pois a dedicação foi o traço principal de sua personalidade.

João

Aquele jovem oficial de Marinha que foi bisavô de vocês e marido de Luisinha ,era um homem de quem nós devemos nos orgulhar .

O traço predominante de seu caráter era o cumprimento do dever

Como militar e como cidadão, ele foi um patriota. Todas as vezes que a Nação precisou, lá estava ele pronto para servir..Eu, muito mais tarde, tive a ventura de ouvir de um seu colega, o Almirante Milanez, estas palavras: "Seu pai foi o homem mais íntegro que eu conheci em minha vida" Caráter sem jaça, moral ilibada, tenacidade em seus objetivos, vontade serena e forte, ele soube conquistar a estima e o respeito de seus amigos e companheiros de arma. Coração generoso e bom, sobretudo para os inferiores, disciplinador mas justo, desprendido em relação aos bens materiais, fidalgo nas atitudes, João recebeu uma educação esmerada. Sua alma era naturalmente voltada para o sobrenatural, foi um grande devoto de Nossa Senhora. Mais tarde, ele aparecerá em nossas histórias, falaremos mais dele.. Sua carreira e sua família foram os únicos objetivos de sua vida. Pai dedicado e esposo fiel, tal foi João, meus filhinhos, vocês não o conheceram mas certamente o amarão.

Hoje vou contar a vida do novo casal.

O Almirante Brasil, por essa época, já residia na rua Benjamin Constant, 22. Era uma casa grande, de 3 andares, e lá foram residir João e Luisinha. O Almirante ia contrair segundas núpcias, o que fez a 14 de novembro do mesmo ano, com D. Ernestina Cybrão. Nessa noite de 14 de novembro, houve o levante da vacina obrigatória. João fora chamado a dar combate aos revoltosos, de modo que não assistiria ao casamento do pai. Luisinha iria com Carlos, seu cunhado e a noiva desse Cecília, sua irmã.. Mas de repente, eis que João é transportado para casa, fora ferido na perna. Luisinha, como era natural, ficou muito aflita, nem pode assistir o casamento de seu sogro.. A família continuou residindo junto, na rua Benjamin Constant. A vida voltou ao normal, no seu

trágico cotidiano. O Almirante voltou à sua Engenharia Naval, e o Tenente ao seu navio.

Um belo dia, lá pelos meados do ano seguinte, as famílias, a nova e a antiga agora refeita, seriam aumentadas. Dois bebês eram esperados”!

Por outro lado o Almirante deveria partir para a Europa para construir novos navios

Encouraçados, que eram planos seus. O São Paulo e o Minas Gerais; João deveria seguir, como ajudante de ordens de seu pai, uma vez nascidos os bebês, eles seguiriam todos. As malas já estavam arrumadas, quando o Ministro da Marinha, amigo do Almirante Brasil, lhe pede que fosse à Angra dos Reis com outros almirantes para estudar as possibilidades de construção do Arsenal de Marinha em Jacuicanga.

Meus filhinhos, eu parei a história sem contar a vocês que

Sylvia e Elza

No dia 21 de setembro de 1905, o Almirante Brasil teve seu lar aumentado com o nascimento de mais uma menina, Sylvia. Essa menina alegre e simples não teve a ventura de conhecer seu pai, como veremos adiante, e, ela mesma teria uma passagem muito curta aqui na terra, viveria apenas 25 anos.

Mais tarde, falarei sobre ela.

A 19 de dezembro de 1905, João e Luisinha tinham o contentamento de receber sua primogênita Elza, muita alegria, muita festa para essa sua avó que ia ser uma “capeta”, que ia dar muito trabalho, fazer muita travessura..

Um tal acontecimento, como vocês podem supor, trouxe à residência de meus pais, grande número de parentes e amigos. Muitas lembranças foram

dadas,entre elas uma medalha de ouro,com meu nome gravado,esse presente me foi oferecido pela tia de Papai,Julia Gonçalves da Silva Mamede,e eu ainda tenho em meu poder.

Naturalmente recebi outras ,mas essa eu tenho ainda por isso a ela me refiro.

Hoje,meus filhinhos,eu vou continuar a história.

Como eu comecei a contar a vocês ,outro dia,o Ministro da Marinha,pedira que fosse com outros almirantes estudar as possibilidades de instalação do Arsenal de Marinha, em Jacuecanga,enseada próxima a Angra dos Reis.

No dia 21 de janeiro,saíram do nosso porto,rumo àquela enseada, navios da nossa esquadra,entre eles o Aquidaban e o Barroso.O Alnte,Brasil,seguiu neste último.Chegando lá,achando que ainda era cedo,tomou com seu ajudante de ordens, uma lancha e rumou para a fazenda afim de surpreender,sua velha mãe. Lá chegando,porém viu que eram quase 10 horas da noite,a casa estava às escuras,ela certamente estava acomodada,iria assustar,resolveu voltar para bordo Tomou a lancha ,e em lugar de voltar para o navio que o trouxera,manda que o deixem a bordo do Aquidaban,pois lá se encontravam seus colegas e amigos.

Lá chegando ,não havendo camarote disponível ,o comandante ofereceu o que ele ocupava.15 minutos depois,um grande estrondo ressoou nos ares seguido de um enorme clarão”

O Aquidaban explodira!!!

Com ele desapareceu quase toda a tripulação ,oficialidade e almirantes.

No dia seguinte,corpos apareceram boiando no mar,3 dos almirantes foram achados,só um não foi encontrado; o Almirante Brasil.Ficou sepultado no mar ,como ficam os verdadeiros marujos,que morrem com seus navios!

Angra dos Reis,dera à Marinha e ao Brasil ,um filho que muito honrou seu nome aqui e no estrangeiro,mas como tributo,guardou nas águas de suas costas o corpo desse filho dileto.

Grande foi o choque que causou em todo pais, a tragédia!

Abalou a todos.

No seio da família Brasil,não podia ter sido maior,desaparecia o pai,o chefe,o amigo....

João e Carlos correram ao Arsenal de Marinha,em busca de noticias.Ansiosos,queriam saber se o pai se salvara. A expectativa,não pode ser mais angustiosa.Afinal tiveram a certeza,o pai morrera.

Ali mesmo ,os dois irmãos já tão ligados por afeto profundo ,se abraçaram ,chorando,irmanados na mesma dor. Só quem já viveu o drama de perder seu pai ,avalia a dor que eles sofreram nesse momento...

Papai morreu...é uma frase que em qualquer época nós custamos a pronunciar,é um sofrimento,que deixa sulcos profundos na alma,que alegria alguma poderá apagar;

- E a pobre velhinha de Angra dos Reis,me perguntarão vocês,a mãe do Almirante?

-Essa,meus filhinhos,mandou preparar um bote(que hoje ainda existe) e durante dias ,de sol a sol,percorria as baías e as enseadas,em busca do corpo do filho querido que era ao mesmo tempo,seu apoio e seu orgulho.!!

Os dias passavam ,e em vão,ela buscou.Aquele quadro abalou de tal modo os corações,que mereceu do grande poeta Emilio de Menezes,uma poesia intitulada “O batel da dor”.Ai,ele relata em versos,a dor dessa mãe..O resto desse triste episódio,pertence `História do Brasil- lá vocês lerão e verão detalhes

Com a morte do almirante,sua viúva D.Titina,como era tratada pelos íntimos,, continuou a morar com os enteados e a filhinha Sylvia.

Resolveram eles deixar a casa da rua Benjamin Constant,que tantas recordações guardava em suas paredes,e alugaram uma na rua São Salvador.

Lá se instalaram eles,a vida,como era natural voltou `a sua rotina e os meses foram se passando.

Sylvia e Elza,cresciam,animavam e davam um pouco de alegria `àquela casa triste.

Algum tempo depois,Titina comunicou aos enteados que a convite de sua irmã iria para a casa desta,era justo,estava só ,era mais razoável ,voltar ao seio de sua própria família,que ficar com os enteados,se bem que seus amigos,,ela pouco tempo estivera casada,os laços de amizade não podiam ser profundos.

E assim foi,aquele lar atingido pela desgraça,era como um navio que uma vez bombardeado ,estava condenado ao naufrágio

A separação por mais amistosa que seja ,traz sempre consigo o esfacelamento !Tudo foi dividido e cada um tomou seu rumo.

Queria contar hoje a vocês uma história engraçada

. O meu batizado

Eu fui batizada no dia 19 de maio,deveria sê-lo a 15,aniversário de Mamãe,um imprevisto,porém,impediu que assim fosse. Foram meus padrinhos,minha querida avó: Luisa Maya da Costa Ferreira e o tio de Papai,Octavio Brasil,irmão de meu avôMeu padrinho eu não conheci,veio a falecer pouco tempo depois desse acontecimento.

Eu estou vendo que vocês estão pensando: que há de engraçado nisso,vovó?

- Vocês verão!

Tudo estava pronto,Mamãe me vestiu uma bonita camisola,e,lá fomos todos para a Igreja de N.Sra, da Glória.Lá chegando o Vigário,se apresentou,para ministrar o sacramentp,era Mons.Molina.No momento preciso,ele perguntou:

- Como se chama ela?

-Elza,diz Papai.

-Então,não batizo,não é nome cristão,escolha outro,Maria por exemplo.

O Meu pai ficou furioso e disse que não seria Maria! Saiu discussão,barulho,papai ficou como se diz agora”enfezado”

Até que o vigário conciliador disse: escolha um nome de santa...ai então papai disse, está bem.

- Elza Teresa.

-Muito bem,respondeu o vigário,e,eu fui batizada. Vocês vejam como sua avó fez barulho,até na hora de se batizar... mais tarde vocês verão que peralta ela foi!!!

Isabel de Pinho

Papai,Tio Carlos e minha tia Luisinha,conhecida pelos sobrinhos como Tatá,resolveram continuar morando juntos.Por essa época,tio Carlos já era noivo de tia Cecília,,portanto se casaria breve.

Assim,meus pais,eu,e meus tios,fomos residir na rua Real Grandeza,em Botafogo,era conhecida como Vila Isabel de Pinho,hoje ela tomou o nome de rua Camuirano.

Morávamos na casa n* 12. Eram residências de dois pavimentos e bem grandes, não poderia ser de outra forma, do contrário não acomodaria a família.

Perto, no n*8, residia minha tia Sinhazinha, como era conhecida, irmã de Papai, casada com o Almirante Portela, vocês se lembram?

Nessa avenida só residiam famílias distintas, entre elas, uma, de quem nos tornamos grandes amigos e que o somos até hoje. Meu grande amigo Alfredo Niemeyer.

Esse casal, Elvirinha e Alfredo Niemeyer, não tinham filhos e como eu era uma menina forte e sadia, eles se afeiçoaram muito a mim. Elvirinha, mandava pedir a Mamãe que deixasse eu ir para a casa dela, e lá me cumulava de agrados. Eu não me lembro disso, as recordações dela começo a ter bem mais tarde.

Havia também uma família vizinha, a Gasparoni,, o pitoresco disso é que eu não sabendo bem dizer o nome, eu dizia: Mario Caparoni!!! Isso foi motivo em casa, de grande hilariedade e o fato contado toda a minha vida.!

A 17 de abril de 1908, a família foi aumentada, mais uma menina encheu aquele lar venturoso. Minha irmã Carmen.

Poucos meses, depois de Carmen ter nascido, Papai foi em comissão para a Europa.. Fôra mandado, com outros oficiais, buscar destroyers, que o governo encomendara na Inglaterra.

Ele nos contava, sempre que durante a travessia, de volta para o Brasil, os navios foram surpreendidos por forte temporal. A oficialidade pesava ser o fim; ele então, desceu ao seu camarote e de joelhos, rezou, pedindo a proteção de Maria Santíssima.

O temporal cedeu, e eles aqui chegaram sãos e salvos.

Papai,como contam todos,estive ausente,um ano,ao regressar já encontrou Carmen,andando! Quanta alegria ! Vocês,meus filhinhos ,não sabem por quantas emoções ,passam os filhos de oficiais de Marinha! As lágrimas e as angústias,da partida; a alegria e os festejos da chegada! As cartas que recebemos ,a lembranças de terras, distantes!. Como era bom,quando Papai,chegava,e como era triste quando partia,voltaria ele?

Mas,voltemos à história. Imagino que o regresso tenha sido muito festejado,não sei.. E ele,,como ficou contente vendo a filhinha que deixara pequena ,andando tudo! Muitos mimos ,ele trouxe dessa viagem,algumas recordações ainda cheguei a conhecer: leques que trouxe para as cunhadas,sombrinhas para Mamãe, e outras que não me lembro mais

Nessa casa,nós moramos ,mais ou menos,uns 3 anos.

Tenho uma vaga idéia de um carnaval,que Mamãe,resolveu nos fantasias de “gueixas”,eram todas de cetim lilás.Ficaram lindas,as fantasias,bem completas,com as respectivas ventarolas,crisântemos nas cabeças,,enfim,foi um verdadeiro sucesso. Nós visitamos os parentes e tio Carlos ainda nos levou em casa de amigos,nós éramos as sobrinhas queridas! Acho que ainda somos,cá para nós,muito em segredo!

Outro fato,que eu me recordo,vagamente,dessa época foi o seguinte: No Natal,quando nos acordamos,vimos nossos sapatos cheios de brinquedos,havia então uma enorme meia de brinquedos,colocada por tio Carlos,as meias que vendiam naquele tempos ,eram enormes,hoje elas não são mais encontradas.Dentro elas traziam tudo,marmotas que formavam lindos desenhos,havia sempre um leque,,boneca,bola,jogos,um número grande e variado de lindas lembranças.

Uma coisa,porem,eu ainda não contei a vocês,as peraltices de sua avó nessa época,eu não me lembro delas,mas escutei contarem.

Aqui ,no meu queixo ,há uma cicatriz,sabem o que foi?

Eu vou contar:

Certo dia ,eu devia ter meus 3 anos,resolvi andar de joelhos com as mãos metidas nos bolsos,resultado cai de cara no chão,e abriu um talho grande ,tiveram que me levar às pressas,na farmácia e eu levei uns pontos que me deixaram essa cicatriz

Eu era muito manhosa,,ao contrário de Carmen que era mansa e boa.Era manhosa e braba.Papai saia em viagem ,eu não queria obedecer,era de tal ordem,que certa vez,Mamãe teve que me amarrar no pé da mesa!

Outra ocasião,eu fiz uma travessura,que furei minha fonte,perto da sombrancelha.

Nós tínhamos uns móveis muito bonitos ,que outrora guarneciam a casa de Vovô em Paris,e Papai ficou com eles..Eram muito bonitos..As cadeiras tinham umas tachas prateadas e pontudas,como enfeites,ai é que eu me machuquei .Vocês nem avaliam o trabalho que eu dei a Mamãe,me enrolava nas pernas dela para não deixá-la sair,fazia cada manha! Às vezes era preciso ,tio Carlos,vir ralhar zangado comigo,me sacudir muito para eu calar a boca!

Um caso muito engraçado,desse tempo,mas ai ,eu já estava maior um pouco,eu era metida a valente.Certa vez,Mamãe saiu e nos deixou com as empregadas.Moravam perto de nossa casa,uns meninos,eles por algum motivo discutiram comigo,eles do lado de fora,e eu de dentro.Eu achei que era desaforo deles,não tive dúvida,trepei nas grades e pulei o portão que era alto desafiei-os ,para brigar. Eu me lembro disso, eu arregacei as mangas e disse :vamos brigar.Esmurrei muito a cara de um por um,monte em cima do último e depois que os vi chorando ,pulei novamente para dentro de casa. Quando Mamãe,chegou vieram à nossa casa para fazer queixa de mim,eu fiquei de

castigo, apanhei umas boas chineladas, mas não me incomodei, eu tinha dado na cara deles!!! Eu sempre gostei de dar na cara!!

Foi aí, em Isabel de Pinho, que vieram para nossa casa, empregados que nos acompanharam por muitos anos.. A primeira foi nossa boa Henriqueta, ela veio para ser cozinheira, mais tarde passou a ser nossa ama.. A coisa que nós mais gostávamos, era almoçar na cozinha, nós pedíamos licença à Mamãe para comermos com a mão! Isso era uma festa! Henriqueta, misturava feijão com farinha, fazia uma bola,, e jogava na boca. Nós achávamos lindo! Era uma coisa que Mamãe achava feio, impróprio de meninas bem educadas, mas uma vez ou outra consentia, e lá íamos nós felizes da vida almoçar na cozinha! Nós tivemos também nessa época , dois copeiros, um crioulo, o Sebastião e o outro , claro, chamado João Belisario. Eu judiava com eles! Todo o dia , eu dava uma surra de cabo de vassoura neles! e eles tinham medo de mim!

Certa vez, o Sebastião, para se livrar de mim, pulou para o vizinho e de lá gritava:

“Sá Riqueta, posso ir? Ela já foi embora?”

Lá estava , eu esperando a volta dele , para bater, era preciso recorrer a Mamãe, para eu ficar quieta.

Imagine hein? Se vocês, fizessem isso...

Um fato, veio quebrar a rotina de nossa vida, o casamento de tio Carlos e tia Cecília. Como eu disse a vocês, tio Carlos veio morar conosco depois da morte de vovô, lá ficou até se casar. Eu não me lembro do casamento, tenho uma vaga idéia, acho que me lembro do que eu ouvi contar.

A cerimônia foi na Igreja da Glória, no dia 19 de março. Sei que foi bonita a festa, e houve lindas toilettes. Eles foram residir, depois, na Vila Martins da Mota, na rua do Catete, eu conheci bem a casa e mais tarde , lá passei por diversas vezes uns dias.

Eu suponho que a separação de papai e tio Carlos tenha sido triste no meio da ventura deles..

Meus filhinhos,jamais na vida,eu verei amizade igual!Existem irmãos amigo,mas assim eu nunca vi.

Papai era doido por tio Carlos e tio Carlos por Papai..Eles se tratavam mutuamente de “manata” Seu manata para cá,seu manata para lá. Se viam diariamente,se papai ,não fosse à tarde ,ao voltar de bordo,ao escritório de tio Carlos,esse ia à noite em nossa casa..Aos domingos ,ele ia ver-nos,estivéssemos nós morando onde estivéssemos,mesmo quando passamos temporadas em Jacarepagua’. Eles foram uma só alma e um só coração..Mesmo quando tinham pontos de vista diferentes,tinham como amigos! Papai confiava cegamente no irmão,juntos sofriam e juntos se alegravam,numa comunhão perfeita de afetos. Nunca brigaram ,pelo menos eu nunca ouvi dizer que o tivessem feito,nada na vida os separou

Vejam,meus filhinhos ,como eles nos deram um exemplo edificante de amizade fraterna!.

A amizade é o bálsamo que perfuma as nossas vidas,sem amigos a nossa vida seria arida,quase não teria um razão de ser! Deus colocou o amor no coração humano,para que ele dê frutos de amizade sincera,só o amor constroe,só o amor une.

Vocês,que são três,procurem sempre ser amigos,que nada na vida venha separar os seus corações,nem outras amizades,nem interesses inferiores,e,quando qualquer tempestade se esboçar no horizonte,lembrem-se logo de vovô e tio Carlos,e sigam o seu exemplo.

Depois que tio Carlos mudou-se ,Papai comprou uma casa na rua Benjamin Constant,22.Para lá,nós mudamos..Vovó Lily,ainda residia na rua Bento Lisboa,e, minha tia Evangelina,conhecida na intimidade por

Sinhazinha, morava também na vila Martins da Mota, no Catete.. Assim é que estávamos todos morando nas vizinhanças. Tia Sinhazinha, já tinha nesse tempo, Edith e Olavo, meus primos e nossos companheiros de sempre.

Perto de nós, morava também um oficial de Marinha, o Amphilóquio Reis. Ele tinha uma filha, Maria Elisa, eu costumava brincar com ela. Eu e Edith, que éramos as mais velhas costumávamos ir para a casa de vovó, lá a casa era grande, de modo que nós pintávamos o sete..

Eu me recordo bem do quarto dos Santos, era assim chamado um quarto da casa de vovó. Tinha muitas imagens de diversos tamanhos, havia o oratório, com a lamparina sempre acesa.. Não sei por que motivo, eu achava .naquele tempo ,o quarto misterioso, ele nada tinha, era um pequeno quarto de orações.

Foi quando, morávamos aí, que a 23 de janeiro de 1911, nasceu meu irmão , João Candido. Eu não sei de nada , pois nesse dia Carmen e eu, fomos para a casa de vovó.. Só me lembro quando Papai, foi buscar-nos e nos avisou que tínhamos um irmão. Mamãe e Papai, puseram o nele o nome de meu avô que falecera no desastre do Aquidaban.

A 15 de maio, meu irmão foi batizado. Papai queria que essa data, que era aniversário de Mamãe, fosse uma espécie de data de família. Ele mesmo, fora batizado, nesse dia também.

A rua Benjamin Constant, fica perto do Jardim da Glória, de modo que toda tarde, nós íamos, Carmen e eu, com Henriqueta, brincar com as crianças ,que ali se reuniam, era ótimo. Havia no largo ,uma fonte muito bonita, ela formava um lago e dentro deste ,havia uma quantidade de peixinhos vermelhos e dourados. Eu e Carmen gostávamos de levar pão para atirar aos peixes. Tinha também um coreto, para retretas, e nós brincávamos dentro dele.

Marta, aquela que eu disse ter sido criada por vovó, também morava no Jardim da Glória, de modo que nós íamos muito em casa dela, comer amendoim torrado, gergelim e pé -de-moleque que ela fazia e mandava vender na rua. Outra especialidade de Martha eram os doces de leite, como fazia bem! Ela por esse tempo, estava casada com um rapaz português e nós adorávamos ir lá para comer guloseimas. Martha era muito minha amiga e foi até morrer. Como me lembro dela com saudades! Essa fonte do Jardim da Glória foi uma oferta da fábrica Ramos Pinto, de Portugal, ao Rio de Janeiro, hoje se acha nas proximidades do Túnel Novo, em Botafogo.

Hoje, eu vou contar a vocês, algumas de nossas peraltices:

Eu e Carmen, aparecemos com coqueluche. Mamãe como era natural, ficou aflita, João Candido era pequeno, só havia uma solução: nos mandar para a casa de vovó. Assim, lá fomos nós. Carmen era pequena e chorava à noite, de modo que todo o dia, Papai ia fazer Carmen dormir, eu não, ficava muito bem.. Vovó tinha nesse tempo uma copeira, uma menina de uns 15 anos, chamada Josefina, era nossa companheira nas horas de folga, ficava mesmo incumbida de nos distrair

Certa vez, Edith, foi para lá e nós três nos escondíamos na sala de visitas, e por dentro das venezianas, bolíamos com as pessoas que passavam na rua.. Antigamente, havia no Rio, muitos pregões, hoje eles são raros.

Tinha o vendedor de “caninha verde”, era um tabuleiro cheio de cana descascada e presa em molhos, o homem se anunciava, batendo com uma vara no tabuleiro, nós gostávamos muito de comprar cana, tanto pedíamos que vovó deixava. Tinha também o vendedor de “puxa-puxa”, que se anunciava também, batendo no tabuleiro com os pauzinhos. Havia o doceiro, que trazia uma caixa

cheia de doces variados,e que tocava uma gaita,igual à do “Ary” sabe? Havia os vassoureiros,..Ai vai vassouras!!!

Tínhamos os sorveteiros:”Sorvete Yayá, é de manga do Pará”...Mas nossa vítima ,era o português “garrafeira!!Team garrafas vazias...Team garra..ra..fas va..zi.ass...

Nós nos escondíamos e chamávamos o homem,tantas nós fizemos ,que o homem desconfiou,bateu na porta e fez queixas de nós.. Como era de se esperar,a tia de Mamãe,nos passou um bom pito.Nós resolvemos então nos vingar.No dia seguinte,lá estávamos de alcatéia,quando ele passou gritando,nós de dentro da veneziana,dissemos:

Galego,pé de chumbo

Calcanhar de frigideira

Quem te deu a confiança

De casar com brasileira.?

O homem ficou uma fera,no dia seguinte passou pelo outro lado da rua.

Certa vez ,o tio e padrinho de Mamãe,me repreendeu por qualquer travessura minha,eu não tive dúvida,subi a escada e de cima do patamar,mirei um sapato e atirei em cima dele! Vovó me botou de castigo e tio Lulu,fez queixa a Mamãe.. Mamãe e Papai,eram muito severos conosco,eles procuraram nos dar uma sólida formação,nós éramos repreendidos,castigados,,levamos nossas chineladas e também bolos nas mãos,quando necessário.Eles procuraram formar nosso caráter, dentro daquele espírito que foi o marco de suas vidas:o cumprimento do dever,vocês verão..

A casa de nossa avó,tem sempre encantos para nós,há nela um mixto de mistério e de surpresa.Como era boa a casa de vovó,foi a única que nós conhecemos,mas como nós gostávamos de ir para lá,passar uns dias!

Desse tempo,eu me lembro de um fato,que eu gostava muito: a noite,antes de dormir,lá pélas 10 horas,botava-se a mesa do chá.Vovó tomava sua chicara de leite(ela tinha estado doente do estomago,de modo que teve de fazer dieta,até morrer),perto da casa tinha um padaria,que vendia pão quente e fresco às 9 horas,vovó tinha sempre,pão quente para o chá da noite!Era tão bom!pão com manteiga”Lepeletier”.Naquele tempo a escola era risonha e franca!Comia-se melhor imagina manteiga boa

A casa de vovó era alegre,tia Laura tocava muito piano,meus tios eram solteiros.. A nota curiosa de lá,nesse tempo,era a cozinheira Maritana.Ela era meio doida,conversava com os “encantados”.Meus tios tomavam pagode disso e judiavam com ela.Maritana se dizia noiva do Hermes,sua roupa era cravejada de brilhantes,ele tinha uma estrela na cabeça,a capa era de rubis.Segundo o seu humor no dia ,havia os preferidos em casa para telegrafar aos”encantados” e quando estava telegrafando todos tinham que fazer silencio.!

Ela dizia,enérgica e solene

- Passe um telegrama aos encantados das nuvens e diga tal coisa!,era uma pandega,todos se divertiam,depois a coisa chegou a tal ponto,que minha avó teve que mandá-la embora.

Amanhã,contarei a vocês outras histórias daquele tempo.

Nossa casa ,ficava próxima à Igreja do Sagrado Coração de Jesus,durante o mês de maio,Mamãe costumava a ir comigo ao mês de Maria,eu então pedi a Papai, um livro de missa.Ele me trouxe um pequenininho,de veludo grenat..Certa tarde,Mamãe,não podendo ir à novena permitiu que eu fosse só.Eu peguei meu livrinho e sai me sentindo muito grande..Entrei na igreja,tomei meu lugar no banco,e ao começarem a cantar a novena,abri o

livro muito séria e comecei a seguir. Nisso eu olhei para o lado e vejo um senhor me observando e rindo, ele então, tomou o meu livro e me devolveu novamente... eu não sabia ler e estava com ele de pernas para o ar!!! por isso ele estava rindo de mim!

Algumas casas depois da nossa havia uma república de estudantes, eram rapazes todos de fora. Eu gostava de ficar à tarde, no portão, vendo o movimento, entre esses rapazes, havia um que sempre conversava comigo, certo dia, ele passou e me deu um bouquet de jasmim azul e me perguntou se queria casar com ele. Eu, como era natural, respondi que sim, e levei a pilhéria a sério. Subi, fui procurar Mamãe e muito séria contei o fato e terminei: Eu tenho que me casar um dia, assim é melhor, você me casar de uma vez, para acabar com isso.

Minhas tias Laura e Cecília, freqüentavam muito a Igreja da Glória, o pároco nesse tempo, era Mons Gonzaga do Carmo, grande amigo da família. Eu costumava ir com elas até lá. Papai tinha me dado um berloque, que era um coração de ouro cravejado com pedrinhas. Como toda criança, eu tinha o hábito de botar minhas medalhas na boca. Certa vez, eu indo lá com o coração entre os dentes, Mons. Gonzaga troçou comigo dizendo: Elza, esmagadora de corações. Quando você crescer vai pisar muitos corações.... mas eu acho que a profecia falhou!

Dois grandes fatos, vieram marcar esse tempo. O primeiro, a revolta dos marinheiros, comandado pelo marinheiro João Candido. Eu não me recordo quase disso, apenas me vem à lembrança, um zumbir de balas por cima de nossa casa, o resto eu sei, por ouvir Mamãe contar.. Os marinheiros se revoltaram devido aos castigos de chibata, que ainda naquele tempo era aplicado aos infratores da disciplina, eles queriam acabar com aquele forma de punição.

Mas a revolta foi terrível,muitos oficiais foram mortos ou feridos entre esses o Alnte.Baptista das Neves cujo nome foi mais tarde dado a certa enseada em Angra dos Reis.Ele era o comandante do navio.

A revolta durou dias e o marinheiro João Candido,cabeça do motim ,acendeu os fogos dos navios e ameaçou a cidade..

Papai,como era natural foi para o seu posto,nós que residíamos na Glória ,estávamos expostos ao tiroteio das fortalezas,de modo,que mamãe refugiou-se conosco em Botafogo,na rua Sorocaba,residencia de minha tia,irmã de Papai,Sinhazinha Portela. Não me recordeo disso,só sei que ficamos lá uns dias e findo o perigo,voltamos para nossa casa.

Outro fato ,que me recordeo vagamente,mas que merece ser lembrado,foi a passagem do cometa de Haley..À noite,mamãe,me chamou e me fez olhar o céu e eu vi uma estrela grande com enorme cauda.Vocês não imaginam,que medo eu tive,pensei que fosse um bicho ,mais ou menos a idéia que nós fazemos de um escorpião,,uma centopéia,o medo que eu tive foi tão grande,que gravei bem esse fato.. Como vocês sabem esse cometa só passa de 75 em 75 anos.Imaginem, eu certamente não o verei a segunda vez e vocês quando o virem se lembrarão que sua avó teve medo dele!

Estávamos nós,muito bem instalados em Benjamin Constant,quando Papai foi informado que aquele prédio tinha cupim,na cumieira.Esse prédio ,fazia parte de um grupo e eles possuíam um forro comum.Como era natural,ele se alarmou,mandou examinar e foi confirmada e nós nos mudamos novamente para Botafogo,rua São Clemente.

Visconde de Moraes

Nossa nova casa era na vila Visconde de Moraes. Ali moravam várias famílias conhecidas,entre elas dois oficiais de marinha,o Alcebiades Machado e o

Vieira de Melo, grande amigo de papai, de quem ele foi padrinho em suas segundas núpcias. Desse tempo eu só me recordo da filha do Alcebíades Machado, ele falava “tati-bitate”, de modo que não pronunciava bem as palavras e como eu dissesse bem o nome do seu pai, ela me respondia sempre “mentia, mentiosa é zibide” eu propositadamente, para implicar com ela, repetia, ela então ia se queixar de mim à Mamãe.

Eu me recordo, também da grande crise de empregadas domésticas (já havia naquele tempo), que tivemos, ai, imaginem vocês, os fogões naquele tempo eram de carvão. Mamãe, ficou mais de uma semana, fazendo todo o serviço e ainda lavando a roupa no tanque. Eu me recordo de um dia de muita chuva, que eu ia encher a lata de carvão para mamãe, no quintal, debaixo do mau tempo. Eu achava aquilo uma verdadeira farra! Afinal, vovó mandou Idalina lá ajudar um pouco.

Morava também ao lado de nossa casa, uma senhora com dois filhinhos, mas eu não via nunca o marido... ela era meio estranha e o pior é que todo dia depois do almoço, ela se preparava toda e saía, só voltando à noite. Naquele tempo as senhoras não trabalhavam fora de casa, por essa razão o fato dela sair tornava-se esquisito.. Mas o que me afligia nisso é que quando ela saía, as crianças choravam e a empregada dava uma surra de tamanco em cada criança.. Eu ficava em polvorosa com aquilo, achava um grande desaforo, quis mesmo abordar a mãe e contar o que via, mas Mamãe, não permitiu, dizendo que nós não tínhamos nada a ver com a vida dos vizinhos!

Mamãe, nesse tempo, era muito magrinha, e não sei porque temia adquirir fraqueza pulmonar; de modo que, a luta com a falta de empregadas aliada à gripe que apareceu em casa, fez com que ela se cansasse muito, consultado o médico, este opinou para que ela passasse uma temporada fora.

Por esse tempo,já havia falecido minha tia Cocota,vovó desejava sair da rua Bento Lisboa,pois a casa estava ficando grande,meu tio Jujú ,estava noivo,se casaria breve Assim ela alugou uma casa na vila Martins da Mota,onde já residiam minhas tias Cecília e Sinhasinha. A casa de Bento Lisboa,ela passou a uma prima,senhora de grandes recursos,rica mesmo,que residia numa formidável chácara em Jacarépagua',na Freguesia.. Essa prima chamava-se Maricota Gouvêa,,casada com um espanhol Infante. Essa Maricota Infante,era por sinal ,neta da célebre Marquesa de Santos.. Papai por seu lado ,alugou ao Infante,sua chácara da Freguesia,por 6 meses.Assim sendo,eles desfizeram a casa de São Clemente e nós nos transportamos e nos instalamos na chácara de Jacarepaguá.

Jacarepaguá

Tenho uma vaga idéia de nossa chegada lá,se não me engano foi num sábado`a tarde;a chácara era enorme,a casa muito grande,,tendo ao lado uma varanda bem comprida e sombria,era muito agradável ali.

No fundo,próximo da casa,havia um carramanchão,ai nós tiramos,um domingo ,um célebre grupo que ainda existe em casa. Mais adiante,havia um enorme barracão coberto,onde se realizavam as grandes festas que a família Infante oferecia periodicamente a seus amigos,.O que me impressionou ,quando lá chegamos,numa linda tarde foi que nas vésperas da mudança,os proprietários haviam feito uma reunião de despedida.No barracão,num canto,vi um enorme monte de cascas de laranjas,limas,limões de cheiro etc.aquilo me pareceu estranho,eu ainda não tinha aquilatado o tamanho da chácara ,nem a quantidade de frutas e árvores frutíferas que ela tinha.!

Minha avó,foi conosco,passou também uma temporada,uma prima de Mamãe e afilhada de vovó,ela era mais velha que eu,mas brincávamos juntas,e eu brigava e implicava muito com ela.. Como estivéssemos sem cozinheira,foi nos servir uma velha empregada de parentes de Mamãe,a Marcolina,ótima cozinheira.Idalina,da casa de vovó,também foi . Nunca mais ,eu vi em minha vida ,tanta e tão boa variedade de frutas ! Havia goiabas enormes,brancas e vermelhas,sapotis,abius,jaca,abacate,jambo,jambola,grumixamas,,araçá,manga de todas as qualidades,cana,banana,enfim eu não sei o que não tinha! E que tachadas de doces,Marcolina fazia! Era araçá,goiaba,nos tachos para doce..Nós chegávamos à perfeição de só comer os frutos grandes e bonitos,os feios ou pequenos nem apanhávamos.Eu tinha nesse tempo,uma “aranha”,vocês sabem o que é aranha?`E um velocípede de menina.. Eu e Mariquita,, brigávamos muito por causa dela,eu não queria deixar que ela desse voltas ou mesmo tocasse ,então ela se queixava à vovó e esta me obrigava, por um dever de hospitalidade,eu cedia,mas, sempre me vingava.,quando ela passava,me escondia e jogava no vestido dela ,uma jambola meio podre..

A vida ali era pacata e amena.De manhã cedo,Papai,vinha para o Arsenal de Marinha,tomava o bonde de burro,sim senhor,de burro.. Embora na cidade,os bondes já fossem elétricos,nos subúrbios continuavam a circular os puxados por muares.Era 1 hora da Freguesia à Estação de Cascadura,de lá então,tomava o trem até a Central e daí rumava para a Marinha.. Aos domingos,nós tínhamos sempre a visita de Tio Carlos,algumas vezes acompanhado de algum amigo,como certa vez,que foi com o Dr.Benedito Carvalho.Nesse dia esse médico pegou uma espingarda e matou muitos passarinhos,o que aliás,desagradou muito a Papai,que desaprovou matar tié-sangue e sairas.!

Desse tempo que foram 6 meses eu me recordo de duas coisas:

Certo dia,as empregadas iam jogar no bicho,eu tinha 1 tostão,então,escondido de Mamãe e vovó,mandei que jogassem na borboleta.À tarde,quando o bicheiro passou eu tinha ganho 2.200.Imaginem o meu contentamento,dois mil e duzentos! Era muito dinheiro,basta dizer que 5 balas ,custavam 1 tostão.Todos acharam muita graça nisso.

Outro dia,eu briguei com Carmen,não sei porque,mas eu não devia ter razão,mamãe me botou de castigo,.À tarde,quando papai chegou da cidade e trouxe um leque para cada uma de nós,quando ele soube do ocorrido,deu o presente de Carmen e o meu foi guardado.Eu senti,mas não chorei e arranjei um jeito de rasgar o de Carmen,esta como era muito bobinha,não notou, dias depois eu recebi o meu,mas não achei mais graça.. Morava perto de nós a família do Mario Nazareth,não nos visitávamos apenas cumprimentos,mais tarde ,vimos a encontrar essa família,como direi depois..Esse Dr. Nazareth,perdeu um filho ,aspirante da Marinha no naufrágio do “Guarany”.

Papai,sempre contava que quando ele viajava de bonde de burro,o bonde às vezes descarrilava,então todos os passageiros eram obrigados a saltar e ajudar ao motoneiro a botá-lo novamente nos trilhos.Os bondes eram pequenos,como os dos reboques dos de Santa Teresa.Eu só avalio papai,que não saia daquela linha,botando o bonde na “linha”!Ele dizia sempre”era uma onça danada”

Passada a temporada,mamãe estava bem,eles resolveram voltar para a cidade,pois papai estava fatigado das viagens,assim ele alugou uma casa em Copacabana,rua Inhangá,25,esta casa ainda existe.,apenas com a fachada um pouco modificada.

Inhangá

Nessa época,Copacabana não era o que é hoje. Muito menos populosa,não havia grandes prédios e muito menos arranha-céus, a única condução era o bonde,de modo que era considerada ,o fim do mundo.. Sendo um bairro meio agreste e pouco habitado, a vida e mesmo o clima eram diferentes..Havia então a rua Copacabana,a praça Serzedelo Corrêa e a avenida Atlantica,com muito poucas casas,e algumas ruas transversais.Leblon e Ipanema,não existiam nesse tempo,no extremo da av.Atlantica,onde hoje é o forte, existia uma igrejinha,era de N.Senhora de Copacabana.,ali terminava o bairro,o resto era areal e capim. A Copacabana de nossa infância,era bem diferente dessa que vocês conhecem,era muito fresco e ventoso. Quando o vento soprava parecia que ia destelhar as casas,assoviava de meter medo,tudo até ,os móveis ficavam cheios de areia..

Nós subíamos no alto da pedreira e de lá descortinávamos toda a av.Atlantica era um espetáculo maravilhoso.!

Foi nessa casa a 11 de fevereiro de 1913,que nasceu minha irmã Maria,a caçula da família..Eu me lembro bem desse dia,Mamãe nos mandou à praia com Henriqueta, e quando nós voltamos muito tempo depois vimos que tínhamos um nova irmã.Eu achei aquilo curioso e me lembro que no quarto eu disse à Carmen: Como será que ela chegou?Ficamos nós duas a matutar,como teria sido,indagamos de mamãe,ela nos disse que Mme.O.Cardoso,havia trazido numa cesta cor de rosa.certa tarde, ouvimos bater palmas na varanda,fomos curiosas ver quem era e deparamos com uma moça muito bonita toda de preto,perguntou-nos por mamãe.Fomos chamá-la,nada mais era que uma amiga de infância que mamãe há muito não via , D.Laura

Alencar. Daí por diante ela foi freqüentadora de nossa casa e suas filhas nossas companheiras de brinquedos, elas aparecerão em outras histórias.

Camaleões e cabritos

Nossa casa dava fundos para a pedreira, o muro do fundo do quintal, dava bem nas pedras, essa pedreira ainda existe, mas está escondida pelas casas. Nós subíamos no alto da pedreira e de lá descortinávamos toda a av. Atlântica, era um espetáculo maravilhoso!

Ali havia muitos camaleões aqueles que mudam de cor. Eu e Carmen gostávamos muito de atirar pedrinhas neles, para vê-los correr e ficarem vermelhos.. Mamãe sempre nos dizia que tivéssemos cuidado, pois poderiam nos morder.

Mas o mais pitoresco dessa história, eu vou contar agora. No morro pastavam muitos cabritos, e lá eles deixavam como era natural, suas necessidades... para nós duas aquilo era novidade, nunca tínhamos visto... Eu e Carmen ficávamos intrigadas, será que a azeitona, vem de cabrito. Resolvemos, então, com um pau, amassar um pouco para ver se era azeitona, mas não era, era mole... Fomos, então contar para Mamãe, que achando muito graça, nos disse o que era aquilo... Quando, papai voltou de bordo, ela séria, contou-lhe o fato, foi o bastante para papai, tomar tudo de pagode, disse que nós tínhamos provado, e a vida inteira, até morrer, ele contava esse caso, dizendo sempre divertido e implicante, que nós tínhamos comido azeitona de cabrito..

Nessa época, nossos grandes passeios eram ir à casa de vovó e à praia. Para a casa de vovó, mamãe pedia da garagem, que ficava em frente de nossa casa, um carro que na época era conhecido por “landolet”, ele nos levava, e depois ia, à tarde, nos buscar. Para nós isso era uma festa, passear de automóvel, naquele

tempo era coisa notável,não se fazia sempre..A praia para nós,também tinha seus encantos,íamos com Henriqueta ou mesmo com mamãe.Nesse tempo,a areia era alva,pela manhã,encontrávamos lindas conchas,caramujos grandes em profusão,nós enchíamos nosso baldinhos e trazíamos para casa.Hoje,quando lá se vai,encontramos areia suja, muito papel de sorvete e lixo. A brisa do mar era constante,se ventava não podíamos ficar lá,tal era sua impetuosidade.

Foi nessa ocasião,que nós tivemos uma empregada muito engraçada:Mamãe estava lutando com falta de copeira,pediu então,a um conhecido ,que arranjasse uma de fora da cidade..O homem era de Marica,e um belo dia,chega com a prometida empregada.Era uma matuta,vestida `a moda da roça,com o guarda-chuva no ombro,como cacete e pendurado no extremo,um baú.Mamãe,pôs as mãos na cabeça,que fazer com aquele bicho?Ficou por experiência,ma não pode,agüentar , certo dia ,ela disse:

- “Ta vendo,só,gente,como D.Luisinha,sabe criá bem as fias dela,elas não dizem nem um nome feio.!

Mas,ela própria nos disse um horrível e Mamãe mandou-a embora sem contemplação

No Carnaval desse ano de 1913,nós nos fantasiamos e até tiramos um retrato que existe em casa.Eu e Carmen de “pierrot”,amarelo e azul,JoãoCandido de palhaço.Depois de todos prontos,nos preparamos para ir à casa de vovó,mas tinha chovido,e quando saímos para tomar o automóvel .J.Candido caiu numa poça de lama e teve que tirar a fantasia,choroso!Lá foi ele à “paisana” e nós fantasiadas,passar.Isso era um acontecimento notável,para nós que levávamos uma vida bastante pacata!

Meu primeiro Colégio

Mamãe e Papai, achavam que eu levada como era ,precisava ir para um Jardim de Infância,eu não queria ir,afinal depois de pesarem as coisas resolveram pelo Colégio Santa Rosa de Lima,das irmãs dominicanas,que ficava situado na praça Serzedelo Correia.Eu não queria ir para lá.

Em frente,de nossa casa,morava uma menina,mais velha que eu,porém brincávamos juntas.Eu achava que ela era linda,seu nome era Laura,.Essa menina,tinha um defeito,não tinha o céu da boca,de modo que falava fanhosa.

Laura,era do Externato Pitanga,que também ficava na mesma rua.Eu como era natural queria ir para o mesmo colégio da minha amiga,mas papai e mamãe,acharam que o de religiosas,era melhor,assim fui matriculada lá. No dia marcado lá foi mamãe me levar,eu não queria ficar,chorei,mas enfim lá fiquei. Fui,como era natural encaminhada para a classe,lá chegando ,eu olhei a irmã, e vi que só tinha um olho,era magra e feia,impliquei com ela,e disse que naquela classe eu não ficaria. As irmãs então concederam ,que eu fosse para outra classe,mais adiantada,ai eu me senti melhor,lembro-me bem da freira,era uma italiana muito bonita,chamava-se irmã Teresa,eu me simpatizei logo com ela e estava resolvida a não ir para a outra freira.. Nos dias que se seguiram,minha chegada no Colégio era um escândalo,eu chorava e gritava agarrada a mamãe,afinal ela resolveu mandar pela empregada, mas as manhas continuavam,do mesmo modo,eu só ficava quieta se ficasse com irmã Teresa,afinal as freiras disseram à Mamãe,que eu não queria a classe que me convinha,e eu por meu lado,tanto pedi, que mamãe achou mesmo melhor,eu passar para o Pitanga,pois indo com a Laura,eu ficaria quieta.

Assim foi ,eu ia e vinha com a menina,escusado seria dizer que me dei muito bem,estudava e tirei um premio,que o colégio dava aos alunos aplicados.Era

um cartão pequeno azul,escrito “bom ponto”.Esse cartão eu tive muito anos guardado comigo.

As coisas iam nesse pé,quando mamãe adoeceu,teve uma desinteria,começou a passar mal,os médicos consultados não davam volta,ele ficou muito magra e abatida.

Afinal um amigo de tia Cecília e tio Carlos,mandou para ela um remédio do Norte,para fazer chá,em pouco tempo ,ela estava convalescendo.Mas seu estado de fraqueza era tal que o médico aconselhou uma temporada fora do Rio. Papai opinou por Jacarepaguá,que oferecia a vantagem dele poder ir e voltar para a Marinha facilmente..

Nesse tempo, esse subúrbio era muito procurado por tuberculosos,assim Papai teve o escrúpulo de alugar casa,resolveu adquirir uma.Até que isso se desse e como não pudéssemos mais ficar à beira mar,dissemos adeus à Copacabana,eu me despedi de Laura,de quem nunca mais soube noticias e fomos provisoriamente para o Catete.

O sobrado do Catete

Hoje,meus filhinhos,eu vou contar a vocês,o que foi essa curta temporada do Catete:

Enquanto, Papai,ultimava o negócio de Jacarepaguá,nós ficamos uns vinte e tantos dias ,num sobrado horrível na rua do Catete bem perto do Palácio e quase na esquina da rua Ferreira Viana.Era um sobrado escuro,velho,com péssimas instalações sanitárias,mas era o que,convinha no momento

Eu me lembro muito bem ,da escada de pedra,que descia da cozinha para o quintal.em baixo,não podíamos descer pois Mamãe,temia que houvessem bichos. Havia uma linda latada de maracujás e nessa ocasião estava todo

florido. Vocês sabem que a flor do maracujá é roxa rajada. Eu tinha uma vontade louca de descer. Afinal, um dia, Mamãe permitiu que eu fosse em baixo, com a empregada, eu achei aquilo uma beleza! Dali, à casa de vovó, era um instante, ela morava então na vila Martins da Mota, lá também moravam Tio Carlos e tia Cecília, Tia Sinhazinha Bahia,, de modo que brincávamos com nossos primos e íamos também à casa de Martha, no Jardim da Glória, para comermos pé de moleque, gergelim, e doce de leite, que ela fazia como ninguém. Mamãe, ainda não estava completamente curada, de modo, que certo dia ela estava no banheiro, e alguém bateu à porta, eram uns homens da Light, João Candido que era pequeno correu e disse:

-Moço, Mamãe não pode atender porque ela está no “orinol”!

Nós tínhamos ido almoçar na casa de Vovó. Havia um prato que Carmen gostou e pediu que servissem mais, eu logo expliquei:-

- Carmen, quando eu chegar em casa vou dizer à Mamãe, que você “repeteu!”!

´E que Papai, não permitia que em casa de fora, nós repetíssemos os pratos de comida., assim ele achou de observar.

Baroneza 230

Papai adquiriu a casa da rua Baroneza, 230, em Jacarepaguá, para nós passarmos o tempo da convalescência de Mamãe. Era uma casa verde, no centro de um jardim, com uma chácara cheia de árvores frutíferas. Quando lá chegamos, a frente de casa, era um enorme milharal. Entramos na casa, à tarde, a rua não era calçada, era uma estrada de barro, quando chovia não se podia passar, havia muito poucas casas. Nossa primeira impressão foi de medo, aquele milharal alto na frente! A casa tinha do lado esquerdo uma varanda e como era uso naquele tempo tinha penduradas umas bolas de cor

como essas que se botam em árvores de Natal. No fundo da chácara, havia uma casa de sapé que era a moradia dos empregados.

Nosso fiel João Belisario, nos acompanhou como copeiro e residia na casa do fundo da chácara. No dia seguinte, logo cedo fomos explorar o pomar, ver as árvores frutíferas, constatamos que havia uma grande variedade delas, o que muito nos alegrou.. Papai, mandou logo botar o milharal abaixo pois o antigo inquilino plantara para alimentar as galinhas. Nos dias que se seguiram, nos fartamos de comer milho cozido e as espigas maduras foram destinadas ao fim que o outro dono teve em mira..

Próximo de nós ,morava o Comte. Samuel Pinheiro Guimarães, oficial de Marinha, como Papai, e seu conhecido ,D. Gabriela, sua senhora, logo procurou Mamãe., ofereceu seus préstimos, nos enviou leite fresco e outras coisas ,pois já eram moradores antigos do lugar..O casal tinha três filhas: Heloisa, Maria e Adelaide e dois filhos :Gabriel e Samuel, esse último faleceu mocinho. Em frente, morava um oficial do Exército, Tnte, Dantas, que não tinha filhos e ao nosso lado ,uma parda, viúva com diversos filhos e filhas. Mamãe não gostava muito que nós falássemos com eles., por serem pessoas humildes, mas com o tempo isso passou e eles começaram a conversar conosco. Mais para baixo ,residia uma senhora ,que tinha um colégio particular, D. Honorina, nesse curso Mamãe matriculou eu e Carmen. Havia na rua também uma escola pública cuja diretora, chamava-se D. Mariquinhas, essa senhora tinha duas filhas: Elisa e Yolanda. Mamãe não nos quis lá por ser colégio público, mas eu achava lindo ,porque eles sabiam cantar diversos hinos e ao findarem as aulas, de tarde, cantavam, e no nosso colégio, não faziam isso.

Ávida tomou seu curso normal, Papai saia pela manhã, às 7 horas, para a Marinha, os empregados para seus afazeres e nós brincávamos na chácara..

Aí, nós passamos, quase um ano.

Eu e Carmen,bricávamos de “comadres”,nossas casas eram as árvores,trepávamos nos galhos,arrumávamos as bonecas,cada uma na sua,depois íamos visitar uma a outra,cada uma com o nome de uma amiga de Mamãe,que nós achávamos bonita. Eu sempre era D.Laura Alencar . `As vezes brigávamos e nos atracávamos porque Carmen ,queria ter a mesma pessoa que eu.

Algumas vezes,nós brigávamos ,o que não era raro;certa vez depois de termos tido uma briga,ai por volta de1 hora da tarde,eu chamei Carmen para irmos ao pomar,ela aceitou ,lá chegando ,bem no fim,,eu fiz,com que ela subisse num pé de jamelão,e quando a coloquei ,no alto,desci e vim para casa.

Muito tempo depois foi notada a sua falta,Mamãe,ficou aflita ,procuraram por toda a parte e nada.!Afinal,alguém teve a idéia de ir ao fim do quintal e encontraram Carmen,chorando no alto da arvore. Mamãe,me repreendeu,e à tarde,quando Papai chegou, Mamãe,fez queixa ,e eu entrei nuns bem merecidos bolos!!! Carmen, só me chamava de”Ai”,o que muito me aborrecia,eu recomendava que não me chamasse assim no colégio,mas ela esquecia e chamava.Quando chegávamos em casa,eu logo batia nela!

Hoje,meus filhinhos ,vou contar um episódio muito engraçado,dessa época: Na escola pública havia uma professora muito bonitinha,que passava diariamente para as aulas.Era uma moça de uns 20 a 22 anos,chamava-se Isaura Silveira Lobo. Ela tinha diversas irmãs,era parente da família Pinheiro Guimarães,e morava na rua seguinte `a nossa,mas,como não havia quase construções,ela ia de uma rua à outra,por uma picada no meio do capinzal.Eu achava -a muito bonita, e gostava de vê-la passar.Na nossa casa,Papai mandou fazer no jardim perto do gradil,um carramanchão de troncos de madeira e cobriu de trepadeira “primavera”. A frente da casa,onde fora o milhoal,surgiu um lindo jardim com rosas variadas e cada uma de nós,tinha o seu

canteiro,para plantar suas flores preferidas. Eu me punha dentro do carramanchão, pela manhã,na hora da entrada da escola e à tarde,,no momento da saída ,para ver Isaura passar,era um verdadeiro namorado! Eu a identificava,de longe,pois ela usava para se abrigar do sol,uma sombrinha roxa. Por causa dela,eu comecei a falar com um menino do lado,filho de D.Ana,ele me dava noticias dela e levava,todos os dias uma flore que eu lhe enviava. Anos mais tarde,essa moça,casou-se com um primo nosso Carlinhos Ferreira e só então ,ela veio a saber quem mandava as flores no tempo de Colégio!

O perdão de Emilia

Nessa época,tinha havido no Rio,um crime passionnal e logo fizeram uma modinha,para o caso.

Perdão,Emilia,se eu roubei-te a vida

Pois fui um louco,fui cruel ousado

Perdão Emilia,se manchei teus lábios

Perdão Emilia,para um desgraçado

Por ai a fora,foi a música cantando as misérias desse amor. Eu estava louca para aprender a letra,mas Mamãe proibiu ,dizendo que aquilo não era para menina.. João Belisario,cantava,mas devido à proibição de Mamãe,ao ouvir calava-se . Eu pedi a João , para me ensinar ,perdão Emilia.. Ele respondia,não Elza,se sua mãe souber,me repreende,eu não posso desobedece-la

Eu pensei e resolvi usar de astúcia para saber a letra..Quando João,ia descansar,durante o dia,eu ia pé antepé,e ficava do lado de fora da casa,quieta ouvindo-o cantar ,para decorar.

Assim aprendi . Um dia,,eu me achava distraída,cantando,ele ouviu e se assustou: Elza!Sua mãe não quer e vai dizer,que fui que ensinei!Menina,não canta isso,não é bonito! Mas eu nem liguei,e cantava escondido!

João usava banha de rosa,no cabelo,quando ia passear,ver a namorada,eu achava aquilo uma delícia,e queria que Mamãe comprasse para mim,mas ela naturalmente não fez.Eu então pedia a João um pouco da dele,e aparecia toda lambuzada,Mamãe ralhava e mandava tomar banho! Eu brigava muito com ele,mas apesar disso,mais tarde,quando ele se casou,convidou a mim e a João Candido,para padrinhos do primeiro filho!

Os primeiro namorados

Foi nessa época que eu e Carmen,tivemos nossos primeiros namorados,os Pinheiro Guimarães,eu namorava Gabriel, e Carmen,Samuel. Era muito engraçado,nosso namoro era olhar e rir,um para o outro,,bricávamos juntos e de vez em quando recebíamos uma flor ou uma fruta de presente. Já se vê que Mamãe e Papai,nem desconfiavam,do contrario,seria “pito”,na certa.. Depois,nós tivemos também Fernando e Álvaro Lopes,que eram também alunos de D.Honorina,e nos dias de chuva,nós voltávamos para casa,cada uma coberta pelo guarda-chuva de um deles.

Os domingos de Jacarepaguá

O subúrbio,naquele tempo,era considerado,um fim de mundo,não havia ônibus para lá,os trens era chamados “subúrbio”,paravam em todas as estações,de modo que para se ir visitar alguém,emprendia-se uma verdadeira viagem e pensava-se nisso com antecedência. Assim sendo, nós estávamos

verdadeiramente isolados,não havia telefone,as visitas eram naturalmente escassas.

Mas havia,uma pessoa,para a qual nos ver não era sacrifício,era o nosso fiel Tio Carlos. Todos os domingos vinha nos ver e trazer um cartucho de balas para cada um de nós.. Como era natural,sua visita era esperada com ansiedade,pois além de gozarmos de sua companhia sempre alegre e brincalhão,ele trazia à nossa rotina,um pouco de movimento.. Lembro-me bem do meu aniversário,nesse dezembro de 1913,era um domingo,ele foi a única visita que tivemos e trouxe para mim um livro de histórias que até bem pouco tempo eu conservei;A vida de Cristóvão Colombo.

Vovó Lily ,também uma vez por outra,passava uns dias conosco,o que aliás era para nós também uma festa.

Os passeios à cidade

Bem poucas vezes,nós viemos à cidade durante esse tempo. Vez por outra para acompanhar Mamãe,,ou então,nós,eu e Carmen íamos passar uns dias com vovo,tia Cecília ou tia Sinhazinha,que moravam todos no Catete..Dessas vindas,por dias, a cidade,eu mé lembro,,de umas artes,que eu andei fazendo na casa de tia Cecília.

Certa manhã,eu vi um retalho de uma seda de”pois”,azul natier e branco e não sei porque resolvi ,amarra-lo no pescoço,e quase me enforquei,gritei,fiquei roxa e sem fôlego,foi preciso que os dois corressem e cortassem a tira com a tesoura.

Uma discussão,que eu tive com Yolanda Monjardim ,que morava em frente à tia Cecília,,eu acertei-lhe uma bofetada no rosto,que ela ficou com a marca dos meus dedos..Ela veio chorosa se queixar,tia Cecília me repreendeu e disse

que se eu brigasse novamente,me mandaria para casa.. Mas o mais curioso,disso tudo,é que eu gostava de ir para a casa deles,na cidade,mas tão depressa eu entrava no trem,eu sentia uma nostalgia de casa,,parecia que eu nunca mais voltaria!.Todos de casa me pareciam,figuras irreais,eu então acompanhava a marcha do trem,cantarolando baixinho,virada para a janela,as músicas que cantávamos em casa.

Certa vez,eu me achava em casa de vovó e Papai foi lá para qualquer fim ,eu então resolvi voltar com ele,bem contra o gosto de Vovó que me disse:”Minha nega,você devia ficar mais,para dar sossego à sua mãe! Mas quando eu vi Papai,não quis saber de nada.

Sáimos e fomos jantar num restaurante na cidade,era o “Petit Paris”,na rua Santo Antonio. Lá tomamos sopa,comemos filet de peixe com purê de batatas e uma sobremesa. Aliás,esse era o menu usual de Papai, nos restaurantes. Depois rumamos para casa,onde chegamos já de noite..

O sarampo

Como acontece a todas as crianças,nós tivemos também as doenças infantis,mas o tal sarampo deu o que fazer.,. Imaginem vocês,que Mamãe lutava com dificuldade de empregadas naquele longínquo subúrbio,e nesse tempo,estava só,quando nós adoecemos de sarampo. Essa doença,nessa época, era considerada,muito perigosa. Primeiro caímos eu e Carmen que teve um sarampo comum,mas eu, foi fortíssimo,tive até dentro dos olhos! Fiquei sem ver,durante dias e com febre de 40 *,foi um Deus nos acuda. Vovó então mandou Idalina para ajudar a Mamãe a nos tratar. Quando eu e Carmen,melhoramos,caíram João Candido e Maria,mas o pior da doença era a tal quarentena ou resguardo! Durante,quarenta dias ,passava-se em dieta,não

se podia ir do lado de fora, enquanto houvesse febre passava-se a chá, leite ou café. Depois da febre, tomava-se caldo de galinha com torrada e depois de bom,, canja durante muito tempo. O resultado, é que o sarampo, mandava muita gente para o outro mundo.!

Nosso médico, era um clínico local, um tal Dr. Moraes, ele nos tratou muito bem, e residiu por longos anos em Jacarágua, mas o melhor do caso é que em todas as vezes que tinha ocasião de vê-lo sentia cheiro de “febre”

Nossa volta para a cidade

Assim, nós passamos um ano, de meados de 1913 a 1914, apesar das dificuldades materiais da época, passamos uma temporada boa, e Mamãe fortaleceu-se, mas Papai, estava se sentindo fatigado das viagens, do desconforto, e do que ele chamava de cheiro de “vala” pois as ruas tinham uns escoadouros aos lados, para as águas das chuvas.. Assim, ele resolveu voltar para a cidade. Alugou, então, a título provisório uma casa em Botafogo.. Lá fizemos nova mudança, desarrumou-se, encaixotou-se tudo, para voltarmos à cidade.. Eu tinha, sem parecer, um temperamento muito sensível e um tanto romântico. Aquela partida era para mim, alguma coisa de mim mesma que ficava para trás, a casa, a chácara eram como pessoas, que eu ia deixar, assim sendo eu devia me despedir de tudo e de todos.. Eu chamei Carmen e com ela abracei todas as árvores, elas faziam parte de nossa família.! Depois da casa vazia, olhei tudo, as peças, como alguém que não veria mais!

O melhor é que anos mais tarde , Carmen comentando o fato comigo,, disse que fez isso, porque eu achei, que ela devia fazer, mas que para ela ,isso não representou nada, enquanto que para mim, era uma coisa que vinha do coração! Tinha um significado profundo!

Papai,não querendo conservar a casa,resolveu vendê-la,pois não era cômodo para ele cuidar de alugá-la. Vovó então,comprou-a,para sua moradia,como de fato,foi,até o seu falecimento,como veremos mais tarde.

Outro fato engraçado desse tempo era o seguinte:

Moravam nas imediações,algumas famílias modestas,havia a tia Maria, uma preta velha,que morava bem em frente de nós,seu Deodoro,um pardo,operário,que tinha diversos enteados,entre eles a Esmeraldina,que veio depois para a casa de Vovó e só saiu da família,mais tarde,quando se casou..À nossa esquerda morava a Don'Ana uma viúva com filhos de quem eu já falei antes (Real Grandeza,36). Tinha também outros moradores,como um certo português chamado Seu Lopes que tinha dois filhos, Fernando e Alvaro.,o pai ficava aos domingos ,na varanda de casa,de chinelos e nós achávamos aquilo uma coisa horrível,pois não estávamos habituados a isso.Lá morava também a família Estrela,rapazes e moças,uma delas por sinal a Ítala,quando subia a rua,depois que escurecia,vinha cantando alto,uma música da época.! Laurindo pringa,Chico dunga etc...por isso nós a apelidamos com o nome da música,quando ouvíamos de dentro a toada,dizíamos:

_-Lá vai o Laurindo pringa!

Morava também,em cima,uma espanhola muito feia,,que tinha os dentes da frente de ouro e usava um laço de fita preta,achatada no alto da cabeça,nós por qualquer motivo,implicamos com ela,e diante de sua reação,botamos o apelido de “a danada”. Todas as vezes,que ela passava,nós gritávamos:”lá vai a danada”.A mulher passava descompusturas e chegou mesmo a bater na porta de casa e se queixar a Mamãe,nós como era natural levamos uma boa repreensão,com ameaça de mais castigo se continuássemos.

Essa casa ainda existe hoje,porém com o n* 42.Para ai,viemos nós,mas essa estadia devia durar pouco tempo, pois a casa era pequena para nós,se bem muito boazinha.Havia um jardim na frente,uma pequena varanda com um pé de jasmin,,o gradil da frente,era o ponto estratégico,meu e de Carmen,como era natural,nós sentimos muita falta da chácara,dos conhecidos que tínhamos deixado para trás e tratamos logo de fazer novos conhecimentos.

Mamãe,arrumou tudo e a vida começou normal. Na cidade,Mamãe,fazia nesse tempo,super alimentação,de modo que,tomava cerveja Malzbier,à refeições,coalhada pela manhã,cangica com leite de côco,isso para nós era um maná,pois todos paticipávamos disso,o que constituía para as crianças uma farra.

Ao nosso lado,morava o Dr.Thomas Pará,esse advogado tinha duas filhas,Carmita e Anita,imediatamente nós fizemos amizade com elas, eu com Carmita que era a mais velha e da minha idade. Carmen com Anita.. À tarde,depois que mudávamos de roupa,Mamãe deixava conversarmos com elas,a principio pela grade,pois não tínhamos permissão de ir à calçada,depois,com o tempo,as familias já se cumprimentavam,as meninas Pará, vinham ao nosso jardim ou nós ao delas para brincarmos de boneca. Naquele tempo,as meninas não andavam soltas ou sós pelas ruas, iam ao Colégio,eram sempre acompanhadas por uma empregada..Mesmo se nós iamos ao portão,uma empregada ficava sempre tomando conta de nós,e Mamãe sempre vinha à janela ver o que estávamos fazendo.

Morava também perto de nós,na rua Visconde Silva,D.Laura Alencar que morava com sua mãe e as quatro filhas com quem íamos sempre brincar,o que era para nós um passeio muito desejado.Enquanto as mães,conversavam,quer em nossa casa ou na delas,nós bincávamos.Embora a Ruth,fosse a mais velha

e da minha idade,,eu procurava sempre para companheira, a segunda Léa,com quem eu combinava melhor,,isso era julgado por Carmen,,uma usurpação,pois ela se julgava com direito a essa amizade,por ser ela também a segunda.

Foi ai,que eu me lembro de ter visto,pela última vez,a velha empregada da casa de meu avô,a Amélia,,que como já disse criou Papai e meus tios. Ela,apareceu lá em casa como fazia periodicamente e levou de presente para Mamãe,uma lâmpada preparada dentro de um avião de crochet.,cor de rosa,me parece que esse enfeite era inspirado no grande feito de Santos Dumont,pois naquele tempo,não havia por aqui ,aviões..Por sinal,Mamãe,não usou,pois era um enfeite muito “jeca”!! Pouco tempo depois Amélia faleceu.

A casa sendo pequena,como disse,e Papai sabendo,vaga,uma,na rua Visconde de Caravelas,,muito boa,de dois pavimentos,entrou em negociações e para lá nos mudamos em dias.

Esquecia-me de falar também,numa vizinha que morava num sobrado,por cima de um açougue,e que gostava muito de mim.Chamava-se D. Firmina, era solteira e muito religiosa,ela me dava sempre santinhos. Ainda hoje,,eu a encontro na Igreja de Santo Inácio,mas ela não supõe,que eu seja aquela menininha a quem ela dava santinhos!

Assim,nós nos despedimos de Carmita e Anita,,de quem nunca mais tivemos notícias,só vindo eu a vê-las,por volta de 1950,e fomos para a nossa nova casa.

Visconde de Caravelas,19

Nossa nova casa era grande,Papai podia ter seu escritório,como era do seu gosto,onde ele passava as horas que estava em casa,no meio de seus livros,sempre lendo e escrevendo.Papai,formou uma bela biblioteca de livros

escolhidos e selecionados,seu principal lazer era a leitura. Às vezes,ele e Mamãe, iam ao teatro,,o cinema nesse tempo ainda estava aparecendo só com filmes europeus de cômicos com Max Linder e não era divertimento de sua predileção.

Eu e Carmen,tínhamos um quarto só para nós,o que nos fazia nos sentirmos com fumaças de moças. A casa tinha um bom jardim e quintal,com lindas samambaias

Nessa ocasião,,Henriqueta que já fora nossa empregada,voltou para nossa companhia,o que foi para nós muito bom,pois assim podíamos brincar na calçada e dar bons passeios, à tarde por Botafogo.. Nós gostávamos muito de vê-la comer,pois ela comia com a mão e nós achávamos isso lindo! De modo que ,para nós era um grande prazer,quando Mamãe,deixava nós almoçarmos na cozinha com ela. Mas isso era preciso estar bem comportada e pedir muito.! Então,nós nos sentávamos na porta da cozinha,no degrau, e com o prato no colo,comíamos como ela,fazíamos o “capitão” de feijão com arroz e farinha e depois pedíamos para ela nos ensinar a jogá-lo com um tiro certo na boca!

Nós fizemos amizade com uma família(nós crianças) que morava próxima de nós,eram os Doyle Silva,Hermengarda e Plínio,com eles conversávamos e brincávamos Moravam também ali,nesse tempo,os Drs. João Pessoa, e Porto D’Ave,mas nossos companheiros eram os primeiros.. Um irmão mais velho,deles estudava e se formou em Odontologia,mas não seguiu a profissão,de modo que havia no quarto do jardim,um gabinete montado.

Certa vez,Plínio,queria a viva força,que eu e João Candido,,deixássemos ele brincar ,de tratar dos nossos dentes,passando neles o motor!

Nas noites de verão,nós ficávamos todos do lado de fora,pulando corda,rodando o arco, ou andando de aranha,como foi bom para nós isso,e como se brincava nesse tempo com brinquedos que já desapareceram!

O colégio de D. Carolina

Mamãe e Papai,cuidaram logo que nos instalamos de procurar um coleginho,nas imediações para mim e Carmen.Havia um particular,na então rua Delfim(r. Mena Barreto,atual),para lá iam as meninas de D.Laura,Mamãe e Papai,opinaram por esse e assim fomos nós matriculadas.

Começava para nós ,uma nova etapa de colégios.Todos os dias,às 11 horas,saíamos com Henriqueta,passávamos pela Visconde Silva,para buscar as meninas..Invariavelmente iam Ruth e Carmen,na frente, eu e Léa,atrás,,duas a duas, e depois Henriqueta. Helena,todos os dias fazia uma “manha” na hora de sair,de modo que debaixo dos gritos da mãe,ou nos atrasava,ou ia depois com a empregada delas..

Todos os dias,Mamãe nos dava além da merenda,dinheiro,de modo que nós entrávamos na padaria ,que ainda existe,na esquina de MenaBarreto com Real Grandeza e comprávamos umas barrinhas de chocolate,recheadas de creme,por 100 réis,e completávamos nosso lanche. Cada dia,nós escolhíamos um papel de cor diferente,pois já nesse tempo,nós colecionávamos dentro dos livros,papeis de chocolate.. Carmen,sobretudo,chegou a possuir mais tarde uma belíssima coleção.

O coleginho era “tico-tico”,só D.Carolina e uma auxiliar. Não me recordo se aproveitamos lá,mas eu sempre impliquei com a cara da professora..

Eram também alunas de lá,umas meninas :Maria e Adelaide Pojucan Cavalcanti. Meu sonho era ser amiga de Adelaide,pois além de ser mais velha

que eu,era muito bonitinha,tinha os cabelos louros e ondedados,muito bonitos,mas ela não me dava confiança.. Nessa fase da vida o número de anos pesa nas amizades,os menores querem a amizade dos maiores para se sentirem grandes,mas estes não se unem aos pequenos para não se sentirem diminuídos. Às 4 horas,lá estava a velha Henriqueta,na porta para nos buscar. O melhor do colégio,eram os passeios de ida e volta, pois eu detestava ter que estudar tabuada e sempre errava nas contas!

O cantor de rua

Uma manhã de domingo,ai por volta das 11 horas,fazia um belíssimo dia de primavera,quando apareceu na rua um tenor,cantando músicas populares,para receber alguns níqueis. Quando ele chegou em frente à nossa casa,papai chegou à varanda do quarto de “toilete”,para ouvi-lo e perguntou-lhe se sabia cantar a valsa “Dolores”,ele cantou-a muito bem,quando eu olhei para Papai,vi sua fisionomia diferente,seu olhar estava fixo no céu,parecia que tinha ido transportado para outras paragens. Quando o homem acabou e ele gratificou-o sua voz estava trêmula,lê então nos disse:

- Mamãe,tocava essa valsa ao piano...

Hoje,passados tantos anos,é que compreendi melhor,o grande amor que ele devotou ,até o fim de sua vida,àquela,que ele sempre chorou. Naquela época,aquilo me assustou um pouco,ver Papai,assim tão emocionado,ele que era de poucas expansões!...

Nossos passeios por Botafogo

Todas as tardes,depois de feitas as toilettes,nós saíamos para dar um passeio a pé com Henriqueta.Iamos até a casa de D.Laura ou fazer a volta por São Clemente,esse era o nosso passeio predileto. Nós gostávamos muito de arrastar os sapatos,na calçada da casa da família Street,onde mais tarde foi a embaixada de Portugal. O passeio ali era todo de pedrinhas,como a av. Rio Branco. Íamos ,também ver os doentes da casa de saúde Dr. Abílio,onde hoje saiu um bairro novo de apartamentos. Certa vez,tendo a família Doyle Silva,se mudado para a rua D.Marciana,hoje Álvaro Ramos,nós fomos convidados para um aniversário lá,fomos os três, eu,Carmen e João Candido. A casa dava para o morro e nós tivemos ocasião de subi-lo até boa altura e descortinamos Botafogo,o que era então um acontecimento,pois nesse tempo,não havia arranha-céus,que tornava isso coisa banal..

Nos nossos passeios da tarde,sempre comprávamos balas,para nos distrairmos no caminho,eu não gostava muito de dá-las a Henriqueta,essa com a gulodice natural das pessoas mais velhas,reclamava e dizia:

- que menina má,suvina!

Carmen,que era sua predileta dava sempre das dela.Henriqueta,então dizia logo:

- Deixa está,mia fia, quando eu tive meu dinheiro, também dou só a você. E´ que ela jogava no bicho e seu dinheiro ia muito nesse vicio!

Nossas brigas

Eu e Carmen brigávamos muito,mas era coisa passageira,pois tão depressa nos atracávamos e estávamos de novo brincando

Eu era muito implicante e caçoísta,João Candido não ficava atrás,de modo que nós dois,nos juntávamos para atormentar Carmen. Muitas vezes,quando a

coisa passava os limites,Mamãe intervinha e se a coisa fosse muito feia,à tarde, quando Papai chegasse ,ajustava contas comigo! Eu de vez em quando entrava nuns bolos de escova,esse era o castigo que Papai infligia aos infratores das leis familiares.

Parece que estou a ouvi-lo dizer em tom enérgico:D. Elza, eu comparecia receosa,já sabendo o que me esperava,ele interrogava,,mandava a própria pessoa buscar a escova e dizia:

-Abra a sua mão! E aplicava os bolos.!

Nós quando queríamos mexer com Carmen,caçoávamos das pernas dela,que eram finas. Ela dava uns saltos e caia em cima de nós,e o rolo estava fechado! Mas essas brigas são naturais entre irmãos,uma vez que não haja animosidade,pois agora,passado tantos anos ,não há irmãos mais unidos do que nós!

Angelina

Morava na rua Visconde Silva,uma moça do povo,meio maluca,sua família deixava-a solta na rua ,por relaxamento ou falta de meios não cuidavam dela, de modo que era alvo da curiosidade e da maldade da vizinhança.. Ela devia ter então seus 18 anos,era forte ,loura e usava os cabelos soltos.

Nós crianças,implicávamos também com ela,gritando:

- Angelina,goiaba morreu?

- Ela dizia:morreu...

- De que?De cachaça?

Ela se zangava e corria atrás.Nós então nos metíamos no jardim e fechávamos o portão

É que ela se julgava noiva dum fulano, a que apelidaram de goiaba, mas ela não queria que fossa de cachaça! Hoje, penso, que ela tinha perdido o juízo, com a morte de algum noivo mau!

O casamento de tia Laura

Morando vovò, numa casa pequena em Soares Cabral, o casamento de tia Laura e tio Henrique, realizou-se em nossa casa, houve lanche e recepção. Eu me lembro bem do meu vestido, era cor de rosa com chapéu de palha de Itália, com uma pluma! Papai e Mamãe deram a ela de presente uma caneta de ouro, de presente.

Voluntários da Pátria

Não sei bem porque razão Papai, pensou em sair da casa de Visconde de Caravelas, o certo é que um belo dia, nos mudamos para a rua Voluntários da Pátria, 190 casa 8. Era uma vila de casas de dois pavimentos, com jardim do lado. Nesse tempo, morar em vila é o mesmo que hoje morar em apartamentos, construía-se muitas avenidas, e eram habitadas por famílias bem classificadas. Quando lá chegamos, encontramos diversas famílias boas, e se bem que, que não houvesse o hábito de relações com os vizinhos, travamos conhecimentos com a família Guaraná, com quem nos damos até hoje, lá encontramos também o Dr. Costa Ribeiro, que depois foi juiz, uma família, cujo chefe foi por nós apelidado de “cara de máscara” e que tinha uma filha chamada Dada. Creio que moramos aí um ano, mais ou menos.

Do outro lado da rua morava a família Bernardes, já nossa conhecida de muitos anos, os dois filhos Armando e Lili, tinham um curso e para lá fomos nós, eu e Carmen continuar nossos estudos primários..

Os fundos de nossa casa, dava para a casa da família Hime,,justamente,em baixo de nosso muro era o galinheiro dos patos,nos divertiamos em jogar pedrinhas ou miolo de pão,para eles,mas uma vez eu vi o jardineiro cuspir,e o pato correr e comer tudo,desde ai nunca mais pude comer pato!!

O coleginho Bernardes

As aulas iam de 11 hs. Às 4.Para nós era muito fácil,bastava atravessar a rua,,o que fazíamos levadas pela empregada e à tarde,Lili,nos atravessava de novo.Nesse tempo não havia perigo,pois o Rio tinha muito poucos automóveis,o transito era fácil,só havia bondes,nem ônibus havia!

Foi aí no colégio,que conhecemos Octavio Braga, que mais tarde seria nosso cunhado,casando-se com Maria, a caçula da família.

No curso também estavam os irmãos Costa Neto:Públio, Secundus,Tercio e Quartos.Estava também Sylvinho,o mais moço dos Bernardes. Nesse tempo,Lili,namorava Paulo Azeredo,filho do Senador Azeredo,com quem se casou mais tarde.. Eu muitas vezes servi de”pau de cabeleira” para ela,. À tarde,às vezes ela precisava de companhia e me prendia lá,para poder conversar com ele,então ela me dava “algodão doce”,o homem passava com a carrocinha todas as tardes e eu gostava muito daquilo!

Na hora do recreio,,nós brincávamos no quintal que havia no fundo da casa. Todos levavam sua merenda,mas não havia para nós,nada melhor,que um pedaço de pão com manteiga “Lê peletier” que Jujú a mãe deles preparava

para nós. Eu me lembro que muitas vezes eu não levava merenda propositadamente, para comer aquele pão com uma banana!

Jujú gostava muito de Carmen, só chamava-a : Minha formiguinha, e nos intervalos das aulas ou durante o recreio Carmen ia enfiar as agulhas de linha ou consertar meias.. Nesse colégio nós aproveitamos bastante. Jujú tinha também uma outra filha ,Noemia, que tocava piano, muito bem.

Nossos companheiros

Eu me dava com Diva Guaraná que era mais velha que eu, ela se vestia como mocinha, saia e blusa, alias muito impróprio, e eu queria imitá-la, mas Mamãe não deixava, e eu me sentia diminuída com isso, mas ela tinha razão ,nessa fase da vida, nós não julgamos as coisas devidamente, de modo ,que tudo ou um nada, nos torna infelizes.

Vinha também brincar na vila, um menino que morava nas imediações, chamava-se Luiz Bastos de Oliveira, esse rapaz, mais tarde, morreu tragicamente, despencando do 7* andar ao solo..Ele vestia-se à moda da época: roupa de palha de seda, meias três quartos e chapéu desabado, batido de um lado. Hoje isso seria verdadeiramente ridículo! um menino sair à rua de chapéu! Eu guardei sempre na lembrança, a figura do Luiz Bastos, vestido assim, e mais tarde quando li nos jornais, a noticia de sua morte, me lembrei logo dele assim!

A passagem de Dantas

Foi nessa ocasião, que o General Dantas Barreto passou em grande festa, pela rua Voluntários..Estava tudo enfeitado, nós corremos todos para o portão da

vila,para ver o desfile,vinham muitos automóveis de capota arriada,dentro militares todos fardados.. Dr. Costa Ribeiro,fotografou isso e depois pos numa espécie de marmota que ele tinha em casa,a fotografia. Lá estava João Candido,que tinha sido apanhado,justamente nessa fotografia,. Alguns anos mais tarde,nós tivemos ocasião de ver isso!

O Passeio Público

Em janeiro,tio Carlos ia anualmente à Angra,,passar suas férias forenses. Nesse ano ele e tia Cecília,convidaram Mamãe para ir e levar João Candido,que estava meio magrinho,seria um mês só. E Mamãe concordou.. Carmen foi para a casa de tia Sinhazinha Bahia,,eu e Maria para a de Vovó.

Nesse tempo,Vovó se achava hospedada em casa de tio Sylvio,e este morava dentro do Passeio Público,no Largo da Lapa. Para la fomos nós.

O Passeio Público não era como é hoje,reduzido e aberto,era muito grande e cercado de um enorme gradil,dentro havia além dos canteiros,repuxos,,grandes árvores frutíferas: mangueiras,sapotizeiros,pés de oitis,,pés de cajá-manga,lindas plantas. No extremo do jardim,havia um teatrinho,bar,sorveteria,parece que nesse tempo,era um local mal freqüentado,porque sempre que nós saíamos do jardim particular da casa,Vovó recomendava,que não fossemos para aquele lado.

No principio eu gostei muito de lá,pela manhã,bem cedo,eu me levantava e ia apanhar manga carlotinha,que caia no chão durante a noite,apanhava também sapotis e oitis..Edith,Lulu e Carmen iam passar o dia lá e nós bricávamos muito.Nós descobrimos que no tal bar,vendiam um sorvete de creme,muito bom,então quando Papai,ia à tarde,nos ver,dava sempre dinheiro para

mandarmos comprar. Imagine, que um copo cheio, era 500 reis.! No principio,era a empregada que ia,,depois nós conseguimos licença de vovó para irmos também. Uma noite,tia Corina,quis sorvete pois Pedro Rebuá, que estava namorando-a,ia lá.Eu fui então com a empregada comprar.Estavam representando no teatrinho e eu aproveitei para assistir um pouco;achei lindo,eu nunca tinha visto teatro! Era um cançonetista que cantava uma música e letra que se referia ao jogo de futebol,que tinha aparecido nessa época no Rio,ele cantava assim:”futebolar,futebolar é o joguinho da moda e fazia com a perna como se desse um chute,eu gostei muito,e nas noites seguintes,fugi de casa para ouvir o teatrinho,mas depois levei um bom pito de Vovó,dizendo “ que menina não via essas coisas indecentes...! Foi ai, que ouvimos pela primeira vez,uma música que teria depois ,grande sucesso:O meu boi morreu...!

Tia Corina gostava de nos vestir de moças,botar chapéu e nos preparar com roupas de gente grande,existe até uma fotografia nossa no jardim da casa,vestidas assim.. Próximo à casa de tio Sylvio,moravam os jardineiros do Passeio Público,eram portugueses sérios,um deles o Sr. Joaquim gostava muito de Maria e ia sempre pedir à Senhora D.Lily,para Mariazinha conversar com ele.Certa tarde,convidou Maria, para jantar com ele,o que Vovó permitiu,indo então tomar a sopa dos portugueses,creio até que ele deu uma lembrança a ela..Papai ficara morando em casa,com uma empregada que era a cozinheira,cozinhando para ele,ela chamava-se Carlota ,era clara e tinha um dente de ouro na frente..

Carlota gostava muito de mim e eu dela,.Quando ela saia aos domingos,para ir em casa em Marechal Hermes,eu escolhia a roupa que ela ia sair,a toilette da minha predileção era:saia marron com blusa de crepe da china,cor de rosa ou

lilás,eu dizia que assim ela ficava muito bonita...ela que já não era criança, ficava muito contente.

Não sei porque razão,penso que me aborreci com tia Corina,além disso eu achava Pedro Rebuá muito enjoado,o certo é eu pedi a Papai para voltar para casa,e ficar durante o dia em casa com Carlota.. Ele consentiu nisso e eu vim embora para Botafogo. Passei aí uns dias ótimos,até o regresso de Mamãe.Carlota fazia a comida que eu gostava,era uma calma absoluta durante o dia,além disso vovó me obrigava a fazer crochet,pois achava que menina não ficava nunca desocupada,eu não gostava nada disso,tanto assim que os meus trabalhos ficavam sujos de tanto ela desmanchar,para eu recomeçar o que estava errado ! Lembro-me bem dum pano aberto e fechado que acabou preto e a linha mole,de tanto ela desfazer o serviço feito,eu acabei nunca sabendo fazer crochet. Vovó também não consentia que nós assobiássemos dentro de casa, e se acaso ouvia algum assovio,dizia logo:

- Quem é o moleque da casa? E invariavelmente,terminava a reprimenda ,dizendo: homem que chora e mulher que assovia não prestam!

Mamãe afinal chegou no fim do mês de Janeiro,todos voltaram para casa e a vida continuou seu curso normal.

A doença de Papai

Pouco tempo depois,Papai feriu a perna e isso degenerou em uma úlcera,ele que estava embarcado no C.T. Mato Grosso,teve que ficar em casa de perna esticada num divan,durante quatro meses. Nesse período vieram visitar-nos o Tenente Rosière e o Tenente J.C.da Graça,,oficiais que serviam a bordo com ele,e seus camaradas.Pouco tempo antes eles tinham feito uma viagem de manobras ,como faziam sempre,desta vez para Santos. Lá eles conheceram as

moças com quem se casaram,o interessante disso é que quem viu a noiva de Rosière primeiro foi Papai. E chegando a bordo disse: “Seu Rosière hoje eu vi uma moça muito bonita e distinta, estava muito boa para você. . Pois bem,o Rosière,conheceu-a em seguida,e foi com ela que ele se casou.. Eu me lembro bem de quando eles foram lá em casa fazer a visita de casamento.,ele um rapagão moreno de olhos verdes,ela,muito bonitinha,mimosa e chic,o que me impressionou foi o chapéu que ela tinha,todo enfeitado com cabecinhas de pássaros.

Papai,saia sempre em viagem e nós todos chorávamos,porque víamos Mamãe chorar.Eu me lembro que uma vez eu não senti vontade,mas chorei com medo que dissessem que eu não prestava!Mas a verdade é que ele ia só passar vinte dias na ilha Grande.

Durante a doença de Papai,Mamãe teve a infeliz idéia de fazer papai me ensinar as lições do Colégio. Foi um desastre,pois ele estava nervoso,de se ver assim imobilizado,,de modo que não tinha paciência. Quando eu ia estudar Geografia,as montanhas da América do Norte,eu errava sempre,em vez de montes Alegans,eu dizia Montes Rochosos,e vice-versa. Papai acabou me batendo,por causa disso,quando por acaso se falava em montes Rochosos,ele imediatamente olhava para mim com olhar significativo. Ele adorava ter alguma coisa para implicar. Afinal ,Papai ficou bom da perna,e voltou para bordo.

Nós gostávamos muito de ver o café que Papai tomava antes de sair,ele se habituou com o sistema que usam nos navios,o que aliás é muito inteligente,ele se sentava na cabeceira da mesa e nós à volta,a copeira então servia um bom bife com 2 ovos estrelados em cima,uma boa chicara de café com leite e pão quente com manteiga,às vezes queijo também. Papai não passava sem sopa no jantar que ele pulverizava com pó de aipo.Gostava

também de comer carne assada com um pouco de molho em cima e farinha,tanto assim que em nossa mesa, havia sempre uma farinheira de farinha torrada..Ele era desde pequeno apreciador de maçãs,era comum ele chegar de tarde,com um embrulhinho delas ,para casa..

Certa tarde,eu fui à cidade com Mamãe,lá encontrei com Alfredo Niemeyer,,ele então pediu à Mamãe,licença para me oferecer uma lembrança. Enquanto ela ficou no dentista,eu sai com ele. Alfredo quando a sós comigo,perguntou o que eu preferia uma boneca ou um anel.. Eu calculando que o anel fosse mais caro, escolhi a boneca. Ele comprou então uma de massa com o rosto de biscuit,que trazia o nome de Lua,no fundo eu desejava o anel.. Essa boneca eu conservei muitos anos,foi Heloisa minha filha ,quem acabou com ela quando tinha 3 anos.

Nossa primeira viagem à Angra

Em junho desse ano,Mamãe resolveu voltar conosco à Angra,,isso foi um grande acontecimento em nossa vida,tínhamos sido habituados a sair de vez em quando para uma chácara,nesse tempo mesmo vovó se achava em Jacarepaguá ,numa casa na rua Candido Benicio,e por sinal que lá eu assisti a mais bonita festa de São João da minha vida,foi em casa de um casal idoso e vizinho dela, o Coronel Vaz Lobo. De modo,que ir para fora era para nós uma coisa ótima.. Tudo foi preparado,Mamãe convidou uma sua prima Zilda Guimarães, para passar esse mês lá,Carlota,nossa empregada também foi,só Papai ficou em casa,ele almoçava a bordo e jantava fora.. Eu me recordo que eu tinha um travesseiro de estimação,eu só sabia dormir com ele,e na hora de arrumar as malas ,Mamãe não quis levá-lo,alegando que ia tomar lugar e lá havia número suficiente para todos..Eu fiquei contrariada,Carlota então me

chamou à parte, e disse, deixe que eu levo na minha mala,e assim foi.Quando nós embarcamos,lá foi o travesseiro na mala de Carlota.! Esse travesseiro me acompanhou,até bem pouco tempo,pois eu o trouxe comigo,quando me casei! Nessa época mesmo,eu o tinha há muito desde do meu sarampão!

Angra

Angra dos Reis,aquela secular cidade,situada no litoral do Estado do Rio,com sua linda baía,marcou um traço indelével de saudade e teve uma grande influencia em nossas vidas,enquanto nós vivermos,haveremos de ter um sentimento de afeto, por aquela pequenina faixa de terra,apertada entre o mar e os morros. Angra foi uma rosa colhida nos jardins de nossas vidas,que nunca murchou, e continuará viva até a nossa morte. Ali nasceram os nossos antepassados Brasil,ali nós brincamos ,ali nós vivemos....

Vocês,meus filhinhos que vivem nessa época atribulada,que nasceram ns gaiolas dos apartamentos,não podem avaliar,o que fosse ou o que seja a liberdade e a alegria das crianças que um dia viveram em Angra,quem nunca conheceu a roça,não sabe o que é ter tido infância!

A cidade,quando lá chegamos,nos pareceu velha,pois de fato o era,pouco desenvolvimento tomou,era como se dizia então uma cidade decadente

Nós tínhamos saído do Rio de navio,à bordo do Ubatuba,do Loide.Papai ao mesmo tempo,saia para manobras n ilha Grande,no seu distroier. Nós pegamos um temporal horrível,o navio fez água e só chegamos à Angra de noite.. Lá se achava no cais o bote da família,com os remadores,nos esperando para nos levar para o “Chalet”,como chamávamos a antiga fazenda da Chácara. Como era natural,pouca coisa,vimos,além disso enjoamos muito a bordo,estávamos todos fatigados. Quando chegamos em casa,encontramos

uma casa antiga, iluminada com lampeões de querosene, tudo nos pareceu estranho, mas naquela idade tudo é pagodeira.

No dia seguinte, pela manhã cedo, nos levantamos, e fomos para fora, era junho, fazia muito frio,. Nós ficamos encantados com os bois, os cavalos e as vacas, que nesse tempo eram muitos e todos de tio Carlos.

Amanheceu um bonito dia, a relva estava coberta de orvalho que nos davam a impressão de brilhantes ao reflexo do sol. Havia em torno da casa um pedaço de terreiro limpo, e depois, mais para adiante, começava a relva, em frente à casa, existia e ainda lá se encontra uma enorme mangueira, num dos oitões da casa, um pé de manacá, tinha também cajueiros, sendo que um deles, fora plantado por meu padrinho e tio-avô, Octavio Brazil. Vimos as goiabeiras, os pés de cambucá, na parte que ficava aos fundos da casa à esquerda via-se um grande bosque de jabuticabeiras, onde nós bricávamos durante o dia.. Nesse mesmo lado, no fundo encontramos a cachoeira, que nesse tempo, tinha uma queda muito boa., a água era fresca e limpa.. Tinha também as ruínas da sede da antiga fazenda, onde residiram nossos quadri-avós

Essas ruínas ainda lá estão e vê-se bem o lugar onde castigavam os escravos. Perto da cozinha, no quintal, havia o quarto dos empregados e o curral, isso hoje não existe mais. A casa que era no feitiço de um chalet, tinha quatro quartos, duas salas uma boa cozinha, o quarto destinados a guardar os arreios, e o banheiro que aliás era muito primitivo.

Encontramos alguns empregados antigos, David e João, que era conhecido como “camarão”, ambos netos de escravos de nossos bisavós, alguns agregados, uns antigos como o velho João Ferreira,, que já carregara Papai e Tio Carlos nas costas, o Nilo violeiro,, os dois irmãos Carneiro, o Juca Pimenta, alcunhado de “poronçoça”

Ai,nos instalamos por um mês,que por sinal foram deliciosos. Travamos nessa ocasião conhecimento com os carrapatos,que nessa época do ano ,eram miúdos,com o bicho de pé,mas,nós nem ligávamos a isso ,queríamos brincar.

A vida era monótona para Mamãe,mas alegre para nós,como ficássemos sós Mamãe,tinha em seu poder o revólver de Papai, e teve ocasião de usá-lo. Certa noite,ouvimos barulho do lado de fora,Mamãe não teve dúvida,abriu a janela e atirou.João que estava no quarto de fora,apanhou a lanterna e foi ver o que havia,mas com surpresa geral apenas uma vaca ou um cavalo,andava à volta da casa dando a impressão de passos...

Vovó Luisa

Hoje,meus filhinhos,vou falar a vocês sobre nossa bisavó,Luisa Angélica de Azevedo Brasil. Quando a conhecemos ela já passava das 80 primaveras,como vocês poderão imaginar,seu rosto parecia um pergaminho

Vovó Luisa como nos chamávamos era natural de Capivari, cidade localizada junto a Angra,hoje ela tomou o nome de Lídice, casou-se muito cedo com nosso bisavô Joaquim Brazil, e veio morar na fazenda em Angra,. Aos 25 anos ela enviuvou com quatro filhos e tendo como meios de subsistência o que tirasse da terra,nesse tempo as fazendas davam pouco rendimento,de modo que ela teve que voltar a lecionar,pois ela era professora em Capivari,assim aquela moça,montava a cavalo,levando em dois cestos de cada lado da montaria,os filhos João e Octavio,que não podiam ficar em casa,passava o Pontal, a Japuiba, subia a serra D'Agua e ia à sua cidade natal,dar aulas,para daí tirar seu sustento e educar os filhos. Ela chegou a ser a senhora mais idosa e antiga da cidade,todos a conheciam ,quando ela passava os homens,as crianças,as mulheres,todos tiravam o chapéu e diziam:”A benção ,Nhanhan”.

Quando havia barulho no mato,,à noite,os empregados vinham chamá-la,ela mandava apanhar o candeeiro e ia ver o que havia,se era briga entre os camaradas,à sua chegada,todos paravam,ela passava uma repreensão e voltava.. Tudo estava terminado.. Com sacrifício ela educou os filhos,botou meu avô o Almirante Brasil,na marinha.Essa velhinha valente e enérgica,passou com coragem pelo desgosto de perder todos os seus filhos sendo que meu avô,a pouca distancia de sua morada,na baia de Jacuecanga,no desastre do Aquidabã,como já contei a vocês.

Nessa época sua casa,estava situada,próximo da praia,era uma casa simples,mas como era comum em seu tempo,os móveis, eram antigos,em jacarandá.

Vovó,tinha uns empregados que ela criava,,a cozinheira Maria que tinha duas filhas,Fé e Alda,e os moleques que faziam compras o Benedito e o José.

Vovó,tinha o hábito,de ir à missa na cidade,ela se vestia toda e punha chapéu que era um chapéu que por sinal era um “tocado” e ia para a cidade,se a barra enchia,ela tirava os sapatos,levantava a saia e atravessava o córrego,do outro lado, enxugava os pés,calçava-se e seguia o caminho. Apesar de sua avançada idade,ela escrevia sem óculos,usava espartilho, e ficava indignada se dissessem que ela era velha, respondia logo “velhos são os trapos”. Com ela morava,nesse tempo,uma sua prima,também sua contemporânea,a “a prima Aninha”,como chamávamos.

Para nós,tornou-se logo um acontecimento,ir à casa de vovó Luisa! Em geral ,à tarde, Mamãe ia conosco,até lá ver a velhinha e levar-lhe alguma gulodice,ela também retribuía com o que colhia ou era presentada... O custo de vida lá era irrisório. Mamãe comprava ovos a 40 centavos a dúzia. João Camarão ia à cidade pela manhã,trazia as compras do armazém,o pão,peixe

fresco quando queríamos,nós só comíamos badejo ou garoupa, os peixes vinham enfiados numa embira,pela guelra e não raros ainda vivos.

Todas as semanas, desciam da serra D'Água,dois irmãos,fazendeiros empobrecidos, que traziam suas mulas,com mercadorias para vender na cidade.Deles,Mamaipim,cana,,melado,biju,frangos,ovos,tudo baratissimo.. Nossas refeições,se bem que à moda da roça,eram abundantes,principalmente o lanche onde havia sempre biju,batata doce e aipim cozidos para comermos com manteiga,banana d'água assada,melado e cará,café com um leite ótimo,fresco,tirado das vacas. Nossos horários de alimentação obedeciam ao sistema do interior.Almoço às 10 horas,lanche às 2 e jantar às 6 horas. À noite antes de dormirmos,vinha a ceia,onde tínhamos biscoito,mate e muita cana picada,para chuparmos.

Nesse tempo,banana lá era em abundancia,tanto assim que nós só comíamos a banana maçã,por sinal deliciosas,as prata ninguém comia.. Na sala de jantar ,havia uma mesa onde Mamãe deixava as pencas maduras e nós o dia inteiro íamos buscar para comer.

Nossas brincadeiras

Uma vez,instalados,Mamãe e Zilda,fizeram a vida de adultos,coziam,faziam algum trabalho,enquanto conversavam,nós, as crianças começamos a organizar nossas brincadeiras

Certos dias quando o tempo estava bom,íamos pescar camarão e lagostinha na cachoeira.Para isso nós usávamos ,um cesto de alça,amarrávamos a esta um cordão comprido e nos deitávamos na ponte,mergulhávamos o cesto e assobiávamos,os camarõezinhos vinham para dentro e nós suspendíamos o cesto rapidamente. Às vezes,éramos felizes, vinham alguns grandezinhos,nós

os colocávamos numa lata,para depois de termos apanhado uma boa porção,levamos para a cozinheira,assá-los na chapa do fogão.Assim nós passávamos horas distraídos. Outras vezes,Carmen e eu ,íamos brincar de cozinha,tínhamos nossas panelinhas de barro e Mamãe nos dava,arroz,gordura,tomate,feijão,batata ,sal, e nós fazíamos o fogo, e cozinávamos bem direitinho,,depois chamávamos João Candido e Maria,para comerem também.. Outra brincadeira que nós apreciávamos muito eram as canoas, de folha de palmeira,um se sentava dentro e o outro puxava . As vezes,nós arranjávamos Davi ,João ou os pequenos da casa de Vovó Luisa,para nos arrastar nos dando a impressão de um lindo passeio...

Os cavalos de pau

Como era natural,nós desejávamos andar a cavalo e o fazíamos quando íamos à Missa na cidade.

Por sinal que isso é digno de nota:

Havia um certo cerimonial para a Missa de domingo.... antes de tudo se o tempo estivesse bom...Mamãe combinava com Zilda,chamava David e mandava preparar os cavalos,para todos,exceto Maria,que em geral não ia.. Mamãe ia montada de lado,em geral no cavalo Rigoletto, Zilda do mesmo modo no Bob, eu no Rip,finalmente David ia acompanhando montado noutro cavalo levando Carmen na sela. Na véspera,elas preparavam as toilettes e iam à cidade,a cavalo e de chapéu!!!

Fora esses passeios de domingo,nós não podíamos andar a cavalo de modo que nós o tínhamos os fabricados por nós nos de bambu.... nós cortávamos a ponta para fazer a boca do animal,ali amarrávamos um barbante,que depois

vinha para trás, como rédeas, cada um tinha o seu chicote e passeávamos muito compenetrados, correndo como se estivéssemos montados num animal.

O mais engraçado era quando nós víamos vovó Luisa, apontar na estrada com Fé e Alda, nós gritávamos: lá vem vovó! Cada um montava no seu cavalo, que estava amarrado na porta da cozinha, dava uma chicotada e ia até o seu encontro, correndo tomar a benção e voltávamos na frente dela para avisar a Mamãe a sua chegada.

As modinhas de Zilda

Nossa prima tocava violão e cantava com uma voz bem estridente, mas era uma boa distração para a roça..

A tarde, depois que trocavam de roupa, elas se sentavam nos degraus, da escada da frente e Zilda tocava e cantava modinhas. Às vezes, Zulmira, mulher de David, vinha também com os dois filhos, ouvir, ela achava Zilda, linda... Zilda tinha um repertório grande e variado, como: A casinha pequenina, A pequena cruz do teu rosário, a valsa Cléa, cantava os Homens e às vezes se dava ao luxo de cantar óperas com voz de primadona. A Tosca, era a sua favorita! Nós gostávamos imensamente disso, pois de fato era uma boa distração. Outras vezes, ela cantava à noite, depois do jantar, fazia quadrinhas, enfim nos distraia bastante.

Foi durante essa estadia, que Mamãe, tomou uma empregada, que iria nos acompanhar por cinco anos, Paulina. Ela morava no Jardim, era branca e parecia portuguesa, seu pai se chamava Raimundo e tinha o apelido de “papagaio”, porque falava muito.! Paulina era ativa e trabalhadeira se bem que nesse tempo, muito chucra. Ela logo se ambientou conosco, só ia em casa aos domingos, por sinal que eu é que escolhia o vestido que ela devia sair, eu

achava suas toiletas bonitas... imagine que o meu preferido era um cor de obrêa, com um pouco de brilho todo enfeitado de renda e estas enfiadas de fita! quando ela ia sair eu dizia logo: Paulina, bota o cor de rosa! Mamãe gostava muito de troçar com Seu Raimundo para fazê-lo falar, então dizia: Qual Seu Raimundo, Angrense, não presta!

- Ele então dizia: “ D. Luisinha, D. Luisinha, eu conheci um grande almirante que era angrense!

Seu Raimundo sofria de erisipela, de modo que tinha uma perna inchada e muito maior, que a outra, isso nos intrigava bastante, nós olhávamos e tínhamos a impressão de que aquilo pegava!

Ele continuava a trazer para nós, mariscos.. Mamãe mandava fazer fritada deles com palmito, o que era uma delícia.

Logo, que nós chegamos lá, ele apareceu uma manhã, às 6 ½, eu me lembro bem, despontava um dia lindo, o sol começava a dourar, o alto do morro da Toca, onde ainda havia neblina, a relva estava orvalhada, nós ainda não tínhamos tomado café, quando ele chegou trazendo para nós e Mamãe, banana ouro. Aquilo foi uma festa, nós imediatamente comemos as bananas, apesar dos protestos de Mamãe, pois naquele tempo, pensavam que banana com leite, fazia mal!

O Loyde

Morava na cidade, um agente do Loyde Brasileiro, ele era um rapaz solteiro e nos seus lazes tomava um cavalo e dava um passeio pelos arredores, a chácara era o caminho para o Pontal e a Japuiba e a estrada real ficava bem dentro das nossas terras, como era natural nós víamos, aquele cavaleiro passar todas as tardes por ali.

Nós também descíamos para passear,Zilda tirava os papelotes,fazia umas ondas e belizinhas na testa e o resto do cabelo que era comprido,tranças soltas.Não raro botava saia e blusa e um aventalzinho! Tirava a pomada do rosto,punha rouge,que nesse tempo,era papel vermelho molhado e esfregado nas faces e pó de arroz.

Logo começou o flirt de Zilda como rapaz. Ele chamava-se Augusto,assim o soubemos depois,mas para nós era o”Loyde”. No principio era só troca de olhares,depois ele se aventurou ao cumprimento.! Quando nós o avistávamos ,gritávamos :Zilda,lá vem o Loyde! Quando chovia e nós não podíamos descer,ela o olhava passar,lá de cima,da janela,ele dava uma barretada.

O flirt logo ficou conhecido dos empregados e suas mulheres que achavam graça no caso ,sobretudo Zulmira,que vinha muito ao Chalet, por sinal que às vezes,Mamãe e Zilda,queriam contar a ela,alguma coisa pitoresca e para isso nos punham para fora, o que muito nos intrigava e ofendia!

Depois de nós estarmos lá uns quinze dias Mamãe teve uma contrariedade qualquer com Carlota,a cozinheira, e essa resolveu ir embora para o Rio,eu me recordo bem de sua partida,ela botou uma saia marron e blusa cor de rosa,roupa que eu muito apreciava,despediu-se de mim chorando pois éramos muito amigas e eu a vi desaparecer na ponta da cidade,.Eu também senti muito,pois gostava dela,.Sabia que ela morava em Marechal Hermes,mas nunca mais soube noticias suas!

Era muito engraçado,eu gostava de ver os vestidos das empregadas e escolher as toilettes que elas deviam sair!

Tendo ficado sem cozinheira,Mamãe tomou a mulher de um agregado,a quem nós chamávamos de Benedita do túnel ,pelo fato deles residirem ,perto do túnel da estrada de ferro.. Essa Benedita,não cozinhava nada ,mas fazia umas

galinhas fritas muito boas,de modo que esse era o menu mais usado em casa,até nós voltarmos ao Rio,no fim do mês!

Nosso regresso ao Rio

Terminada a temporada de 30 dias ,nós arrumamos as malas,fechamos a casa,dissemos adeus a Vovó, e aos empregados que tinham nos servido e voltamos para o Rio. Deixamos Angra com saudades,sobretudo,nós as crianças que tínhamos tido um mês de brincadeiras. Mamãe,era natural que gostasse da volta,pois Papai,aqui ficara, e toda a família,Vovó e as tias,ela era muito moça e era justo que a roça a aborrecesse. Lá,estávamos de novo em Voluntários da Pátria., Carmen e eu voltamos ao colégio e a vida recomeçou com antes.

À noite,depois do jantar,Mamãe permitia que brincássemos um pouco do lado de fora,ai nós organizávamos as nossas distrações: era o chicote queimado,o jogo das barquinhas, amigo ou amiga e finalmente as brincadeiras de roda;e como sabíamos cantigas apropriadas...O cravo brigou com a rosa,o anel da pedra verde,lá do céu caiu um cravo,passa-passa gavião,vamos passear no bosque enquanto seu lobo não vem,eu sou pobre,pobre de marre de si e outras que não me ocorrem agora.Issso durava até as 8ou 8 ½ ,depois disso éramos chamados,para dentro,por Julieta,uma outra empregada que Mamãe trouxera de Angra,,por sinal que era uma cabocla muito bonita,,filha de um agregado chamado Querino . E assim a vida continuou, para todos,mas nós crianças sentimos saudades da largueza e da liberdade da roça,de modo que nosso maior desejo era tornar à Angra,o que fizemos mais tarde...

Eu ia esquecendo de contar outras cantigas e brinquedos que nós usávamos muito nesse tempo,uma era cantiga de roda:

Teresinha de Jesus
De uma queda e foi ao chão
Acudiram três cavaleiros
Todos três, chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que a Teresa deu a mão

Teresinha levantou-se, levantou-se
Lá do chão
E sorrindo disse ao noivo
Eu te dou meu coração...

Havia:

Bento, que bento é o frade
Na boca do forno - forno
Tirai um bolo - bolo
Tudo que seu mestre mandar, faremos todos.. O que o mestre mandava, fazer
alguma coisa, todos tinham que ir correndo e o que chegasse por último, levava
um bolo.

Nosso projeto de ir à Angra

Em janeiro, do ano seguinte, Mamãe, projetou outras férias em Angra, assim foi
marcado o dia, as malas foram arrumadas. Papai, chamou na véspera o guarda

noturno e pediu que batesse na porta de casa,às 5 horas,pois nós deveríamos tomar o trem para Mangaratiba,às 7 horas. Nós estávamos todos muito animados,esperando voltar à largueza.No dia e hora marcados,o guarda bateu na porta,nós nos levantamos radiantes,mas,uma surpresa desagradável nos esperava. Mamãe,sentindo-se adoentada,botou o termômetro e viu que estava com febre. Era impossível fazer uma travessia de 3 horas e meia,por mar e ir para a roça,onde não havia assistência médica,assim sendo nossa viagem foi adiada com grande decepção nossa.. As malas porém não foram desfeitas,pois a qualquer momento deveríamos partir,mas uma semana se passou,sem que isso acontecesse,tudo foi desarrumado e a viagem suspensa..

Em março,tio Carlos e tia Cecília,prepararam-se para seguirem para o Chalet,como faziam vez por outra,durante as férias forenses de tio Carlos. Mamãe resolveu aproveitar a companhia deles,Zilda foi convidada e lá embarcamos todos por um mês,para Angra. Quando lá chegamos encontramos o bote(construído por Vovô) nos esperando com os remadores e os nossos fiéis João Camarão e David. Rumamos para o Chalet,e recomeçamos a vida,que tanto gostávamos Lá estavam os cavalos,as vacas que nos forneciam leite quente pela manhã,nós gostávamos de ver ordenhá-las.

Vovó Luisa logo veio nos ver,acompanhada de Fé e Alda..

Começamos logo nossas brincadeiras e tio Carlos mandou fazer uma casa de bambu,coberta de sapé,perto dos pé de cambucá para eu e Carmen brincarmos de comadre.A casa tinha a forma,mais ou menos de um caramujo,nós fazíamos a comida,havia um fogão de tijolos,nós tínhamos nossas panelas de barro,acendíamos o fogo e cozinávamos de verdade.

Pela manhã,por volta das 6 horas,saiamos para o banho de mar,na praia do Anil,íamos todos à cavalo.Foi nessa ocasião,que Carmen feriu a perna na

correia do estribo,e como não ligasse e continuasse com os banhos,a perna inflamou e ela ficou impedida de sair,precisando até ficar de perna esticada.

Mariazinha,também adoeceu com muita febre,ficou constatado que era infecção intestinal. Mamãe,ficou muito aflita,pois não havia médicos em Angra,assim resolveram passar um telegrama chamando um seu primo,cunhado de Zilda,Hebert Vasconcelos,,que prontamente embarcou para Angra para ver as doentes.

Eu me lembro bem da chegada dele com tio Carlos,na frente,e David atrás. Tio Carlos como sempre montado no Rigoletto,que era o cavalo de sua predileção;ele quando chegava à Angra,transformava-se num verdadeiro fazendeiro. Montava à cavalo,um basto que tinha a frente de metal,chapéu Chile,se chovia usava um “ponche”,perneiras e esporas,chicote de cabo de prata! Lá ia ele com pose dum autentico fazendeiro.

Esse ano a Semana Santa caiu justamente no mês de março,foram uns dias quentes,abafados e sombrios,na sexta feira da Paixão,uma mocinha ,filha de um agregado chamado Ezequiel foi à casa de Vovó Luisa pedir um pouco de farinha..

No caminho,viu uma goiaba madura,numa goiabeira,trepou no pé para apanhá-la,mas o galho era fino,e não aguentou seu peso,como era natural partiu-se e ela caiu com ele.Na queda o pau ,enterrou-lhe na garganta e nela ficou preso.Foi um corre,corre medonho,mandaram chamar Mamãe,que foi logo vê-la e providenciou para que um médico da Escola Naval viesse socorrê-la. Quando este chegou,verificou que nada podia fazer pela menina.. Foi uma sexta-feira horrível e triste aquela,todos os conhecidos iam levar conforto ao pobre pai,ela principiou a inchar,ficar roxa e a voz saiu como um fio pelo orifício feito pelo pau. Mamãe não nos deixou ir ver aquele quadro triste,afinal à tarde,ela faleceu.Essa foi a nota triste de nossa estadia lá,e eu

guardei sempre esse fato,toda a sexta-feira da Paixão,me dá um mal estar que não sei mesmo explicar por que..

Tudo entrou no normal depois disso,nós continuamos nossas brincadeiras,à noite,sempre Zilda tocava o violão,Mamãe organizou um “chiba”(festa local)no terreiro da casa para distrair àquela gente e a nós também.

Findo o mês de Março,nós nos preparamos para voltar ao Rio,lá deixamos novamente Angra e nossos amigos”jecas” e voltamos para casa

Voluntários de novo

Regressando ao Rio,voltamos para nossa casa de Voluntários,onde Papai nos esperava saudoso Papai era muito caseiro de bordo ou do Arsenal ,voltava sempre para casa,chegava,mudava o paletó por um mais leve, e ia sempre para o escritório ou para a sala de visitas,ler.

Nós voltamos ao colégio,eu e Carmen,a vida continuou em sua rotina.,nesse trágico cotidiano,que é afinal a vida de cada um.,na ordem do tempo numa sucessão de minutos,horas,dias e noites,mas que se olharmos num plano mais elevado,é o que Deus nos dá,para a nossa própria santificação,quando cumprimos bem esses deveres e o fazemos por amor a Ele..

Veza por outra tínhamos a visita de Vovó ou de uma de minhas tias, Titina e Sylvia, e o nosso fiel tio Carlos,o amigo de todos os dias e todas as horas.

Nessa época,Mamãe saia muito com D.Laura Alencar, iam à cidade,às matinés de teatro,nas quinta-feiras,ela era muito moça,aproveitava para passear um pouco.

Nós também ,íamos muito com ela visitar essa amiga que ela queria muito bem, brincávamos muito num quarto que havia no quintal,comíamos muita castanha do Pará,,pois D.Laura,recebia sacos,de parentes que tinha lá.

Costumávamos também , ir em casa de tia Sinhazinha Bahia,eu era companheira de Edith, e Carmen de Lulu. Às vezes Carmen,ia para lá dormir e passar uns dias com a madrinha a quem ela queria muito bem.(Tia Sinhazinha era a madrinha e tio Carlos o padrinho)

Assim se passaram os meses de Abril,Maio e Junho de 1917.

Passamos os aniversários de Papai,Carmen e Mamãe.Nós não tínhamos o hábito de dar festas em casa,nem nesse tempo era uso essa exibição de festas,que se fazem hoje em dia.. Botava-se uma toalha melhor,faziam-se doces,,vinham os parentes e os amigos mais íntimos. Os “ grandes” conversavam na sala e as crianças brincavam do lado de fora. Tudo era muito simples,dentro do mais profundo espírito de família. As festinhas eram agradáveis e todo o mundo podia reunir os seus,fossem quais fossem as suas posses.

Essas são as sãs e verdadeiras alegrias da vida que foram quebradas pelo espírito de luxo e competição que há hoje em dia..

Nesse tempo(que não é muito antigo),nós tínhamos um vestido melhor ou por outra uma toilette,para sair, e quando esta ficava usada,era substituída por outra,e ninguém notava que ela fosse repetida,em diversos lugares.

Com o tempo foi introduzido o sistema de mesas enfeitadas com motivos diversos,os doces passaram a ser de doceiras especializadas,os pratos bonitos e custosos. Tornou-se hábito botarem lembranças para cada criança convidada na mesa. Eu tive oportunidade de ir à certa casa em que a aniversariante presenteou seus convidados com melhores mimos do que os que recebeu de seus convidados.. Esse espírito,fez com que muitas famílias,deixassem de

reunir em casa, porque nem todos podiam dispender quantias vultuosas nessas festas. As meninas passaram a se preocupar com os vestidos e a observarem os das outras, enfim, tornou-se uma verdadeira competição, essas festinhas de família.. Hoje em dia, os mais ajuizados, os que quiseram por um fim a esse espírito, festejam o aniversário de seus filhos com uma sessão de cinema ou um lanche fora de casa. A vida simples ,pouco a pouco, foi desaparecendo, dando lugar à idéia fútil do luxo.

Julho de 1917

Em Julho, não sei bem porque razão Papai e Mamãe, resolveram que deveríamos passar uma temporada em Angra. Papai ficaria só em nossa casa de Botafogo e nós iríamos com Mamãe, para o Chalet.

As malas foram arrumadas, Zilda, novamente convidada, o que muito a alegrou, pois ela gostava imensamente de lá., e partimos todos saudosos mas contentes com a perspectiva da largueza e dos brinquedos que tínhamos lá.

Por dificuldade de cozinheira para nos acompanhar, Mamãe, contratou a velha Marcolina , antiga empregada de Alice Guimarães, mãe de Zilda, ela se prontificou a ir conosco.

Chegando à Angra, Mamãe mandou chamar nossa amiga velha Paulina , que veio logo ser nossa copeira.. Nessa ocasião, quem tomava conta das terras, era um rapaz que tinha ido do Rio, contratado por Papai e tio Carlos, chamava-se ele Castorino.

Era um cruzamento de caboclo e sírio, ele era gago, e não completava bem o final das frases.

Não sei como Mamãe, moça que era então, com seus vinte e poucos anos, podia suportar aquela roça, sem distrações, longe de Papai, por tanto tempo, mas ela ia

satisfeita e talvez nós não sabemos,muitas vezes,chorasse com saudades dele e dos seus,em todo o caso tudo suportava e estava sempre alegre. Ela procurava tirar partido de tudo.,organizava “chiba” para os agregados,e se eles o faziam em suas casas,ia com Zilda,eu e Carmen, apreciarmos as danças típicas deles. Marcolina cozinhava muito bem,fazia ótimos doces de goiaba,bananadas.Lá havia muito palmito,mariscos,com isso preparava umas gostosas fritadas.

Para se distrair,Mamãe,mandou fazer um enorme galinheiro,criou galinhas e colheu ovos.Para nós,isso era uma distração,pela manhã e à tarde, dar ração às galinhas,dar milho aos cavalos.Nesse tempo,Papai já tinha dois cavalos,uma égua chamada Morena, e, um cavalo preto de ótima andadura,o Zíngaro.

As galinhas sofriam com Carmen, que aprendeu a apalpa-las para ver se tinham ovos,de sorte que todas as manhãs,as bichinhas eram revistadas,uma a uma. Quando uma galinha cantava,corríamos todos para apanhar o ovo e muitas vezes pegávamos e imediatamente e colocávamos na caldeirinha do fogão para comê-lo cozido.

Mamãe,tentou também fazer uma pequena horta,mas as formigas saúvas devastaram tudo.

João Candido ganhou de tia Sinhazinha Portela,um pônei,chamava-se Miss,nós gostávamos muito de montar em pêlo,mas tantas fizemos que um dia ,a Miss me imprensou de encontro à um canto da sala,e eu me esfolei toda. Aos domingos ,nós íamos à Missa na cidade. Carmen ia na garupa de David,à principio,depois sentindo-se grande para isso,pediu para ir só,passou a sair no Bob,.Um dia,,ao chegar à cidade, Bob empacou,e roçou a perna de Carmen,de encontro com a parede de uma casa.

Nós tínhamos uma cabra chamada “Bibe”,nome esse posto por João Candido,nós gostávamos muito dela ,dávamos milho,e todos queriam levá-la para o pasto..

Certa vez,apareceu lá um cachorro amarelo,muito feio,,cor de bacalhau, João Candido,batizou-o de “Patacho”,nome de um veleiro,que dias antes estivera em Angra,e que nós avistávamos,ancorado no porto,da janela da sala de visitas. Esse veleiro era o “Patacho Caravelas”.

Em Angra, há uma grande quantidade de pássaro:periquitos, e sobretudo uma ave muito bonita,parecida com o papagaio,com o peito roxo e vermelho,chama-se sabiá-cica. Mamãe tinha uma que cantava muito,tinha gaturamo,pintassilgo, e eu um coleiro virado que cantava e era manso..

Depois,nós ganhamos,cada um ,um periquito, e Papai,botou os nomes:Lopes, Soares e Segadas,respectivamente o meu,o de Carmen, e o de João Candido.. Mas os periquitos passavam em bandos,os empregados nos ensinaram a pegá-los

Certo dia,quando o bando se anunciou em gritos,,nós jogamos o milho no terreiro,e preparamos um bambu com um laço de crina de cavalo.Quando eles viram o milho,pousaram mais de cinqüenta,Paulina escondida no canto da casa laçou um,mas o bicho quis bicá-la e fugir,ela segurou-o pela cauda,com o esforço,esta saiu toda e ele ficou um cotoco,preso no laço. Nós cortamos uma asa,para que não voasse,e,ele ficou sendo de Paulina com o nome de “Sureco”

Não sei ,porque razão,Mamãe, precisou vir ao Rio,,e nem me lembro se viemos,creio que sim. Foi apenas por uma semana,quando voltamos, Mamãe,achou 100 ovos,colhidos na nossa ausência! Vovó Luisa presenteou Mamãe, com um galo de Natal,,muito bonito,ele era preto,mas as penas eram meio douradas. Ele era muito zangado. Quando um frango começava a virar galetto,tinha que ir para a panela,senão ele matava de pancada! Até nos animais é assim,só os fortes vivem...

Em setembro, desse mesmo ano,Papai resolveu pedir para servir na Escola Naval,que era então em Angra;foi nomeado,lá havia residência para os

oficiais,mas a casa que nós deveríamos ocupar,ainda estava habitada,assim sendo ele devia ficar uns tempos no Chalet,aguardando que ela vagasse.

Nossa casa,de Botafogo, foi desmontada,tudo foi encaixotado por Marcolino,e enviado para Angra.

Com satisfação de todos,Papai,chegou ao Chalet,e ia todos os dias para a escola,montado no Zíngaro,seguido de David,que trazia de volta o cavalo,e à tarde ia buscá-lo de novo.Parece que estou vendo chegar à tarde,de farda mescla, com seus galões de Capitão Tenente..

Agora,passados tantos anos,fechando os olhos,parece-me vê-lo virar a ponta da cidade., e ouço seus passos entrando na sala de visitas,! Quando somos crianças,não avaliamos o quanto o tempo é veloz,como tudo passa rápido,nem imaginamos que mais tarde,esse pequeninos nadas de todo o dia,são marcas que assinalam nossas vidas para sempre! Quantas saudades temos desse tempo que para nós foi tão feliz!

Em Angra,grassava muita sarna, e nós todos apanhamos,inclusive Papai,ela foi em forma de furúnculos,por essas coisas. ele detestava a roça. Isso,é um mal que provém dos carrapatos.

Marcolina sofria uns ataques de reumatismo,tanto assim que tinha uma das mãos mais inchada que a outra,além disso,tinha qualquer coisa que ia para a cama e não podia trabalhar. Depois de estar lá uns dois meses ela adoeceu e alem disso brigou com Zilda,de modo que resolveu não continuar lá.. Veio para o Rio,nós ficamos sem cozinheira.

. Mamãe,coitada,teve que se arranjar,com a gente dali que pouco sabia fazer de cozinha.

Mas,nós estávamos para ir para a Tapera(como era chamada a enseada de Baptista das Neves),de modo que remediamos as coisas até que nossa casa vagou.

Alfredo,o antigo copeiro da casa de Vovô,servia então na Escola,de modo que ia sempre,quase eu diariamente nos visitar no Chalet. Ele nos falava da Taperinha,das famílias, e das meninas de lá..Eu já conhecia algumas de vista,da missa,por sinal que havia uma com quem antipatizava,sem saber bem porque,nem sabia o seu nome.. Com ela entretanto,eu iria me dar muito,mais tarde.

Antes de nos mudarmos,Papai e Mamãe,pensaram em me mandar para o Rio,estudar,mas em boa hora desistiram.

A Tapera

Em fins de outubro ,a casa n*1,que nos fora destinada vagou, nós arrumamos as nossas coisas e nos mudamos para lá.

Começava para nós ,uma fase de nossa vida,que havia de deixar para, sempre um rastro, de saudade e de felicidade.. Ai,estivemos quase dois anos,foram anos de alegria,de paz,onde nós firmamos sólidas amizades, que nos acompanhariam sempre.Enquanto nós vivermos nos recordaremos desse tempo bom com saudade,!

Havia ali uma pequena sociedade,eram 14 famílias ,o Almirante diretor,que era um senhor viúvo,recebendo apenas como hóspede,um sobrinho. Os aspirantes,,na escola,os professores que iam semanalmente para as aulas,,os médicos,esses todos residiam na casa dos oficiais solteiros,junto à escola. Grande parte dos oficiais,eram colegas de turma de papai,sobretudo dois que eram seus amigos, o Comte. Bardy que era nosso vizinho,morava na casa n*2 e o Lindemberg que morava na 14..Havia também o Mario Jr. E o Roberto Gama,o Frederico Coutinho,todos seus colegas.

Nós chegamos à Taperinha,de tarde. A casa era toda mobiliada pelo governo,de modo que Mamãe e Zilda,começaram logo a arrumar. Mas grande foi a decepção de Mamãe, ao abrir os caixotes das louças,quase tudo estava quebrado, as louças de Limoges, estavam muito partidas,devido à má acomodação feita no Rio,nada mais se podia fazer a não ser arrumar o que estava salvo.

No dia seguinte,pela manhã,nós fomos para fora, e como era natural,nas crianças entramos logo em contato com as que estavam lá.

Era de praxe,as famílias visitarem a que chegava,de modo que dias depois,Mamãe começou a receber as visitas das famílias moradoras,e fazer relações com elas.

Nossas primeiras amizades

No dia seguinte,eu e Carmen fomos para fora,e entramos em contato com as filhas do Lindemberg,Elza ,minha xará,da minha idade,comigo;Ruth com Carmen,e Ema com Maria..Travamos relações,também com os filhos do Bardy; Caio,Paulo,Lívia,Cláudio e Tito..Claudio que era conhecido,na intimidade,conhecido por Tôtô tornou-se amigo de João Candido.

No principio,Mamãe,não nos queria na porta de casa,mas nós logo nos libertamos e começamos a correr tudo.

Havia também as filhas do Barros de Azevedo,conhecido entre os colegas por Barrinhos,;Cinira e Adahiyl,,essa ultima,,se bem que da minha idade,parecia muito mais velha,era mais desenvolvida e vestia-se como mocinha. A principio elas olhavam de longe,sem dar confiança. Cinira tinha ares de mocinha, e usava o cabelo comprido,solto nas costas.. Nesse tempo era

assim,quando começavam a crescer as meninas usavam deixar o cabelo comprido.

Assim,nessa nova etapa que começava ,nos organizando nossos brinquedos com os novos amigos, tomávamos banho de mar juntos pela manhã e à tarde,conversávamos e passeávamos debaixo das árvores frondosas,que se alinhavam ao longo da Taperimha,em frente das casas..

Mamãe,tomou logo cozinheira,Paulina nos acompanhou para arrumar a casa,e um empregado foi contratado para a copa e compras na cidade,não sei qual foi o primeiro, mas,me recordo bem de Luis Barra,que esteve conosco até nosso regresso para o Rio em 1919.

Nós jogávamos nesse tempo muito “gude”e chegamos mesmo ao futebol.Carmen e João Candido brincavam de “bodoque”. Ao lado de nossa casa havia uma colina,eles costumavam subi-la e lá preparavam as pelotas de barro molhado,punham para secar,depois de prontas,faziam as guerras

A primeira festa

Quando lá chegamos ,estava sendo preparada e ensaiada,uma festa que constava de um teatrinho representado pelos meninos e meninas,filhos dos oficiais..O original era do Frederico Coutinho e a adaptação musical de D.Mariquinhas e Roberto Gama.O motivo da peça era de fundo religioso:era a história de pescadores,que saiam ao mar, para a pesca e um temporal se anunciava. As famílias então rezavam à Nossa Senhora,que lhes aparecia e comunicava que ouvira suas preces e ia interceder por eles.. Uma parte era dialogada e outra cantada,aparecia o vento(Celso Coutinho) que cantava,havia namorados,que também cantavam em dueto,mas,o interessante disso é que o Coutinho ,que era um puritano de marca fez questão que os namorados da

peça fossem dois irmãos: Ruth e Rubem Gama, pois eles tinham que ficar abraçados e isso poderia dar em namoro...

Eles logo criaram um lugar na peça para mim, e outro para Carmen. Eu era a mulher do pescador mais velho, e Carmen, era a agulha da bússola, pois todas as peças de um navio apareciam ali; a vela, o leme, a verga etc. Eu me lembro que na hora da representação eu não quis botar carvão no rosto. Achei feio, então D. Mariquinhas me fez ver que num teatro de verdade, eu teria que me sujeitar a isso, mas nada me convenceu de me mascarar, e entrei em cena só pintada. Adahyl foi Nossa Senhora, pois além de muito bonitinha, tinha nessa ocasião os cabelos quase nos ombros, e eram ondedados.

Todas as famílias assistiram a festa, alguns aspirantes que não tinham ido para férias, os marinheiros e até algumas famílias da cidade

Depois desse quadro, houve um outro, o Presépio, nesse Carmen era Martha, a fiandeira, Ruth e Rubem, São José e Nossa Senhora, eu não me recordo que papel tive.

A visita do Benjamin Constant

Pouco tempo depois de estarmos lá, chegou à Tapera, o navio-escola Benjamin Constant, foram para nós dias de festas, sua entrada na enseada de Baptista das Neves, foi uma beleza, estava um dia maravilhoso, ele entrou à vela com os guarda-marinha, que vinham de viagem de instrução, e oficialidade toda de branco, na tolda, cantando “O Cisne Branco”

Em seguida, eles desembarcaram e fizeram uma passeata e ao som da banda de bordo, marcharam cantando esse hino, que ainda não era como é hoje, o hino oficial da Marinha.

Nessa ocasião,Papai convidou um colega que se achava a bordo,para jantar ou almoçar,em nossa casa,se não me engano foi o Comte.Eugenio de Castro. Nós ficamos encantados com o espetáculo bonito que vimos e tivemos a ocasião de conhecer diversos guarda-marinha que desembarcaram.

Nossos amigos aspirantes

Como eu disse antes,alguns aspirantes não vieram logo para o Rio,ficaram na Escola ,logo que começaram as férias,algumas famílias os obsequiavam sobretudo nós que Papai era o ajudante do Corpo de alunos,isto é o oficial que toma conta dos aspirantes. Eu conversava com todos mas depois da partida da turma,intensificamos nossa amizade com o Oswaldo Pederneiras, o Herculino Cascardo,, o Raymundo Aboim.

Certo dia,o Cascardo me disse que tinha vontade de comer um doce bom,eu então pedi a Mamãe, e ela fez um prato de quindins e eu levei para ele ,que ficou contentíssimo. O Pederneiras,me ensinou a patinar,me segurava para não cair,patinávamos dentro da escola,nas galerias.À tarde,eles tinham permissão para virem à Taperinha,conversar e nós podíamos passar para o lado da escola,o que durante o ano letivo,era proibido. Assim nós fizemos boas amizades com os rapazes. Dessa turma,faziam parte entre outros: Aristides Garnier, Durval Reis, Roberto Lissou,os já citados,o Bertino Dutra e outros.

Quando eles partiram em viagem de instrução, o Aboim,escreveu para nós,meninas uns cartões muito interessantes, e assim o Mioba,para brincar conosco,esses cartões, tinham escrito dizeres como esse: “Longe de ti não poderei viver”Eu tive o meu durante muito tempo ,quando estava para me casar,rasguei-o. Havia também o Lissou,que por sinal foi muito grosseiro comigo,,na hora de embarcar, de dentro da lancha, disse que me enviaria de

presente “um cacho de bananas” Papai, ouviu, e “só olhou para ele”, ele ficou pálido. Quando Papai olhava zangado, não era brincadeira!

Minha amizade com Adahyl

Pouco a pouco, eu fui me aproximando mais das filhas do Barrinhos até que Adahyl tornou-se minha maior amiga e companheira. Nós nos dávamos todas, mas eu deixei Elza Lindemberg, de lado pois achava-a meio prussiana e mais infantil e passei-me para a outra, que tinha ares de mocinha. Além disso a casa delas era mais alegre, D. Pequeninina, sua mãe, o pai e as duas meninas tocavam piano. Tinham também dois meninos menores. Waldyr e Plínio, ambos hoje oficiais do Exército.. Periodicamente eles tinham hóspedes em casa, Geninha, uma afilhada que praticamente morava com eles., já era moça, tinha 19 anos, mas fazia perna conosco.. Vinham também Elza Alves e Risi, sobrinhas de D. Pequeninina., Teresa e Diva Segurado, sobrinhas de Barrinhos. Lá o ambiente era natural, falava-se dos rapazes sem mistério, os pais brincavam com as filhas a respeito de namorados, de modo que todos se sentiam bem lá

Papai gostava muito de ver o Barrinhos tocar piano, pois ele o fazia sempre em surdina, até sua morte ele falava no “piano do Barrinhos”

Entre eu e Adahyl estabeleceu-se uma sólida amizade, que continuou no Rio, e até hoje, vez por outra, nos falamos.

Com essa amizade, eu comecei tomar poses de moça, se bem que pela manhã jogássemos “gude” e muitas vezes futebol., mas pouco a pouco, fomos deixando isso de lado, e passamos a fazer alguns trabalhos e nossos passeios, conversando.. A primeira coisa que fiz foi pedir a Mamãe, vestidos

como os de Adahyl e deixar de lado,um célebre à marinheira,,que tinha levado para lá e que passou a ser usado por Carmen,,com grande aborrecimento desta. Nós tínhamos também uns aventais ,tipo mescla cinza,enfeitados de galões de cor,que nós detestávamos,esses também foram herdados por Carmen. Além disso eu tinha ganho de Sylvia Brazil um tailleur azul marinho,de lã, com uma blusa branca bordada eu usei muito no inverno de 1918. Apesar da pouca idade,eu tinha a mentalidade de mais velha, e com a convivência com as outras,comecei a julgar-me uma moça!

Na casa do comandante da escola,então o Comte. Serejo moravam sua sobrinha Juracy,moça de 22 anos;Maria,uma afilhada criada por eles,moça também,os irmãos de Juracy,Tabajara de 16 anos,um rapaz Ubirajara, e um irmão,rapaz pateta, Parajara,morava também um cunhado do comandante,um senhor paralítico,pai de Juracy,que era professor,e fora diretor da Escola Normal de Manaus. Com eles todos nós nos dávamos,fazíamos grupo,e como eram todos mais velhos que eu e Adahyl,influíam muito ,para que nos sentíssemos ou quiséssemos ficar moças à muque.

As aulas com os oficiais

A escolinha

Em princípios de 1918 os nossos pais acharam que precisávamos continuar nossos estudos,então o Almirante pediu uma professora para a escolinha que fora construída lá.,essa professora era do curso primário, e certos oficiais,lecionavam em suas casas dando (a nós maiores) um preparo mais profundo. O Bardy ensinava Português,Lindemberg ,francês,Papai dava matemática,o Del-Vechi,dava um pouco de física..Pela manhã nós tínhamos a aula com os oficiais e do meio-dia às 3 horas,aula na escolinha.

Foi com o Comte.Bardy que eu aprendi português e a conjugar bem os verbos,tanto que ao voltar ao Rio,pude ir para o Sion,para um ano que hoje corresponde ao 2* ginásio.Nós gostávamos muito das aulas dele,eram alegres ,todo o tempo ele pilheirava e contava coisas engraçadas..Ele tinha apelidado Adahyl,de “Cajaibas” e como nós éramos amigas ,eu passei a ser “Cajaibinhas”,só nos chamava assim.

Onde o Bardy estivesse,todos estavam rindo,era a nota alegre do lugar,contrastava com D.Sylvia,sua mulher,se bem que fosse afável e educada,nada tinha de parecida com ele. O mais interessante ,é que ela só o chamava de “Niculau”,quando seu nome era Antonio..Livia ela só chamava de “pele de onça”porque tinha sardas,,Paulo,Patú, e Caio,Caiô,.O Bardy tinha sempre uma piada,um apelido para cada um,.Certa ocasião ele para brincar fez um verso para cada um dos filhos dos colegas, e para nós ,foram essas quadras:

Elza- Por ser a mais velha,vigia

Os modos dos outros três
De noite,dorme ,e de dia
Descansa,do que não fez.

Carmen- Bonita,esguia,fininha,

Descalça,mostrando o pé,
Mais parece uma garcinha
Que fugisse do Chalet

João Candido- Sentado a um canto da sala.,

Fininho,esguio e sutil,
É tal qual um bengala
De um galho de pau Brasil

Maria - Se estás à vista

Com teu chapéu ,por aí,
Lembras logo uma modista
Da madame Dowigy

O Bardy caçoava muito com Maria,por conta do tal chapéu.Nessa época havia na rua do Ouvidor ou Gonçalves Dias, uma chapeleira francesa,tida como elegante,chamada Mme.Dowigy,as “granfinas” desse tempo,eram assíduas da loja.O chapeuzinho de Maria ,não podia ser de lá,de modo que essa brincadeira deixava Maria bastante encabulada.

A escolinha

Às 11 horas,Papai, vinha da escola,para o almoço.Nós fazíamos a refeição todos juntos e depois eu e Carmen,apanhávamos nossos livros e cadernos,e saíamos para a aula da tarde. Íamos nos encontrando com os outros colegas,esperávamos às vezes a professora que morava na cidade,chegar de lancha e ao meio dia começava o curso.

D, Maria era uma mulher, muito fria, e sofria de “ôvo”.Havia dias que chegava bem ,tinha paciência,explicava tudo bem,outros dias já chegava zangada,brigando com todos,,nós dizíamos que nesses dias ,ela tinha brigado com o marido,em casa,e descarregava tudo em nós.Por sinal o marido dela era um”fulano”muito insignificante e chamava-se Paulo,a mulher mandava nele ,um bocado.

Suas roupas eram horríveis,nós então descobrimos que o dia que ela botava saia marron com blusa rosa,era briga na certa,o dia que vinha de saia azul marinho e blusa azul claro,estava mansa.

Aquelas três horas de aula ,era um sacrifício,para nós,ficar presos tanto tempo,num dia ,às vezes tão bonito,quando podíamos estar no mar,nadando!

Às três horas ,quando ela tocava a sineta,de saída,nós mal apanhávamos os livros e saíamos como loucos dizendo :Vamos cair n'água? Todos diziam:Vamos!

Íamos em casa,tomávamos um lanche rápido,mudávamos de roupa, e corríamos para o banho ,que durava mais de uma hora!Nadávamos,mergulhávamos da ponte ,em diversas posições.

Mas D.Maria era uma senhora preparada e ensinava bem,ela lecionava piano,também tanto que Adahyl e Cinira,eram suas alunas.Muitas vezes,Adahyl fugia das aulas para ir para o mar.,dando sempre uma desculpa à professora,mas ela não caía na conversa e ia se queixar à D.Pequenina.

A chegada dos Aspirantes

Em março de 1918,chegou a nova turma de alunos para o 1* ano.Nós ficamos alvoroçadas,já estávamos nos sentindo moças...imagine!vinham rapazes,nós poderíamos dançar,arranjar namorado...o que de fato aconteceu. Papai foi assediado pelas meninas com perguntas,queriam saber o nome dos novos aspirantes,,indagavam também de Mamãe,eu porém nada perguntava,porque sabia que Papai me daria um fora em regra.

Afinal,nós tivemos ocasião de ver os rapazes e em pouco tempo,travamos relações com todos eles.. O Almirante diretor tinha um sobrinho o Henrique Thedim Costa e um primo,José Siqueira Thedim,o Henrique era irmão do José Octavio,muito nosso conhecido,pois quando chegamos à Tapera,ele estava passando uma temporada com o tio,por sinal que ele pegou um namoro com Zilda, e Papai não gostou disso,pois eles ficavam sentados na muralha do

mar, conversando ,quer de dia quer à noite,,e isso foi comentado pelas famílias,além disso,ele só tinha 21 anos e ela devia andar pelos 22 anos.Depois Zilda voltou para o Rio e o negócio acabou..

José Thedim,mais tarde,me aproximou da irmã,de quem fui amiga,e ele coitadinho veio a ter morte trágica,quando Capitão de Corveta, estava em Comissão no Loyde, e o navio que comandava,desapareceu,tragado pelas ondas no mar das Caraíbas..

Quando os rapazes chegaram eram (com algumas exceções) uns frangotes,magros como flagelados. Alguns eram mais moços,como o Pedro Paulo Suzano, que tinha 15 anos,em compensação o Castro Lima já tinha 22.

Com o conhecimento,surgiram logo os namoros. Adahyl com o Rego Monteiro, eu com o Camargo,eCinira com o Alarico Pires de Castro,que por sinal era primo de Papai.. Mas Cinira era muito namoradeira,ela flirtava muito. Depois da entrada dos alunos,começou a funcionar uma vez por semana o cinema na escola, e isso nos dava a oportunidade de ver os rapazes,de modo que os namoros pegaram. A principio passaram despercebidos às nossas mães,mas elas se puseram em campo,para saber quem eram eles..Mamãe,por exemplo,chamou Adahyl e indagou quem era o meu,ela não pode negar,D.Pequenina ,fez o mesmo com Adahyl,indagou de mim,Cinira não era necessário,,pois ela se deitava na cama durante o dia,punha as pernas na parede e gritava:Alarico!Alarico! Todos em casa sabiam quem era o seu namorado.

E assim o tempo,ia passando descuidado para nós,,mais vigilante para nossos pais que não nos deixavam ir à escola,sós, ou sem um motivo que justificasse.

À tarde, depois das aulas,os rapazes não podiam passar para a Taperinha,nem nós para a Escola,de modo que eles ficavam de longe na ponte ou na praia, para nos ver passear do lado extremo da muralha. Nós também ficávamos

olhando,procurando distinguí-los até a hora em que tocava o “rancho” e eles entravam.

Alarico e Camargo,eram muito amigos,.Alarico era um rapaz forte e fazia parte do time de futebol da Escola,tendo chegado mesmo a jogar no campeonato acadêmico de 1919,entretanto morreu tuberculoso,antes de terminar o curso..

Camargo quando chegou à Escola era bem gordo,era mesmo bonitinho,muito vivo e inteligente,tinha vindo de Minas,sua cidade era Santa Rita do Sapucahy,,lá se achavam seus pais,sendo que o pai tinha um colégio lá.

Outro amigo,dos mais íntimos,era o Ivano Guimarães., muito encabulado mas bom rapaz,por causa disso tudo,nos tornamos amigos, e ainda o somos até hoje de sua mãe D.Pequenota.

O Comandante Serejo,também tinha um filho ,na turma,o Jatyr,,que antes tinha sido namorado de Cinira,aliás ,no principio ela namorava os dois e ficou depois sem saber como resolver o caso!

Seu Lopes -o dentista

O gabinete dentário da Escola ficava nessa época situado no primeiro andar,os andares eram circundados de varandas,e davam para o pátio interno. Ele era destinado ao serviço dos oficiais,aspirantes,praças e servia também à famílias que estavam lá. No nosso tempo,o dentista era o Snr. Lopes.

Os dentistas,médicos,formavam um quadro à parte,e os componentes tinham honras de oficiais.Seu Lopes,era primeiro tenente -dentista. As consultas para as famílias eram duas vezes por semana,na parte da manhã:das 9 às 11;para nós,isso era uma ótima distração,pois enquanto esperávamos quem estivesse na cadeira,ficávamos na galeria ,apreciando o movimento dos

aspirantes..Inútil seria dizer que durante o tempo que lá estivemos,nunca acabamos o tratamento dos dentes...

Às 9 horas,tocava revista,os aspirantes formavam no pátio,,lá iam Papai,o oficial de dia, o Comandante,o imediato,,formavam todos e Papai como ajudante que era,revistava todos,via se os uniformes estavam direitos,se o sapatos estavam limpos,os bonés,enfim tudo.Em seguida,vinha a amostra da comida do dia,um taifeiro chegava com a bandeja,onde havia um pratinho de cada coisa,.Papai provava e via se estava bom.. Por causa dessa revista que era feita diariamente,deu-se um fato interessante.O antecessor de Papai ,no lugar,fora o Alfredo Soares Dutra, e contavam que certa vez,no momento da revista,ele percebeu,que um aspirante,estava sem camisa por baixo do dólma.Ele mandou que o rapaz abrisse o paletó e verificou o fato.Passou uma repreensão e prendeu o aspirante no “bailéu”. Desde esse dia,ele fazia os rapazes abrirem o dolmã para ver se estavam mesmo de camisa,isso lhe valeu o apelido de “Dutra camisa”

Esse Soares Dutra(hoje Almirante) era muito zangado e dizem mesmo que severo demais..A turma que tinha saído da Escola antes,não gostava nada dele.Na anterior havia um rapaz chamado Pedro Paulo Vilas-Boas Beltrão que inspirado nesses fatos,compôs uma canção:”A canção do Aspirante”,da qual eu me lembro alguma coisa:

Ai,que triste vida
Passa um aspirante
Não pára um instante
Com tamanha lida
Tendo tantas aulas
Tantos exercícios
Que para mais tarde

Só dão benefícios

Ai,que triste vida

Tão cheia de magoas

E ainda há quem queira

Vir para essas águas

Lá vem o ajudante

De cara amarrada

Oh! Seu aspirante

Faltou à parada!

O senhor é um demônio,um indisciplinado

E,por isso mesmo

Vai ser castigado!

E,lá vai seguindo

Perdendo a saída

Por de trás das grades

Ai,que triste vida!

Os rapazes de pilhéria cantavam isso e a cantiga passou de turma em turma,e nós também aprendemos e cantamos,não sei se os atuais ,ainda a cantarão.

O autor dessa canção,mais tarde,já oficial,morreu na própria escola,quando fazia uma experiência química. Mas,Seu Lopes,era muito bonzinho,muito nosso camarada,sabia de todos os nossos namoricos,de modo que deixava que nós assistíssemos a parada,permitindo mesmo que a que estivesse no momento,na cadeira,saísse para ver também.Ele tinha mania de nas horas

vagas,fazer caligrafia,,de modo que no seu consultório havia pilhas delas,e freqüentemente,dava para nós,afim de ficarmos com boa letra..Ele era viúvo e tinha um filho de uns 10anos chamado Danilo,em homenagem ao garoto,,Seu Lopes fez escrever,com tinta azul,seu nome, em letras grandes,numa pedra que havia no “mercadinho”

Papai,não me perdia de vista,para eu poder apreciar a parada,ficava escondida por trás das outras, ele era muito severo comigo,pois já era mais crescida e tinha receio que os colegas me criticassem,como é hábito nos meios militares..Recomendava sempre à Mamãe,que me fiscalizasse,tanto mais que eu já tinha um namorado... O mais interessante é que ,o Barrinhos certa vez, perguntou a D.Pequenina: “O´Pequena(como ele a chamava na intimidade)essas meninas não acabam o tratamento dos dentes?

Ela piscou o olho para as filhas e respondeu:

- Henrique,Seu Lopes disse que vai acabar breve.

Assim,nossos dias iam se passando alegres e descuidados,nesse primeiro semestre do ano,entre as aulas dos oficiais,da escolinha,os banhos de mar,de manhã e de tarde,e depois deste ,nossos passeios conversando,ao longo do cais, até a hora do jantar,e à noite,novamente enquanto algumas famílias,como os Gama e Silva,,se reuniam em baixo das árvores,sentados em suas cadeiras de vime,para trocarem idéias até a hora de se recolher.

Mamãe e Papai,eram mais chegados à D.Sylvia e o Comte.Bardy,que além disso eram nossos vizinhos,de modo que a reunião deles era em frente às duas casas. Algumas vezes vinham também para o grupo,o Costa Couto e D.Clarisse, que por sinal era uma americana muito simpática,e até sair da Escola o Henrique Santos e D. Julieta ,que já era amiga de D.Sylvia e tornou-se também de Mamãe. Mas eles pouco tempo,estiveram conosco lá,talvez uns dois ou três meses,pois tendo o Henrique Santos adoecido,eles vieram para o

Rio.. D.Julieta era uma moça muito bonita,fazia doces muito bem,bordava à branco,e por sinal ,que ela só trabalhava com uma proteção de celulóide,no dedo indicador da mão esquerda,para que a agulha não picasse. Carmen,como gostava dos bordados,aprendeu com ela a usar a tal “dedeira” e D.Julieta presenteou-a com uma.

Depois da partida do Henrique Santos,um novo oficial veio tomar o seu lugar na escola,e ocupar a sua casa que era a de N* 7,o Ricardo Dias Vieira, também colega de turma de Papai . Era casado com a filha do Almirante Rufino,D.Adalgisa, e tinha um casal de filhos, Yvete que era da nossa idade e Ivan com 5 anos.

Yvete era uma menina meio masculinizada,tinha atitudes de menino e como vinham de uma comissão na Ilha das Cobras,só se vestia de mescla,com uniforme da reserva naval.. A principio,nós não fizemos liga com ela, eu e Adahyl,achávamos que ela era meio infantil e ao mesmo tempo ridícula, com aquele vestuário. Mas pouco a pouco ela se modificou, e entrou para o grupo,se bem que não fosse amiga como nós que éramos inseparáveis,ela era uma espécie de segundo “time”.

D.Adalgisa era vizinha do imediato,de sorte que tornou-se inseparável da senhora deste,D.Eleodora, uma gaúcha bonita mas muito ignorante e diziam lá ,que mal sabia assinar o nome.. O Carlos Reis,conheceu-a numa comissão que teve no sul e encantado com a beleza ,casou-se mesmo sendo ela moça sem instrução e de origem modesta.. Como era de se esperar ela tinha em si,,embora já polida, por ele,os resíduos de sua origem e se notava,em atitudes que tomava em relação a outras senhoras.

Mamãe., nunca se deu muito com elas, havia uma certa prevenção de parte a parte.,sendo que uma ocasião,João Candido percebeu ,que elas caçoavam de Mamãe.

Isso mostrava bem a educação que ela tinha e trouxe da parte de Mamãe, um certo retraimento, ficando com relações apenas diplomáticas.

O cinema

Como início do ano letivo, na escola, começaram as sessões de cinema, semanalmente. Essas sessões, era para os alunos, praças, e oficiais,, sendo franqueado também às famílias.. Para nós que estávamos num lugar isolado, era uma distração ótima. Todas as famílias iam, mesmo nos dias chuvosos do inverno, é preciso que se note, que em Angra quando chove é horrível, pois cai um vento sudoeste e as chuvas se prolongam por uma semana ou mais; mas isso não nos impedia, nós nos agasalhávamos todos e íamos. E por falar no mau tempo que reina lá no inverno, abro aqui um parêntese, para contar um fato, que se deu nesse inverno. Um certo aspirante (N.T.), que entrara para a escola, era pobre e sua mãe viúva, sem recursos, de modo que ele não pode adquirir todo o uniforme necessário e entre o que faltava estava a “pelerine”, peça indispensável ao militar. Quando vieram as chuvas e o vento era cortante., o coitado andava encolhido de frio metido no dólma mescla. Papai percebeu que ele, nem camisa tinha sempre para vestir.. Ficou muito penalizado e com delicadeza para não melindrá-lo, ofereceu-lhe uma de suas pelerines, a título de empréstimo, no que foi aceito com reconhecimento, por parte do aspirante, que se tornou muito seu amigo. Esse fato foi discreto, sem o conhecimento dos colegas.. Mas voltemos ao cinema. Cada oficial chegava com sua família, era interessante, o que foi logo notado pelos demais, é que o Frederico Coutinho, chegava sempre por último, na hora de começar a sessão, os outros observaram e chegaram à conclusão, que ele procedia assim

porque tinha ciúmes da mulher e temia que os rapazes olhassem para ela.. O fato depois foi constatado,pois ele trazia a pobre da mulher,que por sinal era muito feia,,enclausurada em casa,sem mesmo poder chegar à janela,só o fazendo em sua companhia.. Ele era um puritano de marca. Em sua companhia viviam duas cunhadas solteiras, Jujú e Lourdes,feiosas e ridículas,achando tudo imoral. O casal tinha quatro filhos,,dois meninos e duas meninas. A menina mais velha,era nesse tempo,horrível,tinha o nome da mãe,Violeta,,mas na intimidade conhecida por Leta;o Bardy,por molecagem dizia que ela parecia N.S.das Candeias!.

Mas,como ia dizendo,a principio foi assim,,com o tempo,como nós já tínhamos nossos namorados,íamos para a escola , já sós, em grupos com a primeira família que saísse. O Bardy que alcovitava os namoros,geralmente saia primeiro, nos levava, outras vezes o próprio Barrinhos. Nós fazíamos grupo,na porta do cinema com os rapazes que já estavam nos esperando e conversávamos até que todos chegassem. Os aspirantes ficavam separados de nós,mas na primeira fila,logo depois deles, ficavam as meninas,,de modo que os namorados ficavam sentados na frente de cada uma e conversavam o tempo todo do filme,virando para trás, ora o que se passava na tela, ou sobre assuntos que os namorados sempre têm e que são intermináveis....

No tempo do cinema mudo,era costume tocarem música,durante o filme,lá quem executava essa parte,era D.Maria,professora,que vinha especialmente de Angra,para esse fim.. Nos dramas,ela invariavelmente tocava a valsa “Destino”,que estava muito em moda ou então “As três da manhã”,o fox “De las Campañas”,nas comédias a marcha “O passo do Cavalo”

Esse cineminha era um “chuá” para nós, mas nossos pais nos fiscalizavam todo o tempo, e muitas vezes as mães queriam saber o motivo de tanta conversa.

Lembro-me de certa vez, que eu queria falar um assunto com o Camargo anotei num papelzinho mas perdi-o na hora de sair, Mamãe, que veio atrás, achou-o e não me disse nada, depois chamou Adahyl, e indagou o que era aquilo, ela disse que não sabia, depois veio me avisar e disse: Quando você tiver seus assuntos para falar com o Camargo, não escreva, pois sua mãe pode pegar...

Recordando o cinema, não posso deixar de falar em Plínio e Waldyr, irmãos de Adahyl, eles tinham sete e nove anos (hoje são oficiais do exército) quando iam para o cinema eles usavam uns chapéus tipo de menina, de lã grenat, era muito interessante, e nos dias chuvosos protegiam-se com grandes pelerines.

O pic -nic na Ribeira

Para alegrar um pouco, a monotonia da vida ali, o imediato, organizou um pic-nic na baía da Ribeira, para isso aproveitou um domingo de saída geral da Escola, tendo ficado somente lá alguns aspirantes que não tiveram folga. Cada família devia levar seu farnel e iríamos todos no rebocador maior, o “Carioca”. Para nós isso era um acontecimento, e tudo foi preparado com grande entusiasmo

Mamãe, preparou o nosso almoço, com coisas apropriadas. Papai não era muito apreciador desse gênero de diversão, pois dizia que ficava com dor de cabeça, mas como todos iam, ele foi também.

No domingo, que por sinal não foi muito bonito, estava um mormaço muito forte, meio quente, cada um pegou suas coisas, em geral em cestos de taquara, que tornava mais fácil o transporte e rumamos para a ponte da escola, para tomarmos o rebocador.

A “charanga” como chamávamos o conjunto de músicos marinheiros, que tinha na escola, nos acompanhou para tocar na viagem e no pic-nic. O cabo Baptista tocava cavaquinho, e era o chefe do grupo, os outros tocavam violão, flauta, e chocalho.

A viagem foi muito alegre com música, as meninas cantavam sobretudo a marcha então muito cantada a “Canção do Soldado”, todos conversavam animadamente. Os aspirantes que ficaram, também foram mas eu não me recordo, quais eram.. Quando chegamos lá, foi escolhido para o pic-nic, um ponto da praia, onde havia próximo uns arvoredos grandes, aí todos estenderam suas toalhas e prepararam seus almoços. Um família ofereciam às outras, alguma coisa diferente que tinham trazido, enfim tudo na maior cordialidade possível.

O imediato mandou que levassem umas latas de biscoitos de 10 kg., que estavam guardadas na escola, e que eram destinadas ao rancho dos aspirantes, mas grande foi sua surpresa quando as latas foram abertas, os biscoitos eram duros como pedra, tão duros que pra serem mastigados, precisavam ser molhados, em água, mas assim mesmo nós comemos muito pois naquela idade nada faz mal e tudo serve de brincadeira..

Depois do almoço, as senhoras se reuniram para conversar, os oficiais formaram seu grupo, e a menina conforme as idades tomou seu rumo. Adahyl, Cinira, eu e as mais velhas da casa do Comandante, Juracy e Maria, sua afilhada, ficamos conversando e passeando pela zona, vendo o que poderia se visto, naquele lugarejo.

Nós não tomamos banho de mar, porque isso não era comum como é hoje em dia, as pessoas tomarem banho de mar em qualquer praia, além disso, penso que havia receio, pelo fato da praia naquele local ter o mar um pouco agitado.

Mais ou menos às quatro horas,,nós tomamos novamente o rebocador, e voltamos todos alegres e contentes, para a Tapera, depois de termos passado um dia alegre e divertido.

O almoço na casa do Almirante Neves

Nós fizemos diversos passeios,como contarei em seguida,durante essa temporada,um deles foi um almoço na casa do Almirante Neves.. Ele tinha um sítio na Praia Grande,praia essa situada logo em seguida à enseada da Tapera,,para lá podia-se ir por mar,ou atravessando a Taperinha,passando a praia do Bonfim, e chegava-se lá por terra..O Almirante tinha um filho na escola,na turma que entrara em 1918,chamava-se Alfredo,ele era viúvo,e só tinha esse filho.

Não sei porque razão, ele deu nessa época um almoço em sua casa e convidou os oficiais e suas famílias. Papai foi convidado e fomos nós três,ele,Mamãe e eu,os outros penso que não foram.

A Praia Grande é muito bonita,o mar é forte como o do Leblon,havia ali nesse tempo a casa do almirante, e a da família Azambuja,que por sinal eram primos de Papai,o resto dos moradores eram pescadores..Desse almoço eu só me lembro que comi uma galinha assada que era uma delicia.. Me recordo que como o tempo estava favorecendo,o mar,parecia que tinham posto dentro,tinta azul,aliás nessa zona ,o mar e o céu são de um azul maravilhoso,quando as manhãs estão boas e o tempo firme,têm-se a impressão que as montanhas que circundam a cidade de Angra,as ilhas que ficam na baía, e nas vizinhanças são azuis também..

A Praia Grande,fica já em alto mar,de modo que é muito fresco o lugar,corre sempre “viração” e não raro um vento forte..

Tenho uma vaga idéia da casa,era grande e tinha jardim à volta. O filho do almirante estava com alguns colegas que obtiveram licença para ir ao almoço.. Nós conversamos muito,passeamos na praia,passamos uma ótima manhã e um bom almoço.

As missas de domingo

Todos os domingos partia uma lancha da escola, com os aspirantes que desejavam ir à missa na cidade, pois nessa época não havia capela,ali, só mais tarde, foi construída, e hoje há assistência religiosa aos alunos. Essa lancha às vezes ia à Taperinha apanhar as famílias ou então fazia duas viagens se houvesse muita gente.. Nós íamos todos os domingos.. Além de ir cumprir nosso dever religioso era muito interessante pois os namorados também iam....e nós nos encontrávamos depois para conversar

Nós preparávamos nossos vestidos,na véspera,trocávamos idéias,,escolhíamos, embora que nesse tempo,não houvesse a preocupação de luxo que nós vemos hoje. Ninguém tinha um guarda roupa como se tem hoje em dia,nem as meninas nem as senhoras. Em todo o caso,nós pensávamos o que íamos vestir, a fita que amarraríamos os cabelos,, e cedo estávamos prontas, pois a lancha saia,às 15 para às 8 horas.

Chegando à cidade,íamos para a Igreja,assistíamos a nossa Missa,eu levava um livrinho que eu tenho guardado até hoje,de osso e tem na capa a estampa com um anjo, e duas crianças. Seguíamos a nossa Missa muito direito,e ao terminar ,saíamos todos e íamos à Padaria do Juquinha Silva com os rapazes “comprar balas”.Adahyl com o Rego Monteiro,,Cinira com quem estivesse,eu com o Camargo, e as outras meninas conversando com outros rapazes,sem segundas intenções.

Certa vez,nossa prima Zilda,que estava passando um mês conosco,por sinal que Zilda namorava o José Octavio Thedim,e Papai não gostava nada disso,nós fomos à missa, e quando passamos pela padaria, vimos o Adhemar Siqueira e o O..Freitas,,nos cumprimentando amáveis,e o Freitas que era muito feio, e tinha mais ou menos 1 metro e meio,de altura,chegou-se para mim, e ofereceu um pacote de balas.. Eua aceitei a contragosto,porque o Freitas queria me namorar e eu não queria nada com ele, mas o melhor de tudo,foi o aparte de Zilda: “olha o Pequinitate todo respeteque”. Daí por diante,nós só o chamávamos por esse apelido..

O Camargo,,esse domingo,tinha vindo ao Rio,quando ele chegou,eu contei o caso a ele,então disse:” Aí,tem uns camaradas como ele,que eu qualquer dia meto o braço,pois eles andam falando muito em você”

As danças na Escola

Uma vez por outra havia um festinha na Escola,ao domingos,à tarde,uma espécie de chá-dançante,como era moda nesse tempo,nós íamos todas radiantes.. Papai e o Comte.Barrinhos,nos recomendavam sempre que não queriam que nós dançássemos de par constante com os rapazes,com receio dos comentários maldosos das linguarudas,,nós não podíamos desobedecer,então,para despistar,eu e Adahyl,combinávamos de trocar os pares e uma vez ou outra dançar com algum colega deles,para não chamar muito a atenção. Nós adorávamos essas festinhas.

Antes dos aspirantes entrarem,no começo do ano,houve uma e vieram muitos rapazes que estavam em Angra,para a festa da Conceição. Na casa da família Carvalho,achavam-se hospedados Maria Brazil,minha prima, e os seus parentes Mario Jorge ,estudante de medicina, e Moacyr que cursava direito,eu

dancei a tarde quase toda com Moacyr e Maria caçoou muito comigo,dizendo que eu queria ser sua prima duas vezes.. Mas isso foi coisa de uma tarde,pois eu nunca mais vi o rapaz e quando os aspirantes chegaram,arranjei logo um namorado e quase me amarrei com os bordados dele.

As aulas do Snr. Guetez

Mas nossa vida não era só brincadeira,estudávamos também,além da aula da Escolinha, do curso dos oficiais, eu dava aulas de francês, história e geografia,com um cunhado do Comandante,que com ele residia, e que for diretor da Escola Normal de Manaus,Snr. Guetez de Carvalho. Três vezes por semana,eu ia à tarde,uma hora,na casa dele,dar aulas das matérias que eu falei. As aulas eram muito boas,ele apesar de se paralítico,vivendo numa cadeira de rodas,era um homem alegre, brincalhão,contava sempre passagens pitorescas e caso engraçados..Para ele essas aulas eram uma distração, e para mim foram muito boas,pois quando vim para o Sion, não tive dificuldades,estando mesmo em muitas matérias mais adiantada. que muitas colegas. Quando nós viemos embora para o Rio, ele sentiu muita falta do curso que me dava,pois eram horas ocupadas para ele,que nada podia fazer.. Muitas vezes,depois da lição,eu ficava lá conversando com Juracy e Maria,e também com Coema,uma sobrinha de D.Almira,que costumava passar tempos lá.. A família tinha só nomes indígenas,Coema tinha três irmãos:Potyguar, Jurandyr e Jurucei.Filhos de uma irmã de D.Almira,que tinha falecido pouco antes. Os Serejo mesmo tinham Jatyr,Timbira que era aspirante e Jandira,casada com o Dr. Lino Machado que mais tarde foi deputado pelo Maranhão.

A festa de São João

Era véspera do dia de São João desse ano de 1918,o imediato da Escola, mandou armar três grandes fogueiras,na Taperinha,para a festa da noite,cada família mandaria batata doce,cana, milho verde para ser assado, e nos passamos assim uma noite distraída.. Tudo foi enfeitado e preparado. Para nós isso era um acontecimento,os aspirantes tiveram licença,de se unirem às famílias para a brincadeira. Às 8 horas começaram todos a chegar,,a charanga da escola veio tocar, e alguns marinheiros cantaram modinhas da época.. Nós tiramos sorte, comemos muita batata e cana assada.. Nessa noite,nós ouvimos ,cantada pelo cabo Batista,,um crioulo,que tinha boa voz e que namorava Jovita,empregada do Bardy, ao mesmo tempo,que Francisco da casa do Barrinhos, uma modinha muito bonita: Franqueza rude.

O teu olhar tem tanto fogo

E tanto ardor

Que é bem capaz de seduzir

E de prender

Mas é o efeito de um capricho

E não de amor

Porque em teu peito amor

Não pode mais haver.

Assim era a primeira estrofe,nós ficamos loucas pela música e fomos pedir a ele que nos desse a letra, daí por diante sempre cantávamos,quando nos reuníamos.

Foi uma noite alegre,divertida,pulamos muita fogueira,as meninas só e outras vezes com algum rapaz. Eu e Adahyl, estávamos loucas para pular, com os aspirantes mas não ousamos pedir, com receio que isso nos fosse negado, e ainda nos valesse uma boa repreensão..O Barrinhos era manso,mas Papai não era para brincadeiras!

A festa se prolongou até tarde, e no ano seguinte foi repetida,mas como os quadros que se repetem nunca são iguais ,a segunda não foi igual à primeira.

O passeio de barca d'água

Um belo dia ,apareceu na Tapera uma barca,para levar água à ilha Grande,era seu comandante o Tnte. Octavio da Silveira Carneiro,já conhecido de Cinira e de Adahyl.. Ele então nos convidou para um passeio de barca,o que foi aceito por nós com prazer. No dia seguinte,ele devia ir à ilha. Estava um dia enfarruscado,nuvens cinzentas pesadas no céu,soprava forte vento sudoeste,mas apesar do receio de nossas mães,lá fomos nós depois do almoço,para o passeio:Cinira,Adahyl,Carmen e eu,Yvette, saímos todas agasalhadas muito satisfeitas,chegamos ao nosso destino..

Muito bem,um imprevisto nos aguardava na volta. Caiu um temporal muito forte,o mar ficou de tal modo grosso,que partiu a hélice da barca nós ficamos à matroca. Assim estivemos horas.,.Como custássemos a regressar nossos pais,deram o alarme, e uma lancha saiu à nossa procura.,nos encontrando bem longe de Angra. Só chegamos à Escola à noitinha,com grande susto dos nossos,mas para nós foi um acontecimento! Carneiro não queria que nós saíssemos da cabine,por causa do mau tempo,mas qual,,nós não obedecíamos,vínhamos para a tolda,,apreciar a chuva e o mar forte,que se atirava de encontro à barca,fazendo-a balançar como uma casca de noz. Como é majestoso o mar quando agitado! É uma delicia ,sentirmos os borrifos da água salgada,no rosto,o vento parece querer nos arrancar os cabelos,o céu cor de chumbo em harmonia com o mar, nos provocam um misto de medo e de admiração,é uma coisa infinitamente bela um temporal no mar!

O mercadinho

No extremo da Taperinha ,havia um pequeno promontório,e ali foi feito um jardim,havia árvores frondosas um carramanchão de forma redonda,no centro de um lado,ele ficava virado para as casas,do outro para o mar alto,à direita era um morrico, e à esquerda,outro,havia nas praias enormes pedras. Tomou o nome de Mercadinho porque foi arranjado para que os canoeiros,ali chegassem com suas canoas, de peixe,ovos, galinhas,verduras e frutas, para vender às famílias. Esse objetivo porém não foi atingido pois ficava bem a uns duzentos metros das casas,de modo que os canoeiros continuaram a desembarcar as mercadorias na praia,num local onde não havia cais,e que ficava bem em frente à casa sete.

Por falar nisso ,eu me recordo dos excelentes peixes que chegavam,não raro ainda vivos,vinham eles todos presos pela guelra,em geral num pedaço de cipo'. Naquela zona há muito badejete,badejo e garoupa,lula,siri e cavalas enormes,ovas,lindas tainhas.. O nosso peixe preferido era o badejete, e as cozinheiras,de lá sabem preparar como ninguém um peixe frito O prato de terra é o peixe ensopado com banana verde, e comido com pirão de farinha.,mas isso nós nunca comemos.. De manhã, pó volta das oito horas, começavam a chegar os canoeiros,para vender o que traziam. Entre as dos homens,havia a de uma mulher que vinha da ilha da Gipóia, ela mesma remava, e vendia peixe e o que colhia em sua plantação,chamava-se Antonia Patrão,era uma mulher branca,velhinha e toda encarquilhada,falava muito. Mamãe não queria muita conversa com ela,pois tinha sido avisada que era meio intrigante e contava o que via nas casas.Mas ela ia muito em casa de Adahyl e quando D.Pequenina não tinha copeira , ela arranjava sempre boas. Antonia costumava trazer para as meninas,cacau,por sinal que é muito

gostoso, parece um melão pequeno, nós gostávamos muito e sempre recomendávamos que não esquecesse de nós, trazia também de graça, jambo rosa, que é uma delícia.. Nós gostávamos muito de ver a chegada das canoas, olhar o que vinha dentro. O leiteiro era muito camarada e emprestava sempre sua canoa, para nós passearmos um pouco.

O objetivo do mercadinho, não tendo sido atingido, ali tornou-se um recanto para passeio. E era o nosso ponto predileto. Na mesa do carramanchão havia muito nome escrito e gravado à canivete, nomes de pessoas que nem conhecemos, e que estiveram lá muito antes de nós. Nós costumávamos escolher nossas goiabas ainda no pé, quando pequenas, para tomarmos posse dela, marcávamos cada um com sua inicial, com um grampo ou canivete,. Quando estivesse de vez, íamos apanhá-la, mas o curioso disto é que um respeitava a tomada de posse do outro, não se tirava uma goiaba marcada!

Durante as férias ,no verão de 1918, depois do lanche, por volta de 2 ½, lá íamos todas Adahyl, Cinira e Geninha, Maria e Juracy, Yvette, Elza Limdenberg, Carmen e eu, cada uma com seu trabalho, nos sentávamos numa pedra grande, que havia do lado oposto da Taperinha, pedra essa que ficava debaixo de um enorme pé de ingá. Nós comíamos o fruto quando era tempo, e todas em círculo, nos sentávamos, começávamos os nossos trabalhos enquanto conversávamos e gozávamos a brisa marinha..

Nos dias de sol, era maravilhoso, guardo disso uma das melhores recordações da minha vida, o mar azul anil, crespado pelo vento, e cheio de “carneirinhos” brancos (são as espumas na crista das ondas), o céu também de azul profundo, a viração constante, tão forte , que nós tínhamos que prender nossos vestidos e trabalhos para não voarem. O silêncio só era quebrado pelo rumor das águas que se atiravam sobre as pedras ou pelas nossas vozes.. De vez em

quando,ouvíamos, um canto,ou vozes,olhávamos para o mar,era uma canoa que passava e seus tripulantes ao nos verem ,saudavam ,tirando o chapéu.

Eu e Adahyl,não gostávamos muito de fazer trabalhos de agulha,de modo que em geral ficávamos conversando,Carmen ao contrário,já naquele tempo bordava,fazia nesses momentos,panos de bandeja ,para Mamãe.Geninha também bordava muito bem,em branco.. Lá ficávamos nós até as 4 ½,hora em que regressávamos para o banho de mar. Algumas vezes,nós levávamos nossa merenda e saíamos mais cedo de casa,aquelas horas do dia ,que ali passávamos,eram verdadeiramente deliciosas.

Algumas vezes Adahyl e eu,íamos pela manhã também,para prepararmos nossas lições juntas, íamos das 8 às 9 horas.e nas férias ,nós aproveitávamos daquele silencio,,para recordarmos o que tínhamos aprendido durante o ano.

Foi ai, nesse mercadinho,que se deu mais tarde,um fato que me valeu uma repreensão de Papai,mas que ele acabou me dando razão ,em parte:Nós costumávamos,nos reunir,nas noites de luar, e irmos para uma das pedras,que tinham em frente das casas junto ao cais,lá cada uma cantava uma modinha,iam alguns meninos também,(os maiores). Cinira sempre cantava a modinha,”Recorda-te” e eu cantava entre outras “Simpatia”, José Octavio Thedim estando presente e gostando muito dela,me pediu que copiasse,para ele;assim fiz eu botei num envelope e na manhã seguinte ,quando estudava com Adahyl,chegou ele.Eu me lembrei do seu pedido, e entreguei o envelope.. No momento que eu estava dando,passa o Lindemberg,,ele viu e foi para a Escola.,dizer a Papai,que eu namorava o J.Octavio e que estava escrevendo carta para o rapaz.

Papai chegou em casa zangado, contou à Mamãe,e me deu um bom pito,eu expliquei o que tinha havido,e chamei Adahyl para testemunhar. Ele ficou certo do que eu havia dito,,mas me recomendou ,que não fizesse de novo,pois

isso ,seria mal interpretado.. Eu fiquei uma fera e desde esse dia ,não procurei mais Elza, e evitava de cumprimentá-lo. A principio,Papai me proibiu de lá voltar,pela manhã,mas Adahyl,confirmando a Mamãe o que eu havia contado,a proibição foi suspensa,e nós continuamos a passar nossas manhãs lá até meu regresso para o Rio.

Outro passeio,que costumávamos fazer ,pela manhã,era ir à praia do Bonfim,essa praia fica no fim da Taperinha e antes da praia Grande. Lá nós apanhávamos pitangas e jambo rosa,que por sinal,são deliciosos.´As vezes,,nas férias,íamos também,à tarde.

Durante essas férias,nós viemos todos ao Rio,por uma semana,pois Mamãe,precisava ir ao dentista e também ver vovó e os parentes, que aqui estavam,.Como era hábito ,nos hospedamos em casa de tio Carlos,só Carmen foi para a casa de Tia Sinhazinha Bahia. Embora isso fosse um passeio e uma semana passasse rapidamente,nós ficamos aflitos para voltar à Tapera. Era natural,para nós a vida lá,era muito mais interessante,que aqui,mais alegre e divertida,além disso nesse tempo,as crianças não tinham a vida movimentada que tem hoje.Não havia os cinemas como agora há,nem era mesmo costume se levar essa vida intensa que se leva hoje.. Tudo era mais pacato,,mais família e talvez mais província.

Durante nossa estadia em Angra, só duas vezes viemos ao Rio, e eu me lembro que numa delas,na véspera da partida,tia Laura e tio Henrique,foram nos ver e me deram de presente,uma caixinha de xarão vermelho,cheia de caramelos de hortelã,eu levei-os e na viagem ofereci a alguns aspirantes que conosco fizeram a viagem de regresso. Todas as vezes que vejo caramelos de hortelã,me lembro disso.!

Como eu já contei ,esse ano de 1918,foi muito divertido para nós,tínhamos semanalmente o cinema, a missa de domingo, as danças na escola,certos dias

de folga, quando não era de saída geral, os aspirantes podiam ir para o lado da Taperinha conversar conosco. Havia ainda o Mês de Maio. A ladainha era às 5 horas, no convento do Carmo. Às 4 ½ saia uma lancha levando as famílias que desejassem ir e os aspirantes. Nós éramos assíduas freqüentadoras,, e os nossos “ditos cujos” também!

Eu levava meu livrinho ,que Papai me dera, um que guardo até hoje, é uma imitação de marfim e tem na capa duas crianças brincando acompanhadas do seu anjo da guarda..Essas eram as oportunidades que tínhamos para ver os namorados e também passar o tempo pacato e por vezes monótono.

Os rapazes, organizaram também dois times de futebol,, havia campeonatos aos domingos, durante o dia, o que constituía para nós uma boa distração.. Existe até em poder de Mamãe, fotografias deles tiradas nessa época.. Por ocasião do Campeonato Acadêmico em 1920, eles (da Escola Naval) formaram um só time, para concorrer ao mesmo. Um dos bons jogadores era o Alarico Pires de Castro,, que mais tarde veio a falecer, como contarei depois.

As festas em Angra

É costume em Angra, como em quase todas as cidades do interior, organizarem-se festas de Igreja, homenageando os padroeiros locais. Lá a principal delas é a da Conceição, a 8 de dezembro, festeja-se também S. Benedito, em abril, e o Divino Espírito Santo, na época de Pentecostes e as bandeiras de Reis. Em janeiro, organizam-se as bandeiras de Reis: um pau com velas, no extremo flores e fitas. Vem o violeiro, o pandeiro, um pequeno grupo e a tripa. O violeiro canta a quadra, o grupo faz o coro, e no final a tripa faz o agudo e fica mantendo-o pó longo tempo até perder o fôlego

Assim vão de porta em porta, pedindo para deixar entrar..Essas festas são preparadas com uma novena, onde vai toda a gente da cidade e dos arredores. A principal delas é a de S.Benedito,,padroeiro também da cidade e santo da devoção principal do lugar,tanto que é rara a casa em que não há um Benedito.. No dia da festa,há leilões de prendas,organizam um tablado na praça da Matriz,onde há umas danças características como a do “velho”,onde todos os homens se vestem a caráter e botam máscaras,dançam e cantam.. Há o “pau de sebo”,muito conhecido em outros lugares, a banda de música toca, soltam-se foguetes etc. Há a dança da coquinha e o Baile na Câmara Municipal.

Nós fomos a todas elas,durante a nossa estadia lá,mas as melhores foram as do ano de 1918. Nesse ano o Comte.Bardy,,vendo o desejo das meninas de assistirem a elas, resolveu nos levar à noite,para a cidade,arranjou a lancha, e nossos pais consentiram,pois ele levaria também seus filhos. Os aspirantes, também puderam nos acompanhar,de modo que nos divertimos muito! Eu me recordo que num leilão de prendas o Adhemar Siqueira,arrematou e me presenteou com um sabonete “Reuter”,Camargo me ofereceu um prato de doces,e outras coisas que não me vêm agora à memória,mas de uma coisa eu me lembro bem e disso guardei segredo só revelando-o agora.:enquanto assistíamos as danças do tablado,eu para poder ver,trepei num caixote que ele arranhou pois eu se bem que alta,ainda não era como hoje,e ele ficou ao meu lado para evitar que caísse,para isso,segurava a minha mão direita,as horas tantas,ele me disse baixinho: posso dar um beijo nessa mãozinha? Eu respondi “não”,se papai souber fica zangado,,ele olhou-me tristonho e conformou-se...

Quando a festa acabou,já bem tarde,nós fomos para o cais, fazia um luar muito bonito e enquanto esperávamos a lancha,nos sentamos aos pares para

terminar essa noite tão poética, e o Bardy que era um camaradão, conversava com os filhos para nos deixar à vontade...

Mas eu me esqueci, de contar que durante a dança dos velhos, nós reconhecemos entre eles, David, nosso empregado do Chalet, vestido de velha,, ele também nos viu, mas como na dança eles não podem falar, apenas nos fez um aceno ligeiro. Eu creio que Carmen também foi a essa festa

No ano de 1917,, na festa da Conceição, todos de casa foram e nós já prevenidos, procuramos identificar David, mas não o conseguimos. Nessa ocasião, até Maria Brazil,, os irmãos, os primos, entre eles Mario Jorge e o Moacyr de Carvalho, a Alayde,, estavam todos na casa dos avós Carvalho, para assistirem a festa. Eu me recordo , que pela manhã, na hora da missa, Maria entrou toda de azul, estava bem bonita, pois a cor contrastava bem com seus cabelos louros e os olhos verdes.

Dias depois, houve na escola uma festa de dança, e para ela foram convidadas algumas das melhores famílias da cidade. É preciso que se note, que lá havia muito boas e tradicionais, que mais tarde mudaram-se para o Rio.. Angra, foi berço de homens ilustres, lá nasceram: Lopes Trovão, Pe. Julio Maria, meu avô , o Alnte. Brazil que brilharam no país, mas havia também outras famílias como os Carvalho, os Azambuja, os Jordão, os Ventura e muitas que eu não conheço mesmo.

Mas, como ia contando, muitas pessoas foram e entre eles os Carvalho, Maria e Raul,. Eu me recordo que achei o Moacyr, tão bonitinho, ele estudava direito, dançamos a tarde toda, e eu embora garota,, fazia vista, pois sabia dançar e as “damas” eram poucas! Flirtei com ele todo o tempo, e até Maria caçoou muito, me perguntando, se queria ser sua prima duas vezes! Hoje ele está horrível, careca e solteirão. Vá a pessoa atrás de encantos físicos, eles acabam, são tão passageiros!

Os retratos a pena

Ai, por 1918, chegou à Tapera uma novidade, eram os cadernos de recordações e com eles a moda de se fazerem “retratos a pena”, isso nada mais era que uma “ficha” da pessoa.. Nós meninas, logo tivemos os nossos, mais ou menos como esse que eu escrevo essas memórias , como era de se esperar, os retratos eram dos rapazes., mas a turma toda, guardávamos aí pensamentos que arranjávamos, e uma escrevia no da outra, alguma coisa para guardar. Tive esse caderno, até me casar, nessa ocasião inutilizei-o, foi pena, hoje me arrependo de não ter conservado essas recordações,, mas é assim mesmo, só mais tarde que nós vemos que não podemos cortar com o passado, cada fase de nossa vida, coloca um marco em nossa existência, que nunca mais podemos derrubar, essas fases são como flores, que murcham e secam entre as folhas de um livro, e nós ao remexermos, temos a memória de seu perfume e guardam a história de um momento feliz vivido.

Outra recordação, que também inutilizei, foi uma latinha redonda em cuja tampa havia gravado o retrato do Almirante Alexandrino de Alencar, então Ministro da Marinha, e que foram distribuídas nesse tempo, não sei em comemoração de que festa, elas vinham cheias de confeitos. Essa lata, eu dei à Maria, e ela criança que era , penso que botou fora.. Guardo apenas alguns santinhos, que me deram, uma Santa Teresa, que troquei no Convento do Carmo, no dia da festa da santa, que por sinal é minha padroeira e um postal com a fotografia do Benjamin Constant , oferecido por Adahyl, com uma dedicatória. Hoje , eu não teria feito isso,, pois já vivi mais e compreendi que “recordar é viver”

Em fins desse ano de 1918, Tia Sinhazinha e tio Portela, resolveram passar uns dias conosco e ao mesmo tempo levar Maria Teresa, que a convite de Mamãe e Papai, ia passar uns dias lá em casa. Esse acontecimento, para nós era uma festa, íamos ter visitas, e mais felizes nos sentimos e mesmo muito importantes.

Quando eles lá chegaram, Tio Portela, era almirante, de modo que teve o desembarque com as honras militares de praxe. Quando o rebocador, atracou na ponte da Escola, lá estávamos todos nós e outras famílias que iam também buscar alguma visita. A guarda estava formada, houve toques de corneta, rufar dos tambores de estilo, toda a guarnição da Escola, inclusive aspirantes e oficiais, formados para prestar continência. Nós que morávamos numa praça de guerra, estávamos imbuídos do espírito militar, tendo em nossa casa, um almirante (embora de “borra”), nos sentimos importantíssimos!!

Foram uns dias muito agradáveis, embora poucos. Tia Sinhazinha trouxe uma lembrança para cada um de nós, o meu um vidro de perfume “Rose”, da Colgate. Nesse tempo, esse perfumista está muito em moda, havia também um dele que Mamãe usou muito em 1916, quando apareceu, era o “Eclat”, por sinal era muito bom!

Eu fiquei radiante, era o primeiro vidro de perfume que ganhava e naquelas circunstâncias, poder me botar cheirosa, era uma coisa excelente! Mas vejam como o gosto de tia Sinhazinha era fino, ela escolheu para mim um perfume muito próprio, para uma menina e ao mesmo tempo delicado “Rosa”. Ela tinha um requinte, como já comentei muito dela, tudo o que ela tinha era requintado, um gosto mesmo europeu! Eu me recordo, que no dia seguinte, pela manhã, ela saiu do quarto com um peignoir branco todo com rendas e no peito um laço de fita de cetim lilás, aliás essa era a sua cor, creio que predileta, pois ela só escrevia em papel de carta dessa cor com tinta roxa. Sua lingerie em

geral era também lilás.. Três dias depois eles partiram,deixando Teresa por uma semana,creio eu . O certo é que ela passou ,meu aniversário em Angra, só regressando perto do Natal.

Embora ela fosse mais velha tivesse já 16 anos,entrou em nossa vida,mas logo brigou com Cinira,,o que me colocou numa situação bastante desagradável,ela era minha prima e hóspede,e as outras minhas amigas,ela estava por pouco , as outras ficariam depois de sua partida..Tomei a resolução de não me meter na briga, e deu muito certo. Mas o engraçado disso foi que elas brigaram na cidade,à tarde, nós tínhamos ido lá,não sei a que propósito,elas discutiram,Teresa ficou zangada e disse que não voltaria conosco,de lancha,,voltou a pé,sozinha,mas teve tanto azar ,que ao passar em frente da escola,Papai estava do lado de fora,e repreendeu-a,ela não gostou muito disso,mas agüentou e depois veio para o Rio.

Teresa tinha os cabelos compridos,eu que usava o meus curtos”à inglesa”,achava aquilo lindo e queria que ela só andasse com eles soltos.,o que ela não apreciava muito pois dizia que fazia calor.

Zilda Guimarães, também esteve novamente lá, e em princípios de 1919,em março,Tio Carlos e Tia Cecília,passaram também uns dias,antes do seu repouso habitual no Chalet.

Na época da jabuticaba,meses de outubro e novembro,nós costumávamos ir à roça

com as meninas,para aproveitarmos a estação das frutas,que lá eram excelentes,os pés carregavam tanto e os frutos tão bonitos,que nós só escolhíamos os grandes ,dos pequenos não fazíamos caso. Nesse tempo,quem tomava conta das terras era o Castorino,que lá se achava com sua mulher Amália, e filhos. Uma das ocasiões que lá fomos tivemos a oportunidade de almoçar com eles e por sinal que comemos uma deliciosa galinha. Por falar

em comer eu me recordo tanto dos ótimos palmitos que sempre comemos em Angra, apanhados nas terras do Chalet. Mamãe os apreciava muito e era muito fácil, mandava David ou João Camarão apanhá-los e pronto. Comíamos muito em salada ou em fritada com marisco. Outro petisco que tínhamos muito lá eram as ostras frescas, ainda vivas, nós nos deliciávamos com elas.

Ao lado da Escola Naval, havia a casa dos oficiais solteiros, porque ali residiam os oficiais que não eram casados como o nome indica, e os que lá iam só nos dias de aula e residiam no Rio (os lentes). Os médicos que nessa ocasião serviam lá eram o Mario Kroeff, que mais tarde deixou a Marinha, e tornou-se uma celebridade no tratamento do câncer, e o Dr. Armando Bulcão, esse último era amigo de Papai, muito bom clínico, de modo que ia freqüentemente jantar lá em casa, tornou-se durante um certo tempo nosso médico e de Papai, até que mais tarde uma moléstia grave o atacou, tendo ele terminado seus dias louco, no Hospital de Marinha, deixando um filho rapaz e a viúva bem moça.

Ambos eram bonito rapazes e porque não dizer, partidos cobiçados pelas moças do lugar? Mas eles não davam atenção a ninguém e sua permanência lá durou, até a entrada do Brasil, na guerra mundial em meados de 1918, poucos meses antes do Armistício. Os dois partiram, fazendo parte da D.N.O.G. comandada pelo Almirante Frontin. Diziam que o Bulcão depois que se alistara (pois isso parece ter sido voluntário para os médicos) se arrependera e fora meio tristonho, o certo é que foi e voltou... Com a partida deles foram para lá, Dr. Lins e Dr. Cantanhede, ambos solteirões

..Mas a estadia dele foi só mais ou menos por uns quatro meses, pois Zezinho quis também ir para a guerra, julgando subir de posto e morreu de gripe espanhola, atirando-se ao mar, num acesso de febre, entre Dacar e Argélia. Helena ficou viúva com duas crianças e poucos recursos. Deixou, naturalmente

a Tapera e veio para o Rio. Zezinho tinha uma irmã chamada Santinha, e ainda solteira,ela era meio espalhafatosa,,muito feia e saliente,falava muita gíria,o que Papai implicava solenemente..Certa vez,,indo todos a caminho da escola, ela gritou:”Olha o buraco”,papai se assustou, e procurou se havia algum pelo caminho e quando viu que era “digo” ficou uma fera.. Com a saída de Zezinho foi morar na casa 3 um novo oficial,colega de Papai, era o Olavo Coutinho Marques,primo também de Zezinho, e dizia-se nosso contraparente pois era sobrinho de seu Paulino,ficaram portanto três Coutinhos lá: Frederico,Olavo e Oscar. O Olavo era casado com uma moça chamada Maria,e tinha 5 filhos,sendo só uma menina ,a Isa,hoje casada com o Comte.Dunham.

Com o tempo,surgiu uma troça muito grande com o Olavo. Quando oficial de dia,ele lia como todos fazem,a ordem do dia, do almirante diretor e ao terminar ele dizia: assinado O.C.Marques,mas de tal modo o fazia,que aos outros parecia sempre ouvir.:Oh! Seu Marques! Isso se tornou conhecido e motivo de riso para todos

Durante as férias de 1918,os aspirantes,saíram em viagem de instrução, como é praxe,nós sentimos muito, primeiro porque a vida se tornou mais monótona,o cinema acabava e os namorados iam embora.. Nós aguardávamos ansiosas a correspondência,esperando os postais que eles mandavam dos portos.. Mas o mais engraçado foi quando eu recebi a 1ª. ,carta de Camargo,fiquei com medo de mostrar a Mamãe, mas era preciso,eu não podia respondê-la,porque eles estavam em cruzeiro,,mas ela seria certamente descoberta,assim sendo mostrei-a e ela nada achou de mal,além disso Adahyl havia recebido também do Rego Monteiro e Cinira de Alarico,isso de um certo modo justificava a minha. Outros cartões chegaram até o fim das férias.. Enquanto isso,nós passeávamos à tarde ao longo do cais,pela manhã estudávamos no mercadinho, e nas noites de luar,nos reuníamos nas

pedras,para conversar e cantar toadas. Durante o dia ,trabalhávamos como sempre para encher o tempo.. Quando chovia e caia o sudoeste,era mau tempo ,por uma semana a fio.,nós ficávamos muito contrariadas porque não podíamos sair de casa,mas tão depressa estiava um pouco,eu corria e ia para a casa do Barrinhos,conversar com as meninas. Em geral tomava meu lanche lá,por sinal, que era muito bom,mate ou chocolate com pão torrado,D.Pequenina comprava uns pães “cacetes” pequeno,a conta de um para cada pessoa e Francisca,a cozinheira botava-os em cima da chapa para torr-los já com manteiga. Era uma delícia! Lá era ,como já disse,uma casa alegre,todos eram naturais,pais e filhos trocavam idéias livremente como amigos,todos tocavam piano.

Durante o dia,D.Pequenina,estava sempre na máquina ,cozendo para os filhos,enquanto conversava com as filhas e Geninha, ou qualquer das sobrinhas que lá estivesse hospedada,entre elas estiveram Elza Alves,Risi, Teresa e Diva Segurado.

Eu gostava muito também de assistir o almoço deles , sobretudo quando tinha talharim fresco,só para ver o jeito de D.Pequenina ,comê-lo..... Coisas de menina.

O ano de 1919

Assim entramos nós o novo ano ,que traria mudanças em nossas vidas e modificaria de um certo modo,o ritmo de vida daquela “clã”

Em primeiro lugar,deixou a comissão,o chefe de máquinas,Snr. Braga,,esse oficial era casado com uma senhora espanhola de nome Paulina. O casal não tinha filhos, ele gostava muito de caçar e foi por um presente seu que nós comemos veado..D.Paulina,gostava muito de nós,nos meses de junho e

julho,ele tomava banho d mar às 6 horas da manhã,dizendo que essa era a hora em que o banho de mar era mais saudável,nós então íamos todas em sua companhia,para o primeiro banho do dia, apesar do mar ficar na porta de casa ,nós não poderíamos ir sós de madrugada,nossa copeira ,a boa Paulina,nos acordava,Carmen e eu ,mudadas as roupas nos juntávamos ao grupo e caíamos nágua. Nessa ocasião,,nós vimos as mais belas madrugadas de nossas vidas,o frio seco era cortante, o céu tinha tantas tonalidades do azul ao laranja,que nem posso descrevê-las; a estrela d'Alva maravilhosa com um imenso diamante ,brilhava bem em frente a nós,os morros,as ilhas eram de uma cor chumbo azulado e o profundo mar azul,sereno,apenas levemente agitado pela brisa matutina,beijava suavemente a areia branca. Era um esplendor!

D.Paulina chamava o marido de Vraga,porque sendo espanhola,trocava o B por V.

Quando grassou no Rio e no Brasil,a gripe espanhola,uma espécie de peste, que fez um número incalculável de vítimas. Nós em Angra,não tivemos casos,devido aos cuidados dos médicos da Escola. A correspondência que chegava do Rio era toda desinfetada antes de distribuir,as pessoas que vinham do Rio,eram sujeitas também à desinfecção, nós estávamos praticamente isolados,por isso não adquirimos o terrível mal,mas ,um fato curioso se deu:D.Paulina foi a única pessoa que teve a doença,todos troçaram dizendo que ela tivera por simpatia,devido a ser também espanhola.

Essa gripe,matou tanta gente que era difícil enterrar os mortos,haviam famílias que ficavam com seus defuntos em casa,por dias,finalmente,passava um caminhão para apanhar o cadáver,botando sobre outro,como se faz com lixo. Muitos casos se contaram desse tempo,não sei se todos verídicos,mas

diziam que pessoas ainda vivas tinham sido enterradas. Mas deixemos de lado ,esses fatos tristes, e já bem conhecidos de todos e voltemos ao que interessa.

O Braga e D.Paulina,tendo vindo embora,foi designado para a escola,um novo comissário,,foi ele residir com a família,na casa 13,até então dos Braga..Era ele o Gentil de Alencar. O Gentil era casado com D.Antonieta, e tinha duas filhas,Marcilia e Dudu,. Marcilia a mais velha ,era da nossa idade,entrou mais ou menos para o nosso grupo,,digo mais ou menos, porque eu e Adahyl,éramos inseparáveis,de modo que as outras ficavam em segundo plano..Dudú era menor..Elas eram muito feias e sem gosto,além disso comissário,era considerado n Marinha como “feijão de bordo”,de modo que eles não tinham muito cartaz. Em todo o caso ,passaram a fazer parte do nosso grupo, mas Marcilia não conseguiu arranjar namorado, embora tivesse grandes encantos pelo Gastão Ruch,mas ele não queria nada com ela, e ficava uma fera,quando os colegas brincavam com ele,dizendo ser namorado da Marcilia.. Esteve também em casa delas,uma garota chamada Fanny,prima das meninas,mas ninguém quis fazer “Pendant” com ela pois era muito sabida e sem educação. Certa vez Marcilia, me deu de presente um canivete pequeno,talvez seu comprimento não chegue a dois centímetros,é vermelho e imita mármore,guardo-o até hoje, como lembrança sua, todos os meninos me pediram e eu sempre me recusei a passá-lo adiante. Quando Marcilia me presenteou,disse que eu o guardasse,porque ela não viveria muito,,e foi exato,ela faleceu aos 19 anos,em Niterói,onde residiam. Penso que ela tinha um certo pressentimento disso,além do mais a mãe, tinha uma grande predileção pela menor ,o que a tornava muito infeliz..Muitas vezes ela chorou e se queixou conosco,,o que a consolava era o afeto do pai. A família era espírita,fazendo mesmo sessões em casa,e a pobre Marcilia ,se bem que criada nesse meio,aspirava por ser católica! Quando aos domingos,nós saíamos para

a missa,ela ficava nos olhando de longe, tristonha e dizia:Como invejo vocês,Mamãe não me deixa ir à Missa,,queria fazer 1ª. Comunhão,como as outras meninas,mas não posso! Durante o mês de maio, nesse ano,ela ficava louca para ir conosco à ladainha,às vezes,nós íamos pedir à mãe licença para ela nos acompanhar,nem sempre ela deixava, quando o fazia,a menina ficava feliz,mas quando recusava,ao voltarmos da cidade,íamos encontrá-la com os olhos vermelhos de chorar. Nunca mais nós tivemos noticias delas,depois que saímos da Tapera. Em que estado de alma e de espírito,terá entrado na eternidade a pobre Marcilia? Teria conseguido o que almejava,ser católica?

Um outro fato,abalou nossa pacata vida angrense: a família Bardy ia dexar a Taperinha. Nós todos recebemos a noticia,consternados,íamos perder nosso excelente professor de português,perdíamos também nossos companheiros de brinquedo. Quantas vezes,os meninos da casa 2,logo que lá chegamos ,vinham brincar e jogar,animados pelo Bardy. Mamãe também iria sentir porque D.Sylvia era sua companheira,mas a separação não seria definitiva, pois nós continuamos a nos dar, e no Rio,nos visitávamos de vez em quando. Com a saída dos Bardy,sua casa foi ocupada pela família de um médico,que iria substituir o Dr.Lins,que por motivos de saúde,não continuava no lugar.Era o Dr. Freitas,,senhora e filhas. Eu só me lembro de duas :Virginia e Nieta. Era o tipo de gente do tempo do onça,metidas em casa para eles tudo era feio,além disso eram “Tijuqueiras”,sem gosto. Nieta era de nossa idade, conversava conosco,na porta de casa.Às vezes,,dava uma volta pelo cais, e só,era muito presa,a mãe quase não se via. Lá que era hábito,de tarde ou à noite, as famílias sentarem-se debaixo das árvores, para conversar ou formarem-se grupos,,eles nem apareciam..

Os grupos eram em geral assim formados:os Bardy com Papai e Mamãe,os Gama e Silva juntos,a família do imediato com os Dias Vieira,os Coutinhos

também formavam o seu. Os Lindemberg ficavam com o nosso grupo, D. Ada se dava com Mamãe e D. Sylvia. A família do Comandante que era grande, reunia-se só em frente à sua casa.

Eu e Adahyl, costumávamos muito a ir lá, durante o dia, conversar com Juracy, e Maria, na férias iam também, uns sobrinhos de D. Almira, Coema, Jurucey, Jurandyr e Poty Carvalho Veiga, este último era flirt de Adahyl durante as férias do Rego Monteiro, acho que era para não perder o hábito... Mas isso chegou aos ouvidos do Rego e deu um rolo com ela, mas de nada valeu, pois eles não se casaram.

Em março, voltaram os rapazes e tudo se animou, a vida recomeçou alegre e movimentada para nós. Certo dia, chegou a notícia, que uma turma de calouros, entraria breve. Um dos rapazes então propôs que cada menina tomasse sob sua proteção um calouro, a lista de nomes foi apresentada para que escolhêssemos segundo as simpatias de cada uma, pois nós não os conhecíamos. Nós velaríamos pelos nossos protegidos, eles não podiam levar trote.

O meu escolhido foi o Carlos Paraguassú de Sá, as outras tiveram também os seus.. Eles acharam muita graça nisso, e quando alguém judiava com eles vinham nos fazer queixa.

Eu ia me esquecendo de contar, que o convívio numa praça de guerra, nos formou um espírito bem militar, assim é que, pela manhã e à tarde, ao içarem ou arriarem a bandeira, a escolta formava para o toque de praxe, quem estivesse pelas imediações (oficial, aspirantes e praças) perfilava-se e fazia a continência, nós meninas nos levantávamos e ficávamos perfiladas em posição de sentido.. Até hoje, ao ouvir por acaso o toque simbólico, sinto reviver em mim, o espírito que há muito tempo se apagou...

Com o início do ano letivo, a vida voltou ao normal,, nós também aos nossos estudos, aos passeios da tarde, enquanto os rapazes, reunidos no extremo oposto, procuravam nos identificar, íamos ao cinema, aos banhos de mar, as festas de Angra.

Camargo, tinha o seu grupo de amigos mais chegados, eram eles: o Ivano Guimarães, o Thedim de quem falarei mais tarde,, o Rego Monteiro, e o Alarico. Por sinal que os dois gostavam muito de praticar telepatia, para isso um se colocava na popa e outro na proa, do rebocador, quando atracado na ponte, e ficavam tempos esquecidos em exercício.

Fazia parte da turma também o filho do Almirante Juthay de Alencastro, era um rapaz muito religioso, e como os colegas troçavam dele, costumava ir , para um extremo da praia, fazer suas orações.. Certa vez, foi apanhado rezando o terço , de joelhos, os outros judiaram tanto dele, que pediu baixa da escola.. Estudou direito, ingressou depois na diplomacia, e morreu anos mais tarde, num posto muito bom na Europa.

Eu , apesar de ser namorada certa de Camargo, e isso ser conhecido de todos, havia outros que eram meus fãs, e queriam por força me namorar , eram o Octavio de Freitas, o Ademar Siqueira e Caio Brant. Eu muito me diverti com isso, pois nenhum me interessava...

Assim foi passando o tempo. Em junho, Papai projetou uma vinda ao Rio, por uma semana. Eu fiquei penalizada, mas quem se opunha a Papai?

Quando este mês chegou, ficou decidido que viríamos mesmo. Assim sendo, as malas foram arrumadas, e no dia marcado, nos despedimos normalmente de nossos amigos, e rumamos para o rebocador, que nos levaria a Itacurussá,, para apanharmos o trem.

Ao dizermos adeus aos que ficavam no cais, nem podíamos supor que o faríamos de vez, à Escola Naval, àquele grupo que nunca mais se

reuniria,estávamos encerrando uma página de nossa vida,fechávamos a porta de uma época feliz de nossa existência que nunca mais poderíamos recomeçar..

Aquele convívio não se repetiria mais,dos que ali ficaram nos acenando com a mão,não encontraríamos outra vez neste mundo.. Mas a Providência de Deus, de tudo dispõe muito bem,se ao sairmos de lá se soubéssemos que não regressaríamos,as despedidas seriam dolorosas,assim não,viemos para um passeio costumeiro,,foi melhor assim!

Chegando ao Rio,fomos para a casa de tio Carlos,e Carmen como sempre para a casa de tia Sinhazinha,.Revimos vovó,nossos tios e primos,,passeamos,enfim,estávamos alegres e contentes!

Um belo dia,Papai chegou em casa ,e disse,que não voltávamos mais para Angra, a razão eu não sei.. Ele uma vez exonerado e nomeado para outro lugar,voltou só à Tapera,desmanchou a casa,combinou a vinda de Paulina,quando tivéssemos casa montada,pois com uma comissão tão grande,não conservamos a nossa..Luis Barra,nosso copeiro,voltou à`Gipóia, e Flavia que fora de Helena Coutinho,ficou também aguardando chamado para vir com Paulina,logo que fosse possível. Assim ficamos algum tempo,enquanto esperávamos alugar uma casa;mas longos oito meses se passaram sem acharmos a casa desejada,e durante esse tempo,muita coisa aconteceu,como vou relatar.

Oito meses dispersados....

Meus filhinhos ,eu tenho contado muita história para vocês, agora que nosso cenário mudou, tenho outros fatos interessantes,que vocês vão gostar,escutem

Tia Sinhazinha Portela convidou Mamãe e Papai, para ficarem uma temporada com eles aliviando assim a casa de tio Carlos, que não era bastante grande para reunir duas famílias. Assim lá foram eles com meus irmãos menores: João Candido e Maria para Botafogo, pois nesse tempo, minha tia morava na rua Martins Ferreira, 46. Eu permaneci com tia Cecília e Carmen com os Bahia. A vida mudara completamente para nós, primeiro por não estarmos em nossa casa, segundo porque aquela temporada em Angra fora alguma coisa de diferente, voltando para o Rio, retomávamos de um certo modo à vida normal de nossa família, aqui nascemos, aqui nos criamos de acordo com nossa época, nossos costumes e nossa educação

A vida tomou seu ritmo normal, nós íamos à casa dos Portela ver nossos pais, eles vinham à casa de tia Cecília ou à dos Bahia. Nós não voltamos imediatamente aos colégios, pois não sabíamos onde nos fixaríamos, além disso era meio do ano, nossos pais julgaram melhor esperar o começo do outro. Para suavizar um pouco esse tempo de espera, eu ia periodicamente passar uns dias com vovó em Jacarepaguá ou à casa de tio Sylvio, em Copacabana. Durante a semana, eu ia à casa de tia Sinhazinha Bahia, depois que as meninas chegavam do Colégio Jacobina e Olavo dos Barnabitas. Tia Laura, morava na rua Jardim Botânico, numa casa que fazia parte de um grupo, logo no princípio da rua, à direita, eu também costumava passar uns dias lá. E, por falar em Jardim Botânico, como era bonito nesse tempo, o bairro! Meus filhinhos, não era o que vocês conhecem hoje, não havia esse bairro conhecido por “Lagoa”. A lagôa Rodigo de Freitas ainda não tinha sido aterrada, ela vinha até o trilho do bonde, às suas margens havia um capim rasteiro, e pedras, que davam muito encanto à paisagem. Quando tomávamos o bonde de Jardim Botânico, Leblon ou Gávea, ao descer a ladeira do Humaitá, era um espetáculo muito bonito, descortinava-se toda a lagoa, e dava

mesmo a impressão de que o bonde ia entrar dentro da água.;se a maré enchesse,a água vinha bater no trilho dos bondes.. Mais tarde tudo foi aterrado e arruado,dando origem ao bairro que vocês conhecem e a Prefeitura vendeu os terrenos em leilão pelo preço de 7.000 cruzeiros,,tendo tido dificuldade em achar compradores. A avenida Epitácio Pessoa,também não existia toda,no final,aliás que era um lugar ermo,havia uma fábrica de lança-perfume,serpentina e confeti,era a David,ali terminava a rua.,mais tarde foi cortada a pedra,dando lugar à avenida que liga Ipanema ao Jardim Botânico..O aterro da Lagoa,,que ali foi feito de lixo,aumentou o contorno desta,os terrenos ali ,não foram vendidos menos baratos, foram à razão de 6.000 cruzeiros,o lote.! Vejam vocês como tudo era barato e isso já por volta do ano de 1924!

Mamãe,estive hospedada com os Portela,até o mês de dezembro, depois,como não achássemos casa,foi morar numa pensão que havia na rua Marquês de Abrantes,90 (hoje uma casa de saúde) que então pertencia a uma irmã de Pedro Rebuá,,cunhada portanto de tia Corina. Mas antes eu queria falar um pouco sobre a estadia deles em Martins Ferreira. Lá Maria e João Candido tiveram coqueluche,embora o mal viesse fraco, muito contrariou Papai e Mamãe,,pois tia Sinhazinha criava um afilhado chamado Alberto,o menino devia ter uns três ou quatro anos,apanhou como era natural a doença,,sobrevieram complicações, e talvez por já ser uma criança fraca,não resistiu ao mal e faleceu. Vocês poderão avaliar a contrariedade que Mamãe e Papai tiveram,,involuntariamente,os meninos levaram a coqueluche para casa.. Eu e Carmen íamos sempre lá,eu sobretudo passava muito o dia todo,pois me dava muito com Germana, e já tinha o hábito de me hospedar com eles, para mim era muito agradável , tia Sinhazinha sempre gostou muito de mim, trazia à tarde,quando voltava da cidade,uns deliciosos bombons da Lalet,foi nessa

ocasião, que ela me deu um pregador de cabelo de tartaruga,,que eu conservo até hoje. Germana ganhou um igual nesse tempo nós usávamos cabelos compridos,caídos nas costas. Mamãe,tinha feito um vestido de filó,cor de rosa,para mim,a saia era de babadinhos,Germana gostou muito,e tia Sinhazinha,pediu que Mamãe copiasse,em azul. Mamãe prontamente atendeu o pedido e Germana teve sua toilette. Desse tempo eu me lembro de uma certa música que Germana cantava chamada: Zoidazee. Papai pedia sempre que ela o fizesse,,pois ela o fazia lembrar muito de vovó Tereza, e fora isso ele a estimava muito.

Recordo-me também ,das brincadeiras que tio Portela,gostava de fazer conosco: mandava abrir a mão,e dava um bolo, com os dois dedos:indicador e médio:fingia que tirava a ponta do nariz,fazendo aparecer entre seus dedos,a ponta do polegar,o que dava impressão exata que de fato,ele tinha tirado o nariz..

Perto da casa,moravam umas famílias amigas,,os Carvalhal,os Borges da Fonseca e os Pontual Machado,esse últimos pernambucanos e parentes afastados nossos,mas com os quais os Portela,tinham amizade.Havia ainda os Moss, Dr. Alfredo Pinto, a família Penna Botto,que freqüentava a casa,o Dr. Arthur Vasconcellos,cujas filhas Lilita e Iza,eram amigas das meninas.

Mario nessa época,namorava a Odaléa Borges da Fonseca e Maria Teresa tinha uns flirts com o irmão desta,o Oldano. As famílias se visitavam sempre,tia Sinhazinha costumava dar umas recepções ,aliás freqüentadas só por gente muito fina.

A Odaléa, sentava-se ao piano,e tocava uns clássicos,alias bem e Mario ficava ao lado sempre com seu ar de gentleman virando as páginas da música,era um namoro mesmo à 1919. Foi ai,em casa de tia Sinhazinha,que certa tarde,Papai chegou da Marinha e nos disse:sabe quem morreu? O Alarico Pires de Castro.

Eu chorei muito,pois estimava muito o rapaz,e tínhamos tido muito contato na Tapera,de modo que a noticia foi um choque para mim.. Desde o ano anterior,ele tinha sido licenciado da Escola,por se achar fraco do pulmão e tinha voltado à casa dos pais, em S.Carlos do Pinhal,onde faleceu..Quando Mario me viu chorando procurou me consolar e distrair,me levou para o seu quarto e começou a mostrar suas gravatas,os objetos das gavetas,,enfim todas as curiosidade que possuía.

Mas apesar de tudo isso,nós sentimos a nostalgia, de casa,nada pode substituir o aconchego de nosso lar,mesmo que ele tenha falhas,apesar das imperfeições, matizavam por vezes ,o bordado delicado que é a nossa infância,lugar algum por melhor que seja,substituir o lar de nossos pais! Hoje mais do que nunca,,depois que a morte pôs fim “à casa de Papai”,eu vejo o que ela representa para nós,mesmo adultos e casados,é como uma secular e frondosa mangueira,à cuja sombra o viajante rico ou pobre,repousa e protege o seu corpo,do sol inclemente do verão!

A mudança de Mamãe,para a pensão Velozo,mudou um pouco o cenário da vida;lá travamos novos conhecimentos,Celina Rebuá,tinha filhas com as quais fizemos amizades, Ida,Alda,Celininha,Noemia,havia também a família Trigo Loureiro que residia na pensão e tinha filhas mocinhas. As meninas eram alegres, Ida tocava piano de modo que nós gostávamos de ir para lá passar o dia,almoçar ou jantar, com eles. Por outro lado, a casa de tio Carlos para mim era agradável,eles recebiam muito

Amigos para jantar,lá estavam freqüentemente Dr.Possolo,Radagazio Moniz Freire,Dr.Pinto Peixoto.Eu saia muito à noite,com eles,para ir ao cinema ou a alguma companhia de comédias boa,.Tia Cecília fazia chapéus para mim. Tia Cecília e tio Carlos,foram muito bons tios para nós,,mas nessa ocasião eles foram ótimos para mim,eu estava querendo “ser moça”,tinha um namorado

certo,gostava de me preparar,ter toiles novas,Papai nem sempre podia dar o que eu queria,eram eles que vinham em meu socorro, dando um chapéu novo ou um vestido.. Nessa ocasião eu tive oportunidade de conhecer parentes nossos,que ainda não vira. Os primos Maya de São Paulo. Um belo dia foram visitar tia Cecília, Zaira e Odila Maya,elas eram filhas de um primo irmão de Mamãe,Dr. Sylvio Maya,médico e residente em São Paulo. Sylvio era viúvo de Sofia de Aguiar,descendente do Brigadeiro Tobias de Aguiar. Ele tinha outros filhos rapazes que eu também conheci: Fabio, Carlos e Mário,,por sinal que eu fiquei encantadissima por Carlos,,achei-o muito bonito,mas ele nem olhou para mim..Durante a estadia das primas no Rio,,elas foram várias vezes em casa de tia Cecília,jantaram lá,sendo que uma noite,eles foram todos ao cinema,mas eu fiquei ,não sei porque. Lembro-me que Zaira,teve uma saída infeliz,me disse que menina da minha idade,em São Paulo,,não saia à noite. Eu fiquei muito chocada,pois já me sentia moça e daí fiquei com uma certa antipatia por ela. Nessa ocasião(não sei se para comemorar a estadia delas aqui) Stela Miranda deu uma festinha em casa e eu fui convidada,lá encontrei as primas,por sinal que Odila,estava com um vestido que eu gostei muito,era de gaze,cor de morango,estava muito bem,por ela ser clara de cabelos pretos.. Odila casou-se mais tarde com um primo irmão,e também primo de Mamãe,Ivan Maya Vasconcellos. Outro primo,que conheci nessa época,foi um pernambucano,Marcelo Gonçalves da Silva Perez,,era primo de Papai;veio de Recife passear e foi procurar tio Carlos. Marcelo já era engenheiro,e tinha 26 anos.. Ele era muito amável,me agradava muito, mas eu fiquei meio amolada porque ele se encantou por mim e vivia dizendo que ia esperar a priminha crescer mais para casar com ela. Brincadeira ou não,eu que tinha meu “aspirante”não gostei da história. Marcelo foi ao Norte,voltou novamente

meses depois sempre com a mesma brincadeira,depois foi embora,lá casou-se e esqueceu da priminha....

Em agosto,no dia do aniversário de tia Cecília,houve um jantar e recepção,como era uso eles fazerem nos aniversários dos dois. Lá se reunia a família toda,irmãos dele e dela,cunhadas,sobrinhos,lá iam sempre Titina (madrasta de \Papai) e Sylvia,Corinha e Pedro Moreaux,Dr. Possolo e família,a família Moniz Freire. Era muito agradável a reunião, Sylvia, Edith e eu íamos sempre para fora ,passear,ou subíamos ao escritório de tio Carlos,para apanharmos cigarros e fumarmos escondido,no terraço que havia nos fundos,atrás do banheiro. Era uma pândega quando nós nos reuniamos.!

Minha 1ª. Comunhão

Desde os tempos da Tapera,meu maior desejo era fazer a primeira comunhão e já estava mesmo preparada para ela,mas Mamãe não quis que eu fizesse em Angra,por me achar longe de todos os parentes. Assim sendo ,logo que nós chegamos ao Rio pensamos nisso.. Justamente Edith ia fazer a sua,com as alunas do Colégio Jacobina,,em princípios de setembro,mas quando cogitamos disso era tarde demais; aconteceu porém que um grupo de uns dez alunos,adoeceu de sarampo,não podendo fazer na ocasião,iam fazer em novembro. Tia Sinhazinha falou no colégio, e eu me reuni a eles,fui examinada lá,assisti a algumas instruções,,e a 27 de novembro,festa da Medalha Milagrosa,recebi a comunhão das mãos de Monsenhor Rezende, na Igreja da Lampadosa.

Do grupo faziam parte entre outros Gilda Rabelo,Marina Botelho e Américo Lacombe,irmão de Laura.

Eu fiquei muito contente e estava compenetrada,mas hoje,com a experiência que tenho,acho que a criança deve fazer sua 1ª. Comunhão cedo,como recomenda a Igreja,apesar de muita gente discordar, essa Mãe sábia,é que está com a razão. Na primeira infância o coração é mais puro,as malícias e maldades da vida,ainda não a contaminaram.. Compreende melhor a criança mais crescida? Isso é uma tolice,a verdade,no que ela pode ser compreendida,está ao alcance de todos,o mistério,permanecerá sempre mistério,tenha ela a idade que tiver.

Eu já estava quase uma mocinha,tinha um namorado,já pensava em me enfeitar,freqüentava cinemas,ia ao teatro,podia estar com a alma mais preparada que uma outra,de seis ou sete,que não conhecia nada disso.

Perdi de vista,meus companheiros de 1ª.comunhão,agora,passados tantos anos,sendo Eduardo,colega e amigo do filho do Américo Lacombe,este mostrou a Eduardo,um santo que guarda como recordação deste dia, e que eu dera a ele com o meu nome gravado atrás.

O mundo é muito pequeno,por isso diz o provérbio: até as pedras se encontram...

Novos conhecimentos

Nessa época eu travei relações com Maria Thedim,irmã de José,aspirante,muito nosso conhecido da Tapera e amigo de Camargo. Nossos laços de amizade se estreitaram muito,eu ia com ela e o irmão aos chás que o Clube Naval dava mensalmente às famílias dos sócios,ia ao cinema,freqüentemente à casa dela e ela ia me ver em casa de tio Carlos. Maria tinha um chapéu de filó,azul marinho,muito bonitinho, feito por D.Eva,sua mãe, tia Cecília que nesse tempo também confeccionava os

seus, copiou para mim, um preto.. Tive também outros feitos por tia Cecília, entre eles um de palha grossa marron, com uma fita azul natier, dando umas laçadas, esse era um cloche. e Mario Portela achava-o muito chic. Outro que tive era branco, forrado de crepe da china com uma pluma deitada sobre a aba.. Houve outro de crina branca, com uma grinalda de flores do campo, à volta, com ele eu tirei uma fotografia , que ainda hoje existe!

Eu me diverti muito em companhia do Thedim, num dos chás dançantes que fui,, lembro-me que quando tomamos chá, José pegou uma pilha inteira de sanduíches, e comeu., seus dentes fortes pareciam uma serra, dividindo a pilha alta ao meio. Achei graça nisso, mas o fato me impressionou tanto que nunca o esqueci. Outros amigos que adquirimos nesse tempo foi D. Pequenota e o Sr. Francisco Guimarães, pais do Ivano também aspirante. Camargo e Ivano eram amigos inseparáveis, e como a família Camargo morava nesse tempo ainda em Santa Rita do Sapucahy, este se hospedava nas saídas da Escola e mesmo durante as férias, na casa do Ivano. Camargo quando chegava da Escola, me telefonava para combinarmos a ida à Missa, no dia seguinte.

D. Pequenota vinha sempre ao telefone, dar uma palavrinha , outras vezes, telefonava dando notícias, quando recebia cartas da Escola, afinal me convidou para ir à sua casa, era natural, que eu sendo uma menina, fosse primeiro lá.. Além disso ela era irmã de um oficial de Marinha, muito conhecido de Papai,, o Comte. Damião Pinto da Silva, assim sendo a família era de um certo modo já conhecida e isso facilitava a visita.. Antigamente havia muito rigor, nessa questão de novos conhecimentos, as famílias eram mais severas na escolha das amizades, não se faziam relações , não se entrava em casa alheia sem se saber primeiro quem era família, quais os costumes e se era bem constituída.. Essas duas novas amizades estavam aprovadas e bem dentro das exigências que a nossa tinha , para esse caso.

Afinal o dia foi fixado ,durante a semana,quando os rapazes estivessem na escola, mas eu não podia ir só para Copacabana,eles moravam na rua Figueiredo Magalhães,109. Maria Teresa se prontificou a me acompanhar,lá fomos as duas,ao chegarmos lá eu fui logo identificada pois D.Pequenota já me conhecia de fotografia,fomos muito festejadas,eles foram muito amáveis,visitamos a casa,tomamos um ótimo lanche,quando estávamos no melhor da visita começou a chover. Nós ficamos aflitas,porque não estávamos prevenidas de guarda-chuva, mas Sr. Guimarães,gentilmente nos tranqüilizou,dizendo que nos mandaria levar de automóvel.. Chegando a hora de partirmos,ele fez questão de nos levar de carro,até a casa de tia Sinhazinha onde jantei,só regressando à casa de tio Carlos,à noite. Mais tarde seu Guimarães faleceu,com D.Pequenota nos damos até hoje. De Maria Thedim mais tarde,me afastei,as relações foram pouco a pouco,esfriando,até que sem haver aborrecimento algum,deixamos de nos dar.. Ela casou-se mais tarde,bem depois de mim,mas não nos avistamos mais.

Perto da casa de tio Carlos,na esquina da Almirante Tamandaré com o Catete,havia nesse tempo um grande prédio verde,ali funcionava o Liceu Francês,eu para me distrair, costumava à tarde, ficar na janela ,para ver a saída do colégio.,acabei travando amizade com um menino que vinha sempre conversar comigo,ele tinha seus doze anos e chamava-se José Eduardo Pestana de Aguiar,era muito bonitinho,moreno de olhos verdes. Eu conversava sem menor maldade,mesmo porque ele era um menino,mais moço que eu,,mas no fim de algum tempo,soube que ele dizia aos colegas,que eu era sua namorada! Achei muita graça nisso,lá ia eu dar confiança a um garoto! Mas apesar das pretensões dele,eu continuava a conversar porque isso me distraia e não ligava importância ao que ele pensasse,assim foi até eu ir embora para casa,depois nunca mais o vi. Ali,no Tamandaré fiz também algumas

relações,havia em frente os Pontual Machado,eu me dava com Maria Helena,ela entrou para o Sion,no mesmo ano que eu. Apesar dela ser mais moça,no Carnaval que estive em casa de tio Carlos,fui ver as Sociedades com os pais dela numa das janelas do Clube de Engenharia,na av Rio Branco, as outras noites sai com Mamãe e Papai,para ver da porta da Tabacaria Londres,o movimento na rua.

Moravam perto da esquina,duas meninas ,Carmen e Zélia Rego,Edith e eu fizemos amizade com elas e passeávamos juntas na calçada à noite.. Ao lado de tio Carlos,duas casas acima,residia Virginia Machado,essa menina,era filha de um senhor,creio que português,era filha única,e se dava com Edith.. Essa Virginia mais tarde casou-se e se não me engano mora na Urca.

Perto do Flamengo,havia uma pensão de estudantes,lá residiam dois rapazes,estudantes de Medicina,eu os via passar sempre muito bem vestidos,mas não os conhecia nem os cumprimentava. Muito mais tarde vim a encontrá-los e soube então que eram os irmãos Olintho,Mario e Décio,esse último casou-se com Lydia Quartim,.Decio é colega e amigo de Gastão Cavalcanti,de quem falarei mais tarde.

As missas de domingo

Aos domingos eu ia à missa na Igreja da Glória com tia Cecília,mas quando Camargo saia da Escola,eu não ia com ela. Em geral quem me acompanhava era Carlinhos Moreaux,Titina e Corinha,sua mãe moravam na rua Dois de Dezembro,de modo ,que ele vinha ter em casa de tia Cecília,saiamos ,nos encontrávamos no Largo do Machado com Camargo,e depois da missa ,íamos em geral tomar um refresco na confeitaria que ainda existe,perto do atual cinema São Luiz.

Muitas vezes,à noite Camargo ia ao cinema comigo,já então na companhia de tio Carlos e tia Cecília. Ele jantava também em casa deles,quando estava no Rio,passava à noite lá,tia Cecília “chaperonava” muito bem,mas nós ficávamos muito na janela,conversando.

Certa vez,ele me disse,que seus pais haviam chegado de Minas,e que desejavam me conhecer pessoalmente,pois de nome já conheciam muito bem. Assim nós fomos ao cinema na cidade,e lá encontramos com ele e seus pais.. O casal era bem moço,nesse tempo e extremamente simpáticos.. Logo me agradaram muito. Depois do filme,tio Carlos,convidou-os para um chá.. Foi uma noite ótima para nós, eu estava aprovada com grau 10. Daí a us dias eles foram à casa de tio Carlos fazer uma visita,e se não me engano,nós fomos depois ao hotel,retribuir a gentileza. A coisa tinha se tornado quase oficial, mas Papai sempre fingia sempre ignorar o caso, mantinha-se sempre alheio.

Quando Camargo,estava de folga e falava comigo,no telefone,D.Amélia sempre vinha me dizer uma palavrinha carinhosa,enfim eles faziam muito gosto....

Camargo também tinha uma prima muito sua amiga,e que se tornou minha camarada,Anair Camargo do Nascimento,filha do Dr. Theodoreto do Nascimento,sua mãe ,D.Eudoxia,era irmã do Prof. Camargo. Anair me telefonava sempre quando Camargo ,estava na Escola,,ia me visitar e eu retribuía suas visitas, Certa vez ela me disse,”Elza,eu sou muito amiga do Sylvio,quero que você seja muito minha amiga, como ele é...mal sabia ela que os fatos não se processariam como tudo que no momento levava a crer.!

Nesse tempo,eu visitei diversas vezes a familia do Almirante Serejo,que ficara muito nossa amiga,D.Almira era muito boa ,delicada e atenciosa.;eles moravam na rua da Piedade,hoje Clarisse Índio do Brasil,n*18,casa essa que não existe mais.. Juracy veio à casa de tia Cecília mais de uma vez

lanchar,e,eu ia à dela. Eu me recordo que na primeira vez que ela apareceu estava com um vestido de cetim preto. E um chapéu do mesmo tecido,cor de rosa.. Tia Cecília achou um absurdo ,uma mocinha de 22 anos,de preto! Através deles,nós nos demos com a família Marcelino da Silva. Era a mãe uma senhora viúva,D.Doca, diversos rapazes e duas moças, Alice,que mais tarde se casou com o Andrews, e Inezita.. Todos eram amazonenses,de modo que tive ocasião de tomar em casa deles,o tão falado “açai” que por sinal não gostei nada.. A casa era alegre e hospitaleira,a pessoa se sentia à vontade no meio deles,não havia etiqueta nem protocolo..Para mim,era muito fácil, ir até lá,a pé e só,coisa que nesse tempo as meninas nem mesmo as senhoras faziam,só se saia à rua acompanhada,era mesmo notado quando se via uma senhora só,na rua, imagine uma menina! Mas como ficava perto, e podia-se ir à pé,eu fui diversas vezes lá conversar.

Continuava como sempre com Adahyl,elas já tinham voltado, e se achavam hospedadas na casa da avó,na rua Mariz de Barros,200. Hoje lá existe a Basílica de Santa Teresinha. Naquele tempo era uma enorme chácara, lá eu fui uma vez,ver as meninas,por sinal que fiquei encantada,eram diversas famílias morando juntas,todos com filhas mocinhas,de modo que era muito alegre. Elas costumavam organizar umas festinhas,lá iam muitos rapazes da Escola de Guerra e aspirantes da Marinha, que moravam nas imediações. Nunca fui a essas festas mas tinha notícias por Adahyl, e sua prima Diva Segurado que também gostava muito de mim A avó de Adahyl,vendeu a propriedade antes de morrer. Uma das vezes ,quando viemos passar uns dias no Rio,e elas também vieram,ao chegarmos à estação,não havia táxis,Papai com dificuldade encontrou um,então nós nos apertamos e levamos as meninas até Mariz de Barros, e as deixamos em casa da avó. Por sinal,que ela era casada em segundas núpcias, com o Dr. Nabuco de Araújo.

A casa de Maricota Bahia

Maricota Bahia,era prima de vovó Lily,e mãe de tio Eduardo e de Tio Henrique,tinha mais duas filhas Miloca ,que era solteira,e Neném,casada com Nico Tinoco.. Neném por sua vez ,tinha três filhos: Nair,que se casou com Romeu Muller, e foi morar em São Paulo,Betinho que nessa época era solteiro e Sylvinha,que foi amiga de Carmen digo foi,porque uma apendicite supurada a matou aos 19 anos,em 1926.

Maricota morava na Praia de Botafogo,486,lá nós costumávamos ir passear,ou passar a tarde,brincando. Vovó e Maricota eram muito amigas,tanto que tia Laura era afilhada de batismo de Maricota,antes de ser sua nora.. Foi lá,numa tarde,de 1919,que eu vi Octavio Braga,vestido de luto,da mãe. Eu tive uma pena imensa dele,um menino com terno preto,só no mundo ,com duas irmãs,morando com os tios!Nós gostávamos de ir à casa de Maricota,ela tinha uma menina empregada chamada Cecília,que fazia pândega conosco. Guardo de lá duas lembranças: uma,era um queijo do Reino,que serviam no lanche,e que era delicioso, a outra eram as bolochas que Sylvinha comia no gênero de creme cracker,mas que Nico comprava ,na Pascoal.Sylvinha gostava de comê-las bem cobertas de manteiga...

Lembranças ainda dessa época

Copacabana 1913

Para que vocês,aquilatem ,como era o bairro naquele tempo,eu vou contar um fato que aconteceu lá em casa: Mamãe ia dar banho em Maria e para tal dirigiu-se ao banheiro e pegou a banheirinha do bebê,qual não foi sua surpresa

ao ver pular de trás dela uma cobra coral! Isso mostra como o bairro ainda era bem primitivo.

Tia Sinhazinha Portela, morava na Gávea, numa chácara muito boa, e eu costumava ir passar uns dias lá, para brincar com Germana. A casa era enorme, tinha uma grande varanda, muitas árvores frutíferas e era cortada por um riacho. Eles tinham uma governante inglesa, a Annie, que olhava por tudo, mas eu não gostava nada dela, porque ela botava as meninas de castigo e eu que não estava habituada a isso, julgava um desaforo muito grande. Tia Sinhazinha tinha nos proibido de comer jaca, porque era muito pesada, mas nós íamos às escondidas de Annie, ao quintal e chamávamos um empregado e mandávamos abrir uma para comermos. Esse homem era o marido de Ângela, uma rapariga de Angra, que morava lá. À tarde Maria Teresa, estudava piano, mas ela detestava o estudo, a sala de música dava para a varanda, de modo que eu e Germana, pulávamos o gradil, e íamos para a sala conversar com ela, se Annie visse nos repreendia e punha para fora. Maria Teresa, tocava uma música “Au printemps”, mas sempre errava no meio e parava, isso acabou ficando sabido.

Certa vez, tia Sinhazinha trouxe à noite, um cartucho de bombons da Lalet, para mim, eram deliciosos, nunca pude me esquecer deles!

Mas um fato engraçado, aconteceu comigo em umas das vezes que estive lá: Foi, pela manhã, na hora do café, estávamos todos à volta da mesa, na sala de almoço, e eu fiz uma coisa que em casa era proibido, molhei o pão no café com leite, Annie viu e falou qualquer coisa com as meninas em inglês, eu não entendi, mas pelos olhares e risos eu percebi que estavam comentando o que eu estava fazendo. Eu fiquei chocada e imediatamente parei o que estava

fazendo,mas a lição foi boa,pois a humilhação me ensinou a não desobedecer ao que meus pais me ensinaram.

Eu gostava muito de ver o quarto de toilette de Tia Sinhazinha,para mim ele era um verdadeiro “boudoir”,ela tinha na penteadeira bons perfume,loções,cremes de pele,de modo que eu achava aquilo lindo. A ordem e o arranjo da casa bem europeu,o gosto com que ela arrumava tudo,dava um certo requinte, a tudo que ela tinha,e,nessa época,até o jantar que só saia depois de 7 1/2 da noite,coisa que não era muito usada aqui,pois a maioria das pessoas fazia suas refeições cedo;às 6 1/2.Na casa dela ,ao lado da ordem havia um certo mistério,mas ela sabia como ninguém receber e escolher o que era fino e bom..Eu passava lá uns quatro dias,depois as saudades de casa apertavam e eu voltava para junto dos meus.

Alfredo Niemeyer e Elvirinha moravam então na rua Voluntários da Pátria,317,era uma casa apalacetada,em centro de jardim.. Eu costumava ir lá com Henriqueta,visitá-los,pois eles tinham por mim mesma afeição de quando era pequena.. Para mim era ótima a vida lá, Elvirinha tinha uma despensa grande e guardava bons biscoitos em vidros como há em confeitaria,quando eu lá chegava,ela me obsequiava muito,dava biscoitos,balas,e eu brincava com os filhos deles,Emilio,Luis Fernando e Elvirita. Eles tinham no quintal,uma criação de coelhos brancos de olhos vermelhos e nós gostávamos de dar o alimento aos bichinhos,couve e alface.. Alfredo queria me presentear. Com um casal deles,mas Papai e Mamãe não quiseram.. Foi nesse ano de 1915,no mês de março,que Elvirinha ,adoeceu gravemente,vindo a falecer no dia 9. Eu me recordo muito bem ,como tive pena dos meninos sem mãe,quando lá estive pouco depois que isso se deu,. A casa era triste,Alfredo todo de preto,ele me deu uma fotografia dela,que guardo até hoje.. Eu continuei a ir lá,mas

raramente,pois os meninos tinham ido para colégios internos.. Nas férias eu costumava encontrá-los na rua com a babá que os criara.

Nesse tempo,moravam também em Jacarepaguá,meu tio Jujú que havia se casado pouco antes com uma moça muito bonitinha chamada Marieta Miranda,ela costumava ir sempre à nossa casa visitar Mamãe,e nós também íamos vê-la,nessa ocasião nasceu minha prima Vera,filha deles.

Morava também lá um primo de Mamãe ,Antonico de Oliva Maya,casado com Eglantina Ascoli,que era um pavor de feia,eles tinham dois filhos, Tito e Edgard,feios como ela. Eglantina vinha também visitar Mamãe, e trazia os meninos que eram da nossa idade,Tito da minha e Edgard com Carmen,para brincarem conosco.,nós achávamos isso muito cacete,pois ela vestia os meninos com roupa de mulher, e cabelo à inglea.Edgard tinha um vestido de crepe da China,branco,de fichu, e Mamãe copiou o modelo para Carmen,o que muito a fez chorar. Mas o que nos botava mais aborrecidas era que Eglantina pretendia nos casar com seus filhos e sobre isso falava sempre.. Eu e Carmen ficávamos indignadas,por fim não queríamos mais ir visitá-la,mas Mamãe nos obrigava sempre. Nós tomamos verdadeiro horror a eles,mas hoje eu vejo que para Mamãe essas visitas eram distraídas pois passava o dia só.

Quando vovó,morava ali,tia Corina gostava muito de organizar umas representações para nós,e entre as peças que ensaiava conosco,havia uma chamada A pessegada.. Não me recordo bem como era toda mas sei que era uma pessoa que tinha uma indigestão por causa do doce. A doente era sempre Carmen,havia o doutor,que entrava com a mala,todos na casa estavam muito aflitos,e terminava Edith dizendo:

- Em que deu a pessegada!.

Apareciam também por lá uns chineses vendendo uns torrões de amendoim, e curiosidades de sua terra. Vovó certa vez, chamou-o e comprou para nós uns macaquinhos de marfim. Conservei o meu até bem pouco tempo, depois ele sumiu da minha gaveta, penso que algumas das crianças, apanhou-o. Senti muito quando dei por sua falta, não só porque fora dado por vovó, côm também por ser uma curiosidade que desapareceu do Rio. Nós gostávamos também dos torrões, que eles chamavam de pé de moleque, na sua língua atrapalhada.

Os aniversários em casa de tio Carlos

Tio Carlos e Tia Cecília gostavam de receber os parentes e amigos, em casa nos seus aniversários, respectivamente a 1* de junho e 29 de agosto.

Havia um jantar em que tomavam parte os irmãos todos dos dois lados, e também os amigos mais chegados: Dr. Possolo, Radagazio Moniz Freire e Dr. Pinto Peixoto. À noite iam outros amigos, parentes mais afastados, ou os que não tivessem podido ir ao jantar, havia uma mesa de doces, vinhos frescos etc.

Nós gostávamos muito dessa reuniões, Edith, Sylvia e eu, as mais velhas, porque Carmen e Lulu eram do grupo menor, passeávamos na calçada aproveitando para botar os assuntos em dia, outras vezes íamos para o escritório de tio Carlos, remexer as gavetas da secretária à procura de cigarros, se encontrássemos, o que acontecia sempre, íamos para o terraço que havia nos fundos atrás do banheiro, fumávamos e depois lavávamos bem a boca para não sermos descobertas..

Eram noites muito alegres, Sylvia era muito expansiva, nós duas éramos muito amigas, e assim nos conservamos até a sua morte.

Agora,passados tantos anos,olhando para esse tempo,que para mim parece tão próximo,eu vejo como todos eram moços,nesse tempo,e relembro os que lá iam, observo que a morte já ceifou tanta gente,e que se quiséssemos reunir todos novamente,bem poucos vivos,teríamos ao nosso lado! Quando vemos os velhos,em geral,não nos lembramos que eles também já foram moços, cheios de vida e esperanças,e ao olharmos para nós,não pensamos nunca que um dia,seremos também como eles,velhos!

Esse terraço que falei,lá da casa de tio Carlos,foi para mim,nesse tempo,quando ficava só pela manhã,ou à tarde,um ponto de observação muito interessante,de lá se viam os fundos das casas da rua do Catete, essas casas tinham pouca frente e uns fundos que iam até o inicio da rua Tamandaré. Uma das casas era de habitação coletiva,lá residiam muitas lavadeiras,eu gostava de vê-las lavar a roupa, estendê-las no varal.. Havia um mulato sorveteiro,que preparava o seu sorvete no quintal,depois passava vendendo na rua. Eu me distraia com isso.

Nessa temporada eu me distrai muito,pois além das saídas à noite, eu ia com tia Cecília durante o dia ,à cidade,fazia visitas,de modo que o tempo passava rápido.. Ia à Pensão onde Mamãe estava,freqüentemente passava a tarde em casa de tia Sinhazinha Bahia.. Até por sinal,que indo lá uma vez,ela quis que eu e Edith,dançassemos com Bernardo Carneiro para que ele treinasse um pouco(ele não sabia dançar) nós achávamos que ele era muito enjoado,assim como não quiséssemos ela ficou zangada,bateu em Edith e disse para mim: “Eu sei porque é,você pensa que tapa o sol com a peneira?è por causa do Camargo!”

Eu fiquei zangada e fui embora para casa,lá chegando,contei a tia Cecília,esta ficou furiosa,,pegou o telefone e teve uma forte discussão com tia Sinhazinha. Depois me disse:”É melhor você não ir lá durante algum tempo,para evitar um

aborrecimento entre seus pais e eles. Afinal tudo passou, e eu gostava muito de tia Sinhazinha e senti muito sua morte, anos mais tarde!

1920

O tempo ia passando, e nós na mesma, sem casa. Afinal, Papai lembrou-se da casa da rua Voluntários da Pátria, 190, onde nós tínhamos morado em 1916, procurou o encarregado, mas não havia nenhuma vazia, talvez mais tarde.. Eu me incumbi da tarefa de telefonar sempre, para saber se alguma estava vazia, afinal um dia, depois de vários meses, tive a resposta, que o n° 12, vagara. Avisei logo a Papai, e esse correu ao procurador, e tomou-a.. Isso em princípios de março de 1920.

A casa uma vez alugada, os móveis, objetos todos reunidos, nos mudamos para lá. Mamãe escreveu imediatamente para Angra e mandou chamar a nossa copeira Paulina e com ela veio a arrumadeira Flavia que tinha sido de Zezinho e Helena Coutinho. Estávamos todos reunidos de novo, depois de sete meses separados, para nós foi muito bom, talvez na ocasião, nós não tivéssemos apreciado bem isso, éramos jovens, a vida era ainda um sonho cor de rosa! A casa de Papai,! Hoje que ela não existe mais, vejo-a como que envolta numa nuvem, e aprecio como ela era firme!! Como sinto saudade do tempo em que podia dizer: vou à casa de Papai, ... tudo parece um sonho...

Quando somos jovens e enquanto a temos, não compreendemos tudo o que ela representa na vida, não lhe damos o devido valor, pensamos quando fundamos nós mesmos nossos lares, que ela substituível,, é alguma coisa que ficou para trás, e que o novo lar com sua nova felicidade a prescindirá; ingênua ilusão, a casa de nossos pais, como foi a de Luizinha e João, é e será insubstituível para sempre.

A casa paterna é um bem incalculável,é o refúgio onde nos sentimos outra vez crianças,onde tudo nos é familiar,onde cada objeto é uma recordação ou nos fala de alguém

Na avenida,viemos a encontrar velhos conhecidos de 1916,a família Arthur Guaraná,uma amizade que iria ligar nossas famílias por longos anos. Ao nosso lado,encontramos os Paranaguá Moniz,em frente,mais tarde,os Souza Dantas. Ali residiam boas famílias,o aspecto da vila não é o de hoje,,ao centro havia uma fileira de árvores,que davam à vila ,um pouco de sombra,as casas nesse tempo ainda novas, os gradis pintados tudo limpo e sempre varrido. Era uma moradia boa em sua época.

Nossa vida recomeçava nesse março de 1920,uma vez instalados,urgia pensar nos nossos estudos,eu como mais velha deveria voltar logo ao colégio. Mamãe pensou no Colégio Rezende,onde estudaram Mario, Fernando e Maria Teresa,,eu preferia o Sion, onde estava Sylvia, minha tia,afinal eu fui pedir a Papai e ele respondeu dirigindo-se à Mamãe:”Luizinha ela quer ir para o Sion, é melhor deixar!”

Assim,fomos logo depois conversar com as mestras,eu passei por um exame e fui colocada na classe “Bleu Clair”(hoje) que seria hoje o 2*ginasial ,apesar do currículo ser diferente.

Moravam ainda na casa n*2,umas meninas nossas conhecidas,as Rocha,Linete,Dulce e Stela,havia ainda a Lourdes,irmã muito mais velha,e que fazia as vezes de mãe.,pois o pai era um senhor idoso e não podia se ocupar das filhas. Linete ,também matriculou-se no Sion, e entrou no mesmo dia que eu.

A família Guaraná

Na casa 4 ,morava a família Arthur Guaraná,; D. Isa, senhora Guaraná, e os filhos;

Stelio,que depois foi para a Marinha, Eduardo,Simone, Paulo e Mauro. Moravam ainda com eles,os velhos pais do Sr. Guaraná,o senhor eu não sei como se chamava,a senhora era D.Geornelicia (Biica,como era chamada na intimidade) e Diva,uma neta por eles criada,que havia perdido os pais cedo. Quando nós moramos anteriormente aí,a família estava fora em Friburgo,de modo que só os velhos,Diva e Sr. Guaraná, eram nossos conhecidos. Stelio vinha por vezes à cidade,sendo também,de certo modo,do grupo. Com eles começaram ou melhor firmaram-se as relações de amizade,pois Simone tornou-se amiga de Carmen e Paulo,de João Candido,D.Isa ligou-se à Mamãe,,essa amizade continuou por muitos anos,e hoje apesar de todos os problemas,Carmen é amiga de Simone. Na ocasião eu me dei com Diva,formávamos grupo pára conversar e passear,como era comum na ocasião. Esse hábito desapareceu,em parte,devido a moradia nos apartamentos,,por outro lado esse costume era um pouco provinciano,nós ainda o vemos nas cidades do interior. Acho que ele é uma faca de dois gumes,se as meninas são boas,ótimo,se tem alguma mais sabida ou como diríamos hoje “mau elemento” a coisa poderia tomar um mau caminho.

A família Paranaguá

Nossos vizinhos à direita,na casa 11,era a família Paranaguá Moniz, Dr. Alfredo e D.Evangelina,ela desconhecida,ele filho de D.Argemira, e neto, de D.Amanda Paranaguá Loreto,amigas antigas de vovó Lily e de tia Cocota, amizades dos tempos da prima Domitila,aia da Princesa Isabel,e que mais tarde morou em casa de vovó, até o fim de sua vida.. O casal Paranaguá tinha

4 filhos, Caio com seus 9 ou 10 anos, aluno na ocasião do Colégio São Bento, Maria Elisa, na intimidade Mariucha de 8 anos, aluna do Colégio Sacré Coeur, da Glória, João Alfredo, de 4 anos, e a recém nascida, Maria Helena, que seria mais tarde Marion.

Mariucha tornou-se companheira de Maria, Mamãe embora sem intimidades travou relações com D.Vangila, como era tratada pelos íntimos, houve até mesmo uma visita oficial dos casais. Eles permaneceram ali até mais ou menos o ano de 1922., quando se transferiram para a avenida construída no n° 136., pelo Dr. Miguel Couto.

Maria e Mariucha brincavam juntas, e vale a pena assinalar que, para ela entrar no portão da casa do Paranaguá, Mariucha ia pedir licença à Mamãe..... nós fomos criados com um rigor, que agora não se vê mais, não era hábito nas famílias, as crianças andarem soltas.

Outros moradores

Ao chegarmos em 1920, em Voluntários, encontramos bem em frente à nós, uma família Teixeira Pinto, tinha o casal, uma filha Gioconda, com quem nos demos, dois rapazes, Américo, conhecido por Merico. E Carlos, o Cachicho, Essa família saiu logo, dando lugar aos Souza Dantas; Sr. Francisco, D. Maria Augusta, e os filhos Manuel que tornou-se amigo de João Candido, e assim foi até ele se casar, como era natural, a coisa esfriou um pouco, visto João Candido, continuar solteiro.. Manuel, morreu bem moço, talvez com quarenta e cinco anos. Havia ainda Maria Luiza, que entrou também para o Sion, e Daisy a mais moça, hoje Sra. Hargreeves. Com essa família estreitamos laços de amizade, por muito anos.

Outra vizinha que tínhamos e de quem muito judiaram os meninos, era D.Carolina,mãe da Santinha. Lá moravam no n*7, Santinha que era casada com o Heitor Sá,conhecido antigo de Mamãe e irmão. Mas D.Carolina não queria barulho na zona,quando as crianças faziam barulho em frente à janela,ela reclamava.. Nesse tempo,tinha aparecido no Carnaval uma música e os meninos fizeram um plágio para ela assim:

Ó Carolina danada

Mulher impertinente

Vai procurar trabalho

Deixe a vida da gente

Quando ela reclamava,o coro se fazia logo ouvir,inútil seria dizer,que esse movimento era liderado pelos meninos Guaraná,que eram levadíssimos.

Morou também ali o Languard de Menezes e depois o Hugo Dunschee de Abranches.

Minha ida para o Sion

Logo,em princípios de março de 1920,eu e Linete Rocha,entramos para o Colégio. Lembro-me desse dia,era uma segunda feira,chegamos ainda sem uniforme, tímidas, alvo do olhar inquisidor das antigas.. A classe azul claro,ficava na rua São Salvador,21 e a sala bem em cima da antiga capela. Nossa mestra era mère Malena,uma freirinha moça,ainda não professora, era mineira de Campanha. Gostei imediatamente dela, sentei-me ao lado de Zuleida Burlamaqui,para que ela me guiasse no sistema do Colégio,mas ela não era simpática,tinha atitudes agressivas e era impaciente com a minha natural ignorância dos hábitos do Colégio,mas passei logo para o lado de outra que me ajudou muito, e logo estava familiarizada com o Colégio.

Ao entrar naquela casa,eu não supunha que criaria raízes ali,que faria com aquelas irmãs amizade para sempre,que elas teriam uma influência enorme na formação de minha mentalidade;que as sementes que então estavam lançando em minha alma,se tornariam em frondosas árvores.por onde se abrigaria a minha fé. Se algum valor tenho,por menor que seja,às irmãs de Sion,deve caber a homenagem primeira,como planadoras de almas cristãs que são. Linete,ficou apenas uma semana no Colégio,saiu logo,pois uma reviravolta de fortuna fez com que ela fosse obrigada a deixar o Colégio, e em seguida a casa de Botafogo.

No Colégio,eu fiz boas amizades,encontrei meninas de famílias já conhecidas como: Maria Adélia filha de Alcino Affonseca,colega de Papai,;outra foi Dinorah Rodrigues Pereira do também oficial de Marinha,o Edmundo Rodrigues Pereira(Lóló) como era conhecido pelos colegas: Magdala Ribeiro da Costa,filha do Almirante que se dera com vovô. Como é natural ,nós fizemos o nosso grupo,eu me dava muito com Maria Pereira Simões,Maria Chrysostomo de Oliveira,com Carmelita Pedrosa.

Tinha entre outras,Judith Barbosa, Carmen Zenha,as Leite de Castro, Laura Schiller, Helena Ramos, Beatriz Marinho, Lavinia Mgalhães, Margarida Abreu, Edith Issa, Laura Sampaio Vianna,Maria Carmen Portugal, Mathilde Barra dos Santos,Maria José Soares.

Nós entrávamos `as 10 ½ e saíamos do Colégio às 4 horas. Nesse tempo era externato,nós íamos já almoçadas e levávamos merenda,as que desejassem lanchavam no Colégio.

Cedo,as irmãs exerceram uma benéfica influencia sobre mim, eu entrei para a guarda de honra do Coração de Jesus,fazia minha hora de guarda e comecei a comungar freqüentemente durante a semana, ia à igreja de Santo Inácio,e pegava a comunhão,que já naquela época,o padre dava antes da missa das 7.

Eu peguei imediatamente a classe na parte de estudos,só senti dificuldade em francês,tanto que durante o ano ,tirei diversas vezes cordão (premio) sendo que também de honra. Depois que eu entrei para o Sion,passsei a ir à missa dominical no colégio,depois às alunas que iam,as irmãs ofereciam café com leite ou chocolate e uns pães doces delicioso feitos lá.. Após o café,íamos todas para o pavilhão,onde cada mestra reunia seu grupinho e conversávamos até dez e meia,a sineta avisava que era hora de partir.

Nesse ano de 1920,eu conheci a Notre Mère Générale, que visitou as casas do Brasil,chamava-se Mère Gonzalessa,dela tenho até hoje guardada,uma linda imagem.

Com a saída da família Rocha,da casa 2, para lá mudou-se um oficial do Exército,com a senhora e a filha,era o Major Siqueira, D. Olívia e Lourdes. Eles eram de cor,aliás bem escuros. D.Olivia era violinista, e a filha estudava piano. É de notar,que nesse tempo,era raro se encontrar pessoas de cor,categorizadas,eram sempre ignorantes. No principio houve um certo retraimento por parte das famílias,depois vieram os cumprimentos,a menina começou a conversar e acabou se reunindo ao grupo,apesar dos pais se manterem retraídos e a menina ser bem presa.

Na casa n* 3,moravam os Muller dos Reis, D Ilidia,com José Candido,mais tarde médico,Murilo e Lourdes, o pai era agente do Loyde no Uruguay,passava a maior parte do ano lá.,a família ficava aqui,por causa dos estudos dos filhos. Esses também se juntaram aos demais,para as brincadeiras à tarde,na volta do colégio e depois do jantar até as 9 horas.

Eram brincadeiras de pique,de lenço atrás,cabra cega. Eu e Diva, conversávamos passeando dum lado para o outro.. Como já era maior,só saia depois do jantar. Quando chegava do Colégio,gostava de preparar meus deveres,deixando as lições para a parte da manhã,além de estar a memória

descansada a esta hora,Mamãe podia tomá-las todas ,pois eu fazia questão de tê-las na ponta da língua.

Os tições de Maria

Hoje,eu vou contar a vocês,meus filhinhos,uma história interessante passada com tia Mariazinha.

Mais para o meio do ano,nossa empregada Flavia,foi para Angra. Vovó Luiza mandou para Mamãe,uma filha de sua cria Maria,que estava há muito tempo prometida à Mamãe,a pequena chamava-se Fé,e tinha nesse tempo uns treze anos. Fé fazia a arrumação em cima,pois Paulina copeirava e tínhamos ainda a cozinheira..

Não sei porque motivo,certa manhã, achavam-se Maria e Fé,na janela do quarto da frente,quando D.Olivia Siqueira,abriu a de sua casa,que ficava quase em frente,à nossa.. Maria olhou-a e disse alto para Fé: “Até dá enjôo ,olhar tição,logo de manhã”

A senhora ouviu,e queixou-se ao marido,quando esse voltou à noite. Podiam ser 7 ½ da noite,quando bateram palmas à porta de casa,a copeira trouxe a Papai,uma cartão de visitas,que anunciava a presença do Major Siqueira

Papai recebeu-o admirado e mais surpreso ficou,quando soube o motivo que o levava lá em casa. Como era natural,Papai apresentou todas as desculpas, conversaram longo tempo,pois eram ambos militares,e o Major saiu certo que uma providencia seria tomada.

Maria e Fé, compareceram à presença de Papai, depois do pito e da lição de moral,tiveram como penitência o seguinte:no dia imediato,as duas foram à casa de D.Olivia,cumprimentá-la e pedir desculpas pela sua má educação.

Assim era meu pai, um homem correto, que soube transmitir a seus filhos, ensinamentos sólidos, noção do dever. Vale a pena, ressaltar que Maria disse a verdade, mentiras Papai não perdoava.

Durante esse ano, eu fui a muitos chás dançantes, no Clube Naval, "chá dançante" foi a coqueluche desse tempo. Eram à tarde, em geral em quinta-feira ou sábado.

O Clube Naval, promoveu muitos, época houve em que os promovia, mensais.. A principio eu fui com Papai e Mamãe, e mesmo uma vez com tia Cecília, mas depois ia com Maria Thedim e José, eles iam me buscar em casa e deixavam na volta. Lá eu encontrava a minha roda conhecida, meninas e aspirantes. Camargo, estava sempre, por sinal que todas as vezes que vinha da Escola, ia lá em casa jantar, telefonava, saia comigo para ir ao cinema, íamos à Missa etc. Durante as férias, na viagem de instrução, nos correspondíamos, mas Mamãe lia sempre as cartas. Nada era escondido.

Durante este ano, eu fui a outras festas na Escola Naval. Uma delas, muito interessante foi o chá oferecido aos oficiais do navio francês "Jeanne D'Arc", por sinal que eu fui apresentada a um oficial, com quem dancei a tarde toda, no final, ele me perguntou se eu seria capaz de esperar por ele....! imagine! marujo é assim mesmo, uma namorada em cada porto. Nunca mais o vi, e nem me lembro de seu nome...

Assim, atravessamos esse ano, entre o Colégio e os estudos, a vida em casa com Mamãe, Papai e os irmãos.

Papai saía invariavelmente às 8 horas da manhã e voltava às 5 1/2 ou 6 horas. Mamãe sempre em casa, cuidando de seus afazeres.

Uma coisa, que nós fizemos muito tempo, eu e Carmen, era ensinar empregadas a ler. Paulina era nossa aluna e Fé também. Nesse tempo vinha sempre nos ver, Herminia, viúva de Marcolino, ex copeiro de vovô. Eram de Angra. Todos

os filhos do casal eram afilhados dos Brazil. O mais velho, Aloísio, de tio Calos e Cecília, Mario de tia Sinhazinha e Marina, de Mamãe e Papai. Ela lutava muito, e vinha sempre buscar auxílio e roupas em casa, mais tarde, não sei se nesse ano ou no de 1921, ela faleceu e os padrinhos “recolheram as crianças”. Marina foi outra que eu ajudei a alfabetizar.

Paulina tinha a cabeça muito dura, nunca aprendeu a ler, o mais interessante e o que nos desanimou, é que ela não pronunciava as palavras de modo certo: dádiva, ela dizia da-diva. Essa excelente criatura esteve em nossa casa até 1923, depois desencaminhada por outra, depois de uma visita ao pai, foi para outro emprego, na mesma rua, lá ficando durante muitos anos.

A minha entrada para o Sion, mudou muito minha mentalidade, além disso eu me afeiçoei muito às irmãs, Camargo começou a implicar com isso, quando me escrevia da Escola, dizia sempre uma piada de crítica. No fim do ano, em suas férias, antes da vigem de instrução, foi a Minas, e de lá me escreveu isso, a título de anedota: “Uma menina de Sion, estava visitando uma fazenda e pediu ao dono da casa: “um verre d’eau”, o homem então trouxera “um varredor”

Eu fiquei furiosa com a brincadeira, com essa e muitas outras, que não me ocorrem mais. Ele era um rapaz inteligente, preparado, mas muito leviano, alegre é verdade, mas também meio infantil. Eu continuava me dando com sua prima Anair, ela embora muito mais velha, me visitou várias vezes, e eu a vê-la. D. Amélia também me convidou diversas vezes para ir com eles ao cinema, e depois tomar chá. D. Pequenota e o Sr. Guimarães, também me queriam bem e faziam gentilezas, com esses até Mamãe e Papai estreitaram amizade.. Mas ,apesar disso tudo, eu gostava também de conversar e passear com Diva Guaraná, de noite, na avenida.

Eu me dava com Sylvia e Edith, gostava de Germana, e ia muito à casa de tia Sinhazinha. Lembro-me de um domingo, que fui com Maria

Teresa, Germana, Annie, e Camargo, passear na Praia de Copacabana, depois soubemos que tia Sinhazinha havia censurado Mamãe, por permitir que uma menina namorasse. já desde cedo! Mas vale lembrar que eu me casei e as de lá.....

Eu continuei a manter amizade com Adahyl e Cinira, apesar delas estarem estudando e eu também. Fui várias vezes à casa delas na rua Ibituruna e elas vieram aqui a Voluntários. Mantínhamos também com os Bardy, tendo Mamãe e Papai ido várias vezes ao Andaraí, vê-los, também os Lindenberg. Mamãe achava muita graça em D. Ada, pelo seu grito de alemã e por falar o português às vezes atravessado.

A vida no Rio, desse tempo era mais calma, havia tempo para visitar, é verdade que as distrações eram em menor número, não havia ônibus nem lotações, era só o bonde, ou táxi. Carro particular era para um pequeno número de “ricos” Nós visitávamos e recebíamos Titina e Sylvia, tio Carlos e tia Cecília, tia Sinhazinha Bahia e as meninas, os Portela. Nesse tempo Tatá (irmã do Papai e tio Carlos,) já era doente, e morava só com uma empregada, no Humaitá, às vezes nós íamos visitá-la com Papai e tio Carlos.

Vovó Lily, que morava em Jacarepaguá,, como disse antes, isso era motivo de passeio em domingo ou dias ótimos de férias. Tio Sylvio, para lá também se mudou, nessa época e tio Nhonhô residiu muitos anos na rua Candido Benicio. Antonico e Eglantina Maya, pais de Tito e de Edgard, lá também viviam, nesse tempo. Outra pessoa que eu também estimei muito, e que radicou-se lá, foi Martha, nesse tempo estava perto da casa de vovó.

Vovó também vinha muito à cidade, ficava em casa de tia Sinhazinha no Catete, ou em casa de tia Laura, em 19 de fevereiro, conosco ela se hospedava pouco, pois nossa casa era a nossa conta.

Assim passamos esse ano descuidado,sem preocupações aparentes,pelo menos para nós.

Em dezembro,eu fiz meus exames,e passei para a classe acima, a branca.

1921

Ao iniciar o ano,isto é na noite de São Silvestre,tio Carlos e tia Cecília,iam lá para casa ,esperar a passagem do ano, quando as sirenes anunciavam o ano novo,faziam um brinde e todos se abraçavam,. Papai e tio Carlos se emocionavam e choravam abraçados,,não sei porque talvez se lembrassem dos pais.,assim foi sempre até a morte de Papai,em 1946.

Quando um ano se inicia,nós nem de leve suspeitamos as modificações que ele traz consigo.

Neste 1921,eu nem de leve poderia supor,o que ele de novo me daria,eu não podia imaginar as modificações que minha vida sofreria.

Não tenho bastante certeza,se Mamãe pensou em ir à Angra,durante as férias,como fazia antes de irmos para a Tapera. Sei que passei uns dias com Vovó e tio Sylvio

Camargo,sempre escrevendo quando ausente e telefonando e indo lá em casa se estava no Rio,seus pais nesse tempo,tinham se transferido para aqui e eram diretores do Colégio Pio Americano,em São Cristóvão,onde aliás moravam. Por sinal que havia uma aluna interna chamada Zélia,que gostava imensamente dele e queria namorá-lo,mas ele tratava-a como amiguinha.

Em fevereiro,no Carnaval,nós naturalmente fomos as três noites,para o Clube Naval com Papai e Mamãe. Íamos todos ,por sinal,que não me recordo se nesse ano ou no seguinte, tia Cecília resolveu querer ir também. O Clube dava os tíquetes,conforme o número de pessoas da família. Lá em casa eram

Mamãe e quatro filhos assim sendo um de nós teria que ficar em casa para ela ir.

Foi um horror ,ninguém queria ficar,Papai aproveitou o negócio para implicar com Maria,dizendo que ela como a menor, deveria ficar, para judiar conosco,fez um verso que leu à mesa do jantar:

Grande encrenca vai haver

Por causa do Carnaval

Todos querem sem poder

Meter-se no Clube Naval.

Foi um Deus nos acuda em casa,afinal tia Cecília sabendo que sua ida,prejudicaria alguém desistiu, Papai então fez o fim assim:

Afinal ao Clube todos foram

Riram,folgaram.,brincaram

Mas nem um momento

Se lembraram

Dos que na “onça” ficaram

Para mim,que já era maior,que tinha as meninas amigas e os aspirantes para dançar,era ótimo,saíamos em geral de lá às 3 horas da manhã. Das janelas do Clube víamos a passagem das sociedades. O Clube fornecia buffet para os sócios ,por sinal que ótimo.

Nos dias de Carnaval,também íamos às vezes à cidade,e o ponto onde se reuniam os conhecidos era a porta da Tabacaria Londres. Lembro-me que

muitas pessoas se reuniam ali para apreciar o Carnaval,e travavam verdadeiras batalhas de confete e lança-perfume.

Além de Papai,tio Carlos,Mamãe e tia Cecília,outras pessoas se reuniam ali,entre elas sei que ia o Varela Quadros,iam também muitos oficiais de Marinha,que agora não me recordo.

Dali nós vimos em um certo Carnaval,tio Carlos passar fantasiado de Pierrot,disfarce que teve de usar,por ter dado parte de doente,para não participar da mesa eleitoral,que nesse tempo era só para operários,havendo então muito barulho.. Naquele tempo em dia de eleição ninguém saia à rua.. Houve um carnaval,talvez nesse mesmo,que ali apareceu o Octavio da Silveira Carneiro,oficial de Marinha, de terno branco e tinha como gravata um enorme laço de cetim azul,perguntei-lhe onde arranjava aquela fita,,ele me disse que tirara do peignoir da mãe...assim eram os divertimentos daquela época.

Nesse carnaval de 1921,nos reunimos também aos DiasVieira e Ivete,aos Barros de Azevedo todos,no Clube Naval. Apesar de Cinira e Adahyl, morarem na zona notrte, e terem ido para outro colégio, eu continuei por muitos anos as mesmas relações,depois do casamento de Adahyl,nós nos dávamos da mesmo modo,como contarei mais tarde.

Adahyl namorou o Rego Monteiro,muito tempo,mas depois acabou tudo,e começou a gostar de um cadete da Escola de Guerra,que morava numa pensão em frente a casa dela,chamava-se Valentim Portas.Com ele se casou em 1924.

Minha classe “Branca”

Antes de me referir a este ano letivo,gostaria de recordar aqui que nesse tempo cursavam também o Sion,as filhas do Presidente da República, Dr.

Epitácio Pessoa, eram elas Angelina e Helena. Angelina era um ano acima de mim, Helena dois anos abaixo. Eu conversava muito com Angelina, ela era uma menina simples e penso que tinha simpatia por mim, pois não sendo minha colega de classe, procurava se aproximar para falar. Helena era mais retraída. Cursavam também o colégio nesse tempo as filhas do Raul Veiga, que era nesse tempo o Presidente do Estado do Rio, eram quatro meninas: Beatriz, Heloisa, e as gêmeas Clotilde e Lucila, uma delas depois passou para o Sacré Coeur. Elas almoçavam no Colégio, pois residiam em Niterói, no Palácio do Ingá..

Angelina Pessoa mais tarde, se casou com o Dr. Raphael Pardelas, voltarei a falar nela.

Ao deixarmos a classe bleu Clair, no fim do ano de 1920, nós queríamos e chegamos mesmo a pedir a Notre Mère (que nesse tempo era Mère Dieudonnée) permissão para que Mère Malena nos acompanhasse, a classe gostava imensamente dela, era moça, ainda nem tinha professado, ótima mestra, nós não queríamos mudar se bem que conhecemos Soeur Julia, da classe branca, e que era nossa professora de História Natural e Literatura.

Notre Mère não permitiu a ida de Mère Malena, nós iniciamos em princípios de março, o novo ano.

A turma foi aumentada por uma colega Darcilia Martins, que repetira o ano, nunca mais soube dessa colega, agora tive notícia, reside em Ponte Nova..

Tenho ainda guardada uma folha de papel que Mère Malena, deu a cada menina ao começarem as férias, ali havia conselhos e regras de conduta, que deveríamos seguir nesses dois meses, guardo também imagens que recebi no dia do encerramento das aulas. E da festa da coroação.. É uso no Colégio, as meninas trocarem essas recordações, no último dia em que estão reunidas, é um hábito interessante, muitas vezes algumas não voltavam para o colégio, outras

repetiam o ano,como aconteceu com Maria Carmen Portugal e Julia Sampaio Viana. Que ficaram em turmas abaixo.

Eu sou uma pessoa muito adaptável,sempre fui,e acho que morrerei assim,,logo me dei bem com a mestra, e tornei-me sua amiga,tive durante o ano diversos fitões(prêmios),ia muito à missa de domingo,no colégio,ficando lá até as 11 horas,conversando com ela e as demais irmãs,só não aparecendo por lá quando Camargo estava no Rio, e íamos juntos à missa,e mais tarde ao cinema ou a um passeio.

Assim corria o ano entre os estudos,os passeios e o namorado..Nos aniversários comemorávamos como já contei antes.

Papai,viajava tendo ido à Argentina,por duas vezes,entre os anos de 1921-1924.

Papai,foi diversas vezes à Argentina e ao Uruguay,certa vez depois da revolução de1922 em que oficiais brasileiros levantaram a guarnição do São Paulo,e foram depois refugiar-se na Argentina,este movimento estava ligado aos do forte de Copacabana,que ficou célebre como os 18 do forte. Isso ocorreu no governo Epitácio Pessoa,e foi o primeiro de uma série de movimentos que culminaram com a revolução de 1930.

Esse movimento se irradiou e teve como participantes o Capitão Luiz Carlos Prestes,conhecido depois como o “Cavaleiro da Esperança”,os tenentes Juarez Távora,Eduardo Gomes,Hercolino Cascardo,e outros mais graduados,depois alguns tomaram a linha comunista como Prestes e Cascardo e se desgarraram dos outros. Mas no São Paulo,estavam o comandante Álvaro Vasconcelos,os tenentes Cascardo e Amaral Peixoto, que no sul,abandonaram o navio,e pediram asilo político na Argentina,e lá ficaram por muito tempo.

Mais tarde, chegando a Buenos Aires,o navio brasileiro Barroso,para os festejos da independência , Papai que era o imediato,recebeu um bilhete do

Vasconcelos, pedindo que doente e em dificuldades, papai fosse vê-lo. Era arriscado, mas meu pai não era homem medroso, e foi ver o amigo e levar-lhe o auxílio que precisava.. Vasconcelos nunca se esqueceu disso, na missa de Papai, estava presente.

Mais tarde, depois da anistia, encontrou o Cascardo no arsenal, eles ainda eram olhados com desconfiança, papai estendeu-lhe a mão, como se nada tivesse havido.

Foi em 1921, que Marina, filha de Marcolino, tendo perdido a mãe (Herminia), com 7 anos, veio morar conosco, por ser afilhada de mamãe e Papai. O irmão, Aloísio, foi para a casa de tio Carlos. Marina ficou com Mamãe, até a sua ida para a Tapera, quando então foi para o recolhimento da Imaculada Conceição. Eu tive uma pena enorme dela, e ia sempre vê-la, tanto que sou sua madrinha de crisma.. Hoje ela está casada e mora na Tijuca

A situação política do Brasil era bem agitada, Epiácio Pessoa, deveria deixar o governo em 1922, por outro lado em setembro do ano seguinte seria comemorado o centenário da Independência do Brasil., grandes festejos estavam programados..

O prefeito do Rio, Dr. Carlos Sampaio, estava tratando do arrasamento do Morro do Castelo, grandes modificações se faziam na cidade, para os festejos do centenário.

O governo Epiácio, foi de gastos grandes, mas também de intensa vida social, a família do presidente recepcionava muito, sua filha mais velha Laurita, mais tarde senhora Edgard Raja Gabaglia, aliava a vida social, ao apostolado., foi nos jardins do Palácio do Catete, que com um grupo de amigas lançou a obra da Pequena Cruzada, além dessa, outras ali encontraram apoio. Laurita, também tinha sido do Sion, nesse tempo já saira coroada. Muito mais tarde eu deveria encontrar as Pessoas e com elas ter amizade mais estreita.

A família do Presidente da República,,era realmente gente educada,sabiam honrar a posição que ocupavam,estavam habituados a ir à Europa e tinham já relações com personalidades ilustres,tanto que durante seu governo,o Brasil foi visitado por figuras ilustres,como os Reis da Bélgica,durante os festejos do Centenário da Independência em 1922.

Mas,nesse começo de 1921,Carmen entrou para o Sion, e João Candido para o Santo Inácio. Daí começou o meu contato com os Padres Jesuítas,;nesse tempo era Reitor,o Padre Madureira, Papai achava muita graça nele,pois quando os meninos faziam,como era hábito,um exercício marchando pelas ruas de Botafogo,o Pe. Madureira ia na frente,marchando também trazendo o guarda chuva como espingarda e dando as vozes de comando. Papai gostava de ficar na esquina da rua D.Mariana,para vê-lo passar comandando o batalhão,e dizia sempre rindo;”esse padre tem alma de militar....”

Nesse ano ,em agosto,Carmen e João Candido, fizeram a 1ª.comunhão, os dois colégios,fixaram a data de 15 de agosto,seria impossível,Mamãe e Papai,estarem nas duas solenidades na mesma hora,em lugares diferentes.. Papai foi então ao Santo Inácio e expôs o caso ao Reitor,ele prontamente atendeu às ponderações de Papai e a comunhão do Santo Inácio, foi no dia 4 de agosto.

Nesse ano,nós freqüentamos as festas de dignidades,no Santo Inácio,tendo João Candido,no fim do ano recebido o premio de excelência, era uma coroa de louros,que punha na cabeça.

Naquela época,conhecemos o Pe.Gabinio que foi depois Reitor,o Pe. Natuzzi, e um jovem mestre,que por sinal jogava futebol com os alunos,o Pe. Mendicutti. Com esse me encontrei mais tarde,e muito nos demos,até que transferido para São Paulo, em 1938,mais ou menos,espacei nosso contato.

Eu esqueci de contar que moravam nas casas à direita e à esquerda do portão da avenida, famílias com quem nos dávamos, sobretudo uma, a da esquerda, com quem nos comunicamos até hoje, era a do Dr. Américo Ferreira Lopes. Família mineira, o casal Dr. Américo e D. Georgina, na intimidade, até para os filhos, Gigina, tinham duas filhas casadas, Alda, que morava em Cristina, no sul de Minas, casada com o Gabriel Junqueira Ferraz, e Favila, que residia com os pais, e era casada com Walter Gosling, e tinha um filho de pouco mais de um ano, chamado Hilton. Alda tinha três: a mais velha Margarida, que mais tarde tornou-se religiosa de Sion (Mère Alda), Lucila e Cássio. Tinham ainda Zezé e Lília, um se dando no grupo de João Candido, Lília com Carmen, e finalmente a menor Chiquita, que era inseparável de Maria.. Havia cumprimentos entre os pais,, não me recordo se chegaram as visitas..

Na casa da direita, moraram sucessivamente entre 1920 e 1924, primeiro o Dr. Renato Pacheco, com quem Papai, teve uma troca de cartões, por causa de uns enormes cachorros,, que não deixavam ninguém dormir, latindo a noite inteira. Depois veio a família do deputado baiano, Raul Alves de Souza, com estes houve aproximação, pois sendo ele solteiro,, moravam em sua companhia, duas irmãs também solteiras e uma viúva com três filhos:: Ondina, Alice e um menino pequeno, as meninas brincavam com Maria. Era uma família simples e afável.. Depois da saída destes, veio a família Saroldi, era gente mais simples, a mãe viúva e quatro filhos, me lembro bem de Marina. Por sinal eles alugavam quartos e lá foi morar um rapaz viciado em cocaína. Uma noite, houve um rebuliço enorme lá, soubemos depois que ele fora internado para tratamento médico, e que para enganar enterrara o vidro com a droga, no jardim.. Morava também perto a família Jatahy, com um casal de filhos, Lourdes e Betinho, eu vim a me dar um pouco com Lourdes.

No n* 180,da Voluntários ,local para onde davam os fundos de nossa casa,morava a família Hime. João Candido,fez relações com o Frank,no colégio,de modo que ele vinha sempre à nossa casa e João Candido à dele. Jantavam ou almoçavam um com o outro.. Certa vez,D. Verônica, mãe de Frank,telefonou a Mamãe,indagando de uma certa sobremesa,que o filho tanto elogiava. Mamãe achou muita graça e deu a receita,era bananada....ele naturalmente estava habituado a só comer coisa muito fina.!

Embora as famílias não vivessem umas em casa das outras,havendo até bastante retraimento e se houve visitas,eram raras e formais,o ambiente era ótimo e cordial.

Mais tarde,o Major Siqueira foi para uma comissão fora,aliás teve uma ameaça de congestão,foram morar na casa 2,uns Horta- Geraldo Horta era o menino,demoraram-se pouco,indo então ocupar a casa,um outro oficial de Marinha, Alberto Leôncio Martins. O casal era jovem e tinha dois filhos,em véspera de um terceiro; Helio e Lia. D.Laura era filha do maestro Chernichiaro e de D.Afonsina Carvalho Lima. Tinha ela um irmão advogado chamado Roberto,era solteiro,morava com ela. Era um rapaz simpático,e podia se dizer bonito. Morreu muito mais tarde,lá por 1935,viciado em morfina.. Nós nos demos muito, Helio é hoje oficial de Marinha,era companheiro de João Candido e de Manoel Souza Dantas. Os meninos implicavam muito com ele.

Ao iniciar-se o ano letivo de 1921,era mestra da classe branca, Soeur Julia,que fora minha professora de Literatura, no ano anterior.. Eu nunca poderia supor que iniciava ali uma amizade que duraria até sua morte, que atravessaria oceanos e que só mesmo a morte,separaria. Soeur Julia,era francesa,irmã de Mère Emanuel,uma religiosa que deixou nome na

Congregação de Sion, mas ela era muito establanada, muito inteligente,boa e simpática.

Esse ano veio também para o Rio,Soeur Maurita e Soeur Leonor já viera no ano anterior. Eu gostava muito de Soeur Julia,ia ao domingos à missa no Colégio, e lá ficava até as 10 horas,coisa que Mamãe não gostava muito.

O mês de maio era tão bom,tínhamos as 2 horas de Capela,rezávamos o terço e depois vinha a benção, e em seguida um cântico em louvor de Nossa Senhora,. Mère Adelina sempre ao órgão, às vezes,Mère Gontrand também cantava e o coro era sempre nosso,eu aliás gostava de ser chamada para isso.

Eu gostava tanto do Colégio,que saia cedo de casa,almoçando mal ,para estar logo la,não perdia aula e se por acaso fosse facultativa a freqüência ao colégio,como por exemplo,no dia 11 de junho,eu lá estava firme. Nesse ano ,até houve um chá dançante no Batalhão Naval e Mamãe ficou zangada,porque queria que eu faltasse ao colégio,para ir à festa, e eu não quis. De noite ,ao voltar ,ela me repreendeu,dizendo que eu era enjoada,que Camargo estava lá, e perguntara por mim, estavam também Maria e José Thedim, e outras filhas de oficiais,entre elas Ivete Dias Vieira, só eu tinha preferido o colégio..

Esse apego ao Colégio, e o exagero nos estudos,cedo me cansaram,por outro lado eu estava meio anêmica,de modo que toda vez que ia à Capela,desmaiava.

Foi nesse ano,que Notre Mère Dieudonné,adquiriu pela quantia louca de 400.000 contos de réis,a propriedade onde hoje está situado o Colégio,na rua Cosme Velho. As irmãs não tinham o capital,as alunas e ex-alunas começaram logo um tabalho para angariar fundos,entre eles uma quermesse,nos jardins do Colégio de São Salvador . Dessa festa tenho um grupo em que estou também e que saiu na Revista da Semana,isso foi em setembro.

Mas,minha ida para o Sion,fez com que eu tomasse rumo diferente,pensasse de outro modo; o espiritual,a fé, entrou em cheio em meu coração e ali encontrou como as sementes,boa terra para germinar. Por outro lado,Camargo, em suas cartas caçoava muito das meninas de Sion,dizendo serem elas pedantes,a coisa começou a me desagradar.Em junho,uma amiga de tia Corina,que morava também em Jacarepaguá,chamava-se ela Laura Siqueira,me telefonou e disse que estivera no dia anterior ,numa festa junina com o Camargo,e vendo-o dançar par constante com uma moça,lhe dissera: “Camargo,vou contar a Elza,”,ele dissera;”Que Elza?” e ela “a Brazil”,ele respondeu então:”ora ela é só uma amiguinha”

Apesar de ter pouca idade,eu não consultei a ninguém,arrumei num embrulho,tudo o que ele me dera:vidro de perfume,aliança,retratos e suas cartas,e enviei-lhe pelo Thedim,dizendo que estava tudo acabado.

Maria e José,intervieram. José não queria ser o tal mensageiro,mas eu disse se não fosse por ele,seria através de outro qualquer,tanto mais que a Escola já estava funcionando de novo na Ilha das Enxadas.

Ele ao receber o recado e as coisas,correu lá em casa,para saber o que havia, e fazer constar que era intriga,eu fui categórica,disse a ele que não,ele não merecia mais a minha confiança. Ele fez tudo para que eu voltasse atrás,os colegas me telefonaram, Ivano,Thedim,Maria,D.Pequenota Guimarães,a prima dele Nair,tudo em vão. Ele continuou contudo a visitar-nos como amigo.. Mamãe ficou furiosa comigo, e mais ainda ficava quando eu aparecia na sala ou ao jantar,com o cabelo bem esticado,,sem pó de arroz e quase não me dirigia a ele.,só o que a boa educação obrigava.

Assim,acabou-se uma amizade,não estava nos planos de Deus que aquilo se realizasse,eu apesar de menina não senti que poderia confiar nele,era oficial de Marinha,viajava muito,além disso era leviano.

Passados muitos anos,eu vi como a Providência tinha seus planos para mim.. Ele continuou um amigo da casa,Papai,como sempre equilibrado, aceitou muito bem,tudo. Eu fiquei livre de compromissos por um tempo e me apeguei mais ainda ao Colégio. Mamãe temia que eu quisesse ser freira e Soeur Julia julgou ser esse meu intento tanto que me prometera sua cruz,e uma religiosa em geral deixa para outra mais jovem,seu distintivo.

Anos mais tarde,vim a saber por um colega seu,que Camargo que se casara com uma moça,aluna do Colégio de seus pais,e que gostava muito dele,era o mesmo leviano de sempre. Teve dois filhos,um rapaz que sendo aviador,morreu num desastre aéreo, e uma moça. Não sei se o casal foi feliz,ele atingiu ao máximo de sua carreira,fez viagens ao estrangeiro,mas também no seio da Marinha,como oficial cometeu atos,que sem lhe ferirem a honra de militar,o desprestigiaram.

Creio que nesse tempo,Papai era ajudante de ordens Almirante Heleno Pereira,diretor do Arsenal de Marinha,existe uma fotografia sua ,desse tempo,de alamares.. Houve um fato singelo,que sempre nos referimos quando ao recordarmos essa época de nossa vida:tínhamos então uma cozinheira em casa que era nortista e como às vezes Papai chegasse tarde,para jantar por ter que trabalhar ou acompanhar o almirante a qualquer parte,ela se punha a reclamar na cozinha e tinha sempre a frase:

“Excomungado almirante!” Esse termo não é muito usado aqui no sul,de modo que nós nos chocávamos e ao mesmo tempo achávamos graça.

Papai serviu nesse período na Capitania do Porto,e na Diretoria de Portos e Costas,Arsenal,Corpo de Marinheiros. No correr do ano,fui várias vezes à casa de Adahyl,falava com ela no telefone,também. Continuei ainda por algum tempo me dando com Juracy,depois não me recordo porque fui me

afastando,até que a perdi de vista. Ela também foi para Recife,dizem que uniu-se com um homem desquitado e lá se radicou. Nunca mais soube dela.

Em setembro desse ano,como eu tivesse piorado, Mamãe levou-me ao Dr.Sylvio Moniz,ele me achou muito anêmica,aconselhou que eu parasse os estudos.. Realmente eu me matava nos livros,as lições tinham que estar na ponta da língua, de modo que isso me fatigou. Além da anemia eu quase não almoçava na preocupação de chegar cedo ao Colégio. Assim sendo,deixei o Sion,logo devendo retornar para os exames finais.,deveria estudar em casa ou repetir a classe no ano seguinte. Continuei indo ao Colégio, tomei parte ativa na quermesse que houve durante o mês,mas,minha vida deveria tomar outro rumo...

A 3 de setembro,tia Sinhazinha Bahia,comemorava seu aniversário de casamento, tia Corina resolveu então promover um “assustado”(uma festa improvisada),convidou as sobrinhas de Pedro,que tinham se mudado para o Rio,Queta,Eldina e Dora Rebuá Machado,filhas de Irene,irmã de Pedro. Estavam as Azevedo,amigas de Edith e que residiam ao lado;:Marieta, Amelinha,e Naninha com os irmãos Nico e Quinho. Estavam Paulo e Bernardo Carneiro. Foram também Sylvia Brazil,Sylvia Tinoco,, Carmen e eu, Aquiles Moreaux. Tia Corina convidou então as sobrinhas de Tia Ignez,que em geral eram todas mais velhas: Julieta, Herminia, e Dulcinha Gonçalves,Antonio irmão delas,Julinha Coutinho. Foi então em companhia deles,um amigo do Espírito Santo,que freqüentava a casa deles: José Vivacqua. Era um rapaz magrinho,moreno,estatura media ,muito bem vestido e bom dançarino..

Eu estava em cima,no quarto,acabando os retoques como alias estavam também as primas,à proporção que terminávamos a “maquiagem”,descíamos para a sala de danças. A casa tinha porão habitável,e a festa realizou-se ai,na

sala da frente,que era de assoalho,e dava para o lado da casa onde havia um banco,plantas,enfim um pequeno jardim,uma escada externa,de ferro ligava o hall do andar superior a esta entrada,foi ao descê-la que eu vi o tal rapaz moreno,ele por sua vez,notou a minha chegada,,ambos,em momentos diferentes pedimos à mesma pessoa que nos apresentasse um ao outro. O curioso é que eu me dirigi à Dulcinha Gonçalves,esta foi o cupido do caso,e disse:”Dulcinha,você me apresenta àquele rapaz moreno que veio com vocês?” Ela me respondeu: “Pois não,ele já pediu o mesmo,quer conhecer você!” Fomos apresentados,dançamos muito essa noite,apesar das implicâncias de Antonio Gonçalves,que vez por outra,me tirava., só para atrapalhar.

No dia 11,ia se realizar um “pic nic”,no Alto da Boa vista,José pediu que me convidassem,aliás ele era um dos promotores da festa, as meninas falaram à tia Ignez, e esta à Mamãe,a permissão foi dada,e eu fui com o grupo,e outras moças e rapazes,em bonde especial, que saiu da rua São João Batista, para o local marcado.

O bonde saiu às 8 ½,se não me falha a memória, e lá pelas 10 estávamos no Alto da Tijuca,as danças e o lanche foi feito no hotel que havia na praça,e fora alugado para esse fim.. Lá ficamos até as 17 horas,entre danças,,passeios e alegria, regressamos penalizados,,no fim do dia, já projetando outro pic-nic,que alias não se realizou. Estava em grande moda a música(fox) “Abatjour”,dancei muito com José essa musica, para nós até hoje é com emoção que ouvimos tocá-la

Entre as pessoas que participaram estavam: todas as Gonçalves,:Dulcinha, Julieta,Marta, Herminia, e Maria Julia, Julinha Coutinho, Jussara Pimentel,uma moça Vilaboim, Carmen Neves, a Leal,Mariquinhas Vivacqua ,irmã de Atlio,e outras que não me lembro. mais. Muitos rapazes foram

também além dos Gonçalves,,o Oswaldo Pinto Coelho,um de Campos que estudava direito no Rio,e que dançou também muito comigo.,Ângelo Cristóforo,Chiquinho Vivacqua,irmão de José.

Esse passeio, teve um papel decisivo em minha vida, voltei “namorada” de José.

È curioso vermos como a Providencia de Deus,orienta nossa vida e guia nossos passos para que seu plano divino se realize em nós. Duas pessoas nascidas em lugares diferentes,de famílias desconhecidas,se encontram por acaso numa festa e desse encontro sairá um novo elo,que irá aumentar a cadeia da família. Moral da história,eu não voltei ao Sion, nem para os exames,nem para o ano letivo de 1922.

Outras festinhas se realizaram em casa de tia Sinhazinha,depois dessa.

Pouco tempo depois,uma tarde,Camargo apareceu lá em casa,eu o recebi polidamente,conversei com ele na sala,então bruscamente ele me fez essa pergunta:”É verdade que você arranjou um namorado? “ eu respondi” ‘E e você nada tem a ver com isso.”;me levantei,chamei Papai para a sala e me retirei. Nesse dia,Mamãe convidou-o para jantar,mas eu me mantive firme,e que sua pessoa já não me interessava.mais.

Nesse resto de ano de 1921,e todo o de 1922,ano aliás do Centenário,,nosso namoro tomou corpo. No principio ele passava pela porta da casa,para me ver de longe,depois passamos a ir à Missa juntos,depois ao cinema com Carmen e Simone.

A festa lá em casa

Em outubro de 1921,Papai foi promovido a Capitão de Corveta,eu que desejava dar uma festinha lá em casa, pedi muito,e afinal consegui dar um chamado “assustado “ em nossa casa.

Convidei as Gonçalves:Julieta, Marta, Herminia, Dulcinha, e Maria Julia,Sylvia Brazil, Sylvia Tinoco, Edith e Lulu, as Rebuá,Queta (que namorava Achiles Moreaux) Eldina e Doyle. Foram também umas moças que moravam em São Clemente: Cordovil. Drazuidinha, e Elveriana,o irmão delas,o Alarico e sua irmã Iari

Os rapazes Gonçalves,Oswaldo Pinto Coelho que muito animava as festas,pois ia para o piano e tocava para todos dançarem.. Foram também meus tios, por sinal que tia Marieta,tocava também músicas de dança,tia Corina e Pedro,esse último cuidava sempre do “buffet” José e Chiquinho lá estavam,José,como era natural meio encabulado, pois era considerado “coió” Dançamos muito,foi muito alegre., D.Laura Leôncio Martins lá estava também e tia Cecília como sempre fazendo das suas,apresentou-a a José,para que ela dançasse com ele,o que aliás botou-o muito constrangido. Assim passamos uma noite alegre. Os festejos do Centenário e sua Exposição,com o Parque de diversões,,seus pavilhões de amostras deram margens que saíssemos muito juntos e já com Mamãe e Papai. No Carnaval de 1922já ele foi conosco,para o Clube Naval,os três dias.

Foi em fins de 1921,que tia Genoveva e Gabriela Gonçalves da Silva,vierm definitivamente para o Rio. Tia Genú, como chamávamos ,era irmã de vovó Teresa.

Em 1922,tia Laura e tio Henrique,voltaram dos Estados Unidos,com José Henrique pequeno, ficaram todos hospedados em nossa casa,não sei como coubemos ,em três quartos,duas famílias,durante 2 meses Depois eles tomaram uma casa e foram embora.

Esse ano foi marcado pela célebre revolução do forte de Copacabana, chamada de “18 do forte”, cujas cabeças eram então o Eduardo Gomes, Juarez Távora e outros que muito assustaram a população carioca, e que marcou uma era de revoluções e descontentamentos que culminaram em 1930, com a deposição do Presidente Washington Luiz

Mas vou contar o que se deu conosco no dia que arreventou a revolução: Quero antes lembrar que não pretendo aqui “tratar “ de história e sim rememorar fatos que assisti.

Certo dia, nos acordamos ouvindo tiros de canhão, e como era natural, toda a cidade, ficou em polvorosa com a notícia que rebentara no Forte de Copacabana. Os motivos vocês encontrarão nos compêndios de História do Brasil; Papai estava embarcado no São Paulo, o navio recebeu ordem de dar combate ao forte, os boatos eram os mais desencontrados, uma bomba (granada) caiu numa casa da Rua Real Grandeza, quase botando-a abaixo, e por pouco não matou um homem, que dormia.

Mamãe ficou apavorada com a notícia de que o São Paulo saíra barra a fora e que para não ser atingido pelos tiros, saía e entrava a barra, seguidamente.

À tarde, tio Carlos e José se encontraram em nossa casa (isso já no penúltimo dia da revolução) e resolveram que seria melhor nós irmos para Jacarepaguá e ficarmos em casa de Vovó, uma vez que Botafogo poderia ser atingido pelas granadas ou tiros de canhão, dizia-se que o São Paulo, tinha ordem de bombardear o Forte. Assim que, José alugou um táxi, fechamos a casa e lá fomos todos inclusive Marina e o cachorro Big. Chegamos à noitinha em casa de Vovó e como não houvesse lugar para todos, uns foram dormir em casa de tio Sylvio, que era próxima. Essa providência, entretanto tinha sido inútil, pois ao regressar à cidade, José soube que o forte havia se rendido, e que a revolução terminara. No dia seguinte, lá viemos nós com armas e bagagens, de

volta. Graças a Deus,Papai nada sofrera e tudo voltara uma aparente normalidade pois o fim do governo de Epitácio Pessoa, e o principio do Arthur Bernardes,foram marcados por agitações políticas.

Papai vai à Argentina (foi mais de uma vez)

Creio que nesse ano de 1922,Papai foi,ainda no São Paulo,à Buenos Aires,,representando o Brasil,nos festejos da Independência da Argentina. Lembro-me que ele foi duas vezes assistir esses festejos,integrando a representação do Brasil.

Em qualquer ocasião,para qualquer pessoa,uma viagem dessas era motivo de alegria;: recebia ajuda de custo,ia ao exterior, fazia compras e como militar merecimento. Mas,lá em casa,não, parecia que tinha havido uma catástrofe.. Mamãe preparava os fardamentos dele chorando,o momento da saída de casa era patético com despedidas e lágrimas, e, ai de quem não chorasse,era considerado “sem entranhas”

Papai trouxe presentes para todos,recordo-me bem de um colar de pérolas (fantasia,é claro) que trouxe para Mamãe,entre outros presentes. Trazia também doces,biscoitos, compotas, e uma célebre rabada em conserva,que era uma delicia.

Um fato,ocorreu durante uma das viagens,creio ter sido mesmo nessa da Argentina ou então durante as manobras da esquadra,que se realizava anualmente. Nós tínhamos,nessa ocasião,em casa,um cozinheiro,chamava-se Chico,era antigo empregado do Alberto Leôncio Martins,depois veio para nós Cozinhava muito bem,mas bebia muito, freqüentemente ia para o xadrez,quem o tirava era um dos Amado.. Certa manhã,Chico não acordou, verificado que estava morto,no quarto de empregados Nós ficamos apavorados com o que

vimos,o rabeção da policia apanhou o corpo,embora tenha ficado constatado que o óbito se dera em conseqüência de lesão cardíaca, Dr.Pêgo, que era médico da saúde pública mandou desinfetar o quarto.

Papai estava fora,nós dormimos todos juntos (inclusive Marina) no quarto de Mamãe. No dia seguinte,quando deviam fazer a desinfecção fomos dormir em casa de tio Carlos, e como estávamos sem copeira porque Paulina tinha ido para Angra, ficamos sem ninguém em casa.. Afinal tudo se resolveu bem com a volta de Papai, e a chegada de novos empregados.

Os domingos em Jacarepaguá

Antes de rememorar esses agradáveis passeios ,queria contar que o nosso cozinheiro Chico,,no dia em que morreu, tinha feito para o jantar,uns deliciosos camarões recheados,nós nos deliciamos com o saboroso petisco, e os que sobraram ficaram para o dia seguinte. Com sua morte, foi pavoroso quando no dia imediato achou-se o que sobrara,ninguém quis comê-los,foram para o lixo,e durante muito tempo foi prato que não se fez lá em casa,quando víamos camarões recheados lembrávamos logo da morte de Chico.

Vou falar agora de nossas idas,aos domingos a Jacarepaguá,à casa de Vovó: No período compreendido entre 1921 a 1924,nós íamos muito almoçar e passar o dia em casa de Vovó,saiamos às 8 horas,depois da missa, íamos de trem,saltávamos em Cascadura, lá tomávamos o bonde que nos levava à Praça Seca,onde saltávamos e rumávamos à rua Baroneza,230. Logo que José,ficou mais íntimo,lá pelas vésperas do Natal,(talvez mesmo nesse dia)foi conosco ao almoço que se realizou debaixo das mangueiras,na chácara de Vovó. Essa casa que já fora nossa,estava com seu pomar enriquecido depois que foram plantadas lindas mangueiras e um jardim com roseiras e um bonito pé de

acácia,na frente. Havia também um pé de baunilha,Vovó costumava preparar as favas aromáticas para doces e presenteava à família..

Nesse almoço, estavam reunidos todos os filhos e netos,desse dia existem fotografias: lá estavam também Carlinhos e Luis Ferreira,primos de Mamãe,(moravam em Pernambuco),Martha que morava perto e mandava sempre cocadas,amendoim torrado,gergelim,balas de leite. Outras vezes fomos nós também para o almoço em casa de tio Sylvio e tia Ignez,que era escalada para ponto de reunião.

Julinha Coutinho,já de namoro sério, e em vésperas do noivado,(ficou em 1922) com Ângelo Cristófaró,tornaram-se nossos companheiros inseparáveis não só nesses domingos alegres,em Jacarepaguá,(onde saíamos juntos para os passeios nos arredores)como no Rio,onde íamos juntos ao cinema,à praia no verão.. Daí vieram minhas relações com Amália,irmã deles,que mais tarde casou-se com o Pinto Galvão.

Nossos passeios à casa de Vovó eram alegres,passávamos um domingo agradável,,eu e José,gostávamos,e muitas vezes ele pedia a Mamãe,para irmos,pois assim passávamos o dia juntos. Para namorados,essas oportunidades são cobiçadas.

Em geral,Vovó reunia a família toda em seu aniversário (12 de abril),no Natal, ou Ano Novo;quando havia uma festa a outra era no Rio,em casa de tia Sinhazinha

Muitas vezes íamos sós,e numa dessas idas,eu tenho um retrato tirado com Carmen e José,numa pedra ,no fim da chácara. Depois de casada,ainda fui lá,sendo que a última vez foi em meados de 1930,com Heloisa e Gilda,pequenas. Tivemos outra casa,era na rua Barão,que Papai vendeu em 1924.

Julinha e Ângelo

Tornaram-se nossos amigos de todas as horas,saíamos juntos, íamos ao cinema,no verão,à praia. D.Pepita e Sr. Pedro,moravam na rua Xavier da Silveira,próximo à praia..Julinha estava noiva de Ângelo,muitas vezes eu ia lá,e ficava para jantar,depois à noite,Noemia e Virginio, ou Amália e Ângelo, iam nos levar em casa,a mim e Julinha.. D.Julia Coutinho,morava também em Voluntários,,na esquina da rua da Matriz,,em cima da padaria,que existia ali,,hoje há no lugar ,um café. Mais tarde tio Sylvio morou ali também.. Eu freqüentava muito a casa das Gonçalves,,na rua Sorocaba 150,saia muito com elas. Como era natural,me afastei um pouco das antigas amigas,procurava menos Adahyl,falava no telefone,por sinal que na mesma ocasião,ela começou a namorar um cadete,que morava em frente a elas,chamado Valentim Portas,e Cinira,o Aníbal Machado Werneck, família também da Tijuca.

As Gonçalves,eram todas mais velhas que eu,moças bonitinhas,chics,meio parentes nossas,o irmão ,amigo e companheiro de José,(Antonio) e o Cícero de Chiquinho. Lá sendo uma casa de moças e rapazes,era ponto de reunião,de modo que eu gostava muito de ir para lá.Com elas também saia muito,sobretudo com Martha,que era minha preferida.. Nesse tempo,conheci Geny Silva,,prima delas que se casara pouco antes com Atílio Vivacqua,primo de José.

Os festejos do Centenário

O ano de 1922,foi para o Rio de Janeiro,um ano de festas.,as comemorações do centenário,mudaram completamente a fisionomia da cidade..O então Morro do Castelo, fora arrasado pelo Prefeito Carlos Sampaio,em seu lugar surgiu a

atual “esplanada” Os Padres Capuchinhos que mantinham no alto do morro, a igreja de São Sebastião, padroeiro da cidade, mudaram-se para a Tijuca.. Por sinal que o arrasamento do morro,, deu origem a um fato pitoresco: um garoto morador lá de cima, aproveitou uma música que seria tocada no Carnaval daquele ano, e fez um verso assim:

O Castelo vai abaixo,

Não tenho mais

Onde viver

Vou viver na avenida

Para o Rei Alberto, ver.

Isso lhe valeu, uma vez divulgado, a sua instrução gratuita num colégio da municipalidade dada pelo Prefeito.

Na atual Esplanada foi instalada a Feira de Amostra, onde cada país amigo, construiu seu pavilhão, dois dos quais ainda existem: a Academia Brasileira de Letras, o antigo pavilhão francês, e o inglês que eu não sei o que hoje funciona lá.. Havia também um formidável parque de diversões, onde muito nos divertimos lá. Os preparativos e as construções, começaram um ano antes e sua inauguração foi dia 7 de setembro. Para essas comemorações, o Presidente Epitácio Pessoa convidou os Reis da Bélgica, Alberto e Elizabeth, que abrilhantaram com sua presença no Brasil, os festejos do nosso Centenário da Independência,. Houve bailes de gala, paradas militares, sendo que ficou famosa a do dia 7, na Quinta da Boa Vista.

Terminados os festejos, a feira e o Parque de diversões, funcionaram ainda muito tempo, nós costumávamos a passear por lá, de noite, e José ia conosco.. Foi mais ou menos nessa época ou talvez antes que, eu indo a um cinema com ele e Carmen, perdi uma pulseira dezena de prata que tinha, e usava sempre. No dia seguinte, ele me telefonou, à tarde, dizendo que mandasse alguém

esperá-lo no portão,que iria deixar uma encomenda para mim,mandei Marina, e qual não foi minha surpresa, ao receber uma outra de ouro,com medalhas,muito mais fina,de boa joalheria,essa eu conservo até hoje.

Nessa época apareceram os biscoitos Aymoré,era interessante,vinha um caminhão e homens vestidos de índios, distribuíaam ou jogavam para a rua, pequenos sacos de papel impermeável tendo dentro 4 biscoitos, das diversas marcas por eles fabricadas, foi uma ótima propaganda. Durante o Carnaval de 1923,repetiram a mesma coisa.. Vendiam também ,na feira de amostras,umas balas deliciosas que mais tarde desapareceram:: “beijos”sempre que ia là José comprava para mim, havia umas outras de batata doce e que pareciam “marron glacê”

Em outubro,Papai foi como sempre para manobras,e nós aproveitamos para sair com Mamãe,que por sinal,me acompanhava sempre.

Meu noivado

José já tinha me falado por diversas vezes,em casamento,pensava em ficar noivo,mas achava que ainda não estava em boa situação para isso,como estivesse já freqüentando a casa,saindo conosco,inclusive para as festas do Clube Naval,para o Carnaval, aniversários, e reuniões em casa dos tios e de Vovó,que aliás gostava muito dele. Julinha e Ângelo, já noivos, com casamento marcado,para o ano seguinte,ele resolveu me pedir em casamento,em dezembro.

Assim que no dia 16 de dezembro,,ele procurou Papai, (que estava avisado,mas fingiu que não) e fez o clássico pedido. Como é óbvio,ele respondeu que sim, depois da formalidade de consultar à Mamãe,ai foram os abraços, as telefonemas aos parentes,comunicando o noivado. José por sua

vez, participou à família dele. Eu já me dava com as primas, Olinda e Elizinha, com elas já saía para cinemas, freqüentava já a casa de D. Theonila e Sr. Pepino (José) que já moravam na Rua Voluntários da Pátria..

Com o noivado, e portanto a facilidade de poder falar, embora ele só viesse à nossa casa, três vezes por semana, acabou-se o passeio em frente à nossa casa.. José costumava passar à noite com um dos amigos, ou mesmo com o Chiquinho, em frente à minha casa e eu chegava à janela para vê-lo e cumprimentá-lo (isso foi no principio). De um certo modo, diminuimos as idas ao cinema, embora fossemos muito mais ao teatro. Bons tempos, aqueles,, não perdíamos uma só peça no Trianon, as companhias de operetas, que aqui vinham, nós não perdíamos os espetáculos.. Vimos a Esperança Íris, Clara Wiess, Léa Cardini, Pina Giovana, em quase todo o seu repertório....

Duranteo meu tempo de noiva, de dezembro de 1922 a 2 de dezembro de 1924, eu passei e me diverti muito. Não houve noiva mais obsequiada do que eu, José todos os sábados me trazia um embrulho de bombons, balas, biscoitos, do que havia de mais fino. Jóias, começou pela pulseira de ouro, depois no noivado, um anel de ônix circulado de brilhantes, com um no meio, mais tarde me deu uma cruz de brilhantes e rubis, muito bonita, tive uma escrava de ouro larga, quando apareceu a moda.

Tendo ficado noiva a 16 e sendo o meu aniversário a 19, Papai e Mamãe, resolveram dar um jantar em casa para comemorar o acontecimento e fazer uma “apresentação” oficial do noivo. Assim que lá estavam todos os meus tios, irmãos de Mamãe com as esposas e maridos, os de Papai, Titina sua madrasta, e Sylvia, Tia Genú e Gabriela, Vovó, minhas primas Bahia e Portela. À noite, pessoas amigas como os Leôncio Martins e Souza Dantas (nossos vizinhos) , apareceram para os cumprimentos. As Gonçalves, Julinha e Ângelo, Amália Cristófaró e as primas de José, Olinda, Elizinha, e Odete Vivacqua..

Dias depois fomos visitados pelos parentes dele que moravam no Rio, Sr. Pepino e D. Theonila, e depois Pedro e Zidoca, casa de quem ele morava. Eu fiz muito boa amizade com eles.. Pouco tempo depois, recebi a visita de meu futuro sogro, Sr. Domingos Vivacqua, que veio ao Rio à negócios, e nos fez uma visita, me levando de presente uma bonita carteira, como era moda na época, de couro marroquim, com um monograma e incrustações de ouro.. Ele era um homem alto e moreno, de seus sessenta e tantos anos, forte, bonitão, dono de uma bonita dentadura. Eu gostei logo dele, e embora não convivesse muito com ele por ser o mesmo fazendeiro, no Espírito Santo, tive para com ele, toda a minha vida, um sentimento de afeto e carinho muito grande, muito mais tarde quando faleceu, senti de fato a sua morte.. Hoje me recordo dele com saudade.

Passados os primeiros momentos de festa, voltando a vida à sua rotina, e todos aos trabalhos, comecei a viver aquela vida de menina noiva, pensando no enxoval, nas toilettes para ver o noivo, e passear com ele.. José jantava em nossa casa uma vez por semana. Nesse período como me deu presentes: perfumes, pó de arroz, o que havia de melhor, aliás o primeiro vidro de “L’heure Bleu”, que ganhei foi presente de Olinda, como gostasse, muitos outros tive e também outras marcas finas.. Cortes de seda, era comum aparecerem no escritório, vendendo artigos de contrabando, coisas finas francesas e José trazia sempre para mim..

Apesar de ser bem moço, só com vinte e três anos, ele era um rapaz correto sensato, “o outro” nem chegava a seus pés, se bem que mais ilustrado, mas José conquistou logo Papai, que o estimou a vida toda, e o quis como a um filho amigo. Mas, na mocidade, somos meio bobos, a vida, nós a vemos pelo lado fútil, cheia de vaidades e tolices. Por isso é que em parte, muitos lares se desfazem cedo, realmente, nós moças fazemos do casamento e do amor, uma

idéia muito diferente da realidade, mas devemos considerar que para muitas a felicidade na vida consiste apenas no período do noivado, realizado o casamento, os sofrimentos e decepções sucedem, tirando aos corações todas as ilusões e enchendo-os de amargor.

Nesses anos de 1922, 23 e 24, nós levamos uma vida suave e cheia de diversões; José para poder se encontrar mais a miúdo comigo, convidava para irmos ao cinema, ao teatro, proporcionava os mais variados passeios, no verão alugava automóvel à hora para passearmos pelo pontos pitorescos da cidade. Às vezes, nós íamos ao cinema Guanabara, com Simone e Carmen. Nessa época passaram um filme em série que foi muito falado aqui: “Os três mosqueteiros”, reprodução aliás muito boa, do livro de Alexandre Dumas. Nós acompanhamos no Guanabara, que na época era o único cinema de Botafogo.

Os teatros e cinemas à noite

Nos invernos dos anos já mencionados, era comum o Rio ser visitado por companhias de operetas italianas, francesas, espanholas, as de comédias e burletas portuguesas, e a grande lírica italiana que ia para o Municipal. A temporada lírica marcava época no Rio, a alta sociedade lá estava presente, as grandes toilettes, havia os assinantes habituais, e muitos tinham até seus lugares fixos. Mas isso não era para nós: era dispendioso para um oficial de Marinha, e cá para nós, existem óperas muito cacetes, de modo que nossa predileção era pelas operetas.

Todos os sábados, à noite, lá íamos nós, um sábado, era Papai que convidava, outro era José, uma semana ia Carmen, outra ia João Candido. Vimos a Cia. Pina Girana, Esperança Íris, Léa Candini, Clara Weiss, nas

comédias :o Chaby Pinheiro, Áurea Abranches e outras que não me ocorre agora.

Mamãe gostava imensamente das operetas e a Papai muitas traziam recordações da juventude como:A viúva alegre,Os sinos de Corneville etc.

Íamos também ver as comédias nacionais como: Manhãs de sol,por Abigail Maia, as peças de Leopoldo Fróes,Procópio Ferreira.

Nesse tempo,o Trianon era boite de comédias das companhias nacionais,havia duas sessões, 8 e 10 horas,a sala de espera,já era por si uma reunião social,havia a orquestra tocando,as pessoas chegavam para esperar o espetáculo,e então encontravam-se os conhecidos e apreciavam as senhoras na última moda.

Os cinemas ,Odeon,na esquina de sete de setembro com a avenida,o Central,o Pathé,o Palais,todos tinham sala de espera com boa orquestra,tocando os tangos e fox da última moda. A orquestra do Odeon era a melhor e mais afamada.

Depois das sessões,era costume tomar chá nas sorveterias,e tínhamos diversas no centro:a Cave, que existe até hoje. A Renascença, na Avenida,a Lalet,no largo da Carioca, onde também funcionava a Rio Branco,onde hoje é uma casa de discos.. Havia também o Ponto Chic,na rua Santo Antonio. Nós íamos muito para o nosso chá,e era comum encontrarmos tio Carlos e tia Cecília,que sempre foram os maiores passeadores de família. Como não tinham filhos,a vida deles sempre foi passear toda noite,após o jantar. Saíam para o cinema,teatro,visitas,creio que não houve peça no Trianon,que não tivessem visto,era mudar o programa, lá estavam eles.

Certa vez,nós saímos do teatro,Mamãe,Jose e eu,porque Papai, não tinha podido ir,por causa do Curso da Escola Naval de Guerra,que estava fazendo,depois fomos tomar sorvete na Rio Branco,lá encontramos tio Carlos

e tia Cecília,,eles vieram para a nossa mesa. Tio Carlos era complicadíssimo com as tais torradas,que pedia,às vezes devolvia duas vezes porque não estavam a gosto.. Essa noite,já era tarde, passava da meia noite,José tinha trabalho cedo,nós já tínhamos acabado de comer, e tio Carlos começou a tal cena das torradas. José se desculpou,pagou a conta, e nós saímos.. No dia seguinte, ele se queixou a Papai da atitude de José.,este veio me falar, e eu expliquei que José trabalhava cedo, e não podia se deitar às 2 da manhã por causa de torradas... Como os tempos mudaram! Imagine, se hoje,alguém ia ligar,por um sobrinho não ficar na casa de chá,até ao fim de seu lanche!

Muitas festas,também fomos em casa de Fabíola Vivacqua,que costumava dar umas festinhas,freqüentemente. Carmen também ia.. Estavam todas as primas de José, e foi lá que eu conheci Yolanda,que mais tarde, seria a mulher de Chiquinho.

Um pic-nic com as Portela

Nessa época,tia Sinhazinha Portela,morava na rua Conde de Baependi,creio que 121,a casa ainda existe.. Eu me dava muito com Germana,e tio Portela e tia Sinhazinha,gostavam muito de José,combinamos então um passeio em certo domingo às Paineiras.. Assim. fizemos,eu preparei alguma coisa,,Teresa e Germana,levaram um farnel,preparado por Anie,e com aquele cunho refinado que só tia Sinhazinha sabia dar às coisas. Lá José,comprou também o que faltou,no hotel, levou frutas etc.

Depois da Missa,fomos de táxi, buscar as meninas, e rumamos para a estação de trens,no Cosme Velho,e de lá para as Paineiras.

Passamos um dia alegre e agradável,debaixo das árvores,conversando e brincando. À tarde voltamos todos bem dispostos e felizes ,fazendo o propósito de outros passeios que aliás não tornaram a se realizar.

Muitas idas,se deram entretanto à Jacarepaguá,em casa de Vovó e tio Sylvio,onde íamos passar os domingos com grande alegria para os noivos que assim tinham a oportunidade de passarem o dia todo juntos.

Em geral,íamos também nos aniversários de Vovó,ocasião que havia um grande almoço,embaixo das mangueiras,ela reunia em casa todos os filhos,noras,genros,e netos chegando mesmo a irem minhas duas filhas,um ano antes de seu falecimento. No Natal e no Ano Novo,,outra reunião se realizava,quando ela passava o Natal em Jacaré,em geral o Ano Novo,era no Rio,em casa de tia Sinhazinha,ou vice-versa.

Lá estavam a fiel Idalina,e a não menos amiga,Marta, com seus amendoins e pé-de- moleque. Marta,me queria muito bem,sempre foi minha amiga,até morrer, o mesmo não se dava com Idalina,que não gostava de mim.

Vovó Luiza,no Rio.

Em princípios de 1921,Vovó Luiza,passou por outro golpe,em Janeiro,faleceu tia Sinhá,a única filha que ainda vivia. Tia Sinhá,morava na rua S.Leopoldo,em São Cristóvão,era viúva de Paulino Coutinho,e perdera seu único filho homem Zezinho(José Brazil Coutinho)na viagem,para tomar parte na Guerra Mundial,às vésperas de seu término,em setembro de 1918.. Seguiu o comboio para a Europa,quando começou a grassar a epidemia chamada Espanhola,ele que era farmacêutico da Armada, e pertencia ao Corpo de saúde,adquiriu o mal ao chegarem à Dacar,e na travessia,no auge da febre delirante,atirou-se ao mar,durante a noite. Zezinho era casado co Helena

Quaresma (sobrinha do livreiro) e deixou dois filhos,: Lourdes com três ou quatro anos, hoje casada com Othon Leonardos,e José Paulo, com poucos meses e atualmente oficial,engenheiro militar.. Helena ficou com um montepio mínimo,,o que obrigou-a a morar com os sogros, e mais tarde trabalhar como funcionária pública,talvez seja das primeiras mulheres a ingressar nos ministérios.

Tia Sinhá,tinha também uma filha,Santinha ,para os íntimos (Maria da Glória)nesse tempo solteira,hoje ou melhor mais tarde casou-se com um médico Américo Teixeira,e fixou-se em São Paulo.. Tia Sinhá,vivia com certas dificuldades depois da morte do marido, alugou então um quarto da casa, a dois rapazes estudantes,um deles veio a se tornar seu genro.

Como tia Sinhá,adocecera, Vovó Luiza veio para o Rio, e aqui assistiu seu falecimento,,se não me engano a 26 de janeiro. A casa continuou então a funcionar e vez por outra nós íamos visitá-la,depois Vovó já refeita voltou à Angra,só retornando ao Rio,já doente em fins de 1924.

No período de meu noivado,como disse adiante muito nos divertimos ,passeamos,como era costume, nos aniversários da família, a casa do aniversariante,tornava-se ponto da reunião etc. Até que em princípios de 1924,Papai começou a pensar em ir para a Escola de Grumetes,em Angra,,uma vez que para sua promoção à Capitão de Fragata,precisava fazer um estágio fora da sede.. Quando a coisa ficou mais acertada,José não querendo que eu saísse do Rio, falou a Papai,em casar-se em dezembro. Depois das confabulações,,marcamos a data para 2 de dezembro.. Completamos o enxoval,e tudo ficou pronto.

Meu casamento

Finalmente entramos na fase febril dos preparativos para o dia dois. Meus vestidos foram feitos por um costureira que morava perto de nós, as roupas de baixo, foram compradas prontas, meu enxoval não era grande. José comprou partidas de linho, para lençóis e fronhas, e toda a roupa de casa.

Começamos a pensar no mobiliário,,eu sofria muito a influência de Mamãe,seu gosto e suas fantasias,assim que quis móveis Luiz XVI,para a sala de visitas,os móveis de quarto eram bonitos e foram comprados no Catete,os da sala de jantar em outra fábrica,fizemos um quarto de hóspedes,que iria ser muito útil.. Começamos depois a procurar casa e finalmente alugamos uma de dois pavimentos na rua das Magnólias,14,na Gávea,próxima à rua dos Oitis, e ao largo em frente do Jóquei Clube.

A casa tinha dois pavimentos,jardim na frente e do lado,três quartos, duas salas e demais dependências.. À proporção que os móveis ficavam prontos,iam para lá, depois fomos à casa Souza Baptista,e encomendamos as cortinas da sala de visitas, e dos quartos,em filó bordado e as sanefas em moiré,na sala verde,nos quartos fraise. A sala de jantar porém tinha como era moda, na época,cortinas de brim pardo,bordada em cor,tudo confeccionado pela loja. Compramos geladeira de gelo,nesse tempo ainda não havia as elétricas,bateria de alumínio,arranjamos cozinheira,uma rapariga do Espírito Santo,que estava em casa do tio de José,substituindo.. Ficou comigo,por 100,000,para cozinhar e lavar a roupa.

Desses preparativos,me recordo de um fato interessante,:quando eu estava no auge dos preparativos, e ainda em dúvida quanto ao estilo dos móveis da sala de visitas:Luiz XVI ou XV,Carmen que era muito prática e vivia muito em “casa dos Guaraná”,que tinham sua casa em outro estilo disse:”O dia que eu

me casar,não quero nada disso,minha sala de visitas, terá um grupo estofado de couro,será tipo escritório....”

Mais tarde,vi como isso era muito mais prático,e só em 1930,isto é seis anos mais tarde consegui me livrar dessas idéias de estilos e fazer a vida mais prática,simples., como Carmen,tivera razão, de dizer,aquilo.!”

Afinal,os convites foram expedidos,o lanche encomendado,tudo pronto!

2 de dezembro de 1924

Como nossa casa era pequena para uma recepção, Papai alugou o Centro Social Feminino,,que funcionava na rua Marquês de Abrantes,60 e tinha como presidente D.Julieta Leão Teixeira, e como diretor Mons. Gonzaga.,que ia me casar.. Lá se realizou a cerimônia civil,o pretor Dr. Martinho Garcez, veio para o ato,o religioso realizou-se na Igreja do Sagrado Coração de Jesus,à rua Benjamin Constant,onde Mamãe Papai,tinham se casado e onde eu e José costumávamos assistir à missa aos domingos.

Tia Sinhazinha Portela,me deu como presente,toda a ornamentação da Igreja e o preparo da sala do lanche ,com aquele gosto que lhe era peculiar. Antes,eu fui ,com Mamãe,tratar com o então P.Franca,vigário da Paróquia,o casamento lá. Mons. Gonzaga,que sempre tinha gostado de mim, e desde de pequena dizia que meu casamento seria feito por ele,aceitou o convite encantado. O civil foi às 16 horas,seguido como era de praxe por uma taça de champanhe,e o religioso,às 17 horas,tendo depois a recepção.

Papai convidou seus colegas de farda e amigos,relações nossas e dos Vivacqua,parentes etc.

Na época,era moda a noiva ter suas damas de honra,eu tive as minhas,vestidas de tafetá branco,com chapéu tricorne preto,eram elas: minhas primas Edith

Bahia,SylviaTinoco,Germana Portela,Carmen,Sylvia Brazil (minha tia),Odete,Fabiola,e Alda Vivacqua,Julietta e Herminia Gonçalves,e minha grande e inesquecível Alicinha Lara,mais tarde casada com Gastão Cavalcanti. As alianças foram levadas por minha prima, Miriam Ferreira e as almofadas por Stael e Lygia Vivacqua.

O buffet veio da Colombo, e na cozinha estavam os nossos fiéis empregados: Henriqueta,nossa velha babá, Castorino que tinha vindo de Angra,onde tomava conta das terras,Marta,João Belisário,meu compadre, e finalmente,tia Corina e Pedro,que por motivos econômicos não podiam participar da festa.. Todos os tios e tias estavam,exceto tia Laura e tio Henrique,que estando em Angra(na Tapera) não puderam vir à festa.

Papai fardado,Mamãe com um vestido muito bonito,verde ervilha,Maria de cor de rosa e João Candido de terno azul marinho.

Meu vestido foi de cetim e a grinalda de renda verdadeira que Miloca Bahia,me havia dado. José e os convidados de fraque.

Às 17 horas,eu entrava na Igreja de braço com Papai,este fardado. A igreja iluminada,o órgão que foi tocado por D.Cecilia Paula e Silva Muller,executou a Marcha Nupcial de Mendelsohn,que ainda podia ser tocada ,(nesse tempo ainda não haviam sido proibidas músicas profanas na Igreja). Minhas damas de honra me precederam,e colocaram-se no altar do meu lado,as meninas das almofadas e a das alianças antes de mim..

Meus padrinhos de religioso foram Papai e Mamãe,de José,Pedro e Zidoca.. No civil os meus tio Carlos e tia Cecília,de José, Sr. Pepino e D. Theonila Vivacqua seus tios.

A cerimônia foi muito bonita, Monsenhor fez um sermão que agradou e não foi longo.. Depois dos cumprimentos,formou-se o cortejo e voltamos à rua Marquês de Abrantes. Ai uma surpresa agradável nos esperava,tudo estava

muito bem organizado,o salão que tinha mobília dourada,bom tapete,cortinas. Estava bem ornamentado, com muito gosto como na Igreja,mas, o que interessou mais a todos, foi quando foi aberto o buffet.,uma porta de correr,separava os dois salões,tudo estava perfeito, ao centro da sala,uma mesa comprida com uma rica toalha (de tia Sinhazinha)era destinada aos noivos,padrinhos e aos pais,à volta da sala mesinhas para quatro pessoas,dispostas elegantemente para os demais convidados.. Flores enfeitavam todo o ambiente,hoje isso é corriqueiro,,naquela época foi novidade muito elogiada. O comum era os buffets serem sempre organizados como os banquetes, em mesas grandes em forma de T. ou de U.

Entre os presentes que me recordo: Almirante Vieira de Melo e senhora,a família Gonçalves, Coutinho, os primos de José, até deu-se um fato interessante:lá estavam Odete Tross,sobrinha de Baby Sodré, e Diva Marcondes Ferreira,prima de Mamãe,Daniel Vivacqua e Elias Chaloup,ficaram encantados com elas,e ali mesmo houve um flirt que terminou com a festa. Estavam todos os nossos parentes. Vov  Lily,tia Gen  e Gabriela,os tios de José,primos, Chiquinho Vivacqua,irmão de José,Olinda e Elisinha,tio J j  e tia Marieta,Julinha e  ngelo,Am lia Crist faro, D.Isa e Simone Guaraná, D.Laura e Alberto Leôncio Martins, Luiz Rego. Os pais e irmãs de José não vieram,Mariquinhas e Bueno por causa dos muitos filhos, Elzira e Taninho,por outras circunstâncias

Nós ganhamos muitos presentes. José me deu uma pulseira de brilhantes e eu a José,um alfinete de gravata com um brilhante,que hoje é um anel de Heloisa. Sr. Egydio Vivacqua me deu uma medalha de madrepérola e brilhantes que eu ainda tenho,e a José um alfinete de gravata com um trevo de brilhantes. Sr. Domingos me deu um fio de pérolas.,e Manoel Vivacqua um anel de safira circulado de brilhantes

Pedro Vivacqua ,a floreira que ainda existe aqui,Sr. Pepino,o serviço de salada de frutas,com a bandeja grande, D.Filomena,o serviço de frutas com os pratos de vidro.,Maricas e Forjaz,que estavam ausentes,mandaram serviço de vinho,verde e vermelho,(garrafa e copos)

Tia Cecília e tio Carlos,1 par de jarras imitando bronze,tia Sinhazinha Bahia,um centro de mesa.

Papai e Mamãe três quadros: o par de Castagnetos, que estão na sala, e a litogravura ,que tenho na sala de jantar.. Outros presentes como o de D.Evangelina de Paranaguá,que se encontra no nicho,é uma maçã de cristal e tampa de prata.,para geléia.

Vovó me deu umas xícaras antigas (meia dúzia) e o binóculo de madreperola para teatro..outros houve menores,que não me recordo mais.

A recepção prolongou-se até `as 8 ½ da noite,mas às 7 horas, eu e José saímos, eu de vestido de palha de seda,com um chapéu de palha marron,onde havia do lado,umas flores. Dizem que José estava um noivo alinhado,tia Corina,não se cansou de elogiá-lo,mas eu também recebi os meus.. Esqueci de dizer que meu bouquet de noiva,foi muito bonito,pequeno e de botões de rosa..

Nós resolvemos não sair do Rio,José nesse tempo não tinha automóvel,assim que fomos para o Hotel Central,na Praia do Flamengo,esquina da rua Barão de Flamengo. José alugou um apartamento com frente para o mar,no 4* andar.. Ai ficamos cinco dias,depois dos quais,fomos para nossa casa na Gávea. Mas dois dias depois,nós precisamos de qualquer coisa que tínhamos esquecido,João Candido,foi levar e lá almoçou conosco.. Nós jantávamos no salão,mas pedíamos o almoço no apartamento..Nesses dias fomos à cidade,ao cinema,ao teatro..Estavamos despreocupados e felizes,só pensando no lado bom da vida.. No dia do casamento,ainda em casa,Papai me chamou no seu

quarto,e abraçado comigo,chorando me disse:”Minha filha,a casa de seu pai é sempre sua, se não se der bem,volte.

Graças a Deus,não foi preciso,voltar,nossa vida foi bordada como qualquer outra, de alegrias e momentos de tristeza,mas procuramos sempre nos compreender,relevar os defeitos um do outro,e sobretudo esquecer pequenos defeitos

Nossa vida na rua das Magnólias

Passados os primeiros dias fomos para casa,organizar nossa vida,Juvelina,a cozinheira veio,arrumamos tudo,e botamos anúncio para copeira,tratamos uma rapariga já madura,branca,chamada Elisa. A vida tomou um feitiço definitivo, José ia para o trabalho vinha almoçar no carro da firma,Vicente,o chofer,o trazia em casa,e depois vinha buscá-lo,antes de ir apanhar os tios em Voluntários.

Durante o dia,eu ia muito para a casa de Mamãe,à noite não parávamos,eram cinemas e teatros,um mês passado ,começamos como era de praxe,as visitas de agradecimentos..

Afinal, em princípios de janeiro de 1925, Papai seguiu para a Tapera, para tomar seu lugar de imediato da Escola de Grumetes. Mamãe ainda ficou mais ou menos um mês,para desmanchar a casa. Ficou deliberado que Carmen não iria,ficaria em nossa casa,por duas razões: primeiro,ela não queria sair do Rio,o que aliás era natural, e em segundo,para que eu não sentisse muito a falta de casa e ficasse acompanhada. Assim,que ela se mudou,para o quarto que tínhamos para hóspedes,e a casa de Voluntários,190,casa 12,foi fechada e os móveis e tudo mais,para um quarto alugado no sobrado em que tio Sylvio morava na esquina da rua da Matriz com Voluntários..

Finalmente,Mamãe partiu com Maria e João Candido Nós três,José,Carmen e eu, começamos nossa vida de passeios. Aos domingos, em geral Carmen ,ia para a casa de Simone,e quando tinha alguma festa sábado,lá pernoitava. Durante a semana, de dia ficávamos nós duas conversando ou fazendo algum trabalho.. Dois meses depois obtivemos telefone que teve o número Ipanema 719..

Moramos na Gávea,até o mês de maio,neste tempo ainda não havia o Jóquei Clube ali,em seu lugar era um estábulo,não havia também a praça,e a rua Jardim Botânico,enchia de tal modo,que José não podia ir trabalhar se chovesse,poroutro lado os mosquitos não nos deixavam dormir,assim que José ,resolveu procurar casa para sairmos de lá..

Nesse tempo,era costume aparecerem no escritório,homens vendendo artigos estrangeiros,tirados dos navios,assim que certa vez, José chegou em casa com dois cortes de tecido,um preto estampado, para mim,outro branco também estampado,para Carmen. Comprara em contrabandistas,eles eram lindos,e deram vestidos alinhados.

Nessa época,D.Isa ,já se mudara para o Jardim Botânico,para as casas do Modesto Leal,o que facilitava Carmen, ir para lá,pois era meio caminho de nossa casa. Afinal,um dia de maio,José chegou em casa,dizendo que achara uma casa nova,no Largo dos Leões,na travessa João Afonso,muito boa,mais cara um pouco,mas sem os inconvenientes da outra,me levou para ver,eu gostei e nos mudamos nesse maio de 1925: ali recebemos muitos parentes e amigos,um aniversário,logo depois do casamento foi festejado.

Casamento de Chiquino, João Afonso 67,e viagem à Angra

Ia me esquecendo de fatos importantes passados em fevereiro de 1925; se não me falha a memória, a 25 casou-se Chiquinho Vivacqua com Yolanda Almeida Ramos, sobrinha de D. Esther e Braz Vivacqua, filha de D. Almerinda Almeida Ramos.

Era também irmã de Ruth, casada com Atila Vivacqua Vieira, primo de José, e filho de D. Filomena. Elas tinham mais três irmãs: Isabel, Dulce, casada com Antonio Corrêa, e Nila, casada com Armando Prado, eram sobrinhas do Mons. Augusto Ferreira dos Santos e Alves, que fora Vigário Geral no Rio, e nesse tempo, era Capelão do Convento da Ajuda, já então situado na Praça 7 de setembro, em Vila Isabel. Tinham elas também um primo, padre moço, Aramis Serpa, hoje monsenhor. Penso que a cerimônia civil e religiosa, se realizaram em casa de D. Esther, em Voluntários, onde hoje, um prédio, mais tarde construído e posteriormente, vendido. Existe hoje o hospital N.S. das Vitóriaas. Houve, festa íntima, parentes e amigos das duas famílias, se reuniram e eu tive então oportunidade de conhecer diverss pessoas que ainda não conhecia.. Vi pela primeira vez os filhos de Atila e Ruth, Roberto e Lucia, a própria Ruth, eu não tinha ainda visto, e muitos outros que seria demais citar.

Lembro-me do altar, armado no salão de visitas. Yolanda, nervosa, custou a assinar os papéis, nos dois atos, tive crises de riso. Desse mesmo salão, sete anos mais tarde, sairia o enterro de Chiquinho.

Como no nosso casamento, Sr. Domingos e D. Nobila, não estavam presentes, por circunstâncias diversas, o mesmo se deu com Mariquinhas e Elzira.

Dois ou três dias depois, era sábado de Carnaval, nós íamos passar estes dias, na Tapera, em casa de Papai, que já estava com a vida organizada. Fizemos o único trajeto que havia para lá, tomávamos o trem cedo na Central, para Mangaratiba, tomávamos o rebocador que nos levaria à Angra.. Lá nos

aguardávamos uma surpresa,Papai mandou Castorino,que então tomava conta das terras do Chalet, nos buscar,pois José nunca tinha ido à Angra. Castorino,nos acompanhou solícito, procurando tornar aquele trajeto de 3 horas mais ameno.. José ficou encantado com a viagem que é realmente linda.,afinal chegamos ao nosso destino,bem.. Papai morava ,na casa que fora no tempo da Escola Naval,a residência do comandante, na nossa época,,o então Almirante Serejo(o velho). Casa grande,ampla,Mamãe já tinha dois empregados, a cozinheira e o copeiro,como eles gostavam de ter em Angra,por causa das compras, na cidade.

Eles já estavam relacionados com as outras famílias,assim que conhecemos o comandante que seri o futuro Alnte. Guilhem e sua senhora,D.Santa.. Estavam lá Octavio e Flavio Medeiros e D.Helena, cuja filha Heleninha,tornou-se amiga de Maria.. Havia o Comandante Briggs, ainda estavam lá o Otto de Faria e D.Elvira,,que sairiam em seguida,tio Henrique e tia Laura,já não mais residiam lá,tio Henrique já terminara comissão.. Outros oficiais e professores, que não conhci e que mais tarde conheceria,pelas relações que ficaram com eles como: Dr. Fabio Vasconcelos e D. Mariazinha, Prof. Arruda Melo e Názinha.

Passamos dias deliciosos lá,tomamos banho de mar,,por sinal que num deles eu perdi o anel que ganhara no dia do meu noivado, um ônix circulado de brilhantes e com um ao centro,como era moda na época.

Comemos muita ostra fresca,bons peixes,o tempo estava maravilhoso e a Tapera que fica fora da Bahia de Angra ,tem muita viração mais que o Chalet, que fica no fundo da baia, como Magé em relação ao Rio. José foi à cavalo com David conhecer as terras.,mas eu não fui.

Afinal,na quarta feira de Cinzas,,às 5 horas de uma manhã radiosa,saímos no rebocador da Marinha,rumo à Itacurussá, onde tomaríamos o trem de volta..

Dessa viagem de volta, guardo duas lembranças: a beleza da manhã, digna de um cartão postal, e o adeus de Mamãe, chorando, da janela de casa, e Papai emocionado, de pé na ponte da Escola, cujo vulto eu vi, enquanto minha vista alcançou...

Morre Vovó Luiza

Em abril de 1925, vovó Luiza veio para o Rio, e aqui adquiriu uma forte gripe, debalde lutou o Eugenio Coutinho, para tratá-la, tudo foi feito, afinal cercada dos netos e bisnetos, faleceu ela a 25 de abril, aos 98 anos de idade, lúcida, forte, com toda a sua autoridade, apenas “pescando”, isto é : tirando seus cochilos no meio da conversa.

Papai, veio de Angra, a tempo. Ela , foi enterrada no São Francisco Xavier,, não sei se no túmulo de tio Octavio. Encerrou-se uma vida de luta e coragem, amparada pela fé.

Ela tivera um irmão , frade carmelita, de modo que os da Lapa dos Mercadores, lhe assistiram o fim, levando os sacramentos, como ela sempre recebera em vida.

Nossa casa da travessa João Afonso, 67

A casa era nova, nós seríamos os primeiros moradores, tinha três quartos, duas salas, bom banheiro, copa e cozinha., fora quarto e banheiro de empregada. Havia atrás, uma varanda aberta, José achou que aberta como era, ela ficava sem segurança, pediu licença ao proprietário, fez uma parede com janelas no alto, tipo basculante com vidros verdes. Ficamos, assim com uma salinha a

mais,compramos um grupo de pano couro,tipo Mappin,para lá.. Mandamos arranjar as cortinas,e começamos a nossa vida de sempre.

Papai vinha ao Rio,sempre no fim do mês,de modo que ficava dois ou três dias na nossa casa,ele vinha buscar o pagamento dos oficiais,praças e professores,era o imediato,quem tinha essa tarefa.. Nesses dias,Carmen,dormia no divã que eu tinha no quarto de toilette. Afinal,João Candido,precisou voltar ao Rio,para o Curso Preparatório,e ficou também em minha casa até no dia em que fizemos um ano de casados. No dia seguinte,um colega dele foi visitá-lo à noite (Luiz Antonio Teixeira)

Elogiando a casa disse:”que logo se via ser de jovens casados”

Apesar da ladeira,eu fiquei satisfeita de ter saído da Gávea,além do mais Alicinha Lara,de quem me tornara grande amiga,morava na rua seguinte: Viúva Lacerda,de modo que eu ia e ela vinha muito em minha casa,estávamos sempre juntas,saiamos, íamos à cidade,para compras.. Em seu aniversário,ela reunia as amigas, lá eu conheci Elza Milanez, Lidia Quartim, Margarida Proença, de lá trouxe a célebre receita de bolo de nozes que faço até hoje,e que era obrigatório em seus aniversários.

Foi ainda no mês de maio,que anunciou-se que um bebê,viria trazer alegria ao nosso jovem lar!

Imediatamente,eu comecei a sentir o sintoma clássico: enjôo- com tal acabaram-se os jantares na Brama que nós tanto gostávamos, pois ao chegar em casa vomitava logo. José resolveu levar-me a um médico,escolhi o Dr. Fernando Magalhães,que eu conhecera,e era pai da minha colega Lavinia,em casa de quem muito tinha ido,depois das Missas de domingo na Capela do Colégio. Ele me reconheceu,me deu um remédio para melhorar pois nesse tempo,,acho que não havia grande coisa para esse mal. Foi nessa época,que recebemos a visita de Frederico Barros Barreto e Anita,que foram agradecer a

que nós fizemos depois do nosso casamento. Outras se seguiram até o nascimento da segunda filha do casal chamada Beatriz, para quem eu levei de presente, uma pulseira de ouro.. Frederico não é propriamente nosso parente, mas se considera como tal. Sua mãe, irmã de Laura Miranda, era grande amiga de Vovó Lily, e Sr. Barreto de vovô, assim vovó era madrinha de batismo, de Frederico, ela o estimava muito e ele retribuía com carinho filial. Por outro lado, ele era primo de tia Marieta, mulher de tio Jujú.

José reunia aos sábados à tarde, em casa, uns amigos para jogar pôquer, e à noite nós íamos sempre ao teatro, ainda entre os amigos vinham jogar, o Guilherme Lips da Cruz,, corretor de café, e trazia às vezes sua senhora Odete, de quem fiquei camarada, e nos demos até que o casal se separou, em situação bem triste, ficando as três filhas, Hilda, Helena e Heloisa, com ele. Nunca mais os vimos. Outro que foi lá também ,era um rapaz que trabalhava no escritório com José, Plínio, que foi nos visitar com a senhora.. Os dois irmãos Machado, Argemiro, casado com Clara filha do Dr. Theodoro Machado e Antonio, nessa época, ainda solteiro, e pouco mais tarde, casado com Carolina Valle, moça educada e de origem portuguesa, rica e moradora na Tijuca. .Com esses tivemos muito boas relações por muito tempo.. A Clara, porem era muito convencida e não nos aproximamos.. Como era natural essa foi para nós uma fase de divertimentos ,aliás nós sempre freqüentamos muito teatros e cinemas, mas ainda sem filhos ,era mais fácil.. Íamos à Missa de domingo, na Candelária, às 11 horas, missa considerada chic, José entrou para sócio do Fluminense, e mais tarde para o Botafogo, o que nos proporcionou, muitas tardes e jantares dançantes, vez por outra íamos a Jacarépaguá, ver Vovó.

Morava em nossa rua, e era proprietário de nossa casa, o Dr. Lafayette de Freitas, médico e casado com a filha do Min. Espírito Santo,, do Supremo Tribunal Federal.

Nossa casa, era construída num final de seu terreno, que fora loteado.. Antes de nossa casa, havia duas outras, onde moravam sobrinhas de sua mulher. Na primeira morava a Vera, casada com Renato Marani, ao lado Carmen, casada com Pedro Paneti. Ambos italianos, de origem modesta, e ganhando pouco, levando as mulheres a fazerem o serviço. Ambas não tinham filhos, eram casadas há pouco, e Carmen, logo começou a se dirigir a Carmen e a mim. Nós conversávamos da janela, e ela arranhou meios e modos, de ir lá em casa, e acabou até pedindo para eu cortar um vestido para ela., logo começou a mostrar que não tinha educação e nós percebemos que havia algo estranho em sua vida, nós mais tarde viemos a saber ,ser ela filha natural de um filho do Ministro.. A coisa tomou tais proporções, essas que acontecem quando nos metemos com pessoas sem educação, que tivemos que cortar definitivamente qualquer convívio, isso nos valeu sua antipatia.. Mais tarde, soubemos que as duas estavam separadas, com outros maridos. Morava em frente a nós, uma família de pais poloneses e filhos brasileiros, os Lagoski, nós gostávamos de apreciar como eram louros, ao ponto dos cabelos serem brancos. Moravam também um casal com duas filhas meninas, uma das quais tocava ao piano ou pianola, a Serenata de Grieg, todas as trdes. Aos poucos, nós sabíamos se estavam em casa ,pela musica. Essa família ainda mora lá até hoje. Cedo nós vimos o logro em que caímos, pois a ladeira era horrível, embora a casa boa, nós ficávamos muito cansados, José quando foi ver, foi de automóvel, o mesmo se dando quando me levou para ver.. Nessa época eu comecei a fazer vestidos em Melle.Fernandez, costureira de Alicinha, de alta costura, ela era espanhola, tinha atelier em cima da casa Soares e Maia, na rua Gonçalves Dias, e bem em frente à Colombo.. Ela me fez bonitas toilettes, e depois comecei a fazer chapéus ,na chapeleira de D.Isa, chamada Valdomira. Eu comprava fazendas muito boas, só usava

francesas,compradas na casa “As fazendas Pretas”que era na época o máximo de elegância,ora no “Palais Royale”! Certa vez comprei um chapéu muito bonito no “Grand Palais”,custou caríssimo, 120,00,o que na época ra muito.

O ano de 1925,foi cheio para nós,de altos e baixos, nele faleceram Pedro Rebuá,marido de tia Corina, Antony, mulher de tio Nhonhô, e creio que Antonico Maya,primo de Mamãe. Antonico era casado com Eglantina Ascoli,e tinha dois filhos,nossos amigos de infância, Tito,hoje medico do Exército, e Edgard.. Nos trouxe também alegrias muitas.

Cada vez,qu Papai, chegava da Tapera,ficávamos muito contentes,íamos matar as saudades.

Em junho,desse mesmo ano,conheci D.Nobila,minha sogra, e Taninho marido de Elzira.. Nós tínhamos saído para o teatro penso eu,e,ao regressarmos encontramos os dois,e as malas,sentados no banco,que tínhamos na varanda da frente.. Por sorte,o portão ficara aberto,e sendo domingo,as empregadas tinham saído para passear,assim eles puderam esperar. Preparamos tudo,para D.Nobila, e Taninho foi para um hotel. Eles ficaram no Rio,quinze dias,D.Nobila viera fazer compras também,mas a época não era boa,eu estava muito enjoada, e quase não pude acompanhá-la. Tia Cecília prontificou-se a passear com ela,levou-a sempre às compras,dessas saídas, existe uma fotografia das duas,no Largo do Machado. Nessa época,tia Cecília já morava na rua Marquesa de Santos,16. Periodicamente,D.Nobila, vinha ao Rio, e sempre procurava a companheira de saídas. Quando chegou aqui,fomos à cidade,e ela fez questão de me dar um presente,entramos numa joalheria e ela me mandou escolher um anel, comprou também um para Yolanda. O meu era de brilhantes e tinha um rubi,mais tarde troquei por um relógio de platina com uns brilhantes,que muito mais tarde foi aumentado e tenho até hoje.

Quando eu me mudei,para essa casa, estava sem copeira,Mamãe arranhou em Angra,no Chalet,uma menina de uns 12 anos,chamada Amélia,e filha de uma agregada Edvigés,essa menina aprendeu todo o serviço com Juvelina,e esteve comigo uns seis meses,como tivesse saudade da mãe,mandei-a para casa.;ela tornou a voltar quando Juvelina já não estava mais,mas não ficou porque estava habituada a sair aos domingos,e eu fiquei sem ter com quem fazê-la sair,era obrigada a prendê-la, isso fez com que fosse embora..

Nesse primeiros tempos,nossos domingos eram ótimos,íamos à Missa,almoçávamos,Carmen ia para a casa de Simone,eu , José,Ângelo e Julinha Cristófaró, saíamos. Muitos passeios e excursões fizemos,depois vínhamos à nossa casa,onde encontrávamos pastéis prontos, bolo,enfim um lanche para nós. Era comum termos latas de conservas,na despensa,então abríamos latas de sardinha, e Ângelo de cozinheiro,fazia salada de sardinhas com cebola. Depois nos preparávamos e depois saíamos novamente para o cinema ou teatro. Outras vezes íamos almoçar ou jantar na casa deles.

Nessa época,eles não moravam mais em Copacabana,na rua Xavier da Silveira,e sim na Candido Mendes,já bem na ladeira. A casa era grande e tinha do lado,um terraço,tipo carramanchão,com cadeiras e banco,de onde se tinha uma linda vista sobre a baía. Ali,muitas vezes ,nos reuníamos ,nas tardes de domingo,para conversar.

Noemia Cristófaró, era casada com Virgínio Lopes da Cunha, tinha dois filhos,um menino,Fernando Carlos,hoje oficial de Marinha, e a menina Maria Teresa.. Eles moravam em casa de D.Pepita e Sr. Pedro. Havia a Ofélia,casada também com um médico,e que residia em Mirasol, Amália,solteira e depois casada com um viúvo,Pinto Galvão,casamento que sofreu oposição da família,e que quase teve um epílogo trágico. Lourdes,ainda

mocinha, namorava o Helio Cortez,irmão da Nelly que morava em frente. Tinham ainda,Sylvio,Paulo e Mario.

O namoro de Lourdes,a principio aceito pela família do rapaz,depois deu em briga,por oposição dos mesmos, Helio era horrível, vermelho e cabelo cor de fogo.

A família era abastada, a mesa enorme muito farta,quem lá chegasse encontrava sempre de tudo,em abundancia. As moças,só se vestiam na Europa. É curioso, notar como outrora era fácil tudo,mandava-se buscar pelo Correio,o Catálogo da Galeria Lafayette,trocava-se os francos,enviavam o dinheiro e o pedido,e recebia-se tudo de lá, desde o vestido até objetos diversos.. Como os tempos mudaram!

Passamos dias inesquecíveis com esses amigos,Julinha e Ângelo,eram ótimos companheiros,depois o casal começou a se desentender,Julinha se indispôs com a sogra,mudou-se de lá,mais tarde foi morar no Flamengo,num apartamento, no hotel do mesmo nome,lá em 20 de junho de 1931,morria no banheiro,ao tomar banho,nunca ficou apurado se foi acidente ou suicídio.. Ângelo mudou-se para São Paulo, e seis meses depois casava-se com outra,com quem teve quatro filhos. Julinha não lhe dera nenhum. Perdemo-lo de vista.

Em novembro,desse mesmo ano,houve uma festa em casa de tia Sinhazinha Bahia,tio Eduardo, comprara ou ganhara uma imagem do Coração de Jesus ,em bronze,resolveram então fazer a Intronização,uma recepção foi realizada,,parentes e amigos,lá estavam nessa noite de gala.. Eu,se bem que esperasse meu bebê,para o mês seguinte,quase não se notava nada,por ser eu muito magrinha.. Tinha feito em Mlle.Fernandez,um vestido apropriado,muito bonito,seda francesa, cor de flor de maravilha,que aliás me ia muito bem. Foi uma festa ótima,e a família nesse tempo,ainda estava populosa,de modo que

só ela enchia a casa.. Depois com a vinda para o Rio,de tia Genú e Gabriela,a chegada ao Brasil,de Luiz Lamas,e mais tarde de tia Amalinha,sua mãe e irmã de Vovó,que se casara com um argentino,e lá ficara por quarenta anos,mais movimentada ficou.. Os Gomes Ferreira ,de Pernambuco; Carlinhos,Luiz e mais tarde,Baby,Odete,Guiomar e Candinha,mãe deles. As Snell, Candinha,Alice,Angelina e Fred,primos de Mamãe, pelo lado Ferreira. A família de Pedro Rebuá,que vindo de Mato Grosso,de certo modo,se uniu a nós. Irene Machado,com as filhas Queta, Eldina e Doya. Aumentavam o circulo,Titina e Sylvia, que apesar de serem Brazil,estavam entrelaçada aos outros.. Havia amigos,como os Possolo,D.Alice e seu filho Dr.Arthur que amigos de tio Carlos,pasaram também aos demais parentes e figuravam nessas ocasiões. Mas o tempo ia passando,e uma das vezes que Papai veio ao Rio,Dr. Pego de Faria,foi falar com ele,que conversasse com José,para ser meu parteiro.. Eu queria o Fernando Magalhães,Papai falou a Mamãe, em Angra,e essa na melhor das intenções,escreveu a José,aconselhando que chamássemos o Dr. Pêgo. José inexperiente,ignorando tudo,e também com receio que alguma coisa me acontecesse nas mãos de outros,achou de bom aviso,mudar de médico.. Entretanto tendo eu encontrado ou estado com tia Marieta,e ela sabedora que meu médico era Fernando Magalhães.,elogiou-o e disse: não vá cair nas mãos do Pêgo,você pode pagar e ele ´ muito “atrazado” Eu por meu lado não entendi nada,e ouvi os conselhos de casa. Mudei o médico e muito me arrependi, me chocaram suas conversas,seus ditos sem moral,e outras coisas mais. Só mais tarde,consegui passar para outro ,que ficou também nosso amigo.

Ano de 1926

Entrava Janeiro de 1926,e eu esperava meu bebê,para esse mês,lembro-me que a data prevista era depois do dia 25, Vovó e Maricota Bahia, me viram e acharam que devia ser antes da data, Mamãe deveria vir ficar comigo na ocasião escrevi logo contando o fato, e lembro-me bem da carta que Papai me escreveu em resposta à minha,me acalmando me dizia: Não ligue a isso, “é sandice de muié veia”,piadas bem suas. Afinal Mamãe chegou, Carmen foi para Angra,tomar conta da casa. Mamãe trouxe como prometera,os sapatos do bebê, lindos tricots,feitos pelas irmãs de tia Tude,que moravam em Angra,filhas do velho Chico Carvalho, Léa e Mariquinhas

Afinal a 28 de janeiro,às 11,30 da noite, nasceu uma menina muito viva e cabeluda,a quem demos o nome de Heloisa,se fosse homem seria Fernando. Eu já gostava desse nome por causa de Heloisa Pinheiro Guimarães,porém quem influenciou na escolha,foi ouvir Carmen, falar em Heloisa Pessoa,irmã de Lourdes, Lucy e Marina,filhas de D.Leonor ,casada com o Comte. Taylor, que estava também na Tapera,servindo com Papai. Carmen quando ia para Angra, fazia grupo com elas, e se deu mesmo muito tempo aqui no Rio,com as meninas,freqüentavam festas juntas etc. De tanto ouvir o nome e pela simpatia que já tinha por ele,escolhi para minha filha.. Seu nascimento foi muito festejado,era a primeira neta de Mamãe e Papai,que ainda eram bem moços, Mamãe tinha 37 e Papai,45.era primeira bisneta de Vovó. Fomos muito visitadas e ela muito presenteada.. Logo depois Papai veio ao Rio,como sempre,mas Mamãe ficou até depois do Carnaval, que era em fins de fevereiro, retornando à Tapera, em princípios de março, já com projetos de volta para o Rio. Foi no Carnaval ,que vejo hoje como ainda era criança então,Carmen fantasiou-se(as meninas vieram para o Rio,para o Carnaval) Maria também ,saíram todas para o Clube Naval, eu quando vi todas sairem e não pude ir porque tinha uma filha pequena,e ainda estava de resguardo,pois

ainda não tinha um mês,comecei a chorar como uma criança por ter de ficar em casa

Quando completamos um ano de casados, a 2 de dezembro, José me deu de presente ,uma pulseira de brilhantes e pérolas, no meu aniversário logo depois de casada,uma cruz de brilhantes com rubis, mais tarde,um solitário de brilhante,que aliás foi roubado dentro de nossa casa,num dia em que Titina e Sylvia,vieram me visitar. José gostava muito de dar presentes de jóias,isso era exemplo dos tios que estavam sempre obsequiando as esposas assim.. Quando sai a primeira vez depois que tinham passado os quarenta dias do resguardo e eu fui fazer compras na cidade com ele, entramos na joalheria de um conhecido de Sr. Domingos,e este me colocou ,um colar de pérolas,era um sábado.. Dali saímos e fomos às Fazendas Pretas,onde ganhei uma bonita bolsa,um chapéu, e um corte de “Crepe Marroquim”,fazenda muito em moda, para um vestido..

Foi nessa época que apareceu em Ipanema,uma casa vendendo cortes de seda nacionais,boas, a preço baratíssimo, seda à 10,00,15,00 e 20,00,o metro, . Era conhecida como a “Turca de Ipanema”. Sua loja vivia cheia,em certas horas era difícil entrar lá, ficava na rua Teixeira de Melo,no trecho compreendido entre a praça General Osório e o morro,do lado direito.. Fui lá com José, e comprei um vestido azul hortênsia,para mim e um “bois de rose”,que demos de presente para Mamãe. Ambos foram executados por Mlle.Fernandez,pois queríamos dar a Mamãe,o presente completo. Outros vestidos comprei lá: como um lilás,de seda, um outro de baile,”bois de rose” Os nossos vestidos foram feitos como se usava então,com enfeites dourados.

Nós tínhamos em casa sempre peça de seda japonesa,para camisa, eu usava também para vestido,fiz certa vez ,um ,como era moda então,com um

monograma no bolso(Chemisier)o monograma era azul marinho no vestido branco. Carmen também ganhou assim.

Mamãe e Papai voltam ao Rio

Afinal em março de 1926,meus pais voltaram para o Rio,Papai havia terminado a comissão,penso que saíram de Angra,para nunca mais voltar..Mamãe e Papai,foram com João Candido,para a pensão da Raquelita(uma amiga de Titina) na rua Senador Vergeiro,111,(hoje Pensão Norte) por uns dias até acharem casa,lá ficaram entretanto uns três a quatro meses e só arranjaram uma porque Carmen, muito trabalhou,para isso. As duas meninas ficaram em nossa casa,isso fez com que Heloisa se apegasse à Maria,chegando até a chorar quando essa se ausentava, e sentiu muito quando Maria foi definitivamente para casa.

Também em março,Sr. Pepino e D.Theonila,foram a primeira vez para a Europa,em busca de melhoras da saúde dele. Nesse tempo Juvelina ,já tinha ido embora,e eu tinha nova cozinheira,Maria Mendes,que ficou comigo,sete anos ,tendo passado para ama,copeira era Virginia,,e essas eram as empregadas minhas,quando sumiu o meu anel.

Afinal,Carmen conseguiu para Papai,a casa da rua Jardim Botânico,94 casa 2,perto das Guaraná,ao lado de Raul Quadros, Baby Sodré, moravam ali também os Moutinho. Na Lagoa,o Armando Trompowski. A família Materno de Carvalho,com diversas moças,sendo que um delas,a Lourdes, foi namorada de João Candido.

Ainda a família do General Ferreira de Oliveira com três filhas,e a mais moça Izar ficou amiga de Maria. Havia os Brito e Cunha,Waldemar e J.Carlos.

Nessa época, ainda não existia a av. Epitácio Pessoa, o núcleo era a rua Jardim Botânico, havia até um clube, no campo existente na falda da montanha do Corcovado, e atrás desse grupo de casas que pertenciam ainda algumas ao Conde Modesto Leal. As ruas Frei Veloso, Prof. Saldanha, Getúlio das Neves e Eurico Cruz, estavam começando com poucas casas, Alexandre Ferreira e Custódio Serrão, também em início... As famílias, em geral se conheciam, moravam o Raul Taunay e também o Raul Varela Quadros, oficiais de Marinha.. O ambiente era alegre, moças e rapazes se reuniam no Clube, havia corte de tênis. Os nossos quando lá chegaram já eram conhecidos e conheciam quase todos, de modo que se integraram muito bem no lugar. Essas casas eram dispostas em forma de triângulo, a deles, ficava no vértice do ângulo, bem virada para o Corcovado. (ainda existe), era de dois pavimentos, tendo em cima, três quartos, um hall e banheiro, em baixo, entrada, duas salas e demais dependências, jardim e quintal. Nessa entrada, debaixo da escada que subia, Papai tinha seu escritório, estante, secretária, poltrona, ali lia e escrevia. Do hall em cima, da janela se descortinava a Pedra da Gávea e os Dois Irmãos, o que favorecia apreciar lindos por do sol,, muitas vezes Papai que era apreciador da natureza, da janela apreciava o espetáculo do céu. Lembro-me, até que certa vez, com tio Carlos, trocaram idéias sentimentais, e daí imagino um soneto seu inspirado nessa cena.. No hall havia uma cadeira grande, presente de José a Papai, apelidada de “morcego”, pela sua forma, havia espreguiçadeira, e outras mais, que davam a oportunidade de ser ali um ponto de reunião e conversa, tanto mais que muitas vezes se cozia nesse lugar.

Batizado de Heloisa

Heloisa,já estava com três meses,Papai e Mamãe que seriam os padrinhos,já tinham regressado ao Rio.,resolvemos marcar o batizado par o dia 15 de maio,aniversário de Mamãe,e data já marcada por outros acontecimentos, como o batizado de João Candido e por uma coincidência inexplicável também fora o de Papai. O acontecimento deveria ser comemorado condignamente. Fui à Casa Valentim,onde já comprara seu enxoval e o berço de filó e renda,e encomendei a roupa do dia; o vestido foi de seda branca,todo bordado à mão, muito bonito aliás.

O batizado foi realizado por Mons. Gonzaga, na Matriz da Glória. Todos os amigos e parentes estavam presentes,depois nós demos uma recepção em nossa casa. Todos lá estavam ,tanto parentes de José,como meus e minha inseparável Alicinha.

Heloisa,ganhou como quando nasceu um colosso de presentes,sendo que o Pedro Vivacqua ,deu uma cruzinha de brilhantes e safiras,que ela tem até hoje. O bufet, foi ótimo,Maria Mendes,fez muita coisa, doces foram encomendados fora,em doceira.

Nesse tempo,nós ainda mantínhamos relações estreitas com os Guaraná,de modo que Simone, e D.Iza.,tomavam parte ativa nessas festividades. Chiquinho ,mandou do Espírito Santo,uma boneca. Nesse tempo,eles já tinham Fernando,que nascera em 23 de março,e era nosso afilhado. Lembrome bem que ele batizou-se logo que nasceu, recordo-me que fui com um vestido rosa todo plissé e com um chapéu todo de violetas.. Eles estavam hospedados em casa do tio ,Capelão do Convento da Ajuda,em Vila Isabel,de sorte que o batizado foi lá.. Nesse dia eu levei Heloisa pequena para a casa deles,mas no de Helô, eles já estavam em Morro Grande,não tendo assistido ao ato.

Em julho,veio ao Rio,uma companhia lírica italiana,para o Teatro Lírico,que nesse tempo ficava no Largo da Carioca,bem na base do Morro de Santo Antonio. Nós nos associamos à D.Esther Vivacqua,e tomamos uma assinatura de duas poltronas para a temporada,uma récita era nossa e a outra dela. Tivemos assim a oportunidade de ver diversas óperas e ótimos artistas,como Titã Rufo,no Barbeiro de Sevilha,vimos Claudia Nunzio,na Traviata,conhecemos Lauri Volpi,que nunca mais voltou ao Brasil.

Eu mandei fazer toletes em Mlle.Fernandez,um vestido de muito bonito,era bois de rose,todo bordado de brilhantes e missangas,outro de renda preta.forrado de cor de rosa.

Foi para essa temporada que ganhei aquela trousse de ouro,que tenho até hoje,era moda na época, e havia até mais ricas,cravejadas de pedras preciosas.. Intercalávamos os teatros de comédia e revistas,como a mexicana,que aqui estive,muito nos divertíamos,pois tínhamos com quem deixar Helô,Maria Mendes logo se apegou a ela, e como era pessoa de confiança,nós entregávamos. Continuávamos com nosso sistema de jantar fora em restaurante, e em geral convidávamos João Candido,que sempre fora nosso companheiro nos almoços da Brama nos domingos,depois da Missa,no Coração de Jesus.

Eu ia muito,durante o dia,para a casa de Mamãe,com Heloisa,às vezes queria ir ao dentista ou fazer compras e deixava-a com Maria..

Mais para o fim do ano,recebemos a visita de Sr. Domingos, um dia estava esperando José para o almoço,quando ele me entrou trazendo o pai,Sr. Manoel Vieira,marido de D.Filomena,e um vidro de [pimenta de cheiro](#). [Eles almoçaram conosco,,ele conheceu a netinha,mas eu fiquei abismada como eles comiam pimenta. Sr. Domingos me apreciava muito,](#) apesar de viver longe,sempre nos estimamos,agora que ele não existe mais,sinto não ter ido

mais cedo visitá-lo em Cachoeiro.. Nessa sua estadia no Rio,que aliás foi a última,ele deu à Heloisa dinheiro de presente,com ele comprei uma pulseira escrava toda trabalhada,que ela tem até hoje.

A vida anteriormente a 1930,no Rio era muito diferente de hoje,creio que as famílias eram mais unidas ou melhor havia mais vida de família, todos se visitavam,se estimavam,acho que esse hábito das pessoas,não receberem em seus aniversários,tem contribuído para esse estado de coisas,por outro lado,no nosso caso particular,muitos dos nossos parentes morreram. A morte de Vovó,contribuiu para o desmembramento da família de Mamãe,como a do Sr. Pepino,iria dividir a Vivacqua.. Acho também que não se saia tanto de casa,a vida era também mais fácil,as donas de casa não iam à rua para fazer compras de armazém,não havia feira livre,nem mercearias,que ,se facilitam por um lado,por outro nos obriga a sair para compras.. Numa palavra nós éramos mais “Madames”. Nenhuma senhora ou moça,saia de casa sem chapéu,sem estar bem vestida,com jóias. A diferença entre as classes sociais eram visíveis, uma doméstica ou uma comerciaria, em nada se parecia com a jovem ou a senhora de outra categoria social..

Houve uma queda na classe média,ela desceu, a mais baixa, subiu,houve um nivelamento, “por baixo”. Com isso diminuiu o respeito e enfraqueceu-se a autoridade,hoje todos estão “taco a taco.

Assim passam todas as coisas boas...

Correu o ano de 1926,bom para nós, Mamãe e Papai de volta, a casa funcionando, como é boa a casa de Papai ! Nós não avaliamos isso quando temos ela em mãos, só quando ela deixa de existir,é que nós vimos o que tínhamos! Sua sombra acolhedora,ela é o refúgio,é a segurança é “sempre a nossa casa”

Nós íamos sempre lá,nessa época.,nós almoçávamos todos os domingos com eles,existe uma fotografia tirada por tio Carlos,no quintal(um grupo)em que estamos todos juntos,Mamãe,Papai,José,eu e Heloisa..

Era lá que nós comemorávamos o Natal,e lá passávamos o Ano Novo,vale a pena lembrar a cena da passagem do ano,para lá iam sempre tio Carlos e tia Cecília. Nós esperávamos o ano romper,ai todos se abraçavam efusivamente, Papai e tio Carlos se beijavam e se abraçavam emocionados. E muitas vezes choravam.. Hoje ,que me encontro quase na situação deles,acho que essa emoção ,era fruto da saudade de outras passagens de ano com os seus pais,era a saudade da infância longínqua,de um passado risonho e feliz,na época destroçado..

Nessa vida,passamos o ano de 1927,afinal em 1928, Victor Perdigão de Oliveira,tio de Octavio Braga,comprou uma casa em Jacarepaguá,em frente à Vovó,creio que foi passar uma temporada lá, e resolveu alugar a casa dele no Jardim Botânico,perto de Papai. O aluguel era mais barato,a casa maior, José resolveu deixar a trav.. João Afonso,alugou a casa de Victor, ficando nós livres da ladeira e perto de meus pais..

Tomamos a casa,mandamos forrar toda de novo, pintar portas e janelas,nos mudamos,creio que no mês de março,talvez no fim do mês..

A casa era grande,recuada,como já disse,era a do meio,no lado direito do primeiro triângulo, na esquina da rua Jardim Botânico,morava Baby Sodré e seus sobrinhos,Chiquita sua irmã. Na ultima casa,cabeça do triângulo igual à de mamãe,morava um senhor viúvo,Sr. Duarte,com os filhos rapazes,eram proprietários.. Esse triângulo ficava na esquina da rua Frei Veloso,como a de mamãe,ficava na rua Prof. Saldanha, e D.Iza Guaraná,na Getúlio das Neves.. Na outra esquina da rua morava Dr. Brito e Cunha e Evangelina, tinham eles dois filhos,João Luiz e Helena

Maria, da idade de Heloisa, e que iria se tornar sua companheira de brinquedos e mais tarde sua colega no Colégio

A rua tinha poucas casas, depois de nosso triângulo, havia ainda um terreno baldio e depois tinha a casa do casal Daniel e Guiomar Muller, tinham eles quatro filhas, Daisy, Arlete, Norma, e Gisele, ainda bebê, nesse tempo, essas meninas integrariam o grupo de crianças ainda em embrião.. Adiante terminaria breve uma construção, o casal Luiz Mariti, que tinha um filho pequeno, Humberto.. Em seguida, vinham duas casas iguais muito boas, para onde eu deveria me mudar dois anos mais tarde.. À direita, da rua, nos fundos da casa dos Brito e Cunha, ainda não existia, nesse ano, nenhuma construção, havia

uma chácara de uns italianos chamado Riso. No alto, existia ainda a casa velha, que deveria outrora, ter sido a sede desta fazenda.

Logo, nos radicamos também ali, todos já eram conhecidos, vieram mais tarde para as imediações, o Alte. Graça Aranha, e Sr. Moacyr Nazareth, com suas duas irmãs.

Uma vez, instalados retomamos nossa vida, já então com encargos da filha que crescia, era esperta e viva, era também a primeira neta, sobrinha e bisneta, de modo que foi acumulada de agrados sem ser mimada. No dia de seu primeiro aniversário, tio Carlos, fez para ela uma poesia, "Vaticínio", e Papai seus acrósticos como aliás fez para os outros.. Quando tinha um ano, Heloisa teve difteria e tratou-a o Dr. João Paulo de Carvalho, tratou-a muito bem, mas depois resolvemos mudar de médico e passamos para o Dr. Calazans Luz, que acompanhou a todos, e depois os filhos dela..

Como Heloisa, precisasse de ter com quem brincar, tomei uma menina de 10 anos, para distrai-la, chamava-se Jaci, esteve algum tempo em casa, mas não

resolvia pois Maria ou a copeira ,teriam que supervisionar tudo.. Além disso,Heloisa custava muito a dormir,então se notasse que nós íamos sair,aí mesmo é que ficava acesa. Nós saíamos porque tínhamos com quem deixa-la,à tarde eu deixava em casa de Mamãe,com Maria,minha irmã,e Solange,sua amiga,por sinal que foram elas que fizeram Heloisa andar.. Desse tempo,tenho uma fotografia,tirada por Solange,em que Heloisa está encostada na árvore.

À tarde,ela ia com a Babá,para a praça que já existia então,na rua Jardim Botânico,onde hoje há a Escola Pedro Ernesto..

Boas recordações nos deixaram desse tempo: os aniversários em casa de Papai,onde compareciam além dos parentes,outros amigos como o Dr. Fabio Vasconcelos e D. Mariazinha, relações adquiridas na recente estadia em Angra. Depois foram organizadas lá umas reuniões à noite,onde tocavam violão essa idéia de Mamãe nasceu de certo modo,por causa de tia Cecília. Foi assim, tia Cecília e tio Carlos estavam nesse tempo muito ligados a Carlos e Ida Espozel,Ida fora amiga desde a mocidade; o casal nessa época tinha uma pensão,creio que na rua São Salvador,e tia Cecília ia muito para lá. Morava na pensão,um estudante de medicina, rapaz do Pará, chamava-se Luiz Martin e por sinal que namorava a filha deles,Maria. Luiz tocava violão e cantava,promoveu assim reuniões na pensão; era Luiz também afilhado de Dr.Mac Dowell,nesse temp,já médico nosso,por causa dos Guaraná.. Como era natural e dada à ligação entre os Espozel e meus tios,as relações se estenderam até nossa casa.. Mamãe que gostava de violão,gostou da idéia,e organizou umas audições em sua casa.. Foram uma três ou quatro, Luiz levou até Deusdedith e Mozart Araújo,que eram também estudantes e tocavam muito bem,foi lá uma vez o Jayme Távora, iam Octavio e Iracema Braga,vizinhos de Mamãe,conhecidos antigos e que tocavam também violão,sendo que Iracema cantava com voz agradável, e muita graça.. As

mocinhas das redondezas também lá estavam animando e alegrando o ambiente.. Não sei porque essas reuniões tiveram pouca duração.

Nessa época,também já haviam as célebres reuniões em casa de D.Maria Fausta Ferraz,e que Carmen freqüentou muito com D.Iza e Simone,tendo eu tido a oportunidade de assistir lá um teatrinho organizado por elas.. Freqüentavam a casa dos Ferraz, muitos aspirantes,colegas do Eugenio,seu filho, e como era natural lá iam as moças do grupo.. Stelio,era também dessa turma,assim sendo Simone e Carlos estavam ligadas a ele,além disso Simone flirtava o Ernani Amaral Peixoto, e Carmen o Fernando Matos.. Muitas nossas conhecidas lá iam e de lá saíram diversos casamentos.

Durante o ano de 1929,um grupo da Marinha,resolveu fundar a casa Marcilio Dias,uma obra de assistência social,para marinheiros. Com o fito de angariar fundos,projetaram uma festa , seria uma Revista e levada no Teatro Municipal,à frente do movimento estava o então Cap.Tnte.Hugo Pontes,casado com uma moça chamada Celita e bem mais moça que ele, o casal tinha uma filhinha pequena. Organizada a festa,nela tomaram parte filhas de oficiais e Carmen foi convidada para participar também. A Revista encenava e representava a vida da Marinha e seus diversos departamentos.. Os ensaios começaram e creio que se prolongaram por uns bons dois meses..Tornaram-se eles ponto de encontro entre amigos velhos.

Lá mamãe e Carmen encontraram nossas primas Vilar,filhas de Frederico Vilar e de Mimi Gomes Ferreira,prima de Mamãe. Daí nasceu um estreitamento de amizade que falarei adiante..

Afinal a 29 de dezembro,realizou-se a festa, Carmen representou o Corpo de Engenheiros Navais,do qual Vovô fora chefe.. Desfilou com um bonito vestido azul hortência,e disse umas palavras referentes aos Engenheiros Navais.. Isso lhe valeu uma linda lembrança oferecida pelo Alte. Jardim,então

diretor,era um colar dourado com pedras azul marinho. A festa foi um sucesso,pois nela só tomaram parte moças de família.

Depois da festa Marcilio Dias, as Vilar começaram a freqüentar a casa de Papai, como morassem em Petrópolis, quando desciam, iam dormir lá, por outro lado os Graça Aranha, morando perto, dividiam o grupo.. Carmen começou a se hospedar ,nesse verão em Petrópolis,tornou-se amiga de Chatte. Os Vilar eram alegres,dados e boêmios,muito bons companheiros,eu mesma passei mais tarde um fim de semana em casa deles..

Dessa convivência nasceu um namoro entre Carmen e Armando Vilar,em abril de 1930, ficaram noivos, isso estreitou mais as relações entre nós.

Em julho de 1929,um novo bebê se fez anunciar,eu como sempre fiquei os três primeiros meses muito enjoada,chamei novamente o Fernando Magalhães,que me receitou novamente um paliativo,que pouco adiantou. Comecei a fazer os preparativos do enxoval. Nesse tempo,eu já me dava muito com Luiz Dias e Sylvia,ela Schiller,minha contemporânea do Colégio,e irmã de Laurinha,minha colega de turma.

Foi em 1927,que eles se casaram,Luiz que se dava com José,nos participou o seu casamento,fomos visitá-los,eles moravam com a mãe dela (todos juntos,na rua Voluntários ,85). Daí ficamos muito ligados,íamos jantar juntos,ao teatro,ao cinema,todo fim de semana saíamos.. Eles jantavam também em nossa casa. Quando eu estava fazendo o enxoval de Gilda, Sylvia me presenteou com duas lindas camisolas bordadas..Eles demoraram a ter filhos, só depois de três anos de casados é que nasceu o primeiro,Luiz Carlos,mais tarde viria o Sergio.. Laurinha,casada com Harvey Vilela, primo de Luiz,tinha uma menina,Lia.

Quando os Vilar,começaram a vir se hospedar em minha casa,Sylvia fez certas reticências a isso,não liguei,mas ela havia residido em Petrópolis, e

sabia como eles eram... As coisas, chegaram a um ponto, que passavam às vezes, dois meses em nossas casas; Lili ficou muito tempo na minha,, chegou a um ponto, que nós etávamos dispostos a nos mudar, como de fato, o fizemos, para acabar com o caso.

Eram as duas meninas, Chatte e Lili, a própria Mimi,, muitas vezes telefonava pedindo que José, fosse com o carro esperá-la na Leopoldina.

É preciso notar, que desde de 1926, José tirara carteira de chofer, dirigia e tinha carro dado pela firma. E por falar em carro que passeios fizemos!

Afinal a 23 de abril de 1930, pela madrugada nascia Gilda. Nasceu na casa da rua Jardim Botânico, 94 casa I, era forte, pesava 3 kg. Tal como aconteceu com Heloisa, foi muito visitada e presenteada, seus padrinhos seriam Pedro e Zidoca Vivacqua, tios de José. Nesses primeiros meses eu fiquei com Maria na cozinha, depois resolvi passá-la definitivamente para ama. Tomei uma copeira Sebastiana, cozinheira botei nova. Nesse tempo era só anunciar no jornal, e elas apareciam boas e sabendo trabalhar!

Lili Vilar namorava ou melhor estava quase noiva de Edgard Barbosa, oficial de marinha, com quem se casou mais tarde.. Nesse tempo o namoro era lá em casa e muito trabalho me deu.. Papai ficava aborrecido, dizia: isso é um absurdo, essa menina com duas crianças, ficar acordada para vigiar gente velha! É que Edgard ia noivar na sala de jantar até as tantas, eu com Gilda recém nascida e Heloisa com quatro anos, dormindo mal à noite, tinha que ficar acordada para olhar noivos! Afinal nós resolvemos por um cobro, eu subia para dormir e deixava os dois sós, ele saía e ela fechava a porta. José por seu lado, tinha como tem até hoje, que sair cedo, não podia dormir tarde sempre.

Quando Gilda tinha três meses, eu perdi açúcar, isso era do fígado, não tinha importância. Lili, com a melhor das boas vontades, aconselhou a José, a me levar para Petrópolis por uns três a seis meses, eu me animei com a conversa

dela,passamos o tal fim de semana,em Petrópolis,vi uma casa no Bingen,mas à noite quando pensei em deixar o Rio,Mamãe e Papai longe,não houve jeito de querer.Sylvia também disse a Jose que eu não suportaria ficar lá,era muito triste e eu ficaria o dia todo só. Assim que desistimos definitivamente.

A 16 de julho,na Matriz da Glória,por Mons. Gonzaga, Gilda recebeu o batismo. Como disse Pedro e Zidoca,foram os seus padrinhos,estiveram presentes além de meus pais,vovó,tios e primos meus,pessoas da família Vivacqua,os Vilar, D.Iza e Simone Guaraná,Sylvia Schiller Dias,Alicinha Lara, e amigos que não me ocorrem agora. À noite,oferecemos um jantar em nossa casa aos padrinhos,Papai e Mamãe,não puderam ir,Lili Vilar que estava hospedada lá em casa também tomou parte. Os padrinhos deram `a Gilda,uma bonita medalha de madrepérola cercada de pérolas.,Mamãe ,um broche de rubis, muitos mimos foram dados a ela,que era loura como uma boneca.

Em 1928,creio que em abril, casou-se Sylvia Brazil,,minha tia com Alcino Ferreira da Rocha. Sylvia teve outros pretendentes., esse porém logrou casar-se com ela,penso que por terem morado no mesmo hotel. Titina,nessa época morava no Hotel Bélgica,na rua das Laranjeiras,lá estavam hospedados Sinhá Farani e Petit,mãe de Alcino. Esse tinha ido aos Estados Unidos para um curso de Eletricidade,ao regressar foi também para o hotel,daí saiu o namoro.

Morava também lá,D.Zizinha Espínola,e sua filha Anita,que se casou mais tarde,com o médico Roberto de Souza Coelho. Sylvia era alegre,brincalhona,clara e alta, cheia de vida.. No dia de seu casamento,na Matriz da Glória,estava aflita com a minha demora,chegou a mandar me telefonar para saber por que eu ainda não estava lá, um atraso da costureira me reteve e eu não assisti a cerimônia religiosa,fui para a recepção que houve

também no Centro Social Feminino, que se tornara então, local das recepções dos casamentos das famílias que moravam em casas pequenas.

Sylvia estava muito alegre neste dia, depois de casada, foi morar numa pensão, até que Alcino fosse para um tal emprego em Teresópolis.. Logo um herdeiro se fez anunciar, ela não passou bem no princípio, melhorando, foram para aquela cidade serrana, e lá ficaram até as proximidades do bebê nascer. Afinal a 16 de janeiro de 1929, nascia o Marcelo e Sylvia coitadinha aos 23 anos, morria dias depois por causa da incompetência do médico e da teimosia do marido.. Uma anomalia nos trabalhos de parto, e que pediam uma cesariana imediata foi protelada por quase uma semana e ao ser realizada, era tarde demais, veio a peritonite ceifando essa vida e deixando na orfandade uma criança de dois ou três dias. De Titina, nem é bom falar, só resistiu porque a filha lhe entregara o menino para ela criar. É que o médico ainda não tivera em sua jovem clínica um tal caso, e o marido um irresponsável, não ouvindo os rogos dos dois cunhados mais velhos, recusou a consultar um facultativo mais experimentado. Eu senti imensamente a sua morte, éramos amigas e companheiras desde pequenas. Titina cumpriu sua missão, criou Marcelo, que apesar de ser uma segunda edição do pai, está hoje casado e pai de filhos.- mas estouvado e sem juízo como foi o próprio pai.

O ano de 1930, correu meio acidentado na vida política do país, com a revolução em perspectiva, a Aliança Nacional Libertadora, chefiada pelos Andradas, em Minas, fermentações no Sul e no Norte, vivia-se mais ou menos, esperando qualquer acontecimento político.. Afinal, em outubro houve a célebre deposição do Presidente Washington Luiz, a vitória da Revolução, a instalação do Governo Provisório, com Getúlio Vargas, fatos todos que hoje pertencem à História.

Em nossa vida,sofríamos os reflexos do que se passava no país.,mas apesar disso a vida era bem calma e barata.

José já havia saído da firma Irmãos Vivacqua,foi sócio de um tal Gafiner,depois do Gabriel Vivacqua.. Por outro lado,em Cachoeiro do Itapemirim,Chiquinho,Átila e Corrêa,cunhado deles,haviam se estabelecido com uma nova firma,Vivacqua,Vieira SA.com serraria e negócios de madeiras. Perdendo dinheiro com duas sociedades infelizes,José ficou sem o seu capital,nós nos vimos de um momento para o outro em perspectivas de dificuldades..

No fim do ano,Carmen desmanchou o noivado com Armando,mas,antes disso nós já não suportávamos mais os hóspedes em casa,além disso Lili e Edgard,noivavam em nossa casa até tarde,o que me cansou muito..Em novembro,vagou uma casa na rua Frei Veloso,135,fomos ver,era a nossa conta,3 quartos apenas,alugamos logo,e nos mudamos a 22,por sinal estávamos sem os hóspedes. No mês seguinte,com o rompimento do noivado,as relações ficaram frias,acabando por fim definitivamente.

Nossa casa era boa,dois pavimentos,a rua era calma, e tinha na ocasião poucas casas,do nossa lado havia apenas 5,e duas no começo da rua,ainda em construção,.

Do lado oposto,os Brito e Cunha,ficavam na esquina, em seguida a construção do Dr.Gilberto Toledo,e finalmente uma chácara de um italiano,Sr.Rizo. Nesse tempo,nós já tínhamos automóvel,logo depois que Heloisa nasceu,José aprendeu a dirigir,tirou carteira e ganhou um Ford para o trabalho.. Depois desse outros vieram e nos proporcionaram ótimos passeios sobretudo aos domingos. Muitas vezes íamos buscar Papai,às vezes Carmen e Simone,outras vezes Maria em nossas excursões.

Em dezembro de 1930, embora Gilda ainda fosse pequena, um novo bebê se fez anunciar, entretanto esse ano nós nos divertimos muito, tínhamos um grupo formado por Sylvia e Luiz Dias, Laurinha e Harvey Vilela, Antonio e Carolina Machado, as primas de Sylvia, Cilá e Gilda Vidal, íamos sempre aos jantares dançantes, do Botafogo F.C. É preciso que se diga que o clube com sua sede nova e passando por grande remodelações, oferecia a seus sócios, um jantar dançante mensal. José entrou nessa época para sócio dos Clubes Botafogo e Fluminense, e nós freqüentávamos os bailes do Fluminense e os jantares do Botafogo. Ali o ambiente era seleta, ainda não havia o profissionalismo, como está hoje, e os que já eram, não tomavam parte nas festas dos sócios.

Passamos noites agradabilíssimas, tomávamos uma mesa grande, e lá íamos todos, dançávamos entre nós, trocávamos os casais, sem que houvesse o menor desrespeito nisso. Fomos também a bons reveillons, não só lá como no Copacabana Palace. O tal reveillon, do dia 31 de dezembro, a esse já íamos há muito tempo, nos anos anteriores fomos com Alicinha e Gastão e o Barrinhos Cavalcanti, outro com os Machado, até que no ano de 1928, tivemos que cancelar nossa ida, por causa do falecimento do Sr. Pepino Vivacqua, ocorrido a 26, em Paris. José estimava muito esse tio, de modo que logo que tive conhecimento do ocorrido, cancelamos nosso compromisso com os amigos.

Lembro-me que comprei para o primeiro reveillon que fui em 1926, um vestido muito bonito, em Mlle. Fernandez era de crepe romano branco, completamente bordado de missangas, canutilhos e brilhantes, fui a esse reveillon, com uma linda rosa no ombro - nosso grupo nesse dia foi formado com o Barros Cavalcanti, Alicinha e Gastão Cavalcanti, e não sei quem mais.. Usei esse vestido várias vezes, depois mandei tingi-lo de cor de rosa, ficou lindo, naturalmente eu tinha outros

Muito nos divertimos nessa quadra da vida,entre os anos de 1926-1932. Podemos dizer que foi a fase áurea de nossa vida,não tínhamos certas preocupações, a vida nesse tempo era fácil e calma, meus pais estavam moços ainda,os filhos começavam a chegar. Hoje penso,olhando o passado,que nós devemos sempre aproveitar, os momentos alegres e felizes. No momento em que estamos vivendo,deixar de lado as pequenas coisas que se apresentam,sem importância e viver feliz ,os momentos felizes da vida,e nós tivemos e muitos.

Uma viagem de Papai

Creio que foi nessa época (1930)que Papai saiu ,como fazia sempre,em manobras para a Ilha Grande. Nesse ano,creio que saia a Esquadra,num sábado ou domingo .à tarde, o certo é que nós fomos todos para o Arpoador,ver a saída dos navios.. Lembro-me bem que fomos em dois carros,no nosso e no de tio Carlos, que por esse tempo já tinha o seu. Subimos no alto das pedras,e dela apreciamos a passagem do navios,e quando o destróier,que Papai comandava se aproximou pudemos distinguí-lo na tolda,de japona e binóculo,acenando com o lenço,para nós.. Assim o vimos enquanto a nossa vista podia alcançá-lo,um misto de saudade e orgulho invadiu nessa hora,meu coração dois sentimentos que me acompanharam pela vida afora,e hoje dezesseis anos após sua morte,continua mais viva,ainda em meu coração,e creio mesmo que a morte avivou-a em meu espírito. Tenho uma saudade infinda de meu pai,e por isso é com satisfação que encontro seus amigos e a eles me dirijo mesmo sem os ter ante conhecido,quanto mais vivo, e conheço os homens mais me orgulho,do pai que tive,porque dificilmente encontramos outro homem como ele.! Existe uma fotografia de Heloisa,com a máquina fotográfica na mão, tirada nesse dia.

Num domingo de agosto de 1930, houve não sei porque razão, um almoço em casa de Vovó, em Jacarepaguá. Lá fomos, nós dois, José e eu, Heloisa e Gilda pequena, com quatro meses, e babá Mendes.

Tínhamos nesse tempo, um carro grande, cabiam todos com folga. Tomamos a estrada que saindo da av. Niemeyer, passa pelo Joá, Barra da Tijuca, margeia as lagoas, e atinge a Freguesia. Nesse tempo a estrada era nova, de terra, e ainda muito cheia de curvas, comemos muita poeira mas chegamos bem.

Foi um dia muito agradável, os filhos e netos, noras e genros, lá estavam reunidos, minha amiga Martha, que morreria breve, e creio mesmo ter sido esta a última vez que a vi. Lá passamos o dia alegre, e retornamos à tarde, para Botafogo.. Conto essa passagem, porque ceio que foi o último almoço que Vovó deu lá, e me ficou gravado um seu comentário, para os que tinham automóvel: “Vocês que tem carro porque não vem mais vezes aqui? Porque não aproveitam a nova estrada que por si mesma, já é um passeio?”

Coitada de Vovó, tão boa, uma senhora viva com tanta lucidez aos 72 anos, acompanhando tudo, participando de tudo, alegre, brincalhona, vivia lá sem incomodar a ninguém, nem aos filhos -

Nessa época, Vitor Perdigão, tio de Octavio Braga, que seria depois meu cunhado, comprara a casa que fora do Tnte. Dantas, e instalara lá sua casa de fim de semana. Vovó ficou mais acompanhada e teve telefone em frente de casa..

Hoje, vejo como poderíamos ter ido mais lá, acompanha-la.

Nesse tempo, Mamãe saía muito com D. Isa Guaraná, Simone e Carmen para a cidade, iam fazer compras e passear um pouco; foi por essa época também que ela tomou parte em diversas campanhas financeiras em benefício da Pró-Matre e do Serviço de Obras Sociais, mais conhecida por S.O.S., tendo tido ocasião de

participar das reuniões de senhoras,que se faziam nessas ocasiões,e tomava parte nos chás de prestações de contas,como é praxe nas campanhas financeiras. Mamãe foi levada por Cecília Marques Couto e Hortencinha Melo Cerqueira, filhas do Alnte Custodio de Melo,amigo de Vovô e portanto velhas conhecidas da família.

Mamãe gostava imensamente desses movimentos,lá ela fez muitos conhecimentos novos fora do circulo da Marinha, e teve ocasião de levar também tia Marieta.

Houve até um fato muito interessante passado nessa época. Tia Marieta combinou com Mamãe,de irem a uma tal reunião,para uma obra social. Lá foram as duas,ma lá notaram qualquer anormalidade no programa que apresentaram- afinal apuraram que a tal reunião,era comunista.. Elas ficaram apavoradas... Mas o gozado do caso foi que João Candido,implicava com ela,por causa disso,então escreveu nas cartas de seu baralho de paciência - comunista,comunista! Pobre Mamãe,mal sabia ela,que sua vida em muito breve se encerraria.,deixaria tudo por um grande desgosto!

Como me recordo com saudades desse tempo que se seguiu a 1930,como disse eu já morava na rua Frei Veloso,135,tínhamos as duas meninas,Heloisa e Gilda, a vida era serena,eu estava sempre em casa de Papai,ele ainda estava na ativa- Outro bebê, se anunciava para setembro de 1931. Era comum Maria ir a minha casa durante o dia. Maria sempre foi muito minha amiga,embora tivesse suas companheiras,Isar Ferreira de Oliveira e Solange Tross,nesse tempo ela já namorava Octavio Braga,namoro começado por causa do violão. Octavio morava ao lado em companhia dos tios Nhãnhã e Raul Veloso Quadros. Como tenho saudades dessa quadra da minha vida! Dos anos de 1930 a 1934,tenho as melhores recordações!

A rua Frei Veloso,era ainda pouco edificada,de modo que eu ia com Maria, e as duas meninas,pelo meio do mato,por uma picada que havia depois da casa que morava o Sr. Eugenio Gandolfe,passava para a rua Prof.Saldanha,e ia à casa de Mamãe. Lá ficava até a tarde,lanchava com Mamãe e as meninas,quando voltava Maria vinha novamente trazer Gilda.. Muitas ,fotografias tenho desse tempo. No Carnaval de 1931, Heloisa se fantasiou de holandesa,uma bonita fantasia de organdi,tenho um retrato dela,tirada por Octavio,e outra tirada por tio Carlos com Octavio ao lado.

Foi nessa época,que eu conheci alguém que seria muito breve em minha vida,o farol que iluminaria e guiaria meus passos para uma vida mais perfeita-o Padre Leonel Franca.

Depois do nascimento de Gilda,confessei-me com ele e gostei muito,em julho de 1931,voltei a procurá-lo novamente,e assim foi até que a 22 de março de 1932... contarei isso depois.

Me parece,que nesse tempo a vida era mais suave,tinha-se a impressão, de mais segurança,mais tranqüilidade...,

Eu e José,saiamos muito à noite,continuamos com nossos jantares fora,íamos ao cinema e ao teatro,mas gostávamos de dar nosso passeio a pé,pela rua Jardim Botânico,e dar uma chegada em casa de Papai,às vezes ele passeava conosco,um pouco,porque gostava muito de andar a pé. Dávamos também nossos passeios de automóvel.. Como era bom morar perto da casa de Papai...!!.Como tenho saudades daquele tempo, se pudesse voltar ao menos um pouco,como iria aproveitá-lo. Se eu pudesse voltar um pouco o relógio de tempo...

Em junho de 1931,morreu minha amiga,Julinha Cristófaru,eu esperava um bebê,não fui ao enterro, embora tivesse sentido muito. Julinha morreu em circunstancia muito estranha,afogada na banheira,em virtude de uma

síncope,pelo escapamento de gás,mas ela tinha tido antes uma forte altercação com Ângelo,coisa que se tornara constante e estava em luta com a família dele,de modo que o fato foi julgado suspeito por muito tempo.

Angelo seis meses depois se casou com outra em São Paulo,teve os filhos que tanto desejou e que não teve com Julinha,mas segundo soube foi muito infeliz em seu segundo casamento.

Nascimento de Flavio

Afinal a 12 de setembro de 1931,nascia nosso primeiro filho homem,o fato se deu às 11 horas da manhã. Eu tinha escolhido o nome de Flavio,se fosse homem, e Margarida Maria,s fosse mulher,veio Flavio. Nós ficamos muito contentes e convidamos Chiquinho e Yolanda para padrinhos,o que muito o envaideceu,dizendo que nós tínhamos esperado para retribuir seu convite com outro homem. Chiquinho nesse tempo morava em Cachoeiro,era sócio do Atila,na firma Vivacqua Vieira, de modo que quando vinha ao Rio, ficava hospedado em nossa casa.

Mas nessa época nos andávamos muito preocupados com nossa situação financeira,os tios,com a morte de Sr.Pepino, tinham acabado com a firma Irmãos Vivacqua de madeira,ficando só a de café,José trabalhava com o Pedro e Manoel nas madeiras,com isso ele saiu da firma,com seus lucros de interessado,e o Pedro,arranjou um negócio para ele com um tal de Gafner.O negócio não prestava,ele desmanchou a sociedade com prejuízo. Lembrou-se então de fazer uma sociedade com Gabriel Vivacqua- José trabalhou e Gabriel passeou - pela Europa, (trouxe até muitos presentes dessa viagem para

mim,Heloisa, e para José uma caixa de fichas de jogo que temos)resultado nessa época, José desfez a sociedade e perdeu todo o capital.

Foi nesse momento que Chiquinho irmão e amigo de José,propôs sua entrada para Vivacqua Vieira,com capital a realizar Como era natural,nós ficamos muito apertados,mas acontece que os tios,que tinham negócios de café,estavam com Armazéns Gerais, em Angra dos Reis,convidaram José,para trabalhar com eles também. Creio que José era diretor tesoureiro, e a pessoa de confiança,dos tios na Companhia. Isso deu-lhe um ordenado a mais,e de três em três meses,uma importância em dinheiro.. Nós melhoramos imediatamente, nossa situação,que alíás não transpirou fora e nem modificou nosso padrão de vida,que até hoje, é o mesmo, nem alto demais,nem baixo.- esse bom senso na maneira de viver tem nos proporcionado uma vida equilibrada. Sem atribulações.

Em dezembro desse mesmo ano,1931, resolvemos passar uns dias em Petrópolis,as crianças precisavam de uma mudança,nunca tínhamos levado para uma temporada fora,José estava outra vez bem..Tomamos para os primeiro dias de janeiro,um apartamento no Hotel Central,no lado virado para a av.15 de novembro. Influiu em nossa escolha,o fato de Pedro Vivacqua também ir para lá,bem assim,Antonio Machado e Carolina,com quem nos dávamos na ocasião. Nossos apartamentos ficaram próximos no 1* andar ao passo que o do Pedro, ficava no térreo,dando para o jardim, e bem embaixo do nosso..

Lembro-me do dia que subimos,era um sábado e fomos depois do almoço: José,eu as três crianças,e a babá Maria Mendes.. Papai e Mamãe,form nos dizer adeus em nossa casa - nessa hora revivi as angústias da infância,quando Papai partia para suas viagens - fiquei entre alegre pelo passeio, e triste por

deixá-los. Era também a primeira vez que ficava longe por mais tempo..Nosso apartamento no hotel,tinha dois quartos,uma sala,banheiro e uma boa varanda.

Lá estavam também hospedados os Vergne de Abreu,a família dos Anjos,que se hospedava lá todos os anos.,conheci nessa ocasião Alcina Ludolf,com quem eu tenho relações de amizade até hoje. Alcina era casada com Ernesto Barnes,e como não tinha filhos,adotou e criou desde que nasceu uma afilhada chamada Neusa, que nesse tempo tinha uns dois ou três anos.,nossa amizade continuou através dos tempos até hoje.

O hotel era bem familiar,mas uma semana depois Heloisa apareceu com um desarranjo intestinal que degenerou em desinteria.. Eu fiquei aflita, e resolvemos consultar sem resultado a Dr.Calazans Luz ,nosso pediatra,levá-la à casa de Dr. Mac Dowell,que já era nosso médico, e que estava veraneando lá. Tomamos nosso carro,em um sábado, e fomos à chácara das Rosas.,como era chamada a residência da família La Rocque. O lugar era uma beleza e o nome está dizendo que havia muitas flores lá, a chácara pertencera aos pais de D.Emilia, sua esposa, e na ocasião lá estava ,seu cunhado Dr. Augusto La Rocque,médico do lugar casado com D.Isabel Guimarães,a quem Dr.Mac Dowell recomendou em caso de necessidade maior. Afinal o que Heloisa tinha,não era grave,disse ele ser comum nas criança que vão à serra.. Não precisei procurar Dr. La Rocque,porque o mal cedeu logo.

Passei muito por lá, toda a tarde, tomava uma charrete para passear com as meninas,pela manhã mandava com babá.. Fiz muitos passeios dos quais tenho fotografias,`Cremerie,os Machado tinham carro com chofer,de modo que podíamos passear muito. Estava lá também o Dr. Samuel Prado,casado com Nadyr Meira,tinha o casal uma filha Maria Aparecida,da idade de Heloisa, e que formou grupo com ela, e os filhos dos Machado: Maria José, Regina, Edgard e Luizinha,os nascidos na ocasião.

Passamos dias agradáveis, José subia e descia diariamente, almoçava em nossa casa de Frei Veloso, que ficara com cozinheira Maria da Glória e a copeira Sebastiana.

Fiquei lá até o fim do mês de Janeiro, repentinamente uma saudade enorme de casa, de Papai e Mamãe, me fizeram voltar repentinamente, um sonho também com Vovó, e que em breve seria como um preságio, me fizeram voltar para o Rio. Chegamos, mais ou menos a 25, Papai se achava fora, creio que em manobras, uma vez que estava embarcado no couraçado São Paulo. Esqueci de contar que quando Flavio nasceu e Mamãe avisou para Jacarepaguá, Vovó não gostou do nome, isso me chocou muito, mas ninguém fez comentários pois queríamos muito bem a ela.

A morte de Vovó

Voltamos para nossa casa, e eu me senti muito aliviada, o Carnaval, nesse ano seria nos dias 7, 8, 9 de fevereiro, nós estávamos com um grupo grande formado para os bailes do Botafogo, Fluminense e creio que Copacabana Palace. Nesse tempo eu já costurava com Alice, de modo que mandei fazer um vestido de cetim branco para essas festas, que iríamos com os Machado, Sylvia e Luiz Dias, Laurinha e Harvey Vilela, as Vidal, suas primas e outras pessoas conhecidas. Na quinta-feira, dia 5, soube que Vovó estava na cidade, em casa de tia Sinhazinha Bahia, a rua Sorocaba, à tarde desse dia fui provar meu vestido na casa de Alice, na rua São João Batista, e depois fui ver Vovó. Achei-a um pouco abatida, mas como sempre viva, ativa, andando, tanto que conversamos muito, ela sentada numa cadeira, ao meu lado. Lá fiquei até as 6 horas, soube mais tarde que depois da minha saída, ela tecera comentários elogiosos sobre mim, com tia Sinhazinha. Nada levava a prever o que

aconteceria 6 ou 7 horas depois. Às 7 horas da manhã, acordei com o toque do telefone, babá atendera ao recado, eu me acordei e sai do quarto para saber o que era, babá muito tristonha me disse:” D. Luizinha telefonou avisando que D.Lily morreu”. O que senti no momento não posso descrever, só sei que mudei de roupa, engoli um café, e corri para a casa da rua Sorocaba. Vovó falecera devido a uma hemoptise (do coração), em poucos minutos, sem que coisa alguma pudesse se feita.. Edith contou que ela olhava-a e assim ela viu seus olhos irem se apagando. Durante muito tempo Edith teve aquele olhar acompanhando-a.

O que foi esse dia, não vale a pena recordar, a dor dos filhos e netos, o pesar dos genros e noras, que a estimavam muito.. O enterro foi às 5 horas, desse dia 6 de fevereiro de 1932, foi a pé pela rua Sorocaba, e eu revi a cena que vira em meu sonho em Petrópolis dias antes. Vovó deixou um vazio imenso, mesmo ali em Jacarepaguá, onde era querida e conhecida por sua simpatia e bondade, todos lastimaram seu desaparecimento.. Só depois de sua morte é que os filhos ficaram sabendo como ela socorria pobres e necessitados que iam buscar com ela o que necessitavam.. Eles mesmos, não sabiam a mãe que tinham!

Nunca me esqueci dela, sua morte foi um desmoronamento, o tronco se acabou.. Vovó era zeladora do Apostolado da Oração, da igreja do Sagrado Coração de Jesus, na rua Benjamin Constant,, dentro de suas possibilidades, trabalhava por esse apostolado- era uma alma religiosa, devota, nos moldes das senhoras de seu tempo.. Fora educada pelas Irmãs de Caridade, no Colégio da Divina Providencia, nas Laranjeiras.. Frequentava muito os Padres Barnabitas, na Igreja do Loreto e ia também à Missa, no Orfanato Santo Antonio, na rua Candido Benicio. A ela devo a semente de minha piedade, seus santinhos, suas medalhas, as Missas que com

ela assisti,por suas mãos entrei para o Apostolado - mais tarde o Sion viria trazer um aumento da vida cristã para mim.. Tenho-a sempre em minha lembrança,e em minhas orações sobretudo na primeira sexta feira do mês.

No ano seguinte, em 13 de março de 1933,morria tio Portela,marido de tia Sinhazinha,irmã de Papai. Sua morte foi sentida por todos,era um homem bom...

A Semana Santa de 1932

Quarta feira Santa, 23 de março.

Ainda debaixo do choque da morte de Vovó,do vazio de sua ausência,chegamos à Semana Santa,desse ano de 1932. Como sempre fazia,rumei para a Igreja de Santo Inácio,e procurei o confessor do Padre Franca.. Já tivera ocasião de me confessar com ele outras vezes, seu confessor era procuradíssimo,o terceiro à esquerda de quem entra na Igreja,entre os do P.Loclin e Natuzzi. Eu me confessei para a Páscoa,e fiquei de voltar na quarta feira seguinte,dia 30,o que fiz religiosamente. Não sabia entretanto,que esse ato rotineiro da época Pascal,que eu já fizera tantas vezes,iria nesse tempo marcar um novo rumo em minha vida.

O P.Franca,era um sacerdote diferente,simples e humano,forte e manso,bom e enérgico,com sua cor morena,macilento, seus olhos com o brilho de dois diamantes negros a iluminar-lhe o rosto,era suave e humilde dentro do seu saber. Quando nós o procurávamos,tínhamos a impressão que ele entrava dentro de nosso problema que passava a ser também seu,nada do que se dizia era pueril ou sem importância,dava a impressão que naquele momento não havia para ele outro problema na vida,ele era todo ouvidos,todo atenção para quem estava atendendo.,raramente cortava uma conversa particular ou

apressava uma confissão.,era de uma paciência sem limites,atento,solicito,se bem que um pouco seco e sério..

Nesse tempo havia bons confessores em Santo Inácio,além dos que falei havia ainda o P.Martin, P.Gabinio, P.Monsaret, P.Riou, de modo que a Igreja era muito procurada para Confissões,sobretudo nesse tempo de Páscoa..

Eu senti,imediatamente, que o P.Franca,era o sacerdote,que iria orientar toda a minha vida espiritual e guiar meus passos de esposa e mãe.

Tendo algumas dúvidas pueris,pedi que marcasse uma hora fora do Confessionário,só em março,recebi certa manhã,sua telefonema dizendo que poderia estar no Parlatorio,à 11 horas,fui ,conversamos muito,depois das explicações que me levaram lá,falei sobre minha família,pais e irmãos, marido e filhos. Quando sai de lá,éramos amigos para toda a vida,uma amizade que iria se prolongar por 16 anos, e que só terminaria com sua morte.

Eu comecei a me confessar regularmente,a comungar todos os dias,por inspiração sua,sob sua orientação comecei a ler bons autores espirituais ou leituras profanas,formei uma ótima biblioteca..

Nossos laços de amizade se estruturaram,e eu comecei a visitá-lo no Parlatorio,todas as semanas,às segundas feiras,às 14 horas.. Ele reservava 1hora,para conversar comigo,daí devo toda a minha formação.- o convívio com aquele Santo de inteligência privilegiada - pouco a pouco ele foi se tornando meu conselheiro de tudo,até das coisas mais mezinhas da vida, meu amigo incomparável! Dei uma guinada na vida,deixei Reveilons,jantares,bailes, dediquei-me a minha formação de mãe e esposa,ele me orientava em tudo.,

Com os anos ele também teve em mim o máximo de confiança, eu era sua família, muitas vezes confidenciou-me seus projetos,seus desejos,suas tristezas e decepções. Comigo muito recordou sua vida de menino na

Bahia,sua família,a vida no Anchieta,sua entrada para a Companhia de Jesus,e os fatos que determinaram sua resolução.,muito me falou sobre sua mãe,recordava fatos da vida dela,como agia,e uma vez me disse: “Você lembra muito a minha mãe,quando a vejo,me recordo dela,ela era alta,alegre e viva,como você,só que era de tez morena”. Pouco depois botei-o em contato com Papai,de quem se tornou amigo.. Papai o procurou diversas vezes no Santo Inácio,ele presenteou-o com livros seus,e quando da doença de Papai,P.Franca,visitou-o periodicamente..

Eu gostava de ver quando ele vinha à tarde,no confessionário,a principio às 4as. E 6as.,mais tarde às 5as. E sábados,de 14,30 às 17 horas.. Ficava,como ele dizia,a esperando-o,e lá vinha ele,uma figura heráldica,alto,magro,passava sem fazer barulho,como uma sombra e entrava no confessionário.. Pela manhã,atendia de 4^a.feira em diante,de 8 às 9 hs.

Como me recordo de seus conselhos simples; uma vez indo falar-lhe aborrecida com José,ele me disse:: quando José chegar para o almoço,receba-o como se nada tivesse havido. Se era coisa grave sempre nos dizia:”Filha, deixe a tempestade passar e céu ficar novamente azul,ai você poderá resolver tudo”

O mais importante de seus conselhos para mim foi o seguinte:como me preocupasse muito com a perfeição cristã,como a santidade,ele me disse: Minha filha faça todos os dias suas coisinhas bem feitas - ouça sua missa,comungue todos os dias se for possível,faça uma leitura boa, e não se preocupe mais.

Agora,catorze anos depois de sua morte,eu revivo a cada momento seus conselhos,vejo como eram sábios,e graças a Deus,gravei-os bem e posso aplicá-los quando necessito, ou estou em apuros, mesmo ai eu me recordo de suas palavras.

Quando eu não estiver mais aqui ou um dia,minha filha você verá que eu tenho razão- um dia agradecerás isso que não entendes-

Ele foi para mim um verdadeiro pai e um amigo verdadeiro.

Em fins de 1931,Sr. Eugenio Gandolfi,mudou-se para São Paulo,a casa foi vendida,comprou-a Pedro Cybrão,irmão de Titina,com o fim de alugá-la. Augusta Cybrão,sua mãe,foi lá em casa e pediu-me ,que depois das obras,ficasse com as chaves,para quem desejasse vê-la ,prontamente me prestei a isso,e o fato me valeu diversas visitas suas com as filhas,todas as vezes ela trazia para Heloisa,balas e cartuchos de suspirinhos feitos em sua casa,eram deliciosos.

Acabadas as obras a casa foi alugada ao Dr.Lafayette de Andrada,filho do velho José Bonifácio,- casado com Maria Fraga,que eu já conhecia muito da casa de Alicinha. Maria era amiga de Margarida Proença,que era vizinha e muito amiga de Alicinha.

O casal tinha dois filhos: Zezinho e Nelito,os meninos fizeram logo amizade com as nossas meninas,e eu estreitei relações com Maria.. Maria era cheia de vida,embora tivesse muito “splin”,mas a causa era a vida um tanto boemia, do marido, e suas irregularidades tanto que tinha uma família extra-matrimonial, e acabou se separando da legitima..Nesse tempo,ela já sabia de tudo,e sofria muito,por outro lado era descuidada da casa,e muitos atritos eram oriundos disso. D. Nininha mãe de Maria,agravava muito a situação,se imiscuindo na vida do casal. Maria tinha uma irmã, Anette,que mais tarde se casou com o Jack Sampaio,filho do Carlos Sampaio.

Margarida e Maria tinham também uma amiga Natalia,que fazia parte do grupo.

Boas e agradáveis tardes passei em companhia delas,como era costume na época,íamos tomar chá na cidade,ora na Colombo ou na Lalet,e em dia

considerado chic. Às 5 hs, íamos as quatro bem vestidas, de chapéu, renard argente, jóias, dávamos uma volta pelas ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, rumávamos depois para a confeitaria em voga, ocupávamos uma mesa ou aguardávamos que vagasse alguma, tomávamos nosso chá, apreciávamos o movimento, as toilettes, que era um verdadeiro desfile. Depois voltávamos pelo mesmo caminho, em geral eu telefonava para o escritório e voltava com José, se nos atrasávamos ou perdíamos a hora, íamos até o Clube Naval, tomar um ônibus da Light, que fazia ponto ali e retornávamos para o jantar.

Certa vez, fomos os dois casais, a um grande Premio no Jockey Club, e José foi outras vezes, só com Dr. Lafayete, às corridas de cavalo, mas nem eu nem ele, gostamos deste tipo de divertimento, de modo que não voltamos mais..

Assim passamos os anos de 1932 até junho de 1934, quando eu me mudei da rua Frei Veloso, e nossas relações morreram.. Foi por intermédio de Maria, que eu conheci Mme Henriette, que me lecionou inglês e francês, mais tarde foi a iniciadora de inglês de todas as crianças de casa, ela foi professora em minha família, muitos anos, chegando mesmo a dar aulas de alemão a Heloisa, já na Universidade, em 1942.

Maria tinha idéias um tanto extravagantes, e como não vivia bem com o marido, procurava distrações fora, atordoava-se um pouco, eu em minhas conversas com o P. Franca, repetia muita coisa do que ela dizia,, fatos passados em nossos passeios, suas idéias etc., ele não aprovava nada e começou a achar que a companhia não era boa para mim, coincidiu também que o contrato de nossa casa ia terminar e José que também não estava contente com a vizinhança, assim que em Junho de 1934, nós nos mudamos para a casa da rua Itu, 9, no Largo dos Leões, e essa amizade morreu no dia de nossa mudança. O casal Andrada, também saiu da Frei Veloso, e mais tarde se separou.

Em princípios de 1933, eu ingressava na Associação de Mães Cristãs, em Sion, Heloisa entrara em março, para a classe Rouge, e eu que nunca me afastara de lá, me filiei logo a Associação, que condizia com meu estado civil.

Nessa época, eu já travara relações com Nair Souza, em encontros no confessorário do P. Franca, ambas íamos no mesmo dia, e ele nos pôs em contato, fazendo com que nos tornássemos amigas.. Além disso ela era casada com um oficial de Marinha, que se dava com Papai, a filha Gilda era do Sion, e ela membro do Conselho das Mães Cristãs.

Foi em setembro desse ano, quando se realizaria na Bahia, o primeiro Congresso Eucarístico Nacional, que eu fiz em Sion, com as Mães Cristãs, meu primeiro retiro espiritual, depois do feito para a minha primeira Comunhão.

De um certo tempo para cá, o movimento pelos retiros espirituais, para senhoras e homens, tinha tomado grande impulso, e estava muito difundido aqui no Brasil, tanto que pouco depois, seria fundada a “Casa dos Retiros Padre Anchieta”, na Colina da Gávea, destinada a retiros masculinos. O P. Franca, embarcou para o Congresso da Bahia, na hora que eu entraria em retiro,, lembro-me os livros que me indicou para as horas em que eu estivesse em casa, “Lui”, e recomendou -me ,que procurasse na medida do possível guardar silencio interior.

Esse Congresso era novidade no Brasil, de modo que os Congressistas embarcaram em navio especialmente preparado para esse fim e grande multidão foi ao cais assistir o embarque dos peregrinos, como coisa rara.

P. Franca, me trouxe como lembrança, uma caixa em forma de losango, forrada de papel crepon verde, com um peixe prateado em cima e cheio de confeitos.- que fora ofertado em Salvador, e ele guardou para mim.

Foi ainda em junho do ano anterior (1932) que o Cardeal Leme começou no Rio, o movimento para organizar a Ação Católica, veio ao Rio, a presidente da

Juventude Feminina da Bélgica (país onde ela estava melhor organizada) Mlle.Hemptine,foi organizado um curso para a formação das chamadas “dirigentes”. O Curso era no Salão Paroquial da Matriz do Coração de Jesus,na rua Benjamin Constant,- eu aconselhada pelo P.Franca,assisti duas conferencias,,porem o horário não me permitiu a seguir o curso,por causa de Flavio, que era ainda muito pequeno,tinha dez meses. Embora eu tivesse babá para eles,havia aulas pela manhã e à tarde. Desisti do curso,esse ano,indo assistir outro ,no ano seguinte. - setembro de 1933 - teve duração de um mês,eu fiz um trabalho sobre Eucaristia,entrei em exame, e fui logo designada segunda auxiliar num Circulo de Formação Familiar,que deveria se organizar na Paróquia de São João Batista da Lagoa.. Nesse curso tomaram parte entre outras pessoas: Ruth Leoni, Carmen Amoroso Lima,,Nair Souza,, Maria Francisca Maciel. Foi ai que conheci pessoas de que me tornei amiga,tai como: Stella de Faro, Nininha Moreira da Fonseca,, Celeste Miranda, Dolores Brito, Cecila Pedrosa, Laura do Rego Monteiro.. Muitos conhecimentos adquiri lá,vim a fazer diversos cursos, até 1942,; Moral, Filosofia, Dogma.. Mais tarde, quando houve a separação (1936) entre Juventude e Liga Feminina, fui secretaria por seis anos,dirigente do setor familiar,delegada Diocesana,do Setor Familiar. Tomei parte em muitas semanas de Ação Católica(pequenos congressos)

Conheci muita gente do Rio e dos Estados,que aqui vinham para esses cursos. Alarguei meus horizontes,sai da “esfera” da minha família,para militar na família de Deus.

Os Círculos de Estudos ,me obrigaram a estudar um pouco de pedagogia,psicologia, isso muito me ajudou na educação das crianças. - eu preparava o ponto do circulo e levava para o P.Franca ler..

Muitas vezes,quando estava fatigada ou em período de gestação,ele preparava o circulo para mim, ou eu ia ao Parlatório e ele conversava comigo sobre o assunto,frisando os pontos que eu deveria tratar.

Foi na instalação solene da Ação Católica,em setembro de 1936, que eu falei pel primeira vez em público,fui apanhada de surpresa e tive de fazer o discurso.

Falei diante do Cardeal, do Núncio Apostólico, Bispos, sacerdotes ,religiosas, numa Assembléia,na Catedral Metropolitana. Eu fiquei tão nervosa,que Mons. Franca pensou que eu fosse desmaiar., e botou uma cadeira atrás de mim.. Mons Franca,foi nosso primeiro Assistente Eclesiástico,depois tivemos Mons José Tapajóz.. No principio nós sentimos a mudança,mas depois gostamos muito do P.Tapajóz, por sua energia e inteligência.

Os filhos não me atrapalhavam nada,eu tinha boas empregadas,e como já disse deixei a vida mais mundana e me dediquei à Ação Católica.. Meus retiros,fazia no Cenáculo,com as senhoras da A.C. A primeira presidente,foi Cecilha Pedrosa,em 1936,por ocasião da instalação oficial da A.C. e sua divisão nos dois ramos femininos, ela ficou com a Juventude e Stella Faro que até então se achava na Europa,regressou e assumiu a presidência da Liga..Ela organizou muitos cursos bons..Nesse período compreendido entre 1933 e 1942, houve no Rio,a semana de ação social,(1936),na qual tomaram parte P.Datan S.J. e P. Fallon (que ficou muito meu amigo)vindos da Bélgica para esse fim.

Em 1937,a fundação do Instituto de Educação Familiar e Social (na rua D.Mariana) tendo vindo da Europa para sua organização Mlle.Marsaud, Mlle Du Rostudt, Mlle Pietrumarque(Itália) Eu tomei parte ativa nos preparativos desses e de outros movimentos em geral entregues a Stela de Faro e à Ação Católica.

No principio todas as nossas reuniões eram realizadas na Matriz do Sagrado Coração de Jesus,que se tornara sede provisória da Ação Católica,quer da Juventude que depois saiu de lá,e da Liga,que assim permaneceu muito tempo mesmo depois de Mons.Franca,ter deixado de ser nosso Assistente Eclesiástico.

O grande problema de nossa gente era a falta de formação religiosa,estudava-se a religião para a 1ª.comunhão,um catecismo de perseverança,algum tempo e só.

A Ação Católica veio ajudar ao clero como apostolado leigo, que é dar maiores conhecimentos - na Liga Feminina ,as senhoras maiores de 30 anos,casadas ou solteiras.

Nós tínhamos um dia ,por mês,de conferencias,com diversos cursos,foi ai que eu me aprofundei, fiz curso de Filosofia,Dogma, Moral e Apologética . Ótimos profesoress tivemos então,havia ainda as conferencias sobre assuntos em foco,vistos à luz do pensamento cristão. Tínhamos os círculos de estudos especializados, e logo começamos as semanas intensivas,os pequenos Congressos,dos quais participavam senhoras vindas das diversas dioceses de todos os pontos do Brasil.. Em seguida começaram as organizações nas Paróquias,pois a A.C. é iminentemente paroquial e o movimento foi se expandindo.

Eu era delegada diocesana do setor família,e dirigia um circulo de estudos na Paróquia da Lagoa.,isso foi muito útil,pois era obrigada a estudar não só os problemas relacionados à família,como a pedagogia e psicologia para os debates no circulo.. Os programas eram preparados por mim (com o P.Franca) e aprovados pelo Assistente.. Uma vez por mês ,tínhamos as reuniões da Confederação Católica (1ª.quinta feira)como o nome indica aConfederação era o órgão que reunia todas as obras católicas em torno de seu pastor, e dele

receber a orientação que levaria seus membros, através de cada associação - em geral era ela representada pela sua presidente, quando não pela diretoria. A Confederação era presidida pelo Cardeal, que fora seu fundador, e tinha uma diretoria, Stela Faro era a secretária. Eu como secretária da Liga Feminina, estava sempre presente, o que não constituía sacrifício nenhum para mim..

Muito agradáveis também eram nossas reuniões no Coração Jesus - havia um pequeno bufet pago, cada uma de nós tinha seu dia de levar o que lhe coubesse, as bandeirantes que já tinham também sua sede lá, emprestavam alguma coisa. - isso era nos dias de formação, nas reuniões da diretoria, não, eram relativamente rápidas.

Como foi bom esse tempo, à tarde, em geral José ia com o carro nos buscar (Stela, Nininha, eu e Dolores, Celeste morava na Tijuca, por isso não ia), outras vezes nós saíamos, tomávamos o bonde íamos até a cidade e voltávamos para Botafogo,, alegres, animadas, cheias de esperança nos frutos do apostolado.

Outro fato também desse tempo, foram as Conferências do P. Leonel Franca, no salão do Colégio Sacré Coeur, na rua da Glória, 84, hoje sede do Colégio Angelorum e antigamente residência da família Barbosa de Oliveira. Em 1930, o P. Comlet, veio ao Rio, fazer umas célebres conferências no Teatro Municipal, sobre os problemas da família. (abril de 1930) foi um sucesso! Suas conferências estão contidas nos 7 volumes “L’Église “ - les problèmes de la famille”, retornando ele à Europa, o P. Franca, resolveu a convite das professoras do então Distrito Federal, e de cuja Associação Católica, era Assistente Eclesiástico, organizou conferências similares; familiar, educação, psicologia da infância.. Essa iniciativa teve grande aceitação e foi logo franqueada ao público em geral.. Eram realizadas nas 2as. Quintas feiras, penso que às 4 horas da tarde, elas só terminaram em 1934, quando o P. Franca, teve uma crise do seu mal, e ficou praticamente

proibido de grandes esforços, como esse, entretanto, dessas conferencias saiu seu livro “O Divórcio “ que grande sucesso alcançou então, não sei se outras palestras foram publicadas.

Um fato curioso devo assinalar, desse tempo:

Certo dia logo depois da conferencia, fui falar com o P. Franca, ele me perguntou: Que achou você da conferencia de ontem, minha filha? Eu então respondi: “muito boa, somente eu acho que o senhor devia rir nos momentos precisos, dizer umas coisas alegres, para tornar o ambiente leve, desafogado!

Ele me respondeu: Conferencia é coisa séria, não é para rir, aliás, ontem eu ouvi sua risadinha um tanto alta, quando falei determinada coisa, ao que eu retruquei “lógico , o senhor diz uma coisa engraçada com cara de “missa de sétimo dia”!

É que na palestra anterior ele havia dito “As mães nunca devem chamar seus filhos por nomes de animais” A sala inteira prendeu o riso, e eu dei uma boa gargalhada!

Eu costumava ir à conferencia com Nair Souza e D. Laura Lazzari, sua mãe,, em geral Ernani Souza, seu marido ia esperá-las e me trazia também para casa.

Eram tardes agradabilíssimas, numa época que o Rio é adorável, de Abril a Novembro, dias lindos, temperatura amena. O salão ficava cheio, a fina flor da sociedade de então lá estava reunida nessas tardes.

Bons tempos aqueles!

Minha operação

Em abril de 1932, precisamente dia 22, véspera o aniversário de Gilda,, eu fui operada de apendicite pelo Dr. Jorge Gouveia, na Casa de Saúde São José.-

tudo correu otimamente -foi nessa ocasião que eu conheci Côrtes,jovem médico,assistente do Dr. Gouveia,,e que seria nosso operador mais tarde.- eu estive uma semana na casa de saúde e quinze dias depois já ia à missa.

Esse foi meu primeiro contato com a Casa de Saúde São José,outros entretanto se sucederiam até hoje,uns bons outros péssimos.

Logo em Julho do mesmo ano,teríamos nova operação de apendicite em casa, Heloisa só com sete anos,seria a seguinte. Tendo se queixado de dores do lado,como era nosso sistema levei-a logo a Dr. Calazans,que diagnosticou apendicite,entretanto pediu radiografia, e radioscopia,,para a confirmação do diagnóstico,que foi logo confirmado,entretanto pensávamos em esperar um pouco para operá-la nas férias.

Eu avisei ao Colégio Sion,que caso notassem qualquer anormalidade me avisassem. No dia 18 de julho mais ou menos à s duas horas me telefonaram avisando que ela estava vomitando e febril. José não viera almoçar em casa, tinha ido tratar de negócios no subúrbio,,não perdi tempo telefonei ao Calazans que procurasse imediatamente um operador, - falei com Dr.Gouveia e esse aconselhou operação imediata - fui buscar Heloisa no Colégio, e de lá rumei para a Casa de Saúde São José, às 4 horas da tarde ela estava na mesa de operação. Quando José,Papai e Mamãe chegaram ela estava sendo operada. Meus pais que ainda não estavam familiarizados com as operações rápidas,acharam que foi precipitação minha, mas ela foi muito feliz . Eu fiquei com ela no hospital,talvez devido à emoção e ao esforço,de não dormir as primeiras noites fiquei fatigadissima, José precisava ficar em casa com Gilda e Flavio,que tinham três e dois anos,.Papai não deixou Mamãe pernoitar lá,achando que era obrigação minha, fiquei de tal forma exausta que ao receber a visita do P.Franca,,ele me disse que se fosse possível ele ficaria lá

para eu descansar um pouco. Afinal Maria se ofereceu e me substituiu uma noite,eu refeita voltei ao posto até o fim.

Nossa ida para a rua Itu,9

Nosso contrato terminara na casa da rua Frei Veloso,135, o Calazans achava aquela moradia húmida,os meninos viviam resfriados,resolvemos nos mudar.Aem disso o P.Franca achava que a convivência com certos vizinhos não era boa.

Arranjamos uma casa na rua Itu, paralela à rua Miguel Pereira,no Humaitá.

No dia 12 de junho de 1934,nos transferimos para lá,como era hábito meu,no mesmo dia estava tudo arrumado em seus lugares

Nós sentimos um pouco a mudança,a casa da Frei Veloso,tinha jardim na frente e do lado,a nova,tinha apenas um pequeno recuo da rua,era mais apertada se bem que tivesse o mesmo número de quartos e a sala de visitas era maior. Quando disse ao P.Franca,que ia me mudar para essa casa,ele me avisou que morava em frente,no n* 14,uma irmã sua,Leonor, casada com duas meninas de seis e dois anos,Maria Teresa e Maria Luisa,e um menino Augusto Eduardo.. Justamente nesse dia 12 era aniversário de Maria Teresa,tive então ocasião de ver Ernestina Pena,casada com Leopoldo Franca,que eu já conhecia. Maria Begni,a outra irmã, que eu também conhecia,entrarem para comemorar o aniversário.

Logo eu fiz amizade com Leonor,embora ela fosse retraída,ficamos camaradas,pois uma pessoa amiga nos aproximava.. Como ela não tivesse telefone, ofereci o meu, as crianças brincavam juntas. Residi ai de 1934 até princípios de 1936.

O P.Franca,benzeu a casa e entronizou o Sagrado Coração de Jesus,várias vezes voltou lá ora para buscar ou emprestar um livro,outras vezes ao visitar a irmã. Tive também por essa ocasião a visita do Mons. Franca,que fora ver Leonor e me visitara também.

Eu gostava muito da Teresa e ela de mim,acabou me convidando para sua madrinha de crisma,mais tarde José foi também padrinho do Eduardo. Nesse período de 1934 a 1936, Leonor teve um menino que se chamou Eduardo Augusto.

Eu continuando sempre a minha vida, de Apostolado Leigo,minha família e a amizade do P.Franca.

Afinal em 1935,anunciou-se um novo bebê, para o mês de setembro,deveria nascer segundo os cálculos do medico,no fim do mês . Eu comecei os preparativos, mas não deixei a A.C.,que freqüentei até uma semana antes do baby nascer.

Entretanto algumas lutas teria que enfrentar na rua Itu,fiquei sem uma empregada!

Fui obrigada a despedir todas inclusive Babá Teresa.

Fiquei uma semana sem ninguém,Heloisa ia para o Colégio,os dois pequenos ou iam para a casa de mamãe, ou almoçavam com Leonor. Eu e José arrumávamos a casa e jantávamos no restaurante Roma. Foi ai que Stela Faro, me apresentou ao Colégio Santo Adolfo, e eu obtive com Madre Rosa Maria, Maria do Carmo para cozinheira e depois Francisca para bábá,esta última ficou em nossa casa,sete anos.Ambas eram de Angra.Afinal arranjei uma copeira de Niterói,Flausina,que ficou por três anos.. Ai tive uma fase real de descanso e sossego.

Nesse ano de 1934,João Candido formou-se em medicina,trazendo alegria e júbilo para toda a família.. Foi também nessa época que José teve as célebres

crises de vesícula que obrigavam João Candido aplicar injeções calmantes. e finalmente sob os cuidados do Dr. Mac Dowell iniciou tratamento sério e dieta rigorosa,mas a vida quando se é moço,e tem-se os filhos pequenos,tem suas alegrias e pitorescos que guardamos para sempre..

Heloisa fazia umas manhas terríveis porque queria biscoito combinação ,chorava horas a fio,só sossegava quando via a lata ao seu lado.

Gilda era mansa e suave,mas fazia suas artes,certo dia deu um banho em Flavio,;encheu de talco e despejou pela cabeça abaixo,um vidro inteiro de “Amour-Amour” que José me dera dias antes.

Flavio tinha também suas peculiaridades e foi quem realmente teve mais. Aos domingos,quando saíamos para passear de automóvel com ele,tínhamos que ir às principais praças porque imediatamente ele queria ir ver as “estaculas”.Adorava ver as obras,-construções que houvessem nas imediações,ele chamava “obis”.Octavio Braga,já namorado e noivo de Maria,quando ia a nossa casa em Frei Veloso,chamava-o para passear,ele tinha dois anos,de modo que ia seguro no dedo indicador dele e dizia:vamos às “obis”. Mas a sua principal e que aconteceu na rua Itu,foi o caso de D.Arcanja.

Morava ,no morro que fica no final da rua Embaixador Morgan,uma família que criava uns porcos,a senhora chamada D.Arcanja, costumava passar pelas casas da vizinhança,pedindo restos de comida para os bichos..Tinham uns inquilinos,certo dia morreu uma criancinha filha desses inquilinos..Flavio e as outras crianças foram com as babás,ver na esquina a descida do enterro,ele ficou muito impressionado e como era de seu feitio repetir as coisas e olhar para o lado ao falar,dizia três ou quatro vezes:morava com D.Arcanja,mas não era de D.Arcanja,assim diversas vezes e no final dizia; era de D.Maria. Isso ficou na história de sua vida.Um fato interessante iria se dar mais tarde,porém eu o deixarei para depois.

Papai deixa a Marinha

Em 1933, Papai passou para a reserva no posto de Capitão de Mar e Guerra. Para ele isso foi um choque horrível, que ocasionou-lhe uma doença grave, uma glicemia.

Com a revolução de 30, os Tenentes ficaram mandando e começou nas classes armadas um movimento de um certo modo justo, se não tivessem havido exageros, o rejuvenescimento dos quadros. Realmente, naquele tempo um almirante ou general era um velho, os moços não tinham chance de subir, assim que foi uma verdadeira caça aos mais velhos. Papai que cairia na compulsória no posto de fragata, se não fosse promovido dentro de certo tempo, ficou assustado. Por outro lado constou que seria nomeado para Mato Grosso, o que ele não queria de forma alguma, assim que resolveu passar para a reserva. No posto de Mar e Guerra.. Isso foi para ele um golpe terrível, mais ainda pelo fato de que logo em seguida ser nomeado Ministro da Marinha, o Almirante Guilhem, que em interesse seu, conseguiu novamente que a idade fosse aumentada para a compulsória.. Mas era tarde, ele deixara a sua grande paixão, a sua carreira.

Até a sua morte ele lastimou esse fato, e enquanto teve saúde, era comum ir para a Praça Paris,, bem em frente à Barra, e lá se sentava como se estivesse rumando para o mar alto! Teve saudades imensas da vida que abraçou, por vocação, dizia que tinha saudades até do bife “sola” que comia a bordo.

Nasce Eduardo

Eu esperava o novo rebento para fins de setembro,um fato veio apressar sua chegada.

Flavio tinha quatro anos mas era muito levado, eu estava no meu quarto,,quando ouvi ele gritar para Gilda que saísse de baixo que ele ia pular,eu abri a janela de um quarto que dava para o lado da casa e vi que ele estava no quarto ao lado e preparava-se para pular do andar superior no jardim.Fiquei paralisada,não pude articular uma palavra,depois fui devagar onde ele estava e segurei-o para que não caísse..Isso foi no dia 6,na madrugada do dia 8,nscia um menino,era um domingo.

De manhã,,às 8 horas,telefonei para o P.Franca,avisando,ele não queria acreditar,pensamos a principio que eu errara os cálculos,mas o parto tinha ainda vestígios que seu nascimento fora antecipado.

Ele era miúdo, e tão pelancudo que parecia que estava de calções.. João Candido recém formado, ao vê-lo disse em casa de mamãe,que achava que ele não ia criar.

Eu passei bemm e ele que nos primeiros dias ficou sem nome,tornou-se um touro de forte e foi um bebê lindo. Ele deveria se chamar José,mas eu hesitava quanto ao nome acompanhante, Cláudio? Eduardo? Afinal reuni as crianças e mandei que escolhessem,eles decidiram por José Eduardo,e assim foi.

Logo depois de seu nascimento eu tomei Francisca que foi sua ama e dos demais, até as véperas do nascimento de Leonel.

Mas na rua Itu e adjacências moravam pessoas nossas conhecidas e outras que viemos a conhecer lá

Dr. Sudney França Miranda e D.Lidinha eram nossos vizinhos.O João Corsino,que nós já tínhamos encontrado em Petrópolis. Os Oliveira Castro,Jorge e Cecília com família numerosa. Perto o Mario Olyntho,em

Miguel Pereira,o Lauro Monteiro e Sylvia, Lordes e Aristides Monteiro,cuja filha Ana Maria,brincava com as meninas.

O Fontenle casado com Sylvia Moscoso que tinha uma filha Beatriz(Bia)

Embora distante das conduções a moradia era agradável.,entretanto a casa ia se tornando apertada e nós já pensávamos em sair dali.

Foi no morro que tem no final da rua Embaixador Morgan,que nós vimos em novembro de 1935,o incêndio no quartel da Praia Vermelha,depois da malograda intentona comunista.. Nos dias do movimento nós nos sentíamos resguardados naquele cantinho.

O casamento de Maria

Em maio de 1935,no dia 8,casavam-se na igreja do Coração de Jesus minha irmã Maria e Octavio Braga.

Como a casa de Papai ficava um pouco distante da rua,o casamento saiu de nossa residência. Eles se vestiram lá,e depois do ato religioso houve uma reunião íntima,champagne e alguns doces,papai não podia no momento dar uma grande recepção.. Tudo correu muito bem,todos muito contentes.visto que Octavio era quase parente tais os laços antigos de amizade que unia sua família com a de Mamãe.

Um ponto,entretanto toldava essa alegria,Maria iria fixar residência em Belo Horizonte, onde Octavio estava servindo,isso seria talvez por dois anos.

Se seu casamento foi um acontecimento alegre e feliz, sua partida foi regada de lágrimas,naquela época a viagem só se fazia de trem e era longa, as ligações telefônicas difíceis e em casa deles não existia aparelho,nós ficávamos restritos às cartas e às possíveis vindas ao Rio.

Eu que já esperava Eduardo,convidei-os para padrinhos de batismo dele,por sinal que isso retardou um pouco o batismo,visto que o casal só voltaria ao Rio, em janeiro de 1936. Afinal,no dia 28,aniversário de Heloisa,Eduardo era batizado por Mons.Franca,na Igreja do Coração de Jesus, P.Leonel que deveria ministrar-lhe o sacramento,estava doente,e pediu ao irmão que o fizesse em seu lugar.

Aquele recanto, da Itu e Miguel Pereira,nesse tempo era pouco edificado,de modo que era pitoresco e cheio de vegetação,as famílias se conheciam e as crianças brincavam todas juntas num recanto onde havia um muro e o gradil da casa que outrora existiu ali. Pela manhã e à tarde iam todas com suas babás de branco, brincar,andar de velocípede ou bicicleta,correr,pular.como é próprio da idade.

Entretanto,nosso contrato ia terminar e nós não queríamos continuar ali,afinal vagou uma casa na rua Jardim Botânico,87,bem em frente à casa de Papai, e nós resolvemos ir para lá,uma vez que era maior,e nossa família estava aumentando,nós queríamos botar lavadeira em casa,por causa da roupa das crianças, enfim a moradia ali não nos convinha mais.

Novamente em Jardim Botânico

Vocês devem ficar admirados da facilidade com que nós nos mudávamos, Realmente,naquele tempo as casas de aluguel eram fáceis de encontrar,a coluna “aluga-se” do Jornal do Brasil,era grande,era comum ver colado no vidro da janela,um papel ,avisando que a casa estava para ser alugada. A verdade é que os capitalistas empregavam seu dinheiro de renda,em casas para aluguel. Hoje ninguém faz mais isso ,devido à tal Lei do Inquilinato,que

proteje de tal modo o inquilino,que o proprietário perde quase o seu direito à sua propriedade.

A casa do Jardim Botânico,87,nos convinha muito,tinha jardim e quintal,era de dois pavimentos e ainda tinha um sótão,formando o terceiro andar.No andar térreo tinha duas salas,hall,copa,cozinha e dependências de empregados,no superior, quatro quartos,,o banheiro ficava no meio dos dois andares,ao lado em cima do arco que a casa tinha,havia ainda o sótão,que só servia para guardados,por ser muito quente..No quintal havia a garagem.

O muro era todo cercado de ficus,ai começamos a lavar roupa em casa,tomamos uma lavadeira, por dia,e era na garagem que ela passava a roupa..Na frente da casa, do lado direito,havia a caixa de relógio de gaz,era alta e grande,como os meninos não fossem à rua,somente à praça com a babá,,uma tarde ou outra,Flavio que tinha 5 anos costumava ficar trepado nela,apreciando o movimento da rua,uma vez que o portão era fechado.Isso deu ocasião aum fato muito engraçado,que Papai repetia sempre:

Certa tarde,vinha ele da cidade,e como fazia sempre atravessou a rua para falar com as crianças,que em geral estavam brincndo no jardim.nesse dia Flavio estava pendurado no muro com os pés na tal caixa,Papai se aproximou e disse: Flavio,tome cuidado,você pode cair na rua, e quebrar a cabeça etc.-mostou o perigo que havia.Ele ouvia as observações e replicou todas,no final disse::olha vovô,tem uma coisa muito pior que isso tudo,então Papai perguntou qual era,ele disse com ênfase : a carrocinha de cachorro...

Nesse ano de 1936, Gilda com 6 anos,entrou para o Sion, foi para o Jardim de Infância, José levava às 12,30 e ela voltava no ônibus com Heloisa à 4,30 hs. À 8 de dezembro ,fez sua primeira comunhão,nós demos um lanche muito bonito,a mesa foi toda enfeitada com copos de leite(artificial) e outrs arranjos

relativos à festa. Além dos parentes, reuni Alcinha, Sylvania Dias, Alcina, Laura Rego Monteiro, com quem já tinha relações da A.C.

Foi nessa ocasião que Zidoca, mandou para Gilda um piano que tinham na casa de Petrópolis, e que haviam acabado. Heloisa começou a aprender, por sinal que ela tinha entrado para as benjamins da A.C., com Isa Paula Machado, e lá fez amizade com Edna May, filha de Dgmar Freitas Almeida, e Edna foi algumas vezes lá em casa brincar e as duas iam para o piano, mostrar o que já sabiam.. A este grupo da A.C. mirim, pertenciam também Maria Cecília e Maria Luiza Pedrosa filhas de Cecílinha, a primeira mais tarde viria a ser cunhada de Isa, casando com o Candido Paula Machado. Ao lado de nossa casa morava a família Marot, a menina, Eliane, que era do Sion, logo fez amizade, com as lá de casa, brincavam juntas, amizade que se prolongou por muito tempo, mesmo depois de nossa saída do Jardim Botânico.

Nós moramos nessa casa de março de 1936 a março de 1937, é que ela pertencia a um casal que estava se separando, e veio a ser vendida, naquela época, para satisfazer interesses do casal.. Eu quis comprá-la, eram 70 contos, mas José teve receio, porque havia no caso outras complicações, afinal Neson Silva, comprou-a quando nós saímos de lá.

Foi uma moradia muito agradável, e dela guardo recordações muito boas, primeiro eu estava perto da casa de Papai que é uma coisa muito boa, era comum durante o dia, eu ir até lá, conversar, à noite quando não íamos ao cinema, dávamos o nosso passeio a pé, e íamos dar uma prosinha lá.

Euado, que ao nos mudarmos tinha seis meses aproveitou muito, uma vez que tinha um ótimo quintal, e eu botava o carrinho para ele dormir do lado de fora, na sombra dos ficus. Ele era muito forte e corado, louro como era parecia um estrangeiro.. As meninas e Flavio, andavam de bicicleta e velocípede dentro do quintal e no jardim. Embora José já tivesse suas crises da

vesícula,todos gozavam de boa saúde. Eu sempre trabalhando ativamente nos círculos de A.C. e continuava como secretária Arquidiocesana. Era fácil para ir ao Santo Inácio,além do bonde,tinha uma lotação que me levava porta a porta. Nesse ano de 1936,houve o tal curso de Ação Social,,que funcionou no salão do circulo católico,para esse curso veio de Louvin,o jesuíta P.Fallon,especialista no assunto.. Ficou muito meu amigo,José levava-o para toda a parte,no seu carro,esse curso durou umas duas semanas mais ou menos,e ele antes de regressar à Bélgica,fez questão de ir à minha casa,conhecer meus filhos e minha família reunida,para poder dizer em sua terra que no Brasil também havia uma mãe de família que aliava sua vida ao apostolado social.

Nesse mesmo ano veio o P.Datain SJ,para fazer aqui umas conferencias sobre a AC,ele fora o organizador desse movimento florescente na Bélgica.

Assim era a vida nesse tempo para mim,movimentada para o bem feliz e até um certo ponto despreocupada.

Nosso veraneio em Paquetá

De certa época em diante Flavio começou ater gripes seguidas,,Dr. Calazans recomendou uns banho de mar e de sol,resolvemos passar um mês em Paquetá. Tia Laura,já morava lá,assim que pedimos a sua mediação e ela nos arranhou uma casa próxima à sua,mobiliada com telefone,por preço razoável(6.000,por três meses)a proprietária alugaria só por três meses.Tomamos a casa com o intuito de ficar menos tempo,e assim que passamos lá o mês de fevereiro de 1937.

Deixei nosso encerador Sr.Osvaldo,tomando conta da casa do Jardim Botânico,e fomos embora com empregadas e mais a filha da cozinheira.

Apesar das crianças aproveitaram muito da largueza, e José ter descansado muito ficamos só um mês. Foi muito agradável, à noite íamos para um larguinho perto da casa de tia Laura, e com eles ficávamos conversando..Levei Maria Teresa, filha de Leonor conosco, e isso distraia as meninas, por acaso ,ao lado nosso, estava morando um rapaz que José conhecia, e que era madeireiro,, era casado e tinha filhos sendo que a mais velha já era mocinha.

Fizemos muitos passeios de charrete, tive ocasião de ir à chácara de Glorinha Nunes Machado, que lá se achava veraneando e cujas netas estavam no Sion, sendo que a do meio, Carmen Lídia era colega de Heloisa, já Clarisse, mãe das meninas, fora minha colega de turma no colégio.

Eu ia diariamente à minha missa,, ia pela beira do cais, quando a missa era mais tarde, eu ia até a casa do vigário, pedir comunhão, ele tinha o hábito de fazer isso, uma vez que era o único na Igreja.. Mas eu não ficava muito tempo fora, tinha saudades de meu pais, e do P. Franca. Além disso, para ficar muito tempo,, longe de nossa casa é preciso que se tenha um objetivo qualquer que nos prenda, um interesse, em hotel ou na casa alugada, não há.

Estávamos nós quase no fim do mês, quando eu recebi uma telefonema de Mamãe, avisando que ladrões tinham entrado em casa na hora que Sr. Osvaldo saíra para jantar.

Ficamos muito assustados, eu vim à cidade e constatei que o roubo fora pequeno, mas o encerador recusou-se a continuar responsável pela casa assim que arrumamos tudo e voltamos para o Rio.. Um outro fato também contribuiu para nós voltarmos mais depressa, em Paquetá havia muita lacraia, sobretudo no verão, elas andavam no quintal tanto que a cozeira Flausina foi mordida por uma, foi muito desagradável, ela gritou muito de dores e teve que ir ao posto de Assistência, para ser medicada, isso nos assustou e contribuiu para a nossa volta.

Nesse ano de 1936, à 12 de maio, nascia em Belo Horizonte, a primeira filha de Octavio e Maria, Andréa. Mamãe foi para lá acompanhar a filha, deixando Papai como sempre muito saudoso. Já em 1934, ela tinha estado fora, com João Candido, doente.

Nossa mudança para São Clemente

Como disse a casa do Jardim Botânico, 87, ia ser vendida, nós nos botamos em campo para arranjar outra.. Soubemos que a casa da rua São Clemente, 486, de propriedade da família Oliveira Castro, e tendo como inquilino o Dr. Moreira da Fonseca, ia vagar. José procurou logo o escritório que administrava as propriedades e se candidatou, os Vivacqua eram conhecidos e tinham relações comerciais com os Oliveira Castro, de modo que a casa nos foi logo dada. Nós entramos em entendimentos com Dr. Moreira da Fonseca e pagamos umas trancas que ele tinha posto lá e uma caixa d'água.. Logo que a casa vagou José mandou dar a clássica limpeza, e algumas pinturas e a 13 de março de 1937, nos instalamos lá.

Pouco depois Papai, também deixava o Jardim Botânico, mudando-se para um apartamento na Praia de Botafogo, 48, logo no primeiro andar, de frente, de modo que tinham uma bonita vista.

Entretanto esse ano de 1937, traria para todo nós muitos sofrimentos, João Candido adoeceu, só se viu livre de seu mal em 1952, nesse período papai e mamãe, lutaram muito para livrá-lo da insidiosa moléstia, afinal só Mamãe teve a felicidade de vê-lo curado, papai a esse tempo já havia falecido.

Foi também mais ou menos nesse tempo que Octavio e Maria vieram para o Rio, e foram residir num apartamento, na rua Correia Dutra no Flamengo.

Nossa casa de São Clemente,era muito boa,tínhamos um quintal grande,nos fundos.embora fosse de frente de rua e tivesse ao lado uma entrada ,o quintal ia até a rua Mario Pederneiras,tínhamos quatro quartos e um terraço,em cima,embaixo duas salas e hall,fora a garagem e dois quartos ,além do de empregados,fizemos um galinheiro e recebíamos como nos tempos da Frei Veloso,frangos e galinhas do Espírito Santo,da fazenda de Sr. Domingos.Certa vez,fizemos uma horta,chegamos a colher,couves,alfaces,tivemos também uma latada de chuchu,que na época carregava muito.

Quando nos mudamos para lá,havia perto da casa umpé de bouganville,feito uma árvore, e no fundo um pessegueiro que carregava muito. Mais tarde plantamos uma muda de lima da Pérsia,que Francisca babá trouxe dos passeios que fazia com os meninos no morro. Nessa casa moramos até o mês de julho de 1949,foram doze anos de nossa vida feliz,sem,entretanto,deixar de ter tido momentos de tristeza profunda qua deixaram sulcos em minha alma.

A moradia era aprazível,a casa situada no largo dos Leões,era grande e fresca,tínhamos como vizinhos à direita,logo que lá chegamos o Plínio Uchoa,,casado com May Ready. Mais tarde,tendo eles deixado a casa para lá se mudou a família Machado Guimarães; à esquerda morava D.Leticia Araújo Maya,com o filho,a filha D.Nair que se encantou por Eduardo,e o neto Edgard.Mais tarde eles saíram indo morar o Rubens Leitão com D.Glorinha e as três filhas : Aparecida,Vera e Sylvia.

D.Glorinha era da familia Castrioto Pinheiro ou ligada a ela.

No ano de 1937,eu fiquei esperando um bebê, nesse tempo eu já me tratava com Dr.Aguinaga,ao chegar do sexto para o sétimo mês,comecei a inchar,como estávamos em janeiro e o calor era forte,ele aconselhou que fossemos para um clima mais ameno.

No dia 10, fomos todos para o Hotel Cremerie, onde José alugou um apartamento para nós. Seguimos nós dois, as quatro crianças e babá Francisca. Passei bem nos primeiros dias, os meninos aproveitaram muito, arranjaram companheiros, entre eles os filhos do Frey Johnsson casado com Dinah Ribeiro da Costa, já muito nossa conhecida. Mais tarde os meninos vieram a ser colegas no Santo Inácio, e Gilda da filha em Sion. Tenho um grupo de todos eles tirado no Parque do hotel.

Afinal no dia 22 eu tive uma hemorragia, era um sábado de modo que José se comunicou para o Rio, com Dr. Aguinaga, que deu as instruções que o caso pedia., no dia 23 de manhã, viemos em nosso carro, bem devagar, serra abaixo, José, eu, babá e as crianças, entulhados no carro. Eu fui direto para a casa de saúde São José. à noite, apesar de todos os esforços, nasceu muito fraquinho, um menino. Dr. Aguinaga batizou-o e eu dei o nome de Cristiano. Entretanto, a injeção que tomei para poder chegar ao Rio, enfraqueceu seu coração, e no dia 25 ele falecia, sendo enterrado no dia 26. Apesar de recém-nascido eu senti muito a sua morte, chorei muito, guardei o enxovalzinho que fizera todo. O P. Franca, foi logo que cheguei, me ver, mas estava de retiro marcado para o dia seguinte, de modo que no dia 25 eu não deixei que mandassem chamá-lo, e o P. Cerruti foi me ver.

Eu fiquei por muito tempo com minha saúde bombardeada, ainda na casa de saúde, precisei de uma transfusão de sangue, porque estava muito anêmica, e pouco a pouco me recuperei, voltei às atividades de apostolado, acompanhava meus pais que estavam sofrendo muito. Creio que nesse tempo Maria estava em Recife, Octavio estava servindo lá, só tendo voltado em 1939, ano em que nasceu Marcelo.

Foi no correr desse ano que eu tomei as primeiras aulas de chapéu, com D. Albelina em minha casa.

Assim se passaram os anos de 1938,1939,1940 e 1941,entre a AC. e a família. Os filhos iam crescendo,Heloisa já ficando mocinha com seu grupo de amigas já formado:Helena Maria,Leda Recife,Ana Maria Motta Maia,eram as de primeira linha,havia outras também do grupo,Gilda Raja Gabaglia e outras da turma.

Em 1941,no meio do ano Papai esteve muito mal com uma pneumonia,tememos por sua vida tão abalada pelos desgostos.Graças a Deus resistiu,arribou e ainda pode se movimentar um pouco. Nesse mesmo ano,nossa família aumentaria,à 20 de novembro nasceria Leonel.

Há muito empo deixei de escrever essas memórias,penso que há mais de dez anos parei as notas,hoje,26 de janeiro de 1967,pretendo recomeçar,a idéia que tive ao iniciá-las perdura,os netos aumentam,eu desejo que um dia eles saibam alguma coisa do que foi a vida de seus avós.Mais tarde,certamente não terão quem lhes conte nada,hoje, mais do que em qualquer outra época,a vida é agitada,não há tempo para coisa alguma.

Como comecei a me referir,a 20 de novembro de 1941,nasceu um menino a quem demos o nome de Leonel,em homenagem ao grande amigo Leonel Franca. Seu nascimento foi prematuro,o mesmo fato que se dera em 1938,repeta-se agora,,ele nasceu de sete meses,era tão pequeno que cabia numa caixa de sapatos de homem,pesava 1 kilo e oitocentas gramas e teve que ir para a incubadeira,para poder resistir.Eu fiz uma cesariana em péssimas condições com a uréia e a pressão altas,não pude tomar anestesia,fiz com a tal raquidiana,às 9 horas da noite..Lá estavam José,Mamãe,P.Leonel, Carmen e Deusdedit Araújo ,seu quase noivo.Tia Sinhazinha Bahia,que lá ficou até

depois da meia noite,papai não foi logo porque já não andava bem de saúde depois da tal pneumonia que tivera em julho.

Leonel foi batizado logo que nasceu pela irmã ,mais tarde completou-se a cerimônia na Igreja de Santa Teresinha,no Túnel Novo,onde Mons.Franca já era nessa época vigário.Fiquei na casa de saúde quase um mês,após a operação melhorei, mas no dia seguinte a uréia subiu muito e estive muito mal P.Leonel,ia me ver todos os dias,Mamãe ficava comigo durante o dia e José dormia na casa de saúde.As crianças ficavam em casa com as empregadas que eram de confiança: Francisca,babá, Germana,cozinheira que esteve comigo sete anos e Geralda que era a copeira.

As irmãs de Sion, participaram ativamente com orações e cuidados às meninas no horário escolar,soube que Heloisa chorou no Colégio,então Mère Malena saiu com ela para passear e distrai-la..Heloisa era mais crescida e compreendia mais a gravidade do caso.Afinal sai da casa de saúde, mas Dr.Aguinaga exigiu que passássemos o verão em Petrópolis,assim que alugamos uma casa na rua Casemiro de Abreu,casa essa que pertencia ao Leonidio Gomes. E para lá nos transferimos com todos os empregados deixando São Clemente,aos cuidados da lavadeira Maria,que para lá se mudou.

Eu fiquei logo boa e descia sempre,em geral uma vez por semana,almoçava na casa de Mamãe,ia à minha casa,visitava meu amigo P.Leonel, e voltava à tarde para Petrópolis,com José.

O curioso é que Leonel ficava entregue à Heloisa e empregadas.Nessa ocasião Francisca já tinha ido embora, mas Germana era mãe de cinco filhos tinha prática, por outro lado,Lucilia e Dr. Almada,pais de Lia,amiga de Heloisa,iam para lá ajudar a ela.e ensinavam o que devia fazer quando ele tinha dor de barriga.

Morava ao nosso lado Mme.Ford,mãe de Marina e Elisabeth,que tinham sido minhas contemporâneas em Sion..Perto ficava a casa do proprietário,que por sinal tinha duas netas, da idade de Gilda,e que se tornaram suas companheiras de brinquedos. A casa que alugamos,embora não fosse grande coisa como instalações tinha um bom jardim com árvores e uma varanda agradável na frente..Certo domingo,Carmen e Deusdedit foram almoçar conosco,existe no álbum de fotografias uma,desse dia agradável que passamos todos juntos. Além disso o Pedro Vivacqua alugou também uma casa perto da nossa.Solon e Stael,já estavam casados,sendo que o primeiro veraneou lá com a mulher.Nós íamos lá conversar.

As irmãs de Sion tudo fizeram para mim, Mère Marilda retinha o padre capelão,para me dar a comunhão,uma vez que primeiro deveria dar a mamadeira de Leonel.Em fins de fevereiro,voltamos para o Rio.Levei Leonel à casa de saúde São José,para Dr.Aguinaga vê-lo e ele ficou encantado,tão grande e forte ele estava.

Corria o ano de 1942,sem incidentes,José no trabalho,eu deixara de vez os encargos da AC,passei a parte “Família” para Isa Paula Machado Libanio,e o Secretariado para Dolores Brito. Flavio entrou para o Santo Inácio. Leonel crescia e se desenvolvia de tal modo que pasmava a todos,o curioso é que ele parecia um japonês,por essa razão Papai fez para ele como fizera para os outros um acróstico,o dele foi em francês e ai ele chama a atenção para esse “caso curioso”

No fim do ano Heloisa terminou o curso de Sion,nessa época ainda não tinha sido feita a reforma do ensino,criando o curso Colegial,isto é o terceiro ciclo,ela terminou o curso no quinto ano ginásial, e começou a se preparar para ingressar na Escola de Filosofia da Universidade Católica,que então

funcionava ao lado do Santo Inácio,na casa onde residira o Gustavo Joppert,e que foi adquirida pelos jesuítas.

Flavio estivera antes,por pouco tempo no colégio Virgem de Lourdes, onde fez sua primeira comunhão a 15 de agosto de 1937,depois como não gostasse do colégio,e tivesse ótimas informações do Colégio Coração Eucarístico,através de Laurita Raja Gabaglia,transferi-o em princípios de 1938,para lá. Flavio era levadissimo,mas tinha muitos colegas com quem se dava como Lineu de Paula Machado,Mario Domingos e outros que não me lembro mais. Ele apesar disso era compenetrado;era zelador das vocações sacerdotais e usava fita roxa,por

outro lado o desejo

de ganhar dinheiro já era seu objetivo principal na vida,ele fabricava uns alfinetes de gravata com o botão coberto de papel prateado,para vender aos colegas,descobriu uns caderninhos com folhas de cor(blocos),comprava e lá revendia por mais,ele estava sempre procurando como ganhar dinheiro.

Afinal,em fevereiro de 1943,Heloisa fez o vestibular de Anglo Germânicas, e entrou em primeiro lugar,na Universidade,fez um ótimo curso e saiu diplomada em 1945.

Nesse período entre 1942 e 1945,Leonel teve três babás: Catarina,uma baiana idosa e ótima,que o criou até um ano,Hilda e Elvira. Ao chegar aos três anos era tão levado e não admitia babás olhando por ele,que eu comecei a pensar em botá-lo no Jardim de Infância do colégio Coração Eucarístico,onde também estava Eduardo.

A 8 de setembro de 1942,Eduardo fez sua primeira comunhão,embora estivesse ainda no Coração Eucaistico,a comunhão foi no altar de N.S.das Vitórias da Igreja de Santo Inácio,para onde ele deveria ir mais tarde.

Entretanto o estado de saúde de Papai piorava,Dr.MacDowell achou que ele tinha uma insuficiência cardíaca,agravava o mal o seu lado moral,a doença de João Candido,a principio ele saia para passear com Mamãe, depois já não o fazia mais,deixou até de descer as escadas da casa,nesse tempo eles já se haviam mudado para a rua Conde de Baependi,97. Maria e Octavio com mais uma filha Elizabeth estavam em comissão em Belo Horizonte.Estavam com quatro,pois Ana Maria nasceu no mesmo ano que Leonel,a8 de setembro.. Nós tínhamos muita preocupação com o estado de Papai,nós íamos sempre lá,distraindo-lo,seu passatempo favorito era ler,e receber as visitas da família e dos amigos da Marinha,que iam sempre lá visitá-lo: Comte.Jurema,Gilhobel,Alberto Santos.Tio Carlos e tia Cecília nem se fala estavam sempre lá.

Tia Sinhazinha Bahia,coitada que passara pelo golpe de perder Olavo,em fins de 1941 ,o mesmo se dando com tia Sinhazinha Portela,que em 1939,tivera um derrame e perdeu a fala ,ficando também um pouco hemiplégica..Assim correram esses anos apesar de tudo felizes. Eu acompanhando Heloisa às festas e bailes, Gilda começava a desabrochar e era muito amiga de Cristina Pombeiro,mas ainda não formava.

Nos verões de 1943 e de 1944,nós passamos o mês de janeiro ,no Hotel Central,como sempre fazíamos desde de 1932.Em 1945,o Hotel fechou ,nós passamos o verão no Grande Hotel,onde fizemos amizade com os Pombeiro,os Mello Leitão,a viúva Canabarro e outras pessoas mais..Entretanto,em abril de 1944,Heloisa foi a uma festa em casa de Cecílinha Pedrosa,pois se dava com Maria Cecília,(hoje Paula Machado) da universidade e da Jec, lá conheceu um jovem advogado,irmão de uma colega de Maria Cecília, Arthur Corrêa Meyer, ao sair da festa o namoro estava firme,em outubro ficaram noivos.

O noivado de Heloisa

Depois da festa da casa de Cecílinha, Heloisa começou a sair com Arthur, e as amigas, festas e bailes não eram perdidos nunca: Leda Recife, Ana Maria Motta Maia, Helena Brito e Cunha, Gilda Raja Gabaglia, Lia Villela era o grupo. Cada uma com seu namorado, passeavam juntas.. Afinal a 21 de outubro, Dr. João Gaspar, pai de Arthur, como fora combinado, foi fazer o pedido oficial, logo após chegavam Martha, sua madrasta, acompanhada de Norma e Riva, seus irmãos. Dias mais tarde nós oferecemos uma pequena reunião, a qual compareceu também D. Carmen Maciel, tia de Arthur. Nós ficamos muito contentes com a escolha, desde o começo, Arthur era um rapaz de ótima família, aliás eu me dava com sua prima Maria Francisca Maciel.. Ele era advogado, rapaz de caráter, preparado, tendo como de fato se deu um futuro promissor. Daí até ao casamento, ele passou a jantar todos os dias em nossa casa, ao voltar do escritório, saltava lá, passava o resto da tarde, e às 10 horas se retirava, pois José gostava de dormir a certa hora pois saía para o trabalho. Lembro -me que antes do noivado levei-o a conhecer Papai, e esse apreciou-o muito.

Mas o ano começava mal para nós, embora tivesse terminado bem. Em fevereiro como João Candido tivesse piorado, papai viu-se obrigado a interná-lo para tratamento, isso foi para ele o maior desgosto, chorava constantemente, não saiu mais do quarto, sua vida era da cama para a poltrona. Por outro lado, a 15 de setembro, também não resistindo ao desgosto, falecia repentinamente tia Sinhazinha Bahia. Foi um golpe terrível para todos, ela, depois da morte de Vovó em 1932, ficou uma espécie de sua substituta, tia Sinhazinha era boa, bonita, alegre, amiga de todos, sempre pronta a ajudar a quem precisasse. Mas esse ano não terminaria sem uma nota alegre, apesar das

dores, à 11 de dezembro,casaram-se na Igreja do Sagrado Coração de Jesus,Carmen e Deusdedit.Papai ainda pode fardar-se e levá-la ao altar. Em casa um singelo brinde emocionado,quase chorando ,usou a palavra..Os noivos partiram em lua de mel,esse Natal não foi alegre para nós,a passagem do ano não foi como as demais,todos em casa de Papai,se abraçando ! Tudo estava triste.

Papai adoeceu logo em princípios de janeiro,com forte gripe,Dr.Mac Dowell veio vê-lo,e receitou penicilina,,mas a gripe continuou renitente..Maria e Octavio,anunciaram seu regresso por todo o mês de janeiro. Octavio terminou a comissão e deveria vir fazer o curso de Estado Maior.

A morte de Papai

O falecimento de Papai,foi um tanto inesperado para mim,ele estava com gripe,acamado desde de 4 de janeiro,nada levava a crer que fosse o fim. Carmen e Deusdedit voltaram da viagem de núpcias, Dr. Mac Dowell foi vê-lo e não disse que houvesse perigo,pediu até que Deusdedit,genro e então morando em casa o acompanhasse.. Eu,graças a Deus ia lá sempre,nos dias que se seguiram ao casamento de Carmen,ia para lá depois do almoço,de carro com José,e só voltava à tarde,quando de seu regresso do escritório P.Franca foi visitá-lo duas vezes,nesse tempo,a pedido seu,como amigo,sendo que a última vez,no dia 25,sexta-feira,antevéspera de sua morte,tendo lhe dado sem que ele percebesse,a absolvição.. Sábado,dia 26,nós estivemos lá à noite,estavam também tio Carlos e tia Cecília,ficamos lá até as 11 horas da noite. Domingo,fui à missa das 8 e disse ao P.Leonel,que não gostava de seu estado.Ele porém me tranqüilizou,dizendo que os cardíacos eram assim mesmo,ora prostrados ora animados. Depois da missa,tomei café e lá cheguei

por volta das 9 e 15, José, Heloisa e Arthur, foram procurar apartamento, pois pensavam em alugar e botar os móveis, à medida que fossem prontos. Maria e Octavio, deveriam chegar de trem, tio Carlos e Deusdedit, foram para a Central, esperá-los.. Estava visto que o estado de papai não era grave, senão eles não sairiam.. Papai estava falando, pouco antes das 10 horas, pediu que chamássemos o Dr. Mac Dowell, eu sai correndo pela rua Conde de Baependi,, na praça tomei um táxi e fui à rua São João Batista, onde ele morava, ele não estava, tinha ido ao cemitério, rumei para lá e graças a Deus, trouxe-o para ver Papai, este já não falava quase, respondeu com gestos, mostrou que sentia dor no fígado. Dr. Mac Dowell pediu um crucifixo e fez com que ele beijasse. Eu o acompanhei até o portão, então ele me disse, tem vida até a tarde. - referindo-se a Mamãe, : se tivesse mais fé, seria uma santa!

Voltei para cima e ficamos no quarto, Mamãe, Carmen e eu, Gilda começou a chorar, nós pusemos ela no quarto de Carmen, para que ele não ouvisse o ruído.. O tempo passava, e nós aflitas porque tio Carlos e Deusdedit não chegavam, e por outro lado José estava demorando. Telefonei para o Santo Inácio, e chamei o P. Leonel, que aguardava qualquer aviso meu, pouco tempo depois chegava, Papai abriu um pouco os olhos, ainda via, ele lhe deu a extrema-unção.. Nós estávamos em angustioso silêncio, afinal às 11 e 20, Padre Leonel tomou-lhe o pulso e fez sinal para mim que ele falecera! Morria meu querido pai! Mamãe apesar da dor, pensou logo em vesti-lo. P. Franca saiu do quarto, eu, Mamãe e Carmen começamos a botar as primeiras roupas, quando José, Arthur e Heloisa, chegaram, passamos a incumbência para eles!

Só ao meio dia ou mais chegavam os outros. - foi horrível ao entrarem no quarto e já o encontrarem morto e vestido com sua farda!

Pouco a pouco foram chegando os parentes, às 5 horas o corpo foi levado para a capela do Cemitério de São João Batista, foi uma noite longa e dolorosa, os

amigos todos vieram,o ministro da Marinha mandou uma coroa como homenagem da Marinha -O enterro foi às 11 horas,da segunda feira,dia 28,o corpo foi encomendado por P.Leonel,eu não pude assistir a cerimônia até o fim,tive uma crise nervosa e fui levada para casa,ficando acamada por dois ou três dias..Mamãe foi um exemplo de coragem,feliz como fora na vida de casada,ficava só com o encargo de um filho doente!

Papai foi sepultado no jazigo de sua mãe,e que um dia será também meu..

Meu pai foi um exemplo de homem,em toda extensão da palavra - um militar que honrou sua profissão,filho e esposo dedicado,pai exemplar.

Tenho orgulho de ter tido João Candido Brazil Junior,por pai!! A saudade que deixou e os exemplos que deu ficaram gravados em meu coração,enquanto Deus me der vida e memória !!

Quantas saudades tenho dele,em seu feitio retraído quantas pequeninas delicadezas! Curioso que a Providencia de Deus guia os fatos em nossa vida,para janeiro de 1946,nós já estávamos em apartamento reservado no Grande Hotel de Petrópolis,como fazíamos desde de 1932,a gripe de Papai,coisa sem importância,fez com que eu não quisesse sair do Rio,e como estivesse sem vontade,José desistiu do hotel..Se tivéssemos ido,não teria aproveitado dos últimos dias de sua vida.

Sua missa de sétimo dia foi na Igreja de São Francisco de Paula,às 11 horas,celebrada pelo P.Arlindo Vieira, às 6/12 houve uma outra por seu amigo P.Leonel Franca.

Quando tudo se acalmou,Carmen e Maria,ficaram morando com Mamãe em Conde de Baependi,apesar da dor imensa,a vida voltava ao lugar,abriu-se inventário para tratarmos das terras de Angra, os objetos ficariam com Mamãe enquanto vivesse,nosso advogado foi o futuro Juiz de Angra,Dr. Ernani Carvalho.. Nós tivemos em casa um pequeno problema,Flavio ficara

reprovado no Colégio Santo Inácio, estava impossível e vadio, os padres aconselharam que pusessemos um ano interno, e depois voltaria para lá.. Assim fizemos, ele foi para o São José na Tijuca. Isso vinha rolando a algum tempo, mas Papai se opunha a tal medida por ser contra internatos, só com o falecimento dele, o fizemos.

Entretanto para Flavio foi salutar, passou a estudar , estava sempre no quadro de honra. No ano seguinte retornou ao Santo Inácio, onde terminou o Curso Clássico, com ótimas notas e ajuizado.

Desde de 1942, eles tinham como professora de inglês, Miss Norton , uma senhora inglesa, que morava perto a nós,, antes fora Mme Henriette, que começara me dando aulas de inglês, em 1931, indicada por Maria Andrada.

Eu me distrai também com os preparativos do enxoval de Heloisa, voltei à Ação Católica, só para fazer palestras avulsas: fiz a preparação à Pascoa das internadas na Maternidade Escola, na Companhia Telfonica para telefonistas, depois passei a fazer pequenas palestras avulsas sempre sobre a família e seus problemas. Vez por outra nós recebíamos a visita de D.Nobila, que em geral passava uns quinze dias no Rio, nós a levávamos para fazer compras, passear um pouco, depois voltava para Cachoeiro do Itapemirim, onde já então morava. Afinal Heloisa e Arthur, arranjaram um apartamento na rua Humaitá, 243, e marcaram o casamento para o dia 17 de outubro, como estivéssemos de luto, fizemos tudo na Igreja de Santo Inácio, com Missa às 11 horas, não houve recepção , só um almoço intimo, por causa do luto recente. Nesse mesmo ano casaram-se diversas do grupo: Helena Maria Brito e Cunha, Gilda Raja Gabaglia, Maria Cecília Pedrosa, e outras que se davam com ela.

O apartamento ficou muito bonitinho, eles foram para a lua de mel em Quitandinha. Um novo lar se fundava, novas esperanças. Nós começávamos a

nos desdobrar em nossos filhos. Gilda já estava com dezesseis anos ,começava também com seus namoricos,nada de sério,saia muito com Cristina Pombeiro,que foi sua mais intima amiga.

Anunciava-se o verão de 1947,como sempre José tomou apartamento no Grande Hotel,para passarmos como de costume,o mês de janeiro.

Nós continuávamos com nossos amigos:Gastão e Alicinha,Sylvia e Luis. Eu com Alcina,Leonor e as amigas da Ação Católica,com as quais eu continuei pela a vida afora..Tínhamos os tios,principalmente tio Carlos e tia Cecília,que foram para nós segundos pais.

Como disse antes,Flavio,voltou em março de 1947,para o Santo Inácio,.Nós fomos em janeiro para Petrópolis.Certo dia,Eduardo foi ao cinema D.Pedro,repentinamente desaba um temporal,que transbordou o rio,.Eu fiquei aflita,,a av.15 de novembro,inundada,então um porteiro do hotel,atravessou a ponte inundada, entrou no cinema e gritou por ele,ao ouvir seu nome,procurou a porta e foi levado no colo,ao Hotel.

Estávamos nós em Petrópolis,quando no dia 13,Mamãe nos avisou por telefone,que tia Sunhazinha Portela faleceu.Eu vim ao Rio,fui com José lá abraçar os filhos e voltei. Estive com todos menos com Germana,que freira de Sion,se achava na Europa..Mas esse veraneio seria curto,Heloisa adoeceu,e nós achamos melhor regressar ao Rio. Pouco depois,Germana,a cozinheira de sete anos de casa,deixava o nosso serviço também.

Um ano se passava da morte de Papai. Em abril,desse mesmo ano,Mamãe passava por novo golpe,morria tio Jujú,seu irmão,mas ela era forte e a atenção no filho,a prendia.. Por outro lado a casa de Conde Baependi,fora vendida,eles estavam com “ação de despejo”em cima..

Entretanto tudo corria “como bonde sobre os trilhos”, a casa de Papai ainda estava de pe.!Até quando,só Deus saberia..Em dezembro,desse mesmo

ano, outro irmão de Mamãe falecia, tio Nhonhô ,o mais velho dos homens. Assim iam pouco a pouco os irmãos Maya Ferreira!

Por outro lado, desde julho de 1946, nós havíamos entrado na febre dos apartamentos.. Apesar das relutâncias de José, entramos numa incorporação à rua Voluntários da Pátria, 139, ali fora a residência do Dr. Eugenio de Barros, até seu falecimento, passando então às mãos da família Santos Jacintho. que mais tarde promoveu a incorporação. Há muito tempo, nós planejávamos comprar uma casa para nós, mas José era mal orientado pelo tio Pedro ,que achava desnecessário. !Quando apareceram os apartamentos, eu pensei em um, por causa da facilidade de pagamento pela Tabela Price, então em moda.. Quando Papai ainda vivia, falávamos nisso e ele desaconselhava dizendo :”brasileiro não tinha educação para morar em apartamento”. Como ele tinha razão!! Compramos o dito, viemos morar nele, muitas vantagens tem esse tipo de moradia., mas quanta amolação quando tem um condômino “sem classe”! Acompanhar a obra, ver as modificações, constituía um novo interesse para nós, pois íamos à obra todo os sábados.

Outra alegria, tivemos nesse ano de 1947, Heloisa nos anunciou que teriam um herdeiro, em junho de 1948.

Nada mais ocorreu de especial, a vida continuava, Gilda que terminara o ginásio, em dezembro de 1946, começou a cursar o primeiro ano clássico, no final do ano, aproveitando uma lei que aparecera em 1947, fez o chamado exame de licença, e tirou o curso em um ano, matriculando -se em 1948, no Instituto Social(Escola de Serviço Social), para fazer o curso de Assistente Social. Flavio e Eduardo continuavam a cursar o Santo Inácio, e Leonel no Eucarístico.

Leonel era levadíssimo. Certa vez com 4 anos, desapareceu de casa, nós ficamos como loucos, foi à tarde, Arthur estava em nossa casa, saímos todos

,cada um para seu lado procurando-o,mas nada..Quase meia hora depois,ele aparecia sorridente,tomara carona do ciclista da Casa Imperial,que viera trazer uma encomenda e foi até a rua General Dionísio,levar com o caixeiro uma encomenda na tal casa!

Ele conhecia a zona toda,se dava muito com Mario e Marina Nazareth,filhos do Dr.Nazareth,que morava na rua Tarumã.Muitas vezes saiu com eles para passear aos domingos..Os irmãos,para implicar diziam que ele namorava a Marina,o que o aborrecia muito.

Raiava o ano de 1948,nesse verão eu não quis sair do Rio,meu amigo P.Leonel começou a dar mostras da precariedade de sua saúde,ele sofria do coração desde os 15 anos de idade,os trabalhos de instalação e desenvolvimento da Universidade Católica, o estavam matando.!Novamente a intuição me fez ficar no Rio!

Heloisa também preparava-se para vinda do bebê!

Nasce Arthursinho

Afinal a 12 de junho ,Heloisa teve um menino que recebeu o nome do pai:Arthur.O primeiro neto e bisneto de Mamãe,que foi bisavó com 60 anos!

Mas meu amigo,P.Franca,preocupava,de fevereiro em diante deixou de atender em baixo,de raro em raro descia para qualquer coisa e mandava me chamar na Igreja,para falar com ele.Telefonava dando e sabendo noticia. Ao receber a comunicação do nascimento de Arthursinho,escreveu um cartão de felicitações.

Afinal seu estado foi se agravando sempre,sem melhorar nunca..Por outro lado,por um descuido do advogado,Mamãe perdeu a ação de despejo,em maio, teve que se mudar em dois dias!

Carmen já saira antes, alugara um apartamento na Lagoa, na rua Resedá, só estava com ela Maria ao se dar o fato., desmontaram a casa rapidamente. Maria e Octavio foram com os filhos para o Hotel Bahia, na rua Senador Vergueiro, e Mamãe provisoriamente para minha casa , em São Clemente, lá ficando de maio até fins de agosto, quando se instalou também no Hotel Bahia

Eu deveria me mudar para o apartamento em princípios de 1949, não haveria quarto, assim logo que vagou um no hotel ela foi.

Coitada de Mamãe, desmanchou sua casa pensando ser por algum tempo, mal sabia ela que os objetos, roupas e móveis, que foram para o guarda móveis, nunca mais saíam de lá, enquanto ela vivesse!

Como disse, P. Leonel, ia piorando sempre, no dia 31 de agosto, me telefonou pela manhã dando notícias e prometeu telefonar no dia seguinte mas não o fez. No dia seguinte, 3 de setembro, eu estava na missa das 8 , era uma primeira sexta feira do mês quando após breve movimento, soubemos que ele falecera. Eu corri para casa e telefonei à Leonor, ela confirmou, Mons Franca , telefonara avisando!

O que senti, não sei explicar, perdi meu segundo pai, meu mestre, meu conselheiro, meu melhor amigo!! Pelo espaço de 18 anos ele guiara minha vida, de um momento para o outro, me via só. A repercussão que teve na sociedade e meios católicos, o que foi seu funeral e missa de sétimo dia é impossível de descrever, só quem viu sabe. Para mim foi terrível, mas seus conselhos e sua lembrança deixaram marcas indeléveis em minha alma. Numa das últimas vezes que estive com ele ouvi essas palavras: "Se eu morrer , morrerei certo de deixar você preparada para a vida, você tem, filha, uma sólida argamassa espiritual que a ajudará, em qualquer situação, não precisa consultar ninguém sobre assuntos relativos à vida conjugal, você está orientada é só seguir."

Quando ele morreu,1 ano e oito meses depois de Papai,eu tive a impressão que tudo acabara,tal era nossa amizade,que os próprios Padres da Companhia ,vinham me dar pêsames.P.Alonso que era na ocasião Provincial,chamou José,e reomendou que me afastasse um pouco de lá,pois o choque fora grande demais

Eu fora a filha,a irmã e a amiga de todas as horas,fazia suas compras de toilete,levava gulodices. No ano de 1947,o médico recomendou-lhe boa alimentação caseira,variada e saborosa.Durante três meses,suas refeições foram feitas em minha casa,eu acomodava em um pyrex com tampa,a dose para uma pessoa,arrumava num bandeija de madeira,e o empregado do Santo Inácio,vinha de carro buscar.Quando melhor nutrido fez parar,e veio com P.Alonso me visitar me presenteou com um livro que guardo carinhosamente,onde tem uma bonita dedicatória!

Como me ajudou na Ação Católica! Os Circulos de estudos,eram preparados com ele,os livros que me emprestava já vinham com os trechos adequados ao assunto,já assinalados por ele,era só ler e preparar a conferencia.Quando estava esperando bebê ele preparava o ponto do circulo para mim.Guardo ainda muitos deles!

Como sempre tudo passou,voltou a vida ao normal,como ele dizia: " um dia você verá Padres da Companhia que nunca ouviram falar de mim!" e é verdade!

Eu fui trabalhar um pouco com Mons.Franca em Santa Teresinha. As filhas de Maria,queriam um circulo de Formação Familiar,eu fui fazer as reuniões para elas.Já se sabe,quando aparece uma pessoa de boa vontade,surgem os trabalhos! D.Djanira Aguiar Moreira me convidou para costurar às terças feiras na Fundação Cardeal Leme,e me pediu que frequentasse o Apostolado da Oração,que estva muito fraco.D.Candinha Viana me levou para a Guarda

de Honra de Santa Teresinha,e pensva em tornar-me sua substituta. Assim terminou o ano de 1948.Helo anunciava a vinda de outro herdeiro,para julho de 1949.

De meu amigo,P.Franca guardarei sempre essa frase:"Minha filha,nunca fique triste,você foi feita para irradiar alegria,levá-la aos outros!!"

No verão de 1949,não subimos à Petrópolis,duas vezes em janeiro e outra em fevereiro,eu passei uns dias na casa de Maria Franca,em Itaipava.

Nesse ano Flavio passava para o curso Clássico.

Gilda foi muito à Petrópolis com Cristina,passava em geral os fins de semana com ela,e esta às vezes no Rio,passava o dia conosco.Eu acompanhava muito Gilda,às festas,ia em geral com Rachel e Cristina.Elas tinham seu grupo de rapazes com os quais dançavam,já quando iam anteriormente para o Grande Hotel,elas também estavam lá.

Afinal chegamos ao esperado mêsde julho,dia 6,eu que estava me mudando há dias,para o apartamento,fui avisada que Helo ia para a casa de saude,corri para lá,nesse memo dia,nascia outro neto,João Gaspar,nome do avô paterno.

Com a minha amizade com as Franca estreitada com a morte do P.Leonel,Gilda fez amizade com a filha de Maria,Margarida ou Didoca,e passou a andar com ela e frequentar as festas de sua casa.

Mas voltando aos bebês de Heloisa,Arthurzinho ainda aproveitou o quintal da rua São Clemente como fizera Leonel,dormiu muito debaixo do pé de pêssego - quando do nascimento de Joãozinho,Gilda foi para a casa dela ficar com Arthurzinho durante sua estadia na casa de Saude.

Eu começava a me cacetear com as tais obras da Igreja,era um sistema diferente do que eu estava habituada,eu nunca frequentara Paróquia,assim que,comecei a me afastar pouco a pouco,até que no fim do ano,anunciei que em 1950,não continuaria nas obras.Disse que precisava ajudar a Heloisa,o

circulo de estudos não tinha frequencia,lá só iam Claulia Gouveia,Ruth Mariano de Oliveira,Maria Helena Moura Costa,eram muito poucas para um circulo,sendo que nem todas iam sempre.

Nosso ano de 1950 - Ano Santo

A Igreja comemorava mais um ano santo com faz de 25 e 25 anos- muitas peregrinações saíam do Brasil para Roma.Entre elas uma das Bandeirantes,Mons Franca veio aqui casa para convidar Gilda a participa,mas José não quis fazer a despesa,achou que não podia,pois tínhamos alugado por 2 meses a casa de um senhor comerciante seu conhecido,Sr.Cruz,em Petrópolis,à rua AlbertoTorres 67.Heloisa,Arthur e os dois pequenos,também deveriam ir para lá

Nós já estávamos instalados em nosso apartamento,não havia problemas,,os filhos todos iam,a cozinheira Geralda que estava na ocasião não fazia questão de deixar o Rio,como estivesse sem copeira,a cozinheira de Heloisa iria e faria a sua parte.Essa era uma das vantagens da moradia em apartamento,no ano anterior,1949,só pude passar uns dias na Cremerie,porque não tínhamos quem tomasse conta da casa de São Clemente.

Eu deixara em definitivo as obras da igreja de Santa Teresinha,e em principios de janeiro subimos todos .Maria já se mudara para Curitiba.Octavio fora em comissão.Passamos dias agradáveis em Petrópolis,eu acompanhei em fevereiro o retiro das Mães Cristãs,e dai para cá passei a frequentá-lo,na maioria das vezes,interna.

Perto de nós ,quase em frente,ficava a familia Penna da Rocha,e ao lado o Dr.Mario ,cujo filho Roberto se dava com Flavio e a filha Julinha,era colega

de Gilda, em Sion. Próximo também, na rua Marechal Floriano, ficava a casa dos Sampaio Viana, estava sempre com Laurita e Luis.

Eduardo Ferreira e José Henrique, alugaram de parceria uma casa ótima, perto do Palácio de Cristal, de modo que tia Ceilia foi passar o Carnaval com eles e tive ocasião de visitá-la. Houve uma festa de aniversário de um dos meninos de Eduardo, nós fomos a convite dele

Em princípios de fevereiro, as férias de Arthur terminaram e eles voltaram para o Rio com os filhos e eu fiquei lá com Gilda e os meninos. A estadia tornou-se monótona para nós, foram dias insípidos sem o movimento dos que saíram, nos estávamos loucos para retornar para o Rio, afinal nem esperamos acabar o tempo lá, em 20 de fevereiro, demos por encerradas as nossas férias, e voltamos ao Rio. Esse foi o nosso último verão em Petrópolis, que aliás foi assinalado por um temporal de granizo, que deixou o quintal como um pedreira. Foi uma despedida inédita.

Retornando ao Rio, fui chamada por Mère Laura à Sion, ela desejava que eu fizesse uns cursos de formação familiar, para as meninas do último ano clássico. Fiz o curso e foi um sucesso, no ano seguinte (1951), fiz além do Rio, também em Petrópolis, onde ia aos sábados de carro, com José. Já em 1952, o último ano dos círculos em Sion, fiz para as alunas do Curso Normal.

Nessa mesma ocasião, Laura Lacombe me pediu os mesmos cursos para o Colégio Jacobina, fiz ao mesmo tempo, que fazia o de Sion. Afinal fiquei fatigada e deixei esse trabalho definitivamente.

Fui também durante dois anos vice presidente das Mães Cristãs de Sion. O ano corria, nesse tempo Gilda dava muitos jantares americanos em casa, fazia reunião de moças e rapazes, flirtava com Mauricio Calmon, até que no dia 2 de maio desse ano de 1950, sendo aniversário de Betinho, filho de Maria Franca, ele deram um jantar, lá Gilda conheceu aquele que seria seu marido.

Ao chegar em casa,ela me disse que conhecera,simpaizara e conversara muito com um rapaz,filho de uma antiga de Sion e também da Ação Católica,seu nome eraAloysio Botelho Tostes.Vi logo que era o filho de Emerenciana,que eu conhecia muito.

Ele começou a telefonar-lhe,convidava para o cinema e tomar chá. Eduardo ou Leonel,às vezes acompanhavam,mas os tempos já eram outros,eles saiam à tarde com os amigos,entretanto aqui em casa isso nunca se dava à noite.

O namoro foi adiante,as familias já eram muito conhecidas.Enquanto isso Eduardo de quem tenho falado pouco,também crescia e tinha seus amigos,sobretudo quando menor gostava de brincar com os bondes(ainda pequeno teve uma verdadeira companhia,isso deu ocasião a DrCalazans só o chamar de "Taioba",estudava inglês desde os sete anos.Com seu temperamento alegre e comunicativo,fez amizade com os Oliveira Castro,Lucia e Mauricio e Elisio Américo Moreira da Fonseca,primo deles. Sua professora de inglês,Miss Norton,era outra grande amiga que tinha,essa amizade se estendia à empregada Donilia e à cachorrinha Sôda.Era uma pândega ,neste tempo ele gostava de obsequiar os outros,ia à Imperial e comprava em nossa conta,caixas de bombons,pacotes de balas,para presentear à Mestra e à Lucia. Certa vez,chegaram as notas da Imperial,no fim do mês,e havia uma de 144.700,nós não atinávamos de que era,afinal apurados os fatos,eram bombons que Eduardo comprara para Lucia.Já se sabe que levou um bom pito.Enumerar seus amigos seria impossivel,ele sempre foi muito sociável,nesse tempo de São Clemente e de Santo Inácio,além dos já citados tinha Mauricio Rabelo,Americo Lacombe,e outros.Ele costumava ir muito para o sitio Pedras Negras,em Petrópolis,de propriedade do Dr. Americo de Oliveira Castro,passar fins de semana.Mais tarde,ia à casa dos Lacombe,na rua Benjamin Constant,também passar o sábado.Seu curso ia bem,apenas

Matemática e Desenho o deixavam em má situação no fim do ano.,já naquele tempo ,ele achava que só devia estudar o que gostava,o que não era do seu gosto "azar"...e assim ficou muitas vezes de segunda época nestas duas matérias

Mas a 23 de abril de 1951,Gilda ficava noiva de Aloysio Tostes,era seu aniversário,e ele escolheu essa data para o pedido.Dr.Octavio e Emerenciana,aqui vieram e fizeram o "pedido",tendo antes se dirigido ao Dr.João Corrêa Meyer,sogro de Heloisa,para que o credenciasse junto a nós.Era desnecessário,eu já me dava com Emerenciana de longa data,a familia era muito conhecida,mesmo o Dr.Octavio.Era homem conceituado,Aloysio bom rapaz,muito educado,católico e de bons principios.

Em julho,nós demos um jantar americano,para a apresentação das familias.Aqui estavam do nosso lado,além de Mamãe,minhas irmãs,cunhados e sobrinhos,tio Carlos e tia Cecilia,os pais e irmãos dele

Gilda começou logo, como era natural a preparar o enxoval,o casamento estava planejado para dois anos depois! Nós compramos muita coisa pronta,outras foram bordadas fora.Mandamos buscar por Dulce e Correia,que foram aos Estados Unidos,roupas para o casamento.Gilda que sempre bordou e fez tricot muito bem,começou a fazer suas toalhas de chá,preparar lençóis mais simples e outras coisas mais.

Assim passamos o ano de 1951.Em dezembro,Flavio terminava o Curso Clássico do Santo Inácio,apresentando ótimas notas(alíás existe no livro do cinquentenário do Santo Inácio,um grupo do qual faz parte como campeão da Campanha das Missões..Assim nós terminamos com alegria e esperanças o ano de 1951 e entramos 1952,com Flavio fazendo vestibular para a escola de Direito,da Universidade Católica,e para lá entrando ,tendo cursado só o primeiro ano,trancando ao final dele sua matricula.Flavio entretanto

trabalhava em Vivacqua Vieira com José, ganhava, já tirara sua carteira de motorista, aliás em 1947, eu também aprendi a dirigir chegando mesmo a ter meu carro. Vendi ao nos mudarmos para o apartamento em virtude de só termos uma vaga de garagem.

Em princípios de 1951, Leonel já entrara para o Santo Inácio, mas era uma luta para que estudasse, sempre gostou de muita atividade e nada dos livros. P. Barreto dizia sempre para mim "D. Elza não pense em fazer de Leonel um doutor, ele será um homem de negócios" Acho que sua profecia foi certa...

Corria o ano de 1952 sem grandes novidades. As Antigas Alunas de Sion, começavam a se reunir para formar uma Associação que realmente se organizou: Petrópolis e Rio separadamente e depois em 1961, fundiram-se numa só obra.

João Candido, dia a dia, ficava melhor, do meio para o fim do ano, saía conosco de automóvel, vinha almoçar com Mamãe aos domingos aqui, para afinal sair definitivamente em março de 1953, e ir residir no Hotel Regina Regina.

Para o fim do ano o Dr. Octavio, piorou muito do estado de saúde, não podia administrar a fazenda, por outro lado deixara a superintendência do Banco Ribeiro Junqueira, onde aliás Aloysio trabalhava. Assim Aloysio resolveu se casar no princípio do ano de 1953, ir para a agência do banco em Miracema e olhar os negócios do pai, esse daria uma casa das dele, para eles se instalarem lá

Terminamos o ano de 1952 e entramos em 1953, em preparativos de festa.

Mas a vida não é só festa e alegria, tem também suas tristezas e agruras, esse ano nos levaria dois tios muito estimados, tia Marieta viúva de tio Juju, a 3 de março, e tio Sylvio, irmão de Mamãe, a 4 de setembro. Para Mamãe foi um rude golpe a morte de tio Sylvio, eles eram muito amigos, quase da mesma idade, foram companheiros de infância, além disso tia Inês, sua mulher era

muito ligada à família do marido,e Mamãe a estimava muito.Tio Sylvio,morreu no dia de seu aniversário,à noite,no momento em que a casa estava cheia de parentes e amigos que foram abraçá-lo.

O casamento de Gilda

Antes de falar do casamento de Gilda,a 18 de março de 1953,quero lembrar que ainda em 1952,a 26 de agosto,os Corrêa Meyer,aumentavam a família com o nascimento de Rodrigo,o terceiro menino,o pimpolho era forte e foram seus padrinhos de batismo,seu avô Dr. João e Gilda,mais tarde Aloysio seria o padrinho de crisma.

Agora vou recordar o casamento de Gilda.Realizou-se como o de Heloisa,na Igreja de Santo Inácio,seu celebrante o P.Oliveira,nosso amigo,e então Reitor do Colégio Santo Inácio,foi às 11 horas,com Missa,após a cerimonia oferecemos um almoço a parentes,amigos e padrinhos.O mesmo veio todo da Imperial,que nesse tempo preparava banquetes e enviava além dos garçons todo o material de serviço.Foram padrinhos de Gilda,Heloisa e Arthur,Maria e Betinho Begni e de Aloysio,seu tio Dr.Ormeu Junqueira Botelho e senhora e Maria Emilia e Ronan Borges. Seu vestido foi de organza bordada como se usava na época,feito por Setembrina (nossa costureira) Aqui estavam também Mamãe,aliás muito bonita e bem vestida,tia Laura e tio Henrique,tio Carlos e tia Cecilia,isso falando da geração mais velha,dos mais moços: Carmen e Deusdedit,Octavio,Maria e filhos,meus primos Lulu,Antonio,Edith,Themistocles e Baby,Atilio e Geny,Manoel e Heloisa,além dos já citados padrinhos.Após a festa ,os noivos foram para Friburgo,para o hotel Sans Souci,lá ficaram uns dias,regressando depois para embarcarem

para Miracema.O que eu senti com sua partida,seria difícil dizer,vêr uma filha ou um filho,sair de casa mesmo para ser feliz,é um golpe para os pais,esse golpe é muito maior se vão para longe.

Eles lá se instalaram,a casa era boa,mas Gilda sentiu muito a mudança,em julho eu fui visitá-la com Flavio,fomos de automóvel,notei e conversei com Emerenciana a respeito,ela estava sentindo falta de ocupação,o tricot e a casa não eram suficientes para ocuparem uma carioca.

Como o ginásio estadual estivesse sem professora de francês e Gilda costumasse a dar aulas particulares desse idioma aos reprovados do Santo Inácio,Emerenciana apresentou-a, e ela ocupou o lugar e seu tempo livre.Aloysio,ia pela manhã à fazenda,determinar o serviço,almoçava,rumava para o Banco,ao terminar o expediente,ia novamente à fazenda ver o trabalho que determinara,isso à cavalo,porque ele não dirigia automóvel.Assim que,pouco tempo depois teve uma crise de rins,que os obrigou a vir ao Rio.Lá eles estiveram oito meses,em dezembro ele achou melhor tomar um administrador.Assim foi feito.como não houvesse vaga no Banco,no Rio,ele transferiu-se para a sucursal de Petrópolis. Lá foram morar na rua João Caetano,perto do Colégio Sion.Eu procurei a superiora,e contei o caso de Gilda,que continuava o mesmo,uma vez que não vinham filhos,era preciso se ocupar.Eles passavam o fim de semana aqui no Rio. Em 1955 vieram para o Rio.Nesse meio tempo,Dr. Octavio,falecera,Marcelo seu irmão,formava-se e casava-se,e ia ajudar à mãe na administração da fazenda.

Passaram-se os anos de 1953 e 1954,sem nada de particular.Arthur esteve doente e eu fiquei com os dois mais velhos,uns dias.Ele fez concurso para defensor público e obteve o lugar.

O ano de 1955

O novo ano,entrou cheio de alegria para nós.Flavio preparou-se e fez concurso para o Banco do Brasil,um concurso dificil ele foi bem classificado entre muitos e num concurso dificil para gerente. Nesse ano deveria se realizar no Rio,o Congresso Eucarístico Internacional,a 17 de julho.Havia solenidade programadas para a realização na sede da Universidade Católica. Eu que sempre trabalhara para essa obra em suas campanhas financeiras,jantares e festas,ouvira do P.Franca todos os seus projetos pela sua concretização(foi fundada com solenidade em 1940,pelo então Cardeal Leme e teve como primeiro reitor o P.Leonel Franca),estava lá nas vésperas esse acontecimento religioso,todos os dias lá ajudando na organização de preparativos para a Missa de abertura,que se realizaria ali,no dia 17.Lá passei o dia todo,só regressando à casa ,à tarde bastante cansada aliás.Eu estava radiante,ia tomar parte em um Congresso Eucarístico,coisa que nunca pudera fazer.Os dois nacionais havidos no Brasil,o da Bahia em 1934 e o de Porto Alegre em 1939,eu não pude ir por causa dos filhos.Mas não estava nos planos da providencia,que eu assistisse uma tal solenidade.

Flavio foi no 'sabado dia 17,a uma festa em casa de um amigo,em São Clemente,a noite estava fria,e caia uma chuva ,quando perto das 11 horas da noite,entre eles Fabiano,filho de Chiquinho,quiseram ir passear de automóvel,ele era o unico que tinha carro,aliás o nosso,diante da insistência dos rapazes ele resolveu ceder e foram.Ao virar a rua Real Grandeza para o Tunel Velho,o carro derrapou nos trilhos,bateu em dois outros e foi chocar-se contra o poste.Ele que ia na direção ,devido ao choque e estar o carro muito cheio,foi jogado à rua,os outros nada sofreram.Eram duas e meia da madrugada,quando recebemos um chamado do Hospital Miguel Couto,avisando o acidente e dizendo que ele se achava recolhido lá.Falar do

susto que levamos e de como corremos para lá ,seria inútil.Ele sofreu fratura da bacia,com esmagamento dos ossos,a perna deslocada.No dia seguinte foi operado para tirar o sangue que estava no peritônio.Esteve entre vida e a morte uma semana.Os Padres Oliveira e Barreto,estavam sempre lá,sendo que o primeiro assistiu a operação

Era prefeito o Dr. Alim Pedro, amigo de Temistocles,sabendo do fato,mandou ao hospital o secretario de Saude,Dr.Oliveira Lima,visitá-lo,indo ele mesmo mais tarde fazer o mesmo.deu ordens para que tudo fosse posto à nossa disposição,inclusive desocupar a sala de operações de garganta,e ali fazer um quarto particular para nós.Lá estivemos 38 dias,graças ao Dr.Motta Maia e Dr.Seve Neto,ele salvou-se.Durante o tempo que estive lá,acompanhando-o,assisti muitas operações,e ajudei a cuidar de muitos doentes.Nesse tempo,ele emagreceu 12 quilos,afinal como a coisa estivesse rendendo,resolvemos trazê-lo para casa,mas havia uma fistula na barriga,supurando sempre.O médico assistente Dr.Assis Moura,(que errou muito no caso dizia que eram tumores de parede.Fizemos uma conferencia médica com Leonidas Cortes e esse discordou do diagnóstico tanto mais que ele não podia andar direito.Resolvemos dispensar o médico assistente,e a conselho de Dr.Aguinaga,levamos a um médico ortopedista,Dr. Valter Barbosa.Flavio tinha a perna fora do lugar e um pedaço de osso da bacia dentro da barriga.Era necessária outra operação.Fomos para a Casa de Saude São José,e lá ele foi operado,tendo sido retirado o osso.Em novembro ele andava de muletas,nós iam com ele à Beneficencia Portuguesa,para curativos na barriga que não fechara ainda.

Afinal em principios de dezembro,ele botou um aparelho de gesso do peito à ponta do pé,,com travessão de madeira,separando as pernas na altura do calcanhar.A fistula continuava,o médico vinha fazer curativo todo dia,eu

cuidava dele como uma criança, meu ajudante era Leonel, que por esse fato perdeu esse ano de estudos. Muitos ajudaram também Aloysio e Arthur nas primeiras noites do Miguel Couto, quando ele ainda estava na enfermaria comum, eles se revezando com José, passavam a noite, lá na sala que o Motta Maia botou à nossa disposição. Flavio teve complicações, peritonite, ameaça de uremia, e uretra rompida. Foi uma luta tremenda com a morte, mas nossa Mãe do Céu, lançou seu olhar misericordioso em nós. Assim entramos o ano de 1956, o Banco do Brasil avisado, enviou um médico, para verificar o caso, e disse que se apresentasse logo que ficasse curado. Em fins de janeiro, ele tirou o gesso, mas continuou de muletas, andava dentro de casa, eu estava exausta, só saía para a Missa às 5 e meia da manhã, no mais era cuidando dele.

P. Barreto saiu do Santo Inácio, em dezembro, foi ocupar o lugar de procurador do Colégio Anchieta de Friburgo. O colégio tinha um sítio em Monnerat, ele vendo minha fadiga, e estando Flavio melhor, me convidou para repousar lá. Assim que subi com Gilda e Leonel, para uma estadia de 10 dias lá, esse período compreendia também o Carnaval, assim que nessa ocasião subiram também José e Aloysio, e Landi e o Comandante Furtado de Mendonça. Passamos dias adoráveis lá, cercados de todo o bem estar e carinho. Estava também em Monnerat o P. Veiga, a comida era ótima e farta, muitas frutas, havia um jipe que Leonel dirigia sempre.

Terminados os dias lá, viemos para o Rio, Flavio continuava com a barriga aberta, e o médico dizia que ainda demoraria uns 6 meses para fechar., o tempo passava, afinal em abril resolvi levá-lo a um médico homeopata, um mês depois com seus remédios, estava tudo cicatrizado. Em junho ele entrava em inspeção de saúde, e em julho, um ano depois, partia para São Paulo, para o posto que o Banco o designara. Devido aos acontecimentos Leonel repetiu o ano no Santo Inácio.

A paz voltava ao nosso lar.

Nesse ano ,de 1956,o P.Oliveira,em março,abria o colégio Primário do Santo Inácio,tendo convidado Gilda,para lecionar em uma classe,e ajudá-lo na organização e direção.Eu arranjei para Andréa um lugar na secretaria,mas ela só ficou lá um ano.

Comecei então a trabalhar com o P.Barreto e outras senhoras,para arranjar dinheiro para Friburgo,o Colégio Anchieta era o seminário dos Jesuitas

Primeiro foi um churrasco com "show",na casa do Dr.Monteiro da Silva,em Jacarépaguá,depois fui com Manuelita Souza Araujo e outras,uma "avant première" de um filme que aliás rendeu muito bem.Tinhamos reuniões periódicas com ele,muito agradáveis,o grupo era composto com as seguintes senhoras:Manoelita Souza Araujo,Esmeralda Monteiro da Silva,Penha Kerti,Sylvia Galeno Martins,Aida Hime,Neusa Mourão,Gilda Faria e eu No fim do ano,ele ofereceu um almoço de agradecimento em Friburgo.Saimos do Rio,em caravana em três carros,dois do Hugo de Faria,e um dos Monteiro da Silva.Nos hospedamos no Hotel Sans Souci.Houve Missa e passeio à tarde (depois do almoço) Sessão solene,à noite,com discursos etc.Toda a comunidade se achava presente.Eu fiz um pequeno discurso de saudação e recordação do local onde viveu o P.Franca..No dia seguinte,voltamos ao Rio,via Teresópolis,almoçando no Hotel Saint Moritz,entre Friburgo e Teresópolis

Foi um programa muito agradável.

Mais para o fim do ano,eu fiz,auxiliada por Heloisa,a pedido do P.Barreto,o levantamento e a localização dos antigos alunos do então Colégio Anchieta (internato)

Para isso ele me deu as listas dos nomes que existiam desde a sua fundação até o ano de 1923,quando passou ser seminário.Foi um trabalho enorme de

pesquisa,localizamos mais de 600 antigos alunos,alguns até no estrangeiro.A cada um,ele mandou uma circular,pedindo um auxilio de Cr.\$1.000,00,para o Colégio que se achava em dificuldades.O resultado foi bom,eu preparei um fichario e mandei para ele,no final eu ganhei como recordação um cordão de ouro (trancelim)com uma medalha

No fim do ano,Leonel ficou de segunda época,e estava pintando muito,P.Barreto sugeriu que ele fosse interno para Friburgo,embora lá fosse seminário,P.Morganti que era o Reitor,permitiu,assim que no ano seguinte Leonel subia a serra.

O tifo de Mamãe

Já me esquecia que a 9 de março de 1954,Mamãe adoeceu com uma gripe mas a febre não cedia,levou dias,seu rosto apareceu inchado,no maxilar inferior,fizemos radiografia,acusou abcesso e infecção em três dentes que foram extraídos.Mas a febre continuava. Gilda estava casada e Flavio trabalhando em Itaperuna com Fernando (negócio de automóveis)Flavio preferiu passar para esse setor.Tinhamos um quarto vago em casa,resolvi trazer Mamãe,para cá,mas ela piorou.Deusdedit e João Candido desconfiaram de algo pior,e trouxeram aqui o Dr.Sinval Lins,que constatou ser tifo,entretanto não se encarregou do caso,por ser a doença grave,e precisar de assistencia constante,coisa que seu afazeres não permitiam.Assim resolveram chamar Dr. Mac Dowell,esse ao chegar,antes mesmo de examiná-la mandou que pusesse a lingua de fora,olhou e disse : " o caso é positivo,mesmo sem os exames a lingua é típica de "papagaio".Medicou-a.Mamãe teve todas as crises da doença,chamamos Dr. Gabaglia,para fazer os exames de laboratório,foi uma luta para se obter o resultado,só com vinte e oito dias de doença,o

micróbio se manifestou.Os vômitos e a diarréia eram horríveis,a fraqueza extrema.O perigo de contágio era grande,sobretudo para mim,que cuidava dela, havia também Leonel com 13 anos em casa,era preciso cuidado.Quando melhorou,uma noite começou aos gritos com uma dor horrível na perna,falei com o Mac Dowell,mas ele não podia vir vê-la e como o seu interesse era relativo,e ela estava aqui em casa chamei Dr.Gabaglia,que constatou uma flebite e medicou-a imediatamente. Ela ficou o resto da vida com aquela perna mais inchada.Aqui passou três meses até junho,o inverno aqui em casa sendo ventoso,estando muito fraca,e eu muito fatigada,Maria convidou-a para convalescer em sua casa,eles desalojaram Marcelo,puseram Ana Maria e Elizabeth (em 1943,Maria teve em B.H. outra filha- Elizabeth).Lá,Mamãe ficou até setembro,outros 3 meses.Uma vez restabelecida voltou ao hotel Bahia e a vida continuou.

O ano de 1957

A vida corria sem incidentes.Flavio um ano depois de entrar para o Banco,e estar em São Paulo,voltou para o Rio e para casa.A saúde de Mamãe nunca mais foi a mesma,tio Carlos já nesse tempo estava aposentado de Procurador do Tribunal Marítimo,por sinal que foi homenageado duas vezes,uma,recebendo a medalha de Mérito Naval,e a outra com a inauguração de seu retrato na sala do Tribunal Marítimo,entretanto sua saúde começava a declinar,a esclerose se agravava.Desde o falecimento de Papai,eu comecei a me interessar por Tatá,de modo que quando sua saúde se agravou,ele não podia mais eu já tomava conta dela.Tatá,era o apelido dado pelos sobrinhos à irmã mais moça de Papai,Luizinha.

Entretanto eu não contei uns fatos engraçados que se passaram com Joáozinho e Arthurzinho, quando tinham 3 e 4 anos respectivamente, Heloisa deixava-os muitas vezes em casa de Maria, durante o dia, para sair, eles se divertiam botando o capacete de Octavio, e a espada de seu uso no Exército. Arthurzinho falava com a voz grossa para a sua idade e tamanho e um tanto arrastada. Mamãe perguntava: "meu nêgo, o que você vai ser quando crescer?" Ele dizia: "Oficial da Marinha". Mamãe adorava isso e fazia sempre a pergunta para ouvir essa resposta.

Eu já trabalhava ativamente na Ass. das Antigas Alunas de Sion, fazíamos no mês de junho o tradicional Chá com Desfile de Modas, que tornou-se um sucesso e reunia nessa tarde, todas as antigas, de todas as épocas e casas!

Em outubro de 1957, houve em Salvador, Bahia, o Congresso de Pais de Família, eu nessa ocasião era presidente interina do Movimento Mundial de Mães, assim que fui convidada a tomar parte, tendo pronunciado um pequeno discurso, falando sobre a finalidade da obra, e seu trabalho no Rio.

Fui com um grupo chefiado pelo casal Paes de Carvalho, cada obra mandava um representante, assim que na delegação faziam parte Dr. Salles Neto, Moacir Cardoso de Oliveira, Lina de Paranaguá, representando as Mães Cristãs e outros representantes de outros estados.

Ficamos hospedados no Hotel da Bahia, tomamos parte nas sessões de estudos mas visitamos todas as Igrejas, Conventos, reliquias, antiguidades e tesouros da Bahia. Fomos à Mataripe, ver as refinarias, conheci o Bonfim, a Baixa do Sapateiro, andei muito no elevador Lacerda, o Iate Clube nos ofereceu um almoço. Fomos e voltamos de avião, mas o melhor que sem despesa. Eu gostei muito da Bahia e de seu povo amável e simpático, as irmãs Ursulinas em cujo Colégio se realizaram as sessões, foram incansáveis. Eu trouxe doces e licores (cocadas e licor de violetas) feitos pelas irmãs.

Terminamos o ano de 1957 e entramos em 1958

Em janeiro ,muito animada por P.Oliveira,eu resolvi ir à Belo Horizonte,José não quis ir,assim fomos eu e Leonel,nos hospedamos no Hotel Normandie. Lá moram primos de José,Angelica e Antonio, e ainda vivia D.Etelvina,sua tia,mas no momento não estava lá.Estavam no Colégio Sion,Mère Malena e Mére Alda,esta como superiora,de modo que eu ia sempre lá.Visitei a familia do P.Oliveira,conheci a cidade,ia sempre à casa de Antonio e Luisa,que foram gentilissimos comigo,e lanchei com Angelica.

Um dia,resolvi conhecer Ouro Preto,tomei o ônibus com Leonel,pela manhã,visitei a cidade,o museu,as igrejas todas,e o que a cidade tem de curiosidades para se ver.Fiquei em Belo Horizonte uma semana,regressei de ônibus,foi uma excelente viagem.A vida voltou ao seu normal,o ano começava e iria nos trazer novas preocupações,mas bons motivos de alegria,que deveriam nos acompanhar pela vida afora.

José tendo piorado da úlcera,Dr. Dulcino aconselhou férias,resolvemos comprar um terreno fóra,opinamos pela praia,não haveria problemas no futuro quando a idade chegasse ,os meninos também davam preferencia a esse gênero de férias,por outro lado as propriedades na serra já estavam muito caras e nós queriamos dispende pouco.

Zézé Vieira tinha uma casa em Barra de São João,José falou-lhe o que se passava e nós fomos em sua companhia passar um fim de semana lá,adoramos o lugar e pensamos logo em comprar um terreno lá,o que fizemos mais tarde (1960)

A saúde de tio Carlos,declinava,eu já tomara a mim, cuidar de Tatá,afinal a 6 de dezembro de 1958,tio Carlos faleceu repentinamente pela manhã.Dias antes,a 20 de novembro,aniversário de Leonel,ele e tia Cecilia jantaram

aqui,ele pouco comeu,estava muito caído.Sua morte se deu num sábado,dias antes eu estivera lá e na quarta feira ele ainda conversou comigo,pelo telefone.

Foi um golpe terrível para nós.

Entretanto,a vida é uma mistura de alegrias e dores,assim que em Junho nós tivemos a nossa tradicional festa,eu fui eleita presidente das Antigas Alunas novamente.

Chegou dezembro para nós.Leonel foi reprovado no Santo Inácio e eu resolvi tirá-lo de lá,não queria trazer complicações ao P.Oliveira,matriculei-o no Colégio José Bonifácio.Em seu aniversário a 20 de novembro,nós demos um jantar,ao qual ele fez questão que viessem tio Carlos e tia Cecilia.Tio Carlos,já bem caído,chamava-o para tudo,até uma vez que seu alfinete de gravata caiu no chão, e ele não achava,telefonou para cá,Leonel tomou o ônibus foi lá procurar e achou no chão.

Afinal,no sábado ,dia 6 ,repentinamente,sentindo uma dor forte na perna,em menos de meia hora,morria tio Carlos.Foi um golpe terrível para nós,ele era não somente um tio mas um segundo pai! Tio Carlos era bom,carinhoso,em nossa infancia o que não podíamos ter de Papai,ele nos dava! As balas que trazia sempre,como o esperávamos aos domingos em Jacarépaguá! Pela vida afóra ele sempre esteve conosco!

Sepultou-se 7,sua morte deixa uma grande lacuna em nossas vidas.Tio Carlos foi para nós um segundo pai,morou em nossa casa,tudo o que queríamos e Papai não podia dar ele o fazia..Eu particularmente morei com eles muito tempo,quando regressamos de Angra.Nosso querido tio Carlos! Tão bom,alegre e brincalhão!! irmão idolatrado de Papai!Como sentimos seu desaparecimento!foi um golpe muito rude para nós!

Imediatamente começamos a ajudar tia Cecilia a desarrumar o que era dele,eu fiz uma parte muito dura,desarrumei seu armário,dei suas roupas.Tia Cecilia

deu e vendeu a biblioteca,mandou desmanchar o escritório da cidade.Depois mudou-se,alugou o apartamento e foi morar na rua Machado de Assis,,pois não podia ficar só num lugar de tantas recordações

Durante algum tempo estive lá, mais tarde,talvez uns quatro anos depois,voltou ao seu apartamento,onde está até agora,quando escrevo estas memórias!

1959

Entramos o ano novo,sem alegria,ainda sob o impacto da morte de tio Carlos..Em março,meu amigo P.Oliveira era transferido para Minas,e deixava definitivamente essa Provincia onde estava de empréstimo.Flavio arranhou uma adição e foi para São Borja,no Rio Grande do Sul,,onde passou onze meses,isso lhe permitiu economizar e comprar um apartamento

Em junho ,no dia 14,nscia o quarto filho de Arthur e Heloisa,Luis Antonio,,o Totonio,Joãozinho e Arturzinho já estavam no primário do Santo Inácio.Leonel sempre muito ligado aos Guinle,vivia muito em casa deles

Gilda e Aloysio entraram numa incorporação e adquiriram também seu apartamento na rua Voluntários da Pátria,Heloisa já estava no dela em São Clemente.

Mamãe nessa época já estava morando nas Laranjeiras, o Hotel Bahia mudou-se para a rua Pereira da Silva,em 1956,em julho,de modo que eu muitas vezes ao voltar do Sion,saltava lá para conversar.Sua saude declinava bastante.

Com a morte de tio Carlos,Tatá ficou com um tutor judicial,mas eu continuava indo vê-la e levando o que precisava.Eu ia lá mensalmente.

Em fins de 1959,as Antigas Alunas resolveram trabalhar na fundação de uma obra social "A Casa da Antiga",para a moradia de senhoras antigas que

estivessem sós e ser também a nossa séde.Havia também projetos de fusão das duas Associações,Rio e Petrópolis.Mamãe não estava bem,eu também me sentia cansada,assim que passei a presidencia da obra à Marina Souza Aguiar.

Antes,em 1958,houve a festa do cinquentenário da fundação do Colégio do Rio,e eu trabalhei intensamente para seu êxito(em julho)foi um sucesso,do qual existem muitas lembranças.Tinha dado muito de mim,precisava parar.

1960

A saude de Mamãe começava a declinar bastante,de modo que tendo deixado a presidencia das antigas alunas e ficado só com a costura da obra dos Tabernáculos,às quartas feiras,eu poderia estar mais livre.

Assim que Carmen,Maria e eu,resolvemos,apesar dela ainda sair,vir às nossas casas almoçar,irmos mais à Pereira da Silva,vê-la.João Candido almoçava com ela aos domingos,fazia-lhe companhia,nesse dia mais difícil para nós.O Hotel deixou de dar jantar aos domingos,João Candido levava para ela coisas de confeitaria,o que não era grande coisa para a saúde.Nós então passamos a levar um jantar,cada domingo era uma.

Nessa época também,José que sempre sofrera da vesícula,e tratava-se como tal ,constatou João Candido ao assistir uma crise que talvez fosse do duodeno,de fato era uma úlcera.Ele foi tratar-se com o Dr.Geraldo Siffert,isso foi mais ou menos em 1956.Como não ficasse bom,o Corrêa seu sócio trouxe em uma crise,para vê-lo o Dr.Dulcino Monteiro de Castro,que por sinal era casado com uma sobrinha de D.Nobila e era seu médico.Dr. Dulcino tomou conta do caso e realmente as melhoras foram enormes.Ele achou que José tinha necessidade de férias,eu achei inútil ir para hotéis,,sugeri fazermos uma casa fora.Os meninos não gostavam

de serra,além disso os preços já eram astronomicos.Nessa altura lembrei-me que Zezé Vieira tinha uma casa na Barra de São João,perto de Cabo Frio.

Falamos com ele,fomos passar um fim de semana lá,fiquei encantada com a beleza do lugar e nos botamos em campo para arranjar um terreno na praia.Depois de procurarmos,apareceu um bom e a preço convidativo.O dono morava em Macaé,assim que vencendo as habituais relutâncias de José,marcamos encontro com o proprietário em Barra,na Prefeitura,com dia e hora certa.Fomos de carro com Flavio,lá não estava o senhor,fomos buscá-lo em sua casa e realizamos o negócio.Urgia pensar na casa,resolvemos fazê-la de madeira pré-fabricada,trabalho que poderia ser feito na serraria em Cachoeiro.A prefeitura de Barra,não permitia esse gênero de construção lá,assim que fizemos uma parte de madeira e outra de alvenaria.Iamos lá,periódicamente ver a construção.Em julho passamos uns dias ,em setembro,e em novembro.A casa só ficaria pronta em janeiro de 1961.Aloysio logo se interessou por ela,foi quem planejou e enfeitou-a muito

Tatá que estava no Engenho de Dentro,onde eu ia sempre vê-la,tinha ordem de ser transferida para Jacarépaguá,era horrivel! Que fazer seu montepio era mínimo! Fui procurar,recomendada pelo Dr.Adauto Botelho,o chefe do serviço,para pedir que dada a sua idade e saude precária,permitisse que continuasse onde estava.Fui destrutada!Ela foi transferida para aquele inferno,! Coitadinha! Fui procurá-la logo,e ela me pediu que a tirasse de lá,isso em setembro.Procurei Fernando Portela,e expus o caso,ele mandou-me à Casa de Saude Dr.Eiras procurar o Dr. Leonel Miranda.Imediatamente arranjei um lugar para ela. Tratei uma ambulancia,e fui com João Candido à Jacarépaguá,buscá-la.Assinei o termos de responsabilidade e trouxe-a para Botafogo. Tive dificuldades com o Curador Judicial,que não queria dar licença par botá-la em casa de saude,mesmo os sobrinhos se responsabilizando por

ela. Afinal vencemos, mas por pouco tempo. A 13 de outubro, aniversário de morte de Sr. Domingos (faleceu em 13 de outubro de 1954). Tatá falecia, mas graças a Deus assistida por mim!

Pobre Tatá, Deus lhe dê em descanso eterno a felicidade que não teve nesse mundo! Ai, em outubro, Mamãe teve em minha casa, quando ia ver Tatá, um sintoma muito sério do progresso de sua arteroecclerose.

Tia Cecilia vendeu sua parte nas terras de Angra, e nós continuamos na mesma, sem receber nada da herança de Papai!

Maria e Octavio, fizeram uma casinha lá, para férias, foi uma medida boa porque impediu e impede até hoje a invasão das terras por estranhos. Terminamos o ano de 1960 com paz e tranquilidade, pensando na casa da Barra!

1961

Em janeiro, precisamente dia 15, tomamos a caminhonete Dodge, cheia de bagagens, José, eu, Flavio, Gilda e os três meninos de Heloisa, para as férias na nova casa.

Uma decepção nos aguardava lá: o poço não fora feito. A casa estava sem fogão, sem mesa de refeições e sem luz elétrica instalada! A empregada prometida não existia!!

O empreiteiro desculpou-se e botou mãos à obra, nós cozinávamos em fogareiro de querosene, tomávamos o carro e íamos lavar a louça e as panelas na beira do rio, todos os meninos areavam panelas! mas isso era uma pândega! Dias maravilhosos passamos lá um tempo ótimo, boa praia e melhor banho de mar. Ficamos com os meninos até o dia 30, mas antes dessa data, recebemos um telegrama avisando que D. Nobila estava passando mal em

Cachoeiro. Já era hora do almoço e eu e Gilda estávamos fritando um peixe delicioso, eles não esperaram nada, Flavio na direção e José, rumaram para Cachoeiro, eu, Gilda e os meninos ficamos em Barra. Eles demoraram uns três dias, ela melhorou, tivera uma crise de coração. José falou para Vitória e fez com que ela fosse para uma casa de saúde lá, para tratamento e voltou para a Barra. Nesse mesmo mês, a 21, falecia no Rio, Atilio Vivacqua, esses dois fatos abalaram muito a José, que queria um bem enorme a esse primo, era como um irmão e a preocupação com a doença da mãe.

A 30, voltamos ao Rio, ficando na Barra, Gilda e Flavio, eu passei uns dias aqui e voltei de ônibus. Dia 6, José e Aloysio que chegara da fazenda da mãe em Miracema, os meninos de Heloisa, não voltaram mais esse ano, por ter ela sentido muito a falta deles.

Ficamos em Barra até 15 de fevereiro, e preocupados com as notícias sobre D. Nobila, voltamos ao Rio. D. Nobila, passou umas semanas em Vitória e voltou para casa, seu mal era mortal, seu coração não aguentaria muito!

No dia 24 de fevereiro, Atila telefonou, avisando que ela estava passando mal, e que era bom que José, fosse. Partimos para Cachoeiro de carro dirigido por Leonel. A pressa era tanta que não quisemos esperar para atravessar pela barca, fomos pelo fundo da baía, a tarde era linda, mas o calor muito forte. Como disse iam em alta velocidade, ao nos aproximarmos da Barra, já ao anoitecer, visto que saímos do Rio, depois de 4 horas, José pensou em pernoitar lá e sair pela madrugada, eu não quis, foi a mão da Providência, que me guiou. Chegamos à Cachoeiro às 2 horas da manhã, com cuidado para não sermos ouvidos, chamamos a empregada e cria de D. Nobila, Zilda, pela janela de grade, que ficava no lado contrário ao quarto dela, depois de algum tempo fomos ouvidos, entramos, mas eu e Leonel, não aparecemos à ela, para não impressioná-la, só José, foi ao seu quarto. Descansamos como pudemos, e pela

manhã eu apareci,dizendo estar hospedada em casa de Átila.Ela sentou-se na cama,conversou comigo e muito a sós com José.mais tarde chegou sua sobrinha Rosina,eu fui para o quarto em frente com ela,e dali ouviamos e viamos tudo.

D.Nobila,depois das 8,30,chamou a Zilda e pediu água,sentou-se para beber,Zilda voltou à copa para levar o copo,ao retornar gritou,corremos todos,ela estava caída,desacordada,seu rosto era cor de violeta,às 9 horas falecia.Elzira foi chamada pelo telefone,para Vitória e Mariquinhas estava no ônibus,em viagem para Cachoeiro.Seu sepultamento foi no sábado,pela manhã.Não havia flores na cidade,tivemos que colher as do jardim de sua casa para enfeitar o corpo.Depois do enterro,Elzira voltou para Vitoria,Mariquinhas foi dormir em casa de seu filho Milton,e nós ficamos ali. No domingo,passamos o dia na Praia de Marataizes,em casa de Átila,e na segunda feira,eu e Mariquinhas,começamos a desarrumar a casa e distribuir os objetos conforme ela determinara. Na terça voltamos para o Rio,a Zilda ainda ficou uns dias lá,afinal a casa foi fechada e mais tarde vendida para efeitos de inventário.

DNobila,era uma senhora muito piedosa,tanto que me recomendou que mandasse celebrar Missas Gregorianas por sua alma,tendo até deixado a importancia separada..Me disse:" Elza deixo essa incumbência com você,eu quero Missas". Mandei logo celebrar e todos os anos a 25 de fevereiro,uma missa é rezada em sua intenção.Ela era uma senhora faceira,alegre e comunicativa,cuidadosa e mesmo exigente com a casa.Morando longe,eu sempre lhe escrevia uma carta,no Natal,José mandava sempre castanhas,nozes,amendoas que ela tanto gostava;ela por sua vez periódicamente nos presenteava com uma caixa grande cheia de biscoitos,figos cristalizados e outras gulodices feitas por ela..Sr. Domingos

quando vivo,nos enviava,enquanto estive na fazenda,caixotes de ovos e engradados de galinhas.Depois que ficou doente,e vendeu a fazenda,se fixando na chácara em Cachoeiro,mandava caixotes de manga Itamaracá,,que ele tinha em seu quintal e que eram deliciosas!Quantas saudades temos deles! Às vezes,fico pensando e me lembro de D.Nobila,viva,ativa,preocupada que nós comêssemos tudo que ela punha na mesa,os biscoitos,doces,licores,que fazia quando iam lá!

O Sr.Domingos que eu conheci quando fiquei noiva,um homem forte,alto,com uma dentadura maravilhosa.Nessa ocasião ele me trouxe de presente,uma carteira de couro da Russia,com incrustações de ouro,comprada aliás em joalheria e por ocasião do meu casamento,mandou a José uma importância com a qual ele comprou o sutoir de pérolas e platina,que tenho até hoje.

Nós não damos o devido valor às pessoas enquanto as possuímos,,depois que desaparecem é que vemos o quanto representavam para nós!

Em principios de março,Zilda veio para nossa companhia,aqui ficou 15 dias,arrumou uma história que no dia 19,Maura se despediu e ela na véspera foi para a Tijuca.José com o abalo da morte da mãe,teve uma nova crise de úlcera e estava de cama.Passei dias muito apertados com sua doença e a falta de cozinheira.Foi nessa ocasião que Correia trouxe o Dr. Dulcino para ver e tratar de José,foi o primeiro passo para a sua cura.Fez dieta e tratamento,como era natural,demorou um pouco,fez muitos exames e radiografias,afinal ficou completamente bom.

Na Semana Santa fomos para a Barra,nessa ocasião,Arthur,Heloisa e os filhos foram também.Nós tínhamos o objetivo de interessá-los no lugar,mas Arthur não gostou,achou que ventava e não voltou mais lá.Nós continuamos a ir,como vamos até agora,uma vez por mês.

Em principios de setembro,certa noite,fui chamada ai Hotel Bahia,avisavam que Mamãe levava um tombo no quarto.Corremos para la achamos ela ainda deitada no chão,assistida por outras senhoras,hóspedes de lá.Era o principio de uma "via crucis"para nós!Ela que se tratava com Dr.Jayme Vignoli,passou a pedido de João Candido para as mãos de Deusdedit.O dono do hotel,botou uma cama a mais no quarto,e nós nos revezávamos fazendo companhia,à noite,uma enfermeira foi nas primeiras noites,mas ficava caro. Ao se aproximar o feriado de 7 de setembro,que nos daria uns dias em Barra,arranjei Maria Neiva,que trabalhava com Gilda,no Santo Inácio(empregada do colégio)para acompanhá-la e eu podia sair sem sobrecarregar minhas irmãs.Ela melhorou,mas deixou de sair de casa.Assim terminou o ano de 1961.

1962

Em meados de janeiro,voltamos todos à Barra,Flavio,Aloysio,Gilda,Rodrigo.Joãozinho,José,Leonel e eu,todos de férias,ficamos no ano anterior até o fim do mês,voltamos ao Rio com os meninos.Foram dias agradáveis,alegres,cheios de brincadeiras,banhos de mar,enfim passamos dias inesquecíveis! Aloysio como sempre com sua máquina fotográfica,tirando flagrantes os mais bonitos que se possa desejar,temos aliás da casa,fotografias suas desde o terreno puro,até a última antes de seu falecimento,já com as casuarinas grandes e o terreno com o muro definitivo.Dessas férias guardo as melhores recordações,foram as últimas que os meninos foram lá e que Flavio foi em nossa companhia.Depois ficou noivo e os meninos tiveram sua casa de férias em Itaipava. Ao findar o mês de fevereiro voltamos ao Rio, recomeçamos nossas atividades normais,os homens

em seus trabalhos, Gilda no Santo Inácio, eu, às quartas feiras ia a Sion, costurar na Obra dos Tabernáculos, era a única coisa que eu podia me ocupar fora de casa, e dos cuidados que dispensávamos à Mamãe. Seu estado se agravava não saía mais de casa, nós nos revezávamos, eu, Carmen e Maria, cuidando dela, fazendo-lhe companhia, João Candido também tinha sua parte, cuidava dos seus negócios e também ia fazer sua parte de assistência.

Nesse ano Andréa ficara noiva de José Bomeny e estava de casamento marcado para o mês de dezembro. Passamos um ano de preocupações, no dia 15 de maio, aniversário de Mamãe, ela foi com muita dificuldade almoçar com Carmen, e nós todos nos reunimos lá, foi a última vez que saiu à rua. Piorou sempre, o que foi esse tempo, não vale a pena recordar

Durante o ano, nos feriados e às vezes em sábado, nós iam à Barra, mas eu sempre preocupada com ela, nas férias telefonava para o Rio, para seu quarto para ter notícias. Guardo uma carta que me escreveu no verão de 1962 e outra no de 1963, e que me foram entregues em mãos. Nós tínhamos na Barra o Zezé que nos proporcionou tudo lá, inclusive dando peixe quando ia pescar, e côco da Bahia, quando eu ia lá.

Afinal em dezembro Andréa se casou, a 22, Maria convidou Mamãe para ir para sua casa, ela relutou um pouco, não queria deixar o hotel, seu estado piorava. Passamos o Natal e o Ano Novo muito aflitos com ela. Afinal no dia 9 de janeiro de 1963, Mamãe mudou-se para a casa de Maria, tendo sido levada em ambulância, porque não andava mais. Eu e Leonel, transportamos em nosso carro tudo o que tinha no hotel e entregamos o quarto dias depois.

Nós entramos o ano de 1963 ajudando Maria a instalar Mamãe em sua casa, ela lá estava bem cuidada, e isso nos deu tranquilidade, mas isso duraria pouco, ela piorava dia a dia. Tinha uma poltrona ao lado da sua cama, no final nem passar para ela, podia.

Gilda e Aloysio, foram para a férias na Barra,,dia 11 de fevereiro, aniversário de Maria,eu fui com José e Leonel,dias mais tarde, ficamos até o fim do mês. Assim passaram-se os meses de março e abril,,no fim desse, o estado de Mamãe era tal, que necessitava de cuidados especiais e a casa de Maria não comportava. Deusdedit aconselhou que botássemos numa casa de saúde, ele mesmo arranjou um setor especializado para doentes de esclerose no Sanatório N.S. Aparecida, na rua D. Mariana..Nova cena de ambulância, e à 1* de maio, Mamãe para lá era transportada. Ela compreendeu e não gostou muito, tanto que disse: " eu vou e não voltarei". Assim foi de 1* de maio a 12 de julho nós vivemos em torno dela, fizemos um programa,:eu ia acompanhá-la na parte da manhã, assistia seu almoço, durante o dia, depois do repouso a que eram obrigados os doentes, iam Carmen e João Candido, e finalmente Maria que assistia o jantar. À noite, ninguém podia permanecer na Casa de Saúde, entretanto inúmeras vezes nesses 62 dias, nós voltávamos lá, ora Carmen, ora eu ou Maria, voltávamos para nos certificar que tudo ia bem.

Afinal, na sexta feira, dia 12 de julho, repentinamente, às 9 horas da manhã, sem mesmo ter tempo para chamar ninguém ela teve uma alta de pressão e depois a queda com o colapso do coração. Eu ainda não tinha chegado, a enfermeira preparou-a e deu-lhe o café, e saiu, pouco depois voltou e já achou-a mal, todos os médicos vieram, e o Pronto Cor foi chamado. Deusdedit que saíra para lá, fora avisado mas nada se pode fazer, era o final da doença. Eu fui a primeira a chegar depois de Deusdedit, ela acabava de falecer, os outros vieram em seguida,, uma coisa me consola: ela que começou a praticar a religião, depois da morte de Papai, não perdia missa nem comunhão dominical, teve sua assistência religiosa, no fim.

Logo depois que começou a Quaresma, ainda em casa de Maria, nós duas planejamos uma ida de Padre lá, para isso. Eu falei a P. Gil, do Santo Inácio,

combinamos hora,eu fui para lá vê-la e desci,quando ele chegou eu forjei um encontro casual,como se ele tivesse ido levar comunhão a um doente ao lado.Levei-o a seu quarto,como visita,apresentei-o,ele é muito brincalhão,conversou com ela,depois eu sugeri que ela se confessasse,ela aceitou.P. Gil,disse então "porque não comunga também!?" Ela respondeu : "Já tomei café"Ele fez -lhe ver,que aos doentes era permitido isso. Saimos todos do quarto,ela confesou-se e comungou. Deixei-a rezando e recomendei-lhe para disfarçar que rezasse por João Candido.Quando voltei,depois que ela tinha acabado de rezar perguntei-lhe;rezou por João Candido,? Ela disse:" não ,por você,eu insisti para que rezasse por ele, e ela repetiu que rezara por mim,compreendera todo o bem que lhe fizera.Mais tarde,já na casa de saude,recebeu a visita do P.Vieira,que fora rezar missa mensal das enfermeiras.Cumpri meu último dever de filha e de cristã,tudo fiz para ela,tenho minha consciencia tranquila! fui um boa filha para os dois,até o último momento! Esses são os nossos últimos deveres,para com todos e particularmente para com os que queremos bem.É tudo o que resta depois!

Mamãe

Luiza Ferreira Brazil,foi uma moça bonita,alegre,jovial,sociável,animada,mas foi antes de tudo,um exemplo de dedicação e amor maternal. Sempre dedicada ao lar,amiga da casa de que se ocupava em tornar mais bonita,cuidada e acolhedora. Esposa incomparável e amiga sincera

Ela e Papai,foram o que se pode dizer um casal feliz,em toda a extensão da palavra,não aparentemente,compreensão mútua,afinidade,carinho um pelo outro. Durante os anos de doença de Papai,ela sempre esteve a seu lado,cuidava dos seus compromissos,e ainda ia muitas vezes ao Engenho

de Dentro,ver Tatá. Os dois curtiram juntos os sofrimentos com a doença de João Candido.Sofriam juntos. Foi boa filha e irmã. Em certa época,antes que a catastrophe caisse sobre suas cabeças,dedicou-se a obras sociais.Trabalhou para a Pró Matre,fez parte de campanhas financeiras da SOS,com outras senhoras.Participou da vida de Papai,em sua parte social.Foi amiga inseparável de D.Laura Alencar até o fim,elas se queriam como irmãs.

Mamãe, quantas saudades de ouvir a sua voz,o seu "alô" ao atender o telefone.! Como gostava de dar maçãs,quando vinha nos visitar.Que ótima doceira que foi e não menos boa cozinheira.Entendia de tudo,sabia cozer,fazer crochet muito bem. Quantos paninhos de bandeja.Quantos casaquinhos de crochet para os netos!

Sua imagem me acompanha todo dia.Tudo daria para vê-la nessa vida como era ,nesse mundo novamente! Entretanto ela está junto de Deus,eu sei,lá vou encontrá-la um dia,todos os dias a encontro em minhas orações junto do sacrário,porque é junto de Deus,que nós encontramos os mortos queridos.

Até hoje e estou certa que o sentirei enquanto eu viver,sinto o vazio de sua presença.,nas horas em que falava com ela,eu sinto que alguma coisa falta em minha vida!Mamãe ,eu te queria tanto,nós nos entendiamos tão bem,tinhamos tanto em comum,tanta afinidade! Eu prometo a você,que nunca você será esquecida,sua memória será junto com a de Papai, venerada por mim,essa veneração se traduzirá em orações,missas e comunhões,sua doce lembrança estará sempre presente em meu coração!!

Ainda a morte de Mamãe

A noticia correu logo,todos vieram vê-la,parentes e amigos,

transportamos seu corpo para o São João Batista, e ela foi sepultada no sábado dia 13, às 10 horas, na sepultura de sua avó, Carlota Maria de Oliva Maya. Seu corpo foi encomendado pelo P. Leme Lopes, jesuíta, o de Papai também foi por um irmão da ordem, o P. Leonel Franca. Da dor dessa separação é inútil falar.

Fiquei meses sem poder fazer nada, chorava repentinamente, vagava por dentro de casa.

Sua missa de sétimo dia, foi na Igreja de Santo Inácio, assim também a de mês. A vida tinha que continuar, fizemos o inventário, dividimos entre nós os objetos da casa de Papai. Trouxemos o que estava no guarda móveis, abrimos os caixotes, era como se ressuscitássemos as coisas, algumas havia que já tínhamos esquecido a existência. Vendemos os móveis, que há 17 anos estavam guardados porque Mamãe esperava morar com João Candido. Jóias, objetos de família foram repartidos.

A casa de Papai ressuscitara e morrera novamente para nós, foi um avivar de memória para depois desaparecer nas sombras!

Carmen ficou com o consolo de Angra, que foi o único móvel conservado. Nós íamos começar outra etapa da vida: A vida sem Mamãe.

Nesse ano, lá para o fim, Flavio me avisou que gostava de uma moça, aliás do Espírito Santo e prima de Yolanda, Elina, ele conheceu-a numa festa da Ass. do Banco do Brasil, ela tinha um primo também funcionário com quem Flavio se dava. Assim que em fins de agosto, certa tarde, ele me convidou para sair em sua companhia para conhecê-la, ela trabalhava na Rede Ferroviária Federal, e ele iria buscá-la na saída. Fui, conheci Elina e gostei muito dela. Era alta, clara, olhos azuis e cabelos escuros. Era uma moça educada, simpática, delicada e bonita. Sua família era muito boa, de modo que ficamos contentes. Flavio estava no auge do entusiasmo, ele que não queria

casar! Ela foi à nossa casa, jantar no dia de seu aniversário, à 12 de setembro, pela segunda vez, já menos encabulada, depois ele foi ao Espírito Santo e fez o pedido, a sua família, mãe, irmã e avós moravam lá.

O que foi o Natal e o nosso aniversário nesse ano de 1963, não preciso dizer, não fizemos comemoração alguma. O ano de 1964, entrou triste e sem festas.

1964

Em janeiro, a 20 eu fui à Petrópolis, ao tradicional almoço de confraternização no colégio Sion, na viagem Cecília Romeiro, minha companheira me falou em ser presidente das Mães Cristãs, como o encargo não era pesado, aceitei e fui empossada em maio. Em fevereiro fomos para a Barra. Gilda e Aloysio, antes, eu depois do meu habitual retiro em Petrópolis, fui também, o mesmo se dando com José e Leonel que iam e vinham de carro.

No fim do mês voltamos para o Rio, e em abril eu recomecei minhas atividades que tanto enchem a vida. Reunião das Mães Cristãs, Obra dos Tabernáculos, Associação das Antigas Alunas com suas reuniões, chá'' desfile de modas etc. Em maio, tomei posse da presidência das Mães Cristãs.

Afinal a 3 de setembro, Flavio e Elina, se casaram. Flavio tinha comprado um apartamento em São Clemente, no Largo dos Leões, onde nós moramos, mas como não pretendia se casar, alugou-o. Ao mudar de idéia e encontrar aquela a quem Deus tinha destinado, foi obrigado a alugar um. Tomou um em Voluntários e tratou de despejar o inquilino. Comprou tudo o que precisava, móveis, geladeira, tudo enfim.

A cerimônia foi simples, mas muito bonita, na Igreja de N.S. da Piedade, a chamada igreja dos poloneses, às 10 horas da manhã, com missa. A igreja era

pequena mas estava cheia de amigos, parentes e colegas de trabalho dos dois. Flavio e Elina, comungaram na missa, o que tornou a solenidade mais tocante. Depois eles seguiram para lua de mel e ao voltar se instalaram no apartamento provisório.

Em agosto, eu tive a primeira dificuldade nas Mães Cristãs, o Retiro, foi difícil arranjar um pregador, arranjei um que não agradou, isso me contrariou.

Ainda em setembro, José deixou, por proposta de Atila, a firma Vivacqua Vieira, de que era sócio desde de 1932. Que fazer? Atila, era com seus genros o grupo maior, queria a firma para eles, por outro lado a saúde de José estava bem abalada, era melhor deixar o trabalho. Com isso Leonel, procurou Fernando Portela e pediu que o encaminhasse a algum emprego, ele vendo seu pendão pelos "automóveis" colocou-o na Auto Modelo. Com a saída de José da firma, achamos melhor ficarmos sem carro, passamos a ir à Barra de ônibus.

Em novembro, Elina e Flavio, nos anunciaram a vinda de um herdeiro em julho. Logo Gilda entrou em ação com seus casaquinhos, sapatos e mantas de tricô.

Mas na vida temos também o nosso lado alegre. A 2 de dezembro de 1964, eu e José, fizemos 40 anos de casados, os filhos quiseram festejar, era natural, não me opus. Eles organizaram tudo, Missa na Congregação Mariana, onde José era congregado, às 6 horas, celebrada pelo P. Leme Lopes, que aliás fez expressivo sermão. Foram impressos convites, feitos por eles mesmos, era um cartão com o nome dos filhos e os casados, traziam os nomes dos respectivos conjuges ao lado. Foram expedidos convites aos nossos parentes e amigos. A Associação das Antigas Alunas lá estava representada por sua diretoria e algumas colegas minhas também compareceram. Lá estavam os 4 netos. A Capela ficou cheia, nós comungamos todos na missa. Depois demos um jantar aqui e à noite uma reunião íntima. Um fotógrafo veio e tirou o grupo que tenho como

recordação,aliás ele era conhecido de Aloysio.Fomos brindados com champagne e nesse momento eu levantei minha taça em memória de nossos pais.José me deu de presente,uma aliança de rubis,foi uma festa bonita e simples e também cheia de saudades daqueles que há 40 anos tinham tomado parte no casamento

O Natal e o Ano Novo,passamos sem festa.

1965

Já havíamos resolvido passar as férias em Barra,no mês de fevereiro,era menos chuvoso.Gilda e Aloysio,tiravam as suas férias nessa época. Agora não tínhamos mais Flavio,que como era natural ia para o Espirito Santo,Leonel também não se interessava porque não tinha mais carro e de ônibus ele não ia.Eu fui ao retiro em Petrópolis ,como sempre fazia e depois segui para a Barra,onde já se achavam Gilda e Aloysio.

Passamos nessas férias ,dias maravilhosos,os quatro.Pela manhã depois do café,Gilda e Aloysio iam ao banho de mar,voltavam e ele se vestia para ir buscar o jornal no posto.Trazia sempre uma novidade em gulodices como era hábito seu.Depois do almoço lia o jornal,eu e Gilda ficávamos na varanda fazendo tricot e ouvindo radio,os homens iam descansar.Depois da sesta,em geral eles jogavam umas partidas de biriba,lá pelas 4 horas,depois do café ,Aloysio dava a sua volta.Quando Zezé estava em Barra,era comum ir até lá.Jantávamos e depois disso iamos dar nossa volta ao centro,tomar mineirinho,e depois até a hora de dormir jogávamos o nosso biriba,eu e Aloysio,contra Gilda e José.

Zezé ,foi para nós nesses anos um ótimo companheiro,sua casa sempre

cheia de parentes e hóspedes,era um ponto de encontro.Lá tivemos ocasião de encontrar D.Filomena,D.Theonila,Lilá,Daltro,os filhos de Ligia,Dedeca,Temistocles e Baby.Certa vez,em seu aniversário vieram Atila e Ruth,do Espirito Santo.

Nós tínhamos amizade com a familia Miranda,General Salm e D.Nanete,nós visitávamos.Antes de José deixar o trabalho quando ficávamos só nós três,era comum irmos,visitá-los à noite.Zezé por seu lado nos fornecia peixe (tinha barco e gostava muito de fazer pescarias) e côco verde da sua casa. Muitas vezes fomos lá jogar à noite.Afinal D.Filomena faleceu,ele ficou com a fazenda deles no Espirito Santo e passou a ir à Barra só no Carnaval.Nesse ano de 1965,em agosto faleceu D.Theonila.

No fim das férias ,retornamos ao Rio,a vida recomeçou.

A 5 de julho,Elina e Flavio,tinham seu primeiro filho ,nascia Flavinho,na casa de saude Santa Lucia. Flavio ficou como louco no dia ,tal o nervosismo.

Nascia uma criança linda,louro como um alemão,olhos azuis que puseram o pai alucinado,era forte e Elina passou muito bem.Uns meses depois a irmã dela veio do EspiritoSanto com o marido e foram os padrinhos do nenem,o batizado foi n Igreja de São João Batista.

Nova surpresa nos traria esse ano,um dia em fins de agosto,Leonel muito sem jeito,me abraçando ,disse que ia ficar noivo de Cecilia Guinle.Para nós até um certo ponto não foi surpresa,ele era amigo e fora colega dos irmãos dela no Santo Inácio,vivia lá. Por outro lado quando ela esteve na Europa pelo espaço de dois anos,eles se corresponderam sempre,por sinal que quem guardava a correspondencia era Maura,minha cozinheira.

Afinal a 3 de setembro ele fez o pedido,e a 6 os Guinle nos convidaram para um jantar,afim de José poder complementar o pedido,Cecilia não quis dar a

recepção programada pela mãe.No mês seguinte,em outubro nós jantamos lá novamente,no dia do aniversário de Dr.Eduardo.

Cecilia se entrosou logo conosco,é uma menina ótima,simples e bonita,procurou logo o nosso convívio e nós somos hoje a sua família.Vinha sempre aqui jantar ou almoçar e até tomar banho,quando faltou água em sua casa.

Em setembro,Aloysio que estava bastante surdo de um ouvido e usava aparelho,resolveu operá-lo,assim que no dia 9,o Dr.Kós,operou-o com grande êxito.ele passou até a ouvir demais.

Chegamos a dezembro com nosso aniversário,Natal e 31.comemorados como fazemos sempre na intimidade.

Durante o ano,eu e José iam à Barra,uma vez por mês como fazemos até hoje,para pagar os empregados e abrir a casa.Quando havia feriados,iamos todos para lá,aproveitá-los.

1966

Depois das festas,nós fomos passar o mês de fevereiro como sempre em Barra,esse ano não fui à Petrópolis fazer o retiro,tinha feito no Rio,na qualidade de Mães Cristã,(presidente) além disso dificultaria a ida para a praia.Passamos um ótimo mês lá,mas já bem menos concorrido,Zezé só apareceu no Carnaval,o General e D.Nanete,também,visto ele estar trabalhando.Fizemos a nossa vidinha de sempre,porém Aloysio já não estava tão animado,tirou lindas fotografias coloridas,que seriam as últimas,notava-se que ele se cansava e não tinha a mesma disposição,chamava-nos para ensinar o que devíamos fazer em sua ausência,anunciou mesmo que no ano seguinte

iria a uma estação de águas e no outro ano à Argentina, ia espaçar as férias em Barra.

Nas vésperas de voltarmos teve qualquer coisa no mar que o impediu de sair da água, só o conseguindo quase 200 metros adiante de nossa casa. Ao terminar o mês, ele ficou com uma perna muito inchada e assim voltou ao Rio.

A semana Santa esse ano foi em abril, nós nos preparávamos para voltar quando na terça-feira dia 5, fui chamada com urgência por João Candido, que estava doente. Corri lá, e encontrei-o em crise de apendicite, comuniquei-me com Cortes, ele foi para a casa de saúde São José, e foi operado às 3 horas da tarde, o estado foi melindroso, o peritônio estava inflamado. Foram duas preocupações para nós, Carmen, Maria e eu, nos revezávamos dormindo com ele, no fim de dez dias já recuperado saiu da casa de saúde, e veio para cá, onde passou uma semana. Retornando após esse período ao seu apartamento no Flamengo. Isso impediu que fossemos à Barra, o mesmo acontecendo com Gilda e Aloysio.

Eles que esses anos todos almoçavam aqui em casa todos os domingos, deixaram de fazê-lo desde de dezembro, tinham arranjado uma boa empregada que aos domingos deixava tudo pronto.

Um dia, precisamente 2 de maio, depois que Gilda saiu para o Colégio, e Aloysio ia tomar o ônibus para ir para a cidade, sentiu-se mal e voltou para casa. O porteiro levou-o ao apartamento dele e telefonou chamando Gilda, e esta a mim. Foi um corre corre, chamamos o Pronto Cór, ele tinha tido um espasmo cerebral, perdera a fala, e estava um pouco paralisado do lado direito, entretanto entendia tudo. O médico recomendou que fosse chamado um neurologista. Deusdedit indicou o Dr. Melo, que tomou conta do caso.

Passada uma semana ele voltou a andar e pouco a pouco foi recuperando a fala. Emerenciana foi logo chamada da fazenda, e veio para o Rio, ficar com

eles para fazer companhia. Visto morar no apartamento ao lado, do deles. Passou-se o mês de maio, e ele teve melhoras, mas tinha sempre dor de cabeça e cansaço ao ponto de não poder sair e para tomar banho precisava ser ajudado por Gilda. Em junho já pensava em voltar ao trabalho.

No dia 14, aniversário de Luiz Antonio, estávamos à noite em casa de Heloisa, em reunião íntima, quando fomos chamados que ele estava passando mal, fomos para lá, ao chegarmos já o encontramos em coma. Os Padres vieram e deram extrema-unção e em 1 hora ele falecia de um derrame cerebral. As cenas que se seguiram, não vale a pena lembrar. Foi sepultado no dia seguinte, na sepultura de seu tio Dr. Aauto Botelho, para ir no futuro depois da exumação, para o túmulo da família em Leopoldina, conforme desejo seu.

Como era natural Gilda resolveu, depois do enterro vir morar conosco. O sepultamento e a missa de sétimo dia tiveram movimento invulgar, telegramas de todas as agências do Banco Ribeiro Junqueira, visitas em casa, enfim todas as manifestações de solidariedade

foram prestadas a Gilda e à família

Em três dias desmanchamos o apartamento que posteriormente Gilda alugou, tudo foi guardado e ela veio para nossa casa, e se instalou em seu antigo quarto de solteira e voltou ao trabalho no Colégio.

Aloysio era um rapaz bom, educado, delicado e muito nosso amigo, sentimos profundamente sua morte, perdemos o genro, o amigo e o companheiro de jogo e de Barra.

Eu senti tanto, que em outubro, José resolveu fazer comigo um passeio, fomos numa excursão organizada pela Raultour, pelo sul do Brasil, Urugua, e Argentina. Saimos a 10 de outubro e regressamos a 5 de novembro, encontrando aqui o casamento de Leonel marcado para o dia 28 daquele mês. Eles foram obrigados a antecipar porque o dia escolhido 3 de

dezembro,a igreja por eles desejada já estava comprometida.,foi só voltar e começar os preparativos do casamento.

Nossa excursão ao Sul

O falecimento de Aloysio me abalou profundamente,eu o estimava muito e ele tinha para comigo atenções e delicadezas que o tornaram merecedor da minha amizade.José vendo meu estado de espirito,resolveu me levar para fora afim de me distrair.Procuramos os meios competentes e a 10 de outubro,tomávamos o ônibus da Raultour excursões para o sul do Brasil,Uruguay e Argentina,devendo voltar pelo navio "Cabo São Roque" Partimos do Lido,às 8 horas da manhã, Flavio nos levou de carro até lá,apanhamos passageiros no Largo da Carioca e seguimos para São Paulo,onde chegamos por volta das 4 horas da tarde,devido à parada para o almoço em Guaratinguetá,onde aliás visitamos a nova Basilica de Aparecida e diversas vezes para o café na estrada. Ficamos hospedados no Lord Hotel,aliás ótimo.Jantamos e dormimos e no dia seguinte às 8,30 rumamos para o Paraná.Achei a cidade de São Paulo,suja e mal tratada,com um trânsito congestionadíssimo,entretanto ainda há bairros residenciais ótimos,casas esplendidas como as da av.Angelica,que achei maravilhosas.A viagem foi boa,atravessamos o estado de São Paulo,passamos por diversas cidades,vimos a cultura do chá que aliás é muito bonita,por serem pequenos arbustos.Chegamos à tarde à Curitiba,fomos direto para o Lord Hotel,ficamos num ótimo apartamento que dava para a praça,onde tinha a catedral,muito bonita.Descansamos um pouco,trocamos de roupa e fomos jantar num cantina muito interessante que fica no subsolo e pertencente ao antigo rei Momo do

Rio.O grupo ia todo.No dia seguinte visitamos o Palácio Iguassu,sede do governo,novo

aliás uma beleza,embora em estilo moderno.Fomos aos principais clubes da cidade,sendo que o Caçadores,que foi fundado pelos ingleses,é uma beleza.Vimos a nova Universidade do Paraná,uma verdadeira cidade,visitamos avenidas e praças,almoçamos no Passeio Público,que aliás tem dentro um jardim zoológico e lembra o do Rio,de antigamente.Gostamos imensamente da cidade que aliás fica num planalto que descortinávamos do hotel.Muito bem aplicado aliás o nome dado à cidade "Sorriso",tivemos lá uma temperatura de 18 graus. No dia seguinte,pela manhã,depois do café,,deixamos Curitiba,rumo a Paranaguá,onde almoçaríamos.Pegamos a tal estrada de ferro,para descer a serra,,o panorama que se descortina é maravilhoso:vê-se a cachoeira "Véu de noiva",passamos pelo local onde morreu o Barão de Serro Azul,fato conhecido na História do Brasil,aliás real,nessa época do ano a vegetação rasteira no local era só de copos de leite,uma beleza!!

A cidade de Paranaguá é feia e antiga,agora começa a surgir um bairro novo e residencial,fomos ao cais onde na ocasião havia embarque de sal.Almoçamos no restaurante "Danubio Azul" famoso em peixes e "camarões abraçadinhos",a quantidade de comida era tal que não se podia ingerir tudo.Passeamos um pouco e nos dirigimos para o nosso ônibus que descera a Serra do Mar,por estrada de rodagem e fôra nos buscar lá.

Demos um giro pela cidade e rumamos para:

Saõ Bento do Sul

Lá chegamos à noitinha com russo e uma temperatura de 9 graus.Fomos para um ótimo hotel de alemães:Hotel Stelter,os apartamentos bons, e a comida típica melhor,imagine 17 pratos numa refeição. !Lá passamos a noite,na manhã seguinte,fizemos o clássico giro pela cidade vendo os pontos

turisticos,algumas industrias locais,conhecidas no Rio,:objetos de madeira pintados e outros feitos com asa de borboleta.

São Bento é uma cidade típica alemã,ótimas casas,bons edificios,sua população de origem germanica,conserva as características de sua origem,é uma cidade encantadora.

Almoçamos e saímos para:- Joinville,cidade das bicicletas,lá existem 50 mil delas.Visitamos a cidade toda e o célebre Palácio do Principe,residencia do Principe de Joinville,hoje é um museu. Um acidente no ônibus nos reteve lá mais umas horas do que esperávamos.Visitamos umas fábricas de malha,o museu que é muito interessante,andamos um pouco pela cidade,enquanto aguardávamos um ônibus em substituição ao nosso nos levaria à Blumenau.Assim que à tarde continuamos nossa viagem pelo Vale do Itajaí,que é uma beleza,passamos por Pomerode,onde tem uma fábrica de porcelanas,uma das primeiras da América do Sul, atravessamos o rio Itajai e chegamos à noite à Blumenau.

Chegamos à noite,no dia seguinte era domingo,fomos à Missa,como sempre visitamos a cidade,almoçamos num ótimo restaurante e depois eu fui a uma confeitaria típica alemã,e lá comprei doces e tortas maravilhosas.Visitamos a fábrica Artex.Blumenau é uma cidade adiantada,também de origem alemã,mas sua população não é bonita.

Lá encontrei por acaso no mesmo hotel,Maria Elisa Loretto, Maria Bentes de Carvalho e Teresa Monteiro de Barros,todas antigas de Sion,foi um encontro agradável ,mas rápido,porque só nos vimos na saida.Segunda feira pela manhã,deixamos Blumenau,rumo à Florianópolis.Viemos costeando o rio Itajaí,que é uma das paisagens mais bonitas que já vi.,um rio lindo,suas margens cultivadas onde existem lindas mansões.Chegamos à cidade de Itajaí,,é alegre,ampla e simpática.Fomos direto à Igreja de São Peregrino,obra

do pintor Aldo Locatelli, é uma maravilha, cópia da Capela Sixtina, ficamos estasiados com tanta beleza e harmonia de cores, mas a demora era pequena, deveríamos continuar para atingirmos Florianópolis

Entre Joinville e Blumenau descemos a serra de D. Francisca, nome da mãe do príncipe de Joinville, de lá se descortina uma vista linda e algumas lagoas. Chegamos ao litoral e fomos visitar a Praia de Cabeçadas, com suas lindas residências e seu hotel Balneário Magestoso, mais além a de Camboriú, não menos linda, onde paramos para almoçar num restaurante de comidas típicas (peixe, camarão, siri) sendo ele também típico, por ser de teto de sapé.

Nós fomos felizes com o grupo de excursionistas, pessoas educadas e boas, uns mais jovens outros mais velhos, entretanto a alegria dominava a todos, viajávamos cantando, assim entrávamos e saíamos das cidades, em geral entoando "Cidade Maravilhosa". Havia, a Isabel Souza Reis, Sylvia Camara, Dr. Fecundo e Nice, Aparecida Mendonça Lima, Sr. Aldo e Aida Stockler de Lima, Nina Albuquerque e Lisette Barros, um jornalista Helio, que aliás seguiram para a Argentina, conosco. Havia três moças de Belo Horizonte e outras pessoas, no total de 27. Tivemos um bom guia, Oscar, que aliás é filho de um oficial do Exército. Nesse restaurante, deu-se um fato interessante: Nós estávamos almoçando e como sempre cantando uma música em voga, quando surgiu um pequeno conjunto vindo de São Francisco para um passeio à Camboriú, aderiu ao nosso grupo, e começaram a tocar músicas de Carnaval, formou-se um cordão, nós todos sem exceção entramos nele, até Isabel Souza Reis, uma senhora de mais de 70 anos. Foi divertidíssimo e alegre, ficamos lá até mais ou menos 2 horas da tarde, e rumamos de ônibus, de baixo de viva os cariocas para Florianópolis.

Florianópolis

Chegamos lá à noite, fomos para o "Hotel Oscar", apesar do hall e a entrada não serem grandes, tivemos também um bom apartamento como sempre, no último andar., havia restaurante onde jantamos no dia seguinte. Era sábado, receiosos fomos à missa das 6 horas na Catedral, que aliás não tinha nada de extraordinário, fomos à rua principal, apesar da chuva tomamos um lanche, e voltamos para descansar. No dia seguinte, fizemos os passeios costumeiros para conhecer a cidade que aliás não é bonita, só se salva o palácio e a residência do governador. O Palácio aliás lembra muito o Catete. Visitamos também uma lagoa, passeio local, aliás perigoso. No dia seguinte deixamos Florianópolis, rumo a Torres.

Na viagem , passamos pelas cidades de Tubarão, Crisciuma e Araranguá. Nosso almoço foi em Tubarão. Em Crisciuma, vimos o carvão, sua principal produção, a cidade é boa e simpática. Pegando o litoral, vimos uma gruta muito interessante, entrei lá, até o ponto permitido, depois há no fundo dela, uma lagoa perigosa. Chegamos à noitinha ao Hotel do Farol, em Torres

Torres

Torres é a cidade balneária dos gauchos, é chamada a "Dover brasileira". É grande, com boas residências, bom comércio, ruas largas , seu farol e suas pedras. Almoçamos lá, passeamos pela cidade, nos hospedamos no "Hotel do Farol". A noite foi muito fria, mas os hotéis no sul do Brasil têm aquecimento. Depois do jantar nos reunimos no salão para conversar, havia a televisão funcionando no living, o grupo moço sai, como fazia sempre para procurar boliche e nós os mais velhos, nos recolhemos.

No dia seguinte, depois do ótimo café, onde havia além de frutas, leite, ótimo pão, geléia, caldo de frutas, saímos e fomos ao alto do farol, onde se divisa um

panorama magnífico, depois vimos as tais pedras, onde existe uma espécie de caverna onde o mar entra, gostamos muito do lugar, que é lindo.

Tomamos o ônibus que já nos esperava à porta do hotel e continuamos a viagem, passamos pela região das grandes lagoas, em demanda da serra, para atingir Caxias do Sul, que fica a 760m de altitude. No trajeto que magnífico, passamos por diversas cidades, entre elas São Leopoldo e Cai. A paisagem do Rio Grande do Sul é linda e completamente diferente, tudo é cultivado, os campos, as matas floridas são uma beleza. Boas estradas, tem-se a sensação de adiantamento e progresso, o povo é amável e simpático - não há pretos nem mendigos - as casas de campo, mesmo de colonos são boas tem bons jardins, ali sente-se o trabalho de fato.

Chegamos à tarde à Caxias do Sul, e fomos logo para o "Hotel Alfred", um prédio magnífico, com instalações luxuosas, tivemos um ótimo apartamento, no hotel, havia sala de estar, salão de chá e bombonière, restaurante e cantina. Fomos descansar com um friozinho muito bom, para no dia seguinte, conhecer a cidade e seus pontos turísticos, e sua bela catedral. Visitamos a fábrica de pratas "Eberle", o Monumento ao Imigrante, fábricas de malhas onde se compra muito barato. Caxias é uma bela e adiantada cidade, com largas avenidas, belas residências, um comércio de primeira ordem. Percorremos a "Vinícola Luis Antunes", conhecemos todo o fabrico do vinho e finalmente nos foi oferecido um "drink".

Pela manhã, do dia seguinte deixamos Caxias e rumamos para a serra afim de conhecer as cidades de veraneio dos gaúchos, vimos Nova Petrópolis onde as hortências são arbustos grandes e tudo é "azul". Gramado e Caracol indo visitar a célebre Cascata do mesmo nome, situada num parque maravilhoso com excelente restaurante, almoçamos no caminho e rumamos para Porto Alegre, onde chegamos à tarde indo para o "Hotel Everest"

Porto Alegre

Porto Alegre é uma cidade grande, adiantada,, seu povo é simpático e afável, lá passamos dois ótimos dias conhecendo seus clubes, a cantina gaucha, a espanhola, o rio Guaira com sua ponte espetacular, a Cidade Universitária que como a de Curitiba é modelar, comemos ótimos churrascos, visitamos seus bairros residenciais. O hotel era de primeira ordem.. Achei o Rio Grande um estado adiantado e cultivado. Quando descemos , antes de atingirmos Porto Alegre, estivemos em Novo Hamburgo, a cidade dos couros e dos sapatos, é impressionante a indústria de couros lá, as sapatarias ficam uma ao lado da outra.!

Afinal chegou o término de nossa excursão pelo Brasil, deveríamos deixar o grupo, e os 11 iríamos de ônibus internacional para Montevideo, via Pelotas e Chuí.

No 16* dia ,às 10 horas da noite, tomamos o ônibus internacional. Às 2 horas da madrugada chegamos à Pelotas. Da cidade só tivemos uma visão geral devido à hora, mas achei-a grande e com bons edifícios. Às 6 da manhã, chegamos ao Chuí, eu contava ver o arroio, mas tal não aconteceu, a fronteira fica longe dele. Saltamos depois de ter passado a "barreira", tomamos café num restaurante para turistas , passamos pela "Alfandega", e continuamos a viagem, pois deveríamos chegar à Montevideo às 12 horas.

A paisagem até lá é muito interessante, grandes campos de perder de vista, e de distancia em distancia, um oasis de árvores, para o abrigo do gado. São planícies enormes cortadas pela "ruta" como dizem eles o mais alto morro no Uruguay, que aliás fica quase na fronteira com o Brasil, tem 500 metros de altitude, o

outro "morrico",aliás histórico para eles,onde tem um museu que foi antiga fortaleza,tem 200 m de altura.

Chegamos à Montevideo e fomos para o "Hotel Nogaró"um excelente hotel,com ótimas instalações,aquecimento interno,do nosso apartamento viamos o mar,tinhamos aliás uma linda vista.A cidade em si não é bonita,tem recantos pitorescos,bom comércio,onde se encontra tudo europeu,uma belissima catedral,boas avenidas e praças,sobretudo a que tem o Monumento à Carreteira.Cassinos e praias afamados,como Carrasco e Pocitos,uma como Copacabana ,de arranha-ceus,a outra só de residencias,que são verdadeiras mansões,tendo os respectivos bairros largas avenidas e só casas.Fomos ao Cassino de Carrasco.Visitamos as cidades balneareas de Atlantida,,Piriápolis e Punta del Este.Esta última é uma maravilha,suas casas entre bosques de pinheiro,cada qual é mais bonita e mais rica que a outra.

Vimos a célebre miniatura do Palácio de Buckingham,onde se reúnem periódicamente os chefes de Estado Sul Americanos e é sede de Conferencias Internacionais.O Centro Comercial lá é pequeno,mas há uma loja onde só se compra perfumes franceses,bombons,chocolates suiços e ingleses,aliás em Montevideo qualquer casa ,por menor que seja,vende artigos,não só de roupa como de comestíveis vindos da Europa

Passamos lá 4 dias,no quinto saímos,para tomar o vaporzinho para Buenos Aires,fomos de Montevideo à cidade de Colonia,aliás grande e boa. Viajamos das oito da manhã às 11,por uma estrada que era uma reta asfaltada e arborizada dos lados,uma coisa linda,passamos por diversas cidades como Rosario,Santa Fé,embora não entrassemos via-se que eram cidades adiantadas e grandes.

Almoçamos no navio e chegamos às 4 horas à Buenos Aires. Aliás havia no navio um bar que vendia contrabando,inclusive marron glacê francês,chocolates,e diversas outras coisas.

Três grandes carros nos aguardavam no cais,e com o guia que sempre nos esperava.Fomos para o "City Hotel",que fica na rua Bolivar,pero da Casa Rosada e da Catedral,que aliás é a cópia da Igreja da Madalena de Paris.Buenos Aires é uma grande cidade,grande em tamanho e em adiantamento,sua vida noturna enorme.Lá passamos 5 dias de passeios.

Diariamente,saimos de ônibus,para com outros turistas,inclusive americanos e um casal de filipinos,conhecer a cidade.Fomos ao Parque de Palermo,que tem 12 mil metros quadrados de extensão,uma beleza! Fomos ao Caminito,de onde saiu o célebre tango,a boite "Espada Vechia",em grande moda,numa rua que parece Hollywood ou um recanto de Paris.A vida lá é europeia,os costumes requintados,o comércio muito adiantado,o povo educado.Fomos ao cinerama ,ver o filme"Férias na Russia",e o cinema Opera lindo,e que parece uma praça de Espanha,com o céu a descoberto.Visitamos o Santuario de Lujan,e o Museu que aliás é muito bem organizado.Fizemos o passeio ao Tigre,,onde de lancha corre-se todos os braços do rio,e vê-se em suas margens lindas residencias onde os milionários argentinos passam seu veraneio e feriados.

No domingo,tomamos parte num lmoço,numa propriedade de argentinos onde comemos e bebemos magnificamente,e assistimos danças típicas,por um grupo de artistas.

Almoçávamos nas "Papas Fritas",restaurantes típicos e populares de lá.Há sorveterias ótimas em Santa Fé.Andamos de metrô.Fiz muitas compras,mas depois chegou a hora de voltar

Afinal finda a excursão,embarcamos no navio "Cabo de São Roque",rumo ao Rio.

Logo que chegamos à bordo,eu não gostei do camarote que nos haviam destinado,mas arranjei com o comissario,a troca.Eu não gostei de viajar de navio,apesar da comida boa e farta,muitas distrações a bordo,cinema,banho de piscina,salão de baile,música,jogo etc.não gostei.Chegamos ao Rio,a 5 de novembro,e tivemos a noticia que o casamento de Leonel e Cecilia tinha sido antecipado de dias,devido à dificuldade da Igreja,assim que se casariam a 28 de novembro.Distribui as lembranças que trouxe,os cashimirs etc,e logo tratei de mandar os convites de casamento e preparar minha toilette ,aliás feita pela Elza Haouche.

O casamento do "Leão"

A cerimonia religiosa,realizada pelo P.Leme Lopes,na Igreja da Gloria do Outeiro,foi uma beleza; com Missa onde os noivos comungaram nas duas espécies,,o templo,o adro e todo o percurso estavam com uma ornamentação maravilhosa,foi uma cerimonia digna de príncipes.Os pais,padrinhos ,e o noivo de fraque,todos em grande toilette.Não houve recepção depois ,devido ao estado de saúde de D.Branca,avó de Cecilia,só os tios do lado dela foram lá,Cecilia morava nesse tempo com a avó,devido a incompatibilidades em casa com a mãe.

Heloisa e Arthur,Ismael Vivacqua e Celia,João e Celeste,foram os padrinhos de Leonel.Depois da cerimonia eles foram para Friburgo,onde ficaram um mês,em virtude de seu apartamento não ter ficado pronto.Regressaram depois do Ano Novo,e foram residir em Copacabana.

Nóa terminamos o ano como sempre,no Natal,jantamos com Heloisa e Arthur,depois fomos à Missa do Galo.Nesse ano fui algumas vezes à Itaipava,passar fins de semana com Heloisa,e uma vez por mês à Barra.

Encerramos o ano ,dando graças a Deus,por sua bondade para com nossas misérias e entramos em

1967

Logo no dia 5 fomos todos almoçar e comemorar a data em casa de Flavio,lá estava também D.Nena,mãe de Elina.Nos distraímos com Flavinho,o alemão da família,que está esperto e cada vez mais bonito.Dia 4 aniversário de Elina,jantamos todos lá.

Nessas férias iríamos pouco à Barra.Gilda não quis tirar férias,e as recordações de Aloysio eram muito fortes.Fomos dia 16 de janeiro e voltamos à 18.Nesse mês começaram os temporais como no ano anterior,sendo que em 68 prolongou-se pelo mês de fevereiro fazendo vítimas.

O Carnaval fomos para Barra,com Flavio,Elina e Flavinho,lá passamos os quatro dias aliás alegres e agradáveis,fomos um dia à Macaé fazer compras e voltamos na terça feira.

Ainda voltei à Barra no fim do mês,mas meu retiro em Petrópolis ficou prejudicado novamente, devido à proximidade do Carnaval,espero se Deus quiser,fazê-lo no ano que vem.Passamos março na mesma rotina,uma novidade veio alegrar a família,Cecilia espera um bebê para novembro.

Temos ido aos bons filmes e teatros,com a graça de Deus todos estão bem,mesmo as tias velhas e os irmãos.Agora estamos na expectativa do casamento de Ana Maria. Sairá?

Entramos no mês de abril,ainda com chuvas,à 21 fomos para Itaipava, e Gilda com um grupo de amigos para a Barra. A Associação das Antigas Alunas em franca atividade;todas as segundas feiras nos reunimos lá.Eu estou ajudando na Biblioteca,houve já um Biriba e um almoço.Iniciamos uma campanha

financeira para substituir o chá desfile do Copacabana Palace. Amélia Vasconcelos Pereira, depois da recepção das bodas, embarcou para a Europa, devendo regressar em julho. As Reuniões das Mães Cristãs, já recomeçaram, embora o movimento diminua de mês para mês. Já estamos em maio. A reunião de ontem, dia 2 foi muito fraca. Fez ontem, um ano que Aloysio adoeceu, na véspera dia primeiro, ele tinha vindo aqui pela última vez. Tenho muitas saudades dele e lamento muito seu desaparecimento.. Que acontecerá durante o mês?

Ainda no mês de abril, precisamente dia 11, fizemos uma viagem à Vitória. Elzira estava doente, seu estado era grave desde janeiro, prometíamos essa visita, mas os temporais, as enchentes, e os desabamentos, nos impediram de ir lá. Finalmente dia 11, embarcamos, fomos de ônibus, e é uma viagem longa e muito fatigante, além disso aquela região do Espírito Santo, é feia, toda cheia de morros.

Levamos 11 horas de viagem, fomos nos hospedar no Hotel Canaã, aliás bom. Passamos o dia 12 todo lá, fomos à tarde para a casa de José, lá jantamos e conversamos muito com eles, sobretudo com Elzira, que ficou muito grata com nossa visita. Gostei muito de ver como Vitória cresceu e progrediu, boas lojas, muitos edifícios, os bairros residenciais com ótimas moradias, boas avenidas. Visitamos o famoso "Tubarão", porto exportador de minérios, vimos todas as instalações. Eu não ia lá desde de 1960, fiquei surpreendida com a mudança. Regressamos no dia 13, aí tivemos ocasião de ir à Guarapari e devido a um acidente no ônibus ficamos 1 hora e mesma época. Gostei de ver a cidade, como está adiantada, desenvolvida, um lugar em que se pode viver. Chegamos ao Rio à noite, tristes porque vimos que Elzira terá pouco tempo de vida

Nesse mês de maio, recebi uma telefonema de Laura Maia, convidando para tomar parte na Barraca da Marinha, na Feira da Providência, aceitei com prazer o convite e fui a uma reunião no Clube Piraquê, para tratarmos das festas preliminares, que se realizariam no mês de junho. No dia marcado lá estava eu, conheci na ocasião muitas senhoras de almirantes. Lá estavam Lygia Heck, Beatriz Marinho Sampaio, Alma Cavalcanti, já minhas conhecidas, todas muito simpáticas e amáveis, aguardávamos a senhora do Ministro. Quando ela chegou, nos olhamos e vimos que nos conhecíamos, ao sermos apresentadas, vimos que nos encontramos em Angra, em casa de Noemia Carvalho, quando eramos meninas!! Ela é muito simples e simpática, reatamos logo o nosso conhecimento

Nessa reunião ficou deliberado que promoveríamos em meados de junho, um Chá Biriba, e à 30 deste mês uma festa para Brotos. Venderíamos rifas de uma televisão e de 2 passagens aéreas Rio-Miami. As festas foram um sucesso e o resultado ótimo, foram então programadas uma "avant première" na Maison de France, para o dia 29 de agosto.

Por outro lado, minhas reuniões nas Antigas Alunas, suas promoções, almoços, chás biriba, conferências continuavam no mesmo ritmo. A 31 de agosto, teríamos um desfile de modas. O trabalho social vinha de todos os lados. O Chá Biriba da Marinha foi excelente, o salão e o ginásio ficaram cheios, o ambiente o mais fino possível, o lanche ótimo e farto, e um serviço esplêndido. Houve sorteio de prendas. Em seguida realizou-se a festa do "iê-iê-iê" que rendeu mais de cinco milhões, nesse eu não tomei parte. A 27 mais ou menos, Laura Maia e Nair Lahmeyer, ainda tiveram uma barraquinha na Festa de São João, que rendeu alguma coisa.

Por outro lado tive também um outro biriba, nas Antigas Alunas, em benefício da sede. Nesse, eu joguei com Laura Maia, D. Maria Roxo e Maria Teresa

Prague, no do Piraquê eu só trabalhei. Isso tudo com reuniões frequentes. Em princípios de julho, eu fui à Barra, ver a casa como faço todos os meses. Mas julho seria marcado por alguns acontecimentos na família, sendo o maior deles a viagem da Carmen e Deusdedit à Europa e América. Heloisa e Arthur partiram em excursão para o sul com os filhos, exceto Arthurzinho preso pelo curso do CPOR, com exercícios no Rio.

Nesse período também deram-se as mudanças na Igreja preconizadas pelo Concílio Vaticano II, segui com Gilda, durante o mês de maio, uma série de conferências no Santo Inácio e começamos a participar intensamente na reforma Litúrgica, aliás detestada por leigos e criticada até por sacerdotes. A 31 de julho tomamos parte, eu e José, no almoço do Santo Inácio (dia da festa) que até então era privativa aos homens.

Nos preparativos para a Feira da Providência, tivemos uma reunião a 8 de agosto, no Piraquê, com Ruth Radmacker e Laura Maia, para a "avant première", do dia 29.

Nos meados de julho, Geny e Monica, vieram de Vitória, passar uma quinzena, apesar do estado grave de Elzira, vieram para o apartamento deles em Copacabana. As duas jantaram aqui conosco e mais tarde quando José chegou, vieram todos jantar novamente tendo eu promovido uma reunião muito agradável aqui à noite.

Tive um mês de agosto muito movimentado como aliás é a minha vida. Sempre começo meu dia com a missa em Santo Inácio, depois os dias passam cheios de trabalhos, raros são os que fico em casa à tarde, além disso tenho minha vida social. as tias velhas para visitar, de modo que o tempo passa rapidamente e cheio.

Nesse mês de agosto, eu passei também um fim de semana em Itaipava, com Heloisa. dia 21 um chá em casa de Nair Lahmeyer, 28 uma reunião nas Antigas para tratarmos do desfile que se realizou a 31.

A 29, aniversário de tia Cecília, e à noite fomos à Maison de France, para a "avant première", que aliás foi ótima. Mas houve nesse mês uma nota triste: a explosão do cruzador "Barroso", matando muita gente e enlutando a marinha. Encerramos o mês de agosto, com a grande alegria de ver Eduardo, brilhar no Concurso do Itamarati, para oficial de Chancelaria. Entrei setembro com o Retiro das Mães Cristãs, que eu aliás não fiz, uma reunião no Piraquê para os preparativos da Barraca, e as reuniões habituais na Casa da Antiga.

Nessa ocasião reencontrei Ruth Rince, hoje esposa do Ministro da Marinha, Almirante Radmacker, o mais curioso é que nós duas nos reconhecemos e não nos lembrávamos de onde, afinal descobrimos que brincamos juntas em Angra, por volta de 1918, em casa de uma irmã de tia Tude, com quem Mamãe se dava.

Durante o mês de setembro, os preparativos da Feira da Providência foram intensos, houve além do teatro, um biriba, festa da juventude, à noite. As reuniões eram periódicas, muitas rifas foram vendidas, afinal chegou o dia 15. A Abertura foi muito interessante, na parte tocante à Marinha, havia além do navio para dança da juventude, duas barracas sendo que uma onde eu trabalhei, vendia camarão grande frito, era uma delícia e foi um sucesso. Nessa ocasião Laura Maia passou um grande susto, sua única filha, a Eva, sofreu uma intervenção no intestino, cujas causas eram um tanto suspeitas, de modo que ela que fora a coordenadora do movimento por ser esposa do Chefe do Estado Maior da Armada, no momento final pouco pode fazer e sofreu um grande trauma que obrigou-a a deixar todas as atividades, inclusive as da Casa da Antiga.

Passado isso, fui como em todos os meses, ver a casa da Barra, mandar limpar e voltar à tarde, cheia de saudades

Entramos outubro, tive um ótimo almoço, na Casa das Antigas, e um chá em casa das Souza Leão, para todas que trabalhavam na Obra dos Tabernáculos, que fora extinta, passando a funcionar em Visconde Caravelas.

A vida corria normal, cada vez mais se aproximava o nascimento do bebê de Cecília, que era aguardado por nós com ansiedade pois esperávamos uma menina. Passamos sem novidade o mês de novembro, e afinal à 6 de dezembro, Cecília teve uma menina que se chamou Maria Victoria, e era a cara de Leonel. Ficamos todos encantados com a primeira neta!

Por essa época estava a Igreja em franca reforma, botando em execução as normas preconizadas pelo Concílio Vaticano II, como sempre formaram-se correntes, uns contra (sobretudo as beatas) e outros a favor, embora notando certos exageros que cresceram a tal ponto que pensei estarmos num cisma.

No dia do nosso aniversário demos um jantar em casa que vieram os filhos, netos e à noite, os irmãos. No Natal, outro jantar foi realizado em casa de Heloisa. Um fato, começou por essa época a nos entristecer; Flavio resolveu sair do Rio e ir morar em Friburgo, para isso deu os primeiros passos. Por outro lado, um acontecimento nos encheu de orgulho: Arthurzinho foi o primeiro da turma do CPOR, sendo condecorado pelo Ministro da Guerra e tendo recebido a espada que nesses casos dão de prêmio ao 1º colocado.

Assim terminamos 1967!

1968

Entramos o novo ano com a satisfação de ver Joãozinho passar no Vestibular de Medicina, coisa difícil nesses tempos, e o Tuca com brilho começar o segundo ano de Economia e principiar a estudar para o Concurso do Rio Branco

Tivemos o verão como todos os outros,Heloisa deu uma feijoada pelo seu aniversário,em Iatipava.E fui à Barra mensalmente.

A 15 de janeiro ,Elina teve também uma menina,Ana Lucia,ficamos radiantes,estavamos com duas netas e cinco netos.Todos acharam que ela se parecia comigo,de fato tem o nariz como o meu.

Mas em janeiro,tia Cecilia adoeceu,um tumor na bexiga.Entrou naquela fase de exames e todos nós ficamos muito preocupados.Afinal,em fevereiro ,foi operada,era um cancer,mas foi tirado a tempo, de modo que não se propagou,e ela ficou boa.

Pelo Carnaval,eu e José,resolvemos ir para a Barra,mas não aguentamos a solidão.Fomos no sábado e voltamos no domingo,ninguem queria ir lá,assim tomamos a resolução de vender a casa.Eu a principio relutei,pois gostava demais dela,além disso acho o lugar lindo e guardo de lá as melhores recordações.Entregamos a tarefa à Joaquim Bordalo e Sr.Agostinho Martins que residem lá.

Em março,recomeçamos as atividades nas antigas alunas.Todas as segundas feiras,passo a tarde lá,uma terça feira por mês,temos conferencia de Fei Secondi,e um chá ou almoço com biriba,no qual sempre tomo parte,jogo na mesa de Alice Lemos.

Abril,maio e junho se passaram sem novidades.Apenas um fato desorganizou minha vida,Maura que estava aqui há 6 anos,foi embora.Aranjei uma,regular,que ficou aqui três meses.

Chegamos a julho,que foi um mês de acontecimentos para mim: à 8 ,Flavio mudou-se para Friburgo,arranjou uma permuta,comprou uma casa e lá se instalou.Eu senti tanto,que fiquei doente,acho que estou numa idade,em que devo ter os filhos perto de mim e ver os netos crescerem perto

de nós.O Arthurzinho passou no exame do Rio Branco,o que muito nos alegrou.

Finalmente o chá do Copacabana Palace,organizado pelas Antigas Alunas,foi um sucesso!Tenho minha correspondencia com meu amigo P.Oliveira,que de vez em quando aparece aqui no Rio e vem nos ver.

Em julho,também vendemos a casa da Barra,fato que embora necessário me abalou profundamente,tenho uma saudade louca da minha casinha,fecho por vezes os olhos e me sinto dentro dela,sobretudo nos tempos de Aloysio,vivo,que iamos todos juntos!Está encerrando um capitulo da minha vida!

Saio muito de casa,faço tricot para a Campanha da Lã,e entrei para a Aliança Francesa,para o curso de conversação,para distrair e recordar!

Passmos gosto e setembro sem novidades,este ano não tomei prte na Feira da Providencia.Minha saude não andava boa,mas o tratamento dado por Deusdedit me fez muito bem, e em pouco tempo estava boa.

Comecei minhas pergrinações à Friburgo,ia lá uma vez por mês,falo com Flavio,pelo telefone,uma vez por semana,assim temos contato constante.Vou todas as segundas feiras à Casa da Antiga.tomo parte nos chás que há mensalmente seguido do biriba,assisto as conferencias mensais do Frei Secondi.Tenho ido também à Itaipava com Heloisa.Assim passamos outubro e novembro.Em principios de dezembro Heloisa e Arthur,resolveram ir um domingo almoçar em casa de Flavio,fomos todos com eles.Foi um dia alegre e agradável,antes estivemos na casa do Riva,que fica siruada no principio da Serra de Friburgo.Vou muito ao cinema com José e aos domingos passeio de automóvel com Heloisa.vou muito à casa de Leonel,ver Maria Victoria,por falar nela ao completar um ano no dia 6 de dezembro,Cecilia deu uma festa em casa.Lá passamos a tarde e parte da noite,e ao regressarmos

fomos informados,que Maria José,ex-empregada de Flavio e agora nossa,pusera um homem em nossa casa.Ela armou o maior drama,se fazendo de vitima,nada havia sido tocado,mas o relógio de ouro,que Gilda deixara em cima de sua cômoda,desapareceu.José despediu-a sem contemplações e eu entrei no célebre problema de toda dona de casa.Ia dar um jantar no dia de nosso aniversário,não pude fazê-lo fiz apenas uma reunião dos irmãos,filhos e netos,só Flavio e familia estavam ausentes.

Nesse mês de dezembro,fomos também a uma recepção diplomática,que Laura e Alnte.Moreira Maia,davam ao Corpo Diplomático,era ele Chefe do Estado Maior da Armada,e ia cair na compulsória,assim se despedia para cair no esquecimento... foi uma reunião muito fina e elegante,no palacete da filha,no Alto da Boa Vista.Lá encontramos muitos conhecidos, e retornamos à casa com Alma e Mario Cavalcanti,que são nosso vizinhos.

Na véspera de Natal tivemos o jantar e a troca de presentes que se faz anualmente em casa de Heloisa,lá estávamos todos inclusive,Carmen,Deusdedit,Thais e tia Cecilia.Foi uma noite agradável e um ótimo jantar

Mas a vida não é feita só de coisas boas,tem também seu lado mau, e esse para nós eram as situações de tias Cecilia e Corina,as quais não podiammos abandonar,eram sós,era um dever de humanidade visitá-las e dar-lhes um pouco de assistência.Mas o ano terminou bem ,com a graça de Deus,todos contentes,os filhos bem,suas vidas organizadas,satisfeitos onde estavam,até meu amigo P.Oliveira,com quem me correspondo sempre,está bem em Brasilia.Acabou 1968,como será 1969?

1969

Comecei o mês de janeiro muito bem,Zezé nos convidou para passar uns dias na Barra ! Ele mora no Espirito Santo,de modo que agora só passa 20 dias do

mês de janeiro,na Barra.Mas o mês estava cheio de programas.A 15,Ana Lucia,faria um ano,havia jantar de aniversário de Deusdedit,à 12,dia 20 aniversário de Thais,23,João Candido,finalmente a 28 o de Heloisa que também seria comemorado com um jantar.Como fazer para não perder a oportunidade?

Fui à Friburgo,logo depois do dia 4,aliás aniversário de Elina,e como eles não iam festejar o de Ana Lucia,não houve problemas,levei uma lembrança para ela que não compreende ainda,passei o dia lá,voltei e fui para a Barra com José.

Que delicia!matei as saudades de lá,.Zezé nos recebeu com simplicidade mas foi muito acolhedor,tinha a geladeira cheia de peixes,pescados por ele,para mim ,nos três dias que estive lá,não comi outra coisa.Jogávamos buraco com Dedeca,que também estava passando uns dias com ele,,Ligia Beloti,irmã de D.Theonila,que passava uma temporada em casa do filho e ainda havia um vizinho,seu amigo Vereza,casado com uma prima de Zidoca,de modo que aproveitamos muito.A temperatura estava adorável soprando aquele vento característico de lá,enquanto o Rio torrava,pois esse foi um dos piores verões dos últimos anos!

Mas da minha querida casa,existe apenas o esqueleto,tudo foi posto abaixo,,aquelas lindas casuarinas que lhe davam o aspecto de sul da França,foram postas no chão! Lamentei,mas ao mesmo tempo gostei,porque o que eu criei acabou... Se Zezé convidar para o ano próximo eu aceito correndo!

O resto do mês de desenrolou como fora programado,Leonel e Cecilia foram para Cabo Frio,e lá passaram o mês,aliás estiveram todo o verão fora,fevereiro em Petrópolise março em Itaipava.Passei fevereiro sem novidades,com um calor bárbaro,pela manhã ia como de costume à minha missa e depois ficava

em casa,ia ao cinema quando havia bons filmes,fazia uma ou outra visita,mas no horizonte sem grandes perspectivas!

Gilda comprara um carro e estava aprendendo a dirigir,breve teriamos sábados e domingos como os de outróra!

Em fins de fevereiro,Heloisa apareceu com um febrão,uma gripe,mas depois foi constatada uma infecção no sangue,proveniente das amígdalas,teria que ser operada novamente,uma vez que a primeira operação fora mal feita.Entramos março com ela doente,mas eu já recomeçara as atividades na casa das Antigas com a reunião semanal,o projeto e os preparativos para o desfile de modas,à 14 de maio.

Ainda em fevereiro ,Elina adoeceu e teve que vir ao Rio,trouxe as crianças,assim que eu não subi à Friburgo,aliás estava programada nossa ida no Carnaval,mas eles resolveram ir para o Espírito Santo,e isso sustou nossa ida lá.O tratamento era demorado,ela descia com Flavio,aos sábados,assim que em março também não subi,estou terminando o mês.

Em abril,logo depois da Semana Santa,pretendo ir ver as crianças,pois Flavinho já reclamou a minha presença lá!

Heloisa foi operada com êxito,em principios de abril,e ficou em tratamento de vacinas,tal extensão da infecção

O mês corria normalmente ,eu tinha minhas reuniões semanais e o biriba mensal.Flavio vinha ao Rio aos sábados ,às vezes com as crianças e almoçava aqui.

Uma bomba iria arrebentar em nossa casa no fim do mês.No dia 29,Eduardo já pronto para sair para o Itamarati,foi avisado por colegas que fora aposentado pelo Ato Institucional n*5,que o govêrno baixara.

Foi um choque terrível para nós todos,ele que fizera um concurso muito difícil,tinha conquistado a amizade de todos lá,conhecera as diversas seções e

tivera até convite para um posto fora do Brasil,não tendo aceito por estar prestes a se formar em direito.Foi aposentado com "salário mínimo"

Tivemos a satisfação de vêr a solidariedade dos amigos e o apoio de diplomatas.Que fazer? Até P.Oliveira,de Brasília,escreveu sobre o fato e nos acompanhou com palavras de conforto.

Em maio,realizou-se o chá desfile do Sion,que foi uma beleza,eu fui na mesa de Madalena Nabuco e suas amigas,aliás otimas.

Nessa época Gilda já tinha carro,e nós passeavamos como ainda o fazemos aos sábados e domingos.

As crianças,cresciam,Flavinho,Ana Lucia e Maria Victoria cada vez mais espertos.

Assim passamos os meses de junho e julho.a 5,aniversário de Flavinho,Elina preparou um almoço em Friburgo,e nós subimos de carro com Gilda e passamos um dia muito agradável.

Agosto,nos trouxe uma grande alegria,Eduardo ,colocou-se muito bem, como relações públicas numa companhia americana.Está contente,ganha bem e em muitas possibilidades,Graças a Deus.Eu considero isso uma graça de Santo Inácio de Loyola,. Desde de maio,ele lutava fazendo testes em diversas companhias e no fim vinha sempre uma desculpa e ele não era contratado.Os nove dias que precederam o dia 31 de julho,eu fui à missa diariamente lá e pedia a Santo Inácio,que protegesse aquele seu filho,,exatamente no dia 31,ele foi contratado pelos americanos.

Mas um fato curioso deu-se em principios de agosto: fui à Friburgo,como faço todo mês,sai no ônibus das 8,deveria chegar lá às 11;desde cedo Flavinho estava no portão me esperando,achando que estava demorando ,começou a chorar dizendo : "aquela malvada não vem me ver"Elina disse que era cedo,eu

só chegaria às 11,ele ficou no portão com a empregada me esperando,quando me viu,dava risadas de contentamento e veio para mim de braços abertos e me beijou.Passou a tarde sempre ao meu lado,no dia seguinte eu deveria voltar como sempre faço no ônibus do meio dia, almoço esio com Flavio.Na hora de sair,ele não queria se despedir de mim, e quando o carro saiu,ele disse à Elina:"quando ela voltar aqui,eu vou quebrar o carro de papai,para ela não poder ir".

Desde de julho,que nós vamos lancha em casa de Leonel e Cecilia,damos o nosso passeio de automóvel,e rumamos para lá,é muito distraido,gozamos um pouco a Maria Victoria,que por sinal é muito agarrada com José,batemos papo,vemos juntos a televisão.

Mas a vida não é só divertimento,temos também que visitar doentes,como tia Corina e tia Cecilia,que já boa do mal que teve pede sempre companhia.Dia do seu aniversário,lá estavam todos,à tarde.

Mas eu tenho meu grupo,uma vida movimentada e cheia e quando não tenho o que fazer vou andar na rua...

A Associação das Antigas Alunas,é um ótimo entretenimento para mim, formamos um grupo de verdadeiras amigas: Carmen Freire,Laura Maia, Vera Bezerra, Nieta Leão Teixeira,Margarida Enoch,Amelia Vasconcelos Pereira,Aida Bifoni,Alice Lemos,Elza Rossi,que nos reunimos todas as segundas feiras,tratamos dos assuntos do dia,batemos papo,tomamos chá com as moradoras da casa.Temos um ótima biblioteca onde tiro livros para ler ,sem contar as promoções mensais,que são distraidas.

Por outro lado,eu,Maria e Carmen,conversamos diariamente no telefone,,contamos uma à outra as "fofocas"da familia.!

Vou ao meu cinema com José,em geral aos sábados à noite.Visito também,Mariquinhas na Tijuca.

No mês de setembro, teve os dois aniversários de casa. A 8, Eduardo deu um jantar a um grupo de amigos. A 12, Flavio, mas como era dia de semana, fomos almoçar com ele, no domingo, dia 16. Nessa ocasião, deu-se um fato engraçado, levei para ele de presente, uma camisa, que ficou em cima da cama. Mais tarde, entrando no quarto dele, lá estava Flavinho de cara aborrecida, virou-se para mim e disse: "estou zangado com você, não quero que venha mais cá," Eu perguntei "por que"? ele disse: "você trouxe presente só para pai, e nada para mim... estou zangado"! fiz ver as razões e ele compreendeu!

Agora uma vez por mês, vamos almoçar um domingo em Friburgo, subimos e descemos no mesmo dia, de ônibus.

Tinha um projeto de ir à Europa, com Sylvia Dias, em abril, combinamos isso quando ela voltou de uma viagem ao Japão, mas não pretendo ir mais, José ficaria muito só. O mês de novembro, tivemos aniversário de Leonel, com um jantar muito agradável, e à 25 a mudança de Gilda, para o apartamento dela, resolveu ir morar só, e refazer sua vida, era muito justo.

Em dezembro, Maria Victoria fez dois anos no dia 6, aniversário também do P. Oliveira, Cecilia fez uma festa em casa, ela está uma graça, é a cara de Leonel, traquinas como ele e toda amiga de José.

Nesse mês, eu e José, completamos quarenta e cinco anos de casados! De modo que pelo nosso aniversário, à 19, fizemos um jantar para reunir os filhos e netos, e à noite estiveram os irmãos. Flavio e Elina, descrem de Friburgo, de modo que foi muito agradável.

No dia 22, eu tive o Natal e o encerramento das atividades na Casa das Antigas, foi uma reunião ótima, eramos mais ou menos cinquenta, houve missa, leitura do relatório, chá e troca de presentes.

Dia 24, como faz há alguns anos, Heloisa deu o jantar de Natal, lá nos reunimos embora não fossem todos, estavam eles, os filhos, eu, José, Gilda, Carmen, Deusdedit e Thais. Houve troca de presentes, assim passamos umas horas agradáveis.

Dezembro nos trouxe uma grande alegria, dia 15, formou-se em Direito, Eduardo, na Universidade Católica. Ficamos muito contentes e felizes por vermos seu esforço compensado e seu valor posto à prova. Estudar e trabalhar, é preciso esforço e coragem, ele revelou essas qualidades!

Deus o há de recompensar, eu estou certa!

Desde o mês de setembro, eu voltei a frequentar as reuniões da Ação Católica, agora em fase de reorganização e em novos moldes. Temos uma conferência mensal para as equipes, no Instituto Social, e eu frequento um grupo chefiado por Creusa, para lá fui levada por Maria Leticia Salles. Estamos estudando os documentos pontifícios, e em particular a Encíclica Humanae Vita, à luz do pensamento da medicina. Esse retorno, para mim foi ótimo, lá encontrei pessoas que não via há mais de vinte anos! Fiz um comentário por escrito para ser entregue ao Bispo sobre a "Justiça social na América Latina", na parte referente ao homem do campo brasileiro e em particular ao Nordeste. Mas como é praxe na A.C., no mês de dezembro encerram-se as reuniões.

Terminamos o ano de 1969 tranquilos e dando graças a Deus por tudo que ele nos mandou de bom e pedindo sua misericórdia para os fatos que nos afligiram!

Começamos o ano com a vida normal. Dia 4, era aniversário de Elina, e justamente caía em sábado, de modo que subimos para almoçar com ela, dormimos e voltamos no domingo de manhã. A Associação das Antigas estava de férias, de modo que não tinha as reuniões semanais. Dia 12, aniversário de Deusdedit, eles deram um jantar muito agradável onde todos se reuniram. A 15, Ana Lucia fez 2 anos, mas eu não subi à Friburgo, ela não entendia ainda o que isso significa e nós lá estiveramos poucos dias antes, e eu já começava a me enfadar da viagem, embora a estadia lá fosse muito agradável.

Dia 20 as Antigas Alunas foram comemorar a data da fundação da Congregação de Sion, em Petrópolis. Subimos em diversos carros, tivemos um almoço muito bom, no excelente sítio de Amélia Menezes e rumamos depois para o Retiro, lugar onde se acham instaladas as irmãs. Foi uma festa sem nome, elas ficaram felizes de nos ver, lanchamos e descemos à tarde. Eu subi no carro de Edina Fernandes e desci com Leah Hime. Era também dia do aniversário de Thais, mas como ela recebia à noite o grupo jovem, e fui lá no dia seguinte. Assim foi se passando o mês dos aniversários. Dia 28, Heloisa festejou o seu também com um jantar. Em princípios de fevereiro, voltei à Friburgo, para ver as crianças, lamento que se criem longe e logicamente sem contato com a família. Que fazer?

Dia 11, aniversário de Maria, como de costume nos reunimos todo à noite em casa dela. A outra Ana pequena, da família, a Ana Paula (filha de Ana Maria), já está ficando crescidinha e esperta.

Em março, começamos nossas reuniões da Associação às segundas feiras, ia aos meus cinemas com José, saíamos para andar na praia de Copacabana, aos domingos, à tarde e eu comecei o regime das caminhadas diária (4 km) para emagrecer. Nesse mês fui à serra dia 18.

Entramos abril,já preparando a nossa festa anual do Copacabana Palace.,que seria a 6.Eu me encarreguei como sempre de pedir a contribuição do Banco Boavista e vender algumas mesas.tivemos no dia certo a conferencia do P.Secondi,e o nosso chá biriba. A 17,Carmen deu um jantar comemorativo do seu aniversário,e Gilda nada fez à 23.Nesse mês não fui à serra,pois Elina e as crianças tinham ido para o Espirito Santo.

Desde o principio do mês,Carmen Freire vivia falando das placas amarelas de minhas pálpebras ,sugerindo que eu fizesse uma operação plástica.Procurei Côrtes, e este concordou que só um especialista poderia fazer aquele tipo de operação.Combinamos deixar para depois do chá do dia 6.foi como sempre muito bom,um ponto de encontro entre conhecidas que pouco se veêm.Eu fui na mesa com Nair Pires Ferreira,Nair Caldas Barreto,Lucia Galloti Póvoa e Cecilia Moreira da Rocha.Foi ótimo.

O dia 8 foi o meu dia de festa! Sendo aniversário de Margarida Enoch,Elza Rossi ofereceu-lhe um chá em sua casa.As duas xarás saíram dias antes para comprar um presente,foi muito bom e agradável.À noite tivemos a comemoração dos 35 anos de casados de Maria e Octavio.Ela reuniu irmãos,sobrinhos,filhos,genros,e futura nora e deu um ótimo jantar.

Afinal,dia 13 eu operei minhas pálpebras na Policlínica Geral com o Dr.Virmar Ribeiro Soares,especialista em cirurgia plástica.Tudo correu otimamente e voltou ao normal.Fiquei uns dias em casa e durante 2 meses ia lá todas as semanas para ele ver o andamento ,afinal me libertei!

Os meses de junho,julho ,agosto,setembro e outubro, passaram em ritmo normal.

Em junho,os aniversários da casa de Heloisa,comemorados,sendo que o de Arthur com um jantar.Em setembro,no dia 12,fomos almoçar em Friburgo, para comemorar o de Flavio .Mas nesse periodo o mais interessante foi o dia

12 de agosto,"Dia do Papai" dei um almoço em casa e reuni os filhos,noras,genro e netos. Foi tão bom que resolvi,periódicamente,repeter o acintecimento para que a familia não se disperse enquanto for viva quero vê-los unidos!

Os netos pequeninos,crescendo e ficando vivos.Maria Victoria dava seu nome como:Maia Toia Vaca. Agora já sabe dizer direito.Flavinho,achando vovó Elza "legal",Ana Lucia cada vez mais parecida comigo.

Flavinho já está no Colégio!sinto-me uma pessoa realizada,marido exemplar,ótimos filhos e netos maravilhosos!Todos os dias na missa digo"Obrigada Senhor".

Minhas atividades na Associação das Antigas Alunas enchem a vida de quem já cumpriu deveres de mãe.É um grupo de amigas que se reúne todas as semanas com o fito de fazer o bem!Temos a conferencia mensal do P.Secondi,o chá biriba,o almoço,e às vezes uma sessão de teatro,nos é oferecida em beneficio da nossa obra.Mas o tempo passa sem sabermos como 1970 que começou ontem está prestes a terminar! Estamos em novembro!Experimentei o que é ser "caixeira".tivemos na Associação um Bazar de Natal,e eu tive uma banca!

A 20,Leonel e Cecilia deram um jantar em casa.Desde fins de agosto,eles já estão morando na casa que construíram na Barra da Tijuca (atual Itanhangá) aliás tem sido para nós,motivo de passeio essa moradia lá.Gilda nos leva de carro,para vê-los depois do almoço.

Entramos nos preparativos de nosso aniversário,demos como sempre o almoço dos filhos e netos (era sábado),todos reunidos foi uma delicia.

O Natal,foi comemorado esse ano em casa de Leonel,lá ceiamos e passamos uma noite muito agradável.Antes,à 6,tivemos os 3 anos de Maria Victoria,foi uma festa grande e ela estava eufórica.A casa está cada vez mais bonita e

boa.O resto do mês foi normal,e eu terminei o meu ano dizendo :Obrigada Senhor! Obrigada por tanta felicidade,até já ter um neto diplomata,pois Arthurzinho se formara nesse mês e breve partiria para Brasília e depois para o exterior.Alem disso,eu fui nesse mês eleita 1* vice Presidente da Associação das Antigas Alunas de Sion,obra que eu sou uma das fundadoras e a qual dedico meu tempo livre

1971

O ano começou com um verão violento.fui à Friburgo como faço todos os meses para o aniversário de Ana Lucia.Não pude ir à 20 ao Sion,ver as freiras.Tivemos o jantar do aniversário de Heloisa,quando todos se reuniram.Fevereiro passei sem novidades,salvo o aniversário de Maria,à 11, que reuniu os irmãos,sobrinhos.Eu como sempre indo à minha missa diariamente no Santo Inácio.

A partir de março a vida começou a se modificar! As reuniões semanais da Associação,houve o chá biriba.Amelia adoeceu e eu assumi interinamente a presidencia da Associação.Assim se passou abril. Nesse tempo José adoeceu e feitos testes,ficou constatada sua bronquite asmática e o tratamento com o Dr.Blundi praticamente o curou e fez emagrecer 8 kg o que lhe fez muito bem.Em maio tivemos nosso desfile de modas no Copacabana Palace que foi como sempre um sucesso,eu dei minha colaboração vendendo mesas e arranjando anúncios.

No segundo domingo ,o "Dia das Mães"fiz minha reunião ,foi uma alegria para mim reunir todos, e ver em cada um apesar de adultos ,a minha criança,e olhando-os era recordar o passado! Tive também um dia muito cheio,no Iate

Clube, em que fui com Amélia, Carmen Freire, Elza Rossi, e Margarida nos distriamos muito.

Junho foi o mês das reuniões em casa de Heloisa, aniversários de Luiz Antonio, Arthur e Arhurzinho, embora em Brasília, comemorou o seu. Nesses meses eu tive também as conferencias do P. Secondi, e nos meses que se seguiram, até setembro, como tivesse viajado foi substituído por Frei Pio.

Em julho, Flavinho fez seus seis anos, eu fui lá depois, pois no dia 5, estava lá a família de Elina e não havia lugar.

No mês de agosto tive o "dia do Papai", que comemoramos com carinho, para este pai que tudo merece por sua bondade, seu caráter e noção de cumprimento do dever, ele ´ marido e pai modelo.

A 6 de setembro desse ano, nascia Ana Cecilia, a segunda filha de Leonel.

Temos tido na Associação também almoços, um em julho e outro em agosto em benefício da obra, fui à um chá no Clube Caiçaras, em benefício de uma obra social, assim passei esse tempo! Vou à Friburgo ver os namoradinhos de Ana Lucia, que está uma graça. Tenho Cecilia e Maria Victoria, uma vez por semana aqui e nós vamos também muito à casa deles, que para mim é um ótimo passeio. Até agora fui uma vez à Itaipava. Na sexta-feira santa, o que mais gostei foi passear em Petrópolis onde estive tanto!

Recomecei meus trabalhos para as crianças pobres, no mês de agosto fiz uma dúzia de sapatinhos. Aproveito a noite, na hora da televisão, para trabalhar. Ainda nos meses de junho e julho partiram dessa vida, tio Eduardo e tia Corina, para a felicidade deles.

Vivi normalmente até princípios de 1974, aí José que não andava bem piorou e a 10 de agosto de 1974, faleceu. A dor na família foi enorme. Ele era homem correto, católico praticante e amigo de todos. Apesar da dor sofrida, eu ainda

fiquei em Voluntários até 10 de março de 1975, com Eduardo. Tínhamos o apartamento que compramos de Flavio, no hoje Largo dos Leões, 101. Leonel fez a reforma para mim. Deixei então o apartamento de Voluntários, 139, que foi vendido. Assim vou continuando a vida.

José Vivacqua Netto - Perfil

Filho do Espírito Santo, do Rio Pardo, terra que de sobejo, tem sabido honrar, o perfilado de hoje preenche todos os requisitos de um excelente rapaz, de um requintado "gentleman" e mais ainda de um magnífico e hábil "marchand de bois"

Ninguém como ele sabe revestir as palavras de gestos adequados. Sabe ajustar com expansão matemática um gesto a uma frase. Verdade é que sua ironia, via mais das vezes se torna um modo contumaz, mas o modo cavalheresco com que sempre se porta, o sorriso que assiduamente esboça, como que sublinhando tudo o que diz, anestesia a mordacidade dos ditos.

Dizem que é muito querido pelo outro sexo e que até mesmo tem sabido penetrar em corações tão duros como as duras pedras! E quanto as aventuras amorosas? São inúmeras! Até já tive o desejo de lhe aventurar a idéia de publicá-las em fascículos, assegurando -lhe de antemão que seriam tão vendáveis como as obras de J.J. Rousseau! Quanto ao físico não é desarmonioso, os seus passos obedecem sempre uma cadência musical e até meio saltitados (talvez devido ao uso demasiado da dança), o rosto comprido geralmente bem escanhado, e os cabelos, que dizer deles? Como tenho medo de ferir susceptibilidades fico por aqui mesmo. Prima para por certo na vida, pois sua vontade férrea não conhece trópicos, vê ordinariamente que a sua estrela brilhará cada vez mais facilmente.

Cachoeiro - 5 - 6- 1922

ARCLAU

Elza,após uma prolongada doença,faleceu a 21 de outubro de 1987.

Filhos

Heloisa Vivacqua Corrêa Meyer

Gilda Vivacqua Tostes

Flavio Brasil Vivacqua

José Eduardo Brasil Vivacqua

Leonel Brasil Vivacqua (in memoriam)

Netos

Arthur Vivacqua Corrêa Meyer

João Gaspar Corrêa Meyer Neto

Rodrigo Vivacqua Corrêa Meyer

Luiz Antonio Vivacqua Corrêa Meyer

Flavio Ribeiro Vivacqua

Maria Victoria Guinle Vivacqua

Ana Lucia Ribeiro Vivacqua

Ana Cecilia Guinle Vivacqua

Bisnetos

Viviane Mauro Corrêa Meyer

Beatriz Moraes Vivacqua

João Gabriel Assuf Corrêa Meyer

9.e..(o principio em Continuação em outra parte

.Quando já estávamos noivas,tínhamos que sair sempre acompanhadas por alguém.Fui "pau de cabeleira de Heloisa, Eduardo e Leonel foram meus..

Em julho de 1974,quando Papai adoeceu e foi internado pelo João Gaspar encontrei alguns colegas dele, do Santo Inácio,fazendo também a residência médica

no Hospital de Ipanema,o Jesse Teixeira ,Antonio Vilaro,Carlos Eduardo da Luz Moreira,para mim.isto foi uma tranqüilidade sabendo que Papai seria bem acompanhado por eles.Infelizmente Papai não resistiu e veio a falecer na véspera

do dia dos Pais,10 de agosto de 1974. Ficamos muito abalados com sua morte.Eu estava na casa de Leonel,no Itanhanga,quando Cecília recebeu o recado.Papai era muito católico,freqüentava a Congregação Mariana,foi até por muitos anos seu tesoureiro

.Era muito amigo do P.Veloso.Sua morte foi muito sentida por todos que o conheceram,principalmente,por nós os filhos.Para nós estava começando uma

"linha de frente"como dizia Mamãe se referindo a um campo de batalha que os soldados

que iam na frente não tinham proteção.

Mamãe,que já estava começando a demonstrar alguns sintomas,ficou arrasada

-um casamento que iria completar 50 anos em 2 de dezembro.Nós já estávamos começando a combinar a festa das Bodas de Ouro,quando isto ocorreu.

Depois da morte de Papai,procuramos à medida do possível a dar mais atenção-

a Mamãe.Pouco tempo depois ela mudou-se para o apartamento que ela

havia comprado de Flavio, no Largo dos Leões. Leonel fez uma boa reforma e ela se mudou para lá. O prédio ficava em frente ao de Heloisa, do outro lado da praça. Ali ela morou até morrer. Vendemos o apartamento da Voluntários que

era muito grande, e só estava morando com eles Eduardo que estava solteiro. Este por sua vez tinha comprado um apartamento na rua Marques de Olinda e foi morar lá

Eu estava com muito trabalho no Santo Inácio, pois era responsável pelo Curso Primário, perante a Reitoria. Tudo que acontecia caía sobre a minha pessoa e por isso procurava estar sempre presente, para atender as solicitações, e resolver

os problemas. Nos fins de semana ia sempre vê-la e procurava compensar a minha ausência nos dias de trabalho, levando-a sempre para um passeio de auto-móvel, que ela adorava.

Mamãe continuava a levar sua vida normal indo à sua missa no Santo Inácio, às reuniões da Associação das Antigas alunas de Sion, sempre em contato com seus irmãos. Ela era muito esfuziante e simpática e sempre muito vaidosa, quando moça era muito bonita.

*

Voltando à Mamãe, ela começou a mostrar sintomas de envelhecimento, mas procurava continuar sua vida normal, apesar de algumas manias que começou a apresentar, como falar com as pessoas desconhecidas na rua, falava para nós quando não aceitávamos certas observações suas “eu sou a mãe” ou “eu sou uma almirante”. Por volta de 1985,

eu fui chamada por Eduardo que estava já morando com ela, pois ela estava passando mal, era um domingo. Ela tinha tido uma hemorragia estomacal. Chamamos o João e

foi internada na Casa da Saúde São José, ela não aceitava outra. Melhorou depois de uma semana e voltou para casa. Ai começou sua saúde e dar sinais de declínio. Volta e meia ela saía de casa sem que a Maria, sua empregada visse, e aparecia na Casa da Antiga, na Visconde de Caravelas, de lá telefonavam avisando, e a Maria ia buscá-la. Uma

vez eu estava em reunião no colégio, quando me avisaram que ela estava lá me procurando, fui ver o que ela queria, avisei a Maria, que saiu imediatamente para

buscá-la. Quando vi ela já tinha ido embora. Maria não a encontrou pelo caminho, pois ela tinha ido pela Voluntários e Maria, pela São Clemente. Ela

sempre dizia que sempre foi muito independente e levada desde que era pequena,já aos 5 anos fazia “artes”.Continuando a falar de Mamãe,para encerrar. Em1986 ou principio de 1987,não me lembro,ao fazer um exame o João constatou,alguma problema nela,e encaminhou a um neurologista.Heloisa foi com ela na consulta,e este recomendou que a levássemos para consultar o Dr.Paulo Niemeyer,que constatou ter ela um tumor benigno,no cérebro do tamanho de um limão ,mas desaconselhou a operação

No ano de 1987.foram seguidas as internações no Samaritano ,quase de 15 em 15 dias,culminando a última com seu falecimento em 21 de outubro.Foi enterrada no mesmo dia,pois não havia condições de fazer velório,uma vez que estava com infecção generalizada.Está enterrada junto dos membros da família,no jazigo de sua avó,conforme sua vontade.

Eduardo veio morar aqui comigo,uma vez que a Victoria,já estava de casamento marcado para o dia 5 de dezembro,véspera de seu aniversário.

Primeiras lembranças

È bem difícil a pessoa se lembrar de sua primeira infância,me lembro apenas de algumas coisas. Por exemplo quando devia ter uns 2ou 3anos,Mamãe ,quando tinha que sair para algum compromisso me deixava sempre na casa de Vóvó que morava perto , como Flavio era um pouco menor que eu, ficava em casa com a babá..Tia Mariazinha que já era noiva de Octavio,saia comigo para passear e para encontrar com ele que morava na casa de seu tio o Alnte.Varela Quadros.,passeavam nas imediações,.Naquela época,o bairro do Jardim Botânico ainda era pouco ocupado.A rua Alexandre Ferreira onde as vezes passeávamos ,só tinha um lado ,o outro veio depois com o aterro de uma parte da lagoa.Eu gostava de chegar bem perto da água para ver os peixinhos. Outras vezes íamos em direção à Fonte da Saudade,onde no final havia uma fábrica de serpentinas e uma pedra que depois foi dinamitada para abrir a pista para Ipanema..Na rua que morávamos,a Frei Veloso também tinha poucas casas construídas,sendo que em

frente à nossa tinha uma chácara de um italiano,Sr.Rizzo,que tinha vários animais .Um dia Mamãe me levou lá para ver os gatinhos que tinham nascido e eu fiquei encantada.

Depois nos mudamos de lá.Fomos morar na rua Itu,9,no Largo dos Leões. Eu já tinha nessa época 4 anos , a casa era um pouco menor e quase não tinha jardim,tinha uma garagem que dava para a rua ,e porta tinha uns vidros na parte de cima.Flavio tinha ganho um boliche de madeira ,não sei como ele

atirou a bola que bateu no vidro ,e este se estilhaçou,eu que vinha descalça não vi,e pisei nos cacos,cortei feio a planta do pé e tive de dar 40 pontos.Nós moramos na casa pouco tempo,creio que um ano mais ou menos.Foi nela que nasceu Eduardo em 1935..Mamãe,fez amizades com várias pessoas moradoras da zona,e nós crianças também . Moravam na rua Embaixador Morgan os Oliveira Castro,sendo que Didi (Beatriz Bevilaqua) que depois foi minha contemporânea no Sion e também na Casa da Antiga,Ana Maria do Rego Monteiro ,filha do Dr.Aristides Monteiro,também depois foi para o Sion. As Franca da Costa,Maria Teresa e Maria Luiza,filhas de Dona Leonor,irmã do Pe.Franca, o Gugu Corsino, os Olinto ,filhos do Dr.Mario Olinto ,todos brincávamos juntos,num terreno baldio que havia na Embaixador Morgan.

Nascimento de Eduardo

Não sei bem,mas acho que no dia que Eduardo nasceu,nós estávamos em casa,pois não houve tempo de irmos para a casa de vovó. Foi no dia seguinte,do feriado e me lembro,que estava também lá em casa meu primo José Maria Vivacqua dos Santos,que estava estudando no Colégio Salesiano de Santa Rosa em Niterói,e quando chegava os feriados como tia Elzira sua mãe,morava em Vitória,ele ia sempre ,no dia de sua saída para nossa casa.Mamãe então,nos chamou para mostrar o neném e perguntou que nome nós íamos escolher: José Eduardo ou José Claudio e escolhemos por unanimidade

José Eduardo,como foi registrado,só que com a data errada pois Papai se confundiu e deu no cartório a data de 9 de setembro e não 8, que foi a real..

O casamento de Tia Mariazinha e Octavio

Era sempre um acontecimento nas famílias as datas festivas,pois vivíamos muito no ambiente familiar,as famílias eram muito numerosas.A família de vovó era grande,eram oito irmãos e as respectivas famílias.se casaram na Igreja do Sagrado Coração de Jesus,na rua Benjamin Constant ,já uma tradição na família,pois já tinham se casado lá vovó e vovô em1903..,eu tinha 4 anos, e Heloisa,8anos.Mamãe nos vestiu com a mesma “toilette” com algumas diferenças.O vestido era de seda cor de rosa, sapatos de verniz preto,meias de seda bege,um casaco de veludo preto forrado de cor de rosa e o chapéu,tipo cloche,também de veludo preto forrado de cor de rosa,eu me lembro que eu por ser a menorzinha,leveí a bandeja com as alianças.Octavio que era oficial do Exército,estava fardado.Logo depois do casamento eles foram para fora do Rio em missão.

Jardim Botânico ,87

Como a casa da rua Itu,com o nascimento de Eduardo,ficou pequena,meus pais resolveram procurar alugar outra casa.Era muito comum naquela época as

peessoas alugarem casas e não comprá-las,só depois de alguns anos é que foi introduzida a compra da casa própria..Conseguiram alugar uma no Jardim Botânico,bem perto de vovô.Antes de começar falar da casa,quero lembrar um pouco da rua Jardim Botânico naquela época.Era com 2 pistas de rolamento,com os trilhos do bonde que passava de um lado em direção à Gávea e do outro lado da Gávea em direção a Botafogo,no meio tinha uma pequena calçada. A nossa casa ficava situada do lado em direção de Botafogo,era bem no principio da rua,a de vovô era do outro lado em direção à Gávea.,por este motivo eu e Flavio,ficávamos trepados no portão ,em geral na parte da tarde,esperando vovô que voltava Arsenal de Marinha,e que atravessava a rua para nos beijar e dar os pacotinhos de bala. A nossa babá contava sempre histórias de ciganos que roubavam crianças para vender e nós ficávamos com muito medo.Um belo dia estávamos no portão esperando vovô,quando Flavio falou:”Olha uma cigana” eu me debrucei muito e cai de cabeça na calçada,resultado fiquei com um desvio no septo.A nossa casa era tipo bangalô,no centro de um de um pequeno jardim,mas atrás tinha um quintal grande,onde nós brincávamos muito, brincar com rema-rema,automóvel até Heloisa andava de bicicleta.. Foi no dia 8 de dezembro de 1936,que eu fiz minha Primeira Comunhão e foi dado um lanche bem grande e com muitos convidados.Eu era bem pequena,apenas 6 anos,ainda não entendia muito bem as coisas,mas Mamãe era da teoria que tinha que ser feita bem cedo,o que depois não concordei,pois as crianças devem entender a importância da 1ª.Eucaristia. Ganhei muitos presentes,inclusive uma gravura de bico de pena,dada por Alicinha Cavalcanti ,amiga de Mamãe,que tenho até hoje num quadrinho em meu quarto.A minha Primeira Comunhão foi no Sion,eu usei um vestido de organdi branco,que picicava meu corpo,e uma grinalda muito bonitinha.Ganhei meu livro ,todo de madrepérola e o terço,que conservo até hoje.

Moramos nesta casa até o principio de 1937,depois tivemos de mudar,pois ela seria vendida e Papai não quis comprar,por algum motivo.Já no final de 1936 entrei no Sion

Ainda sobre o Jardim Botânico,naquela época o principal transporte era o bonde,que todo mundo usava,era muito bom de andar,era pontual,podia-se calcular o tempo que se gastaria para se locomover de um lugar para outro. Era muito pouco o transito de automóveis e de ônibus,quase não havia,é verdade que os habitantes da cidade nesta época era bem menor. Papai já tinha carro que usava para trabalhar e para nos levar para passear,nos sábados e domingos.

Voltando ao Sion,no ano de 1936,mais para o final do ano,Mamãe combinou de me mandar,a titulo de adaptação ao colégio.,mas só meio expediente.Papai

ia almoçar em casa e depois do almoço me deixava no colégio e de tarde eu voltava com Heloisa. Houve um período que nossas primas, Stelinha e Nazaré, filhas de tio Pedro também estavam estudando lá, e Teófilo, motorista de tio Pedro, ia nos buscar e deixar em casa. Eu achava muito engraçado porque a irmã que ficava na portaria, nos chamava as “Vivacqua” quando o motorista chegava. Quando ainda morávamos no Jardim Botânico, tia Zidoca, minha madrinha de batismo me deu de presente um piano eu nunca aprendi a tocar e Heloisa que andou tendo aulas no Colégio, também se desinteressou de aprender. Mamãe então, resolveu vendê-lo.

São Clemente, 486

Papai alugou a casa onde deveríamos morar por 12 anos. Ela ficava situada no lado direito da pracinha no final da rua São Clemente. Ali passamos um bom período de nossas vidas. Era uma casa grande, de frente de rua, com uma entrada lateral, com um portão de ferro. havia um garagem e um grande quintal, para trás que ia confinar com a casa do Dr. Nascimento Silva, que ficava na rua Mario de Andrade. Nossa infância foi muito boa ali naquela casa e deixou saudades quando mudamos para o apartamento. Naquela época Mamãe ia a missa todos os dias no Santo Inácio. Nosso ônibus do Colégio, nos apanhava cerca de 7,30, na pracinha juntamente com Lia Ramos Vieira, que morava na rua Icatu, iam junto esperar o ônibus sua prima Clotilde Ramos de Mello, e Ada Maria e Maria Elvira Barcelos todas que moravam na Icatu. e na rua Alfredo Chaves, que eram transversais a São Clemente.. O nosso ônibus ainda apanhava outras alunas que moravam em Botafogo, como Leda Recife, colega de Heloisa, as Agostini, Regina e Vera, as Motta Maia, Ana Maria, Vera e Gilka e outras mais que não me lembro. Este percurso foi feito por nós até o Cosme Velho, onde ficava o Colégio por anos a fio, por isso tomei horror aqueles bairros: Laranjeiras, Flamengo e Cosme Velho, apesar de não ter quase trânsito, o percurso era demorado e as ruas destes bairros tinham muitas casa velhas, que depois foram se renovando, por novos edifícios de apartamento.

Uma lembrança desta época ainda do Sion, eu era bem pequenina, estava na adaptação, eu usava nesta época tranças e meu cabelo era louro. Quando as alunas iam sair do Colégio no último ano, elas eram coroadas, numa festa de final do ano, e cada uma escolhia a menor para levar numa almofada, sua coroa. Eu fui 2 anos seguidos, sendo que no primeiro Léa Vivacqua e uma outra colega me disputaram, sendo que Léa dizia que tinha mais direito por ser minha prima, no final coroei a Léa. Elas sempre davam um pre

sente para a menininha, sendo que um ano ganhei uma boneca de pernas compridas para enfeitar minha cama.

Mas voltando à casa de São Clemente, ela era bem espaçosa, em cima tinha o quarto de Papai e Mamãe, virado para a rua, ao lado o meu e de Heloisa, tinha uma saleta onde Mamãe tinha sua máquina de costura, pois ela gostava muito de costurar e suas estantes de livros, dessa saleta saía um corredor onde tinha um quarto menor, que era o de Flavio, o banheiro e no final do corredor, um quarto grande onde dormiam Eduardo e depois Leonel.. Na parte de baixo, tinha um hall de entrada com a escada para cima, a sala de visitas que as janelas davam para a rua, a sala de jantar, a copa, onde havia um pequeno banheiro, a despensa, a cozinha e o um quarto de empregada onde em geral dormiam a babá e a copeira.. No quintal, a garagem, e dois quartos de empregada, o banheiro e a lavanderia. Num dos quartos, Mamãe fez para guardar coisas, o outro dormia a cozinheira, pois a lavadeira em geral não morava lá.. Essas peças ficavam encostadas no muro que dava para a casa do lado. Do outro lado, estavam plantados vários arbustos como um pé de manacá um canteiro com folhagens e um pé de pêssego que Mamãe teve que mandar cortar pois estava todo bichado.. Como o carro de Papai era grande e não entrava pois a entrada era muito estreita, havia uma parte coberta correspondente ao nosso quarto, ali eles colocaram um balanço de madeira que às vezes nas tardes de verão nos sentávamos, foi ali que aprendi a fazer tricô, tinha 10 anos.

Nas férias, Papai combinava com um motorista, Sr. Libório, que era conhecido dele para nos levar à praia para tomar banho de mar. Ele nos levava até o posto 6 em Copacabana, bem cedinho, às 8 horas já estávamos brincando na areia, íamos com babá Francisca, que gostava de apanhar tatuís, para fazer fritada. A praia era diferente, muito limpa, a água do mar era transparente, não tinha sujeira. Gostávamos de colher conchinhas que tinha aos montes, eram tantas que rejeitávamos as menos bonitas. Babá Francisca que era de Angra dos Reis, tinha uma irmã Noêmia que era empregada antiga de D. Valentina Azambuja, que era parente de vovô e era irmã de D. Alexina Azambuja que era mãe de Gutita, casada com Luiz Brasil, primo de Mamãe... D. Valentina morava na Rua Almirante Gonçalves e passávamos em sua casa para lavar os pés e calçar os sapatos.

No meio da rua São Clemente, em frente à rua da Matriz, havia nessa época um terreno grande, com um casarão velho, que era uma casa de cômodos. Ali foi feito um loteamento, as ruas já estavam abertas e podia subir até bem alto no morro, onde havia um belíssimo jequitibá e via-se um bela vista da Praia de Botafogo.. Os soldados da Polícia Militar, do quartel na esquina de São

Clemente com Real Grandeza, iam fazer seus exercícios ali. As crianças moradoras no bairro, gostavam de ir assistir eles marcharem, iam muitas crianças acompanhadas dos pais, sendo que havia uma menina bem pequena, que ia com o pai e os irmãos, e Eduardo implicava com ela chamando de “neném mau”. Hoje, este terreno, que me refiro, foi antes do loteamento uma casa de Saúde para doentes nervosos chamada Casa de Saúde Dr. Abilio.

Hoje esta área tão bonita tornou-se a Favela Dona Martha ...

Em setembro de 1939, estávamos esperando o ônibus do Colégio, na praçinha, quando apareceu um pequeno jornaleiro, gritando a plenos pulmões, “começou a guerra na Europa...”

Esqueci de contar que quando ainda morávamos no Jardim Botânico eu e Heloisa fomos crismadas no Sion. Tia Mariazinha foi madrinha de Heloisa e tia Carmen a minha.

“Minha Nêga”

Havia um hábito na nossa família, acho que restos de um linguajar do tempo dos escravos, de chamarem a nós, os pequenos de minha nêga ou meu nêgo. Era uma maneira carinhosa de nos tratar. Já vinha dos tempos antigos, e que infelizmente com o desaparecimento da geração anterior à nossa, terminou. A família de vovó, tinha muita tradição. Procurei fazer várias pesquisas, pela internet, dos nossos antepassados e descobri alguns dados sobre a família de vovó. Ouvia sempre comentários na casa de vovó, sobre uma antepassada dela, a marquesa de Santos. Havia muitas reticências sobre ela. Ela era irmã de Ana Cândida de Castro Oliva, e de Benedita de Castro Delfim Pereira, baronesa de Sorocaba. Estou contando pois elas eram filhas do Visconde de Castro, que veio para o Brasil, e de Escolástica Bonifácia de Toledo Ribas. Domitila, a irmã foi a Marquesa de Santos, amante de D. Pedro, o que causou um grande escândalo na época. Ana Cândida, era a bisavó de Vovó, e foi a única que não recebeu título de nobreza, pois quando o imperador começou a cercá-la seu marido que era oficial do Exército, num banquete, quando interpelado pelo Imperador sobre sua mulher respondeu-lhe que a sua espada servia além de cortar viandas servia também para cortar quem mexesse com sua mulher. Foi imediatamente transferido para Recife. As famílias naquela época eram muito numerosas, ainda consegui descobrir que a avó de vovó, filha de Ana Cândida, se chamava Carlota Maria de Oliva e tinha uma irmã entre outros que se chamava Maria Carlota. Carlota Maria casou-se com Luiz Fernando da Silva Maya e teve entre outros filhos Luiza de Oliva Maya, minha bisavó, que se casou

com Luiz da Costa Ferreira que era de Pernambuco (Vovô Lulu e vovo Lily) pais de minha avó, Luiza, mãe de Mamãe. Eles tiveram 8 filhos. Conheci a todos, pois quando morreram eu já era crescida. Era muito comum naquela

época,isto é no principio do século XX,se casarem entre as famílias , tivemos este exemplo com meu avô e minha avó,Luizinha e João Candido,ele irmão de tio Carlos e tia Cecília irmã de vovó.O mesmo se deu com tia Sinhazinha Bahia,irmã de vovó,que se casou com tio Eduardo que por sua vez era irmão de tio Henrique casado com tia Laura,irmã de vovó..Os Pereira Bahia, vinham a ser primos,pois eram descendentes da Baronesa de Sorocaba,chamada de Benedita,que era irmã de Ana Candida e de Domitila,a Marquesa de Santos.As famílias se entrelaçavam com os casamentos,pois a vida social era feita nas casas.Os saraus e cerimônias religiosas era o que proporcionava este relacionamentos..

O ano de 1939

Eu estava no segundo ano primário,Classe grenat ,no Sion, era já uma turma grande que permaneceu assim até a 4ª. Serie do Ginásio.. Já nessa época eu já era muito amiga de Cristina Pombeiro que morava na rua Marquês de Olinda,de Odete Vidal de Oliveira {Odetinha) que morava na Praia de Botafogo,Yone Campos que morava na rua Bambina.Era comum irmos brincar na casa de Cristina,que era muito grande.Quando foi já quase no fim do ano,Mamãe recebeu um telefonema de Mère Maristela,nossa mestra de classe,comunicando o falecimento de Odetinha, e avisando do enterro.Mamãe não deixou eu ir pois achou que eu ia ficar impressionada,até ali nunca tive contato com a morte.Ela foi sepultada no cemitério de São João Batista,e até uns tempos atrás havia uma devoção entre as filhas de portugueses ,do bairro,que iam rezar o terço em seu túmulo,explica-se :seus pais eram portugueses..Com o inicio da guerra na Europa,a vida no Rio que era bem pacata e agradável começou a se modificar.Em 1940 ou 1941,não sei bem,duas primas de Mamãe,filhas de Tia Sinhazinha Portela,irmã de vovô,estavam na França,no noviciado,do Sion, quando os alemães invadiram a França,e a noticia foi transmitida minha tia que estava ouvindo o noticiário,teve uma trombose,e não falou mais.Elas conseguiram fugir para a Inglaterra e posteriormente voltaram para o Brasil..Acho que foi mais ou menos nesse ano,que Vovô saiu do Jardim Botânico e foi morar na Praia de Botafogo,quase no Morro da Viúva.Costumávamos visitá-los aos sábados de tarde,com Papai e Mamãe. Me lembro de ir passear no cais que havia ali.Uma vez estávamos passeando a pé,por ali quando encontramos o Presidente Getulio Vargas, que parou para falar conosco. Parece que ele gostava muito de crianças.Muito sorridente nos cumprimentou e perguntou nossos nomes..

A cidade do Rio,era nesta época muito bonita,não havia ainda favelas ,na zona Sul,somente nos morros da zona portuária,onde elas surgiram no fim do século XIX. .o transporte aéreo ainda estava bem no começo,chegavam ao nosso porto muitos transatlânticos,trazendo muitos turistas.Às vezes passavam

nos carros de praça, que eram em geral os chamados Ford de bigode, bem grandes que comportavam várias pessoas. Me lembro de um acidente que aconteceu com um na rua São Clemente, quase em frente à nossa casa com turistas ingleses que iam conhecer o Jardim Botânico e o Jockey Clube..tendo até uma senhora ficado ferida..Nesta época a vida na cidade era sem preocupação,não havia roubo nem assaltos,nas ruas,podia-se passear com tranqüilidade,enfim a escola era risonha e franca....

Esqueci ainda de contar que no verão de 1937,Papai alugou uma casa em Paquetá,pois foi aconselhado por Dr.Calazans nosso pediatra ,pois Flavio estava se resfriando muito e seria bom ele fazer uma temporada de banhos de mar.A casa era na beira da praia,e bem perto da casa de Tia Laura e Tio Henrique,que moravam boa parte do ano lá.Gostávamos muito destes tios avós,o mesmo de tio Carlos e tia Cecília,também por termos mais contato com eles.Voltando a Paquetá,,eles tinham dois filhos,que eram estudantes,José Henrique e Luiz Alberto.José Henrique,já era estudante de Direito,por este motivo,durante a semana, ficava na casa de sua avó,tia Maricota,que morava na Praia de Botafogo Luiz Alberto,estudava no Colégio Militar.,e acho que era interno.Tia Laura gostava muito de nós, quando nós ficamos mais crescidos ela gostava de convidar, para passar uns dias em Paquetá,o que gostávamos muito,mas sempre chamava alguém da família ,mais ou menos da mesma idade,para fazer companhia,a minha era Vera Maria,neta de Neném ,irmã de Tio Henrique.Tia Laura brincava muito comigo,dizendo que eu iria me casar com Luiz Alberto.A casa dela em Paquetá ficava na Praia dos Tamoios,era um bangalô muito simpático,em centro de terreno,com muitas árvores frutíferas e com um morro atrás,de onde se via uma bonita vista da baía de Guanabara. Eles tinham esta casa há muito tempo,creio que antes de irem para os Estados Unidos onde tio Henrique foi em comissão da Marinha.Eles eram muito relacionados em Paquetá..Naquela época a ilha era um paraíso,com casa s grandes,de moradores do Rio,que tinham estas casas para veraneio como a família Modesto Leal e Glorinha Nunes Machado,amiga e companheira de idade de vóvó,o Pedro Bruno muito amigo de Tia Laura,que era pintor.Falando em Glorinha,eu tenho até hoje uma imagem de São Luiz Gonzaga em faiança,que vóvó,trocou com Glorinha quando elas eram ainda crianças..Outros tios que gostávamos muito eram tio Carlos e tia Cecilia,muito chegados a nós,que participavam dos eventos da família. Como não tinham filhos sempre conviveram muito com os sobrinhos e com os sobrinhos netos,nós.Moravam na rua Fernando Osório,no Flamengo.Tio Carlos era advogado e Procurador do Tribunal Marítimo.Todos nós,eu meus irmãos,íamos sempre visitá-los na casa deles,tinha um pouco de sabor de mistério e sempre ganhávamos alguma coisa de presente.Tio Carlos não tinha

horário,às vezes aparecia na casa de vovô,seu irmão depois das 10 hs para jantar.Nos nossos aniversários eles não esqueciam,telefonavam se não houvesse reunião,e mais tarde não esqueciam do presente,Isto foi assim desde que me entendia por gente, .Como moravam perto da Churrascaria Recrio,que ficava na rua Marquês de Abrantes,todo o dia ele encomendava o almoço,na Churrascaria,em geral um bife a cavalo,com batatas fritas.Imagine!

Outro episódio desta época,que me lembro bem ,foi a carta de Papai Noel que Flavio recebeu.Ele era muito levado e implicante,eu era a vitima.Estava quieta,brincando quando ele chegava por trás de mansinho e puxava as minhas tranças,eu ia atrás dele correndo,a briga começava na parte de cima da casa e ia acabar no fundo do quintal.Papai quando chegava do escritório,de tarde,recebia as queixas,mas eu acho que ele não ligava muito,então Papai resolveu dar susto nele.Estava próximo do Natal e naquela época só se dava presente para as crianças,não havia esse consumismo exagerado que existe hoje.Papai então escreveu uma carta datilografada,que começava assim: Céu 25 de dezembro de ... dizendo que como tinha se comportado mal o ano inteiro,Papai Noel resolveu não trazer presente de Natal para ele.Ele ficou no canto da sala muito “jururu”.Meu avô não gostou disso,fez ele prometer que no próximo ano se comportaria melhor,ai Papai liberou o presente dele. No dia 15 de agosto de 1939,nasceumcarcelo,filho de Octavio e tia Mariazinha

1941 –Leonel-

Mamãe ficou grávida novamente,tinha tido uma gravidez já de alto risco,quando nasceu Cristiano que devido a uma injeção errada enfraqueceu seu coração,e ele não resistiu.,morreu 3 dias depois de nascido.Naquela época,seu médico era Dr.Armando Aguinaga,que acompanhava esta próxima gravidez. O neném era esperado para janeiro de 1942,mas ao chegar próximo do mês de novembro,Mamãe teve que ser internada pois não estava passando bem.Foi feita uma cesariana,operação considerada naquela época muito perigosa.Afinal,nasceu no dia 20 de novembro,Leonel,que teve este nome em homenagem ao P.Leonel Franca,muito amigo da família e que acompanhou de perto,o problema..Eu ainda era um pouco pequena,e o pessoal escondia muito das crianças problemas de doença,faziam um certo segredo.Heloisa que era maior,com 15 anos,e já entendia certas coisas,estava muito aflita,me lembro de vê-la no corredor do

Colégio chorandoe Mère Leonor,a consolando.

Leonel nasceu prematuro,de sete meses era tão pequenino,que cabia numa caixa de sapatos de homem.Foi colocado na incubadora, e passou lá mais ou

menos um mês, até ter condições de ir para casa. Mamãe tinha feito um enxoval muito caprichado para ele com camisolas bordadas da Ilha da Madeira, compradas de D. Margarida aprendi a fazer tricô, nesta época, para fazer os sapatinhos.. Como ele era muito pequenino, logo que nasceu, Mamãe pediu a Tia Laura para fazer uns sapatinhos de boneca, para ele, pois só estes cabiam nos seus pés.. Ao voltar para casa Mamãe teve que contratar uma enfermeira para cuidar dele, Maria da Gloria, que já tinha sido nossa empregada. Ele não conseguia mamar no peito, tinham que tirar o leite de Mamãe, e colocar numa mamadeira para ele tomar.. Eduardo já tinha 6 anos, no dia que foi visitar Mamãe na casa de saúde, ao chegar no quarto, ela disse: agora você vai ficar no canto,.. quando ela viu ele estava no canto do quarto, cabisbaixo, perguntado porque, ele disse, "ué você não disse que eu estava no canto? Eduardo e Leonel, foram bebês muito bonitos. Eduardo era bem lourinho e Leonel moreninho, quando ele ficou maior parecia um japonês com os olhos puxados..

Em janeiro de 1942, Mamãe já recuperada do susto, Papai alugou uma casa para passarmos o verão em Petrópolis, ficava na rua Casimiro de Abreu, perto do Colégio Sion. Tio Pedro e Tia Zidoca, estavam na rua Buenos Aires, com isso íamos muito passear de carro, pois Margarida e Izildinha suas filhas eram pequenas e íamos ,no carro dele, com Alice a babá e Teófilo o motorista. Flavio, saía muito com Marcelo, filho de Tio Pedro. Andavam muito de bicicleta sendo que uma vez, foram os dois até a Cascatinha de bicicleta, claro que levaram um pito, pois apesar de naquela época não havia o trânsito de hoje em dia, era perigoso por se tratar da estrada União Industria, que já tinha tráfego de ônibus e de caminhões.

No ano de 1942, já em ano de guerra, começaram a desaparecer produtos estrangeiros das lojas. Apesar do Brasil, ainda não ter declarado guerra ao Eixo o que seria feito em 1943, com o bombardeio de diversos navios brasileiros, principalmente de passageiros. Muita gente morreu, pois naquela época era muito comum as pessoas viajarem de navio.. Também nesta época, começou a faltar gasolina, então Papai, ficou com um carro adaptado com gazogenio. que eram dois tubos de aço, adaptados na traseira do carro, e este se movia com a ajuda de carvão., era uma coisa muito suja, Papai então ,arranjou um chofer, Justino, para tratar do carro.. Os artigos começaram a faltar, como azeite, manteiga, mesmo havia um certo racionamento de carne, e o pão era misturado com uma outra farinha que o tornava meio escuro. Tudo isto, por causa do esforço de guerra, apesar do Brasil ainda não ter entrado nela, precisava colaborar com os países aliados. Que eram Inglaterra, França e Estados Unidos.

Mas voltando a 1937, esqueci de contar, um episódio, sobre as revoluções aqui. Formavam um círculo de informações, dando sempre a notícia que a situação estava muito difícil, dando a impressão que ia arrebentar uma revolução a qualquer hora. Depois de 1935, quando morávamos na Rua Itu, quando houve a revolução comunista, fomos ao morro ver o bombardeio., do quartel que existia na Praia Vermelha

Houve também a Revolução Integralista, acho que foi em 1937. Estávamos no Colégio e Papai foi nos buscar de carro. Fizemos uma verdadeira viagem, pois do Cosme Velho ele subiu até a estrada das Paineiras, depois descemos pela Vista Chinesa, até chegarmos ao Jardim Botânico e à nossa casa no Largo dos Leões. Quando lá chegamos a revolução tinha acabado... Acredito que tenha sido nesta revolução que Sólon Vivacqua que era estudante foi preso no Palácio Guanabara e como era ainda menor de idade, Tio Pedro foi preso em seu lugar. Depois ainda tivemos a queda de Getúlio, em 1945 e a sua morte em 1954. Foi uma coisa meio dramática. eu morava em Petrópolis, numa casinha dentro jardim do Hotel Brasil. Havia uma espécie de vila com várias casas, eu estava esperando Aloysio, vir do banco. quando ouvi as moradoras emocionadas, dizendo ele se matou!. Em geral as revoluções aqui duravam pouco e depois tudo voltava ao normal.

Quando o Brasil, declarou guerra ao Eixo, em virtude dos afundamentos de vários navios, matando muitos civis, Papai ficou preocupado com Vovô Domingos e Vóvó Nobila, seus pais. Eles eram italianos, e a Itália tornou-se aliada de Hitler. Vovô, se naturalizou brasileira, mas Vovô não. O governo estava confiscando os bens dos alemães, italianos e japoneses. Foram procurar Vovô, para confiscar seus bens, mas quando apresentou documentos, e falou que talvez fosse mais brasileiro do que eles, não perdeu seus bens. Outros estrangeiros no entanto tiveram os bens confiscados.

Em 1943, quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, houve um movimento muito grande de convocações para servir à Pátria. Os mais jovens se alistaram principalmente nas Forças Armadas. Várias moças também para serem enfermeiras. Maria Tereza Portela, prima de Mamãe foi uma delas. Lembro nitidamente de ter visto, no cinema, nos documentários que passavam antes do filme tanto do embarque como também a volta dos pracinhas, quando a guerra acabou. Mamãe tinha um primo longe chamado Aloísio, que morreu na Itália.

Voltando a falar sobre Leonel. Ele era muito levado, já aos 3 anos, não aceitava babá, apesar de todas as tentativas de Mamãe, não as aceitava, batia nelas, então Mamãe resolveu colocá-lo no colégio. Assim aos 3 anos ele foi para o Colégio Virgem de Lourdes, pertinho da nossa casa. Seu intuito era que ele se interessasse pelas atividades educacionais, e ficasse distraído, nas horas

passadas no Colégio,pois nesta época Mamãe ainda estava envolvida nas atividades da Ação Católica e não podia ficar em casa, e nós ainda estávamos no Colégio, mas não adiantou muito,pois mal ele entrava no Colégio,fugia e voltava para casa.Papai mandou colocar uma rede acima do portão de ferro,para ele não fugir,mas não adiantou muito,então no ano seguinte,ele foi matriculado no Colégio Coração Eucarístico,indo de ônibus escolar com Eduardo. Era muito “encapetado” herança de Mamãe que também foi em criança

1944

O Brasil ainda continuava em guerra junto com os aliados, os americanos construíram diversas bases navais e aeronáuticas ,nas principais capitais dos estados que julgavam estratégicos,com isso era muito comum vermos oficiais e marinheiros ,por aqui principalmente em Copacabana.Nesta época as moças se encantavam pelos rapazes que usavam farda,os rapazes prestavam exames para as academias militares.Era muito comum,quando saíamos para passear,encontrá-los fardados.Eles faziam sucesso com as mocinhas.Heloisa tinha terminado o curso do Sion,e fez vestibular para a PUC,para o curso de Línguas Anglo-Germânicas.A PUC funcionava naquela época,no prédio ao lado do Santo Inácio. Depois começaram a construção dos prédios na Gávea onde funciona até hoje. A faculdade estava no começo, não tinha ainda muitos alunos,tanto que pode funcionar nos prédios onde depois da mudança foi funcionar o Primário do Santo Inácio.

Naqueles anos ainda de guerra,era muito comum encontrar militares americanos por Copacabana,pois eles vinham servir nas bases navais e aeronáuticas,as mocinhas ficavam entusiasmadas com eles,porque eram em geral louros ,altos e fortes..Havia uma mentalidade militarista,acho que em virtude da guerra,os próprios rapazes brasileiros também foram cursar as academias brasileiras,e aos sábados quando saiam de folga estavam fardados.. Várias amigas e colegas de Colégio se casaram com eles.e também para muitas o casamento não deu certo.

Ao terminar o ano letivo de 1941,com apendicite,.fui internada na Casa de Saúde São José,e quem me operou foi o Dr.Leonidas Côrtes que era casado com a Dulce Monjardim,irmã de tia Zidoca.. Correu tudo bem e dias depois eu já estava em casa,Seguiram Flavio,Eduardo e finalmente Leonel que tinha uns 3 anos.Quando saiu da casa de saúde,teve uma pneumonia,que preocupou muito Mamãe,mas felizmente tudo passou. Vovó e Vovô,se mudaram para a rua Conde Baependi,que era uma casa,que acho que ainda existe.Tia Carmen e João Candido moravam com eles,pois Tia Carmen só iria se casar no ano seguinte.Papai e Mamãe gostavam muito de sair depois do jantar,para andar a

pé ou ir à casa de vovó, para vê-los, quando estávamos de férias eles nos levavam. Gostávamos muito disso pois quando saíamos da casa deles, Papai passava na Sorveteria Americana, que ficava na rua Senador Vergueiro, esquina de rua Paissandu. Sempre tomávamos os “sundaes” que eram uma novidade para nós. Outras vezes íamos até o Silvestre, principalmente nas noites de verão, para sentir o fresco da mata. Havia uns lugares que sentávamos. Imaginem se fosse hoje, seríamos assaltados imediatamente ao sair do carro. Como era segura a cidade. Mamãe e Papai, gostavam muito de andar a pé, às vezes, Papai parava o carro em trecho da Praia de Ipanema e íamos passear a pé até o Arpoador. Depois na volta, passávamos na Sorveteria do Moraes, na rua Visconde de Pirajá, para tomar sorvete de frutas que eram deliciosos. Tudo isso acabou, com o aumento da população. Hoje em dia você não conhece nem seu vizinho, que mora ao seu lado....

Rádio

Logo que apareceu no comércio, o rádio ligado na eletricidade, que deve ter sido nos final dos anos 20 ou principio dos 30, Papai comprou logo um. Tínhamos por hábito, ouvir os programas que eles transmitiam, era uma novidade pois antes as comunicações só se davam pelos jornais e a televisão só apareceu por volta dos anos 50. O rádio era uma novidade, quase todas as casas tinham e também ouvíamos os programas musicais e noticiários. Gostávamos muito dos programas da Radio Jornal do Brasil ou Tamoio que já naquela época tocava músicas que hoje são consideradas, boas, mas também transmitiam os programas eruditos e as óperas. Nós crianças conhecemos os cantores célebres da época, bem como as músicas populares brasileiras com seus compositores famosos, que ainda tocam no rádio. E também nos discos. Eu e Heloisa nos habituamos a ouvir os programas de cantores da época, como Francisco Alves, Carlos Galhardo Vicente Celestino, Silvio Caldas, e outros seresteiros famosos que já tinham gravado suas vozes nos discos, bem como os cantores americanos como Frank Sinatra, Nat King Cole etc. Em geral, ao chegarmos do Colégio, sempre ligávamos o rádio que tínhamos no quarto, enquanto estudávamos ou fazíamos as lições.

Nesta época com o surgimento das vitrolas e dos discos, começaram as festas de dança nas casas das famílias. Em geral aos sábados, e recebíamos muitos convites, quase sempre tínhamos festinhas de dança e tínhamos também a oportunidade de conhecermos rapazes também de famílias conhecidas e daí começaram os namoricos. Estas festinhas eram aguardadas com ansiedade por todas nós

As festinhas eram sempre nas casas de famílias amigas, em geral para festejar um aniversário ou por outro qualquer motivo. A dona da casa em geral colegas

de classe,fazia o convite nos dias de aula quando estávamos juntas..A semana inteira ficava-se planejando com que “toilette” iríamos. Às vezes era feito um vestido novo,as moças não gostavam muito de repetir o vestido..... Lembro que Mamãe mandou fazer um vestido em Setembrina sua costureira,que era de um tom lilás rosa,muito bonito.Usei numa festa,não lembro em casa de quem,só sei que Vovó,me emprestou uns brincos de ametistas rosa,em forma de flor,muito bonitos.Depois descobri que estes brincos foram dados por sua madrinha Condessa da Estrela Luiza,sua parenta e madrinha,e há pouco tempo atrás Thais,foi visitar o Museu Imperial e encontrou um retrato da referida madrinha com estes mesmos brincos.,achei muito interessante.

Em 1946,terminei o ginásio,e fui matriculada para cursar o Curso Clássico em 1947..Não pude continuar no entanto,porque não entendia as aulas de Matemática que eram dadas pelo Prof.Mello e Souza,e ai pedi a Mamãe,para me tirar do Colégio,a minha mestra de classe que era Mère Laura,ainda insistiu para ficar,pois nas outras matérias eu estava bem,mas eu não quis ficar mais.Ai Mamãe,orientada pelo P.Franca,me matriculou no Instituto Social ,para fazer o Curso de Assistente Social,que ainda não era oficializado,até que estava gostando do curso e fiz vários estágios em diversas entidades,só que quando foram determinados estágios em indústrias Papai não deixou alegando ser muito jovem e tinha de andar de trem.,pois em geral eram no subúrbio.

Por volta de 1942,eu já estava ficando mocinha,Flavio que era um pouco mais moço que eu,era amigo do Paulo Nonato,filho do Ministro Orozimbo Nonato que morava do outro lado da pracinha,um dia chegou para mim e disse que o Paulo,queria me namorar,eu fiquei ofendida,e disse que não queria.O Paulo então me mandou de presente um jabuti,imagine... Quando chegou todo o mundo em casa quis dar um nome para ela,pois era um fêmea,então não sei quem sugeriu o nome de D.Bemvinda, que era o nome da mulher do Paulo Sá,mais tarde vim a saber que a própria era prima de meu sogro,Dr. Octavio Tostes. Como íamos às festinhas de dança,sendo convidados os mesmos rapazes,em geral também moradores da zona,eu tinha também um “par constate” era o Estácio Magalhães Castro,cuja família também passava o verão em Petrópolis no mesmo hotel que nós. Falando em Petrópolis,Papai sempre tomava acomodações no Hotel Central ,até este acabar,depois íamos para o Grande Hotel.No hotel Central é que começou o conhecimento,com os Magalhães Castro,Francisco,Estácio,Ronaldo e Lívia,esta era bem mais velha,mas também era do Sion.Além dos Magalhães Castro,também estava hospedado lá o Silvio Leite Guimarães,a Elizinha Gonçalves,Cristina Pombeiro e Teresa sua irmã.

Ao fechar o Hotel,todos os hóspedes habituais,foram para o Grande Hotel,que ficava na av.Quinze, bem no Centro.Lá era muito bom,pois ficava perto dos cinemas,e ficava em frente a Confeitaria D'Angelo,ponto de encontro da garotada,à tarde.Foi ali que conheci o Eduardinho Guinle,e Isabel Campelo,que já eram namorados.No verão em Petrópolis costumam acontecer temporais à tarde repentinamente,uma vez Eduardo tinha ido ao cinema D.Pedro que era em frente,quando caiu o temporal muito forte, o rio Piabanha, subiu inundando toda a cidade.Mamãe ficou aflita por Eduardo,afinal um dos funcionários do hotel se prontificou e atravessou a rua mesmo cheia de água e pegou Eduardo,no colo,chegando este ao hotel,são e salvo.Nesta época também estava no Hotel a Maria Luiza Brandão com o pai e a mãe que saia sempre com o nosso grupo..Também estavam as Ferreira Leite,que eram do Sion .O pessoal gostava de se reunir ,à tarde ,num clube de jogo,que havia ali,pertinho hotel.,levavam uma vitrola portátil e discos e ficavam dançando.Uma tarde eu e Cristina fomos,estávamos numa boa ,dançando ,quando de repente Papai e Conde pai de Cristina entram pela sala dentro,nos chamam para ir embora.me lembro até que meu par era o Romildo Ferreira Leite,com quem estava de namorico.Não entendemos bem porque,quando chegamos no hotel, explicaram, por se tratar de um clube de jogo,não ficava bem nós frequentarmos..

Em 1945,fomos convidadas para uma festa caipira na casa de D.Cecilinha Pedrosa,amiga de Mamãe, elas moravam na rua Álvaro Ramos numa avenida de casas,sendo que a delas por ser a última tinha um jardim grande.As filhas de D.Cecilinha,Maria Cecília e Maria Luiza eram companheiras nossas,nas reuniões das benjamins,um grupo infantil da Ação Católica coordenado por Isa de Paula Machado.A festa foi bem típica .Dancei com diversos rapazes,mas notei que Heloisa estava de par constante com um.Ao chegar em casa,soube porque.e quem era , irmão de Norma Correa Meyer,colega de Heloisa de faculdade.Daquela festa engrenou-se o namoro,e em outubro deste mesmo ano eles ficaram noivos

Casamento de tia Carmen

Tia Carmen e Deusdedit depois de um longo noivado,casaram no dia 11 de dezembro de 1945,na igreja do Sagrado Coração de Jesus,tradicional, nos outros casamentos da família.Se não me engano era um sábado e à tarde.Foi um dia muito quente.Depois da cerimônia na igreja,houve um bolo e champagne,na casa de vovó,na rua Conde Baependi.Foi bem simples,devido ao estado de saúde de vovô.Mamãe e Papai foram padrinhos de tia Carmen,pois Octavio e tia Mariazinha,ainda estavam em Belo Horizonte em preparativos para a mudança em janeiro,para o Rio..Acho que deve ter sido a

última vez que vovô saiu de casa. Neste dia,devido ao calor intenso Eduardo passou mal,e teve que ir para casa,hoje seria uma desidratação.

Casamento de Heloisa

Heloisa já estava de casamento marcado para outubro de 1946.Estava fazendo o enxoval,e Papai deu de presente os móveis de jacarandá, que mandou executar por senhor português conhecido dele.Naquela época já era difícil alugar imóveis,finalmente Arthur conseguiu alugar um apartamento muito bom,no Edifício Itaú,na descida do Humaitá. O casamento ia ser simples,pois com a morte de vovô em janeiro,a família ainda estava de luto.O casamento foi no Santo Inácio,às 11 horas da manhã.pois naquela época não era permitido ser realizado à tarde,devido às aulas do Colégio.Quando acabou ,houve um almoço íntimo,para a família,na nossa casa de São Clemente. Os noivos foram passar a lua de mel,no Quitandinha em Petrópolis .Esqueci de contar que no dia do noivado de Heloisa,Leonel que tinha uns 5 anos,tomou sem que ninguém visse as bebidas que restavam nos copos e tomou um “porre”

Ávida tomava seu ritmo normal .Eu estava já mocinha,com 16 anos,sempre muito amiga de Cristina.Nós resolvemos então entrar para o curso de Corte e Costura,que era patrocinado pela Singer,em sua loja da Av. Copacabana.Tinhamos aulas 2 vezes na semana ,foi muito bom para mim pois aprendi a costurar e a bordar.Já tinha aprendido a fazer tricô,e nesta época havia a Campanha da lã,uma obra ,que nos fornecia a lã,para executarmos sapatinhos e casaquinhas para crianças pobres,residentes nas regiões frias do Brasil. Fazíamos um quantidade,que juntávamos e enviávamos para Campanha no sul de Minas,ou para o Paraná ..Nós estávamos acostumadas a fazer estes trabalhos.Mamãe sempre gostou de costurar,quando nós éramos menores ela fazia nossos vestidos que eram lindos., de algodão estampado para o verão, os tecidos eram comprados na Casa das Novidades,uma loja famosa de Copacabana que não existe mais.Ela fazia os enfeites na frente,com o “ponto smock” combinando as cores das linhas com as do tecido.Lembro também que quando estávamos no Colégio,ela executava nossas roupas de baixo.Naquela época não existia este tecidos sintéticos que existem hoje,eram feitos em morim,que Papai comprava as partidas,e ela confeccionava nossas calcinhas e combinações com os arremates de bordado inglês.Tudo era muito fácil,se precisasse de algum tecido,telefonava para a Casa Augusto que ficava na rua Voluntários e o dono,mandava o empregado,levar os álbuns de amostras para escolher.O mesmo se dava ,nos sapatos.Telefonava,para a Sapataria Pinto,e o empregado ia com uma quantidade de caixas para experimentar e escolher.Vida boa!

Quando tinha uns 7 ou 8 anos, era hábito as meninas e as moças usarem chapéu e luvas para sair. Lembro que no verão usávamos chapéus de palha de Itália, e no inverno os chapéus eram de feltro, o mesmo se dando com as luvas, que no verão eram brancas de crochê ou tricô, e no inverno eram de camurça. Até mais ou menos o final dos anos quarenta vestíamos assim, e era muito melhor, não era tão informal ou mesmo revelando um certo desleixo, como é hoje.

Nascimento de Arthurzinho

Foi uma festa a chegada do primeiro neto, para Papai e Mamãe. Vovó ainda bem moça ficou encantada por ser bisavó. Arthurzinho, nasceu bem forte e muito cabeludo, como Heloisa que também nasceu cabeluda, contava Mamãe que teve que cortar os cabelos, pois caíam nos olhos. Ainda morávamos na São Clemente, mas Papai tinha entrado na incorporação do edifício Carajás, na Voluntários da Pátria. Era um programa obrigatório para Papai e Mamãe, irem à obra, para acompanhar o andamento da mesma. Mamãe fez várias modificações na planta para tornar a moradia mais funcional, como se diz hoje.

Naquele ano, em setembro, morreu o P. Franca, muito ligado aos dois. Foi um baque grande, ele seguia bem de perto a nossa família e sempre que havia um problema, procuravam se orientar com ele. Eu já estava com meus 18 anos, tinha meu grupo de amigas e amigos que já desde Petrópolis nos encontrávamos, para ir ao cinema e depois tomar um lanche em alguma confeitaria depois da sessão. Continuávamos ainda freqüentando as festas o sistema estava começando a mudar. Em Petrópolis, no verão era freqüente eu e Cristina encontramos com os irmãos Francisco e José Joaquim Moniz de Aragão, daí surgiu um namoro meu com o José Joaquim, mas como o pai era Embaixador do Brasil, em Londres, eles voltaram para lá. Ainda recebi algumas cartas do José Joaquim, depois acabaram. É muito comum isso acontecer pois perdemos o contato com a distância.

A chegada do Joãozinho.

Mamãe, estava começando a fazer a mudança para o Carajás e Heloisa já estava próxima de ter o outro neném. Estava marcada a saída dos móveis para o dia 6 de julho, ela já tinha levado no seu carro, todos os objetos delicados como cristais, bibelôs etc. No dia 6, de madrugada Artur telefonou, avisando que Heloisa já estava na casa de saúde, para ter o neném. Eu ainda estava dormindo, mamãe me acordou, e pediu para ir para a casa de Heloisa para ficar com Arthurzinho, que tinha apenas 1 ano. Lá fui eu, para lá. Nasceu naquele dia um neném muito bonito, que se chamou João Gaspar. Teve este nome em homenagem aos seu avô paterno Dr. João Gaspar Corrêa Meyer. Mamãe achou melhor eu ficar com Arthurzinho, até Heloisa voltar para casa, com isso

não participei muito da mudança. Nesta época eu estava namorando o Mauricio Calmon, filho do Pedro Calmon. Tinha ido com Mamãe a uma festa de dança em sua casa. Com a mudança para o apartamento ficamos um bom tempo, sem telefone, pois naquela época era bem difícil a instalação. Tinha dado o telefone de Heloisa, para ele. Já estávamos instalados do apartamento, mas sempre sem o telefone. Foi morar também lá o Almirante Milanez que era amigo de vovô, como ele era ministro do Supremo Federal, tinha telefone em casa, com isso podíamos ter alguma comunicação com o resto da família.

Me lembrei agora que o Clube que freqüentávamos em Petrópolis, à tarde, chamava-se Alcântara, que de noite era cassino, por isso Papai e o Conde foram nos buscar, com medo de sermos visadas. Imagine!

1949

Mamãe nesta época resolveu começar a freqüentar a missa da Igreja de Santa Terezinha, onde era vigário o P. Leovigildo Franca, irmão do P. Leonel e também a freqüentar a casa de D. Maria Franca, que morava no Leme, mudou um pouco o ambiente pois travou novos conhecimentos e amizades. Depois da missa de domingo, havia um café, dos paroquianos, para angariar fundos para ajudar a igreja. Vendiam coisas deliciosas feitas pelas senhoras, como D. Djanira Aguiar Moreira, e outras. Nesta época como eu era bandeirante, fui trabalhar com Heloisa Souza Reis que editava a revista da entidade. A sede era no Palácio São Joaquim. Era um trabalho bom de fazer, e me ocupava o tempo. Os meninos ainda estavam no Colégio Santo Inácio, Flavio quase no final do curso e Eduardo neste ano foi reprovado em todas as matérias, menos em inglês. Mamãe, tinha ido ao Santo Inácio e depois da missa foi à Secretaria para saber o resultado. Chegou em casa, muito aborrecida, eu estava na varanda lendo o jornal, quando ela me perguntou por Eduardo, eu disse que ele estava no banheiro, aí ela telefonou para o escritório e deu a notícia para Papai. Eduardo estava quietinho escutando tudo. Ao chegar em casa, Papai, falou: "olhe o prejuízo que você causou" Resultado ficou de castigo.

Naquele ano, Papai alugou para o verão, uma casa de um amigo na rua Alberto Torres, em Petrópolis. Flavio gostava de ir para Guarapari, para a casa de Zezé Vieira primo de

Papai, cujo filho José Carlos era da mesma idade. Fomos então para Petrópolis, juntamente com Heloisa, Arthur e os dois meninos. A casa era boa, tinha um jardim na frente, e era comum o Joãozinho que tinha 5 meses ficar no carrinho, era um bebê tão bonito que as pessoas que passavam, paravam para ver e elogiar, por ser tão bonito. Nestes anos quarenta morreram muitas pessoas da nossa família, irmãos de vovó.

A primeira foi tia Sinhazinha Bahia,seguida de tio Nhonho (Mario Maya Ferreira,) Tio Juju(Carlos Maya Ferreira) irmãos de vovó,Em 1946,vovô, João Candido Brazil Junior, sua irmã tia Sinhazinha Portela(Maria Luiza Machado Portela..A família começou a diminuir,principalmente a de vovó que tinha 8 irmãos.

1950

Foi o primeiro ano Santo,que eu me lembro.Começaram a organizar nas paróquias as peregrinações aRoma.O Mons. Franca,falou com Mamãe que ia sair uma da igreja de Santa Teresinha, para eu ir,mas Papai achou que seria dispendiosa,e não aprovou a idéia.Eu comecei a me dar com a Didoca,filha de D.Maria, ia muito à sua casa, pois havia muitos amigos freqüentando.No dia 2 de maio,aniversário de Betinho,seu irmão foi oferecido um jantar,lá eu conheci entre outros , Myriam e Aloysio Tostes.Aloysio tinha sido colega de Betinho,no colégio Padre Antonio Vieira,e era muito amigo dele.Depois do jantar,colocaram música e começamos a dançar. Conversamos muito e depois dançamos de par constante,até terminar a festa.No dia seguinte,quando acordei ele me telefonou .e combinamos de almoçar em sua casa.Eles moravam nesta época num apartamento na av. Atlântica no posto 5,quase esquina de rua Souza Lima.Os pais dele se encontravam em Miracema,mas seus irmãos,Myriam e Marcelo,estavam em casa,e me receberam muito bem.Aloysio,já trabalhava no Banco Ribeiro Junqueira,que era da família,e estava se preparando para fazer vestibular de Direito.Quando D.Emerenciana, chegou ,Aloysio me convidou para ir assistir uma apresentação da Orquestra Sinfônica Brasileira,no Teatro Municipal,e me apresentou à sua mãe..Ela gostou muito de mim,principalmente por ser ex-aluna do Sion,e de família já conhecida e bem constituída. O namoro começou,bem forte.Em geral combinávamos de ir aos sábados almoçar na casa de Aloysio,pois ele gostava de aproveitar a praia principalmente.Havia um grupo que se encontrava na sua barraca que era bem grande.Entre as do grupo estavam as Berardinelli, Anita e Letícia,sendo que a última tinha sido minha colega,no Sion.Depois do almoço,sempre íamos ao cinema,que naquela época havia vários em Copacabana como o Metro Copacabana,o Rian,o Roxy, e ainda havia o Ritz, em Ipanema íamos ao Astória,e o Pax. Hoje em dia destes citados só existe o Roxy.Depois do cinema,gostávamos de passear na praia ou ver vitrines na av Copacabana,ou na Visconde de Pirajá.Sempre tomávamos u, lanche,depois do cinema,se em Copacabana,nas Lojas Americana ou na Sorveteria Americana,em Ipanema na Confeitaria Pirajá onde um dos garçons era o João Pimenta filho de um agregado de AngraO Rio nesta época ainda era o Distrito Federal,a vida bem tranqüila e agradável,era o inicio dos “anos dourados”

A nossa principal condução era o “bonde”,que era muito agradável de viajar,pois eram abertos,sendo isso importante principalmente no verão portanto muito frescos. Havia algumas linhas de ônibus,mas muito poucas que eram exploradas pela Light,que também explorava os bondes.Já no final dos anos 50 começaram a aparecer os “lotações”Como era a capital da República,havia muitos prédios imponentes,no centro da cidade, as sedes dos Ministérios Senado Federal,que ficava no final da av.Rio Branco,que foi demolido para a construção do Aterro do Flamengo..Ainda restam o Palácio Tiradentes na rua 1* de março, que era a Camara dos Deputados e hoje é a Camara Estadual e outro onde funciona hoje a Camara dos Vereadores.A população era bem menor,andava-se com facilidade sem estar dando encontrões.

Neste ano de 1950,foi realizada aqui no Rio,a Copa do Mundo de futebol,quando foi construído o Maracanã,para a realização dos jogos.Já havia entre os brasileiros muito interesse,pelo futebol,mas não com a loucura que é hoje. No dia do último jogo.que era decisivo,o pessoal estava muito empolgado,desejando a vitória do Brasil.Fomos todos para a casa de D.Maria,no Leme,,para ouvirmos o jogo pelo rádio,foi uma decepção quando o Brasil,perdeu,todo mundo ficou cabisbaixo....

Em Angra,havia uma antiga fazenda da família de vovô,que devido a diversos inventários,não restou muito pouco,Quem administrava era Tio Carlos,tinha uma casa velha que davam o nome de “Chalet” acho que foi construída por vovô almirante,pois sempre ouvi dizer que ele dizia:”para mim só Paris ou Angra” Estas terras ,além da casa já bem antiga,tinha uma cachoeira,onde tomávamos banho,quando íamos lá.,as casas dos agregados ,e a Praia da Chácara que se estendia numa faixa grande.Não podíamos tomar banho de mar,pois ela tinha o “perau” um lodo muito forte,que sugava a pessoa,que entrasse no mar.Tia Carmen e Deusdedit sempre iam à Angra nos feriados grandes e sempre me convidavam para ir com eles.Houve até um ano que eles chamaram também Eduardo,mas este apareceu na véspera com com um febrão e Mamãe não deixou ele ir. Nestes anos ainda havia uns restos de móveis na casa,eram a mobília da casa de vovò Luiza que após sua morte ruiu.Conseguiram salvar uns dois consoles de jacarandá com mármore,um oratório, e algumas imagens de santos,inclusive uma Nossa Senhora do Vale que datava de 1700 e pouco quando a fazenda e as terras,foram compradas por nossos antepassados,um crucifixo muito bonito , uma imagem de Nossa Senhora menina com Sant’Ana, um São Pedro,e outras,todas eram em madeira,sendo que a Nossa Senhora,tinha uma coroa de prata portuguesa,brincos com pedras semi preciosas.Pouco antes do Chalet ruir elas vieram para o Rio.A Nossa Senhora e o Crucifixo ficaram com Mamãe,sendo

que o Crucifixo , Mamãe deu para Santinha uma prima dela que morava em São Paulo.e que nunca mais soubemos noticias. A Nossa Senhora ficou lá em casa até pouco antes de Mamãe morrer,quando uma moça que tinha uma fazenda aqui no Estado do Rio, comprou para colocar na Capela da fazenda.Já nos anos 50 a propriedade estava bem abandonada,tinha um agregado o Davi,que tomava conta,e já havia na família ,um medo de invasão das terras.Imagem!

Foi nessa época que meus tios foram procurados pelo Ruy Solberg,para comprar as terras.Como tio Carlos já havia falecido.acharam melhor vender a parte deixada por vovô e por ele,pois tia Cecília também quis.Ainda ficaram com terras que eram pertencentes à Tatá,nossa tia avó que morreu solteira.Esta herança já era mais complicada pois também eram herdeiros os Machado Portela,primos de Mamãe,Marcelo filho de Sylvia Brazil,ai houve um desentendimento entre eles e nessa época Fernando Portella brigou até com Mamãe.. Anos mais tarde,quando uma vez fomos à Angra,ficamos com muita pena,pois aquelas terras tão bonitas tinham virado uma enorme favela.A última vez que fomos lá ainda encontramos alguns objetos no Chalet,e conseguimos trazer para o Rio,inclusive uma lanterna,para a sinalização ,com os vidros coloridos,que Aloysio que era muito jeitoso,transformou em um abajour.Hoje esta lanterna está com a Victoria. Apesar das terras terem sido vendidas,tia Mariazinha e Octavio ,no restante,construíram um casa pequena,para férias bem próxima da cachoeira.Conseguimos reconhecer o local das terras,primeiro,a Prefeitura de Angra tinha desapropriado um pedaço para fazer um campos de futebol,segundo cortavam as terras,a estrada de ferro,e a estrada de rodagem..O restante das terras depois foram vendidas ,apesar dos desentendimentos entre os parentes.

1951

Eu continuava a namorar Aloysio e resolvemos ficar noivos no dia do meu aniversário.Como era praxe na época,os pais do noivo,iam visitar a família da noiva para fazer o pedido.Neste dia recebi uma corbeille do Dr,Octavio,meu futuro sogro,e à noite,meus sogros,foram à nossa casa e fizeram o pedido de casamento,a meus pais.Ficou combinado que ficaríamos noivos durante uns 2 anos,pois já naquela época era um pouco difícil a moradia no Rio...Aloysio então, resolveu pedir transferência no banco,para Miracema,e trancar a matricula na Faculdade, ,pois Dr.Octavio,estava muito doente do coração.Já tinha tido vários enfartes e não podia mais dirigir os negócios e a fazenda de sua propriedade lá.Como ele tinha em Miracema,muitos imóveis de aluguel,restantes do prejuízo que teve com um sócio,Aloysio escolheu uma casa ,de 2 quartos e sala,que ficava numa rua transversal à rua principal e começou a reformá-la.Papai nos deu de presente todos os tacos,que vieram da serraria de

Cachoeiro. A casa foi toda reformada e ficou muito boa. Suas atividades eram muitas, mesmo numa cidade pequena, pois tinha que tomar conta da fazenda, onde ia todas as manhãs, depois ia para o banco, e quando acabava o expediente no banco, voltava à fazenda para ver o trabalho da turma, pois esta era de plantação de arroz. Eu continuei aqui no Rio, preparando meu enxoval e dando umas aulas particulares de francês. Assim transcorreu o ano, nos comunicávamos por carta, pois o telefone apesar de ter na casa de Dr. Octavio, era muito precária a comunicação, às vezes esperavam horas para completar uma ligação. Estes serviços eram bastante precários no interior do Estado do Rio nesta época. Esqueci de contar que ganhei de Aloysio, como noivado uma aliança de rubis, com a data gravada, infelizmente esta jóia foi roubada num assalto ao Banco Boavista onde estavam guardadas as minhas jóias de algum valor.

Ainda em 1946, saiu um decreto do Presidente Dutra, proibindo o jogo de qualquer espécie, exceto as corridas de cavalo e a Loteria Federal. Todos os cassinos foram fechados e muita gente ficou desempregada, mesmo os artistas que faziam espetáculos

nestes. A vida noturna no Rio, teve um baque muito grande. Este decreto foi inspirado pela sua mulher D. Santinha que era muito católica e também pela Igreja que fazia campanha contra o jogo. Com isso Getulio Vargas, que saiu da presidência devido a um golpe militar em 1945, candidatou-se a presidente da República novamente e se elegeu.

Ainda em 1951, Tia Carmen e Deusdedit, tiveram a primeira filha > Nasceu no dia 20 de janeiro, Tais.

1952

Tia Mariazinha e Octavio, voltaram de Curitiba, onde estava servindo, e foram morar na casa da Praia de Botafogo, pois este herdou a casa das irmãs Aracy e Iracema que tinham falecido.

A vida no Rio, nesta época ainda era bem tranqüila, ainda havia muita vida de família. Aos domingos era comum, os almoços na casa dos pais, que reuniam os filhos e netos. Isto era muito bom, pois era uma maneira de continuar os contatos. A cidade já estava começando a crescer. Começaram a aparecer muitos edifícios, nos diversos bairros. Onde antes havia uma casa de uma família, começaram a erguer os edifícios onde moravam muitos. Copacabana, que tinha se tornado uma praia famosa mundialmente, sendo já a av. Atlântica um paredão de prédios. Ipanema e Leblon estavam começando a serem edificadas, as casas e vilas, foram se tornando apartamentos, de três ou quatro andares, o mesmo se dando com o Leblon. Tenho ainda uma nítida lembrança de meus tempos de menina, que íamos passear no bonde Jardim

Leblon, que ia até ao bar 20 em Ipanema, os trilhos ali nas imediações da rua Dias Ferreira ficavam no areal.

Aloysio teve uma folguinha nas atividades de Miracema, como nossa casa já estava pronta, resolvemos marcar a data do nosso casamento, no dia 18 de março, às 11 horas, na Igreja de Santo Inácio. Passei o resto do ano, preparando tudo, pois teria que mandar para lá todo o meu enxoval, e outros objetos meus antes do dia do casamento, por uma transportadora. Meu vestido de noiva, foi de organza bordada, mas o Padre achou que estaria um pouco transparente, então Mamãe combinou com Setembrina, a nossa costureira, para fazer outro vestido também de organza lisa, para ficar embaixo...

1953 – Meu casamento.

Naquela época os casamentos civis e religiosos eram celebrados separadamente, então nos casamos no dia 17 de março, à tarde no Fórum e no dia 18 o religioso. Eu queria ter marcado o casamento para o dia 19, dia de São José, mas Mamãe, se opôs, alegando que tio Carlos e Tia Cecília tinham se casado neste dia e o casamento deles não tinha sido nada feliz. Meu casamento foi celebrado pelo Padre Cerrutti, que era muito amigo de Papai e pelo Padre Oliveira reitor do Colégio Santo Inácio, também muito nosso amigo..

Foram meus padrinhos no Religioso, Heloisa e Athur, e no Civil, Antonio Corrêa e sua esposa Dulce. Corrêa era um dos sócios da firma Vivacqua Vieira, companheiro de Papai.. Depois do casamento foi oferecido um almoço, no nosso apartamento, com um Buffet da Casa Imperial, que nessa época se encarregava deste serviço, sendo que os doces foram feitos por Adélia, uma doceira famosa aqui no Rio, na época. O bolo também foi feito por outra doceira. Na véspera do meu casamento, faleceu tia Marieta, que era casada com tio Juju, irmão de vovó. Mas paciência, seria impossível, não dar a festa pois tudo já estava encomendado e pronto. Neste almoço foram os meus tios ainda vivos, minha avó, Luízinha, que estava muito bonita, alguns primos de Papai que moravam no Rio, e alguns amigos de meus pais, como Sylvia e Luiz Dias, Gastão Cavalcanti que seria meu padrinho junto com Alicinha, sua mulher que faleceu no ano anterior.

Fomos passar a lua de mel em Friburgo, no hotel Saint Souci. Naquela época as viagens eram mais difíceis do que hoje. Para chegar a Friburgo, de ônibus, tivemos que atravessar de barca para Niterói, lá tomamos o ônibus para Friburgo. Saímos por volta de umas 3 horas da tarde e chegamos ao hotel, por volta de 11 horas da noite. Imagine!

Passamos uma semana lá, tudo muito bom, nos deliciamos com os lanches, numa casa de chá, que havia na praça, pois nesta época ainda havia o trem, que passava pela praça, tudo muito bucólico. O hotel era muito bom, a comida muito gostosa e tinha nos arredores, passeios muito bonitos, que

fizemos..Como a viagem de ida tinha sido muito demorada voltamos para o Rio de trem.O trem parava em várias estações,e quando paramos em Itaboraí,onde funcionava a fábrica de doces da Confeitaria Colombo,compramos as latinhas de doces cristalizados,que esta vendia aqui no Rio.

Passamos uns dias no Rio, e fomos para Miracema. Eu estava já com vontade de conhecer minha casa,e de arrumá-la.Nós tínhamos comprado os móveis na Gelli,aqui no Rio..Meu enxoval já tinha ido,também. Tudo estava nos esperando para começar uma nova etapa da minha vida.

Naquela época estava sendo construída a rodovia Rio Bahia,no trecho entre Bemposta e Porto Novo do Cunha. Para chegarmos a Miracema,tínhamos de enfrentar esta estrada ,pois apesar de Miracema,estar no estado do Rio,entrávamos em Minas,para chegar à Pádua e depois Miracema,que fica bem no noroeste.Aloysio,contratou um motorista que servia aos diretores do banco,e fomos no carro de Dr.Octavio No carro iam os presentes de casamento e outros objetos que não puderam ir pela transportadora.Depois que deixamos a serra de Bemposta,encontramos um enorme lamaçal,para chegar à estrada para Porto Novo,o carro teve que ser puxado por um trator que estava trabalhando na estrada.Finalmente chegamos a Porto Novo, que é uma cidade ,banhada pelo rio Paraíba,,onde tem uma ponte,para entrar na estrada para Pirapetinga,já no estado de Minas,passamos por Estrela Dalva,outra cidadezinha de Minas e finalmente entramos na estrada para Pádua,que fica a uns 20 minutos de Miracema..Foi uma viagem demorada e cheia de imprevistos.Finalmente,chegamos a Miracema . A cidade era bem bonitinha,pequena,nossa casa ficava bem próxima da praça principal,onde havia a igreja,em estilo meio gótico. A rua principal,tinha muitos sobrados,onde no térreo,estavam as lojas principais como farmácia,loja de utilidades onde vendiam tudo,inclusiva papelaria,e eletro domésticos como o liquidificador que tinha aparecido na época.. O nosso ganhamos de presente de Betinho,nosso padrinho de casamento.Gostei da casa,pois tinha o conforto que existia na época.só não tinha fogão a gaz,era de lenha mesmo.Aprendi a cozinhar no mesmo.Atrás da casa tinha um quintal,com um portão que dava para o riacho Santo Antonio que passava por ali.

Flavio estava trabalhando na Agencia Ford de Itaperuna , com Fernando Vivacqua meu primo ,que era o gerente.Estava mais ou menos próximo,pois de Miracema a Itaperuna de carro devia se fazer em uma 2 horas.

Neste ano em setembro,morreu aqui Tio Sylvio,irmão de vovó,no dia do seu aniversário,após a comemoração,quando ia dormir.A morte dele foi muito sentida na família,pois era uma pessoa muito agradável e simpática.Era pouco mais moço que vovó com uma diferença de mais ou menos 1 ano ou 2.

Mamãe foi a Miracema com Leonel, para conhecer a minha casa

Ela achou a cidade muito atrasada.,mas a casa muito boa.Como sempre as mães querem seus filhos perto acho que ela gostaria que fosse mais perto do Rio.Com a nossa ida para lá,Dr. Octavio,foi ficar conosco,pois a Myriam irmã de Aloysio,tinha ficado noiva e D.Emerenciana tinha que ficar mais no Rio,para cuidar de seu casamento.Dr.Octavio já estava muito doente,mas como eu não conhecia meu avô Domingos que morava em Cachoeiro do Itapemirim,ele resolveu ir conosco à feira agro-pecuaria de Cachoeiro, que daria ensejo,para ir visitá-lo e conhecê-lo. Vovô era um senhor alto e magro,era careca,mas um velhinho muito simpático,que nos recebeu muito bem.Ele morava em uma chácara no final de uma rua,a casa era grande,com varanda e cercada de árvores frutíferas,principalmente de mangueiras.Ele gostava de se ocupar fazendo umas caixas de madeira,e sempre mandava para Papai cheias de mangas colhidas em sua casa. Apesar de sua idade já avançada estava muito bem informado de tudo que se passava,pois além de ler os jornais,ouvia os noticiários da rádio Jornal do Brasil., o dia todo...Tia Mariquinhas,irmã de Papai,morava bem perto dele,e com isso ela cuidava de sua casa.Dr.Octavio, ficou hospedado no hotel.Nós ficamos na casa de vovó Nobila que ficava no Centro da cidade.

A casa de vovó,era um bangalô,cercada por um jardim,e na parte de trás tinha o quintal com várias árvores frutíferas lembro bem das figueiras,pois quando era época,ela mandava para nós,os figos cristalizados e o licor,feitos por ela juntamente com uns biscoitinhos de polvilho,que eram uma delicia.Vovó era uma senhora bem baixinha,vaidosa, e tinha mãos de fada,apesar de pequenas,com isso ela trabalhava muito bem em crochê,gostava de fazer toalhas de mesa,para dar de presente,para as noivas da família,também recebia encomendas pois as toalhas eram muito bonitas e finas..Ela encomendava as linhas aqui no Rio,para o Toninho,filho de tia Mariquinhas que entregava a Papai que mandava para Cachoeiro.,Esta habilidade manual acho que herdei dela.Foi muito boa a nossa viagem a Cachoeiro,pois tive a oportunidade de conhecer meu avô,que pouco tempo depois morreu.

Nesta época,Leonel,que estava com seus12 anos,ia ser crismado,estava escolhendo o padrinho,como queria ter uma caneta Parker, estava em dúvida,se Aloysio ou Arthur,finalmente escolheu Aloysio,que lhe deu de presente a tão almejada caneta.

1954

Já no final de 1953,viemos ao Rio,pois Aloysio estava querendo voltar aos estudos de direito,então foi falar com o Dr. Carlos Luz,então na presidência do banco,e pediu que o transferisse para uma cidade próxima ao Rio.Tinha vaga

em Petrópolis,então nos mudamos para lá no principio do ano.Papai tinha muitos conhecimentos em Petrópolis pois sempre veraneávamos lá.Procurou uma senhora chamada D.Olivia,que era encarregada de alugar as casas da viúva Figueira de Mello,e esta indicou uma casa ,tipo um chalé,na entrada do Hotel Brasil,na rua João Caetano, e nós alugamos.Era uma peça grande,um banheiro e uma cozinha e também uma varandinha.Um freguês de Papai .que tinha uma madeira cedeu,as placas de compensado,e um marceneiro,que fez a divisão interna.A peça era tão grande que ficamos uma sala comprida e 2quartos.Aloysio,foi trabalhar no banco,cuja agência era na av.Quinze,no centro.A nossa rua ficava bem próxima da estação e também do Colégio Sion. Como Aloysio saia de manhã para trabalhar e eu ficava em casa,depois do almoço, ficava bem desocupada,então Mamãe se lembrou de falar com MèreMarie Josèe,que era a superiora do Sion,para dar uma ocupação para mim na parte da tarde.Eu sempre ficava lá depois do almoço. Como era um internato,as mais velhas já tinham uma certa liberdade e gostavam de dar uma volta na cidade,então elas iam comigo. O ano de 1954 foi um dos melhores de minha vida,adorava a moradia em Petrópolis,principalmente no inverno,que fazia bastante frio,e sempre íamos ao cinema à noite,bem agasalhados.Foi um tempo muito bom,que deixou saudades.Em geral vínhamos ao Rio,passar o fim de semana .Desciamos aos sábados<à tarde e voltávamos na segunda feira de manhã,antes do banco abrir.Dr. Octavio já estava muito doente,vindo falecer em novembro deste ano.A fazenda já estava sendo administrada por D.Emerenciana, ajudada pelo Marcelo irmão de Aloysio que já tinha ,acabado o curso e se preparava para fazer o vestibular de direito

Esqueci de contar que quando morávamos em Miracema íamos muito à Leopoldina,berço da família de Aloysio. Ele tinha uns tios avos,que moravam lá numa casa enorme e bastante antiga,mas muito acolhedora,,Foi lá que Aloysio nasceu a casa da Titita e do Turrico que tinham muitos filhos

Era uma casa muito acolhedora ,com muitas pessoas pois só de filhos eram uns 8 se não me engano.. Sempre que voltávamos a Miracema,passávamos uns dias na casa deles em Leopoldina pois era mais ou menos perto,bem como em Cataguazes ,onde nasceu meu sogro..Já no final deste ano entre outubro e novembro,perdemos vovô Domingos,que estava bem idoso e Dr. Octavio que estava muito doente..

Ainda em 1954,,suicidou-se Getúlio Vargas,o que causou uma comoção muito grande no povo.era o final de uma crise política e ele ,acho que desiludido até com familiares,deu um tiro no peito..Eu estava em casa,de manhã,quando ouvi uma gritaria, de moradores na vila de casas,então liguei o rádio que estava dando a noticia de sua morte.

Flavio não quis continuar em Itaperuna, e nem na firma, então entrou num cursinho e se preparou para fazer o concurso para o Banco do Brasil. Ele que já tinha trancado a matrícula na faculdade de direito, achou melhor tentar o concurso, que fez com êxito.

No final de 1954, resolvemos voltar a morar no Rio. Aloysio voltou a trabalhar no Banco Ribeiro Junqueira, e eu fui trabalhar no Sion, como mestra de classe substituindo Mère Lucinda, que tinha sido operada do trigêmio. Fiquei com a classe Verde, correspondente ao 4º ano primário. Alugamos um apartamento bem pequeno, no principio da rua João Afonso. Aloysio recomeçou a faculdade. Assim comecei a acompanhar Mamãe em suas atividades sociais.

Nesta época a Puc estava para ter alguns prédios inaugurados. Papai era muito amigo do Ir. Francisco, um jesuíta alto e forte e também do Padre Veloso, com quem ele trabalhou na diretoria da Congregação Mariana. Papai forneceu muita madeira para a construção da Puc, e o Padre Veloso que era engenheiro se encarregou da sua construção. Na véspera da inauguração que começaria com uma Missa Campal, fui com Mamãe, ajudar na organização da missa..

No dia seguinte, 17 de julho, estávamos nos preparando para a Missa em casa, quando Leonel, bateu na campainha e avisou que Flavio tinha sofrido um acidente, de madrugada e que estava muito mal, no Miguel Couto. Nós já estávamos morando na esquina de Camuirano com Voluntários, e não tínhamos telefone em casa, pois naquela época era difícil conseguir uma linha.. Em vez de irmos para a Missa fomos sim para o Miguel Couto, para ver Flavio.

Começou ai um calvário, para Papai e Mamãe.. Depois de um período de vida muito bom, eles começaram a ter grandes preocupações. Ele ficou muito mal, quase que morreu. Não podia ser transferido para uma casa de saúde, pois estava preso., como causador do acidente. Estava numa enfermaria comum. Leonel, Arthur e Aloysio, se revezavam à noite em sua cabeceira.. Finalmente, Atilio, primo de Papai que era senador, e amigo do Prefeito Alim Pedro, conseguiu que ele fosse transferido para um quarto onde era a capela do hospital. Ele foi operado, pois teve fratura de bacia com vários órgãos internos perfurados, e por fim uma peritonite.. Estava à morte, quando um médico, com a autorização de Papai e Mamãe, fez uma espécie de alimentação que o salvou

Logo que foi possível, foi transferido para a Casa de Saúde São José. Passou um bom tempo depois voltou para casa ainda com várias seqüelas. Com isso teve que ser adiada sua posse, no Banco do Brasil. Por fim, conseguiu e foi para São Paulo, trabalhar lá.

No meio do ano mais ou menos o Padre Oliveira que era Reitor do Colégio Santo Inácio, sabedor do meu trabalho no Sion, me chamou e conversou comigo sobre a possibilidade de abrir um curso Primário, no Colégio, pois nessa época os alunos entravam para o Curso de Admissão, correspondente à 5ª. série. Como a Puc tinha desocupado o prédio anexo, que era de 3 andares, atrás da Casa Joppert, ainda existentes até hoje, eu topei. Seria um trabalho bem grande a enfrentar com a cara e a coragem...

Ficou decidido, que seriam abertas matrículas para alunos que iriam cursar a 1ª. e 2ª. séries do Primário. Muitas famílias, principalmente as que já tinham filhos no Colégio, procuraram logo matricular as crianças, para facilitar a ida para o Colégio, indo juntos, com os irmãos.. Para mim foi muito bom, pois estava morando na rua Voluntários e podia ir para o Colégio, a pé.. Pedi então demissão do Sion, as freiras lamentaram bastante a minha saída, mas eu estava vendo a proximidade, pois para ir ao Cosme Velho, eu tinha que tomar dois bondes.

1956

O primeiro dia de aula, foi 6 de março de 1956, oficialmente também a data da minha contratação. Foi combinado que eu seria encarregada e responsável, pelos alunos e professoras. Começamos com 6 professoras, uma ajudante que Mamãe pediu ao Reitor, a vaga para Andréia, minha prima.. As aulas começavam às 12,30 e terminavam às 16,30

Meu horário no entanto era diferente, tinha que começar na parte da manhã, pois tinha que organizar a secretaria, o atendimento aos pais e professoras, o que fiz orientada pelo Sr. Elpidio, secretário geral do Colégio. Arthurzinho e Joãozinho, foram dessas primeiras turmas. O primeiro no 2º ano e o outro no 1º ano. Neste primeiro ano, eu fiquei com uma turma do 1º. Alguns estavam alfabetizados outros ainda não.. Foi um trabalho grande que me absorveu muito.. O ano transcorreu e no final do ano, os pais avaliaram o sucesso do Primário.

Quando chegaram as férias, fomos para a fazenda, passar o mês de janeiro.. Marcelo, meu cunhado já estava casado com a Gilda Hermanny, e estava morando lá, portanto a fazenda estava organizada, e D. Emerenciana também estava lá, se dando o mesmo com a Myriam, minha cunhada, que já tinha sua primeira filha a Luciana.

1957

Com o sucesso do Primário, no ano anterior, houve muita procura para matrículas e com isso tivemos de aumentar o número de turmas, 6 turmas para o 1º ano, e mais uma para o 2º ficando este com 3 turmas.. Entraram muitos alunos, filhos de pessoas ligadas por relações de amizade à nossa família, e muitos filhos de ex colegas minhas e de Heloisa..

Aumentamos o número de professoras, inclusive com algumas ex alunas do Sion, que foram minhas contemporâneas lá. Hoje em dia, eu penso como fui corajosa em aceitar esta missão. Acho que por não ter tido filhos, pude me dedicar mais ao trabalho, uma vez que o meu casamento com Aloysio era muito tranqüilo, sem brigas ou desavenças, pois nos dávamos muito bem.

Ainda em 1955, me lembrei de alguns episódios. Neste ano foi feita uma eleição para presidente da República, e Juscelino Kubitschek venceu. Havia muita discordância entre os partidos, UDN e PSD, como os partidários da UDN não concordavam, se rebelaram antes da posse, e o Carlos Luz então presidente da Câmara dos Deputados, foi se refugiar no porta aviões Minas Gerais, pois estava exercendo naquele momento a presidência da República. Como sempre estas revoluções duravam pouco e esta depois de uns tiros dados na baía da Guanabara, terminou. Era comandante deste porta aviões, o Luiz Brasil, primo de Mamãe.

Juscelino, já estava pretendendo, construir Brasília, foi um dos carros chefes de sua campanha presidencial. Ele tinha a mentalidade muito progressista. O Rio que era a Capital do Brasil, já estava “pequeno” para o progresso que iria implantar. Começou logo a construção de Brasília, sendo que com os planos de Oscar Niemeyer e de Lucio Costa, grandes arquitetos brasileiros, convocou também vários ajudantes para esta obra sendo um deles o Bernardo Sayão, que era irmão de D. Maria Motta Maia, e suas filhas Lais e Leia, eram também nossas contemporâneas no Sion. Contam sempre que Brasília naquela época era cheia de índios, e que o Bernardo morreu devido a uma flechada.

Vários cariocas foram para Brasília, para trabalhar nas obras da construção. Um deles foi o Cláudio Sant’Anna, marido de Norma irmã de Arthur, e se radicaram lá.

No Rio, começamos a notar várias modificações, por exemplo, antes os carros eram de fabricação americana ou européia, foi instalada a Fabrica Nacional de Motores, que ficava em Xerém, aqui no Rio. Começaram a aparecer caminhões fabricados lá e também, as caminhonetes Rural, que até Papai teve uma logo que apareceram. As fábricas de automóveis começaram a se instalar no Brasil, e a fabricar novos carros, o que aumentou muito a frota, que antes era bem pequena, pois os carros importados eram muito caros. Começamos a sentir esta onda de progresso no Brasil inteiro.

Meu trabalho, no Santo Inácio, se intensificou, pois, devido ao sucesso do nosso curso, cada ano aumentava mais a procura dos pais. Tinhamos de fazer uma prova de seleção, pois as vagas eram poucas em relação à quantidade de alunos. Já tínhamos, nestes anos de 1957 e 1958, a 3ª e a 4ª séries, no lado do Primário, e tinha dobrado o número de professoras também. Não era fácil o

meu trabalho,pois tinha atender a todos,inclusive os pais de alunos que me procuravam.

Em 21 de abril de 1960,Brasília se tornou a Capital do Brasil,e o Rio, foi denominado Estado da Guanabara.

Com a abertura de estradas ligando o Brasil,começaram a aparecer as favelas nos morros do Rio,pessoas de vários estados,vinham para cá em busca de empregos e sem moradia,foram se instalando,nos belos morros do Rio.... Assim começaram as favelas e a violência,infelizmente.

No ano de 1961,finalmente o apartamento que compramos ficou pronto e para lá nos mudamos.Era pequeno de um quarto e sala.com todas as dependências.Tinha sido financiado pelo Banco Credito Real,D.Emerenciana comprou o ao lado do nosso,como ela ficava muito tempo em Miracema,ajudando o Marcelo que administrava a fazenda,o objetivo era ter um lugar,para ficar quando viesse ao Rio,bem como a Gilda e o Marcelo em suas vindas ao Rio,pois ela tinha a família aqui.

Neste período nasceram vários sobrinhos tais como a Luciana filha da Myriam e do Marco Antonio,o Gustavo,que é meu afilhado,Octavio e André,filhos do Marcelo e da Gilda ,o Luiz Antonio o mais moço de Heloisa e Arthur.Rodrigo,meu afilhado,já tinha nascido em 1952,como ainda estava solteira,quando eles queriam ir ao cinema,de noite,deixavam o Rodrigo,sempre comigo..

Transcorreu o ano de 1962,com a vida normal,para todos. Em1963,tivemos o falecimento de Vóvó,aos 76 anos.Ela começou a demonstrar grande perda de memória e foi se agravando até que no dia 13 de julho,faleceu numa Clinica na rua Dona Mariana.Sua morte foi muito sentida,pois era uma pessoa muito suave e bondosa,que tratava a gente de minha nega,com muito carinho.

O Rio estava já modificado com o progresso e a ida de muitos Ministérios para Brasília,ficaram nos prédios repartições dos mesmos,pois havia ainda muito trabalho por aqui.

Em 1960,foi eleito presidente da Republica Jânio Quadros,que renunciou em 1961,com pouco tempo de governo.Tomou posse o vice presidente João Goulart, e com isso muitas coisas desagradáveis começaram a acontecer no Brasil,como greves e outros movimentos .Não se tinha muita segurança,de repente quando menos se esperava os sindicatos entravam em greve e prejudicava a vida do povo.Conosco mesmo,aconteceu de chegarmos nas barcas ,para a travessia ,para Niterói e ir para a Barra de São João,e não podermos passar..A ponte Rio Niterói estava em construção.

Mamãe tinha muita vontade de ter uma casa de férias.Petrópolis que era o ideal para ela,estava impraticável,pois os imóveis estavam exorbitantes.Eles estavam querendo uma casa simples,que não desse muita despesa. Papai

conversando com Zezé seu primo que tinha uma casa de praia,na Barra de São João,que ficava próxima à Niterói,naquela época ,que não existia a ponte demorávamos mais ou menos umas 3 horas para lá chegar de carro.Todos gostamos da idéia. Papai e Mamãe foram passar um fim de semana na casa de Zezé e voltaram entusiasmados com a beleza do lugar. Como Zezé era muito conhecido no local,deu as dicas para Papai entrar em contato com a Prefeitura local que era sediada e,m Casimiro de Abreu,uma cidadezinha já na serra.A Prefeitura tinha interesse em ceder terrenos para a construção de casas de veraneio ,com isso Papai pagou uma determinada exigência e recebeu um terreno,na beira da praia. A praia era muito parecida com a da Barra da Tijuca,com a mesma vegetação,,mas o mar era muito forte.Neste local privilegiado pela natureza ficava a foz do Rio São João,cujas águas eram azuis.Bem na foz ,há um pequeno cemitério,onde está o túmulo de Casimiro de Abreu,um lugar lindo .Papai sempre dizia que quando morresse gostaria de ser enterrado lá. Na margem do rio,existe a casa dele,que é um museu,e que últimamente foi toda reformada. A cidade,era bem pequena ,não tinha água potável,as casas tinham poços,mas a água era salobra,não se podia beber,só para a limpeza da casa. Ao longo do rio havia umas fontes,onde as pessoas se abasteciam de água potável.

Papai encomendou uma casa na Serraria da firma em Cachoeiro.A parte dos quartos era de madeira, e foi construída na frente uma varanda envidraçada,pois lá ventava muito,e na parte de trás um anexo,onde ficavam o banheiro , a cozinha que era grande onde se aproveitava para jogar nas horas vagas pois tinha uma mesa grande.Mamãe e Papai sempre gostaram muito de jogar cartas,eu sempre achei uma perda de tempo,mas para não atrapalhar,eu era parceira.Mesmo antes, eles gostavam de ir à noite na casa de vovô,para jogar escopa (um jogo de cartas) Quando apareceu aqui no Rio,o buraco e a canastra se tornaram adeptos destes jogos.Como Aloysio gostava também de jogar,não seria desmancha prazeres.A casa ficou muito bonitinha toda branca e com janelas azuis .

Aloysio adorou a casa,como ele gostava de ocupar fez muitas coisas para o nosso conforto.

Mamãe mandou plantar casuarinas,ao redor da casa.como lá ventava muito,ouvíamos cantar das casuarinas.Quando eles viajaram para o sul,,Mamãe gostou muito das casas de Punta del Este mais ou menos no estilo da nossa,o que fez ela mandar pintar as partes de madeira da casa com tinta marron,sobressaindo as janelas azuis.

Sempre íamos para lá nos feriados grandes e nas nossas férias de trabalho.Era uma vida simples,muito tranqüila.A cidadezinha ficava na beira da Estrada,e na esquina da nossa rua,havia um bar e uma mercearia,onde os

ônibus que iam para Macaé,paravam.Quando Zezé estava lá era muito animado,pois além de ser uma pessoa alegre,sempre tinha hóspedes em casa.. Ele era como um irmão para Papai,era seu primo irmão,e era casado com Olinda também prima dele.Mamãe e Papai gostavam muito destes primos.Olinda morreu,mas a amizade com Zezé continuou.

Gostávamos muito de andar a pé,e este era o esporte predileto e obrigatório,pois a não ser o carro,a cidade não tinha transporte a não ser o ônibus que ia para Niterói..De manhã cedo íamos à praia,tomar banho de mar,depois ficávamos em casa ou íamos fazer uma compra ,na cidade,buscar água na fonte,ou outra coisa qualquer.

Como Zezé tinha um barco,ele ia pescar em alto mar,então trazia para nós peixe fresco que pescava. À tardinha,depois do por do sol,sempre saíamos para andar a pé ,pelas ruas ,que não eram calçadas ,ou na beira da praia,na areia molhada .

Aproveitamos bastante desta casa,até 1966,quando Aloysio morreu.

Em 1964,estávamos lá na Barra,para passar a Semana Santa, quando no dia seguinte à nossa chegada Leonel apareceu de carro,para nos apanhar ,pois havia boatos de golpe de Estado,o que realmente se deu o golpe dado pelos militares,depondo João Goulart,que havia assumido o governo com o afastamento do Presidente Café Filho,por motivo de doença.

Começou uma fase bem ruim para o Brasil, os primórdios da ditadura militar.Começaram as perseguições,e delações, e outras coisas mais. Muitas pessoas foram obrigadas a sair do país..

Foram os chamados anos de “chumbo”

Neste ano,depois do golpe,dado pelos militares,veio como presidente da República,o general Humberto Castelo Branco,e começaram os atos institucionais.Começaram as perseguições.Muitas pessoas foram aposentadas e também responderam a processos Este período foi muito triste e preocupante para nós.não se sabia o que podia acontecer a qualquer um.O presidente morreu num acidente de avião no Ceará,dizem que foi um atentado.Ele não era benquisto..Sucederam o presidente Costa e Silva,também um general,e os seguintes Médici ,Geisel e Figueiredo.

Na família,tivemos,Eduardo,que era oficial de Chancelaria,por concurso e foi aposentado,com o mínimo de proventos e até hoje ele não conseguiu saber o porque. Nesta leva que era o AI5,o mais famoso de todos ,foram afastados muitos intelectuais e diplomatas com o Embaixador Vieira de Mello,pai do Sergio Vieira de Mello,que logo depois morreu de desgosto.Nesta leva também foi atingido o Vinicius de Moraes.

Houve uma passeata de protesto,aqui no Rio,por causa da morte de um estudante,na porta da Igreja da Candelária,onde ia ter a missa de 7* dia, a

policia a cavalo,ameaçou entrar na igreja,os padres já paramentados ,deram as mãos para impedir,entre eles estavam os do Santo Inácio,Angelim e Guy ,e alguns mestres. Todos depois foram chamados para depor, sobre sua participação e suas idéias.

Nesta época o Santo Inácio,ficou muito visado. Tempos depois,um dia eu estava trabalhando na minha sala,que ficava prédio principal,quando ouvi muito barulho,vindo da portaria,cheguei a porta e vi uma tropa de soldados armados de fuzis querendo invadir o Colégio,à procura de um funcionário,que achavam que era um agente da oposição.

Eduardo,coitado foi apanhado de surpresa,já estava se preparando para servir no Exterior e de uma hora para a outra fica desempregado,sem direito até de apanhar seus objetos pessoais,que tinham ficado na sala onde trabalhava no Itamaraty,para entrar lá,que humilhação só pode acompanhado de um segurança. Foi muito duro,ter de recomeçar a vida,depois de ter se esforçado ao fazer um concurso muito difícil. Logo em seguida graças a Deus,e a seu preparo,conseguiu emprego,na iniciativa privada.

Após o Concilio Vaticano ,a Igreja Católica começou a se renovar.As missas eram voltadas para o povo,foi introduzida e missa em português,começou a se voltar para os pobres.Os padres ,deixaram de usar batina,começaram a usar o clergman,como os pastores.No Santo Inácio,nesta época,já havia uma orientação do Padre Geral,para começar paralelamente com o Colégio tradicional ,um Curso Noturna,para pessoas de baixa renda,visando no futuro,uma melhor chance para estes mais sem possibilidades.

No ano de 1965,Aloysio começou a ter grande dificuldade em ouvir, e também se queixava de dor de cabeça.Consultou o Dr.Kós,que recomendou uma operação no ouvido,para ver se melhorava a surdez.Depois da operação melhorou bastante,estava ouvindo melhor. Nas férias de inicio do ano,fomos como sempre passa-las na Barra .

Houve um dia que ele foi à praia sozinho, e foi embrulhado por uma onda muito forte ,com isto lutou muito para sair do mar,só conseguindo sair a mais ou menos 1 quilometro de onde tinha entrado.Ele ficou muito assustado,pois nadava muito bem, estava habituado em Copacabana.Na volta das férias recomeçamos a nossa vida normal. Ele no Banco,pois tinha se formado em Direito,e eu no Santo Inácio. No dia 2 de maio,eu estava no pátio de recreio,quando a Fernanda,que era minha auxiliar ,na Secretaria me chamou,pois o porteiro do meu prédio,queria falar comigo,pelo telefone. Fui atender e ele me explicou que Aloysio estava no ponto do ônibus ,bem perto de casa,quando começou a passar mal,e ele o levou para casa.Fui

imediatamente para lá,e quando eu cheguei,ele estava desmaiado,na cama.Telefonei imediatamente para Mamãe,e para Deusdedit,marido de tia Carmen,que era médico.Ele me aconselhou a chamar imediatamente o Pronto-Cor,que ficava perto e o médico,que o atendeu,achou que ele tinha tido algum problema neurológico.Nesta altura,Deusdedit e Mamãe já tinham chegado la em casa.Aloysio voltou a si,mas estava com dificuldade de falar, e de se locomover.

Deusdedit,indicou o Dr.Antonio Mello,neurologista para acompanhar o caso. Apesar de estar fraco,procurava reagir. Um dia fui dar uma volta a pé com ele pelo quarteirão e ai pude avaliar,a sua situação.Chegou em casa exausto, uma pessoa habituada a andar muito pois sempre gostou disso.Outra vez teimou em tomar banho sozinho,teve um desmaio,e caiu na banheira,segurou o porta toalhas,com isso amorteceu a queda, e foi com enorme dificuldade que conseguimos tira-lo de lá pois além de alto era bem gordo.

Dia 14 de junho,era aniversário de Luiz Antonio que fazia 7 anos,Papai e Mamãe foram para o bolinho na casa de Heloisa,que morava na São Clemente,quase esquina de Real Grandeza e eu no seguinte,na Voluntários. De repente,na hora que ele estava se preparando para dormir ,sentado na cama ,começou a passar mal ,chamei de pressa D.Emerenciana que estava no apartamento do lado.Demos ainda uma injeção nele,chamei Mamãe e Papai,pelo telefone,e vieram rapidamente,quando chegaram ele estava falecendo.Aloysio era muito querido por todos,por ser um rapaz muito educado e atencioso,amável com todos .Eduardo e Leonel eram muito amigos dele.Leonel ao chegar em casa,e soube,chorou muito pois gostava muito dele.

Como,Dr Octavio,quando morreu foi enterrado em Cataguazes,sua terra natal.não havia nenhum jazigo aqui,apenas do seu tio,Dr.Adauto Botelho,que tinha falecido,um ano antes.Ele foi enterrado lá,e depois seus restos mortais,foram levados para Leopoldina,onde nasceu e está junto com seus avós,no jazigo da família.Engraçado que ele sempre dizia que queria ser enterrado em Leopoldina,a cidade que ele gostava muito e onde tinha nascido

Lá se foi Aloysio,aos 39 muito moça fiquei viúva,tinha 36 anos.Após sua morte,meus pais acharam melhor eu voltar a morar com eles Desmanchei o meu apartamento dei tudo inclusive as roupas dele,e aluguei meu apartamento.Voltei a morar no Carajás e imediatamente,depois da missa de 7* dia,com a Igreja de Santo Inácio,lotada de gente,voltei às minhas atividades no Colégio.Para mim tornou-se um beneficio,o trabalho ficava ocupada o dia inteiro.

Neste mesmo ano,Leonel,que tinha ficado noivo de Cecília Guinle, casou-se na Igreja da Glória do Outeiro, no dia 28 de novembro.

Como Mamãe tinha ficado muito abalada com a morte de Aloysio, Papai resolveu entrar numa excursão para o sul, Argentina, Uruguai

Quando voltaram, Leonel avisou a eles sobre seu casamento. Foi uma correria pois eles chegaram em fins de outubro., para preparar as roupas e os acessórios do casamento, faltava apenas um mês. É verdade que as providências mais importantes, como moradia e cerimônia já estavam providenciadas por Cecília. O casamento foi muito bonito, numa tarde de novembro, ao pôr do sol. Eles não fizeram festa, apenas um bolo na casa da avó de Cecília, D. Branca, com quem ela morava.

Foram morar na rua Conselheiro Lafaiete, em Copacabana, num apartamento muito simpático. Leonel sempre foi muito ligado a nós, pois gostava muito de Aloysio, e sempre me deu muito apoio e assistência, bem como Arthur, meu cunhado, que tratou de todo o inventário de Aloysio..

Voltando um pouco atrás, por esquecimento, em setembro de 1964, Flavio se casou com Elina, que era sua namorada há muito tempo. O casamento foi na Igreja dos Poloneses, na rua Marquês de Abrantes. O casamento foi bem simples, pois Flavio não é muito amigo de pompas, Elina era do Espírito Santo, e sua família mora lá. Uma moça bonita com os olhos bem azuis. Foram morar provisoriamente num apartamento na rua Voluntários enquanto esperavam vagar o deles, no Largo dos Leões, que estava alugado.

Em julho de 1965, nasceu Flavinho, um bebê lourinho de olhos azuis, que encantou Mamãe que sempre desejou ter um filho com olhos azuis.

A vida continuava em seu ritmo, quando Cecília anunciou que estava grávida. Em dezembro de 1967, nascia Maria Victoria, a primeira neta de Papai e Mamãe. Cecília estava na dúvida na escolha do nome, finalmente Papai lembrou a ela que se Leonel tivesse nascido menina, teria o nome de Maria Victoria, e assim ficou. Neste período, Leonel estava trabalhando na Continental, empresa de caderneta de poupança e outros investimentos, que era do pai de Cecília, Dr. Eduardo.

Resolveram então construir uma casa, na Barra, que era uma roça. Ficava no Itanhangá, pois a Barra mesmo era um enorme areal, com poucas casas, que eram de veraneio, de moradores do Rio. Nesta época, para se chegar ao Itanhangá, era uma pequena viagem e só de carro.. Havia 2 alternativas, pela Av. Niemeyer, ou pela estrada da Gávea, subia-se a estrada do Joá, e chegava-se à Barra Velha, aí pegava-se a estrada do Itanhangá

Cecília e Leonel combinaram com a Celeste, que era arquiteta para fazer a planta da casa, e o Ronaldo Espínola, casado com a Vera Vieira, filha de Manoel, primo de Papai, que era engenheiro, para acompanhar a construção da casa. A casa ficou muito confortável, era no centro de um terreno grande, e logo depois Leonel construiu uma piscina no jardim. Naquela época, eu já tinha

voltado a morar no meu apartamento,da Voluntários .O meu inquilino na época era o Vladimir Palmeira,que estava sendo procurado pelo Dops,por ser líder estudantil.Época da ditadura. Como rescindiram o contrato,por este motivo,decidi voltar a morar no meu apartamento,sozinha. Comprei novos móveis e decorei de outro modo. Mamãe e Papai,notaram que eu queria ter a minha vida ,gozar de mais liberdade.Eu era independente,pois trabalhava e ganhava meu salário. Em 1969,decidi tirar carteira de motorista.Contratei um instrutor e comprei um fusca de Leonel. Ia muito passar o fim de semana,lá na casa de Leonel.AVictoria era pequena ,tinha uma 2 anos e era muito agarrada comigo.Para mim que trabalhava a semana inteira era muito divertido,passar lá pois sempre havia um programa diferente.

Eles fizeram relações com moradores dali,como o Rolando Fracalanza que era casado com a Lurdes Vivacqua ex-mulher de Sólton,com o Vitorino de Almeida que era dono de uma rede de hotéis em Copacabana,e outros,Aos sábados no verão todos se reuniam na casa de Leonel,para tomar drinques na beira da piscina.

Leonel,já tinha os dotes culinários e oferecia almoços muito gostosos. Com isto os fins de semana para mim se tornaram muito agradáveis. Às vezes,eles convidavam Papai e Mamãe e eu os levava no meu carro.

Em 15 de janeiro de 1968,nasceu Ana Lucia,filha de Elina e Flavio. A família sempre teve muitas coincidências nas datas de nascimento e de falecimentos.Esta foi uma , no mesmo dia Vovó Nobila e Ana Lucia ,bisavó e bisneta.... Flavio já falava muito em se transferir para uma cidade próxima ao Rio, conseguiu uma permuta no Banco do Brasil.para Friburgo. Comprou uma casa num bairro chamado Parque D.João VI,e foi morar lá.

Aqui ,continuávamos a nossa vida,de trabalho.No Santo Inácio, quando findou o ano de 1966,recebi uma homenagem,foram os primeiros formandos da turma que começou no Primário,(só um grupo)e o Reitor ,o P.Mesquita que era muito meu amigo,e me apoiou muito na ocasião da morte de Aloysio, pediu que eu entregasse a medalha do prêmio de Excelência,melhor aluno da turma para Arthurzinho.Fiquei bastante emocionada .No ano seguinte,com a turma que começou comigo no 1* ano,também fui homenageada por eles, a turma era bem maior.

Nesta época eu saia muito com Leonel e Cecília,eles gostavam muito de ir à lugares da moda,e sempre me convidavam para ir com eles. Fomos a diversos espetáculos e a vários restaurantes badalados,bem como algumas boites,que havia aqui.

Mais ou menos, nesta época Papai vendeu a casa da Barra de São João,pois ninguém mais queria ir para lá.Arthur e Heloisa tinham construído uma casa

em Itaipava, perto de Manoel Vieira, primo de Papai, e os meninos não se interessaram pela casa. Eu mesma deixei de ir lá, depois da morte de Aloysio.

Voltando ainda para 1963, o Rio, isto é Estado da Guanabara, era governado pelo Carlos Lacerda. Infelizmente ele acabou com os bondes, alegando que estes estavam atrapalhando o trânsito da cidade, pois já havia aumentado muito o número de carros com a abertura das fábricas estrangeiras aqui. Realmente virou moda as pessoas terem seus carros para se locomoverem para o trabalho e também para o lazer. Nesta época usávamos o carro para tudo. Era uma novidade que todos queriam ter, pois para muitos era sinal de status. Antes, nos anos 50 a mesma febre se deu com a televisão. No princípio as famílias se reuniam para assistir a televisão nas casas. Depois todos tiveram a oportunidade de comprar, pois começaram a baixar de preço, puderam ter em casa uma ou mais televisões.

Nesta época, o governador conseguiu acabar com várias favelas, como a do Pasmado, a da Macedo Sobrinho, a da Catacumba, a da Praia do Pinto quase todas nas margens da Lagoa. Transferiu os moradores para conjuntos residenciais que construiu próximo a essas comunidades como o Conjunto do Minhocão, construído pelo famoso arquiteto Afonso Eduardo Reidy, na entrada do túnel Zuzu Angel.

Nos anos 70, o Rio continuava a ficar mais populoso, as favelas aumentavam de tamanho e de construções irregulares, também não houve, certa vigilância do poder público, com isso cresceram cada vez mais e com isso a violência gerada pelo tráfico de drogas que nesta década se intensificou. A Rocinha que era a mais populosa aumentou ainda mais, se tornando um verdadeiro bairro de casebres, habitados nesta época principalmente por nordestinos. Surgiram muitas, nos morros da zona Sul, pois o povo queria se instalar nos morros próximos às praias. Com isso surgiram, Dona Martha, Chapéu Mangueira, Cantagalo, Pavão – Pavãozinho, sendo que esta, foi ocupada por um grupo, que se instalou, onde havia um restaurante, e o projeto de um hotel, com uma vista maravilhosa. Me lembro que fui madrinha de casamento, dos pais de um aluno, que se casaram no religioso, numa cerimônia íntima, e depois nos ofereceram um jantar no restaurante e boite, Berro d'Água que existia ali.

Em 6 de setembro de 1971, nasceu a segunda filha de Leonel e Cecília, Ana Cecília, minha afilhada.

Mais uma coincidência de data na família, ela nasceu no aniversário de morte de vovó Teresa, minha bisavó.

No Santo Inácio, trabalhei com diversos reitores, além do P. Oliveira, que me chamou, depois veio o P. Viveiros. que era daqui do Rio, cuja família era conhecida da minha e suas irmãs nossas contemporâneas no Sion. Houve um pequeno período que foi reitor o P. Dainese já bem idoso, e um pouco fora do

contexto dos anos 60, ficou pouco tempo, e em 1966, foi nomeado o P. Mesquita, que eu já conhecia, pois apesar de ser de São Paulo, tinha exercido o magistério aqui, antes de se ordenar. Ele chegou com idéias novas e começou a quebrar vários tabus. No dia 31 de julho, daquele ano me convidou para almoçar no Colégio. O almoço festivo era só para o clero e senhores amigos, médicos etc. Fiquei muito sem graça, pois ao comparecer todos me olhavam de uma maneira estranha. Foi a época da renovação da Igreja, com as inovações do Concílio. O Colégio, começou a quebrar a divisão de gêneros, as moças, professoras já eram convidadas, para participar dos eventos promovidos pela Diretoria. Os padres começaram a ter mais contato com o Primário. Antes, só eu tinha autorização para passar para o prédio principal. P. Mesquita, gostava de promover, encontros com o pessoal do Colégio, apesar de temperamento reservado era boníssimo. Ao terminar seu tempo foi substituído pelo P. Pecci, que ficou uns 6 anos como Reitor. No final dos anos 70, voltou o P. Mesquita como Reitor, mas só trabalhou um ano, entrando em seu lugar o P. Aloysio Penna, que deixou o cargo por ter sido nomeado bispo, na Bahia.

Justamente, em 1977, eu já estava no Primário,, há 21 anos e a direção do Colégio, resolveu, fazer uma troca. O P. Aloysio me chamou e me disse, que gostaria que eu acompanhasse uma turma, como coordenadora. Foi comigo, a 4ª. série, que passava para a 5ª. Para mim foi um desafio, pois apesar de ser um colégio só, o sistema era um pouco diferente. No Primário era uma professora para a turma, e no Ginásio, eram professores para cada matéria. Como o número de alunos era em geral de 35 por turma, além de aulas de Artes e Ginástica, eu tinha uma equipe, que trabalhava comigo, pois eram 8 turmas, cerca de 300 alunos, um mini colégio, ainda com 2 inspetores, e o P. Espiritual. Alguns professores eram bons, mas outros nem tanto, e me deram muito trabalho, pois os pais reclamavam muito a parte pedagógica deles e eu tinha que intervir, e isto me causou muitos aborrecimentos. Acompanhei esta turma por 2 anos. No final do ano, o P. Aloysio me chamou novamente, me pedindo, para assumir o controle das notas do Colégio, da 5ª. série a 3ª. série do Colegial. Era um cargo de inteira confiança, pois além do sigilo, tinha que ser muito bem feito, sem erro. Nesta época o sistema de computação de notas, ainda não tinha sido implantado. Aceitei mais este desafio.

Eu já estava beirando os 30 anos de trabalho, para me aposentar, o que fiz em 1984. O Colégio me propôs continuar a trabalhar e com isso como era comum na época comecei a descontar com o meu salário, para um pecúlio, no INSS, que recebi quando parei de trabalhar definitivamente em 1987. A direção do Colégio, por volta de 1985, começou a implantação do sistema de computação, fornecendo eu os dados para o trabalho. Ainda nos intervalos das

notas fiz um levantamento da Associação dos Antigos Alunos, selecionei as fotografias do Colégio, desde o ano de 1903, e fiz álbuns que fizeram parte da exposição comemorativa dos 100 do Colégio.

A vida continuou em seu ritmo normal, por volta de 1975, Leonel e Cecília, juntamente com o Romário e a Edna, um casal amigo deles, resolveram fazer uma viagem à Europa, que demoraria cerca de 3 meses. Propuseram que eu ficasse na sua casa, tomando conta de tudo. Não quis me comprometer, pois ainda estava com muito trabalho no Colégio. Combinaram com Regina Helena, filha de Ismael que era muito amiga de Leonel, para que ela ficasse lá juntamente com o seu marido, o Celso. Eu ia sempre nos fins de semana ver as meninas. Leonel tinha nesta época um pastor alemão, Argus, que a Victoria adorava. Regina Helena chegou com o seu cachorro também, mas este era bravo e as meninas, com isso ficavam dentro de casa, só saindo quando o cachorro ficava preso, pois tinham medo dele. Ao chegar num sábado lá, para passar o fim de semana, conforme havia combinado com eles, as meninas me pediram para eu ficar lá com elas mesmo durante a semana, com isso fiquei lá, vindo de manhã bem cedo trabalhar e voltando à tarde.

Em abril de 1983, Arthur faleceu de um enfarte fulminante, justamente no dia do meu aniversário, mais uma coincidência de data.

Leonel se separou de Cecília, no final dos anos 70. Alugou um apartamento muito bom na rua Saturnino de Brito, no Jardim Botânico. O juiz da separação, determinou que as meninas fossem passar o fim de semana, de 15 em 15 dias, e também jantar em sua casa às 4as. feiras. Ele montou o apartamento, ajudado por uma amiga, mas me chamava sempre para ajuda-lo, quando as meninas vinham à sua casa, pois elas estavam muito habituadas comigo. Em geral ele levava sempre à casa de Lourdes Vivacqua para elas tomarem banho de piscina, e brincarem pois a casa ficava no meio de um parque. Procurávamos sempre fazer programas para a idade delas, pois Victoria tinha 9 anos e era muito agarrada com ele, a Ana era menor tinha 5 anos. Ele levava sempre para visitar os amigos, pois naquele momento ainda estava com as mesmas relações. Depois de um certo tempo, ele me convidou para ir morar com ele, pois estava se sentindo muito só, e também para ajudar com as meninas. Aluguei meu apartamento, e fui morar lá. Tínhamos uma boa empregada, uma senhora, e com isso ele que sempre gostou de receber, convidava muitos amigos, para jantar lá em sua casa. Tudo estava correndo bem.

Como o apartamento era alugado, apareceu um negócio muito bom e resolvemos comprar de parceria, numa incorporação, em São Conrado. O apartamento tinha 2 quartos salão e todas as dependências. Como eu tinha muitas ações do Bradesco que Aloysio me deixou entrei com estas para a

entrada.O financiamento seria pelo BNH.Leonel tinha muitos conhecimentos nesta área,pois estava trabalhando, na Continental,que era de aplicações de Caderneta de Poupança. A construtora iria entregar os apartamentos em julho de 1977

Neste meio tempo Leonel freqüentava um consultório de um analista,pois estava precisando de um apoio psicológico devido à separação. Lá conheceu a Diana , e daí começou a sair com ela Mais ou menos depois de 1 mês,acho que convencido por ela,resolveu vir morar no apartamento,me deixando no Jardim Botânico,que ele pagava o aluguel para mim,pois meu apartamento estava alugado. Meses depois ele,propôs passar o financiamento do apartamento para mim,pois tinha comprado de sociedade com a Diana um terreno no Recreio,começando a construir uma casa lá.Ai vendi meu apartamento da Voluntários e logo que ficou pronta a casa,ele me entregou o apartamento,até todo mobiliado,pois montou a casa com móveis mais de acordo com o gosto da Diana.Realmente o apartamento ficou pequeno,pois logo depois vieram morar com eles os 2 filhos da Diana,e nos fins de semana ainda vinham as 2 meninas. A Diana nesta época trabalhava na Codin,um órgão do Estado e tinha muitos conhecimentos devido ao trabalho e também sua família que morava em Copacabana , e seu pai tinha sido presidente da Caixa Econômica,no Rio,durante o governo do Castello Branco,por ser primo de sua mulher.O Recreio nesta época era ainda aquele areal,como era antes a Barra,tinha poucas casas e ainda não havia prédios.Leonel acho que sempre teve muito jeito,para construções,se tivesse estudado,teria dado um bom engenheiro ou um ótimo mestre cuca,pois tornou-se um exímio cozinheiro.,o que o ajudou muito ,como contarei mais adiante.

A casa ficou muito boa,tinha um jardim pequeno na frente,mas no centro do terreno ficava a piscina,foi muito bem bolada.Uma construção mais moderna,com o espaço muito bem aproveitado. Era um pouco longe,e nesta época o Recreio também quase não tinha comércio.Tudo tinha que ser feito de carro.Quando a Cecília se separou de Leonel,ela alugou um apartamento em Copacabana,e vendeu a casa do Itanhangá que depois foi vendida para a D.Florinda,viúva do Chacrinha que mora lá até hoje,conservando a casa ,como foi construída por Leonel e Cecília.

Leonel ,com a separação saiu da Continental,pois a mesma foi liquidada,e formou uma firma de investimentos em ouro,como sócio.Mais ou menos ,por volta de 1983,a Victoria que morava com a mãe,resolveu procura-lo pois estava querendo trabalhar e,estava quase acabando os estudos. Foi morar com ele, saiu do Impacto,onde estudava em Jacarepaguá,pois ao terminar a 6ª.série no Santo Inácio,a Cecília a tirou do Colégio.

Se matriculou num Curso Noturno, no Colégio Guanabara que existia na Voluntários, para fazer o 2º grau. Como o Recreio ficava a mais ou menos uns 40 minutos. Leonel me propôs comprar de parceria um carro de 2ª mão, um fusca, para facilitar a sua locomoção à noite.

E assim, estávamos no início da década de 80. A Victoria vinha sempre passar os fins de semana comigo, pois era mais próximo, para encontrar seu grupo e fazer seus programas.

A união de Leonel com a Diana, já não ia muito bem.

Em 1984, casou-se o Luiz Antonio, com a Cristina e foram morar na rua Pacheco Leão. Ele já estava formado em engenharia e trabalhando no IBGE

Neste período vários falecimentos ocorreram na família, João Candido, irmão de Mamãe, Arhur, Deusdedit, Octavio, Mamãe e tia Carmen. A família começou a ficar menor.

A Victoria que morava comigo, tinha um grupo de amigas que foram suas colegas no Santo Inácio, e algumas primas, que saíam muito com ela. Na casa de uma delas, a Elisa, conheceu o Milton, que era cadete das Agulhas Negras, já terminando o curso. Começaram a namorar, e resolveram ficar noivos, logo depois de sua formatura, na Academia. Seus pais moravam em Brasília, sendo seu pai também do Exército e professor da UNB. Residiam numa casa muito grande, dentro de um parque, pois tinham ido para lá logo que a cidade foi fundada.

Em agosto de 1987, eu decidi parar definitivamente de trabalhar, além do estado de saúde de Mamãe, ter se agravado, a Victoria estava noiva, com o casamento marcado para dezembro. Estava sendo muito pressionada por alguns elementos do Colégio, que queriam que eu saísse de lá, naturalmente para dar lugar a mais moços, uma mentalidade muito introduzida na época... Como já estava aposentada pelo INSS, e tinha também a pensão de Aloysio, resolvi parar de trabalhar, pois também já estava ficando cansada, com um reflexo, a minha saúde.

A Victoria se casou no 5 de dezembro, véspera de seu aniversário, e foi morar em Brasília, onde o Milton foi servir. No terreno, da casa dos sogros, havia uma casa, no meio do jardim, onde eles foram morar.

Com isso, ela me convidou para conhecer Brasília. Fui de ônibus uma viagem muito longa, cerca de umas 20hs

Leonel ao se separar da Diana, e vender a casa do Recreio, que era de sociedade, resolveu alugar um apartamento aqui em São Conrado para morar com as filhas, pois quando ainda estava no Recreio, e a Victoria estava aqui comigo num fim de semana, a Ana que estava lá aprontou alguma com a Diana, só sei que Leonel me telefonou, na hora do almoço, me avisando que

vinha trazer a Ana com armas e bagagens,para ficar aqui comigo.Com isso elas ficaram comigo até ele encerrar o caso com a Diana.

Eles já estavam instalados no apartamento,quando Leonel,um dia foi a bar ali no Leblon e conheceu umas moças, ai quando saiu estava bem “alto” e quando acordou estava numa casa desconhecida. Ele me falou que a moça era mãe de uns meninos que eram alunos do Santo Inácio,mas não soube me dizer quem eram. Começou a sair com ela,e novamente foi envolvido,indo morar com a Sandra,na casa dela no Jardim Botânico.A Sandra era separada do Toninho Vaghi,que era filho de uma companheira de Mamãe,nas Antigas Alunas,e também cantora lírica.bem conhecida,de uma família de Petrópolis..Quando a Victoria se casou,ele já estava com a Sandra,tanto que ela se preparou para o casamento,na casa dela,pois estava um dia muito quente

Este foi o último relacionamento dele.

Pouco tempo depois,acho que por volta de 1986,o pai da Sandra,que era da família Freitas Valle,morreu.E Leonel já morando com a Sandra foi que tratou de tudo.O pai da Sandra ,antes morava em São Paulo,onde era dono de um cartório,com a morte dele ela vendeu um apartamento que ele deixou lá.e aplicou o dinheiro que recebeu,num terreno em Búzios,onde construíram 2 casas.Leonel pretendia montar uma pousada,mas a idéia não foi para a frente. \Acho que a Sandra breou.ela achava humilhante a pessoa trabalhar em certas atividades. Corrigindo o pai da Sandra deve ter morrido em 1986,pois quando Mamãe morreu em 1987,fomos passar uns dias,na casa que já estava construída.

A Victoria e o Milton tinham se transferido para São Pedro da Aldeia,pois este veio fazer curso de pilotagem de helicóptero,na base da Marinha. Eles tinham alugado uma casa perto da Lagoa ,e eu ia muito lá. A Victoria que em Brasília tinha começado a estudar inglês um pouco antes, e depois foi com a Lemia uma amiga deles,que era filha de uma americana,,foi aos Estados Unidos,passar uma temporada e voltou já falando inglês.Elas ficaram hospedadas na casa da avó de Lemia,que morava em ST.Louis, e para se manterem,como é comum lá,fizeram diversos trabalhos que aqui nem se pensa em fazer. Como estava com muito tempo,resolveu fazer vestibular para letras na Faculdade de Cabo Frio.

Esqueci de contar,que antes da Victoria se casar,Flavio me pediu para acolher Ana Lucia,aqui,pois ela tinha passado na Faculdade de Letras,da PUC, ele ainda não tinha apartamento no Rio.Ela ficou comigo uns 6 meses mais ou menos até ele comprar um apartamento.

Depois de São Pedro,Victoria e Milton.foram para Taubaté,pois era lá a base de helicópteros do Exército.Taubaté.como em geral as cidades do interior de São Paulo,era bem adiantada pois além da base ,havia algumas indústrias

como a Volks.No princípio foram morar numa casa,pois nesta época a Victoria tinha um cão pastor alemão,e precisava de largueza..Depois foram morar num apartamento que D.Angela,sua sogra,tinha comprado,mais no centro.Estavam bem instalados,lá mas pouco depois entraram em uma incorporação,

Estava tudo indo muito bem,achava eu,Victoria tinha se formado na Faculdade e o Milton teve uma proposta de uma missão ,da OEA,no Equador. Ao voltar,a Victoria,qual foi minha surpresa me telefonou um dia,e me avisou que estava se separando do Milton,e que ia morar em Campinas para fazer o mestrado de letras na Unicamp.Isto se deu em 1999,depois da morte de Leonel. Lamentei a separação deles,mas se o casamento não estava dando certo foi melhor,cada tomar o seu rumo,na vida.Ainda bem que não tiveram filhos. A Victoria ,quando estava casada ainda teve oportunidade de viajar para o Estados Unidos,acompanhando o Milton,num curso que foi fazer lá e também tiveram a oportunidade de uma viagem a Londres,fora as viagens que fizeram pelo Brasil,desde a lua de mel.

Quando ainda moravam em Taubaté,volta e meia eu ia passar uns dias com eles.Eu gostava muito de ir à Campos de Jordão que é bem perto de Taubaté.Fica na serra e é uma cidade de veraneio de paulistas.

Mais ou menos por volta de 1995,Leonel resolveu ir para os Estados Unidos,para tentar a vida lá,pois o mercado aqui estava difícil,e conforme as previsões do P.Barreto,que disse para Mamãe,"D.Elza não espere que Leonel se forme,ele será sempre um comerciante.Realmente.já tinha ido com a Sandra, fazer uma excursão pelos Estados Unidos,pois a Alessandra filha da Sandra tinha se casado e estava morando em San Diego. Leonel então ,resolveu ir para St.Louis,onde morava a avó da Lemia,e de sociedade com ela,abriram um restaurante de comida brasileira. Coitado ,teve muito trabalho na instalação do mesmo. Embarcou sozinho,pois acho que estava afim de acabar o relacionamento com a Sandra.Teve muito trabalho para organizar todo o restaurante e ao mesmo tempo se adaptar,aos costumes dos americanos que eram bem diferentes dos nossos.Estava indo tudo bem até a Sandra ir para lá uns meses depois. Infelizmente o negócio que estava fazendo tanto sucesso,começou a desandar.

Leonel ,apareceu com um caroço no pescoço, em principio , pensávamos que não era nada,foi quando uns amigos da Victoria,que estavam lá,foram visita-lo e ao chegarem ao Brasil,contaram que parecia que era um caso mais grave. Começou a fazer tratamento,e foi constatado pelos médicos,que era um tumor no pescoço.. Fez um tratamento no hospital,até com um médico brasileiro,radioterapia. Como o sistema médico lá é diferente do daqui,e por se tratar de um estrangeiro,não pode continuar lá

Quando a notícia chegou aqui,em principio achamos que era alguma infecção,mas quando começou o tratamento lá,com um médico paulista,que estava fazendo uma especialização no hospital,foi confirmado um câncer.Isto aconteceu em meados de 1996,como Leonel não tinha visto permanente,resolveu voltar para o Brasil,chegando aqui em novembro daquele ano. Continuou o tratamento,sob orientação do João.Uma vez ao ir ao consultório, o João comentou comigo que o câncer era bastante agressivo e que ele não teria muito tempo de vida. Assim mesmo,retomou suas atividades do dia a dia,como sempre passava aqui,todos os dias ou telefonava. Quando precisava ir a algum lugar sempre eu ia com ele,pois era sempre na parte da manhã,pois nós dois acordávamos cedo.Quando precisava fazer compras,me levava de carro. Nesta época,a Victoria ainda estava em Taubaté e íamos muito passar o fim de semana com ela. A mãe da Sandra,D.Carmen tinha uma chácara em Teresópolis,no Alto, e também íamos muitas vezes passar o fim de semana lá.Como eu estava com compromisso,na Associação das Antigas Alunas,Leonel me levava na Rodoviária,e eu pegava o ônibus que me deixava no Castelo e ia para lá. Mais ou menos a partir de julho,ele começou a sentir dificuldade para engolir.O João prescreveu também que fosse fazer quimioterapia,com o Antonio Vilardo,médico oncologista e seu colega no Hospital de Ipanema e desde o 1*ano primário,no Santo Inácio.

Começou este tratamento,continuo.A Victoria,embarcou para os Estados Unidos,acompanhando o Milton,para um curso., e iria,passar mais ou menos 1 mês. Deixou seu carro na garagem de Leonel. Começamos a notar um declínio repentino em sua saúde,principalmente eu,pois ia passar todos os fins de semana,para fazer companhia ,e movimentar um pouco sua casa,bem como alguns de seus amigos como o João,seu amigo desde dos tempos de Colégio,iam visita-lo.

Já não conseguia ficar muito tempo sentado,ficava mais na cama.Gostava muito de escutar os seus cds.Eu procurava anima-lo,fazendo ver ,que seu sofrimento,devia ser uma purificação,para ele.Um dia levei um tercinho meu para que rezasse o terço..Estava ficando,cada vez mais debilitado. No dia 24 de dezembro,recebeu um telefonema da Victoria, pelo Natal.Quando desligou,chorou muito,pois sabia eu era uma despedida.

Fomos passar a noite de Natal com ele,eu e Eduardo,.Foi na casa da Alessandra,filha Sandra,que estava morando na rua seguinte.Mal pode caminhar,lá ficou dormitando o tempo todo, e como não conseguia comer,nem se mexeu. Ficamos muito impressionados.

Na semana seguinte,combinei de ir passar com ele a noite de 31 de dezembro,coitado,ainda se preocupou em mandar preparar um jantar de Ano Novo.Não esqueço até hoje,o pato assado com pêssegos e farofa.Eduardo que

esteve,na parte da tarde,e saiu para um compromisso,disse depois que saiu de lá,chorando pois achou que ele não resistiria muito tempo.Estava muito fraco.Chegou na rua chorando muito.

No dia seguinte eu acordei cedo,para assistir a missa,pela televisão,quando ele me chamou para que acordasse a Sandra,e foi para o banheiro,onde passou muito mal..Conseguí convence-lo a telefonar para o João,ele não queria de jeito nenhum,pois não queria incomodar.Insisti muito e afinal concordou.João chegou em instantes,pois morava ali perto no Itanhangá.Achou que ele precisava ser internado imediatamente.o próprio João providenciou,com alguma dificuldade,uma clínica para interna-lo,finalmente conseguiu na ClínicaBambina, 2,na rua São João Batista.Assim mesmo ele não queria ser internado e reclamou comigo.,mas consegui convence-lo,pois ele estava precisando de um atendimento especializado.Voltei para casa,e o João e a Sandra foram com ele. Avisei a Eduardo e Heloisa,que foram imediatamente lá ,o mesmo Flavio e Elina que estavam no Rio,para passar o Ano Novo. Eu estava muito cansada e resolvi ficar em casa para descansar um pouco,pretendendo ir lá no dia seguinte de manhã. Durante a madrugada,no entanto,teve um problema cardíaco,vindo a falecer às 6 horas da manhã. Heloisa,quando chegou à clinica me avisou logo.Eu avisei,a várias pessoas,inclusive a Cecília.

Pedi para ela a visar à Victoria,que ficou muito chocada,mas era impossível vir para o enterro que seria no mesmo dia 2 de janeiro,às 5 horas da tarde.Lá se foi Leonel,nosso irmão caçula,aos 57 anos.Senti muito sua morte,pois ele era muito chegado a mim,sempre se preocupava comigo,procurando me ajudar no que fosse preciso.Foi enterrado no jazigo da família,onde estão também os restos de Mamãe e dos avós.

Ainda voltando ,ao final dos anos 70,começou aqui no Brasil,uma campanha muito grande pela volta da democracia,as “Diretas já”,o povo pedindo eleições diretas para presidente da República,no Brasil inteiro houve um engajamento muito grande, finalmente após uma votação no Congresso,foram marcadas novas eleições gerais,sendo Tancredo Neves,indicado para Presidente.Era início da abertura no país. Já próximo de tomar posse,que seria em 21 de abril,adoeceu súbitamente,vindo a falecer em final de março,tomando posse seu vice José Sarney.

Após o período de governo,houve novas eleições,tendo sido eleito,infelizmente Fernando Collor,que não completou ,seu período,sendo substituído por seu vice Itamar Franco.,que fez um bom governo, ao terminar procurando melhorar a economia,instituiu o plano Cruzado,que começou a melhorar a situação do povo.

Neste período também aconteceram fatos na nossa família. Nasceu Viviane ,filha de Luiz Antonio e Cristina,a primeira neta de Heloisa.Flavinho,filho de Flavio,se casou coma Annie,uma moça de Friburgo.Tendo sido esta a última cerimônia,que Leonel participou.

Já entrando no final do século em 1998 quando perdemos Leonel,tivemos outras eleições para presidente,como a de Fernando Henrique que presidiu o país por 8 anos,sendo sucedido por Luiz Inácio Lula da Silva,que também foi eleito e reeleito,terminando este ano seu mandato (2010)

Durante este período o Brasil sofreu muitas modificações,algumas boas outras nem tanto,no momento há um clima de insatisfação muito grande contra os políticos,pois foram introduzidas ,idéias e conceitos muito diferentes dos que nós tivemos em nossa formação.

Ainda em 2003,nasceu o João Gabriel,filho do João ,e neto de Heloisa.

No momento,estou dando uma pausa nestas lembranças,pois estava aproveitando minha recuperação,depois de uma embolia pulmonar que sofri em junho de 2009. Se tiver outras recordações,voltarei a escrever.

Também nasceu a filha de Flavinho,Beatriz,primeira neta de Flavio e Elina.

Outras lembranças da infância e adolescência.

Era hábito de meus pais,irem visitar alguns parentes no 1* dia do ano..Eles me levavam sempre neste dia para visitar ,tio Pedro e Tia Zidoca,meus padrinhos de batismo.Tio Pedro nesta época morava num palacete em estilo clássico,muito bonito,perto da ponte da Urca,na av.Portugal,,como era uma visita avisada,pois é hábito da nossa família,antes de fazer uma visita na casa de algum parente,avisar por telefone.,com isso,quando lá chegávamos eles me presenteavam pelo Natal.Tio Pedro,tinha comprado uma fábrica de brinquedos, que se chamava Astro,me lembro que naquele ano ,meu presente foi um boneco,bem grande que conservei até os meus 13 anos quando Mamãe decidiu acabar com todas as minhas bonecas e também com as minhas tranças.Telefonou para o salão do Antunes,que ficava na Voluntários ao lado da Padaria Bragança,mandou a Maria Cândida uma espécie do governante,que tinha em casa e mandou que seu Antunes cortasse as minhas tranças,alegando que eu já estava ficando mocinha e que trança era coisa de criança.

Nesta época,as ruas principais de Botafogo.São Clemente e Voluntários,eram de mão dupla,pois havia muito menos carros particulares trafegando,pois carro naquela época era para pessoas ricas. Usávamos muito os bondes,carros de aluguel (táxis) e alguns ônibus que eram da Light,tambem concessionária dos bondes..

Alguns bondes,passavam por esta ruas,como o Humaitá e o Largo dos Leões,que faziam a volta no Largo do Humaitá,ali perto da Casa de Saúde São

José,para irem para o centro da cidade,onde paravam na Galeria Cruzeiro,hoje desaparecida,era no Largo da Carioca,hoje está construído o edifício Av.Central.

A viagem de bonde era muito agradável,pois os bondes eram abertos e bem ventilados,como o trânsito era bem menor que o de hoje em dia em pouco tempo chegávamos ao destino. Ali,no Largo dos Leões,havia uma garagem de bondes,onde hoje é a Cobal. O presidente da Light,morava num palacete anexo à garagem. Ficamos com muita pena,quando o Carlos Lacerda acabou com os bondes era o progresso...Só restaram os de Santa Teresa,que existem até hoje.

Foi também nesta época que foi construído o túnel Rebouças,que liga a Zona Norte à Zona Sul,que apesar de muitas vantagens,prejudicou muito a Zona Sul,principalmente a freqüência nas praias

Mamãe gostava muito de se exercitar,heranças de vovô,que devido à suas atividades,precisava de andar dentro do navio. Com isso,ela nos fazia andar à pé,nas ruas de Botafogo,que naquela epoca tinha as calçadas em bom estado e não esburacadas como são hoje. Babá Francisca,sempre nos levava para passear,de manhã,pelas ruas do bairro.

Uma vez,nos encontramos com um senhor baixinho e magro,todo vestido de preto,nas imediações da rua Capitão Salomão.Então,Babá disse para mim,que aquele senhor era primo de vovó,e se chamava Simoens da Silva. Fiquei impressionada com a figura e como sou muito curiosa,procurei saber direito quem era. Mamãe não soube me dizer,então perguntei a vovó que me disse que realmente era um primo dela,que morava num casarão,na rua Visconde Silva,onde há hoje uma estação da Light.Me contou que a casa era um verdadeiro museu,pois ele tinha viajado por muitos paises exóticos,e que até tinha uma múmia em casa.Fiquei muito impressionada com a figura. Soube depois que ,que ele tinha 2s filhas chamadas Safira e Esmeralda,e depois vim a saber ser o pai do famoso compositor Bororó.Teve também uma filha com Mme Henriette uma senhora que dava aulas de línguas para Mamãe.Sua filha se chamava Yvonne Simoens da Silva,que depois se casou com um nobre estrangeiro,cujo o sobrenome era Botkay Todas as vezes que passo na rua Visconde Silva,me lembro deste senhor. Aliás ,não sei se ainda estão,mas na sacristia da Igreja de São João Batista tem um corredor,cheio de quadros pintados,homenageando os Bahia, pois eles é que começaram aquela parte de Botafogo,sendo uma antepassada a Baronesa de Sorocaba que era irmã da bisavó de vovó,que tinha uma chácara onde é hoje a rua Sorocaba Alguns nomes de ruas de Botafogo,ainda conservam os nomes como Dona

Mariana, que era filha da baronesa, outras como a rua Delfim, hoje Mena Barreto. Delfim Pereira era marido da baronesa..

Nas décadas de trinta e quarenta, a vida do Rio era bem diferente, pois só havia rádio e telefone,, este para as pessoas de um certo nível social, como as senhoras não trabalhavam fora, isto começou a acontecer ,já nos anos 40, quando foi introduzida a independência da mulher, então era comum as senhoras que iam fazer compras nas lojas da cidade, pois o comércio, mesmo o de Copacabana era muito pequeno, as grandes lojas de moda e de sapatos e acessórios ficavam, no centro da cidade.

Com isso ao irem às compras na cidade, combinavam com as amigas, de se encontrarem para tomar chá ,nas confeitarias que havia no Centro, Colombo, Cave, Lalet, e outras que não existem mais. As duas Cave e Colombo ainda existem. Além deste encontros nas confeitarias da cidade, era comum mesmo em casa, elas convidavam também para tomar chá ,nas tardes, Mamãe gostava muito de convidar as amigas e primas para estes chás, na nossa casa de São Clemente, a pretexto de retribuição, de convites. Os assuntos eram tão interessantes, que algumas vezes, elas perdiam a hora e quando chegávamos do Colégio e Papai do escritório, ainda estavam lá.

No inverno era sempre servido o chá, com pães de minuto, e bolo. No verão eram refrescos de fruta, pois ainda não havia ainda sido introduzida a Coca Cola, só alguns anos depois.

Hoje 23 de abril de 2010, estou completando 80 anos e estas lembranças continuam bem nítidas na minha memória. Ao ver dias atrás um filmete da Metro que foi feito no anos de 1936, sobre o Rio tive muitas saudades, pois me lembraram as paisagens daquela época em que eu era criança , e relembrei os lugares, que nós passamos e que hoje estão inteiramente diferentes devido ao progresso e o aumento de população.

No dia do meu aniversário eu faltava às aulas no Colégio, na hora do almoço, Papai me levava de carro a Copacabana para comprar meu presente, pois queria que eu escolhesse, havia na rua Figueiredo Magalhães uma joalheria ,na quadra da praia, chamava-se Maximino Jóias, era lá que Papai me levava. Um ano ele me deu de presente um relógio, que tive até me casar. Em outro ano eu escolhi um anel de topázio. Quando terminei meu curso no Sion, ganhei de Papai e Mamãe, um anel de pérolas, que guardo até hoje. Muitas de minhas jóias, ganhas de Aloysio ou herdadas, foram roubadas num assalto no Banco Boavista da Barra, onde Leonel tinha um cofre, fiquei com muita pena pois perdi minha aliança de noivado de rubis, e um anel de safira e brilhantes que Vovô deu de noivado a Vovó. E outras jóias de estimação, que estavam guardadas lá. Infelizmente hoje não podemos sair de casa com jóia verdadeira 'só de imitação por causa dos assaltos.

A vida no Rio, hoje em dia é muito estressante, agitada e devido ao trânsito muito grande perde-se muito tempo, para a locomoção de um lugar para outro. Assim mesmo procuro evitar estresse, levando uma vida mais tranqüila. Como sempre gostei muito de trabalhos manuais atualmente me ocupo fazendo casaquinhos e sapatinhos para os pobres, em tricô, que com o tempo me tornei especialista. Gosto também de fazer crochet, de tirar receitas novas. Algumas pessoas aqui das minhas vizinhanças sabendo das minhas habilidades, vêm aqui fazer encomenda, com isto eu ocupo o meu tempo, e sempre ganho mais um dinheirinho. Me ocupo muito também no Computador, que é um passatempo muito bom. Enfim minha vida é muito tranqüila, afinal mereço depois de 33 anos de trabalho, ininterrupto, no Santo Inácio. Escuto também muito rádio e televisão estando informada de tudo que acontece no Rio, Brasil e no mundo

Até mais ou menos os anos 40, a medicina ainda estava engatinhando. A partir dos anos 50, começaram a surgir grandes estudos, e progressos e também grandes descobertas nesta área. Nós quando crianças éramos tratados por um pediatra, Dr. Calazans Luz. Em geral Mamãe nos levava ao seu consultório uma vez por ano. Se ficávamos doentes então ele ia fazer uma visita em casa. Era comum tomarmos os remédios que existiam na época, como: Biotônico Fontoura, Vinho Reconstituente Silva Araújo, e o famigerado Calcigenol, que nós detestávamos. Bege-Phos, Óleo de fígado de Bacalhau Magnésia Fluida de Murray. Para a gripe tomávamos Salofeno e Cafiaspirina e as homeopantias Acônito e Beladona, Alho Sativo. Mamãe tinha uma senhora que dava injeções em casa, chamava-se D. Herminia, As injeções eram de Gadusan, Cortobion Quinino..

Mamãe se preocupava muito com peso, fazia sempre uma dieta e aos poucos foi eliminando da sua alimentação certos pratos, pois achava que engordava, principalmente os doces. Ela tinha razão, mas acontece, que Papai não admitia, não comer as gulodices e os pratos que ele gostava, pois sempre foi habituado a uma mesa muito farta. Não se conhecia ainda os efeitos da gordura, e do açúcar e também das massas. Em casa, tinha um menu para o almoço e outro para o jantar, e verdade que eram constituídos de pratos variados, não faltando no jantar um peso de lagarto assado, isto acontecia também na casa de vovó. Cada dia tinha uma sobremesa diferente, de doces variados, compotas de frutas. É verdade que a família era grande, Papai e Mamãe, nós cinco, e quando Heloisa ficou noiva Arthur que jantava todo dia, e aos domingos ainda iam almoçar lá, vovó e João Candido, que moravam em hotel. Mamãe gostava muito de sorvete, então sua penitência de semana santa, era se privar deste, da 4ª. feira de Cinzas até o Domingo de

Páscoa.tempos bons,tive uma vida muito boa,sem preocupações,como criança

·
Chegando aos meus oitenta anos,vejo como mudaram os tempos,os valores e a mentalidade.

Fomos criados dentro de um conceito rígido de valores,"vitorianos"como diz Heloisa,minha irmã.Papai e Mamãe,eram bem intransigentes,não aceitavam certas situações,que hoje em dia achamos naturais,como pessoas que se divorciam ,e contraem um novo casamento,pois na época que eles existiram não havia ainda passado a lei do divórcio,aqui no Brasil,como eram muito católicos seguiam à risca as orientações dos padres da Igreja Católica.Essas pessoas mesmo sendo parentes ou amigos eram vistos com outros olhos por eles e praticamente deixavam de se dar.Hoje isto é visto com naturalidade,principalmente pelos jovens que já foram criados convivendo com essa maneira de ver as coisas e de aceita-las, pois para eles casamento era para toda a vida,mesmo que com o tempo fosse fracassado,as pessoas com essa mentalidade,ficavam infelizes para sempre,convivendo obrigadas com uma pessoa que não amavam mais. Daí eram traições ou mesmo adultérios de um ou de outro,pois iam procurar por fora uma pessoa com quem tivesse um relacionamento mais feliz. Neste ponto,estes conceitos mudaram muito com a lei do divórcio.

Outros valores que eram bem diferentes,por exemplo a naturalidade que se nota na juventude,com grandes deslizes particularmente sobre atos que víamos como de honradez e honestidade,hoje em dia mentem com uma facilidade,procurando enganar as pessoas,querendo sempre levar a melhor. È impressionante a "cara de pau" de algumas pessoas principalmente os políticos em todas as esferas,que aplicam a "lei de Gerson" isto é ,levar a melhor em tudo.Prometem tudo quando se sabe que é para iludir o povo,muito ingênuo e ignorante.Acho uma crueldade isto,pois está chegando a um ponto aqui no Brasil,que é muito difícil de se acreditar nas pessoas.

Hoje em dia,,temos dificuldade neste ponto tanto na vida pública,dificuldade em encontrar um candidato que seja digno e preparado em quem podemos confiar nosso voto. Sempre houve muita corrupção na cúpula dos governantes,mas a partir de 2003,acho que piorou muito,pois em cada ano até agora surgiram escândalos escabrosos principalmente aqueles que tocam em dinheiro.O objetivo de grande maioria e' se dar "bem".Estão ricos todos os que tem esta mentalidade,principalmente os de Brasília,que acho que foi um mal muito grande para o Brasil,mesmo achando que Juscelino talvez não tenha tido intenção,mas ,estamos vendo o que se tornou,Brasília,uma ilha de fantasia.

A moda, durante as décadas de 20 e 30, era muito diferente, não havia roupas “pret a porter”. isto começou a ser introduzido ,após a 2ª guerra mundial. No Brasil, não havia muitas indústrias de tecido. As senhoras compravam os tecidos em lojas especializadas. Em geral no centro da cidade. Usava-se muita seda, tafetá, linho e mesmo algum algodão, só que era inglês. Havia muita costureira, e mesmo modistas, como se falava. Chegavam aqui no Rio, revistas de moda , como a Vogue, o L’Officiel e outras publicando modelos, que as senhoras escolhiam e mandavam executar pelas costureiras ou modistas. Me lembro que Mamãe teve várias, que ela sempre se lembrava como Mlle, Fernandes, uma francesa, depois teve Esther, uma costureira que ia em casa, por dia, achava ela muito antipática, e por último tivemos Setembrina, que era uma mulata muito “chique” que trabalhava muito bem. Foi a última que tivemos, todas na família, fazia os vestidos com ela, que morava em Santa Teresa, o que já era um passeio para nós, pois tínhamos que ir de bonde ao Tabuleiro da Baiana, e lá tomar o bondinho para Santa Teresa, onde ela morava. Foi ela que executou meu vestido de noiva, pois como ia me casar em março, sugeri um vestido de organza suíça, toda bordada aliás tive que fazer por baixo, um outro vestido também de organza lisa, para ficar por baixo, para evitar as transparências a pedido do padre Oliveira que ia me casar. Imagine!

A filha de Setembrina, que conheci com uns 7 anos , é a atriz de teatro e tv, Maria Pompeu.

Com a introdução da moda pret a porter, aqui, começaram a aparecer as lojas, que vendiam vestidos prontos, ou feitos por encomenda, como A Imperial, a Sloper, A Moda, a Etoille e outras que vendiam modelos inspirados nos estilistas franceses, italianos , espanhóis e que ficaram famosos e conhecidos depois da guerra, como Chanel, Givenchy, Marcel Rochas, Paco Rabanne e muitos outros , ai os brasileiros começaram a evoluir suas indústrias de tecidos, como a fábrica Bangu, que começou com os tecidos de algodão e que fazia uma vez por ano um desfile de lançamento de seus produtos usando modelos já famosas, sendo o desfile feito no Copacabana Palace, e era um grande evento social na época.

Aumentaram também as indústrias de roupa íntima das mulheres com o advento de tecidos sintéticos. Antes da guerra as roupas íntimas eram confeccionadas em casa, eram muito bonitas pois como havia bastante tempo, ninguém trabalhava fora, eram feitas de lingerie, de cetim com rendas que se compravam em lojas especializadas, em geral francesas eram feitas por bordadeiras, sendo feitas à mão, com um ponto chamado Paris. Eu mesma fiz várias camisolas para o meu enxoval, fora outras que Papai pediu ao seu sócio, Corrêa e Dulce , para comprarem nos Estados Unidos, sendo estas já de nylon, que apareceram lá. Aprendi com Mamãe a fazer os soutiens que eram

feitos com renda todos bordados com fitas e com “rococó”,umas florzinhas que se bordava ,aproveito hoje estas habilidades,para enfeitar os casaquinhos de bebê,que gosto de fazer.

Eram trabalhos muito bonitos,mas requeriam grande habilidade manual,que fui brindada ,”heranças das minhas avós” e que hoje me ocupo depois que me aposentei,e com isso passo meu tempo e uso a minha criatividade

Também naquela época a indústria do couro já estava aumentando,já havia muitas sapatarias,mesmo nos bairros.Me lembro que quando morávamos na rua Itu,havia uma sapataria,na rua Humaitá,que era de um senhor chamado Sr. Pinto. Quando esta foi passada para a frente,isto é o negócio passou para outro dono,que eram uns judeus,Srs. Pedro e Salomão,ainda funcionou naquele local,depois eles compraram, um terreno na rua Voluntários,e construíram um prédio de 3 andares,onde instalaram no térreo,a loja,já mais bem equipada. Era muito prático, sistema que naquela época se adotava.Mamãe telefonava e pedia um tipo de sapato e o número do pé,de um de nós,e eles mandavam um empregado,de bicicleta,levando as caixas para experimentar e escolher o mesmo se dava com os tecidos,na Casa Augusto,um armazinho que vendia tecidos e aviamentos,o dono mandava,o empregado levar os cadernos de amostras de tecidos,que Mamãe escolhia e mandava pelo empregado com a metragem necessária para a confecção da peça.O mesmo acontecia com a Casa Imperial onde era feito o fornecimento mensal dos alimentos.Era tudo pedido por telefone o caminhão da loja que fica na rua Voluntários esquina de Real Grandeza,entregava em nossa casa. Com o aumento da população,e a vida foi se tornando mais difícil,todas estas coisas acabaram. A Casa Imperial,ainda existe até hoje,no mesmo local.Ela foi fundada acho que nos anos 20,por antigos funcionários da Confeitaria Colombo,que introduziram os mesmos serviços. O almoço do meu casamento foi todo fornecido por eles,a parte salgada,pois os doces Mamãe encomendou em Adélia,uma doceira muito famosa na época,que morava na rua Sorocaba,os doces dela eram uma delícia,na base de,amêndoas,nozes ,ovos e de chocolate,eram muito finos.

Me lembro,que quando eu era pequena,devia ter uns 2 ou 3 anos,Mamãe tinha a mania de colocar um laçarote de fita na minha cabeça,que era enorme e eu não gostava.Tenho até hoje uma foto tirada na janela da sala,da casa da rua Frei Veloso. Ficando eu uma pouco mais velha,comecei a usar tranças,penteado muito comum das meninas daquela época Usei estas tranças até meus onze anos,mais ou menos,quando Mamãe achou que eu estava muito menina,deu minhas bonecas e mandou Maria Cândida que era uma espécie de governanta,que tinha em casa,me levar no Salão do Antunes,que ficava na esquina, de Voluntários com Real Grandeza ,pois ela tinha marcado hora para

cortar meus cabelos,que eram muito bonitos,de um louro “cendré” como diziam minhas tias.

Tia Cecília,nesta época ,dizia que eu tinha tipo de italiana,talvez herança das antepassadas.Guardo também um fotografia uniformizada do Sion,com tranças,estava nesta época na Classe Verde,que correspondia ao 4*ano primário..

Sempre que me lembro de alguma coisa,escrevo aqui, para não esquecer,se no futuro,se alguém tiver a “pachorra” de ler,ou vai se divertir muito ,ou vai sentir muitas saudades de um tempo que éramos crianças felizes e sem preocupação de nada. Neste ponto me lembro de meu avô João Candido,já muito doente, na rua Conde Baependi, onde eu ia visita-lo todos os domingos depois da missa. Ele dizia sempre que gostaria de ser um cavalo, para poder correr em disparada,pelos campos sem pensar nas tristezas e preocupações dos adultos. Aproveite bem a sua infância e juventude pois elas passam e não voltam mais. Meu avô gostava muito de escrever acrósticos,que era uma pequena poesia que começava a primeira letra,com o nome da pessoa, ele fez para todos os netos quando nasciam e também para outros,ainda tenho até hoje o meu guardado. Ele gostava muito de mim,me chamava de Gildinha. Como ele tinha uma boa biblioteca em casa,pois era um homem muito culto e gostava muito de ler,eu pegava sempre emprestado um livro,para ler nas horas vagas durante a semana.Outros netos que eram menores,já não conheceram ele bem,mas eu convivi muito com ele,pois quando morreu eu já estava mocinha.

Era de impressionar a ligação de amizade entre os 2 irmãos, eles se chamavam de “manata”,que eu ,não entendia o que era.Acho que como perderam a mãe,cedo,pois vovô tinha só 14 anos e acho que tia Sinhazinha sua irmã se casou,muito cedo,com o tio Portela,tinha só 16 anos,eles ficaram muito unidos,e já crescidos se casaram com as 2irmãs,vovó e tia Cecília,o que os uniu mais ainda. Tio Carlos e tia Cecília,moravam na rua Fernando Osório,no Flamengo,que era transversal à rua Marques de Abrantes,como não tiveram filhos,seus sobrinhos e sobrinhos netos,éramos como se fossemos filhos e netos.Quando éramos pequenos ou mesmo adolescentes,íamos sempre visita-los e não saíamos com as mãos abanando, sempre ganhávamos um presentinho.A nossa família naquela época era bem grande,só vovó tinha 8 irmãos,com as respectivas mulheres e filhos.Como eram muito unidos,havia muita participação de todos,principalmente nas reuniões de aniversários. ou casamentos.Mas aos poucos a família,minguou,foram morrendo,restando apenas nós e os primos.,filhos de tia Mariazinha e Tais,de tia Carmen.

Vovó era uma pessoa muito especial,era muito suave,muito carinhosa com os netos e bisnetos.Ainda conviveu com Athurzinho,Joãozinho e Rodrigo.Eles a

chamavam a “vovó do mel” pois sempre que ia visita-los, levava uma garrafa de mel de abelhas, dizendo que era muito bom ter em casa, para tomar quando estavam com tosse ou dor de garganta. Era uma pessoa muito educada, sempre tratando bem a todos, não só aos netos e bisnetos, Era muito bonita, depois que vovô morreu deixou de pintar os cabelos. Era mesmo uma dama, aliás como todas as mulheres da família. Era muito atenciosa conosco, e sempre gostava de dar um presentinho, mesmo que pequeno. Quando eu estava noiva ela gostava de ir às Lojas Americanas e sempre comprava para mim coisas que achava práticas para casa. Fazia uns guardanapinhos de linho com a barra de crochê., fez muitos para o meu enxoval. Várias vezes ficou hospedada na nossa casa, pois esteve doente, primeiro com tifo e depois em consequência de um acidente no bonde de Santa Teresa, quando ia experimentar o vestido para o meu casamento, aliás que estava muito bonita, vestida de preto, com um chapéu preto com um rabo de galo, verde, e um broche de marcacitas que ficou para Mamãe e depois com sua morte., ficou para mim, que guardo até hoje. Como ela morava em hotel, que ainda existiam aqui, os chamados hotéis residência. Ela se dizendo cansada do governo da casa. foi morar no Hotel Bahia, que ficava na rua Senador Vergueiro, era uma casa de 1 andar daquelas ainda do século XIX, cercada de jardins em estilo meio clássico Depois este mesmo hotel saiu de lá, pois a casa foi vendida para a construção de um edifício, e passou a funcionar na rua Pereira da Silva, em Laranjeiras, ao lado do Cenáculo, uma casa de Retiros, onde havia uma capela, onde ela gostava de assistir a missa de domingo.

Por isso quando ficava doente ela ficava hospedada na casa de uma das filhas

Eu tive muito contato com meus avós, desde pequena Mamãe me deixava sempre na casa deles. quando precisava de sair. e como Flavio era bebê ficava com a babá e eu ficava em casa deles, em geral com tia Mariazinha que era noiva de Otavio, e nós íamos, para o lado da Fonte da Saudade, até a fabrica de serpentina que havia ali no final, pois a avenida Epiácio Pessoa, naquela época acabava ali, só depois fizeram a continuação até Ipanema, ou então íamos passear nas margens da Lagoa, nas proximidades do Piraquê. sempre a pé. Eles eram noivos

Toda vez que eu vejo, uma planta que é típica daqui do Rio, o jasmin azul, me lembro do jardim da casa da rua Frei Veloso, onde nasci. Esta rua não existe mais, só um pedaço, pequeno, ela ficava na saída do Túnel Rebouças. Nem a rua nem as casas que ali ficavam não existem mais, desapareceram com a abertura do túnel..

Gosto muito de fazer pesquisa pelo computador, é uma distração interessante, pois achamos muita coisa que esclarecem e abrem o nosso

horizonte para algumas descobertas e mesmo segredos que ficaram no passado.

Ao fazer uma pesquisa ,sobre a família de vovó Luizinha,entendi porque Papai sempre falava que eram nobres falidos.Realmente se lembrar os tempos de meus tios,irmãos dela,alguns como tio Nhonho,foi realmente. Acho que era funcionário dos Correios,no entanto foi casado com 2 senhoras parentes distantes,ambas com o pedigree de quatrocentonas de origem em São Paulo,só que pelo que entendi como criança que ele era um fracassado coitado. Tinha uma família grande pois se casou 2 vezes,e teve vários filhos,Papai dizia que ele era um estróina...Vovô Lulu,meu bisavô,Luiz de Moraes Gomes Ferreira,era casado com vovó Lili,mãe de vovó, ele era de Pernambuco,e era ainda parente longe de vovó Teresa,minha bisavó,Tereza Gonçalves da Silva Brazil,que foi casada com vovô Almirante,pais de vovô João Candido,casado com vovó Luizinha,pais de Mamãe.

No entanto antes deles,na geração anterior,tinha vovó Carlota,mãe de vovó Lili,Carlota Maria de Oliva,que foi casada com um advogado Luiz Fernando M aya,vóvó Carlota era de São Paulo,sobrinha da marquesa dos Santos,Domitila de Canto Castro Mello, sendo sua irmã Ana Cândida do Canto e Melo casada com Carlos Oliva,que era oficial da guarda do Imperador,,todos são descendentes de João de Castro Canto e Mello e de Escolástica Bonifácia de Toledo Ribas. As famílias eram muito grandes,a outra irmã de Ana Cândida era Benedita, que era casada com um funcionário da Corte,Delfim Pereira,.Também tiveram alguns irmãos todos pertencentes à Guarda Imperial..Estou procurando dar estas informações para não se perderem no tempo.

Como era muito comum as famílias muito numerosas se entrelaçavam pelos casamentos,pois a vida era muito pacata e viviam sempre entre as famílias. Por exemplo, nossos avós se casaram na família Brazil,vovô João Candido com vovó Luizinha, tio Carlos seu irmão,casou com Tia Cecília,irmã de vovó.Ainda continuando,tia Sinhazinha Bahia se casou com tio Eduardo,e tia Laura com tio Henrique que era irmão de tio Eduardo. Por sua vez eram primos longe,pois tia Maricota sua mãe,era ainda prima de vovó Lili,mãe delas. No século XIX, os nossos antepassados era fazendeiros e senhores de escravos,família de vovó Lili,tinha uma fazenda ,hoje é o bairro.de Vicente de Carvalho,foram também atingidos pela abolição da escravatura,ficando sem braços para a lavoura,começaram a vender as terras,me lembro de vovó contar que estas foram vendidas para o drOscar SantÁnna que começou o bairro. Vovó sempre contava que tinha uma parente ,acho eu que era a Condessa da Estrela Luiza,sua madrinha,que tinha uma fazenda em Valença,que tinha um

clima ótimo, tia Laura e tia Cecília, quando eram mocinhas, iam passar temporadas lá..

O mesmo aconteceu anos depois, também com as terras da família Brazil, em Angra dos Reis, que eu ainda conheci, pois foram vendidas por volta de 1954, compradas pelo Ruy Solberg. Ficava localizada praticamente na cidade, pois podíamos ir a pé, tinha uma praia, chamada praia da Chácara, onde ficavam as ruínas da casa de vovó Luiza, minha tataravó, e o Chalet, que era uma casa que ficava numa colina mais para dentro, de onde se tinha uma bela vista do mar. Esta casa foi construída por meu bisavô, pois ele dizia que para ele Paris ou o Chalet, interessante que ele veio a morrer, justamente ali perto na explosão do Aquidabã. A área era bem grande, ainda fomos diversas vezes lá, tinha uma cachoeira mais perto do morro, pois passava um riacho. As terras já estavam muito cortadas, pois passavam por lá uma estrada de rodagem, que foi aberta para se chegar à cidade, e também pela estrada de ferro. Estas terras pertenciam aos antepassados de Mamãe desde os anos de 1700, segundo uns papéis que eu encontrei lá no Chalet, já meio consumidos pelas traças. Esta pessoa parece que era de um tio de vovó Luiza, minha tataravo', aquela que o poeta Emilio de Menezes escreveu a poesia, "O batel da dor" que conta a aflição dela à procura do corpo de meu bisavô, que morreu na explosão do Aquidabã. Ela percorreu num bote que existia nas terras, todas as enseadas de Angra e da Ilha Grande, a sua procura, foi infrutífera pois o corpo dele nunca foi encontrado. Há poucas anos eu e Eduardo fomos a convite da Marinha assistir a cerimônia comemorativa pelos 100 anos do desastre. Lá na baía de Jacuecanga, que aliás é um lugar lindo, chama-se Costa leste.

Também tínhamos como recordação daqueles tempos uma imagem de Nossa Senhora, que era uma santa de pau oco, que pertencia à família desde essa época. Como toda família religiosa havia nas terras uma capela, que ficava no morro da Cruz, onde estavam os santos. Com o tempo a Capela, a casa de vovó Luiza e o Chalet ruíram. Uma pena era um lugar muito bonito. Hoje em dia nem se conhece mais, pois é uma favela. Uma pena. Eu trouxe de lá uma lanterna, que se usava, para sinalizar, Aloysio, que era muito jeitoso, arrumou e transformou num abajour, quando a Victoria se casou de novo para ela, ela tem até hoje em sua casa.

Quem no futuro ler estas notas, peço desculpas pois minha redação não é boa, mas eu escrevo o que eu sinto e o que me vem à memória.

Hoje estava recordando fatos e pessoas que já se foram e ficaram na minha memória. Queria esclarecer um mistério para mim sobre os Vivacqua e lembrar fatos que ele contava, quando criança. Eu tinha uma vontade grande de conhecer meu avô Domingos, mas havia uma dificuldade pois ele morava no

Espírito Santo e nós no Rio. Dizia sempre que achava uma viagem muito cansativa para nós. Finalmente fui a Cachoeiro, já casada, em 1953. Ele morava numa chácara no fim de uma rua meio ladeira, a casa era bem grande cercada de mangueiras. Tia Mariquinhas, irmã de Papai morava na mesma rua um pouco abaixo.

Mas vou iniciar esta história com o que Papai contava. Meu bisavô, chamava-se José Vivacqua, (Giusepe), por isso Papai se chamava José Vivacqua Netto, pois era o primeiro neto, dele, em linha direta. Sempre contava, que meu bisavô, deixou a Itália, e a cidade que nasceu Castelucchio Superiore, que ficava nas montanhas próxima de Nápoles. Deixou seu país, por motivos políticos, indo para a Espanha e posteriormente para o Brasil. Ao chegar aqui no Rio, contraiu febre amarela, esteve muito doente. Isso deve ter sido depois da Guerra do Paraguai. O Imperador, preocupado com os movimentos abolicionistas, prevendo a perda de braços para a lavoura, sendo nesta época o Brasil um país totalmente agrícola, resolveu oferecer terras para italianos que quisessem vir para cá. Meu bisavô se animou, e ia comprar terras, pois tinha recursos para isso. Mas antes voltou à Itália, para ver sua segunda mulher, Margarida e alguns de seus filhos. Meu avô Domingos era filho do primeiro casamento, sua mulher Filomena, morreu.

Em 1882, voltou para o Brasil, com meu avô Domingos que tinha 18 anos. Compraram terras, em Rio Pardo, e lá começaram a formar fazenda. Vovô era muito corajoso, contam que a região era infestada de malfeitores, mas vovô conseguiu, limpar e fazer uma cidade, que chamava-se Rio Pardo. Lá já estava estabelecido seu amigo José Lofego, engraçado quando ele chegou aqui mudaram seu nome italiano de Lofego, para Lofego, acho que deve ter sido na Alfândega. Uma prima de Papai a Rosina Lofego, já bem idosa, num chá, nos contou que eles moravam na outra margem do Rio Pardo, e elas que estudavam em Vitória, quando iam de férias tinham que pernoitar na casa dos Vivacqua do outro lado do rio. No dia seguinte atravessavam de barco, para a casa dos Lofego, meus bisavós, do outro lado. Rosina contava que meu bisavô era um homem alto e forte, muito generoso que gostava de reunir na sua casa a família, e até os empregados para a refeição, inclusive oferecendo vinho para todos. Papai gostava muito do seu avô comentava que era muito bom, bem como sua mulher Margarida, que ele chamava de avó, pois a mãe de vovô Domingos que era o filho mais velho, morreu na Itália, ele se casou em 2ª. núpcias, com a Margarida. Apesar de não ter muita certeza, acho que alguns irmãos de meu avô, como Tia Filomena, tio Pepino (José) eram do 1º casamento.

Vovô deve ter chegado ao Brasil com seu pai por volta de 1882, e se estabeleceram em Rio Pardo, que ficava perto de Muniz Freire. Lá eles tinham uma fazenda de café, que foi o princípio de tudo. No dia 4 de outubro de 1890, Domingos casou-se na Igreja e civil, com Nóbila Lofego, que era filha de José Antonio Lofego e de sua mulher Rosa, ambos italianos da mesma cidade, na Itália. Ele tinha 26 anos e ela 15 anos. Casamento tipicamente arranjado conforme era na época, e claro que não podia dar certo. Tiveram 4 filhos, Maria Idalina (Mariquinhas), Elzira, José e Francisco (Chiquinho). O casamento deles não deu certo, também com a diferença de idade, minha avó tinha 15 anos e ele já com 26 anos. Ela uma menina e ele quase um homem feito. Começaram logo a nascer os filhos. Vovô conheceu na época conforme relatos de parentes, um tenente do Exército que tinha ido servir lá e se apaixonou por ele, largou tudo e fugiu com ele. Seu pai mandou procurar o casal, e a trouxe para sua casa. Com isso vovô se separou judicialmente dela, tendo o juiz na época dividido os filhos. Tia Mariquinhas e Papai com 2 anos foram entregues a vovô, tia Elzira e tio Chiquinho, com 1 ano ficaram com vovô na casa de seu pai. Vovô Domingos, viajava e nesta época era ele que com seu bastão, impunha a ordem na região que era infestada de bandidos, devido a isso, deixava os 2 filhos sob a guarda de seu pai e de sua madrasta. Com essa convivência Papai ficou muito apegado a seus avôs. Embora também tivesse convivência com sua mãe e seus outros irmãos que moravam do outro lado do rio, ele era muito amigo de tio Chiquinho, até sua morte em 1932., eram inclusive sócios na firma Vivacqua Vieira.

Tia Mariquinhas, casou-se contra vontade da família, com o Bueno, e teve muito filhos.

Eu sempre ouvi em casa o comentário, que era um doido e finalmente ela se separou dele e foi morar em Cachoeiro, depois ela veio morar aqui no Rio, onde faleceu, acho que com 80 anos. Fomos algumas vezes visita-la na Tijuca onde morava e tive oportunidade, de conhecer vários de seus filhos, inclusive a Creusa, que depois foi ser freira. Depois de muitos anos, quando ainda trabalhava no Santo Inácio, a Fernanda comentou comigo que tinha entrado como professora do Primário, uma moça que dizia ser minha parente. Fui então apresentada à Marília Bueno, que era casada com o Fabiano, neto de tia Mariquinhas. Eles tinham 2 filhos, alunos do colégio, Maria Idalina e Fabiano. Ainda uma coincidência, tempos depois eles vieram morar no meu prédio, eu nem sabia... Fabiano era filho do Milton, filho de tia Mariquinhas, portanto sobrinho de Papai. Engraçado que é um pouco parecido com Leonel, só um pouco mais moreno.

Tia Elzira, era professora, há uma escola em Vitória com seu nome..Casou-se com tio Taninho e só teve um filho José Maria Vivacqua dos Santos. Ela morou muito tempo em Castelo, que é uma cidade com muitos descendentes de italianos, a cidade até parece um pouco com as cidades de serra do interior da Itália. Depois foi morar em Vitória, acho que quando José Maria {Gaturamo}, que se casou com a Gelu, uma moça da família Voervelt, de Santa Teresa, e tiveram 3 filhos: Mônica, José Eduardo e Carlos Alberto. José Maria morreu há uns anos atrás e perdemos de vista seus filhos. Tia Elzira era uma senhora muito suave e com um ar muito bondoso

Papai adorava seu avô, não é para menos praticamente foi quem o criou. Eles eram comerciantes de café, sendo meu bisavo chefe da firma Vivacqua irmãos, até sua morte, por volta de 1915. Papai sempre contava que ele era um homem muito forte, e sua morte foi causada, porque ele resolveu mostrar aos empregados como levantar uma tora e neste momento teve uma congestão.

Com a morte de seu avô, Papai etio Chiquinho vieram para o Rio, pois vovô Domingos que como filho mais velho assumiu a direção a firma no lugar de seu pai deixou a direção da firma, passando para os outros irmãos. Alguns ficaram em Vitória outros vieram para o Rio. Tios Pepino, Pedro, Egydio, Braz, vieram para o Rio, juntamente com eles vieram Papai e tio Chiquinho. Nesta época seus tios, moravam em Botafogo, tio Pedro na rua Visconde de Caravelas, tio Pepino e tio Braz, na Voluntários da Pátria, conforme relatos de Papai, tio Pepino morava numa casa onde hoje é agência do Correios, esquina de Palmeiras, tio Braz era na Voluntários depois da rua 19 de fevereiro, a casa ainda existe, hoje é um ambulatório do INSS, e atrás da casa ele construiu, uma avenida de casas, que ainda pertence aos filhos. Tio Egydio foi morar na av. Pasteur, numa casa de 3 andares, que hoje é um departamento da Aeronáutica. Ao lado da casa, ainda tinham mais duas onde moravam Daniele Gabriel, seus filhos.

Mamãe sempre contava que quando começou a namorar Papai, ela via passar o Ford, dirigido por Papai, levando seus tios para o escritório, na cidade, e achava muito engraçado, os tios muito gordos e ele magrinho na direção.

Depois tio Pedro, construiu uma casa tipo palacete em estilo clássico, na av. Portugal, perto da ponte da Urca. Não conheci tio Pepino, mas Papai falava muito nele, pois era o chefe da firma, ele morreu em Paris antes de meu nascimento. Os tios de Papai tinham famílias numerosas, a maioria tinha mais de 5 filhos, com isso a família é bem grande, e acho engraçado que ao longo da vida, aparecem pessoas perguntando se eu sou parente de alguma pessoa com o mesmo sobrenome, minha resposta é sempre devo. ser pois é uma família só mas não conheço Os parentes que vieram morar no Rio,

Conheço pois sempre ouvi falar seus nomes,e sabia de que tio eram filho.

Um fato a respeito disso,deu-se no Santo Inácio,quando uma moça foi fazer a inscrição de um filho,para a seleção do Primário, e a Fernanda que atendeu chegou perto de mim e me avisou ,quando ela terminou eu recebi ficha e vi pelo nome e pelas informações que tinha que se tratava de Helena,uma filha de vovô Domingos fora do casamento,mas que foi reconhecida por ele,e usava o sobrenome Vivacqua,o que chamou a atenção da Fernanda.Os meios irmãos como Papai não aceitavam,mas ao vê-la não foi preciso falar pois achei muito parecida comigo,apesar de mais loura e ter os olhos azuis. Na época que vovô morreu,Daniel falou com papai a respeito dela.pois esta estava morando em sua casa,mas Papai acho, não tomou conhecimento.. Não daria certo esta aproximação,coitada,tenho pena dela pois achei com uma fisionomia triste nesta ocasião.

Dos tios de Papai conheci tio Pedro que era meu padrinho de batismo,e por esse motivo tínhamos mais contato. Conheci também tia Filomena,de quem Papai gostava muito e uma vez que veio ao Rio,foi almoçar em nossa casa de São Clemente e ai eu a conheci.Ela morava na fazenda Santa Maria,que foi mais ou menos o berço da família aqui no Brasil.Ela tinha vários filhos inclusive Zezé Vieira,que era companheiro e amigo de Papai por toda a vida. Papai sempre contava quando eram garotos eles raspavam a cabeça para poder escapular da vigilância da avô,e irem tomar banho de rio,e com a cabeça raspada esta secava logo. Eram seus irmãos Atila.que morava em Cachoeiro, e era sócio de Papai em Vivacqua Vieira,Manoel que era engenheiro,Liláh, e outros mais. Conheci também tia Theonila,que morava aqui no Rio,em Copacabana,e tinha muitos filhos que conheci,Themistocles que era muito amigo de Papai,Reny que era casada com Mario Monjardim,irmão de tia Zidoca,Maria de Lourdes que tinha o apelido de Dedeca. Tia Theonila era viúva de tio Pepino. Conheci tia Maricva,que era a mais moça e que morava numa casa muito bonita na Praia da Flechas em Niterói,era casada com o Forjaz e na tinha filhos. Às vezes íamos lá para visitar.

Outros tios de Papai,eu apenas ouvia referencias,tio Manoel morava em Vitória,assim como tia Mariarcangela que era casada casada com Pietrangelo De Biase,também italiano da mesma região deles. Tio Antonio,que era o pai de Atílio,e que foi assassinado , depois disso,a família mudou-se para Belo Horizonte,onde ficaram muito conhecidos por terem um salão em sua casa onde recebiam intelectuais como Carlos Drummond de Andrade. Tio Antonio,foi casdo com Tia Etelvina que era filha do Jerônimo Monteiro,que foi governador do Espírito.Entre seus filhos, teve Attilio,que foi senador da República,este era muito ligado a Papai Sempre tínhamos contato com eles

,seus filhos também conhecemos,principalmente Jussara, cujo filhos Fernando e Maria Cristina,já eram da 2ª. geração. Outro irmão de Atílio era o Antonio que morava em Belo Horizonte e depois foi morar em Brasília.Ele era engenheiro,professor da UNB, e inventou entre outras coisas a fórmula do Nescafé.

Outra deste ramo da família, foi Dora,” Luz del Fuego” a filha mais moça,que causou muito escândalo,por se apresentar nua nas boites daqui do Rio. Infelizmente morreu assassinada numa ilha de sua propriedade ,na baía de Guanabara

Tio Pedro .foi por muitos anos Presidente da Associação Comercial Era casado com tia Zidoca,e teve muitos filhos :Sólon.Marcelo,Stael ,Stelinha,Nazareth,Izildinha e Margarida. Com estes tivemos algum contato.Solon.foi casado com a Lourdes,e teve os filhos Pedro Paulo,companheiro de Leonel,Carlos Alberto,Sólon Junior e Mônica,que é casada com o João Cordeiro Guerra..

Os outros tios de Papai,eu quase não conheci só de nome e de referencias em conversas. Tio Brtaz,Egidio,Mariarcangela,e Manoel estes últimos moravam em Vitria.

Uma vez Papai levou tio Pietrangelo De Biasi,casado com Mariarcangela para ir almoçar lá em casa,e eu o conheci. Eram muitos primas e primos,que se ouvia referências mas não conheci pessoalmente.

Vovó Nobila era uma senhora bem baixinha, devia medir uns 1.30 mais ou menos ,Os pés e as mãos,bem pequenos também mas era muito habilidosa e sua casa em Cachoeiro era um brinco de limpeza e arrumação. Sempre presenteava as noivas da família com uma toalha de renda de crochê feita por ela.Heloisa e eu ganhamos a nossa . Ela era também uma ótima cozinheira principalmente as massas italianas que ela fazia,e também um pão da sua região que era uma delicia,quando Papai ia lá,ela mandava para nós,eram recheados de uma lingüiça típica que se podia comer crua,ela fazia esta em casa,mas fazia um pouco de segredo,não dava a receita. Anos depois Leonel andou viajando pelo Espírito Santo,e estive em Domingos Martins ,cidade de italianos e lá encontrou a mesma.Trouxe para o Rio,e me fez experimentar a mesma,perguntando se eu me lembrava dela,eu respondi é igual a que vovó fazia

Ainda sobre família Lofego,que era um pouco desconhecida para mim, pois Papai não se referia muito a eles,é natural pois ele foi criado por seus avós do lado Vivacqua. Pelo que hoje entendo e por alguns comentários que ouvi,já adulta,as 2 familias eram amigas,desde dos tempos da Itália.

A família chegou ao Brasil, em 1875, se estabelecendo no Espírito Santo. Meu bisavô se chamava Francesco Lofiego e minha bisavó era Rosa D'Amico. Tiveram 3 filhos Giuseppe (José Antonio), que se casou com uma brasileira Maria Rodrigues de Paula, e tiveram 11 filhos, entre eles Eliseu, que vovó falava sempre me parece que era advogado.

Braz que se casou com Palmira Affonso, que tiveram 12 filhos, sendo que alguns nós conhecemos, como a Rosina, que era solteirona, e regulava em idade com Papai, Alda que foi casada com o Dr. Dulcino Monteiro de Castro, que era médico de Papai e a Stael, que é casada, com o Dr. Lobo, engenheiro da Petrobras, e que teve 2 filhos, alunos do Primário do Santo Inácio, Marco Antonio e Pedro Paulo. Com esta ainda temos relações, principalmente Heloisa, pois mora aqui no Rio e seu filho Pedro Paulo, se relacionou com Ana Lúcia, quando esta estava morando em São Francisco, na Califórnia.

E por último vovó Nobila que se casou com vovô Domingos e tiveram os 4 filhos, como vocês já sabem

Vovó Nobila tinha uma sobrinha cujo apelido era Tinoca, era casada com um advogado chamado Dr. Jairo Leão, que Papai não demonstrava gostar muito. As 2 filhas se tornaram famosas, aqui no Rio, Danuza e Nara Leão. Danuza foi casada com o jornalista Samuel Wainer, e saía muito nas crônicas do Ibrahim Sued, um jornalista muito conhecido aqui do Rio, que tinha uma coluna no jornal O Globo, que focalizava a sociedade, nos anos 50. Em uma das vezes que vovó, veio ao Rio, e se hospedou lá em casa ela foi visitar essa sua sobrinha que morava em Copacabana, e na volta, a Danuza veio trazer vovó em nossa casa de São Clemente e eu a conheci. A Nara foi cantora muito famosa, foi participante ativa do movimento da "bossa nova" e foi casada com o cineasta Cacá Diegues. A Danuza tornou-se escritora, inclusive ela publicou um livro em que conta o episódio de vovó Nobila, e os parentes ficaram bastante aborrecidos com isto.

Hoje é dia 8 de setembro de 2010, Eduardo está fazendo 75 anos. Como o tempo voa e vida também. Parece que foi ontem que eu sinto ainda estar na rua Itu, quando ele nasceu e Mamãe nos chamou à beira de sua cama, para opinarmos sobre seu nome. Apesar de tudo ele está bem, depois de vários vendavais que atravessou pela vida. Vendavais de doenças e de trabalhos, às vezes dando sustos em mim, pois embora temos algumas discussões mas assim mesmo nos entendemos muito bem. Durante a minha doença, no ano passado ele foi incansável. Dedicou-se de corpo e alma pela minha reabilitação. Devo muito a ele, por isso ele está sempre em minhas orações

Estas datas apesar de alegres pois sempre nos reunimos para um jantar, em geral em algum restaurante, pois a vida atual no Rio, não comporta fazer festas em casa, apesar disso, sempre eu sinto uma saudade dos tempos antigos, quando estávamos na flor da idade e para nós havia ainda muito a esperar da vida. Agora mais idosos não sabemos até quando iremos estar reunidos, então aproveitamos bem estes momentos de encontro com amigos e os que restam da nossa geração Enfim cést la vie.

Jantamos num restaurante na rua Siqueira Campos, onde normalmente a sua turma do Santo Inácio, se reúne 1 vez por mês, para almoçar. Foram ao jantar Heloisa, eu, Sonia Cabral de Menezes velha amiga de Eduardo, Cecília, Ana e João Eduardo, e apareceram lá o Jorge e o Duda irmão dele. Foi um jantar muito agradável e também alegre.

Passei alguns dias sem escrever nada, não estava inspirada. Hoje volto a escrever para falar das eleições gerais, que devem se realizar domingo. Há uma disputa muito acirrada, pois entre os candidatos a presidente temos 2 mulheres, Dilma e Marina e 1 homem José Serra, que já foi candidato em outras eleições e ocupou diversos cargos no governo anterior, o de Fernando Henrique Cardoso. Esta campanha, a meu ver está muito sórdida, pois o Lula, que não pode continuar, e depois de 8 anos, sempre com escândalos, e falcatruas, um governo que engana o povo, e com uma sede de poder, ignorando as mínimas condições de ética, isso para eles não existe. Acham que estão num império, absoluto onde podem mudar as regras de acordo com as suas conveniências e roubalheiras, e que nada tem conseqüência nem punição. A mentira impera no Planalto

Desde que me entendo como gente, sempre procurei acompanhar as eleições, mesmo quando ainda não votava mas sempre ouvia os comentários em casa, e também na casa de vovô. Naquela época os políticos eram pessoas de bem, de caráter ilibado e se preocupavam com a sua imagem de homem público. hoje em dia infelizmente qualquer pé rapado se acha no direito de se candidatar. muitos procuram fazer isso, para ter um emprego e ao mesmo tempo se por acaso fizer alguma irregularidade, tem direito a imunidade.

Mesmo tendo direito a não votar, pela minha idade, irei votar dia 3 pois pelo menos meu voto será dado a quem eu acho que tem condições de exercer o mandato. Se votar em branco ou não votar, estarei dando oportunidade aos safados de se elegerem.

Me admiro muito como as mentalidades mudaram e os conceitos também, mas acho que certas coisas não deveriam mudar.

É preocupante a situação do nosso país, será que como o antigo ditado Deus deixou de ser brasileiro?

Realmente, eu fico horrorizada com as atitudes de muitos políticos, que fazem qualquer papel, contanto que consigam ficar em evidência. Nunca gostei do Lula, acho ele um pelego nordestino que nunca trabalhou na vida, tanto que nunca votei nele, pois acho um ignorante e um oportunista.. Quando ele se elegeu pela 1ª vez, ouvi de várias pessoas simpáticas a ele, dizer que apesar de ter sido um operário semi analfabeto, se preparou ao se candidatar a Presidente, mas nestes últimos anos mostrou que isto nunca aconteceu, continua o mesmo de sempre. Infelizmente nosso povo, não é nada esclarecido, ao contrário as classes mais baixas da população em geral são muito ignorantes, e se iludem com promessas. No momento atual isto é causa de muita preocupação das pessoas pensantes e éticas. Se a candidata dele se eleger, o que considero um desastre, não sei o que vai acontecer, pois a mesma também não é flor que se cheire, e a campanha vergonhosa feita pelo Lula e outros é nojenta. Enfim só nos resta rezar e pedir a Deus que proteja o Brasil, desses falsos profetas que sujam o país, e nós estamos sem poder fazer muita coisa, pois a camarilha tomou o poder e querem continuar com os desmandos.

Passei uns dias sem escrever, estamos no auge de uma campanha eleitoral, muito agitada. Chegamos ao 2º turno, apesar de os petistas, cantarem vitória antes do tempo, perderam e foram para o 2º turno contra José Serra.

Cada vez mais fico impressionada com a falta de caráter dos políticos, sempre achei que o PT é um bando de políticos e pelegos que se aproveitaram de alguns governos mais fracos e se abancaram na presidência e não querem sair mais de lá, como o Lula, que é um pelego que nunca trabalhou na vida e sempre viveu de aposentadoria, por causa do dedo, coisa que não era motivo para não trabalhar uma vez que nós sabemos de pessoas com lesões muito mais graves e continuam trabalhando. O que me chama a atenção e que a propaganda que ele está fazendo em favor de sua candidata, nunca vi isto acontecer antes aqui no Brasil, um presidente ir à televisão e proclamar as mentiras, e também os ataques ao seu antecessor quando todos sabemos que todas as medidas populares foram começadas no governo anterior.

A teta do Planalto deve ser muito boa, pois ninguém quer perder. Um operário, como ele durante estes 8 anos de governo já acumulou, certamente, uma grande fortuna, não precisa mais, mas ambição e a vaidade dele falam mais alto. Se julga um semideus, não tolero nem ouvir ele falar, e ver a sua cara nojenta.

Quando nós éramos pequenos em casa, Mamãe não admitia mentiras, quando percebia que alguém estava mentindo, ela apertava de tal maneira, até contarmos a verdade. Na nossa formação tanto em casa como no colégio, destacavam sempre isto, não mentir. Nós fomos acostumados assim, o

mesmo acontecendo com as coisas mal feitas, que tínhamos que arcar, com o pito e o castigo. Hoje em dia acho que esses valores foram esquecidos, na educação, vejo como mentem com uma facilidade, achando que isto está certo.

Vou contar o que aconteceu comigo, lá no Santo Inácio. A Victoria estava na 6ª. série, a turma que eu coordenava. Soube que ela iria sair do Colégio, no final do ano. Como ela estava na dependência 0,5 em Português, conversei com o Professor da matéria, não para dar os pontos necessários mas sim para ver se havia algum trabalho que poderia ser aproveitado, para conseguir este, isso era feito pelos coordenadores, com o intuito de ajudar o aluno. Não era nada irregular, mas fiquei preocupada, principalmente de um disse-me disse, muito comum entre os professores. No dia seguinte fui ao Reitor e relatei o fato. O que aconteceu? Fui no ano seguinte designada para controlar as notas do Colégio inteiro, pois tinha dado provas da minha honestidade.

Meus irmãos, acham que nós fomos educados de uma maneira vitoriana, mas hoje em dia acho que foi muito bom para nós. Os nossos valores são outros.

Fico impressionada com a cara de pau, que os políticos mentem lá em Brasília. A partir do próprio Presidente, que nunca sabe de nada. Estamos chegando ao fim de uma campanha eleitoral tumultuada de agressões de parte a parte, sendo que a candidata do partido do governo, apoiada pelo seu principal cabo eleitoral, o presidente da República que está de todas as maneiras querendo forçar a situação, para o lado dela, quando nota-se nitidamente que a mesma não está preparada para exercer este cargo, e nem tem saúde para tanto. Isto era esperado, pois o Presidente é um pelego, que nunca trabalhou e sempre viveu às custas dos sindicatos, com o pretexto que perdeu o dedinho da mão....

Acho que ele está nessa apreensão, para eleger a dita cuja, pois não se conforma de deixar a mamata que é muito boa, pois a vaidade dele é ilimitada, um ignorantão que sabe Deus como chegou lá...

Rezo a Deus, que se ele é mesmo brasileiro, como dizem, não deixe isto acontecer.

Infelizmente foi eleita a candidata do governo. O que será que vai acontecer? A propaganda e as promessas foram enormes, principalmente a que atingiu o “zé povinho” empolgados pelas promessas mirabolantes que sabemos que não terão capacidade de cumprir. Já há muitos anos sempre ouvi, que o povo tem o governo que merece, e é verdade!

Estamos já no mês de novembro, após as eleições tumultuadas, mas teremos que engolir o sapo.

A Puc está comemorando seus 70 anos. Me lembro bem quando foi fundada nos anos 40. Pois com a grande amizade de Papai e Mamãe com o Padre

Leonel Franca, me lembro de contarem sobre a fundação e também do apoio, dado por Getulio Vargas, ao evento. Foi dado pelo governo, um terreno na Esplanada do Castelo, para ser construída a universidade, mas o Padre Leonel juntamente com o Cardeal, conseguiram permutar pelo terreno da Gávea, para fazer a construção, pois era este muito maior e comportaria diversos prédios, como já existem hoje.

A Universidade Católica é da Cúria Metropolitana e foi entregue sua direção aos jesuítas., tanto que logo depois de sua fundação, começou a funcionar num terreno anexo ao Colégio Santo Inácio, na rua São Clemente, nos jardins da Casa do Dr. Joppert, que foi vendida ao Colégio, o que existe até hoje, pois o palacete é tombado e onde funcionam alguns setores do Colégio, atualmente.

Papai era muito amigo dos padres, como o P. Alonso, P. Veloso e também do Irmão Francisco um espanhol muito forte e grandalhão, que era encarregado da obra da Puc Para esta obra ele forneceu muita madeira, pois sabiam que as mesmas eram de boa procedência.

Hoje, dia 20 de novembro, venho lembrar o aniversário de Leonel, se estivesse vivo estaria fazendo 69 anos.. Mais o tempo passa a gente sente muito a sua falta. Antes de piorar o seu estado de saúde, passava todo o dia de manhã por aqui, e caso eu não tivesse nada para fazer, saía com ele para dar uma volta de automóvel. Se não aparecesse telefonava para saber notícias. É sempre lembrado por nós, quando acontece alguma coisa eu e Eduardo nos lembramos muito de suas tiradas., ou de coisas que aconteceram com ele e que nós participamos.

Dilma Rousseff foi eleita presidente do Brasil. Em muitos e-mails recebidos por mim diziam que tinha estudado em um colégio religioso em Belo Horizonte. Noutro dia quando abri o site da casa da Antiga aluna de Sion, havia uma referencia bem grande bem como várias fotos da época, dela no Colégio em criança, inclusive fotografia do grupo de sua 1ª, comunhão... Havia também depoimentos de várias amigas e colegas desta época, que mostram que quando criança e jovem não era subversiva, tornou-se depois que entrou para um outro colégio, já mocinha para terminar o secundário uma vez que o Sion, tinha sido vendido.

Hoje estava me lembrando muito de Papai, isto está acontecendo há vários dias. Quando isto acontece, eu procuro rezar muito pela pessoa, acho que por algum motivo está necessitando de orações. Hoje como disse estava me lembrando do seu carinho comigo, dizia sempre que ao nascer eu dei sorte, pois estava numa situação difícil, quando saiu da firma dos tios. Ele achava que eu tinha dado sorte. Flavio tinha medo de escuro e às vezes lá em São

Clemente, ele perguntava quem queria ir lá em cima buscar alguma coisa para ele, eu não titubeava, ia logo. Flavio hesitava por medo do escuro.

Quando já estávamos maiores, e na nossa folga do Colégio, que era sábado à tarde, e queríamos ir ao cinema, ele estabelecia uma condição, só podíamos ir ao cinema com a copeira Geralda, depois de eu e Heloisa, arrumarmos o nosso armário, Com isso aprendemos a ser ordeiras...

Papai tinha as unhas das mãos muito duras, quando eu era solteira era eu que cortava suas unhas da mão.

Essas lembranças e muitas outras, eu procuro escrever, para lembrar e registrar, não sei se quem encontrar vai dar valor a isto, mas como eu sempre fui muito curiosa do passado dos outros, procuro registrar o que me lembro. As histórias antigas da família, eram contadas por vóvó Luizinha e também por tia Cecília e tia Laura, suas irmãs e também por lembranças de Mamãe, tia Carmen e tia Mariazinha. Procurei registrar tudo isto na memória e estou escrevendo este texto, para quem quiser ler.

Algumas coisa sairão repetidas, por serem memórias que vem ao acaso.

Mamãe era uma pessoa muito simpática e agradável. tinha muitas amizades que adquiriu durante anos, algumas ainda morreram depois dela, como Sylvia Schiller e Luiz Dias, amigos de juventude e companheiros de festas. Outras foram aparecendo no cenário, como D. Leonor Franca, irmã do P. Leonel, D. Maria Begni, sua irmã, D. Alcina Ludolf. que conheceu num verão em Petrópolis. D. Alcina morava na Tijuca, bem como seus pais, na rua Conde de Bonfim, que moravam num palacete, ao lado da casa de D. Alcina, que era um bangalô. Essa amizade durou anos, elas se visitavam como era costume na época, que as senhoras não trabalhavam fora. Mamãe ia à Tijuca, lanchar na casa de D. Alcina e esta ia à nossa casa de São Clemente, sempre depois do aniversário de um de nós e levava sempre um presente para o aniversariante

Eu me lembro que eu devia ter uns 7 anos ela me deu de presente um bebê vestido com uma camisola de crochê cor de rosa que era muito bonitinho, bem como em outro aniversário, ela me deu uma sweater de tricô azul claro em lã angorá, e as sanfonas em azul marinho. Ela era uma eximia tricoteira.. Esta amizade durou anos, depois de um certo tempo, acho que quando os pais dela morreram, ela vendeu as casas da Tijuca e comprou um apartamento no Ed. Barão de Lucena, onde também morava sua irmã. Ela tinha uma filha, Neusa que regulava comigo. Ela ficou noiva de um médico, e ia se casar na Candelária,. Elas me convidaram para ser dama de honra, acho que até hoje guardo a fotografia. O encontro seria na casa de D. Alcina. na hora marcada Papai me levou lá pois o vestido era de gala todo em filó, azul e cor de rosa,. Lá estavam as outras damas, só que Neusa, não saía do quarto, depois soubemos

que antes dela sair do quarto já vestida de noiva apareceu lá a verdadeira mãe dela. Foi um choque para ela pois ela não sabia que era adotada, e não queria aceitar esta realidade. Coitada ela foi bem infeliz, tanto que seu casamento não durou muito..

Hoje, 19 de dezembro de 2010, estamos comemorando em pensamento os aniversários de Papai e Mamãe, uma grande coincidência da família, fora muitas outras. É claro que não poderíamos esperar que estivessem vivos, pois Papai teria 112 anos e Mamãe 105, mas a lembrança deles está sempre nos acompanhando e hoje vivemos destas recordações, que foram muito boas. Eles contribuíram muito para a nossa formação para nos tornarmos cidadãos de bem e com muito caráter., dando bons exemplos e conselhos, com uma orientação, bem direcionada, mesmo sendo fruto de uma época cujos valores mudaram depois.

Neste ano de 2010, tivemos um bom Natal, bem tranquilo, voltando à tona as lembranças e saudades dos que já se foram.

Fui jantar na casa de Cecília, e estive com as duas sobrinhas, matando saudades, principalmente da Victoria, pois há um ano não a via. Apesar da alegria do ambiente, me lembrei muito de Leonel, e das coisas interessantes que ele aprontava.

No dia de Natal, fui lanchar na casa de Heloisa, outras lembranças e por incrível que pareça, nos anos anteriores a família era bem grande, apesar de muita harmonia, como é natural todos tomaram seu rumo na vida. Ainda eu mantenho esta convivência, pois além sermos só duas irmãs, sempre acompanhamos os eventos de nossa família, mas esta minguiu, principalmente neste ano, que Rodrigo e Regina foram fazer uma excursão.

O nosso lanche se restringiu, a Luiz Antonio, Cristina e Vivi, Luiz e Tais, e o João e Samira juntamente com o João Gabriel.

Me recordo da alegria no Natal, nos nossos tempos de criança, dos almoços na casa de Vovô no Jardim Botânico, com todos vivos e jovens.

O Natal para mim perdeu a graça com a morte de Aloysio em 1966, pois era uma festa que ele adorava. Desde do início do mês ele começava com suas andanças pelo Centro da Cidade, procurando nas lojas presentes para todos de acordo, com a sua idade e sexo.

Ele procurava os presentes com esmero, e também, fazia uma lista de nomes, com o respectivo presente tanto para os meus quanto para os dele. Fazia questão de armar a árvore de Natal e o presépio. Isto era sempre feito no Carajás. Com a morte dele Papai e Mamãe perderam a graça e nunca mais fizeram o Natal. Passamos então a comemorar na casa de Heloisa.

Hoje,31 de dezembro de 2010.estou recolhida em casa,lembrando de todos,principalmente os que já se foram,e como eu penso no descanso eterno daquela pessoa lembrada por mim.

Entraremos 2011,cheios de esperanças e também com muita paz. Espero ter bastante saúde,para poder gozar de um bom ano.

Hoje dia 15 de janeiro,depois do susto com as chuvas na região serrana,principalmente em Friburgo,pois Flavio e Elina,estavam lá, e a situação da cidade foi de calamidade,pela televisão,vimos a situação e ficamos assustados,pois alem da lama,faltou luz,telefone água e principalmente ficaram sem abastecimento pois as lojas não puderam abrir.Felizmente ontem Flavinho,foi busca-los e vieram para o Rio.

Como sempre neste período de verão,somos castigados com temporais,mas desta vez pareceu uma tsunami.que varreu tudo. Foi impressionante. Com o passar dos anos o tempo,está mudando muito,pelo menos é o que dizem os cientistas,,e que para o futuro,as tempestades ficarão cada vez mais violentas.

Pensando nisso,veio à minha memória um comentário de vovó,que contava que a mãedela,vovó Lily,que morava numa fazenda,onde hoje é o bairro de Vicente de Carvalho,quando tinha de vir à cidade,vinha de carro de boi,e levava um dia inteiro para chegar.

Velhos tempos!

Nós os 5 irmãos fomos criados respeitando um ao outro.Cada um tem suas tendências,preferências etc. Aprendemos a respeitar as maneiras de agir,de religião e procurando sempre entender os motivos do outro.Sempre procuramos viver em harmonia,talvez devido a este respeito que nos foi inculcido por nossos pais e avós.

Desejo que as gerações seguintes,sobrinhos e sobrinhas netos,procurem entender e procurar também usar desta estratégia familiar ,que dá certo e também obriga a todos viverem em harmonia. Não devemos acreditar piamente no que nos dizem,pois às vezes estamos enganados com as aparências.e o nosso julgamento também pode estar errado.

Neste ano de 2011,entramos este mês de janeiro,com muito calor,hoje dia 29,estamos sofrendo aqui no Rio,com uma temperatura de 40 ou 41 graus. Na noite de 11 para 12 de janeiro,caiu um temporal fortíssimo na região serrana afetando e arrasando com Itaipava,Teresópolis e principalmente Friburgo,que ficou destruída.Ficamos preocupados com Flavio e Elina que estavam lá.Felizmente ,Flavinho conseguiu no dia 13,subir e busca-los,assim como a netinha Beatriz,que também estava lá.Elina me contou que foi uma coisa horrorosa, as proximidades do apartamento onde eles moram sofreu bastante com a enxurrada e o morro que fica em frente desmoronou em diversos pontos que se viam da varanda deles., foi assustador. Pena uma cidade tão boa de se

morar ficou arrasada pelos desmoronamentos,até os rios mudaram seu curso natural

Ainda há pessoas soterradas e desaparecidas,a cidade para se recuperar vai demorar muito,pois estão fazendo ,novos estudos sobre as construções,principalmente,aquelas localizadas nos morros.

Deus queira que com esse calorão,não aconteça aqui no Rio,pois a cidade,cheia de favelas ,se acontecer uma coisa assim vai ser o caos.

Hoje estava me lembrando muito de tia Carmen,não sei porque,de repente veio a minha lembrança.Acho que estava pensando no vestido que irei fazer para o casamento de Luisa,sua neta Tia Carmen era minha madrinha de crisma,e quando eu era solteira e ela recém casada,pois casou tarde,eu ia muito na sua casa na rua Resedá,ali na Fonte da Saudade. Ela gostava muito e me chamava,pois em geral ficava sozinha,pois Deusdedit seu marido,era médico psiquiatra e era muito ocupado.Com isso ela sempre me chamava para ir lá,durante o dia.,com isso ficava conversando com ela e ajudava a passar a tarde. Aprendi com ela muitas coisas,pois era uma pessoa muito aberta,mais até que Mamãe,pois não se apegava muito na Religião como lá em casa.

Quando ela teve sua filha Tais,eu já estava bem mocinha e tinha feito um estágio,na Policlínica de Botafogo.no setor de Pediatria,conforme as orientações do curso que estava fazendo no Instituto Social .Quando ela foi para casa,quem dava banho em Tais era eu,pois ela ainda estava em repouso do parto. Ajudei muito ao fazer o enxoval dela.

Ela se esmerou comprando lãs francesas para eu fazer os sapatinhos de tricô.

Coitada,morreu sozinha,pois estava em casa ,de repente começou a sentir mal.quando Tais chegou,ela estava morta recostada na poltrona da sala. Isto foi em 1988,1 ano depois da morte de Mamãe. Sentimos muito.,pois foi um choque para todos nós.

Nesta época ela já morava na Voluntários ,esquina com rua das Palmeiras.Era bem perto de nós,que morávamos no Carajás.,também na Voluntários,mas quase esquina de Paulino Fernandes,por isso foi fácil ir à sua casa dar banho em Tais.

Em frente ao nosso edifício,havia a casa de tio Braz,que depois tornou-se um ambulatório do INSS. Havia um portão lateral.que era a entrada da vila que ficava atrás da casa da frente. Eram 8 casas que ele deu para cada filho.Nesta época morava lá Paulo Vivacqua filho de tio Braz,cujos filhos regulavam em idade com os meninos. Moravam também Ismael,cujo filho,Braz era companheiro de Leonel,bem como suas irmãs Regina Helena e Ângela.Ismael tinha uma fazenda perto de Castelo,de onde ele extraia mármore,que ficou muito conhecido como mármore Vivacqua.

Papai comentava muito,sobre Castelo,mas eu não conheci,anos depois já com o

computador tive oportunidade de conhecer esta cidade, que faz lembrar muito na topografia, as cidades montanhosas da Itália, principalmente Castelluccio Superiore de onde meus avós eram originários

Voltando a falar de minhas tias, como dizia tia Carmen era mais vibrante, com gênio mais forte, bem culta, pois lia muito, aliás todas 3 gostavam muito de ler, a leitura foi um hábito incutido naquela época, em que não havia nem rádio nem televisão. O rádio começou acho eu que nos anos 20 e a televisão se popularizou nos anos 50. Então as distrações eram ir ao cinema, ao teatro e fazer visitas e as festas familiares, ou de amigos.

A educação nos anos 20, era bem precária para as moças, já havia alguns colégios particulares, onde estudavam, mas não eram cursos regulares, então a maioria estudava um tempo, depois se casavam e largavam os estudos, pois foram preparadas para serem donas de casa e mães. As que queriam continuar os estudos, muito raras naquela época, tinham que fazer um exame de habilitação, para poder entrar numa faculdade.

Uma das poucas que continuaram os estudos e se formaram foi Sofia Portela, prima de Mamãe, que se formou em engenharia.

Apesar de tudo, já nos finais dos anos 20, algumas moças já foram trabalhar para conquistar sua independência. Tia Carmen foi uma, foi trabalhar no IPASE, que era um órgão do governo, lembro que nessa época o Rio era a capital da República, o Distrito Federal

Tia Mariazinha, já tinha um perfil diferente, não era tão vibrante como eram Mamãe e Tia Carmen. Era mais suave e tranqüila. Ela sempre contava que não quis estudar em Colégio, apesar das insistências de vovô, preferiu estudar com tia Laura como era comum naquela época, fazer o curso primário, primeiras letras em casa. Vovô queria que fosse estudar no Sion, como as outras duas, mas ela bateu pé e não houve jeito de convencê-la. Ela era muito meiga conosco as primeiras sobrinhas, pois éramos muito chegadas na casa de Vovô, primeiro Heloisa, que ia muito para lá, depois eu, com meus 2 anos Mamãe quando precisava de sair, e Flavio ainda era bebê, ficava com a babá, e eu com Tia Mariazinha. Saía muito com ela e com Octavio, que na época era seu namorado, passeávamos muito pelo bairro. Como era hábito na família, acho que resquícios da escravatura, vovó e minhas tias nos chamavam de minha nega, era uma maneira muito carinhosa de nos tratar

Depois que Mamãe e tia Carmen se foram, e eu já estava aposentada, telefonava todo o dia para ela, e conversávamos bastante, quando eu não telefonava ela me ligava para saber o que tinha acontecido, tanto que antes de morrer, quando estava já internada no Hospital Silvestre, fez questão de falar

comigo,tendo pedido a Nadir sua empregada para me ligar para ela falar comigo,foi sua despedida ,dias depois ela faleceu..

João Candido,foi o único irmão que elas tiveram,por ser o “varão” era cercado de cuidados por seus pais.Acho que este foi o principal motivo de mais tarde ter a doença que teve. Ele era médico e depois de formado já estava noivo,de Elza Brito e Cunha,filha do caricaturista J.Carlos,e de repente apareceu a doença.Diziam em casa que ele tinha sido nomeado médico do Hospital de Paquetá,e um dia quando estava de plantão,apareceu uma cliente em estado grave,e ele não conseguiu salva-la,com isso teve um abalo muito grande,e em consequência o abalo nervoso.

Era uma pessoa muito suave,falava baixinho,um ótimo medico,mas nunca mais exerceu a profissão a não ser para tratar de nós,quando estávamos doentes.

Ele foi o primeiro a morrer,aos 69 anos,em 1980

Hoje dia 11 de fevereiro,era aniversário de tia Mariazinha,se estivesse viva,estaria completando 98 anos. Rezei muito por ela ao me levantar,Eduardo,seu afilhado mandou celebrar uma missa por ela,na Igreja N.S.da Paz, onde sempre manda celebrar missas por todos os que se foram.No principio de casa mês,ela vai na sacristia e marca as missas para os falecidos daquele mês.

Como sempre fico sozinha na parte da tarde,é a minha hora de meditar e pensar em todos,isto me traz muita paz,é uma hora tranqüila no dia,já agitado pelas nossas obrigações, e trabalhos.

Mudando de assunto,hoje estava lembrando ,nos anos 40,como era este bairro onde moro,hoje em dia.Não existia. Havia apenas a av. Niemeyer,que tinha sido aberta nos princípios do século XX. Mamãe sempre contava,que tinha muito medo de passar por ela.,pois era um caminho bem estreito,marginando o mar., dizia que a sensação que tinha é que o carro poderia cair lá embaixo.

Papai gostava muito de passear de automóvel,aos domingos e muitas vezes vinha por aqui. Lado esquerdo,onde hoje eu moro,havia o rio que passava por aqui,hoje em dia é um canal de esgoto. Papai sempre parava ,para comprar caranguejos,que os moradores pobres da região,pegavam no rio,e vendiam para as pessoas que vinham passear por aqui. Do lado oposto,onde hoje ainda conseguimos preservar o morro,pois este terrenos ainda pertencem à família Niemeyer,e juntos cercamos para evitar invasões, havia sempre umas bancas onde vendiam frutas que davam nas matas por aqui,vendiam jacas,framboesas ,mangas,bananas. Uma vez,Papai comprou gaturamo que levou para São

Clemente,mas infelizmente fugiu da gaiola. Era uma área rural,pois naquela época

só tinha o Gávea Golf,a igrejinha de São Conrado,que foi inaugurada em 1916,e fazia parte da propriedade do Conrado Niemeyer,que tinha uma fazenda aqui.

A praia,era agreste,formada por uma vegetação característica da orla do Rio,era muito perigosa,pois o mar é muito forte,cheia de correnteza. Por volta destes anos foi inaugurada aqui,a Casa de Retiros da Gávea.Nós viemos com Papai e Mamãe,para a inauguração,pois é uma obra dos Jesuítas,que sempre incentivaram os Retiros Espirituais e escolheram esta região por ser isolada e muito tranqüila,própria para o silêncio dos retirantes. A casa foi construída numa colina,na rua Capuri,e hoje em dia ,com o fim dos retiros,serve para as turmas do Santo Inácio, fazerem dia de convivência para a preparação de crisma,1ª.comunhão e mesmo para outras atividades que as turmas precisam de sair do Colégio.,me parece no entanto hoje em dia está transformada num pequeno hotel,para casais,mas sempre com a orientação de um padre,que toma conta da casa.

No final da av.Niemeyer havia um clube de hipismo.Aquele ponto chamava-se de Lagoinha,que deu o nome a uma agencia de automóveis e uma oficina de carros. Acredito que são resquícios ainda do Circuito da Gávea,que era feito,neste lugar. As baratinhas de corrida,saiam do canal da Visconde de Albuquerque,entravam e subiam a Marquês de São Vicente,chegavam ao Trampolim do Diabo,que ficava no alto da colina com uma vista espetacular para o mar. Neste ponto havia uma pequena aglomeração de barracos de madeira,que davam o nome de Rocinha. Os carros desciam e iam pela av. Niemeyer,até o Hotel Leblon,onde terminavam. Aloysio gostava muito assistir estas corridas,pois gostava muito de fotografar os carros..Com o advento da fórmula 1,este tipo de corrida acabou.

Esta região hoje em dia está totalmente diferente,a Rocinha é uma imensa favela. Quando vim morar aqui,ainda não existia a auto estrada,estava ainda em construção,e o bairro era muito pequeno,basta dizer que o meu prédio,foi um dos primeiros,só havia o Hotel Nacional e o hotel Intercontinental estava terminando de ser construído. Como havia uma pendência com a PUC,por causa dos laboratórios que estavam já instalados lá houve uma demora ,para a inauguração da auto estrada.Como eu tinha carro nesta época,eu saia do Santo Inácio,e vinha pela Gávea,subia a Marquês de São Vicente,e descia pela estrada da Gávea,chegando ao Largo da Macumba. Isto foi antes de 1980.,

Só tínhamos aqui,uma farmácia que servia ,dentro do Hotel Nacional,e uma banca de jornais e revistas. A praia estava sendo urbanizada pela Prefeitura, e

nesta época começaram a surgir novas construções, como o Village São Conrado, os prédios perto do Intercontinental, e o correr de prédios que ficam atrás do meu na av. Niemeyer.

Com isso, devido à mão de obra, aumentou vertiginosamente a Rocinha. Nos anos 70, com as dificuldades de vida no Nordeste o Rio, recebeu uma leva enorme de nordestinos que vieram trabalhar nas construções e infelizmente nosso bairro que naquela época estava em franca expansão com muitas obras, ficou cheio deles, e a única opção que tinham foi morar na Rocinha, que com isso tornou-se a maior favela do Rio.

Também a Barra teve um aumento enorme de população. Eu me lembro quando Leonel e Cecília, compraram o terreno no Itanhangá, no final dos anos 60, aquilo era uma roça. Na esquina, na beira da estrada ainda havia uma banca que vendia bananas e outras frutas da Região. Papai achou uma temeridade eles irem morar lá, pois Victoria, tinha uns 3 anos, e na Barra, só existia uma farmácia na praça da Igreja que tinha acabado de ser construída. Do lado da praia era um imenso areal, sendo que no Jardim Oceanico, tinham muitas casas espalhadas que pertenciam à famílias que usavam para passar o fim de semana. Já era mais um pouco habitada a Barrinha que fica no fim da Estrada do Joá, que nesta época era a ligação de São Conrado, com a Barra

Quando Leonel e Cecília, compraram o terreno para fazer a casa, Papai ficou preocupado, pois Victoria era pequenina, e naquela época só existia na Barra, uma farmácia, que ficava na praça da igreja. Achava uma temeridade ir morar lá, mas eles eram jovens, e não tinham estes receios. A casa dele demorou um pouco para ser construída, a Celeste, mulher do João, que era arquiteta, fez a planta e Ronaldo Espínola que era casado com Vera, filha de Manoel Vieira, primo de Papai, fez a construção, orientando um mestre de obras, pois Ronaldo, que era engenheiro estava trabalhando na construção da Ponte Rio Niterói.

Aos sábados era muito comum irmos até a obra, eu levava sempre Papai e Mamãe, no meu carro, pois Papai já não estava dirigindo mais. Eles adoravam fazer este passeio, que naquela época era uma viagem. Eu estava morando em casa de Papai, pois Aloysio havia morrido e eu aluguei meu apartamento. Saíamos de Botafogo, íamos pela rua Marquês de São Vicente, subíamos a estrada da Gávea, chegávamos a São Conrado, tomávamos a estrada do Joá, e chegávamos à Barrinha, para depois chegar ao Itanhangá. Era um passeio muito agradável, pois ainda havia muito pouco trânsito para lá. Os tempos eram outros, apesar de Juscelino, quando presidente iniciou a indústria de automóveis no Brasil, antes eram todos importados, ainda nos anos 60, eram considerados objetos de luxo, Hoje em dia com o financiamento pode-se

comprar ,com prestações mais em conta,e todo mundo tem carro,pois para o brasileiro,ter carro é sinal de status.

Eu tirei minha carteira em 1969,e comprei um fusca de Leonel,pois com o aumento da família,teve que ter um carro maior. Dirigi até 1990,fui muitas vezes a Petrópolis e algumas vezes a Friburgo,dirigindo. Graças a Deus nunca tive nenhum problema,pois o meu instrutor foi muito bom. Deixei de ter carro,e não renovei minha carteira,pois naquela época,já existia aqui no bairro supermercado,e as conduções eram fáceis para ir a qualquer lugar,mesmo para a Barra.

Alguns tios são inesquecíveis,para mim foram tia Laura e tio Henrique,ela era irmã de vovó.e ele era irmão de tio Eduardo,casado com tia Sinhazinha Bahia,irmã dela. Era muito comum naquela época haver estes casamentos nas famílias,pois as mesmas viviam muito entre si. Tia Laura,apesar de ter uma personalidade forte,era muito suave conosco,sobrinhos netos e tio Henrique era uma pessoa sempre muito jovial.Eles nos agradavam muito,pois tinham bastante contato com Mamãe que era sua afilhada de crisma ,como eles só tinham 2 filhos rapazes,José Henrique e Luiz Alberto. José Henrique também tinha um temperamento alegre,sendo que às vezes se tornava meio inoportuno.Ele foi casado com Griselda uma moça muito agradável,e tiveram 2 filhas.Angela Maria e Maria Cristina.Tive algum contato com Maria Cristina,pois às vezes ela ia às festas da Associação das Antigas Alunas,com Otávia sua tia,irmã de Griselda. Ultimamente como deixei de freqüentar a Associação,perdi o contato.Tia Laura,apesar de ter casa aqui no Rio,ela morava mais em Paquetá,onde tinha uma casa muito boa na praia dos Tamoios,e era muito relacionada por lá. Eles passaram um período morando nos EstadosUnidos,até José Henrique nasceu lá.A casa era um bangalô,muito agradável,com um grande jardim e um morro,que se descortinava uma vista muito bonita da baía da Guanabara. Ela sempre convidava um de nós para passar uma semana,com ela.Em geral ia almoçar lá em casa e depois o convidado,já ia com ela,na barca para Paquetá. As vezes, antes de ir,passava na casa de vovó Maricota sua sogra,que morava numa casa na Praia de Botafogo,entre São Clemente e Voluntários.

Vovó Maricota,vinha a ser prima de minha bisavó Lily,por ai vejam como as famílias eram entrelaçadas. As duas avós eram primas,netas de 2 irmãs,Lily neta de Ana Cândida,Maricota foi casada com um neto de Benedita,baronesa de Sorocaba.

Na sacristia da Igreja de São João Batista,havia uma série de quadros,pintados a óleo,dos primeiros moradores do bairro,alguns antepassados deles.

Ainda sobre tia Laura, acho que no ano de 1949, eu fui passar uns dias com ela, mas dessa vez fui sozinha. Uma manhã estava na praia na frente de sua casa, quando surgiu um rapaz alto e moreno que se apresentou, ele era piloto comercial e morava em Niterói, e estava com o barco fundeado ali . Conversamos muito e tia Laura ao me chamar por algum motivo, apresentei. Ela se encantou, pois achou-o muito vistoso. E tentou forçar um namoro. Ao chegar no Rio, quando contei em casa, Mamãe na mesma hora fez sérias restrições, pois tinha medo que fosse casado, além disso tinha medo que pudesse acontecer um acidente com ele e eu ficar viúva. Que ironia, pois anos depois fiquei realmente viúva bem moça mas não dele. Com isso o namoro acabou.

Ainda fui uma vez mais a Paquetá, nessa época tia Laura bem mais idosa, tinha um garoto e uma bicicleta que ela mandou fazer, como as motocicletas antigas com uma cadeirinha do lado, e nesta ia passear pela ilha, fazer compras ir à missa etc.

Ela gostava muito de Aloysio e de mim, já morando na rua Martins Ferreira que ficava perto de nós , pois morávamos na esquina de Camuirano , eles passavam lá para nos ver., à noite, pois durante o dia estávamos trabalhando.

Não sei se alguém irá ler estas notas, elas às vezes parecem meio desconstruídas e até repetidas, mas estão sendo escritas, quando me vêm à memória. São lembranças de outros tempos , tempos estes que não voltam mais e também as pessoas pois grande parte delas já não existem, apenas na minha memória e a saudade que ficou delas no meu coração.

Espero ainda me lembrar de outros fatos e à medida que vierem na minha lembrança escreverei

Os tempos mudaram em todos os sentidos, melhoraram para muitas coisas e pioraram para outras. As mentalidades mudaram, a educação também, vejo hoje em dia as pessoas se comportarem de uma forma muito diferente da nossa maneira de pensar e agir, acho que com a idade, os valores nossos ficaram atrasados, não sei. Mas assim mesmo não abro mão da minha maneira de ser e de pensar. Hoje em dia ao relembrar o passado, apesar de algumas restrições, acho que fomos muito bem orientados, por Papai e Mamãe , no sentido de caráter e de honradez.

Lembro que os mais velhos, sempre comentavam a respeito de algumas pessoas, mesmo as da família, de uma forma reservada e diziam quando nós crianças , perguntávamos alguma coisa a respeito, ou mudavam de assunto ou diziam que não era assunto de criança. Aprendemos com isso a sermos

discretos,e geralmente quando perguntávamos alguma coisa a respeito do assunto era sempre recomendado,que aquilo,não podia sair das 4 paredes...

Outra coisa que me lembro é que Mamãe sempre nos recomendava,a não falar sobre os projetos de casa com estranhos. Ninguém precisa saber dos nossos planos ou até mesmo passeios futuros.

Hoje dia 8 de março,ao me levantar,lembrei dos 2aniversariantes deste dia,vovô Domingos e vovô Almirante,meu bisavô,que morreu na explosão do navio Aquidabã,em janeiro de 1906. Vou falar um pouco sobre ele hoje. Transmito sempre o que ouvi, dos mais velhos sobre a pessoa,pois é claro que não o conheci. Engraçado,quando tirei a página da folhinha hoje de manhã,vi que era dia de São João de Deus. Não sei se teria alguma relação do seu nome com este santo,pois sempre soube que vovó Luiza minha tataravô era muito católica. Não possuo nenhuma informação a respeito,pois não temos grandes informações deste lado da família.

Perdeu-se com o tempo. Ele era casado com vovó Teresa,que era de Recife,por quem era perdidamente apaixonado. Vovó Teresa,morreu no ano de 1894,aqui no Rio, dizem que de uma pneumonia,e foi no São João Batista,em cujo jazigo depois foram enterrados seus filhos,João Candido seu neto, Mamãe sua neta,e Leonel.

Com a morte de vovó Teresa,ele vendeu a casa que moravam em Santa Teresa, e comprou uma casa na rua Benjamin Constant,onde moravam todos,e foi ali que nasceu Mamãe. Depois um longo tempo de viuvez,ele casou-se em segundas núpcias,com uma moça daqui do Rio,Ernestina,que era filha do Conselheiro Cybrão,chamávamos de vovo Titina Ela teve uma filha com ele,que nasceu em setembro de 1905,e vovó teve Mamãe em dezembro de 1905,quer dizer que tia e sobrinha eram da mesma idade. Com a morte de vovô ,eles resolveram sair da casa de Benjamin Constant,e compraram uma casa na rua Paissandu. Titina então resolveu ir morar com sua irmã.Ficaram então os dois irmãos e Tatá , sua irmã,que era solteira.

Nós convivemos com Titina até a sua morte,era uma pessoa muito suave, sempre nos agradava muito. Sylvia sua filha,que era da idade de Mamãe,e sua companheira,morreu ,ao ter seu primeiro filho, Mamãe sempre se referia Sylvia,com muita tristeza pois morreu muito jovem deixando Marcelo recém nascido. Este foi criado por Titina,que passou a morar em pensões,o que era muito comum naquela época no Rio.

Depois da morte de Titina,perdemos contato com Marcelo e não sei se ainda estará vivo.

Hoje eu estava pensando como o progresso em alguns setores,tornou a vida mais fácil Um deles é no setor doméstico. Estava me lembrando que nos meus tempos de menina eram raras as famílias que tinham geladeira.Logo que apareceram aqui Papai comprou uma. Nesta época morávamos na rua Itu,nos idos de1934. Foi uma grande novidade na família. A nossa velha,que era de madeira forrada de lã de vidro e que se colocava gelo,fornecido pelo geleiro,uma profissão que também sumiu. A pessoa encomendava na fábrica de gelo, e os entregadores iam entregar,numa bicicleta,tendo no guidon uma caixa de madeira para comportar a pedra de gelo que era grande. Papai gostava de comprar as utilidades sempre que elas apareciam à venda no comércio. Logo que apareceram ele comprou uma enceradeira,o que facilitou muito o serviço de encerar a casa,que antes era feito por um homem que era contratado para fazer este serviço,que era muito bruto,só mesmo para homens. Tinham de passar palha de aço,para retirar a cera velha,varrer muito bem e colocar a nova cera,e por último passar um escovão pesado para dar o brilho. Me lembro de alguns:José Amaral que era empregado do escritório de Papai,depois seu Oswaldo, e por último Ernani,que era uma espécie de faz tudo,que se baseava na casa de tio Carlos. Com o tempo estas coisas foram se acabando.

Quando morávamos em São Clemente,que a família era grande,também outra coisa que era bem diferente era a lavagem de roupa. A nossa casa tinha no quintal, o tanque e o corador,uma espécie de armação de madeira,forrado com uma tela de arame,para colocar a roupa branca,lençóis principalmente para o sol,clarear,ficando estas imaculadas.. A lavadeira que era contratada,para lavar as roupas e também passar,isto no ferro de carvão.Algumas eram tão caprichosas que os nossos vestidos que eram com ponto smock,elas plissavam ao passar. Hoje em dia há o ferro elétrico e a máquina de lavar roupa.

Outra parte,foi a cozinha. Mas isto falarei depois.

O gaz foi introduzido aqui no Rio,no final do século19, sempre ouvi falar que vovô Lulu,pai de vovó ,era alto funcionário da Societe Anonyme du Gaz,a companhia francesa que começou a implantar a iluminação a gaz,nas ruas . Acredito que depois começaram a instalar as tubulações de gaz, nas casas.Quando nós nascemos já havia fogão a gaz,nas casas

Foi o primeiro passo,para o progresso.Antes as casas tinham fogão a lenha,depois veio a Light,que era canadense que trouxe a eletricidade. E com a invenção da luz,nós já tínhamos em casa luz e gaz. Nos anos 40,em casa de Papai tinha 4 empregadas,é verdade que nós éramos pequenos Na época tínhamos a cozinheira,a copeira arrumadeira .a lavadeira e a babá. Me lembro

de Germana a cozinheira, que era uma multa gorda que veio de Barra de Piraí, cria da casa da família do Duque de Caxias. Ela era uma mulata gorda, muita limpa, mas que tinha um gênio de cão. A copeira nesta época era Geralda, que era meio gaga. Tivemos também Flausina, que estava conosco em Paquetá quando foi mordida por uma lacraia. Tivemos Cornélia que era lavadeira, ela era viúva, e tinha uma filha chamada Nancy que Mãe conseguiu que fosse para a Pequena Cruzada,

Neste tempo os trabalhos de casa eram muito pesados, não se tinha as facilidades que temos hoje.

Papai era muito exigente com o passadio, ele não economizava, gostava de uma mesa farta e requintada. As refeições eram diferentes no dia a dia. Para almoço eram servidos pratos mais nutritivos e diferentes do cardápio do jantar. Com o advento da eletricidade, foram aparecendo aqui, os eletrodomésticos na cozinha. O primeiro a aparecer foi o liquidificador, por volta de 1950, não sei se com a chegada da Sears, loja de departamentos, situada na Praia de Botafogo, hoje é um shopping, que vendia estes aparelhos bem como torradeiras elétricas, depois outras lojas se especializaram na venda destes aparelhos. Hoje em dia cozinhar se tornou bem mais fácil o preparo dos alimentos, pois contamos com processadores e também com o forno microondas que facilitou muito para assar ou esquentar os pratos prontos.

Isto é o progresso! A vida doméstica ficou bem mais fácil. Logo depois que eu voltei para casa depois da minha estadia no hospital, tomamos uma empregada efetiva, isto é todos os dias. Depois que me senti mais forte, resolvi com Eduardo, mandar embora, pois além de ficar muito caro, pois hoje em dia com a legislação trabalhista uma empregada diarista, fica muito dispendiosa para o patrão, pois além do salário, que era de 600,00 reais ainda tínhamos que pagar o INSS, e a passagem de ida e volta que chegava por mês a uns 450,00 para cada um e além disso era preguiçosa, quando acabava de servir o almoço, ficava engambelando na limpeza e aflita para voltar para casa.

Eu nunca tive problema para a cozinha, pois sou muito organizada e distribuo as tarefas fazendo um pouco cada dia, ai eu não me canso.

Hoje em dia a vida na cidade grande é bem diferente, da de nossos tempo de crianças.

A vida é tão cheia de compromissos que as pessoas não tem nem tempo de conversar no telefone, como faziam vovó, mãe e minhas tias. As telefonemas eram diárias, pois a vida era bem mais calma. Quando havia uma novidade na casa de alguma delas, corriam para telefonar contando as novidades.

Hoje vou falar um pouco dos mais chegados. Nós somos os mais velhos dos netos. Tia Mariazinha e Octavio, tiveram Andréa que era um ano mais moça que Eduardo, Depois teve Ana Maria, Marcelo e Elizabeth.. Andrea nos deixou muito cedo, vítima de um câncer. Morreu moça, aos 42 anos e não tinha filhos. Os outros são Ana Maria que se casou com o Wolf, um alemão e tiveram 2 filhos Ana Paola, que é casada com o Renato, e tem um filhinho o Pedro que deve estar com uns 3 anos. Marcelo o seguinte, que regulava com Leonel em idade, casado com Fátima e tem 2 filhos, Flavia e Fernando. Por fim Elizabeth a mais moça casada com Wladimir, tem 2 filhos, Guilherme que é casado e tem uma filhinha Gabriela. e Alexandre. que é solteiro

Tais filha de tia Carmen, é mais chegada a nós, pois ela regula em idade com os filhos de Heloisa, É casada com o Luiz Oswald, e tem 3 filhos. Luiz Flavio, Cecília e Luisa

Esta é a nossa família, atual, tornou-se bem pequena...

Hoje estava trabalhando numa peça de um vestido de crochê, e estava me lembrando dos meus tempos de criança, quando ainda estava no beabá. Tinha muita dificuldade de entender a conta de subtração, hoje em dia acho que como me foi mal explicada ai é que eu comecei a não gostar de matemática.. A matemática era uma sombra nas matérias do Colégio, justamente por ser puro raciocínio e atenção, era muito difícil de entender, para mim até meu avô, tentou me explicar mas não houve jeito eu não entendia e ele não tinha paciência ai desistiu. Realmente quando a pessoa entende, tudo vai muito fácil. Hoje em dia na vida prática faço com muita facilidade os cálculos de pontos, dos trabalhos manuais, não deixa de ser matemática. O mesmo se dá com as expressões e regra de 3. A prática é tudo.

Me recordo, que quando já estava casada e morando em Petrópolis, como não tinha bebê, Mamãe preocupada por ficar em casa muito só, pediu à superiora do Sion, que ficava perto de casa, para eu ficar ajudando no Colégio na parte da tarde. Ai Mére Josée me pediu que como era internato e as alunas do último ano já eram moças, eu ia para lá e ela deixava elas saírem comigo, para dar uma volta na av. 15. Um dia eu estava na portaria do colégio, pois eu sempre levava na bolsa um trabalhinho de agulha enquanto esperava as meninas acabarem as aulas. Pois bem neste dia estava de cabeça baixa, bordando um paninho, quando ouvi uma voz dizendo para mim: “Viu como foram boas as minhas aulas de desenho! Levantei a cabeça e era D. Marina, minha professora de desenho no ginásio que subia todas as semanas para dar aula no Sion.

Guardo ótimas lembranças desta moradia, foi apenas 1 ano, mas que guardo gratas recordações.

Hoje dia 31 de março de 2011, fazem 47 anos do golpe militar, quando o Brasil, perdeu sua liberdade. Me lembro nitidamente do dia, um dia cinzento como o de hoje. Era uma 5ª. feira santa, e tínhamos ido na véspera para a nossa casa de Barra de São João. Tínhamos acabado de tomar café e nos preparávamos para a nossa caminhada matinal, indo até a estrada, para comprar o jornal e alguns gêneros na pequena mercearia que ficava, na beira da estrada Amaral Peixoto. A cidade naquele tempo era bem tranqüila e também atrasada, era uma vila de pescadores mas com uma paisagem linda e o mar tipo o da Barra da Tijuca Nossa casa ficava na beira da praia, que era bem extensa e na ponta estavam a igrejinha num promontório, juntamente com o cemitério.

Voltando a falar do dia 31, ouvimos uma buzina na frente da casa, fomos ver quem era, pois era Leonel, que tinha ido nos buscar de carro, pois a situação política estava muito séria e ele ficou temeroso que se deixasse para mais tarde talvez não pudéssemos voltar para o Rio. O presidente da Republica na época era o João Goulart com orientação muito socialista. Na véspera, quando fomos, tivemos que atravessar a baía na barca, para Niterói, pois naquela época, não existia a ponte. Como Papai não estava mais dirigindo, ele deixava o carro no Rio com Leonel e íamos de barca, fazendo a travessia da baía e de lá tomávamos o ônibus para a Barra, na rodoviária de Niterói. Não tivemos tempo para nada, arrumamos a nossa bagagem e fechamos a casa e tivemos de voltar pela estrada Rio-Magé, uma viagem longa pois a estrada circulava pelo fundo da baía. Ao mesmo tempo, estávamos receosos de não conseguir chegar ao Rio, pois havia boatos de golpe militar, como de fato aconteceu.

Voltando a falar sobre a nossa casa em Barra de São de São João. Papai e Mamãe, tinham um desejo de ter uma casa fora do Rio, mas naquela época já era difícil comprar uma casa na serra, principalmente em Petrópolis., que todos nós gostávamos e estávamos habituados pois sempre íamos passar um mês no hotel, Um dia Papai conversando com Zezé seu primo, este sugeriu porque na Barra de São João. Papai já conhecia a cidade de , pois era passagem para o Espírito Santo. A sede do município fica em Casimiro de Abreu que fica na serra, e tem esse nome , pois foi lá que nasceu Casimiro de Abreu, poeta , que viveu no século XIX Zezé tinha uma casa lá e alguns parentes também. A casa de Zezé ficava numa ponta perto da igrejinha, onde está enterrado Casimiro de Abreu. Convidou então Papai e Mamãe, para passarem um fim de semana em sua casa. Eles adoraram o lugar, muito tranqüilo, pois era uma vila de pescadores como também eram Búzios e Cabo Frio, que ficavam

perto..Estas 2 já estavam mais conhecidas com a vinda de Brigitte Bardot,que esteve em Búzios,mas a Barra era desconhecida e não havia procura. Então Papai e Mamãe resolveram comprar um terreno,lá para construir uma casa.Trataram na Prefeitura de Casimiro,pois na época o prefeito estava querendo incentivar o turismo. Sei que na época foi baratíssimo o terreno e Papai mandou construir uma parte da casa ,a parte de madeira na Serraria lá no E.Santo. A parte de fundações e alvenaria foram feitos por mestre de obras do lugar o Janjão. Na frente Mamãe mandou fazer uma varanda envidraçada,pois lá ventava muito

E só se podia ficar,com as janelas fechadas por causa do vento.A casa tinha 4 quartos,que era a parte de madeira. E atrás tinha uma sala grande ,que era uma imitação das cozinhas francesas,,uma parte com fogão e pia,outra parte isolada,o banheiro e do outro lado tinha uma grande mesa com os bancos ,onde fazíamos as refeições .Havia uma área coberta e a bomba de água,que só servia para o uso do banheiro e da lavagem da cozinha.Para beber,tínhamos uns garraões de vinho e íamos às fontes,na margem do rio São João colher a água.Tudo era muito simples e rústico mas gostávamos muito de lá.Vivíamos à vontade,sem sofisticação ,trajando bermuda e havaianas

Infelizmente o progresso e as explorações de petróleo na região acabou com tudo.Soube recentemente,que Barra de São João,tornou-se quase uma favela, o mesmo se dando com Rio das Ostras,que pena estas 2 cidades, balneárias eram bem pitorescas nos anos 60. Cabo Frio e Búzios também se deterioram, pois a falta de planejamento turístico e a especulação imobiliária estragaram com toda esta bela região dos Lagos.

Se deu o mesmo nos anos anteriores com Petrópolis,Teresópolis e Friburgo,cidades serranas tão pitorescas,que foram estragadas também culminando este ano com uma chuva muito forte em janeiro,desfigurando as cidades.

Há vários dias não escrevo,estive muito ocupada pois meu computador não está muito bom.

Este ano meu aniversário,foi no sábado de Aleluia,coisa que não acontecia há 38 anos. Como sempre comemoramos jantando no Siqueira Grill,um restaurante muito simpático em Copacabana. Fiquei muito satisfeita,pois Victoria veio de Campinas e jantou conosco,Como sempre muito esfuziante.Achei ela muito bem apesar de um pouco gordinha.Os outros não foram pois a Cecília,a Ana e o João foram a uma cerimônia na Igreja que freqüentam.A Lucia também foi ,muito bom para esfriar um pouco o incidente com Eduardo.

Há vários dias eu não escrevia,não estava inspirada. Dia 8,domingo passado.foi o dia das Mães. Assisti a missa na televisão,nas intenções da minha e de outras com quem eu convivi e que hoje não se encontram mais entre nós. Este dias para mim são dias que me dão muitas saudades..Sempre me lembro de algum fato,quando a pessoa aparece em meu pensamento,e são muitas. Me lembrei por exemplo de D.Emerenciana,minha sogra, Na fazenda,era comum quando estávamos lá,irmos para debaixo das mangueiras,havia muitas árvores,principalmente de mangas espadas. Aloysio colocou uma mesa de madeira debaixo das mangueiras uns bancos.Em geral na parte da manhã, sentávamos e D.Emerenciana ,descascava com muito prazer as mangas que eram colhidas no pé,e partia e dava para os gulosos,filhos e netos. A fazenda estava situada bem na divisa entre os estados de Minas e do Rio. Nós costumávamos passar as férias,lá. O clima não era bom,pois era muito quente no verão,mas aproveitávamos bem o ar puro e a calma,dos lugares de roça. Por ser muito quente,Aloysio fez uma limpeza no ribeirão que passava,e com isso logo depois do café,íamos nos refrescar tomando um banho de rio.

Como em toda fazenda,a mesa era muito farta,pois havia uma horta e muitas árvores frutíferas.

Para nós que trabalhávamos muito durante o ano todo,esse período de férias era muito bom.

Depois que Papai fez a casa da Barra de São João,íamos para lá passar as nossas férias,pois além de ser mais perto,aproveitávamos muito a praia que ficava na nossa porta

Há vários dias não tenho escrito nada,não estava inspirada,no dia 15 de maio,neste 2011,foi o dia das Mães,me lembrei muito delas,que já se foram. Era também aniversário de vovó Luizinha,esta data na nossa família,era sempre comemorada,pois além do aniversário dela também foi o dia do batizado de vovô seu marido,igualmente o batizado de Heloisa,e talvez de outros que não me lembro mais. Estas datas comemorativas me deixam sempre muito saudosa de outros tempos que não voltam mais.

Realmente passei vários dias sem nada escrever. Hoje com mais tempo,na parte da manhã,me lembrei muito de um certo episódio. Por volta de 1943,eu ainda era bem garota,sem grandes vaidades,até esta idade,eu usava tranças,aliás muito bonitas.Mamãe começou a achar que eu precisava ficar mais madura,estava com 13 anos mas ainda não tinha florescido como diziam,ainda era bem criança.Uma tarde ao chegar do Colégio vi que ela tinha dado todas as minhas bonecas,incluindo um bebe em tamanho natural que eu tinha ganho de presente,de meus padrinhos,pois naquela época tio Pedro tinha uma fábrica de brinquedos.Confesso que fiquei com muita pena,não

entendi,mas hoje pensando bem ela foi muito radical,pois acho que deveria ter conversado comigo antes.O mesmo se deu com meus cabelos,que numa tarde,ela me mandou ao Antunes,um cabelereiro,que tinha um salão,combinou com ele para cortar minhas tranças.Foi uma atitude radical,pois poderia ter conversado antes.Quando cheguei em casa que fui falar com ela,me respondeu que estava com cara de criança e que já estava ficando mocinha... Eu sempre fui muito dócil e sossegada.

Minhas distrações quando era menor,era ler livros de histórias,depois um pouco maior,aprendi com Mamãe a fazer sapatinhos de tricô.Nesta época,Mamãe se dava muito com D.Maria Cecília Duprat,que era diretora da Campanha da Lã. Ela sempre precisava de pessoas que fizessem roupinhas de bebê, para mandar para as cidades que no inverno eram muito frias,para dar para os pobres. Ela mandava os novelos de lã,que eram compradas com dinheiro de doações.Nós três em casa,fazíamos os sapatinhos,e depois mandávamos as caixas para D.Maia Cecília,encaminhar para as obras sociais,necessitadas. Depois com o tempo,fui me esmerando,aprendi algumas receitas com minha amiga Cristina Pombeiro,e outras receitas ia aprendendo com tia Carmen,Lulu,nossa prima, e outras pessoas. Nessa época,que o Rio ainda era bem provinciano,nas anos 40.,estas atividades eram bem normais. Com isso comecei a me esmerar,com o tempo,já noiva e casada,tinha D>Emerenciana,minha sogra e minha cunhada ,Myriam,que me passavam muitas receitas.

Hoje,estava pensando,depois de ler os jornais,como nestes últimos anos,aumenta a desvalorização dos mais velhos,é o poder jovem,que impera em todos os sentidos,no Brasil,e talvez no mundo.Antes da virada do século,há uns vinte anos atrás,havia mais respeito e atenção para com os idosos,hoje em dia são muito relegados,os jovens dando cada vez menos importância,há uma falta de respeito generalizadas,esquecendo que a experiência e mesmo a vivência ,que os mais velhos,passam para eles ,a sabedoria do passado,vividos pelos mesmos. Experiências e vivências muito importantes para o seu conhecimento.

Goenga

Quando eu era pequenina,por volta de uns 2anos.era muito lourinha.Mamãe me chamava de lourenga...Como eu ainda não falava direito,falava “goenga” e assim fui chamada muito tempo pelas minhas tias,principalmente por tia Carmen,que me chamava assim,carinhosamente,até morrer

Há quase 1 mês não escrevo estas lembranças,estive muito preocupada com Eduardo,que devido ao enfisema e ao frio muito intenso ,que está ocorrendo aqui no Rio,teve uma crise respiratória muito forte,que me pôs bastante preocupada. Graças a Deus ele melhorou e até foi passar uns dias fora em Itaboraí e também vai à Paulo de Frontin,pois lá o clima é mais seco,que proporciona melhoras na respiração

Hoje estava me lembrando muito de vovó,pois dia 12 de julho, completaram 58 anos de sua morte. Sempre me lembro de sua suavidade,,apesar de sua fibra. Sofreu muito com a doença de João Candido e se dedicou completamente ,renunciando a todo prazer,pois ela gostava muito de festas e atividades sociais

Antigamente as famílias eram mais unidas e participavam muito da vida dos parentes.Na nossa família,mesmo quando estavam vivos nossos avós e tios ,estávamos sempre mais próximos. `E verdade que naquela época,a vida aqui no Rio era muito fácil e agradável.Como nos anos 40,ainda estávamos vivendo aqui com muitos resquícios de vida do interior.As famílias eram mais chegadas,e vivia-se mais tranquilamente. As senhoras ,com raras exceções trabalhavam fora,Me lembro sempre da pergunta de uma colega minha que me perguntou se Mamãe trabalhava fora,e eu disse que não,achei até uma ofensa,pois os homens também não admitiam isso,pois achavam que isto dava a impressão que eles não tinham condições de manter a família.

Depois de um certo tempo,ai entendi o porque,quando pegávamos o ônibus do Colégio

ela já estava e coincidia que Mamãe saia sempre no mesmo horário para ir à missa.

Mas voltando,às famílias.Em geral havia o costume de aos domingos ,haver um almoço,na casa dos pais,e os filhos casados e netos,iam lá almoçar.Lá em casa mesmo esse costume perdurou até por volta de 1970.,depois da morte de Aloysio. Compreende-se porque,antes nas casas sempre tinha uma empregada de plantão aos domingos ~,para servir o almoço e fazer o serviço da cozinha, com a dificuldade de empregadas estes almoços foram se extinguindo,pois as empregadas não gostavam de trabalhar aos domingos e com isto acabaram os almoços. O único lugar que continuava até há pouco tempo e´em São Paulo,que ainda se faz,o ajantarado, mais tarde ,pois acho que lá ainda há muita gente que se dedica à cozinha Outra razão pelo menos aqui no Rio, foi a ida à praia,aos domingos o pessoal jovem gostava muito de ir à praia e não queria ter hora para almoçar Assim os hábitos foram mudando. Por

sua vez as empregadas não queriam mais trabalhar nos fins de semana, e também a vida,foi se tornando mais difícil,muito diferente dos anos 40.

Mamãe que ainda teve uma empregada fixa,no Carajás,quando saiu de lá já começou a dar a folga do fim de semana.Já na São Clemente,a empregada deixava o almoço de domingo já pronto,era só esquentar. Também devido à falta de empregada os almoços de domingo acabaram,em quase todas as casas,se introduziu o hábito de almoçar fora aos domingos,com isso também apareceram novos restaurantes e as churrascarias. Mais tarde por volta dos anos 80,apareceram os restaurantes de quilo.que duram até hoje,são os self service.

Passei varios dias sem escrever estas lembranças e também algumas opiniões a respeito dos costumes e da vida atual Não tenho pretensões de nada apenas,registrar o que vem à cabeça,procurando fazer um exercício de memória. Com a chegada do século XXI,muitas coisa estão mudando na vida da gente.

A vida familiar também mudou,,devido à vida mais difícil,as mulheres começaram a trabalhar fora,pois além de precisarem ajudar os maridos,muitas se prepararam para isto, pois já a partir dos anos 40,já começaram a prestar o vestibular e fazer cursos nas universidades,e depois de formadas,naturalmente queriam exercer sua profissão,trabalhando.. Com isto muitas coisas mudaram,pois a mulher e mãe,ao sair para trabalhar tinham que deixar os filhos com alguém as que tinham uma situação melhor,tomavam as babás, outras como tinham a mãe,em geral sem trabalhar ou morando perto,deixavam com as avós. Com isto começaram a aparecer aqui no Rio,as creches.As mães entregavam a criança na creche,que em geral tinham além das professoras especializadas,tinham babá,e também pediatra e também psicóloga.Achavam que as crianças ficavam bem mais entregues,pois em geral a diretora era uma pessoa responsável,e ficavam tranqüilas no trabalho. Achavam melhor,ali do que em casa,nas mãos de uma babá, que não tinha o preparo suficiente para isto. Eu que lidei,com muitas crianças,no colégio,reparava que aquelas que ficavam na creche,vinham mais disciplinadas e obedientes,do que as outras..

Hoje estava recordando,as mudanças de costumes do Brasil atual. Os conceitos também mudaram muito.Antigamente os nossos pais controlavam a nossa vida,hoje em dia não podem mais fazer isto,talvez os jovens atuais sejam mais alertados e mais conscientes.

No nosso tempo de jovens,volta em meia,apareciam noticias que algumas moças do nosso circulo de relações apareciam grávidas .o que era um escândalo,a família procurava rapidamente preparar o casamento,antes que a

barriga crescesse. Com isto vimos vários casamentos feitos desse jeito, acabarem numa rapidez enorme.

Penso sempre como seria a reação de Papai ou de Mamãe, se estivessem vivos, hoje em dia. Acho que ficariam muito escandalizados, vendo os jovens dormirem juntos sem casar na casa dos próprios pais e encarando isto como se fosse uma coisa muito natural

Acho sempre que Papai era muito cuidadoso conosco, as filhas, pois era traumatizado e mesmo porque deve ter sofrido muito, com a separação dos pais dele. Ele sempre contava, que com a separação dos pais, o juiz da época, determinou que as crianças fossem divididas, os 2 mais velhos, tia Mariquinhas, e Papai, foram entregues a vovô Domingos, que por sua vez, viajava muito pois na época ele saneou as cidades dos bandidos que grassavam pelo Espírito Santo. Então Papai e minha tia, ficaram na fazenda Santa Maria, com o avô José Vivacqua e sua segunda mulher Margarida, que era uma pessoa boníssima, e praticamente foi ela que acabou de criar Papai, que quando chegou lá só tinha 2 anos. Os outros dois irmãos tio Chiquinho e tia Elzira ficaram com vovó Nobila que foi morar com seus pais José e Rosa Lofego. Como naquela época a justiça era insensível, separando assim uma família. Papai sempre contava os episódios da infância dela, na fazenda, do seu vô que por sinal ele adorava. Eu ouvi relatos dessa época anos depois, pela prima Rosina Lofego, que contou que ela estudava em Vitória e na época de férias vinha para Muniz Freire onde ele moravam. Elas saltavam do trem e iam para a fazenda, pernoitar para no dia seguinte atravessar o rio, pois a casa dela ficava do outro lado. Contou para nós que o velho Vivacqua era um italiano, de aparência muito forte. Era um homem muito bom achei engraçado quando ela contou que ele não fazia diferença com as pessoas e que na hora das refeições fazia questão que os empregados sentassem com ele à mesa servindo a mesma comida e o mesmo vinho que ele tomava

Por estes dias houve um acidente muito sério em um Parque de Diversões, aqui, por desleixo dos proprietários na conservação dos brinquedos. Morreram 2 pessoas. Com isto estava me lembrando dos nossos tempos de criança. Papai sempre nos levava, quando chegavam aqui. Nunca houve um problema assim. Os parques sempre vinham nas Feiras de Amostras, que eram instaladas no Aterro do Flamengo, que nos anos 40 era aterro mesmo, pois o Morro do Castelo, estava sendo arrasado para dar espaço, O morro ficava localizado, onde hoje é a Cinelândia e ruas adjacentes. O Rio nesta época era bem mais cheio de morros, que aos poucos foram sendo demolidos, para dar espaço para a expansão. Pois bem nesta época era comum, serem montadas naquele lugar as Feiras, que se constituía de uma série de barracas, em geral de

países,e também tinha o Parque de diversões. Nós adorávamos ir ,pois nos divertíamos muito ,principalmente na roda gigante.

Por falar em roda gigante,anos depois aconteceu um episódio comigo e com a Victoria.Mais ou menos em julho ou agosto de 1971,Leonel e Cecília,já moravam no Itanhangá,Cecília estava com um barrigão prestes a ter a Ana,e foi montado uma parque aqui na Praia de São Conrado,lá no Pepino e a Cecília nos levou,num sábado,como ela já não podia subir,me pediu para ir com a Victoria,que tinha uns 4 anos.Lá fomos nós,de repente ,quando estávamos no alto,a danada da roda deu um defeito e parou.A Cecília estava embaixo aflitíssima,pois a Victoria não parava quieta,e eu apavorada segurando ela com toda força.Finalmente o funcionário rodou a máquina e conseguimos descer,depois disso nunca mais...

O mesmo se dava no Circo,vinham sempre e ficavam montados na Praça Onze.Papai sempre nos levava à matiné. Apesar de não gostar do trapézio,que quando este estava funcionando,ele fechava os olhos ,para não ver os movimentos do ator.

Hoje depois de um tempo,tive coragem de escrever.Estou muito sentida com a morte de Eduardo,meu irmão.

Faleceu no dia 11 de setembro,dias depois de seu aniversário,já em estado de coma no hospital.

Apesar de todos estarem muito tensos .pelo seu estado de saúde,assim mesmo no dia 11,fomos almoçar num restaurante,com Flavio que completaria 80 anos no dia seguinte Elina até que queria desmarcar, mas achamos que ele venceria mais esta crise, mas infelizmente isto não aconteceu.Recebi uma chamada da Emilia,mulher do Jorge,comunicando o falecimento dele às 12,50hs.

Foi-se mais outro da irmandade,o interessante é que estão indo embora do menor para o maior,isto é em sentido inverso. Ele já vinha doente há um certo tempo,pois devido ao fumo,adquiriu um enfizema pulmonar da mesma maneira que Papai, apenas acho que o de Papai foi mais brando.Seu estado de saúde começou a se agravar ,no final de maio,estando já há um bom tempo,com muita dificuldade para respirar,seus brônquios estavam se fechando. Ultimamente nem o oxigênio,conseguia alivia-lo. No dia 1 de setembro acordei de madrugada com ele gritando,corri para acudi-lo,e ele me falou que estava com uma crise de coluna lombar. Telefonei imediatamente para a emergência do plano e o médico mandou que tomasse um dorflex e depois de 20 minutos desse noticias,porém não melhorou e mandaram uma

ambulância com um médico para atendê-lo, tendo recomendado internação hospitalar imediata.

Foi muito triste para mim, pois morávamos juntos, mas estes últimos tempos eu tive muita preocupação com ele, pois tinha medo de passar mal na rua.

Enfim, para ele foi o melhor, pois não agüentava mais o sofrimento causado pela má respiração. E após uma parada cardio respiratória, ao chegar ao hospital, tendo durado 20 minutos não sabíamos quais seriam as seqüelas que apresentaria, no caso de voltar do coma. Para ele foi melhor assim, pois depois de uma traqueostomia que teve que fazer, na noite do dia 7, não tínhamos muita esperança de seu restabelecimento.

Eduardo sempre achava que ia me sobreviver, mas já desde o princípio deste ano eu tinha uma premonição que ele não acabaria este ano. Dias antes comentei com Theresinha que estava sentindo um peso no peito como se me dissesse que algo ia acontecer com ele.

Ainda estou muito triste e abalada, com o acontecido me valendo nesta hora, dos irmãos Heloisa e Flavio, dos sobrinhos e de pessoas amigas como a Lucia, a Theresinha, a Vera Agostini, a Lea Maria, a Sonia Cabral de Menezes, e principalmente o Jorge e a Emilia, sua segunda família, e herdeiros dele.

Agora a vida deve continuar, estou fazendo as arrumações em casa, dando roupas, e objetos dele, para os pobres, e outras providencias que Heloisa e eu temos que tomar.

Seu enterro foi no dia 12, às 11hs, ele foi sepultado, conforme sua vontade, no jazigo da família, no São João Batista, junto com os avós, Mamãe e Leonel. A missa de 7 dia, foi na 6ª. feira, dia 16 às 17.30hs. na igreja de NS da Paz, que ele costumava freqüentar, e celebrada pelo P. Jorgão que era amigo dele.

Passados 15 dias de sua morte, estou sentindo muita falta de sua presença em casa. Afinal moramos juntos durante 24 anos. A vida tem que continuar.

Meu consolo é que não saberíamos com voltaria do coma, pois ao chegar próximo ao hospital, onde estava sendo levado, teve uma parada cardíaca que demorou uns 20 minutos para voltar, dizem que depois de 10 minutos poderia ter seqüelas. Imagino seu sofrimento ao notar incapacidade física... seria muito pior para ele e também para nós.

Deus sabe o que faz. Espero que ele esteja bem, onde está. Estava sofrendo muito nos 2 últimos meses. Tenho rezado muito, para que esteja descansando em paz.

Estou muito triste pois agora já está passando a pior parte, e começou a realidade. Realidade que sinto com a sua ausência dentro de casa.

Ainda estou arrumando coisas na casa. Estou fazendo aos poucos, pois tenho tido que sair para outras providências, como fomos ao Itamarati, para comunicar seu falecimento e apresentar as despesas, para reembolso. Por sorte Arthurzinho, mesmo lá de São Tome, comunicou a nossa ida, ao embaixador encarregado dessa parte. e tudo parece que já está sendo agilizado.

Ele fez uma doação em cartório, deixando a casa de Itaboraí, para o Jorge, Emilia e filhas, que considerava sua 2ª. família. Também deixou seu seguro, para custear a educação das garotas. O Jorge em vista disso, me informou que vai me ajudar a fazer uma reforma aqui, tão logo receba o dinheiro do seguro. Tudo bem. Vamos ver o que vai acontecer daqui para a frente....

Ontem eu estava me lembrando dos últimos dias de vida de Eduardo. Ele já vinha apresentando muita dificuldade de respirar. No mês de julho, acho eu que foi por volta da 2ª. quinzena, ele foi com o Jorge e família para um Hotel fazenda em Paulo de Frontin

Quando voltou, já notei muita dificuldade nele, até para fazer as mínimas coisas. Ele chegou de carro com o Jorge, e me disse que ao chegar em Itaboraí, começou a passar mal, e o Jorge levou-o ao posto de saúde, onde a médica o atendeu, disse-me ele que muito bem. Continuou tendo o problema respiratório, e eu estava insistindo que alugasse um balão de oxigênio, para ajudar a respiração. pois a nebulização já não era suficiente Durante o mês de agosto continuou assim, com muita dificuldade para respirar e até para se movimentar, mesmo dentro de casa

No sábado, dia 20 de agosto, falou que estava com vontade de ir a Ipanema, buscar uma coleção de inglês que estava fazendo, e eu disse que ia com ele, dando a desculpa que precisava fazer uma compra nas lojas Americanas, para surpresa minha, ele aceitou. Acho eu hoje, que ele não queria dar o braço a torcer, mas já estava muito fraco.

Enfim, temos que nos conformar, pois ele estava sofrendo muito, e não sei como voltaria se sobrevivesse à parada cardíaca. Deus sabe o que faz. Estava nos seus desígnios

Hoje no Facebook, tinha uma mensagem muito bonita da Victoria, era assim: Tio Eduardo ... as pessoas não morrem e sim ficam encantadas (de um poema de Mario Quintana) é isso ai

A vida já está começando o seu trabalho, para a gente se conformar com a separação. é o dia a dia, da rotina da vida, que nos faz com a ocupação nos esquecermos dos abalos, ficando apenas uma lembrança mais suaves, depois do peso dos primeiros dias. Para mim já estou começando a sentir este sentimento de uma lembrança e de uma saudade mais suave

Infelizmente estamos chegando a uma idade um pouco avançada isto é os 3 que restaram.

Heloisa já há uns dias atrás, me falou que ao telefonar para Flavio, em Friburgo, ele se queixou de problemas de saúde, o que a deixou bem preocupada. Estava se queixando que não estava escutando direito e não estava conseguindo usar o computador e até não estava enxergando para ler.

Ontem, na parte da manhã, Elina telefonou para Heloisa, pois tinham descido, e Flavio tinha feito uma consulta ao neurologista, em Friburgo, que parece que fez uma tomografia do cérebro, e parece que descobriu alguma coisa. Encaminhou que viesse ao Rio, e Elina estava querendo se comunicar com o João, para a indicação de um médico, para fazer outros exames em Flavio. Finalmente ela esteve com o João, no Samaritano, para fazer o exame complementar, parece que o quadro não é bom, conforme a informação do João,

Caso de operação... Imagine

Vamos saber o diagnóstico mas não me parece bom pelo o que o João falou. O jeito é entregar nas mãos de Deus, e rezar bastante para ele.

Infelizmente Flavio esta com seu quadro de saúde, agravado.. Foi diagnosticado um tumor no cérebro, parece que numa região meio delicada, conforme o médica falou, terá que ser operado imediatamente. Parece que ele não está conseguindo enxergar nada. Está muito nervoso, pois também não está conseguindo dormir. Depois da perda de Eduardo no dia 11 de setembro, hoje dia 30 de outubro, encerramos este mês com péssimas perspectivas sobre sua saúde. Que Deus o proteja e faça o melhor para ele pois será muito penoso, ele não conseguir levar uma vida normal, depois da operação. Que Deus, Nossa Senhora e todos que estão a sua volta o ajudem nesta provação. Estamos rezando muito por ele.

Hoje dia 2 de novembro, finalmente Flavio foi operado, depois de uma batalha com o plano de saúde. As notícias que tive foram positivas, graças a Deus, para nós irmãs que ficamos mais aliviadas. Esta no CTI e o João foi ver como está no hospital. Tiramos um peso dos nossos corações, depois do abalo tão recente com a morte de Eduardo, Que Deus e Nossa Senhora de Fátima o guardem e que tenha um restabelecimento bom. Obrigado meu Deus

Com a facilidade do Facebook, estou tendo notícias diárias postadas no computador por Flavinho e Ana Lucia. Aguardamos agora os resultados dos exames e do tratamento a ser seguido. Deo gratias!

Ainda falando da família,esta semana precisamente 6ª.feira,dia 11 de novembro completam 2 meses que Eduardo se foi. Consegui colocar uma intenção por ele na missa das 19hs. da Igreja Santa Margarida Maria.

Justamente na véspera.o Jorge esteve aqui em casa e me contou que sonhou com Eduardo,ele apareceu muito sorridente e parecia contente e falou que estava muito feliz onde estava e que não morreu...

Hoje depois de alguns dias resolvi escrever para contar uma coisa interessante.Quando eu estava no Sion,eram minhas companheiras do ônibus 2 irmãs,Ligia e Nazareth Fernandes,que moravam na rua Soares Cabral.Eram sempre as últimas a serem apanhadas pois moravam bem perto do Colégio..Elas moravam numa casa de 1 andar,e na hora que entravam no ônibus ,a mãe delas ficava na janela dando adeus..A Ligia era uns 2 anos acima de mim,e era colega e muito amiga da Maria Julieta Drummond de Andrade filha do Carlos Drummond,o poeta.Esta semana estão comemorando os 100 anos do poeta e me lembrei deste caso,pois anos depois eu soube que a Ligia era apaixonada pelo poeta,e diziam as más línguas que ela tinha um caso com ele ,não sei se é verdade.em todo o caso.

A semana passada,recebi uma telefonema do Jorge que me relatou um sonho,que teve com Eduardo.Ele apareceu muito sorridente,dizendo que estava muito feliz onde estava,e que não morreu. Estava esperando por ele neste lugar... Ao me relatar isto,fiquei bastante consolada pois acho que recebi uma resposta,sobre a vida depois da morte. Realmente o que morre é o corpo pois a alma é imortal. Como ele sempre comentava comigo este segredo que de uma certo modo nós dois buscávamos ,acho que recebi a resposta.Me sinto bem consolada pois às vezes tenho a sensação que ele está por perto,até mesmo dentro de casa tenho esta sensação.As vezes vou fazer um determinado comentário,mas calo pois me lembro que ele não esta aqui. Isto está me trazendo a uma realidade e a uma sensação de generosidade,muito grande a respeito dele.

Passei vários dias se escrever nada.Estava preocupada cm o estado de saúde de Flavio,que teve que voltar para o hospital devido a uma febre alta e os médicos tiveram que interna-lo novamente por este motivo. O mesmo está acontecendo com Heloisa,que após uma pisada de mau jeito na rua vem sofrendo com dores fortíssimas na coluna talvez tenha que ser operada. Ontem ao telefonar para ela para saber noticias,me disse que o João mandou

que fizesse uma radiografia da cabeça,para verificar algum problema.Meu Deus o que está acontecendo conosco! É verdade que estamos idosos Isto faz me lembrar um sonho que tive há alguns anos atrás,e foi um dos poucos que guardei na memória. Foi assim : Uma pessoa ,que não identifiquei,chegou para mim e disse: se prepare pois você será a última que vai restar.Não comentei isto com ninguém,mas de repente este sonho me voltou.Já se foram Leonel e Eduardo,os outrosdois também andam bem doentes e apesar de tudo,por enquanto eu estou bem de saúde.

Hoje dia 12 de dezembro de 2011- Heloisa foi operada da coluna.Eu rezei muito por ela estes dias todos,pois estava muito preocupada com a operação por ser muito delicada e ela ser cardíaca.Felizmente correu tudo bem,e o João me telefonou por volta de 1 hora,me avisando que ela estava no CTI,mas já tinha acordado e apenas um pouco rouca. Graças a Deus,mais uma vez invoquei a minha fé no poder da oração. Hoje vou dormir mais tranqüila, é menos uma preocupação,pois este ano foi muito difícil para mim,mas agradeço a Ele por ter me dado forças e fé para vencer as dificuldades deste ano.Que Nossa Senhora de Fátima vele pela sua recuperação.Deo Gratias! Heloisa já voltou para casa,está de alta,mas com cuidados de enfermagem. Tenho telefonado todos os dias para ela.Fui na 2ª.feira visita-la e achei ela muito bem.Graças a Deus.

Estou me preparando para o Natal.Para não ficar sozinha vou passar com a Cecília e as sobrinhas,pois a Victoria está chegando de Campinas.Devido à operação Heloisa não poderá fazer o lanche d tarde de Natal.Não há condições.Talvez eu fique lá na Cecília até o dia 26.

Agora eu estou começando a achar que este meu apartamento está muito grande só para mim.No outro dia a Cristina,me sugeriu por que não vendia e comprava um apartamento menor,tendo se oferecido gentilmente em me ajudar a procurar um apartamento ,o que eu achei ótimo,pois não tenho coragem fazer isso sozinha,mas com a ajuda de uma pessoa méis moça,até que me encorajei.Vou deixar passar as festas de final do ano e até o Carnaval ai começarei a tomar providencias para vender o apartamento e procurar um menor,nos meus bairros preferidos e perto do comércio,mais fácil de me movimentar.Com a pacificação da Rocinha,os imóveis daqui do bairro se valorizaram muito e também com a construção do metrô vai facilitar muito o trânsito por aqui

Estou no momento,pensando e avaliando talvez uma venda do apartamento,para passar para um menor,pois realmente está muito grande só para mim.

No outro dia quando estive com a Cristina,ela me perguntou se eu não gostaria de sair daqui.No primeiro momento respondi que não. Ela se prontificou a me ajudar a procurar um apartamento de 1 quarto,e perguntou-me se eu me sentiria bem num apartamento menor.Já morei num apartamento assim,quando Aloysio era vivo e morávamos muito bem. Ela está querendo que eu Heloisa fiquemos perto dela para ajudar numa necessidade. Após chegar em casa,fiquei refletindo e gostei da proposta. Hoje em dia com a vida agitada da cidade,e a família minguando,eu que não tenho filhos,me preocupo um pouco com o futuro.Não sei até quando poderei viver num apartamento, só.Estarei mais tranqüila perto de algum parente.Comentei o fato com Heloisa, que acha que aqui é longe e se eu tiver alguma necessidade, talvez seja difícil.de chegar à noite

Estou pensando nesta proposta e “cozinhando” a idéia. Talvez seja bom pois meu apartamento valorizou bastante depois da pacificação da Rocinha e do Vidigale se vender e comprar um menor poderei aplicar o restante para aumentar os meus rendimentos. Após as festas de fim de ano,pretendo chamar a Apsa,a administradora do condomínio que costuma fazer as avaliações. Ainda estou matutando esta idéia,pois não gosto de fazer as coisas com precipitação.Vamos ver!

Hoje 31 de dezembro de 2011,está terminando um ano muito triste para nós com a morte de Eduardo em setembro,a doença de Flvio, e a operação de Heloisa.Uma noticia boa finalmente,diante de tanta tristeza.Estou procurando reestruturar minha vida.Espero conseguir da melhor forma! Que 2012 seja um ano melhor para nós!

l

Hoje estava me lembrando de certas coisas que aconteciam nos anos 40,quando eu era ainda menina. Não havia televisão somente rádio,então as nossas distrações naquela época se resumiam em ler,estudar e ouvir rádio. Eu e Heloisa nos habituamos muito em ouvir,e é um hábito que eu conservo até hoje,

Quando voltávamos do Colégio,em geral íamos para o nosso quarto em São Clemente e ligávamos o rádio,nas estações de nossos programas favoritos. Naquela época eram várias estações com programas de música e cantores americanos,sendo que o nosso favorito era Frank Sinatra,que estava começando sua carreira. Eu gostava muito de sua voz ,aliás muito bonita,e aprendíamos as suas canções que geralmente eram tocadas nas festas em casa de colegas que éramos convidadas e dançávamos ,e daí começavam os namoros.

Como Papai gostava muito de música, ele comprou para casa, logo que apareceram no comércio, uma vitrola e nós os discos que naquela época eram de cera, e só tocavam uma música de cada lado. Comprávamos também discos de cantores da moda. Tivemos uma boa coleção de música popular americana e brasileira, quando começaram.

Outra distração nossa naquela época era ler, havia na Galeria Moderna, uma papelaria que ficava na rua Voluntários, que vendia os romances, água com açúcar, que era permitido lermos. Me lembro dos romances M. Delly, de Guy de Maupassant e outros, como também os brasileiros José de Alencar, Machado de Assis e etc. Já tínhamos passado da fase de Monteiro Lobato.

Nesta época Vovô morava na rua Conde de Baependi, numa casa, eu ia sempre aos domingos depois da Missa visitar meu avô que já estava doente. Na casa dele tinha um escritório, com sua biblioteca, onde havia os livros da coleção Nelson, de livros franceses, me lembro bem que os livros eram de capa dura, brancos com letras douradas, todos em francês. Toda semana eu apanhava um para ler, quando voltava do Colégio, ou nos domingos de tarde, depois que voltávamos de um passeio de automóvel com Papai e Mamãe. Belos tempos!

Podíamos passear pela Cidade, pois quase não havia carros, e aos domingos não havia trânsito nenhum.

Com a morte de Eduardo, estou começando a sentir que este meu apartamento está muito grande, estou pensando seriamente em vendê-lo e comprar um menor, num ponto mais central, pois tenho medo de repente ficar doente e dar trabalho aos outros.

N.B. Este texto, que vai até a pag. 397 está completo. Depois que Mamãe morreu, eu acrescentei as observações e lembranças que eu participei na família e também sobre a evolução do Rio.

A parte que Mamãe escreveu para depois da relação com nomes de seus descendentes.

Gilda pag. 1 até 346 foram de Mamãe, da 346 até 397 foi escrito por mim. Está registrado no computador na pag Documentos com o título Livro completo Elza, há outras 2 versões mas estão incompletas.

